

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.30 - N° 1



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Sueli Maria Coelho

VICE-DIRETOR: Georg Otte

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Carla Viana Coscarelli (UFMG)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

Revisão e Normalização

Alda Lopes Durães Ribeiro

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Secretaria

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Revisão de Língua Inglesa

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFMG)

Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)

Mara Passos Guimarães (UFMG)

Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

Editoração eletrônica

Alda Lopes Durães Ribeiro

Naila Catherine França Eleutério

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 30 - Nº 1 - jan.-mar. 2022

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

EuroPub [England]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

SCOPUS [Amsterdam]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeyer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glaucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírrio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense <i>Palatalization of the /t/ and /d/ Segments Adjacent to Diphthong in Speech Records in People in Mossoró-RN city</i> Thayná Cristina Ananias Carla Maria Cunha	11
Diferença na produção de Expressões Não-Manuais por usuários fluentes em Libras como primeira ou segunda língua <i>Difference in the Production of Non-Manual Expressions for Fluent Signers in Brazilian Sign Language as First or Second Language</i> Letícia Kaori Hanada Plínio Almeida Barbosa	53
Multimodal Metaphors and Metonymies in Soviet Anti-Alcohol Posters: the Role of the Image of the Bottle and (de)Personification <i>Metáforas e metonímias multimodais nos cartazes Soviéticos antialcoolismo: o papel da imagem da garrafa e a (des)personificação</i> Erica Pinelli.....	85
Formação de nomes de urna de candidatos ao cargo de deputado federal no período de 2002 a 2018 <i>Formation of Ballot Names of Candidates Running for the Office of Federal Representatives in the 2002-2018 Period</i> Eduardo Tadeu Roque Amaral Daniel Nepomuceno Coutinho	113

Determinantes plurais na expressão de telicidade: o clítico aspectual “se” no espanhol da Colômbia e do Chile <i>Plural Determiners in the Expression of Telicity: the Aspectual Clitic “se” in Spanish From Colombia and Chile</i>	
Jean Carlos da Silva Gomes.....	137
Arquitetura de capa dos folhetos de cordel: tradição e modernidade <i>Cordel Leaflets Cover Architecture: Tradition and Modernity</i>	
Rodrigo Nunes da Silva	
Linduarte Pereira Rodrigues	175
Convergências e divergências do processo de gramatização nas línguas portuguesa e espanhola <i>Convergences and Divergences of the Grammatization Process in Portuguese and Spanish</i>	
Leandro Silveira de Araujo	209
Los escuetos definidos débiles en español rioplatense <i>Bare Weak Definites in Rioplatense Spanish</i>	
Carolina Oggiani.....	239
Subcompetência instrumental e elaboração de material de referência <i>Instrumental Sub-competence and the Creation of Reference Material</i>	
Márcia Moura da Silva	269
Diferencias en la complejidad sintáctica y diversidad léxica de enunciados con distinta función pragmática en el habla dirigida a bebés argentinos <i>Differences in the Syntactic Complexity and Lexical Diversity of Utterances With Different Pragmatic Function in the Speech Addressed to Argentine Babies</i>	
María Laura Ramírez	
Maia Julieta Migdalek	
Celia Renata Rosemberg.....	293

<p>Camino de gramaticalización de construcciones perifrásticas: el quichua santiagueño y su relación con otras lenguas de la familia quechua</p> <p><i>Grammaticalization Paths of Pheriphrastic Constructions: Santiagueño Quichua and its Relations with Other Quechua languages</i></p> <p>Mayra Juanatey</p>	319
<p>Sobre o reconhecimento dos dados lingüísticos de um corpus infantil: a comunicação como fator relevante</p> <p><i>About the Recognition of Linguistic Data From a Children's Corpus: Communication as a Relevant Factor</i></p> <p>Pedro Perini-Santos</p> <p>Adriana Nascimento Bodolay</p> <p>Tatyane Helena Fabri</p> <p>Lidia Ferreira-Santos</p>	351
<p>A idade reflete o domínio lingüístico? Efeito das medidas de desempenho na análise de dados em aquisição fonológica</p> <p><i>Does Age Reflect Language Mastery? Effect of Performance Measures in the Analysis of Phonological Data</i></p> <p>Andressa Toni</p> <p>Raquel Santana Santos.....</p>	376
<p>Levantamento bibliográfico de estudos em aquisição de linguagem em revistas de lingüística brasileiras: um enfoque para a morfologia</p> <p><i>Bibliographic Survey of Studies on Language Acquisition in Brazilian Linguistic Journals: a Focus on Morphology</i></p> <p>Indaiá Bassani</p> <p>Fernanda Soares.....</p>	425



A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense

Palatalization of the /t/ and /d/ segments adjacent to diphthong in speech records in people in Mossoró-RN city

Thayná Cristina Ananias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte
/ Brasil

thyncris@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6646-501X>

Carla Maria Cunha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte
/ Brasil

cmcunha63@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9405-2992>

Resumo: Este artigo focaliza a análise do fenômeno da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ em *onset* silábico contíguo a ditongo, em Mossoró–RN. As postulações de Clements e Hume (1996) sobre Geometria de Traços, de Selkirk (1982) sobre o Modelo Autossegmental de Sílabas formam a base teórica da pesquisa, que transversalmente traz também à discussão características socioculturais dos falantes (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). A metodologia de coleta de dados envolve dois Questionários Fonético-Fonológicos Lúdicos, um Questionário Fonético-Fonológico e uma Narrativa Semidirigida aplicados a seis informantes. As variáveis extralinguísticas contempladas são sexo, idade e escolaridade. Após a pesquisa de campo, os dados foram registrados em transcrição fonética de oitiva e alguns deles passaram por análise acústica. A pesquisa objetiva verificar as motivações para a palatalização nessa comunidade, até então conhecida como não palatalizante. Os resultados indicam que a palatalização, em

Mossoró, é linguisticamente significativa, principalmente no contexto de /t/ e /d/ em *onset* compartilhando sílaba átona final de palavra com ditongo iniciado por [i] ou [j]. Ademais, propõe-se a seguinte interpretação: a palatalização ocorre mediante espriamento de nó Vocálico de /i/ e a africação mediante espriamento desse nó e de [+contínuo], ramificado diretamente do nó Raiz. Por fim, a análise revela que há indícios de palatalização mais frequente por parte das mulheres e dos mais jovens – quando levado em consideração o âmbito extralinguístico.

Palavras-chave: palatalização; ditongo; geometria de traços; modelo autosegmental de sílaba; sociolinguística.

Abstract: This article emphasizes on the analysis of the phenomenon of palatalization of the /t/ and /d/ segments in syllabic *onset* contiguous to diphthong, in Mossoró–RN. The postulations by Clements and Hume (1996) on Feature Geometry, by Selkirk (1982) on the Autosegmental Syllable Model form the theoretical basis of the research, which transversally has also brought to the discussion sociocultural characteristics of the speakers (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). The data collection methodology has involved two Playful Phonetic-Phonological Questionnaires, a Phonetic-Phonological Questionnaire and a Semi-Directed Narrative applied to six informants. The extra-linguistic variables considered are sex, age and education. After the field research, the data were recorded in hearing phonetic transcription and some of them underwent acoustic analysis. The research aims to verify the motivations for palatalization in this community, until then known as non-palatalizing. Results have indicated that palatalization is linguistically significant in Mossoró, especially in the context of /t/ and /d/ in *onset* sharing final unstressed syllable of word with diphthong beginning with [i] or [j]. Furthermore, the following interpretation is proposed: palatalization has occurred by spreading the /i/ Vowel node and the affrication by spreading of that node and [+continuous], branched from the Root node. Finally, the analysis has revealed that there is evidence of more frequent palatalization on the part of women and the younger ones – when taking the extralinguistic scope into account.

Keywords: palatalization; diphthong; feature geometry; autosegmental syllable model; sociolinguistics.

Recebido em 19 de fevereiro de 2021

Aceito em 26 de maio de 2021

1 Introdução

Este artigo objetiva sistematizar o fenômeno da palatalização dos segmentos obstruintes [-contínuo] coronais [+anterior] e [-distribuído] /t/ e /d/ em posição de *onset* de sílaba contíguo a ditongo, na fala de mossoroenses.¹ Para iniciar a discussão, é necessário apresentarmos a definição do fenômeno da palatalização. De acordo com Cristófaros-Silva (2017), consiste em uma consoante que adquire uma articulação palatal ou próxima à região do palato, sendo interpretado como um fenômeno apenas fonético de ajuste articulatorio. É importante destacar que, neste trabalho, compreendemos a palatalização como um fenômeno que resulta em consoantes oclusivas palatalizadas² [tʲ] e [dʲ] e/ou africadas palatais³ [tʃ] e [dʒ].

Para respaldar a análise, três abordagens são delimitadas. A primeira delas é a Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996), por ser uma teoria possível de expressar a naturalidade dos processos fonético-fonológicos. A segunda envolve o Modelo Autossegmental de Sílaba (SELKIRK, 1982), devido à pertinência da sílaba e do peso silábico na sustentação da interpretação pretendida. A terceira, tomada de modo transversal, é a vertente da Sociolinguística (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), uma vez que essa corrente leva em consideração os aspectos sociais e culturais atrelados ao uso da língua. Sendo assim, os fatores delimitados para verificar possíveis correlações com a variação linguística focalizada são sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Essas variáveis são comumente tomadas em trabalhos do projeto *ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)*, cujas discussões retratam eventos linguísticos atrelados a perfis de comunidades linguísticas brasileiras. As pesquisas que compõem o projeto depreendem, assim, características socioculturais dos indivíduos correlacionadas aos diferentes níveis da

¹ A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética (CAAE 23718819.1.0000.5537).

² Mesmo que a base principal da pesquisa seja a Geometria de Traços, também são feitas referências a termos da Fonologia Clássica Estruturalista para simplificar retomadas aos segmentos.

³ Segmentos africados no PB se manifestam apenas foneticamente. Logo, nomeamos as africadas como palatais, e não palatalizadas, por entendermos que ao modo africado se atrela um ponto de articulação também fonético, diferenciando, por exemplo, o segmento africado palatal desvozeado [tʃ] do segmento africado alveolar desvozeado [ts].

língua, como fonético, morfológico, sintático e pragmático. Em Cardoso e Mota (2006) e Cardoso, Mota e Paim (2012), por exemplo, apresentam-se diversos trabalhos e, também, diversas referências no que diz respeito a variados fenômenos fonético-fonológicos, inclusive sobre a palatalização de /t/ e /d/ (ARAGÃO, 2006).

É notório que o contexto linguístico de /t/ e /d/ diante de [i] é o principal motivador da palatalização em diversos falares do português brasileiro (PB), conforme atestam, por exemplo, Bisol (1991), Mattoso Camara Jr (1992), Da Hora (1993), Callou e Brandão (2006) Battisti *et al.* (2007) e Cristófaró-Silva *et al.* (2012). Contudo, neste artigo, discutimos registros de fala de Mossoró–RN nos quais esse mesmo fenômeno ocorre em ambiente não tão difundido nas descrições já realizadas. A partir da convivência com falantes nativos de Mossoró, tivemos a percepção da produção de consoantes palatalizadas correspondentes aos fonemas /t/ e /d/, ao constituírem sílaba com ditongos compostos pela vogal coronal [i] seguida pela semivogal dorsal [w] – ditongo decrescente –, a exemplo de ‘pódio’ [‘pɔdʒiw], ou pela semivogal palatal [j] seguida por uma vogal – ditongo crescente –, a exemplo de ‘sítio’ [‘sitʃju]; ou, ainda, ao constituírem *onset* de sílaba em vizinhança direta com o ditongo decrescente, cuja semivogal [j] participa da sílaba imediatamente antecedente ao /t/ ou /d/ em *onset*, a exemplo de ‘doido’ [‘dojdʒu].

A justificativa desse estudo reside na possibilidade de observar a expansão da palatalização sob a ótica da Geometria de Traços, tentando ainda fazer remissão à Sociolinguística. Ainda que, no senso comum, se fale que o *chiado* – aspecto associado aos segmentos palatalizados e/ou de contorno, a exemplo de [tʃ] e [dʒ] – não faça parte da fala potiguar,⁴ a pesquisa pretende mostrar um uso produtivo, na região, de formas palatalizadas de /t/ e de /d/.

Mossoró é o segundo município mais populoso do RN e, geograficamente, localiza-se na região semiárida, distinta da região em que a capital Natal está inserida, área litorânea. Os indivíduos naturais de Mossoró apresentam um perceptível orgulho de suas raízes. Isso se faz notório pelo uso frequente da expressão *pais de Mossoró*⁵ aplicada ao

⁴ Referente a quem ou ao que é natural do Rio Grande do Norte.

⁵ Expressão utilizada a partir de meados do século XX como estratégia de dominação política da família Rosado, no intuito de seus membros se apresentarem como os continuadores de um passado de glórias e, com isso, obterem sucesso nas campanhas eleitorais. Procura designar uma porção do território do RN que pretende ter identidade própria (CARVALHO, 2012).

município, sobretudo pelos próprios moradores. A identificação da região como país é, provavelmente, consequente de quatro acontecimentos. O primeiro deles é o *motim das mulheres* (1875), motivado pelo alistamento militar obrigatório dos homens em todo o Império. O segundo diz respeito à antecipação em cinco anos da *abolição dos escravos* (1883). O terceiro é conhecido como a *resistência de Mossoró ao bando de Lampião* (1927), episódio marcado pela derrota do bando perante enfrentamento do povo. Ainda hoje, esse fato pode ser reconhecido por meio de duas referências principais: o *Memorial da resistência* e o espetáculo teatral *Chuva de bala no país de Mossoró*. O quarto (e último) destaca o acontecimento do *primeiro voto feminino*, solicitado pela professora Celina Guimarães Viana, a partir da vigência da nova lei eleitoral (Lei n.º 660, de 25 de outubro de 1927).⁶

De tal maneira, esta pesquisa possibilita mover o holofote dos estudos linguísticos para uma das maiores cidades do RN. As hipóteses que norteiam a pesquisa são as seguintes:⁷

- I. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ tende a ocorrer produtivamente em *onset*, quando constituem sílaba átona em final de palavra com ditongo, crescente ou decrescente, iniciado por semivogal [j] ou vogal [i], a exemplo de ‘índio’ [ˈĩdʒju] e ‘ódio’ [ˈoɔdʒiw], respectivamente;
- II. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ tende a ocorrer de forma menos produtiva em *onset*, quando constituem sílaba átona não final de palavra (tanto inicial quanto medial) com ditongo contíguo, crescente ou decrescente que apresente segmento vocálico [i] ou semivocálico [j], a exemplo de ‘questionário’ [kɛʃtʃjoˈnariw];
- III. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ não é esperada, quando em sílaba tônica diante da vogal simples [i], a exemplo de ‘vestido’ [viˈtʃidu];

⁶ Lei que regulava o serviço eleitoral no estado e estabelecia que, no Rio Grande do Norte, não haveria mais distinção de sexo para o exercício do voto e da condição básica de elegibilidade.

⁷ Das cinco hipóteses lançadas, quatro pertencem ao âmbito da abordagem linguística e só uma é tocante a características socioculturais, determinando, assim, o caráter complementar do aporte sociolinguístico.

- IV. a palatalização de /t/ ou /d/, em *onset* de sílaba com ditongo constituído por [i] ou por [j], ou em *onset* antecedido por ditongo decrescente constituído por [j], pode, subsequentemente, promover a monotongação: ‘útil’ [‘utiw] > [‘utʃiw] > [‘utʃu] ou ‘oito’ [‘ojtu] > [‘ojtʃu] > [‘otʃu]; e
- V. o registro da palatalização é mais produtivo na fala de jovens, de mulheres e/ou de pessoas mais escolarizadas.

As seções subsequentes organizam-se da seguinte forma: Referencial teórico, seção na qual são apresentadas abordagens da Geometria de Traços, do Modelo Autossegmental de Sílaba e da Sociolinguística, e ainda é apresentada uma breve panorâmica sobre estudos sociolinguísticos voltados para a palatalização, sobretudo na região nordeste do Brasil; Metodologia, na qual são expostos os instrumentos utilizados na pesquisa de campo e a forma como foi feita a coleta de dados; Caracterização acústico-articulatória das variáveis linguísticas, na qual são estabelecidas as diferenças articulatórias e acústicas de [t], [tʃ] e [tʃ̥] para /t/ e [d], [dʒ] e [dʒ̥] para /d/; Análise dos dados, na qual são apresentados e interpretados os dados recolhidos; e, por último, as Considerações finais, seção na qual se retomam os resultados alcançados e lançam-se questões para futura pesquisa.

2 Referencial teórico

2.1 Geometria de Traços

Nesta pesquisa, o referencial teórico compreende a Geometria de Traços, o Modelo Autossegmental de Sílaba e a Sociolinguística. No que diz respeito à Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996), é a vertente escolhida para explicitar os processos fonético-fonológicos devido ao conjunto de traços e à hierarquia entre os traços constituintes da configuração de cada segmento.

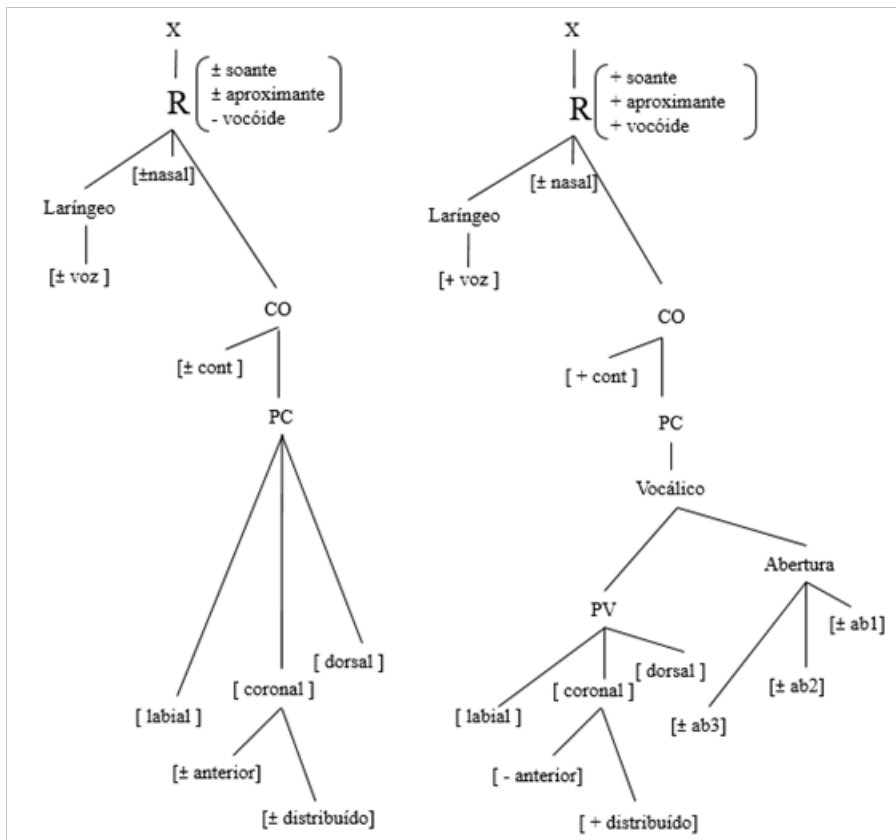
De acordo com Clements e Hume (1996), a hierarquia é estabelecida a partir da unidade abstrata de tempo (X) que se liga diretamente ao nó Raiz, constituído pelo conjunto de traços maiores: [±soante], [±aproximante] e [-vocoide], no caso da representação consonantal. Para representação vocálica, os traços maiores são [+soante], [+aproximante] e [+vocoide]. Tais traços são responsáveis por agrupar os

segmentos em grandes classes: obstruintes, nasais, líquidas ou vocoides. O nó Raiz, por sua vez, ramifica-se em três nós: nó Laríngeo, traço [\pm nasal] e nó Cavidade Oral (CO). O nó Laríngeo, por sua vez, ramifica o traço responsável pelo vozeamento [\pm voz], e o nó CO ramifica o traço [\pm contínuo] e o nó Ponto de Consoante (PC). Este nó é responsável pela configuração de ponto das consoantes, classificando-as como [labial], [coronal] e/ou [dorsal]. Se for o caso de um segmento coronal, ainda existem duas subespecificações: [\pm anterior] e [\pm distribuído].

Para as vogais, os acréscimos feitos à configuração arbórea das consoantes partem do nó PC. Este nó se ramifica em outro nó intermediário chamado nó Vocálico, cuja bifurcação compreende os nós Ponto de Vogal (PV) e Abertura. Quanto ao primeiro, ele determina qual/quais ponto(s) de articulação caracteriza(m) a realização do segmento em análise, com base nos articuladores ativados, sendo eles também [labial], [coronal] e/ou [dorsal]. Já o nó Abertura ramifica os traços relacionados à abertura da boca⁸ durante a articulação do segmento vocálico: [\pm ab1], [\pm ab2] e [\pm ab3]. Quanto mais aberta estiver a cavidade oral durante a produção dos segmentos vocálicos, mais traços positivos [+] são aplicados aos traços do nó Abertura. Quanto mais fechada, por sua vez, for a abertura da cavidade oral, mais traços negativos [-] são aplicados na configuração do nó Abertura. Por exemplo, a representação da vogal coronal [i] contém os traços [-ab1], [-ab2] e [-ab3].

⁸ Os graus do nó de Abertura estão relacionados com a altura do corpo da língua na cavidade oral.

Figura 1 – Representação da Geometria de Traços para consoantes e vogais



Fonte: Clements e Hume (1996, p. 216).

Após a apresentação da configuração de Clements e Hume (1996), é importante fazer uma ressalva. Neste trabalho, assumimos a alteração da localidade do traço [±contínuo] na geometria, conforme se encontra em Cunha (2004) e em Silva e Costa (2014). Isto é, o traço [±contínuo] passa a ser ramificado diretamente do nó Raiz, em vez de estar sob o nó Cavidade Oral como em Clements e Hume (1996). Tal escolha justifica-se no fato de que, em algumas línguas, a obstrução da corrente de ar na produção de uma consoante ocorre na região glotal e, nesse caso, ter o traço [±contínuo] alocado sob CO não contempla essa possibilidade articulatória. O português é uma das línguas a ter, em seu inventário de

segmentos fonéticos e fonológicos, representação de glotal. Além disso, na análise linguística que queremos estabelecer, a locação de $[\pm\text{contínuo}]$ sob o nó Raiz simplifica a descrição do processo de africacão⁹ em análise.

Dito isso, retomamos os postulados de Clements e Hume (1996) para classificar os segmentos e diferenciá-los, levando em consideração a inter-relação entre nó Raiz e traços articulatorios.¹⁰ O segmento simples é caracterizado pela presença de apenas um nó Raiz e por um traço de articulação oral, por exemplo, [t] e [d], cujo PC ramifica o [coronal] com as subespecificações [+anterior] [-distribuído]. O segmento complexo, assim como simples, é caracterizado pela presença de um nó Raiz, mas difere-se por ter, no mínimo, dois traços de articulação oral. O segmento [u], por exemplo, é marcado por um nó Raiz e reconhecido pelos traços [labial] e [dorsal]. Quanto aos segmentos de contorno, eles são identificados pela presença, na configuração arbórea, de dois nós Raiz e pela presença de um mesmo traço com valores distintos, causando um efeito de borda. Exemplos desse tipo de segmento são [tʃ] e [dʒ], formas fonéticas em foco nesta pesquisa.

A semelhança entre as configurações de consoantes e vogais na Geometria de Traços pode ainda favorecer a explicação de processos como a palatalização, demonstrando a naturalidade proposta pela própria teoria.

2.2 Modelo Autossegmental de Sílabas

A fim de justificar a influência do ditongo no fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ em ambiente final átono, faz-se necessário abordar a constituição da sílaba.

Depois de ser aceita como unidade fonológica basilar, a sílaba, no Modelo Autossegmental (SELKIRK, 1982), constitui-se de um Ataque (A) e uma Rima (R), sendo esta ramificada em Núcleo (Nu) e em Coda (Co). Nessa abordagem, há um relacionamento mais estreito entre os elementos presentes no núcleo e na coda, ou seja, os integrantes da Rima. Esse entendimento sobre a constituição da sílaba, e mais precisamente sobre a formação da Rima – sobretudo, por lhe ser aplicável o peso

⁹ Ressaltamos que, nesse trabalho, a africacão está envolvida em processo de palatalização, mas a palatalização não se limita a formas africadas.

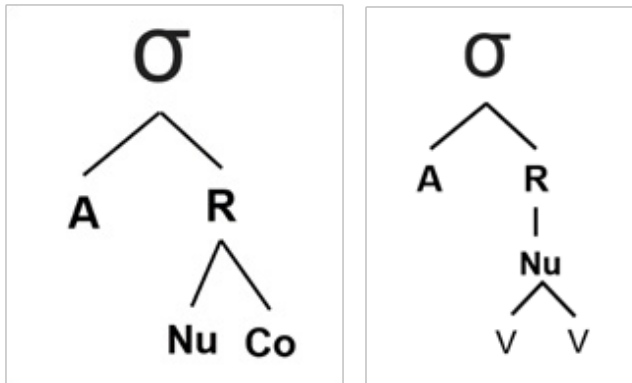
¹⁰ A teoria postula mais classificações para segmentos, mas apenas as três apresentadas são relevantes para a discussão.

silábico –, é relevante para a sustentação da análise a ser estabelecida neste artigo.

Com o envolvimento do peso silábico na análise, há implicação de que, quando a rima da sílaba é constituída somente por uma vogal, é considerada uma sílaba leve. Por outro lado, quando a rima da sílaba é constituída por vogal + semivogal ou por semivogal + vogal, é considerada pesada. Logo, nessa perspectiva, a constituição do ataque não influencia no peso silábico, mas a da rima, com suas possibilidades de constituição, sim.

Uma sílaba leve possui, portanto, rima não ramificada e uma sílaba pesada possui rima ramificada, constituída por ditongo decrescente, ou núcleo ramificado, constituído por ditongo crescente (SIMIONI, 2011). Isto é, um ditongo decrescente torna a sílaba pesada mediante o respectivo posicionamento de vogal e semivogal em núcleo (Nu) e em coda (Co). Já um ditongo crescente configura uma sílaba pesada haja vista a bifurcação do núcleo (cf. FIGURA 2). Identificamos, assim, que é o ditongo constituído por /i/, independentemente de ser crescente ou decrescente, o elemento relevante para o processo de palatalização e africacão.

Figura 2 – Representação da constituição interna da sílaba composta, respectivamente, por um ditongo decrescente e por um ditongo crescente



Fonte: Elaboração própria.

Tomando a provável produtividade da participação de ditongo – com [i] ou [j] em sua constituição – na produção das formas palatalizadas e/ou africadas palatais de /t/ e /d/, em registros de fala mossoroense,

evidenciamos a sílaba pesada como um dos gatilhos do processo em discussão. O convívio com os falantes da comunidade já permitia observar a particularidade da palatalização realizada por eles, visto haver um indício de que não era decorrente da contiguidade com a vogal simples palatal [i], ambiente que se mostra bastante produtivo em outras regiões do Brasil. Por isso, acreditamos ser relevante para o desencadeamento do processo a contiguidade de /t/ ou /d/ com [i] ou [j], constituintes de ditongo, presentes em uma sílaba pesada. É importante ainda mencionar que o ditongo está sendo fonologicamente interpretado como VV. Logo, seguimos a interpretação de que semivogal não tem *status* fonológico no PB. Por isso, a representação de /i/, em ditongo, pode se reportar tanto a [j] quanto a [i].

Outro possível fator a influenciar o processo de palatalização é o ambiente prosodicamente fraco. A ocorrência de /t/ e /d/ sinaliza que, em registros de fala mossoroense, suas formas variantes com traço palatal tendem a ser realizadas com esses segmentos recaindo em sílaba átona, em posição final de palavra. Como se trata de uma sílaba que não possui uma intensidade marcada por acento na fala – ou seja, constitui uma sílaba prosodicamente fraca – o falante tende a articular mais debilmente os segmentos que nela recaem. Tal debilidade é reforçada pela posição de sílaba final de palavra. Processos de junção de palavras ou de apagamento de segmento em final de palavra, ou mesmo de toda a sílaba final,¹¹ demonstram a produtividade da sílaba final em processos fonético-fonológicos.

Assim sendo, há o favorecimento de produção de /t/ e /d/ como consoantes oclusivas palatalizadas ou como africadas palatais quando esses segmentos preenchem *onset* de sílaba átona final de palavra, contíguos a ditongo constituído por [i] ou [j].

2.3 Sociolinguística

Com o intuito de averiguar se os fatores extralinguísticos também podem ser correlacionados à palatalização de /t/ e /d/ contíguos a ditongo, elegemos a vertente da Sociolinguística (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

¹¹ A exemplo disso, é possível citar os trabalhos de Cristóvão-Silva e Leite (2015), que discorrem sobre o apagamento de [i] em ambiente átono e o de Dias e Seara (2013), sobre redução e apagamento de vogais átonas finais na fala de crianças e adultos.

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística, focalizada no estudo da língua em seu uso real. Como se interessa por fenômenos de variação, costuma-se mencionar que focaliza o caos da linguagem. Diverge, por exemplo, do Estruturalismo e do Gerativismo, cujo objeto de análise são as formas abstratas, fonológicas – sem, contudo, excluir suas possibilidades fonéticas – tudo no âmbito linguístico. A Sociolinguística, que tem o interesse em correlacionar fatos linguísticos a fatores socioculturais, sistematiza o aparente caos dos diversos registros de fala, no tocante à sua multiplicidade de possibilidades fonéticas estabelecendo correspondências com características socioculturais dos falantes (CEZARIO; VOTRE, 2008).

O interesse da teoria reside em investigar o grau de estabilidade e de mutabilidade da variação dos fenômenos da língua no que se relaciona a fatores linguísticos e extralinguísticos. Nessa perspectiva, objetivamos identificar prováveis variáveis relevantes no fenômeno da palatalização de /t/ e /d/.

Para estabelecer os padrões de coleta e de análise da pesquisa, são consideradas as noções de variáveis – conjunto de variantes. Entre elas, há a variável dependente, que diz respeito às possibilidades de variação do fenômeno linguístico estudado. As variáveis independentes, por sua vez, influenciam no fenômeno estudado e podem ser classificadas tanto como linguísticas quanto como extralinguísticas. Sobre as variáveis independentes, elas serão tratadas mais detalhadamente na Metodologia. No momento, podemos estabelecer as variáveis independentes linguísticas sendo correspondentes às posições e ambientes delimitados para análise e as variáveis independentes extralinguísticas, correspondentes aos aspectos sociais: sexo, faixa etária e escolaridade.

Ainda que, sob o viés quantitativo, nossa análise não possa manifestar assertividade, achamos relevante trazer à discussão aspectos socioculturais que, possivelmente, estejam atrelados ao fenômeno em estudo. Aragão (2020), ao defender diferenças linguísticas pautadas em manifestações sociais e culturais, trata, mais especificamente, dos falares nordestinos, condicionando-os às características dos indivíduos e das regiões em que vivem. A heterogeneidade da fala, então, “marca ou é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações” (ARAGÃO, 2020, p. 69). Ainda sobre essa caracterização, a autora aponta o léxico e as possibilidades fonéticas da língua como parâmetros fundamentais para apreensão dos falares regionais, e também dos falares individuais.

Seguindo essa perspectiva, trazemos à análise, ainda que transversalmente, elementos sociolinguísticos para uma compreensão do funcionamento dos registros fonéticos de /t/ e /d/ em Mossoró. Na hipótese da pesquisa referente à Sociolinguística, indicamos os fatores socioculturais sexo feminino e faixa etária mais jovem como possíveis favorecedores da realização palatal, fatores esses consubstanciados no entendimento da palatalização ser tratada como uma ocorrência linguística de entrada bem recente na comunidade. A escolha por tais fatores sociais é respaldada em Macedo (2004) e Pessoa (1986), visto analisarem formas fonéticas do /S/ em coda silábica em registros de fala do nordeste. Macedo (2004), ao tratar da palatalização no Recife, estabelece a influência dos fatores sexo feminino e faixa etária mais jovem como promotores socioculturais mais destacados de palatalização. Quanto à pesquisa de Pessoa (1986), que trabalhou apenas com informantes do sexo feminino e jovens, conclui-se que a palatalização do /S/ é mais produtiva em registro de fala de mulheres jovens menos escolarizadas. Comparando o resultado da pesquisa de Pessoa (1986) com o da pesquisa de Cunha e Silva (2019), que também trata da palatalização de /S/ em Natal, constata-se, numa perspectiva diacrônica, que a palatalização abrange tanto a fala de mulheres quanto de homens, tanto de indivíduos menos escolarizados quanto mais escolarizados, pertencentes a grupos etários diferentes. Devido ao estudo de Pessoa (1986) e de Cunha e Silva (2019) envolverem tanto processo de palatalização quanto registros de fala do RN, mais especificamente de Natal, acreditamos que esses fatores podem estar também envolvidos na palatalização de /t/ e /d/.

A variável escolaridade costuma ser determinante na caracterização sociocultural dos falantes promotores de formas linguísticas inovadoras, como demonstra o resultado da pesquisa de Pessoa (1986). Logo, a depender do grau de escolaridade dos indivíduos, pode haver manifestações linguísticas específicas. O trabalho de Battisti e Dornelles Filho (2015) também pontua a escolaridade como uma variável social relevante para o processo de palatalização, no caso, a de /t/ e /d/. Os autores, no estudo com comunidade ítalo-brasileira, em Flores da Cunha – RS, defendem três variáveis relevantes: indivíduos que completaram o ensino médio (mais escolarizados), indivíduos com menos de 50 anos e mulheres. Para eles, essas variáveis são indicadoras de mudança em progresso em relação à palatalização de /t/ e /d/ na comunidade pesquisada.

Ao levar em consideração a análise de um fenômeno linguístico, ainda há a possibilidade de analisá-lo em tempo real ou em tempo aparente. Uma pesquisa em tempo real consiste em analisar uma certa comunidade linguística em dois momentos distintos, com no mínimo 12 anos de diferença (CEZARIO; VOTRE, 2008). Uma pesquisa em tempo aparente, por sua vez, tem de observar um fenômeno em diferentes faixas etárias. Este artigo, por exemplo, apresenta uma pesquisa em tempo aparente, uma vez que trabalhamos com três faixas etárias – delimitadoras de uma das variáveis independentes consideradas em nossa análise.

2.4 Breve panorâmica sobre palatalização de /t/ e /d/ no PB

Essa breve panorâmica pontua pesquisas sobre a palatalização no Brasil e, em seguida, se direciona para pesquisas que abordam o fenômeno na região do nordeste do Brasil. O estudo da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ no PB, apesar de apresentar um longo trajeto, tem ainda a possibilidade de ser percorrido revelando novidades. Callou e Brandão (2006), ao retomar os trabalhos sobre palatalização, apontam o estudo de Reváh (1958), que trata sobre produções de /t/ e /d/ diante de /i/ – trabalho esse comparativo entre o português europeu e o português brasileiro. A menção a essa pesquisa é relevante, pois nela já se anuncia várias produções palatalizadas para segmento oclusivo alveolar no Brasil, conforme anunciado, “[t] como em Portugal, [t’] ligeiramente palatalizado e [ts], uma verdadeira africada (*meio-oclusiva*, para ele)” (CALLOU; BRANDÃO, 2006, p. 63). Ou seja, seriam variantes correspondentes às oclusiva alveolar [t], oclusiva palatalizada [tʰ] e africada palatal [tʃ]. As variadas realizações de /t/ e /d/ também são percebidas por Mattoso Camara Jr. (1992), que indica a maneira “soprada” que os falantes do Rio de Janeiro produzem /t/ e /d/ como uma forma de distinguir, por exemplo, esse falar do de São Paulo. Pelo menos desde o fim dos anos 50, portanto, visualiza-se um campo a ser explorado no que se refere ao fenômeno da palatalização de /t/ e /d/.

Dentre os estudos do fenômeno de palatalização no PB, destacamos o trabalho de Carvalho (1998 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2006) e Quandt (1998 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2006), que elaboraram um levantamento de dados de oclusivas dentais diante de [i] considerando dados do *APERJ* (*Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*) e também dos atlas linguísticos de Sergipe, da

Paraíba, de Minas Gerais e do Paraná. Nesse levantamento, evidencia-se a discrepância da palatalização, quando se compara os índices percentuais das duas regiões do nordeste do país – Sergipe e Paraíba – com os percentuais dos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Paraná. Enquanto Sergipe e Paraíba apresentam, respectivamente, os percentuais 4% e 0% para as produções palatalizadas de /t/, e de 2% e 0% para as variantes palatalizadas de /d/, a região de Minas Gerais, como representante mais palatalizante, apresenta 98% para produções palatalizadas tanto de /t/ quanto de /d/. Nesse sentido, é possível evidenciar a característica não palatalizante dos estados nordestinos observados. No que diz respeito à cidade de Mossoró-RN, cujos registros de fala são analisados nesta pesquisa, pode-se dizer também que pertence a parte do nordeste tida como de falar não palatalizante.

Focalizando ainda mais a palatalização no âmbito do nordeste, mencionamos o trabalho de Da Hora (1993). Ao tomar as regiões da Bahia e da Paraíba como eixos de estudo sobre o processo, Da Hora (1993) delimita, como ambientes produtivos, tanto o compartilhamento de sílaba de /t/ e /d/ com a vogal /i/ quanto a participação dessas consoantes na sílaba com o glide [j], constituinte de um ditongo crescente. Ainda destacando pesquisas com foco em registros de fala do nordeste, apontamos Cristóforo-Silva *et al.* (2012), que comparam a produção de /t/ e /d/ na vizinhança direta com a vogal [i] em Fortaleza (CE) – de registro de fala reconhecidamente palatalizante – e Afonso Bezerra e Guimarães (RN) – de registros de fala reconhecidamente não palatalizante. O resultado desse trabalho contraria a expectativa de não se encontrar produções palatalizadas de /t/ e /d/ nessas cidades do RN, visto ser atestado o percentual de 19% de itens com produção africada palatal. Com isso, há, assim, uma indicação de variação entre forma palatalizada e não palatalizada de /t/ e /d/.

Sobre a produção palatalizada de /t/ e /d/ no falar mossoroense, o trabalho de Barboza (2013) já apresenta essa possibilidade no registro não palatalizante do RN, ao investigar os efeitos da palatalização de /t/ e /d/ no aprendizado da fonologia do inglês – como língua estrangeira (L2) – por falantes naturais das cidades de Mossoró-RN e de Fortaleza-CE. Nessa pesquisa, inclusive, a palatalização em Mossoró já se mostra motivada pela presença de ditongo constituído pela vogal [i] ou pela semivogal [j].

Nossa pesquisa, em consonância com a de Barboza (2013), observa registros de fala mossoroense relativos a produções de /t/ e /d/, sobretudo no que diz respeito à palatalização. Ainda convergem no

entendimento da participação de ditongo constituído por [i] ou [j] na promoção do processo em destaque. Nossa pesquisa difere-se, no entanto, por buscar expandir o estudo das variantes palatalizadas no PB, centrando-se, inclusive, na explicação linguística do evento, enquanto a de Barboza (2013) envolve comparação com a aprendizagem da fonologia do inglês.

3 Metodologia

A investigação tem por objetivo registrar a fala de indivíduos que são naturais de Mossoró e que vivem, ao menos por $\frac{2}{3}$ da vida, na região. Pretendemos, do ponto de vista linguístico, observar o fenômeno da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ em *onset*, em vizinhança direta com a semivogal [j] ou vogal [i] – na constituição de um ditongo – na própria sílaba – como em ‘prédios’ [ˈpɾɛdʒjus] e ‘médio’ [ˈmɛdʒiw] – ou na sílaba antecedente – como em ‘oito’ [ˈojtʃu]. Se o segmento vocálico [i] ou semivocálico [j] constitui sílaba com /t/ ou /d/, o processo de assimilação aplicável é regressivo;¹² se o segmento semivocálico partilha da sílaba antecedente que está em contiguidade com /t/ ou /d/ em *onset*, o processo de assimilação é progressivo.¹³

No que se refere à análise das produções fonéticas dos fonemas /t/ e /d/, são consideradas as variáveis independentes, tendo em vista as variáveis dependentes. Sendo estas: [t] ~ [tʲ] ~ [tʃ] para /t/ e [d] ~ [dʲ] ~ [dʒ] para /d/. Os segmentos [tʲ] e [tʃ] para /t/ e [dʲ] e [dʒ] para /d/ são formas resultantes da aplicação do processo de palatalização.

Quanto às variáveis independentes, são considerados os fatores linguísticos e extralinguísticos. Os linguísticos consistem em posição da sílaba na palavra (sílabas final e não final); tonicidade (sílabas tônicas e átonas); contexto fonético-fonológico antecedente (vogal simples ou semivogal coronal constituindo ditongo); contexto fonético-fonológico seguinte (vogais labial, coronal, dorsal; semivogal coronal). Os fatores extralinguísticos, por sua vez, envolvem a participação de seis informantes que contemplam três diferentes variáveis: sexo, feminino ou masculino; faixa etária, sendo a primeira (F1) de 18 a 35 anos, a segunda (F2) de 36 a 55 anos, e a terceira (F3) a partir de 56 anos; e escolaridade, dividida, nesta

¹² Tipo de processo bem produtivo no PB.

¹³ A produtividade desse tipo de processo, na variação observada, é baixa, resultando, assim, na obtenção de pouquíssimos dados na pesquisa.

pesquisa, em menos escolarizado, cuja constituição contempla àqueles que possuem ensino fundamental completo ou incompleto, e mais escolarizado, cuja constituição abarca os informantes com ensino médio em diante.

Quadro 1 – Elenco das variáveis independentes linguísticas

Variáveis independentes linguísticas		
Fator	Exemplos	
Posição da sílaba na palavra	sílaba final	triste, hó stia , rem é dio ¹⁴
	sílaba não final	questio n ário, estudioso
Tonicidade	átona	pátio, ó d io, di a bo
	tônica	telepat i a, matern i dade
Contexto fonético-fonológico antecedente	vogal simples	esp e to, idi o ta
	semivogal coronal constituindo ditongo	oi o , doi o , mui o
Contexto fonético-fonológico seguinte	vogal labial e dorsal	esp e to, doi o
	vogal coronal	t i gre, tr i ste, vest i do
	semivogal coronal constituindo ditongo	est ú dio

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 – Elenco das variáveis independentes extralinguísticas

Variáveis independentes extralinguísticas	
Fator	Descrição
Sexo	Feminino
	Masculino
Faixa etária	F1 de 18 a 35 anos
	F2 de 36 a 55 anos
	F3 a partir de 56 anos
Escolaridade	Menos escolarizado
	Mais escolarizado

Fonte: Elaboração própria.

¹⁴ /t/ e /d/ são considerados em sílaba final, desde que as vogais em contato constituam ditongo.

Os instrumentos elaborados envolvem dois Questionários Fonético-Fonológicos de caráter Lúdico (QFFL), um Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e uma atividade de caráter narrativo, chamada Narrativa Semidirigida (NS).¹⁵ O primeiro QFFL consiste em um caça-palavras que requer a produção das palavras encontradas em voz alta. O segundo QFFL configura-se em um jogo da memória que também requer que a resposta dada seja produzida em voz alta, na medida em que o par for feito. O terceiro instrumento diz respeito a um conjunto de questões que induz o informante a dar uma determinada resposta – questões fechadas. E o quarto e último instrumento é uma atividade de narrativa que solicita ao informante contar ou recontar uma história bem conhecida, a exemplo de alguma lenda urbana da cidade ou um conto de fadas. Durante a sua narrativa, ele é orientado a integrar palavras à sua fala, apresentadas em formato de fichas impressas, pela pesquisadora. No máximo, um conjunto de dez palavras – ou possíveis vocábulos fonológicos – são propostos a integrar à narrativa com o intuito de obter, com mais certeza, ocorrências linguísticas de /t/ e /d/ em ambientes de interesse da pesquisa, a partir do desenvolvimento de um assunto familiar dos informantes. Sendo assim, os quatro instrumentos buscam captar a produção de fala do informante com maior naturalidade e espontaneidade possível – dentro de um contexto preestabelecido, em que sua atenção esteja voltada às atividades, e não à produção em si.

A partir das variáveis estabelecidas, a seleção dos informantes foi realizada com auxílio de um familiar da pesquisadora, que promoveu o contato entre pesquisador e informantes para efetivação da pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2020. Antes de iniciar a coleta de dados, realizou-se uma breve entrevista a fim de registrar as informações básicas dos participantes, como nome, idade, escolaridade e apresentar os documentos requeridos pelo Comitê de Ética.¹⁶

O perfil dos informantes ficou da seguinte maneira: na primeira faixa etária, há um homem (I1) e uma mulher (I2), ambos mais escolarizados; na segunda, um homem mais escolarizado (I3) e uma

¹⁵ Instrumentos criados em consonância com o *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001* (2001).

¹⁶ Todos os informantes, cientes da utilização dos dados, concordaram com a participação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de autorização para gravação de voz.

mulher menos escolarizada (I4); na terceira, mesmo padrão da segunda, um homem mais escolarizado (I5) e uma mulher menos escolarizada (I6).

As características socioculturais delimitadas serão cruzadas com as variáveis independentes linguísticas que demonstraremos no Quadro a seguir.

Quadro 3 – Possíveis cruzamentos entre as variáveis independentes

Cruzamento das variáveis ¹⁷				
Variáveis independentes linguísticas		Variáveis independentes extralinguísticas		
Desvozeadas	Vozeadas	Faixa etária	Sexo	Escolaridade
[t]	[d]	F1 de 18 a 35 anos F2 de 36 a 55 anos	Sexo feminino Sexo masculino	Mais escolarizado Menos escolarizado
[ʃ]	[dʒ]	F3 a partir de 56 anos		

Fonte: Elaboração própria.

O contato com os informantes foi realizado em dois encontros, em dias diferentes. O primeiro deles foi para apresentação da pesquisa, sem explicações minuciosas, apenas descrevendo os instrumentos a serem aplicados – medida feita com o intuito de que os informantes não monitorassem tanto a própria fala no momento da gravação. No início do primeiro contato, também foram informados de que teriam de assinar os documentos de ciência de participação. Nesse dia, ainda foram aplicados os dois QFFLs e a NS.

Durante a coleta de dados, foi perceptível que a utilização do caça-palavras não estava sendo bem-sucedida, uma vez que se passava muito tempo, de forma geral, para que alguma palavra fosse encontrada pelos informantes. As participantes da segunda e da terceira faixas etárias (I4 e I6) demonstraram também uma certa dificuldade durante o acréscimo das palavras e/ou vocábulos fonológicos na Narrativa Semidirigida. Por isso, fez-se necessária a diminuição de apresentação de palavras na NS.

Após realizar a escuta dos dados gravados no primeiro encontro, notou-se que alguns contextos não foram contemplados devido à

¹⁷ As variáveis independentes oclusivas palatalizadas não foram contempladas no cruzamento devido à baixa produtividade de suas ocorrências no que diz respeito a esse momento da pesquisa. No entanto, são tratadas na análise linguística.

infrutuosidade do caça-palavras. Sendo assim, o segundo encontro foi realizado, aproximadamente um mês depois, com aplicação do QFF, a fim de obter os contextos faltosos decorrentes da aplicação frustrada do caça-palavras. Durante a aplicação do QFF, as mesmas informantes (I4 e I6) apresentaram um pouco de dificuldade, levando a algumas alterações nas questões do QFF, além do auxílio mais direto da pesquisadora.

A coleta de dados foi feita mediante a utilização do Gravador de Voz do aparelho celular da própria pesquisadora, instrumento de captação que se mostrou, no geral, de boa qualidade. Inicialmente, os dados foram registrados em transcrição fonética de oitiva. Em seguida, utilizou-se o *software* PRAAT, com o intuito de fazer uma análise acústica voltada para as produções que causaram dúvida nos registros feitos de oitiva.

Apesar de fazermos relação entre fato linguístico e características socioculturais dos falantes, destacamos que o foco da pesquisa não é a análise sociolinguística, uma vez que apresentamos uma pequena quantidade de dados de fala e de informantes e a pesquisa sociolinguística requer, comumente, um quantitativo grande de dados e de informantes para o estabelecimento das interpretações. Utilizamos, então, elementos da Sociolinguística como adendos para interpretação dos dados, de maneira a ampliar o entendimento da manifestação das variações observadas em Mossoró.

4 Caracterização acústico-articulatória das variáveis linguísticas

Antes de começarmos propriamente a análise, avaliamos necessário estabelecer diferença entre os constituintes dos conjuntos dos segmentos [t], [tʃ] e [tʰ] para /t/ e [d], [dʒ] e [dʲ] para /d/. A identificação feita é de caráter acústico-articulatório, estabelecida por oitiva e também por interpretação de espectrograma.

A percepção de oitiva foi manifesta, em momentos diferentes, por integrantes do mesmo grupo de pesquisa. A audição permitiu identificar segmentos produzidos pela manifestação de oclusão da passagem de ar e sua liberação completa – realizações oclusivas; pela manifestação de oclusão e liberação da passagem de ar friccionado – realizações africadas, e pela manifestação de oclusão de segmento alveolar com traço de palatalização – realizações oclusivas palatalizadas.

A percepção acústica desses segmentos, por sua vez, considerou os seguintes parâmetros: (i) energia e (ii) duração. Na identificação das

oclusivas, verificam-se (i) ausência/queda de energia acústica antes de sua produção final; (ii) menor duração na produção em comparação com a das africadas. Na identificação das africadas, verificam-se (i) ausência de energia no momento inicial de sua produção (manifestação da oclusão); (ii) maior duração na produção em comparação com as oclusivas. Por fim, na identificação das oclusivas palatalizadas, verificam-se (i) ausência de energia acústica antes de sua produção; (ii) duração intermediária em comparação com a oclusiva plena e a africada palatal. Dessa forma, não se consegue identificar nem um segmento plenamente oclusivo alveolar nem plenamente africado palatal, marcando, assim, o intermédio entre eles.

Ainda desenvolvendo a abordagem acústica, identificamos a produção de oclusiva palatalizada, avizinhada de ditongo com vogal [i], pela confirmação de parâmetros atribuídos a oclusivas em geral, a exemplo da ausência de energia acústica e do momento de plosão (*burst*), acrescidos de um parâmetro diferenciador. Nesse caso, o elemento diferenciador de oclusivas plenas em relação às oclusivas palatalizadas é manifesto pela energia acústica de amplitude média, após a plosão.¹⁸ Tal amplitude demonstra indícios formânticos de F2, aplicáveis, de modo análogo, à vogal coronal [i] – a presença da coarticulação com [i] é dimensionada pela marcação de 2000Hz a 2500Hz.

Por conseguinte, supomos que a oclusiva palatalizada decorra da produção reduzida do segmento [i], a ponto de tal som fornecer coarticulação à oclusiva, criando, assim, uma consoante com articulação secundária, isto é, um segmento complexo. Na imagem acústica que serviu de parâmetro, essa consoante, além de apresentar região de obstrução completa, mostra traço que interpretamos como coarticulação, representada pelo início de F2 da vogal [i] ainda na zona de liberação de ar após o momento de oclusão.

5 Análise

A análise do *corpus* proporciona a identificação de diferentes variantes para as variáveis /t/ e /d/ em *onset* silábico: para a variável /t/, as variantes [t], [tʃ] e [tʰ]; e, para a variável /d/, as variantes [d], [dʒ]

¹⁸ A frequência média, isto é, abaixo de 2500Hz, é um dos fatores que nos impede de interpretar o ruído como característico de africadas, haja vista que esse tipo de segmento precisa ter ruído entre 2500Hz e 4500Hz.

e [dʲ], formas variantes apresentadas seguindo o quantitativo das mais produtivas para as menos.

O percurso dessa análise consiste na discussão das hipóteses indicadas na introdução, a começar pelas hipóteses linguísticas. Inclusive, entendemos que se estabelece entre essas hipóteses uma ordenação – partindo daquela potencialmente mais influenciadora do processo de palatalização e/ou africacão para a menos influenciadora. Em seguida, discorreremos sobre a hipótese referente a outro processo fonético-fonológico desencadeado após o de palatalização e/ou de africacão. Discutimos, ainda, a viabilidade de uma interpretação autosssegmental para palatalização e africacão. Por fim, analisamos as variáveis extralinguísticas.

5.1 Variáveis linguísticas

Nosso *corpus* é constituído por um total de 179 dados de fala resultantes da participação de seis informantes. Retomando as variáveis linguísticas controladas: posição da sílaba na palavra, tonicidade, contexto fonético-fonológico antecedente e contexto fonético-fonológico seguinte, destacamos, dentre elas, a posição de sílaba final, o ambiente átono e contexto seguinte de ditongo iniciado por [i] ou [j] como contribuintes para a palatalização de /t/ e /d/ em Mossoró-RN, conforme indica a Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona final contíguo a ditongo iniciado por [i] ou [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO I				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	11	64,17%	17
	[tʃ]	5	29,41%	
	[tʃ]	1	5,88%	
/d/	[d]	33	51,56%	64
	[dʒ]	27	42,19%	
	[dʲ]	4	6,25%	

Fonte: Elaboração própria.

Na sequência, retomamos as quatro hipóteses linguísticas elencadas no início da pesquisa para analisar a validação – ou não – de cada uma. A primeira hipótese linguística, referente à tendência da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ ocorrer produtivamente em *onset*, é confirmada, desde que constituam sílaba átona em final de palavra e compartilhem sílaba com ditongo crescente ou decrescente, iniciados por [i] ou [j]. Na maior parte dos dados em que há palatalização de /t/ e /d/, eles encontram-se constituindo sílaba átona final contíguos a ditongo, como nas produções ‘sítio’ [ˈsitʃju], ‘hóstia’ [ˈɔʃtʃja], ‘oito’ [ˈojtʃu], ‘prédios’ [ˈpɾɛdʒjus] e ‘ódio’ [ˈɔdʒiw].¹⁹

É perceptível, também, que a posição de sílaba átona não final em que os segmentos /t/ e /d/ formam sílaba com ditongo e a posição de sílaba final em que essas consoantes estão antecidas imediatamente por ditongo decrescente favorecem a palatalização em menor grau. Como exemplos desses contextos, respectivamente, apresentam-se os seguintes dados: ‘questionário’ [kɛʃtʃɔˈnariu]²⁰ e ‘oito’ [ˈojtʃu].

E, por fim, como esperado para Mossoró, os ambientes que não favorecem a palatalização consistem na sílaba tônica e na partilha silábica de /t/ ou /d/ com a vogal simples [i]. No entanto, como já mencionado, em pesquisa feita em Afonso Bezerra e Guamaré, duas cidades do interior do RN, registra-se produção palatalizada de /t/ e /d/ no ambiente linguístico que, em nossa pesquisa, não se mostra tão favorecedor: na vizinhança direta com a vogal [i]. Segundo Cristófaros-Silva *et al.* (2012, p. 76): “[...] na variedade não palatalizante do Rio Grande do Norte, esperaríamos que apenas oclusivas ocorressem, mas, ao contrário, foram atestados 19% de itens léxicos com uma africada”. Com esse resultado, observamos que, em comparação com os nossos, confirma-se a ocorrência de produção palatalizada para /t/ e /d/, mas também confirma a baixa produtividade de palatalização apenas na presença da vogal [i].

¹⁹ É importante explicitar que o fato de não ter ocorrido [tʃ] na constituição de sílaba com ditongo decrescente pode ser associado a uma limitação do *corpus*. Considerando que há a possibilidade de variação livre entre as produções de ditongos crescente e decrescente, os informantes desse estudo produziram o ditongo crescente. Em outros estudos realizados em localidades da mesma região (RN), originários do mesmo projeto de pesquisa, levantam-se dados de [tʃ] junto a ditongo decrescente.

²⁰ A produção desse dado é resultado da monotongação que ocorreu em contexto de VV, em que o primeiro segmento é /i/.

Para uma confirmação ou não das hipóteses, seguem as tabelas específicas dos demais contextos – visto que a do contexto I já foi apresentada – que servem de parâmetro para as análises a serem estabelecidas.

Tabela 2 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona final cujo ambiente imediatamente antecedente é constituído por ditongo decrescente com [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO II				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	11	78,57%	14
	[tʃ]	3	21,43%	
/d/	[d]	6	85,71%	7
	[dʒ]	1	14,28%	

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba não-final contíguos a ditongo iniciado por [i] ou [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO III				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	1	20,0%	5
	[tʃ]	2	40,0% ²¹	
/d/	[d]	2	100,0%	2
	[dʒ]	-	0,0% ²²	

Fonte: Elaboração própria.

²¹ Faz-se necessário explicitar que, nos outros 40%, se encontram produções como o dado [kɛʃɔ'nariw].

²² Não houve dados com a vozeada nesse contexto. No entanto, sabemos que a inexistência de dados com a variante não representa, na realidade, que os falantes não produzam esse segmento nesse contexto. Casos como [dʒjabe'isu] estão presentes no dialeto mossoroense, entretanto não ocorreram nas gravações da pesquisa de campo.

Tabela 4 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona ou tônica diante da vogal simples [i]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO IV				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	30	93,75%	32
	[tʃ]	2	6,25%	
/d/	[d]	36	94,74%	38
	[dʒ]	2	5,26%	

Fonte: Elaboração própria.

Levando em consideração os percentuais apresentados acima, confirmamos a relevância do ditongo para o processo de palatalização no conjunto de dados analisados de fala mossoroense. Para relacionar a influência do ditongo na palatalização, é necessário atentar para o peso silábico de uma sílaba formada por um ditongo em que [i] ou [j] está presente. Sendo assim, quando há produção de ditongo na fala, há, conseqüentemente, a criação de uma sílaba pesada responsável por influenciar a palatalização. Além disso, é necessário explicitar o ambiente prosodicamente fraco – sílaba átona final de palavra – como mais um condicionante da palatalização de /t/ e /d/.

Ademais, outro argumento que confirma a hipótese de que o contexto I é o mais influenciador diz respeito às variantes oclusivas palatalizadas [tʃ] e [dʃ] presentes apenas na Tabela 1, juntamente com as africadas [tʃ] e [dʒ].

O quantitativo geral, envolvendo todos os informantes e todos os contextos linguísticos, revelou apenas uma ocorrência de [tʃ] e quatro ocorrências de [dʃ]. Entendendo a variante oclusiva palatalizada como uma fase transicional para a realização da variante africada palatal, podemos cogitar que a ocorrência exclusiva de [tʃ] e [dʃ] nesse ambiente linguístico é indicadora de uma subsequente africada, pois sua ocorrência é identificada apenas em variação livre com a africada, como em ‘prédio’ [ˈprɛdʲu] ~ [ˈprɛdʒu]. De tal maneira, reiteramos a relevância do conjunto sílaba final, ambiente átono e ditongo constituindo sílaba com /t/ e /d/ para o fenômeno de palatalização.

Observando as Tabelas 2 e 3, é possível perceber, apesar da limitação de dados, uma indicação da ocorrência de africadas palatais.

E, quanto à Tabela 4, é notória a disparidade de ocorrências entre as oclusivas alveolares e as africadas palatais, possibilitando a leitura que, de fato, o contexto IV – /t/ e /d/ em sílaba átona ou tônica diante da vogal simples [i] – é o que menos influencia no processo de palatalização e africacão no RN.

A noção de peso silábico é relevante para essa discussão justamente pelo fato de que a vogal sozinha [i] não promove o processo de palatalização de forma tão frequente como o ditongo, como é possível observar na Tabela 4. Ao trazermos à tona a relação do processo de palatalização e/ou africacão com o ambiente prosodicamente fraco e com a sílaba pesada, é possível que surja a dúvida se há um conflito entre esses entendimentos. Em Bisol (2001), vê-se que, no latim, a sílaba pesada atrai o acento. Todavia, no PB, não há uma correspondência exata entre a sílaba pesada e a atração à tonicidade, como é perceptível na palavra “ódio”, presente em nossos instrumentos. Isto é, mesmo que a sílaba final ‘-dio’ apresente um ditongo e, conseqüentemente, configure uma sílaba pesada, o acento recai sobre a sílaba inicial leve ‘ó-’. De tal maneira, a sílaba pesada, por si só, não atrai o acento. Na nossa interpretação, a concepção de sílaba pesada é relevante por envolver a constituição de um ditongo que se opõe a uma vogal simples. Por outro lado, o contexto linguístico formado por sílaba átona final de palavra é relevante por promover uma produção articulatória mais débil, visto que, em termos mais amplos, promove alçamento vocálico, queda de segmento, enfim, modificação articulatória de segmentos na palavra.

Em uma de nossas hipóteses iniciais, são abarcados dois condicionamentos para o fenômeno de monotongação subsequente à palatalização. O primeiro contexto é o de /t/ e /d/ em *onset* de sílaba, preenchida ainda por ditongo com [i] ou [j] presente – motivador de palatalização – caso aplicável aos dados ‘sítio’ [ˈsitʃu], ‘rádio’ [ˈradju] e ‘questionário’ [kɛʃtʃɔˈnarju]. O segundo contexto é o de /t/ e /d/ em *onset* subsequente ao ditongo decrescente terminado por [j] – motivador de palatalização – caso aplicável ao dado ‘oito’ [ˈotʃu]. É importante reiterarmos que, apesar da ausência de dados monotongados com /d/ antecedido por ditongo, podemos prever que o fenômeno também ocorra com o segmento vozeado. Isto é, mesmo que não tenha se apresentado nesse *corpus*, há previsão de que também se realize, uma vez que os segmentos [tʃ] e [dʒ] são extremamente semelhantes – distinguindo-se apenas quanto ao vozeamento – e podem se apresentar nos mesmos

ambientes. Logo, há indicação de que, após à palatalização de /t/ e /d/, pode ocorrer a monotongação nos ambientes delimitados.

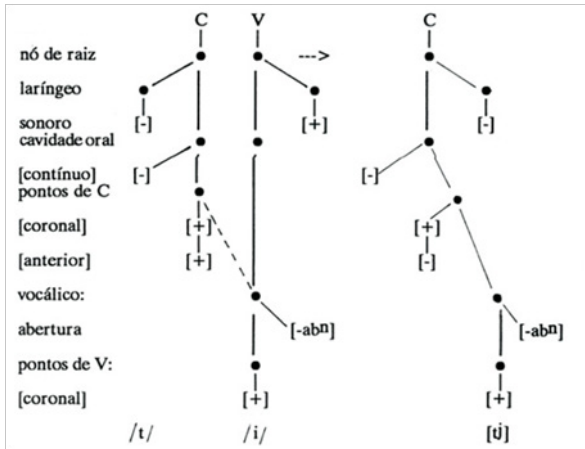
Dessa forma, a análise panorâmica das formas em variação de /t/ e /d/ permite verificar que a africacão em Mossoró é linguisticamente significativa no contexto I. No geral, a maior parte dos informantes produziu dados com variantes não alveolares ([tʲ], [tʃ] / [dʲ], [dʒ]). Dos seis informantes, um deles não produziu nenhuma variante palatalizada e/ou africada, ao passo que, dentre os outros cinco, o que menos produziu variantes com articulação palatal realizou três desses dados e o que mais produziu realizou catorze variantes com traço palatal, entre as dezessete possibilidades.

5.2 Descrição de processos de palatalização e de africacão, sob a luz da Geometria de Traços

Nesta seção, depois da explicitação do estipulado por Bisol e Da Hora (1993)²³ para a descrição dos processos de palatalização e de africacão, propomos uma reformulação da análise em uma tentativa de simplificar os processos.

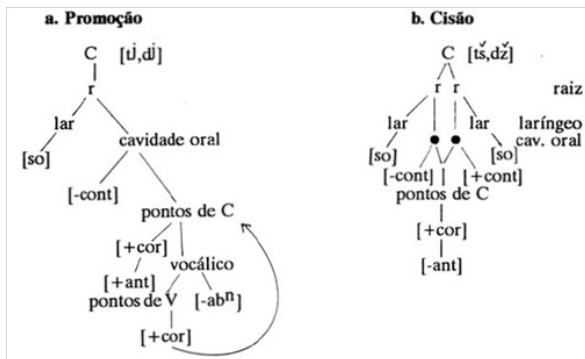
Segundo Bisol e Da Hora (1993), o processo de palatalização de /t/ e /d/ decorre do espraiamento do nó Vocálico de /i/. Para os autores, esse processo inicia-se com a criação de uma articulação secundária na geometria da consoante, tornando o segmento em uma consoante palatalizada ([tʲ]/[dʲ]) no primeiro estágio (FIGURA 3). A partir disso, no segundo estágio, ocorre o processo de *promoção* (CLEMENTS, 1985, 1991). (item a, FIGURA 4) dessa articulação secundária à primária, acarretando a bifurcação das raízes e a criação de um segmento africado ([tʃ]/[dʒ]) – configuração de *cisão* (item b, FIGURA 4).

²³ É importante explicitar que a interpretação dos autores baseia-se na configuração da Geometria de Traços de Clements (1985, 1991).

Figura 3 – Representação do primeiro estágio da palatalização²⁴

Fonte: Bisol e Da Hora (1993, p. 32).

Figura 4 – Representação dos processos de Promoção e Cisão



Fonte: Bisol e Da Hora (1993, p. 33).

A partir da retomada dessa interpretação, é possível afirmarmos que a primeira fase da palatalização se refere a uma consoante obstruente

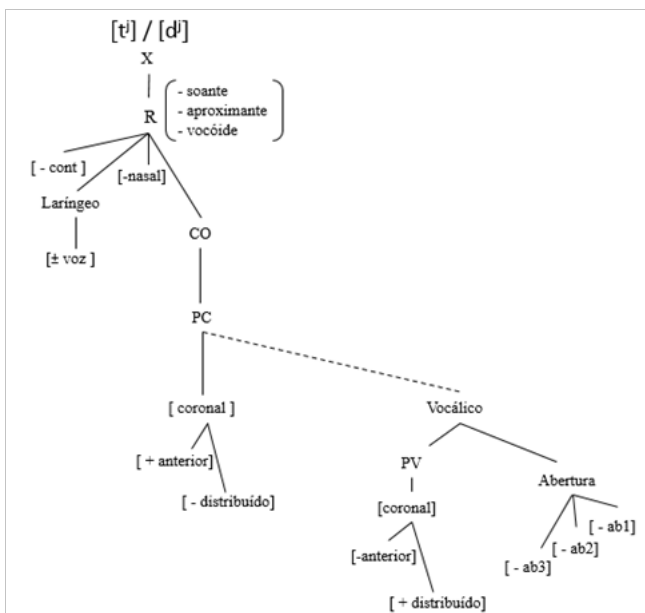
²⁴ A conversão do traço [+anterior] para [-anterior] é explicada posteriormente no desenvolvimento e estabelecimento da análise. Além disso, a representação arbórea dos autores traz algumas diferenças em comparação com Clements e Hume (1996). Em Clements (1985, 1991), o traço [coronal] é marcado binariamente e o traço [±anterior] é suficiente para distinguir segmentos alveolares de palatais.

[-cont] palatalizada, representante de uma fase intermediária para produção das africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. Consoantes oclusivas palatalizadas, então, podem ser consideradas um estágio intermediário entre as produções dos segmentos obstruintes [-cont] coronal [+ant] – oclusivos alveolares – [t]/[d] e os obstruintes [-cont] e [+cont] coronais [-ant] – africados palatais – [tʃ] e [dʒ]. Constitui-se, assim, uma gradiência para a palatalização: [t] → [tʲ] → [tʃ] / [d] → [dʲ] → [dʒ].

Explicitamos que, para produção dos segmentos palatalizados – [tʲ] e [dʲ] – ocorre apenas o processo de palatalização, enquanto, para a produção dos segmentos africados – [tʃ] e [dʒ] – ocorre a palatalização e, em seguida, a africacão.

No que se refere ao processo de criação de uma consoante oclusiva palatalizada, mantemos a concepção de espriamento do nó Vocálico de /i/ para o nó PC de [t] e [d], conforme Bisol e Da Hora (1993). Com esse espriamento, é estabelecida uma consoante complexa, com uma articulação primária e uma secundária (cf. FIGURA 5).

Figura 5 – Representação da Geometria para os segmentos [tʲ] / [dʲ]

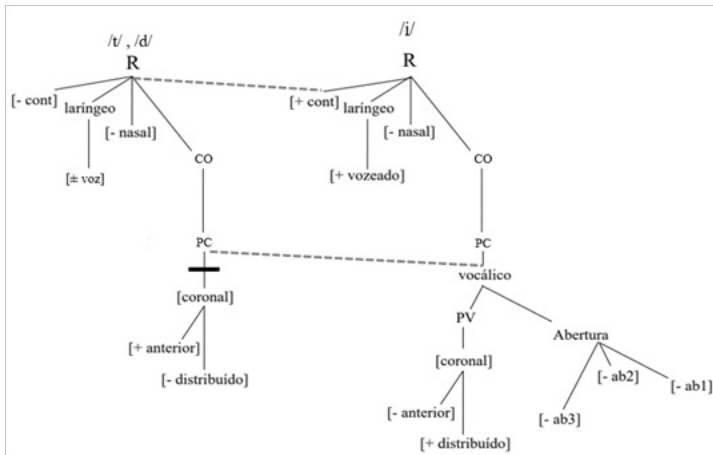


Fonte: Adaptado de Bisol e Da Hora (1993, p. 32).

Quanto à criação de uma africada, partimos da constituição da oclusiva palatalizada (cf. FIGURA 5) com o acréscimo do espraimento do traço [+cont] de /i/. Bisol e Da Hora (1993), por sua vez, postulam que, com a promoção de traço primário a secundário (cf. FIGURA 4 a) e com a cisão, que começa na camada do traço [coronal] e finaliza na camada do nó Raiz para alocar [-cont] e [+cont] (cf. FIGURA 4 b), ocorre a criação da africada.

De nosso ponto de vista, para a passagem de segmento oclusivo alveolar a africado palatal, há o desligamento do [coronal] da consoante para que ocorra o espraimento do nó Vocálico de /i/ e há ainda o espraimento do [+cont] de /i/ para o nó Raiz da consoante (cf. FIGURA 6). Cria-se, conseqüentemente, uma má formação na ramificação do nó Raiz, em respeito à associação simultânea com [-cont] e [+cont].

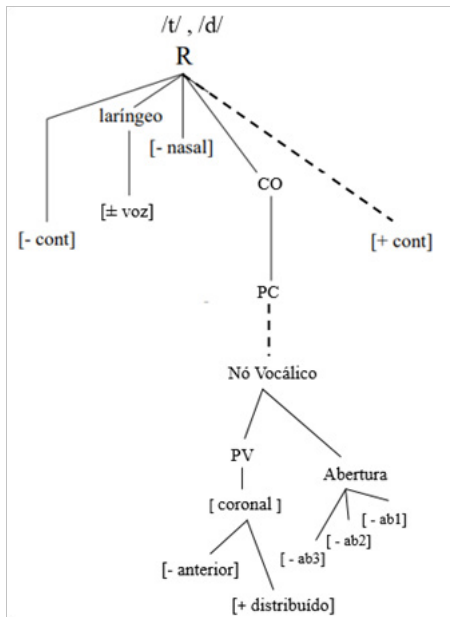
Figura 6 – 1ª etapa de palatalização e de africacão de /t/ e /d/



Fonte: Elaboração própria.

Após essa primeira etapa de espraimento do Nó vocálico e do traço [+cont] de /i/, configura-se uma geometria, com má formação, de consoante com traços fonéticos decorrentes do segmento vocálico palatal – representados pelas linhas tracejadas (cf. Figura 7).

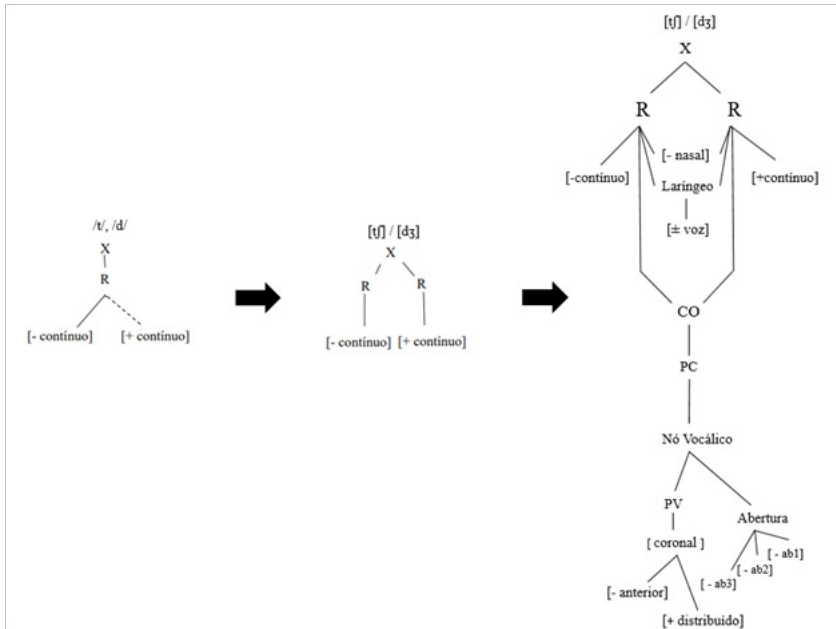
Figura 7 – 2ª etapa da palatalização e da africção



Fonte: Elaboração própria.

Depois dessa etapa, estabelece-se a presença de dois traços [contínuo] com valores opostos. O mesmo traço ramificado duas vezes no mesmo nó acarreta a má formação da configuração do segmento (no caso em foco, na camada do [contínuo], não na camada do [coronal] como na perspectiva dos autores vista acima). Por isso, ocorre a cisão e bifurcação do nó Raiz, possibilitando a associação de cada traço [contínuo], de valores opostos, a um nó Raiz. O resultado é o segmento africado/de contorno caracterizado por dois nós Raiz e pelo efeito de borda [-cont] e [+cont].

Figuras 8 – Cisão e versão final da configuração dos segmentos africados



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, a diferença entre a nossa interpretação e a de Bisol e Da Hora (1993) estabelece-se por partirmos de Clements e Hume (1996), por alterarmos a configuração arbórea da Geometria de Traços no que diz respeito à alocação do traço $[\pm\text{contínuo}]$ sob o nó Raiz e por explicitarmos que o $[\text{+cont}]$, que vai proporcionar o segmento de contorno ou africado, decorre do espraimento desse traço articulatorio da vogal para a consoante. Além disso, não aplicamos o processo de promoção, apenas o de espraimento do nó Vocálico da vogal após ser desligado o nó PC da consoante. As modificações estabelecidas objetivam simplificar a descrição da passagem de consoante oclusiva à consoante de contorno ou africada palatal.

5.3 Variáveis Extralinguísticas

Houve, durante a pesquisa de campo, a dificuldade de encontrar um indivíduo do sexo masculino e menos escolarizado que aceitasse ser informante. Diante disso, não se apresenta uma indicação totalmente

equitativa quanto à variável escolaridade. Na tentativa de encobrir, parcialmente, essa lacuna, há a participação de duas informantes menos escolarizadas. Desse modo, cada faixa etária apresenta dois participantes, sendo um homem e uma mulher. Na primeira faixa etária, ambos são mais escolarizados; nas segunda e terceira, os homens são mais escolarizados e as mulheres, menos escolarizadas.

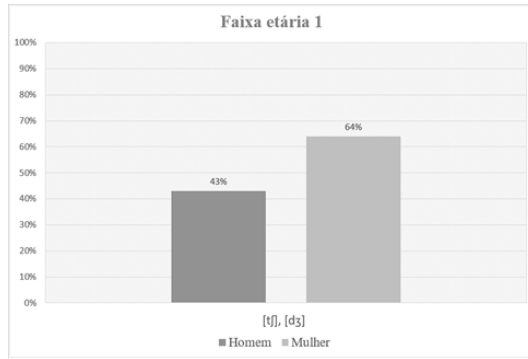
É importante evidenciar que o limite de tempo institucional para o desenvolvimento de toda a pesquisa teve por consequência a gravação com poucos informantes. Mesmo assim, avaliamos que o material com o qual trabalhamos permite um prenúncio do que pode estar ocorrendo na cidade de Mossoró – RN quanto ao fenômeno focalizado.

Acreditávamos que o fenômeno da palatalização fosse de uma entrada recente no dialeto e, por isso, mais observado na fala de jovens. Além disso, também acreditávamos que as mulheres tenderiam a produzir mais as formas palatalizadas, visto, para a comunidade, serem formas inovadoras (MACEDO, 2004). Para verificação do grau de influência das características socioculturais nas produções palatalizadas, apresentaremos os gráficos e suas respectivas análises.

Inicialmente, veem-se três gráficos, divididos por faixa etária, em que são exibidas as porcentagens no que se refere às produções de [tʃ] e [dʒ], correlacionando-as com as produções de homens e de mulheres. Em seguida, mostra-se um gráfico em que comparamos as faixas etárias entre si quanto às produções de [tʃ] e [dʒ]. E, por fim, exhibe-se a um gráfico em que verificamos a porcentagem das ocorrências de [tʃ] e [dʒ] entre mais escolarizados e menos escolarizados.

Esses gráficos resultam do cruzamento do quantitativo dos dados com as variáveis de caráter extralinguístico. Os resultados registrados foram alcançados por meio de cálculos básicos de porcentagem que envolviam a quantidade total de segmentos em um contexto (100%) e a quantidade total de contextos em que o segmento, de fato, ocorreu.

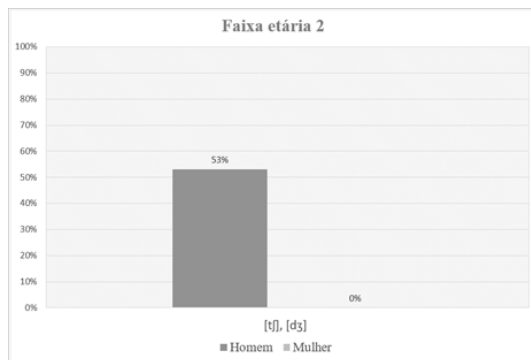
Gráfico 1 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização²⁵ (Faixa etária 1 – 18 a 35 anos)



Fonte: Elaboração própria.

Como é possível perceber no gráfico acima, o percentual de ocorrências na 1ª faixa etária aponta para uma palatalização em maior grau por parte da mulher. Os dois informantes, nesse caso, são mais escolarizados. Destacamos que, mesmo que o homem dessa faixa etária não tenha palatalizado tanto diante de um ambiente propício, ele foi responsável pela realização dos dados no ambiente menos favorecedor nessa região – sílaba constituída por /t/ ou /d/ diante da vogal simples [i].

Gráfico 2 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização (Faixa etária 2 – 36 a 55 anos)

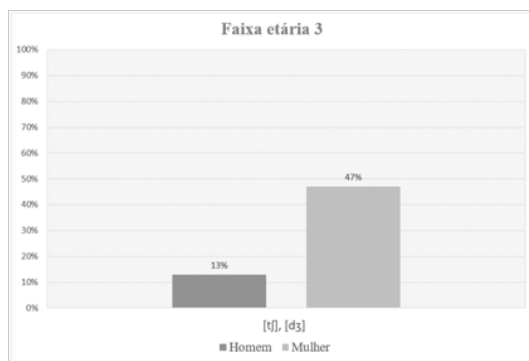


Fonte: Elaboração própria.

²⁵ Nos gráficos, tal ambiente faz remissão à sílaba átona final de palavra.

Na segunda faixa etária, é notória a discrepância na produção das variantes africadas entre o homem e a mulher. Nesse caso, o homem mais escolarizado palatalizou consideravelmente e a mulher menos escolarizada não palatalizou em dado algum. Ao levarmos em consideração que a aplicação dos instrumentos de pesquisa possa causar algum tipo de tensão nos informantes (visível no caso de I4), supomos que essa informante pode ter recorrido à produção de oclusivas ([t] e [d]), e não à produção de africadas ([tʃ] e [dʒ]), por serem produções mais habituais e mais abrangentes, independentemente do ambiente de ditongo. Pensamos, então, que a situação de formalidade da entrevista e a tensão demonstrada pela informante tenham colaborado para que ela produzisse apenas as oclusivas. Ainda que esse entendimento seja fundamentado, principalmente, em um fator individual, ao compararmos as realizações de I4 (faixa etária 2) com as de I6 (faixa etária 3), há um indicativo de que o grau de escolaridade (ambas informantes menos escolarizadas) não interfere no uso de formas palatalizadas.

Gráfico 3 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização (Faixa etária 3 – a partir de 56 anos)



Fonte: Elaboração própria.

Na terceira e última faixa etária, percebemos, novamente, uma produção maior de africadas por parte da mulher. No que se refere à escolaridade, o homem é mais escolarizado e a mulher é menos escolarizada. Nesse caso, foi a mulher menos escolarizada quem palatalizou mais. Esse fato corrobora para a impressão tida de que, na faixa etária 2, não foi a escolaridade que ocasionou a exclusiva produção

de oclusivas alveolares de I4 – também menos escolarizada, e sim o contexto situacional de formalidade e de tensão.

Dessa forma, as mulheres nas faixas etárias 1 e 3 palatalizaram mais que os homens de suas respectivas faixas. Sendo assim, com base nos dados dessas informantes, e com a ressalva feita à I4 na faixa etária 2, há indícios de que as mulheres palatalizam mais do que os homens.

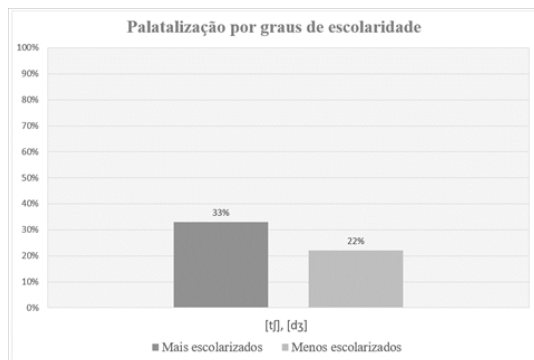
Gráfico 4 – Porcentagem de palatalização por faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados acima, entendemos que a palatalização pode ser caracterizada como um fenômeno estabelecido nessa comunidade, uma vez que todas as faixas etárias apresentaram ocorrências desses tipos, com destaque para os mais jovens. Levando em consideração cada faixa etária – sem a constante de sexo – percebemos que os mais jovens (F1), demonstram uma porcentagem de palatalização bem superior aos informantes das outras duas faixas (F2 e F3). Logo, há indícios de que a palatalização está mais estendida na fala dos mais jovens, ainda que ocorra nas três faixas analisadas.

Gráfico 5 – Porcentagem de palatalização por graus de escolaridade



Fonte: Elaboração própria.

Para representar a variável escolaridade, temos duas mulheres menos escolarizadas e os demais informantes como mais escolarizados. Assim, para realizar a comparação de forma numericamente igualitária, estabelecemos as duas mulheres da 2^a e 3^a faixas etárias compondo o grupo de “menos escolarizados” e os dois homens, também da 2^a e 3^a faixas etárias, compondo o grupo de “mais escolarizados”.

Apesar da modesta diferença de 11% apresentada no gráfico, em que os mais escolarizados se destacam, é necessário levarmos em consideração que as mulheres menos escolarizadas (I4 e I6) apresentaram porcentagens de palatalização díspares. Isto é, a primeira não palatalizou em nenhum caso, e a segunda produziu africadas palatalizadas em quase metade dos dados (47%, cf. Gráfico 3). Esses dados sugerem a escolaridade como um fator não condicionante do fenômeno em foco.

6 Considerações finais

Levando em consideração as interpretações linguísticas e extralinguísticas apresentadas, retomamos os resultados obtidos neste trabalho a partir da análise. Na perspectiva linguística, observamos que, em Mossoró – RN, o contexto que influencia em maior grau a palatalização e/ou africacão é o de /t/ e /d/ em *onset* de sílaba átona final compartilhando sílaba com ditongo iniciado por [i] ou [j]. Sendo assim, acreditamos que a presença de ditongo somada a um ambiente prosodicamente fraco, em que se encontra /t/ e /d/, indica um favorecimento ao fenômeno da palatalização.

Isto é, o contexto linguístico consubstanciado pela vogal /i/, em formação de ditongo (constituindo uma sílaba pesada), e pela ocorrência de /t/ e /d/, em *onset* de sílaba átona final de palavra, propicia a palatalização e a africacão.

Além disso, considerando postulações de Bisol e Da Hora (1993) e de Clements e Hume (1996), implementamos modificações com o intuito de simplificar a descrição do fenômeno da palatalização e da africacão. Estabelecemos, assim, a demonstração da passagem de oclusiva alveolar à africada palatalizada, com o desligamento do traço [coronal] de /t/ e /d/ e do espraiamento do nó Vocálico e do traço [+contínuo] da vogal /i/ para as geometrias das consoantes delimitadas.

Na perspectiva sociolinguística, por sua vez, percebemos que homens e mulheres, tanto mais jovens quanto mais velhos e com menos ou mais escolaridade, palatalizam em algum grau. Contudo, a partir dos resultados de nossos dados, acreditamos na possibilidade de indicar uma tendência mais acentuada de palatalização por parte das mulheres e dos mais jovens. cremos, portanto, que a faixa etária e o sexo são as variáveis extralinguísticas mais condicionantes para palatalização e/ou africacão de /t/ e /d/ em registros de fala mossorense.

Considerando os limites do *corpus* analisado e do grupo de informantes gravados, sobretudo para o estabelecimento de uma análise sociolinguística, levantamos algumas questões norteadoras para o prosseguimento da pesquisa, centrada, principalmente, nessa perspectiva.

- a. As variáveis socioculturais de sexo e de faixa etária são realmente relevantes quando aplicadas a um grupo maior de informantes?
- b. A variável sociocultural de escolaridade mantém-se irrelevante?
- c. O uso de formas palatalizadas é produtivo na cidade de Mossoró?
- d. A palatalização de /t/ e /d/ contíguos a vogal simples /i/ é possível de ser realizada, em Mossoró, por falantes de características socioculturais diferenciadas?
- e. A palatalização de /t/ e /d/ contíguos a ditongo é uma realidade em outros municípios do RN?

Apresentadas as limitações desta análise e lançados os questionamentos para pesquisas futuras, reiteramos a condição indicativa dos resultados. Entretanto, acreditamos que esta pesquisa ainda configura uma contribuição para a expansão dos estudos de palatalização no território brasileiro e, mais especificamente, no que tange ao falar do RN.

Agradecimentos

Agradecemos a Gabriel Sales, Mateus Parducci e Tiago Caian por participarem de discussões decisivas para o desenvolvimento deste artigo.

Declaração de contribuição de cada autora

As autoras Thayná Cristina Ananias e Carla Maria Cunha declaram ser responsáveis pela elaboração do artigo intitulado “A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense”. Thayná Cristina Ananias ficou responsável pela coleta de dados, confecção de instrumentos, interpretação dos dados, redação e revisão. Carla Maria Cunha, por sua vez, ficou responsável, também, pela redação e revisão, além de se encarregar da conceptualização, administração e supervisão do projeto.

Referências

ARAGÃO, M. S. S. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 147-158.

ARAGÃO, M. S. S. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. *Acta Semiotica et Linguística (ASEL)*, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 67-81, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.44v25n1.53670>

BARBOZA, C. L. F. *Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira*. 2013. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 221-246, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42492>

BATTISTI, E. *et al.* Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 1-29, 2007.

BISOL, L. O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, v. 11, p. 41-47, 1991.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. PUCRS: Porto Alegre, 2001.

BISOL, L.; DA HORA, D. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Letras*, Santa Maria, n. 5, p. 25-40, 1993.

BRASIL, Comitê Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CALLOU, D.; BRANDÃO, S. O processo de palatalização no português do Brasil. *Linguística*, Santiago (Chile), v. 18, p. 57-73, 2006. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/es/pt_vol18. Acesso em: 17 jun. 2021.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (org.). *DOCUMENTO 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300006>

CARVALHO, S. M. A. *Um lugar (in)existente: o “país” de Mossoró nas tramas da consciência histórica*. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_e4b92932896d22073a0d779673b60c95. Acesso em: 19 fev. 2021.

CARVALHO, S. D. M. Considerações de natureza diatópica sobre a oclusiva dental surda. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPR, XX., 1998, Curitiba. Trabalho apresentado.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. J. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 141-155.

CLEMENTS, G. N. Place of Articulation in Consonants and Vowels: A Unified Theory. In: WORKING PAPERS OF THE CORNELL PHONETICS LABORATORY, 5., 1991, Ithaca. *Proceedings* [...]. Ithaca: Cornell University, 1991. p. 77-123.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, Cambridge, v. 2, p. 225-252, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0952675700000440>

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: Blackwell Publisher, 1996. p. 180-226. Disponível em: http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?i=d=g9780631201267_9780631201267 Acesso em: 17 jun. 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.59-89>

CRISTÓFARO-SILVA, T.; LEITE, C. T. Padrões sonoros emergentes: (oclusiva alveolar + sibilante) no Português Brasileiro. *Caderno de Letras*, Londrina, v. 24, p. 15-36, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i24.7270>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7270>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.59-89> Disponível: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2744>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CUNHA, C. M. *Um estudo de fonologia da língua Makuxi (Karib): inter-relações das teorias fonológicas*. 2004. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CUNHA, C. M.; SILVA, P. S. M. A palatalização do /s/ em coda em registro de fala natalense. In: DA HORA, D. *et al.* (org.). *Estudos linguísticos (teorias e aplicações): contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL*. São Paulo: Terracota Editora, 2019. p. 45-62. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/es/content/libro-estudios-linguisticos-teorias-e-aplicaciones-contribuciones-da-alfal> Acesso em: 20 mai. 2021.

DA HORA, D. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993.

DIAS, E.; SEARA, I. Redução e apagamento de vogais átonas finais na fala de crianças e adultos de Florianópolis: uma análise acústica. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 71-93, 2013.

MACEDO, S. S. *A Palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. 2004. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7973>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MATTOSO CAMARA JR, J. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

PESSOA, M. A. Os pós-vocálico na fala de Natal. In: SIMPÓSIO DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, I., 1986, Salvador. *Atas [...]*. Salvador: UnBA, 1986. p. 209-216

QUANDT, V. O. Sobre a oclusiva dental sonora no corpus APERJ, In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPR, XX., 1998, Curitiba. Trabalho apresentado.

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe siècle à nos jours. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, I., Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 387-399.

SELKIRK, E. The Syllabe. In: HULST. H.; SMITH, V. *The Structure of Phonological Tepresentations* (part II). Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SILVA, J. J. D.; COSTA, C. P. G. Debucalização e fonologia autossegmental. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 627-651, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.2.17887>. Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17887>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SIMIONI, T. O glide e a estrutura silábica em português brasileiro. *SILEL*, 2., 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2. p 1-20. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1086.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.



Diferença na produção de Expressões Não-Manuais por usuários fluentes em Libras como primeira ou segunda língua

Difference in the production of Non-Manual Expressions for fluent signers in Brazilian Sign Language as first or second language

Letícia Kaori Hanada

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

leticiahanada@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0135-1473>

Plínio Almeida Barbosa

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

plinio@iel.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0001-6317-3548>

Resumo: As Expressões Não-Manuais (ENMs), em combinação com outros parâmetros como configuração, localização, movimento e orientação da palma da mão, são responsáveis pelos sinais que contemplam o léxico das línguas de sinais. Essas ENMs são movimentos do corpo e da expressão facial (BAKER-SHENK; COKELY, 1980) que possuem funções como diferenciação lexical, participação na construção sintática e contribuição para processos de intensificação (PAIVA *et al.*, 2018). O atual trabalho tem como objetivo comparar o uso dessas ENMs entre um surdo fluente em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e um ouvinte, fluente em Libras, como segunda língua (L2), a partir de enunciados assertivos afirmativos e negativos, interrogativas parciais, imperativas, incluindo sentenças com expressão de intensidade e movimento de topicalização. Utilizando o programa ELAN, foi possível transcrever esses enunciados considerando movimentos de sobancelha, olhos, nariz, bochechas, boca, cabeça e tronco. A hipótese inicial é a de que o sinalizante fluente em Libras como L2 intensificaria com certa frequência e com movimentos mais amplos sua produção de ENMs, considerando esta uma questão da identidade com uma L2 e, também, a sua intensificação sendo necessária, por razões didáticas. A análise quantitativa avaliou

durações e amplitudes médias dos sinais manuais e ENMs e a análise qualitativa averiguou a presença e marcação de cada ENM em relação à cada tipo de sentença. Ambas as análises apontam que o participante surdo produziu as ENMs responsáveis pela marcação dos diferentes tipos de enunciados de forma mais sistemática e ampliou mais a produção de ENMs do que o participante intérprete.

Palavras-Chave: expressões não-manuais; primeira Língua; segunda língua, fonética instrumental; Língua Brasileira de Sinais.

Abstract: Non-Manual Expressions (NMEs), with other parameters such as configuration, location, movement and orientation of the hand, are responsible for lexical formation in sign languages. These NMEs are body movements and facial expression (BAKER-SHENK; COKELY, 1980) that have functions such as lexical differentiation, participation in syntactic construction and contribution to intensification processes (PAIVA *et al.*, 2018). This work aims to compare the use of these ENMs between a deaf person fluent in Brazilian Sign Language (BSL) as a first language (L1) and a listener fluent in BSL as a second language (L2), from affirmative and negative assertions, partial interrogations and imperative statements, including sentences with expression of intensity and topicalization movement. Using the ELAN program, it was possible to transcribe these statements considering movements of the eyebrow, eyes, nose, cheeks, mouth, head and torso. The initial hypothesis is that the L2 BSL signer would intensify more often and with wider movements their production of NMEs than the L1 BSL signer, considering the identity with an L2 and the intensification of NMEs for didactic reasons. The quantitative analysis evaluated average durations and amplitudes of manual signals and NMEs and qualitative analysis investigated the presence and marking of each ENM in relation to each type of sentence. Both analyzes indicate that the L1 BSL signer produced the NMEs responsible for marking different types of statements more systematically and expanded the NMEs production more than the L2 BSL signer.

Keywords: non-manual expressions; first language; second language, experimental phonetics; Brazilian Sign Language.

Recebido em 29 de março de 2021

Aceito em 17 de maio de 2021

1 Introdução

Até os anos 60, prevalecia na área da Linguística, a falsa crença de que a linguagem falada era a única forma digna de ser estudada. Devido a isto, diversos preconceitos foram disseminados através de textos sacros e clássicos (CAPOVILLA, 2000). Somente em 1960,

um estudioso, chamado William Stokoe (1960), elaborou uma descrição fonológica pioneira da Língua de Sinais Americana (LSA), em que foi desenvolvido um esquema linguístico que descreve a formação dos sinais e a diferenciação paramétrica lexical, através da decomposição de todos os sinais em três diferentes parâmetros que sozinhos não carregam nenhum significado: Configuração, Localização e Movimento da mão. Após ele, outros estudiosos complementaram suas análises com o acréscimo de outros parâmetros: Battison (1974, 1978) e Friedman (1975) sugeriram o parâmetro Orientação da palma da mão e Baker-Shenk e Cokely (1980) a adição do parâmetro de Expressões Não-Manuais (ENMs).

De acordo com Liddell (2003), o parâmetro de ENMs foi introduzido com o intuito de descrever aspectos na sinalização que iam além do movimento das mãos. Assim sendo, poder-se-ia dizer que as ENMs englobam movimentos do corpo e da expressão facial (BAKER-SHENK; COKELY, 1980) que possuem diferentes funções como: diferenciação do significado das escolhas lexicais, participação na construção sintática e contribuição para processos de intensificação (PAIVA *et al.*, 2018; WILBUR *et al.*, 2012; XAVIER, 2014, 2017). Atualmente, no campo da Fonologia dos sinais, são considerados como unidades de diferenciação lexical e formação de sinais os cinco parâmetros aqui citados. Trabalhos como de Ferreira-Brito (1990, 1995) demonstram que a fonologia da Libras, assim como a da LSA, pode ser descrita por esses cinco parâmetros.

Segundo Sandler (2012), a interpretação das interações linguísticas depende, além da compreensão daquilo que se diz, também do modo como se diz, e esse modo poderia ser caracterizado como a divisão da entonação em segmentos rítmicos, a ênfase relativa colocada nesses segmentos e a modulação significativa do sinal através da entonação (vide também BARBOSA, 2019). De forma semelhante, poder-se-ia dizer que as ENMs seriam como mudanças prosódicas como qualidades da voz, entonação e ritmo em uma língua oral (WILCOX; WILCOX, 2005). Para melhor exemplificar essa ideia, seria possível pensar sobre a transformação gramatical de uma oração declarativa para interrogativa: Em Português, por exemplo, a oração interrogativa “Você quer dormir?” é produzida com uma entonação crescente-decrescente ao final, e, se a curva entoacional fosse descendente apenas, a oração deixa de ser interrogativa e passa a ser declarativa (“Você quer dormir.”), ou seja, a diferença entre a modalidade assertiva e interrogativa se encontra apenas

em um aspecto: no prosódico. O que ocorre na Libras é semelhante: a marcação de interrogação se encontra em um único aspecto: na expressão facial, em que se há o franzimento das sobrancelhas, o apertar de olhos e a inclinação do tronco (PAIVA *et al.*, 2018). Assim, uma frase como VOCÊ DORMIR QUER¹(você quer dormir?) sem a marcação facial de interrogação torna-se uma frase declarativa (você quer dormir). Para além de serem utilizadas para marcar interrogatividade polar, as ENMs são também utilizadas para indicar orações negativas, sentenças relativas, condicionais, interrogativas parciais e perguntas retóricas (WILCOX; WILCOX, 2005). Assim, o presente estudo teve como foco analisar as ENMs, essenciais para exprimir informações prosódicas e gramaticais da língua, e verificar possíveis diferenças de produção expressiva entre um surdo fluente em Libras como L1 e um intérprete fluente em Libras como L2, a partir da análise de orações assertivas afirmativas e negativas, imperativas, interrogativas parciais, sentenças com orações adverbiais (intensidade) e com movimentos de topicalização, em que serão analisadas alterações envolvendo sobrancelhas, olhos, nariz, bochechas, boca, cabeça e tronco em sincronismo com os sinais manuais.

2 Hipótese

Conforme Bolinger (2013), a intensificação é uma expressão linguística usada para escalar a qualidade de algo, podendo ela ser positiva ou negativa. Dessa forma, tendo em mente que o fenômeno da identidade é fundamental para aprendizagem de uma segunda língua (L2), pode-se dizer que são comuns os casos em que o aprendiz de L2, ao se identificar com a Libras, pode intensificar sua forma de expressão, seja no nível fonológico, sintático ou morfológico. Ademais, o informante que participou deste estudo, como sinalizante fluente em Libras como L2, é um intérprete, que, para além da questão da identidade, também pode intensificar seu uso por razões didáticas. Portanto, é hipotetizado que esse sinalizante (L2) enfatizaria mais sua produção no nível das ENMs do que o participante fluente em Libras como primeira língua (L1),

¹ Enunciado da Libras transcrito em glosas. As glosas representam os sinais manuais a partir de palavras escritas de uma língua oral (nesse caso português brasileiro) grafadas em letras maiúsculas.

uma vez que essas expressões, também, escalarem qualidade, seriam as mais afetadas pelo fenômeno de ênfase / intensificação.

3 Metodologia

Os processos metodológicos adotados neste trabalho se configuram tanto como uma abordagem qualitativa, analisando a presença e marcação de cada ENM em relação a cada tipo de sentença, quanto quantitativa, uma vez que foram utilizados métodos estatísticos inferenciais para avaliar as durações e amplitudes médias dos sinais e ENMs. A metodologia deste trabalho seguiu os seguintes passos: a) Elaboração de enunciados a serem utilizados na coleta de dados, b) Gravação dos vídeos com os participantes sinalizando os enunciados, c) Transcrição e anotação dos vídeos usando o programa ELAN, d) Tabulação das durações (brutas e normalizadas) e amplitudes dos sinais e ENMs no Excel, e) Análise qualitativa da marcação de ENMs e f) Análise quantitativa e estatística dos valores de duração e amplitude dos sinais e ENMs.

3.1 Elaboração do corpus com enunciados

O material utilizado nas gravações incluiu: três orações assertivas afirmativas, três assertivas afirmativas intensificadas (adverbiais), três assertivas negativas, três assertivas negativas intensificadas (adverbiais), três interrogativas parciais, três imperativas e três com movimento de topicalização, somando um total de 21 orações a fim de eliciar a produção das ENMs com a expressão facial e movimentos corporais, característicos na Libras. Além dessas orações, foram incluídos também 42 enunciados distratores, ou seja, que não estavam relacionados com a análise central, para que os participantes não percebessem a variável de análise em suas produções. Todos os enunciados foram escritos em glosas, notação convencional que tem como função representar os sinais em uma língua de sinais, com o intuito de não influenciar, com instrução em Libras, a realização do enunciado. É necessário ressaltar que todos os surdos que participaram do experimento não tiveram nenhuma dificuldade em sua realização, tendo em vista que eram participantes surdos bilíngues que possuíam a Libras como primeira língua e o Português Brasileiro escrito como segunda.

3.2 Coleta de dados e seleção de informantes²

Foram coletados dados de nove participantes, sendo sete intérpretes de Libras e dois surdos. Entre esses, foram selecionados dois participantes para este estudo, um intérprete e um surdo, seleção feita com o intuito de diminuir a influência de variáveis sociolinguísticas diferentes. Ambos são do sexo masculino, da faixa etária adulta (um com 28 e outro com 31 anos de idade), da classe social C (de dois a cinco salários mínimos), com escolaridade de Ensino Superior.

Ambos participantes viveram a maior parte da vida na região Metropolitana de Campinas, e se consideram fluentes em Libras, uma vez que aprenderam Libras antes dos dez anos e a utilizam para se comunicarem entre a família, amigos e no trabalho em seus cotidianos. Além do mais, suas ocupações estão relacionadas à Libras (o participante surdo é professor e instrutor de Libras e o participante ouvinte é Tradutor Intérprete de Libras), o que envolve o uso da Libras todos os dias e participam das ações que ocorrem na comunidade e cultura Surda.

A única distinção entre os participantes, conforme a ficha do participante foi o local de nascimento (o surdo nasceu em Porteirinha, MG, enquanto o intérprete nasceu em São Paulo, SP), porém, como ambos compartilham o mesmo local em que passaram a maior parte de suas vidas, hipotetizamos que não é um fator que explicaria as eventuais diferenças.

Em relação ao participante intérprete, ele atuou como Tradutor e Intérprete por mais de dez anos, possui certificado de Proficiência na tradução e interpretação da libras-português-libras (ProLibras), tem contato com a Libras quase todos os dias e possui pais intérpretes, o que incentivou seu interesse pela comunidade e cultura surda.

3.3 Análise a anotação dos vídeos

Após a preparação do material e coleta de dados, a transcrição e anotação dos sinais e ENMs dos vídeos foram realizadas através do programa de análise de vídeos ELAN (versão 5.4). Nessa etapa, foi considerada a duração bruta e normalizada dos sinais e das ENMs. Após

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Nº do CAAE: 20629219.1.0000.8142). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso e Imagem.

essa delimitação, foi possível realizar a transcrição das ENMs que foram estratificadas em 8 trilhas (há casos de ENMs que ocorrem combinadas), baseadas em Ferreira-Brito e Langevin (1995), conforme a Tabela 1 abaixo, nessa tabela, foram acrescentadas algumas ENMs observadas durante o decorrer do processo de transcrição:

Tabela 1 – Expressões Não-Manuais estratificadas por trilhas

Trilha	Anotações
Português	Enunciado transcrito em português
Libras	Enunciado transcrito em glosas
Sobrancelhas	Levantadas / Apenas uma levantada / Franzidas
Olhos	Arregalados / Lance de olhos / Lentidão ao piscar / Voltados para o sinal / Cerrados / Apertados / Fechados
Nariz	Franzido
Bochechas	(Levemente) Infladas / Uma bochecha inflada / Contraídas
Boca	Aberta / Semi-aberta / Lábios projetados / Sorriso / Lábios contraídos / Contração do lábio superior / Em arco para baixo
Cabeça	Inclinada para direita, esquerda, frente ou trás / Voltada para direita, esquerda, cima ou baixo / Balanceamento para frente e para trás (sim) / Balanceamento para os lados (não) / Erguida
Tronco	Inclinado para direita, esquerda, frente ou trás / Voltado para direita ou esquerda / Ombros encolhidos / Balanceamento alternado dos ombros / Balanceamento simultâneo dos ombros / Balanceamento de um único ombro

Fonte: Elaboração própria.

Em um primeiro momento, foram delimitados o início e o final das frases e dos sinais. Considerou-se como início do sinal / frase, o instante em que a(s) mão(s) sai(em) de sua posição inicial (em que se realiza seus parâmetros constitutivos, com exceção das ENMs) e como fim do sinal / frase, o momento em que a(s) mão(s) volta(m) à sua posição inicial (ou quando o sinal deixa sua configuração para realizar a seguinte).

É necessário ressaltar que todos os trechos em que essas condições não foram satisfeitas não foram analisadas e foram consideradas como transição. Deu-se início, então, ao processo de transcrição dos dados no programa ELAN com base na tabela citada, conforme é possível observar na Figura 1.

Figura 1 – Transcrição e anotação no ELAN

The screenshot displays the ELAN software interface. At the top, there is a menu bar with options: Grade, Texto, Legenda, Lexicon, Comments, Reconhecedores, Metadados, and Controles. Below the menu is a search bar with the text '< select a tier >'. The main area is divided into two sections. The top section shows a video of a man with curly hair wearing a red shirt, speaking against a blue background. The bottom section is a timeline with a time scale from 00:00:19.000 to 00:00:28.000. The timeline is annotated with various linguistic tiers, each represented by a different color and containing text labels. The tiers include:

- Português (95)**: ONTEM, JOÃO, JUNTO, MARINA, MACARRÃO, COMER
- LIBRAS (94)**: LEVANTADAS, FRANZIDAS, APENAS UM, FRANZIDA, APENAS UMA LEVANTADA, FRANZIDAS
- Sobrancelhas (96)**: ARREGALADOS, CERRADOS, APERTADOS, CERRADOS
- Olhos (95)**: (empty)
- Nariz (94)**: (empty)
- Bochechas (97)**: LEVEMENTE I
- Boca (92)**: PROJETADOS
- Cabeça (94)**: BALANC, BAL, IERGUIDA
- Trons (95)**: INCL, INCLINADO P, INCLINADO, BALANCAMENTO, INCLINADO PARA

 The timeline also features playback controls and a selection tool at the bottom.

Fonte: Elaboração própria.

3.4 Tabulação dos valores

Para avaliar a hipótese deste trabalho, as ENMs foram estratificadas em 3 variáveis dependentes que estão diretamente ligadas ao processo de intensificação, sendo elas: 1) Duração bruta em milissegundos e Amplitude de sinais manuais (Colunas E e H presentes na tabela abaixo), 2) Duração bruta e normalizada e Amplitude das ENMs (Colunas I, J e K, respectivamente, representam as durações e amplitude da ENM “Sobrancelha Franzida”, os valores de cada ENM foi tabulada em uma coluna diferente) e 3) Presença e marcação de determinadas ENMs conforme o tipo de frase (análise qualitativa baseada na literatura). Os três grupos de fatores que estratificam a amostra foram considerados como variáveis independentes, sendo eles: 1) Tipo de frase (Coluna A: Afirmativas, Negativas, Interrogativas Parciais, Imperativas, com Movimento de Topicalização), 2) Intensificação (Coluna B: Neutra, Intensificada e Outra (categoria que engloba outros tipos de enunciados que não afirmativos e negativos, neutros e intensificados)) e 3) Participante (Coluna C: Surdo e Intérprete). A tabulação dos valores de todas as variáveis foi feita por meio do programa Excel.

Tabela 2 – Dados de duração e amplitude de sinais manuais e ENMs

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1	TIPOFRASI	INTENSIF	Participan	SINAL	DURSIN	DURENUN	DURNORM	AMPLISIN	SOB.FRAN	SOB.FRAN	SOB.FRAN
2	ASS	NEUTRA	INT_L2	MARIA	1410	4630	30	4 NA	NA	NA	
3	ASS	NEUTRA	INT_L2	GOSTAR	1383	4630	30	1 NA	NA	NA	
4	ASS	NEUTRA	INT_L2	FELIPE	1829	4630	40	4 NA	NA	NA	
5	ASS	INTENSIF	INT_L2	MARIA	1440	4120	35	4 NA	NA	NA	
6	ASS	INTENSIF	INT_L2	GOSTARMUIT	880	4120	21	1 NA	NA	NA	
7	ASS	INTENSIF	INT_L2	FELIPE	1380	4120	33	2 NA	NA	NA	
8	ASS	NEUTRA	SUR_L1	MARIA	1873	5734	33	2 NA	NA	NA	
9	ASS	NEUTRA	SUR_L1	GOSTAR	1200	5734	21	2	1196	21	1
10	ASS	NEUTRA	SUR_L1	FELIPE	2010	5734	35	2 NA	NA	NA	
11	ASS	INTENSIF	SUR_L1	MARIA	2545	6870	37	3 NA	NA	NA	
12	ASS	INTENSIF	SUR_L1	GOSTARMUIT	1530	6870	22	2	570	8	3

Fonte: Elaboração própria.

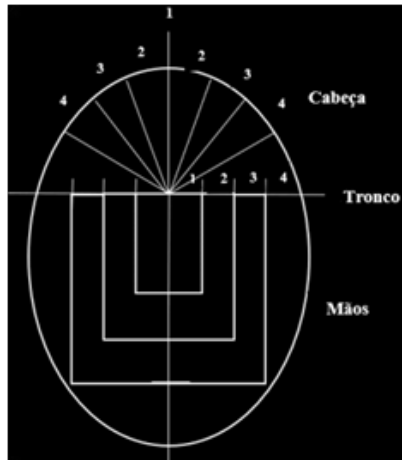
Os valores de duração bruta, tanto dos sinais quanto das ENMs, foram calculados através do programa ELAN, em que suas anotações apresentam o exato minuto, segundo e milissegundo em que os sinais / ENMs deram início e o momento em que terminaram. Na mensuração dessa unidade, tabulou-se também os valores normalizados de sinais e ENMs, para esse cálculo, considerou-se a duração bruta do sinal ou ENM dividida pela duração total do enunciado, com a finalidade de neutralizar, ao menos parcialmente, o efeito da taxa de sinalização própria a cada participante, o cálculo da normalizada foi feito automaticamente pelo Excel.

Para a mensuração das amplitudes, considerou-se como base o “espaço de sinalização” descrito por Quadros e Karnopp (2004) como uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados, esse espaço existe em todas as línguas de sinais até então investigadas e nele é possível determinar um número limitado de locações. Em vista disso, a partir desse Espaço de Sinalização, foi construído um “molde” com os diferentes níveis de amplitude (FIGURA 2), a partir dele é possível classificar as amplitudes tanto dos sinais manuais quanto das seguintes ENMs: “Cabeça inclinada para direita ou para esquerda” e “Tronco inclinado para direita ou esquerda”. Esse “molde” foi aplicado nas produções em vídeo dos participantes através do programa *Movavi Video Editor*, como é possível verificar na Figura 3 abaixo, em que o participante surdo produz o sinal “Maria” de forma parcialmente intensificada.

Os níveis apresentados na Figura 3 foram descritos da seguinte forma:

- 1- Presença do sinal ou da ENM (realizado(a) de forma neutra);
- 2- Sinal ou ENM parcialmente intensificado(a);
- 3- Sinal ou ENM intensificado(a);
- 4- Sinal ou ENM muito intensificado(a).

Figura 2 – Molde com níveis de amplitude



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Sinal “Maria” produzido pelo surdo de forma parcialmente intensificada



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – ENM “Olhos arregalados” produzida pelo surdo de forma intensificada



Fonte: Elaboração própria.

Todas as demais ENMs (movimento das sobrancelhas, olhos, nariz, bochecha, boca, cabeça e tronco), por serem movimentos faciais e/ou corporais mais dificilmente de serem mensurados por um “molde”, também foram categorizadas com base nos níveis de amplitude apresentados anteriormente (1, 2, 3 e 4), porém de forma qualitativa, como é possível notar na Figura 4, em que o participante produz a ENM “Olhos arregalados” de forma intensificada. Dentre essas ENMs, cinco foram consideradas apenas na análise qualitativa de presença e marcação de ENMs e não foram consideradas na análise de Amplitude, uma vez que essas ENMs possuem uma descrição de movimentos em que não há possibilidade de intensificação, apenas de produção, sendo elas: Olhos voltados para o sinal, Olhos fechados, Lance de Olhos, Boca Semi-Aberta e Lábios Contraídos.

4 Análise qualitativa – Marcação dos enunciados

Como apresentado anteriormente, as ENMs possuem funções como diferenciação lexical, participação na construção sintática e contribuição para processos de intensificação (PAIVA *et al.*, 2018). No nível sintático e prosódico, elas marcam determinadas construções, como enunciados afirmativos, negativos, interrogativos (parciais ou globais), relativas, condicionais, construções com tópico e com foco. Tendo em vista que o

objetivo deste trabalho é analisar a diferença de produção dessas ENMs entre um surdo e um intérprete, foi necessário averiguar a existência de intensificação na expressão de ambos em diferentes tipos de enunciados. Para isso, foram selecionados os seis tipos apresentados na Tabela 3. A partir dela foi possível realizar uma análise qualitativa, observando e descrevendo como os participantes marcaram os diferentes tipos de enunciados de acordo com a literatura descritiva, através da presença de um conjunto de ENMs responsáveis por essa marcação. Apesar de apenas o estudo de Arrotéia (2005), referente à expressão de negação, especificar qual marcação é obrigatória e qual não é, as outras descrições foram consideradas nessa análise como base para delimitar possíveis ENMs obrigatórias e averiguar a produção de ambos os participantes.

Tabela 3 – ENMs responsáveis pela marcação de enunciados

Tipo de Frase	Descrição	Marcação
<p>Assertivas afirmativas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 9)</p>	<p>“São realizados movimentos para cima e para baixo com a cabeça indicando afirmação.”</p>	<p>“Geralmente, a marcação não-manual de afirmação está relacionada a construções com foco”</p>
<p>Negativas Arrotéia (2005 (<i>apud</i> QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 7-8)</p>	<p>“Existem duas formas de indicar a negação não-manual em Libras. Na primeira forma pode ser realizado o movimento da cabeça para os lados indicando a negação, mas este movimento não é obrigatório na língua de sinais e está ligado a questões discursivas. Na segunda, utilizamos expressões faciais de negação em que há modificação no contorno da boca (abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios), sempre associada ao abaixamento das sobrancelhas e ao leve abaixamento da cabeça. Diferentemente do movimento de cabeça, as expressões faciais são obrigatórias para marcar a negação, estando relacionadas a questões sintáticas.”</p>	<p>“O uso do movimento de cabeça para a negação apresenta uma distribuição mais ampla do que as expressões faciais. É possível realizá-lo apenas junto ao marcador ‘não’, junto ao sintagma verbal, junto a toda sentença e ainda pode se estender para além do último sinal realizado.” “As expressões faciais negativas têm uma distribuição mais restrita. Elas não podem acompanhar a sentença toda, nem podem se limitar ao marcador de negação. Elas necessariamente devem co-ocorrer junto a todo o sintagma verbal.”</p>
<p>Interrogativas Parciais (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 9-10)</p>	<p>“Pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa.”</p>	<p>A marcação é feita durante toda a sentença. (Conforme os exemplos de marcação)</p>

<p>Imperativas Curso de Libras Inilibras (2015, p. 5)</p>	<p>“Sobrancelhas franzidas, movimento firme da cabeça para baixo.”</p>	
<p>Com expressão de intensidade (PAIVA <i>et al.</i>, 2018)</p>	<p>“Wilbur <i>et al.</i> (2012) estudaram os aspectos de intensificação em adjetivos da ASL e descobriram modificações ao sinalizar um adjetivo de forma intensificada. Por exemplo, os autores relatam as seguintes características: aumento da tensão realizada pelas mãos e rosto, modificações no sinal, como aumento da amplitude da trajetória do movimento, modificações de expressões do rosto, cabeça e tronco, franzimentos de sobrancelhas e alterações na boca.” Wilbur <i>et al.</i> (201, apud PAIVA <i>et al.</i>, 2018, p. 1141)</p>	<p>“As ENMs envolvidas na intensificação se dão apenas durante o sinal-chave, na boca, olhos e tronco” (PAIVA <i>et al.</i>, 2018, p. 1155).</p>
<p>Movimento de Topicalização (QUADROS, 2019, p. 92)</p>	<p>“Normalmente o objeto está associado a uma marca não manual de tópico representada pela elevação das sobrancelhas”</p>	

Fonte: Elaboração própria.

Como é possível observar, foram encontradas, em diferentes estudos, descrições de marcação de todos os tipos de frases analisados neste trabalho, com exceção dos enunciados imperativos. Para suprir essa ausência e para guiar a atual análise, tomou-se como base uma única descrição encontrada em uma apostila de um curso de Libras ofertado pela empresa Inilibras que descreve a marcação desses enunciados como sobrancelhas franzidas e movimento firme da cabeça para baixo, essa descrição foi confirmada posteriormente com a produção dos participantes.

No conjunto analisado, foram encontrados um total de 556 ENMs produzidas por ambos os participantes durante os 42 enunciados construídos (21 enunciados por participante. A partir desse conjunto de dados e a partir do quadro descritivo apresentado anteriormente foi possível prosseguir para a análise comparativa qualitativa de marcação dos diferentes tipos de enunciados pelos participantes. Nessa análise, calculou-se uma porcentagem de uso das ENMs de acordo com a descrição de uso da literatura por tipo de frase, como a razão entre o número de usos adequados da ENM e o total de enunciados.

Tabela 4 – Percentagem de produção de ENMs referente aos enunciados

Tipo de frase	Descrição ENMs	Marcação		Maior %
		Int.	Sur.	
Assertivas afirmativas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009)	Movimentos para cima e para baixo com a cabeça indicando afirmação.	83%	83%	=
Negativas (ARROTÉIA, 2005)	Abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios (Obrigatório)	87,50%	100%	Surdo
	Abaixamento das sobrancelhas (Obrigatório)	37,50%	75%	
	Leve abaixamento da cabeça (Obrigatório)	50%	100%	
	Movimento da cabeça para os lados (Não Obrigatório)	100%	100%	
Interrogativas Parciais (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009)	Franzimento da testa (considerou-se como franzimento da sobrancelha)	33%	100%	Surdo
	Elevação da cabeça	100%	100%	
Imperativas Curso de Libras Inilibras, 2015	Sobrancelhas franzidas	33%	100%	Surdo
	Movimento firme da cabeça para baixo.	100%	100%	
Com expressão de intensidade (PAIVA <i>et al.</i> , 2018)	Franzimentos de sobrancelhas	66%	83%	Surdo
	Alterações na boca (considerou-se como lábios contraídos, projetados, sorriso ou boca aberta)	100%	100%	
Movimento de Topicalização (QUADROS, 2019)	Elevação das sobrancelhas	66%	66%	=
Maior % de marcação=				Surdo

Fonte: Elaboração própria.

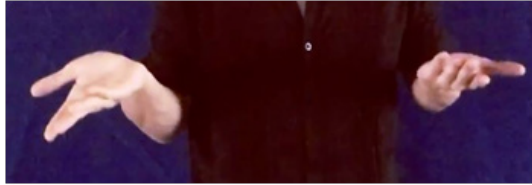
Ao comparar os resultados da Tabela 4, nota-se que o participante Surdo produziu a marcação das ENMs descritas na literatura de Libras de forma mais sistemática do que o participante Intérprete, apesar de ter-se observado uma alta fluência e uso esperado das ENMs por ambos os participantes (no conjunto de enunciados de cada tipo de frase, nenhum dos participantes teve uma percentagem nula na marcação das ENMs obrigatórias, apesar de ter-se observado um grau de variação. E pelo

menos uma ENM obrigatória em cada tipo de frase foi produzida 100% com marcação segundo a literatura).

As seguintes ENMs, descritas na bibliografia selecionada, foram produzidas com uma baixa percentagem de marcação (50% ou menos) pelo participante Intérprete:

- Abaixamento da cabeça (50%) e das sobrancelhas (37,50%) para marcação de Negação: Arrotéia (2005) verificou que a marcação não manual de negação que está associada à boca é mais rígida do que o movimento da cabeça indicando negação, uma vez que ela possui função sintática, enquanto a marcação da cabeça para os lados possui função mais discursiva. Ela também descreve que as ENMs de abaixamento das sobrancelhas e leve abaixamento da cabeça estão associadas à marcação da boca. Notou-se, portanto, que o participante marcou com uma alta percentagem as alterações na boca responsáveis por marcações sintáticas, porém não marcou, de forma sistemática, essas outras duas marcas associadas a modificações no contorno da boca. Especificamente em relação ao abaixamento das sobrancelhas, o intérprete apenas fez uso dessa ENM em enunciados negativos intensificados, ou seja, apenas para intensificar o sentido negativo desses enunciados, apesar de essa ENM não ter sido selecionada como relevante na análise quantitativa de Intensificação que será apresentada posteriormente.
- Franzimento da testa (33%), nessa análise franzimento das sobrancelhas, para marcação de Interrogativas Parciais: Quadros (2019) expõe que as interrogativas-QU estão associadas à marcação não manual QU, uma marcação que parece obrigatória, a não ser quando substituída por outras marcações que apresentam polaridade interrogativa (dúvida, por exemplo). Notou-se que nos enunciados em que o participante não produziu a ENM “Franzimento de testa” (Franzimento de sobrancelha), ele substituiu essa ausência pela marcação de polaridade interrogativa como pode ser observado na Figura 5.

Figura 5 – Marcação de polaridade interrogativa produzida manualmente



Fonte: Elaboração própria.

- Sobrancelhas Franzidas (33%) para marcação de imperativas: Como apresentado na análise de Amplitude, notou-se que a ENM “Sobrancelha Levantada” foi considerada relevante para marcação de enunciados imperativos. Logo, é possível que esse participante tenha feito um uso com variação de ambas as ENMs de Sobrancelha Franzida e Levantada para a marcação de enunciados imperativos.

Esses enunciados que tiveram uma baixa percentagem de marcação de ENMs foram apresentados para um outro surdo, não presente nesta análise, para que avaliasse se os considerava gramaticais ou não. Sua resposta foi a de que os enunciados são passíveis de compreensão, mas que, de fato, existe uma carência na expressão facial e movimentos corporais para melhor compreensão da modalidade desses enunciados (negativo, interrogativo parcial e imperativo, respectivamente).

No entanto, mesmo se houvesse uma alta percentagem na marcação dessas ENMs pelo intérprete, ainda assim o participante Surdo teria marcado os enunciados conforme a bibliografia descrita.

5 Análise quantitativa e resultados estatísticos

A segunda análise feita para responder a hipótese deste trabalho foi a análise quantitativa com testes estatísticos sobre Duração e Amplitude dos sinais manuais e das ENMs, em que uma maior intensificação poderia ser expressa por uma maior amplitude e maior duração. Com o intuito de avaliar a existência de diferenças significativas entre médias de duração (bruta e normalizada) e amplitude dos sinais e ENMs em relação às variáveis independentes (a. Participante, b. Intensificação e c. Tipo de Frase), foram feitos dois testes ANOVA (Análise de variância) de dois fatores no programa R Core Team (2013). No primeiro, considerou-se

como fatores / variáveis independentes “Intensificação” e “Tipo de frase” na produção de cada participante (e.g., na produção específica do intérprete, averiguou-se a influência do tipo de frase em relação à duração da ENM “Sobrancelha franzida”).

Já no segundo teste, ambos participantes foram incluídos e considerados como variável independente. A interpretação dos resultados estatísticos foi feita através dos resultados para o nível de significância de 5%, com apresentação abaixo apenas dos resultados significativos. É importante destacar que, nos testes estatísticos, as amplitudes médias dos sinais manuais não foram significativamente distintas quanto ao Participante, Intensificação ou Tipo de frase.

5.1 Participante

A duração média bruta dos sinais manuais foi significativamente maior para o participante surdo (1470 ms) em relação ao intérprete (1250 ms). Porém, quando feita a mesma análise considerando a duração normalizada essa diferença deixou de ser significativa, assinalando que a distinção de duração bruta foi influenciada pela taxa de sinalização, mais lenta no Surdo.

Já a duração média normalizada foi significativamente maior referente à ENM “Tronco inclinado para direita”, em que a produção do intérprete (24,6%) se deu mais longa do que a do surdo (17,45%), e referente à ENM “Boca em arco para baixo”, em que a produção do intérprete (36%) também foi mais longa que a do surdo (7,6%).

A amplitude média das ENMs foi considerada significativa para as seguintes ENMs: “Olhos Cerrados”, em que o surdo as ampliou com uma média de 2,3 em contraste com o intérprete que ampliou com grau 1,6. O mesmo ocorreu com a ENM “Ombros encolhidos”, em que o participante surdo obteve uma média de 2,7 e o intérprete uma média de 1,4., e “Balanceamento da cabeça para frente e para trás (SIM)”, em que o intérprete produziu uma média de 1,7, enquanto o surdo produziu uma média de 1,3.

Em suma, os resultados iniciais indicam que o intérprete prolongou mais sua produção das ENMs “Tronco inclinado para direita” e “Boca em arco para baixo” em milissegundos e produziu a ENM “Balanceamento da cabeça para frente para trás” com movimentos mais amplos, enquanto o surdo ampliou mais as ENMs “Olhos cerrados” e “Ombros encolhidos”.

5.2 Intensificação

A duração média bruta dos sinais manuais foi significativamente maior para os sinais intensificados (1660 ms) em comparação a sinais categorizados como Outra (1150 ms), isto é, outros enunciados que não estavam nas categorias afirmativa e negativa, neutra ou intensificada, em que o participante surdo produziu os sinais intensificados com uma duração média de 1 segundo e 830 ms e o intérprete com uma média de 1 segundo e 480 ms. Porém, quando foi feita a mesma análise considerando a duração normalizada dos sinais, essa diferença deixou de ser significativa.

Já a duração média normalizada foi significativa apenas em relação à ENM “Balanceamento da cabeça para os lados (movimento de ‘não’)”, em que ambos os participantes produziram os sinais neutros (sem intensificação) com maior duração (48%) do que os sinais intensificados (25%) e os categorizados como Outra (23%). É importante destacar que a produção de duração normalizada dessa ENM pelo intérprete também foi considerada significativa, uma vez que ele produziu os sinais neutros (53,6%) com maior duração do que os enunciados intensificados (27%).

Já o participante surdo produziu os enunciados neutros (42,6%) com uma diferença de 19% dos enunciados intensificados (23,5%). A ENM “Balanceamento da cabeça para os lados” está presente, apesar de não ser obrigatória, em frases negativas, estando presente também na modalidade intensificada. Ambos os participantes para produzirem as negativas intensificadas, realizaram a intensidade primeiro e depois a negação. Por exemplo, ELE ESTUDAR-MUITO / NÃO.

Assim, a diferença de duração de sinais intensificados e não intensificados pode ter se dado devido aos enunciados intensificados negativos terem sido produzidos com o balanceamento da cabeça para os lados de forma isolada e, portanto, de forma mais rápida, o que pôde ser observado em ambos os participantes. Porém, essa ENM pode estar presente também em afirmativas intensificadas, acompanhadas de ENMs faciais de intensidade, para representar intensificação, estando presente em 26,6% dos enunciados afirmativos intensificados de ambos os participantes.

Além dessa ENM, a ENM “Sorriso” produzida pelo intérprete foi significativa na análise de durações brutas, uma vez que ele a produziu com uma duração de 2410 ms em enunciados intensificados em contraste a 560 ms em enunciados neutros, enquanto o surdo a produziu com uma

média de 520 ms em enunciados intensificados e 1610 ms em enunciados neutros. É importante ressaltar que essas durações foram consideradas apenas enunciados assertivos afirmativos: a ENM “Sorriso”, assim como “Balanceamento da cabeça para frente e para trás”, é muito utilizada para expressar afirmação / confirmação e os enunciados afirmativos intensificados foram produzidos com uma maior duração do que os neutros, podendo representar uma maior ênfase e intensificação.

No entanto, esse resultado deixa de ser relevante na análise de durações normalizadas, assinalando que a diferença é mais função do tempo total de sinalização. Ademais, outra ENM relevante para essa análise foi a de “Cabeça voltada para direita” produzida pelo participante intérprete, o qual a produziu com uma duração de 58% dos enunciados categorizados em Outra em comparação aos enunciados Neutros (23,5%) e Intensificados (16%), enquanto o surdo a produziu com uma percentagem de 28% na categoria Outra. Como a categoria Outra engloba enunciados Imperativos, com Movimento de Topicalização e Interrogativos Parciais, seria necessário, portanto, uma análise mais aprofundada para averiguar qual tipo de enunciado foi responsável por esse resultado. Porém, é importante ressaltar que essa ENM não foi selecionada como relevante na análise de Tipo de Frase.

A amplitude média significativamente distinta foi produzida em relação às seguintes ENMs: 1^a) “Sobrancelha franzida”, em que ambos os participantes produziram sinais integrantes do grupo Outra com maior amplitude (2,75) do que o grupo Neutro (1,8), o participante intérprete produziu essa ENM com amplitude média de 2,4 em Outra, enquanto o surdo produziu uma média de amplitude de 3, 2^a) “Balanceamento da cabeça para frente e para trás (SIM)”, em que ambos os participantes a produziram com maior amplitude no grupo Outra (1,4) em comparação ao grupo Neutra (1,1), possuindo o intérprete uma produção média de 1,9 de amplitude em Outra e o surdo uma produção média de 1,4 e 3^a) “Sobrancelha Levantada” produzida pelo intérprete com diferença significativamente maior no grupo Outra (2,8) em comparação ao grupo “Intensificado” (1). Como apresentado anteriormente, o grupo Outra engloba enunciados imperativos, interrogativos parciais e com movimento de topicalização, sendo necessário uma outra análise para verificar quais desses tipos de enunciados seriam os responsáveis por uma produção mais ampla dessas ENMs.

Em suma, os resultados apresentados nessa seção indicam que a ENM “Balanceamento da cabeça para os lados” foi produzida de forma mais prolongada por ambos os participantes, provavelmente devido ao caso específico das negativas intensificadas, em que a intensidade é produzida separadamente da negação. A análise de amplitude das ENMs “Sobrancelha Franzida”, “Balanceamento da cabeça para frente e para trás” e “Sobrancelha Levantada”, por sua vez, requerem uma outra análise mais aprofundada dos tipos de frase responsáveis por essa amplificação. Essa análise pode ser observada na próxima seção em que foi feita a análise de amplitudes em relação à variável Tipo de frase.

5.3 Tipo de frase

A duração média normalizada dos sinais foi significativamente maior, para ambos os participantes, para o tipo de frase Negativa (42,7%) em relação a todas as demais, afirmativas (23,8%), imperativas (28,8%), interrogativas parciais (24,5%) e enunciados com movimento de topicalização (28,4%). Porém, quando essa mesma análise foi feita por participante, nota-se que, para ambos os participantes, há uma diferença significativa apenas entre os enunciados negativos (42,6%) em comparação a enunciados afirmativos (cerca de 24%) e interrogativos parciais (24,5%). Essa diferença pode ter se dado, devido a 2/3 dos enunciados negativos serem compostos apenas de dois sinais, o sujeito e o predicado negativo, enquanto todos os enunciados afirmativos e interrogativos parciais possuem 3 ou mais sinais.

As seguintes ENMs foram consideradas significativas na análise de durações médias:

- **Sobrancelha franzida:** Ambos os participantes produziram essa ENM com uma duração normalizada significativamente maior em enunciados imperativos (73%) em comparação a enunciados Afirmativos (20%) e Interrogativos parciais (44%). O participante intérprete fez uso dessa ENM em 91% do tempo total de um dos enunciados imperativos, enquanto o participante surdo fez uso dessa ENM com média de 67% da duração total dos enunciados. De fato, conforme visto anteriormente, a “Sobrancelha franzida” pode ser considerada uma ENM obrigatória para a produção de imperativas, que representam a expressão facial de ordem. Ademais, ambos produziram essa ENM com duração

significativamente maior também em enunciados negativos (49%) em comparação com enunciados Afirmativos (20%). O participante intérprete fez uso dessa ENM com uma média de 59% de um dos enunciados negativos, enquanto o participante surdo fez uso dessa ENM em 44% da duração total desses enunciados. Conforme Arrotéia (2005), o abaixamento das sobrançelas é uma ENM obrigatória para expressão de negação. O participante surdo, em específico, produziu essa ENM com uma duração significativamente maior, também, em enunciados interrogativos parcial (65%) em contraste com enunciados Afirmativos (19%), enquanto o intérprete teve uma produção desta ENM em 31% dos enunciados interrogativos parciais e 22% dos enunciados Afirmativos. Conforme Quadros, Pizzio e Rezende (2009), o franzimento das sobrançelas (ou franzimento da testa) também é característico de enunciados interrogativos.

- Cabeça inclinada para frente: Ambos os participantes produziram essa ENM com duração normalizada significativamente maior em enunciados imperativos (39%) em contraste com enunciados Afirmativos (17%), interrogativos parciais (14%) e negativos (17%). O participante intérprete produziu essa ENM em 29% dos enunciados imperativos e 24% dos enunciados negativos, enquanto o surdo a produziu em 45,6% dos enunciados imperativos e 14% dos enunciados negativos. Assim como a “Sobrançela franzida”, a “Cabeça inclinada para frente” é uma expressão muito comum em enunciados imperativos, expressando ordem.
- Balanceamento da cabeça para frente e para trás (sim): O participante intérprete produziu essa ENM com duração normalizada significativamente maior em enunciados Interrogativos Parciais (23%) em comparação a enunciados Afirmativos (10%), já o surdo produziu essa ENM em 9,7% dos enunciados interrogativos parciais e 14% dos Assertivos afirmativos. Essa diferença pode ser justificada devido à ENM “Balanceamento para frente e para trás” da cabeça representar, na Libras, afirmação / confirmação, e, quando essa ENM é produzida em conjunto com a ENM “Sobrançela franzida”, ela pode representar um marcador discursivo que expressa uma interrogação com intenção de confirmar se a informação dada é verdadeira ou não. Porém, essa diferença não foi significativa para o participante surdo,

demonstrando a não obrigatoriedade do uso dessa ENM em enunciados Interrogativos.

- Tronco inclinado para direita: Ambos os participantes produziram essa ENM com duração bruta significativamente maior em enunciados negativos e neutros (2,6 s) em comparação a enunciados negativos intensificados (910 ms) e interrogativos parciais categorizados em Outra (720 ms). Comparando a modalidade neutra e intensificada, como apresentado anteriormente, não é possível analisar o papel da intensificação nos enunciados negativos, uma vez que os participantes não produziram a negação sobre toda a intensificação. Ademais, quando se é feita a análise de durações normalizadas, esse resultado deixa de ser significativo.
- Olhos voltados para o sinal: Ambos os participantes produziram essa ENM com duração normalizada significativamente maior em enunciados Negativos (22%) em comparação aos enunciados Interrogativos parciais (8,25%), em que o intérprete produziu essa ENM com uma duração equivalente a 18% do enunciado negativo, enquanto o surdo a produziu com uma duração de 31% do enunciado negativo. Isso pode se dever ao fato de que ao negar algo, por exemplo, “JANELA SUJA-NÃO”, existe uma referência ao sujeito/objeto. O processo de referenciação no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização, considerando várias restrições. Segundo Baker-Shenk e Cokely (1980, p.227) e Loew (1984, p.12), esse local pode ser referido através de diversas formas no espaço, sendo uma delas o direcionamento da cabeça e os olhos (e talvez o corpo) em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo ou com a apontação para o substantivo. Dessa forma, os enunciados negativos construídos para o experimento são enunciados que requerem o estabelecimento do substantivo no espaço, enquanto os enunciados interrogativos parciais (perguntas QU-) requerem uma informação ainda não definida, e, portanto, sem necessidade de referência.

Como apresentado anteriormente na análise de amplitudes em Intensificação, ambos os participantes produziram as ENMs “Sobrancelha franzida”, “Balanceamento da cabeça para frente e para trás” e “Sobrancelha levantada” com maior amplitude na categoria Outra do

que em enunciados neutros ou intensificados. Na seguinte análise será possível averiguar quais tipos de enunciados (Imperativos, Interrogativos Parciais e com Movimento de Topicalização) podem ser os responsáveis por essa maior amplitude por parte dos participantes.

- Sobrancelha Franzida: essa produção foi selecionada como relevante, para ambos os participantes, em relação aos enunciados Imperativos (3,5) em contraste com os Assertivos afirmativos (1,8). O participante surdo, em específico, foi considerado significativo, uma vez que produziu essa ENM com uma amplitude de 3,6 em enunciados imperativos em contraste com uma média de 1,7 em enunciados afirmativos. O que indica, assim como a análise de durações, que a sobrancelha franzida é, de fato, uma ENM obrigatória para a produção de enunciados imperativos, exprimindo ordem.
- Balanceamento da cabeça para frente e para trás (sim): Essa ENM foi produzida com uma alta média de amplitude em Imperativas (2) em contraste com Afirmativas (1,2) por ambos os participantes, em que o intérprete produziu as Imperativas com uma média equivalente a 2,2 e o surdo com uma média de 1,8. Conforme o Curso de Libras Inilibras (2015), os enunciados imperativos são marcados por um movimento firme da cabeça para baixo, o que se assimila nessa análise ao balanceamento da cabeça para frente e para trás.
- Sobrancelha Levantada: As médias de amplitude da Sobrancelha levantada, por sua vez, foram consideradas consideravelmente maior em relação aos enunciados Imperativos (3) em comparação com enunciados Negativos (1,5), em que ambos os participantes produziram os enunciados Imperativos com uma média de 3. No entanto, o surdo produziu essa ENM em Imperativas apenas para a marcação de tópico, sem a intenção de marcar enunciados imperativos, enquanto o Intérprete a produziu em posição não topicalizada. Logo, é possível que essa ENM, em conjunto com outras, seja responsável pela marcação, não-obrigatória, de frases imperativas, manifestando ordem e estando em variação com a ENM “Sobrancelha Franzida”. Além disso, o participante surdo, em específico, foi considerado significativo, uma vez que produziu essa ENM com uma amplitude significativamente

maior em enunciados Afirmativos (2,8) em contraste com enunciados negativos (1,6) e com movimento de topicalização (1,5). Geralmente, a ENM “Sobrancelha Levantada”, em conjunto com o “Balanceamento da cabeça para frente e para trás”, pode marcar uma expressão de confirmação / asserção.

Além dessas, as seguintes ENMs foram relevantes na análise de amplitude:

- Cabeça inclinada para frente: A produção de médias de amplitude desta ENM foi selecionada como significativamente diferente entre enunciados Negativos (3,6) e Afirmativos (1,8), em que o intérprete produziu as Negativas com uma média equivalente a 3 e o surdo com uma média de 4. Retomando a análise de durações, em que a Cabeça inclinada para frente poderia representar ordem, na Libras, ela também pode ser utilizada, em conjunto ao Balanceamento da cabeça para os lados e outras ENMs, para expressar um sentimento de reprovação/negação em relação ao conteúdo que está se expressando.
- Olhos cerrados: Essa ENM foi considerada significativa apenas para o participante surdo, em que houve uma diferença significativa entre enunciados Negativos (2,6) e Interrogativos Parciais (3) em contraste com Imperativos (1,4). Conforme a descrição de enunciados Negativos de Arrotéia (2005) e a descrição de enunciados Interrogativos Parciais de Quadros, Pizzio e Rezende (2009), a marcação de ambos os tipos de frase requer as ENMs “Abaixamento das Sobrancelhas” e “Franzimento da Testa”, neste trabalho descritas como “Sobrancelhas Franzidas”, e, como anteriormente apresentado, essas ENMs estão associadas a marcação tanto de enunciados Negativos quanto Interrogativos Parciais. Seguindo essa perspectiva, notou-se na produção de ambos os participantes a existência de ENMs que raramente são produzidas isoladamente: A “Sobrancelha franzida”, na maior parte das vezes, foi executada juntamente com a ENM “Olhos cerrados”, assim como a ENM “Sobrancelhas levantadas” quase sempre ocorria em conjunto com “Olhos arregalados”. O trabalho de Paiva *et al.* (2018, p.1139) expõe que as Interrogativas são marcadas pelo “franzimento das sobrancelhas, o apertar de olhos

e a inclinação do tronco”, descrição que vai na mesma direção do resultado aqui obtido. Dessa forma, é possível que a produção a ENM, tanto em enunciados Negativos quanto em enunciados Interrogativos Parciais seja possível de ser realizado, mas não seja obrigatório, uma vez que essa ENM não foi considerada significativa para o intérprete.

- Cabeça voltada para baixo: Essa ENM foi selecionada como significativa apenas para o participante surdo, em que houve uma diferença significativa entre enunciados Imperativos (4) em contraste com Afirmativos (1,8). Na teoria, conforme a Apostila do Curso Inilibras (2015), é necessário realizar o “Movimento firme da cabeça para baixo” para marcação de enunciados Imperativos, neste trabalho também descrito como “Balanceamento da Cabeça para frente e para trás (SIM)”. Assim como a análise anterior, notou-se que essa ENM “Balanceamento da cabeça para frente e para trás” raramente está desassociada da ENM “Cabeça voltada para baixo”, podendo esta ser uma extensão da outra, uma vez que após o término do “Balanceamento da cabeça para frente e para trás”, os participantes, na maior parte das vezes, continuam com a cabeça voltada para baixo. Portanto, é possível que os enunciados Imperativos possam ser marcados com essa ENM, mas não de forma obrigatória, uma vez que essa ENM não foi considerada significativa para o intérprete.
- Balanceamento da cabeça para os lados: Essa ENM foi considerada significativa apenas para o participante surdo, em que houve uma diferença significativa entre enunciados Negativos (2,5) e Afirmativos (2,6) em contraste com Interrogativos Parciais (1,3). Como apresentado no trabalho de Arrotéia (2005), o “Balanceamento da cabeça para os lados (NÃO)” é uma ENM não obrigatória para a expressão de enunciados Negativos, o que é confirmado nessa análise. Já referente aos enunciados Afirmativos, notou-se que os participantes produziram esta ENM em enunciados Assertivos Afirmativos Intensificados, ou seja, apenas quando desejam expressar intensidade, por exemplo, “MARIA GOSTAR-MUITO FELIPE”. Apesar de essa ENM não ter sido considerada significativa para a análise de Intensidade, notou-se que ela é relevante para expressar uma maior intensidade, uma vez que é uma forma de ampliar os movimentos da cabeça.

Porém, como ela foi selecionada como significativa apenas para o surdo, o uso dela também parece não ser obrigatório.

- Tronco inclinado para direita: Essa ENM foi considerada diferente apenas para o participante surdo, em que houve uma diferença significativa entre enunciados Negativos (2,6) e com Movimento de Topicalização (3) em contraste com Interrogativos Parciais (1). Também houve diferença significativa entre Negativos (2,6) e Afirmativos (1,5). Assim como na análise de duração da ENM “Olhos voltados para o sinal”, em que o direcionamento dos olhos seria responsável por marcar um local referenciado no discurso em enunciados Negativos, o mesmo ocorre nesta análise, em que a posição do tronco, nesse caso voltado para direita, também faz uma marcação de um referente no espaço em enunciados Negativos que requerem esse tipo de referenciação. O mesmo ocorre em relação ao movimento de topicalização, em que existe a necessidade de marcar o tópico no espaço de sinalização.

Em suma, quanto às durações médias das ENMs, o participante intérprete prolongou as ENMs “Sobrancelha franzida” em Imperativas e Negativas e “Balanceamento da cabeça para frente e para trás” Interrogativas parciais, enquanto o participante surdo produziu maiores durações nas ENMs “Sobrancelha franzida” em Interrogativas parciais, “Cabeça inclinada para frente” em Imperativas e “Olhos voltados para o sinal” para referenciar substantivos em enunciados Negativos. Já quanto à amplitude média, apenas as ENMs “Sobrancelha levantada” (em Imperativas) e “Balanceamento da cabeça para frente e para trás” (em Imperativas) foram produzidas com maiores médias pelo intérprete, enquanto o participante surdo produziu maiores médias nas ENMs “Sobrancelha franzida” em Imperativas, “Cabeça inclinada para frente” em Negativas, “Olhos cerrados” em Negativas e Interrogativas Parciais, “Cabeça voltada para baixo” em Imperativas, “Balanceamento da cabeça para os lados” em Negativas e para expressar intensidade em Assertivas Afirmativas, e “Tronco inclinado para direita” para referenciar substantivos em enunciados Negativos e com Movimento de Topicalização.

6 Considerações finais

Em síntese, os resultados estatísticos de duração e amplitude vão ao encontro da literatura descritiva, na medida em que apontam ENMs responsáveis pela marcação de diferentes tipos de frase, como apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 – Resultados convergentes com a literatura descritiva de marcação de enunciados

Enunciado	ENM	Parâmetro mais relevante	Participante	Trabalho
Negativo	Sobrancelha Franzida	Duração	Ambos	Arrotéia (2005)
	Balanceamento da cabeça para os lados (Não obrigatório)	Amplitude	Surdo	
Imperativo	Sobrancelha Franzida	Duração / Amplitude	Ambos	Apostila Curso de Libras – Inilibras (2015)
	Balanceamento da Cabeça para frente e para trás (SIM)	Amplitude	Ambos	
Interrogativo Parcial	Sobrancelha Franzida	Duração	Surdo	Quadros, Pizzio e Rezende (2009)
	Olhos cerrados	Amplitude	Surdo	Paiva <i>et al.</i> (2018)

Fonte: Elaboração própria.

Já o resultado da análise qualitativa da marcação de Interrogativos Parciais (TABELA 4) diverge do achado em Quadros, Pizzio e Rezende (2009), uma vez que ambos os participantes marcaram as Interrogativos Parciais com o “Franzimento de sobrancelha” e “Elevação da cabeça” apenas nos pronomes interrogativos, enquanto o estudo descreve a marcação desses Interrogativos Parciais com essas ENMs durante toda a frase. Esse resultado pode ser avaliado, futuramente, em outro estudo que analise, especificamente, enunciados interrogativos parciais.

Para além da literatura descritiva, é possível observar que algumas ENMs, têm potencial de serem obrigatórias na marcação dos tipos de enunciados aqui apresentados, uma vez que foram selecionadas como significativas nos testes estatísticos para ambos os participantes,

sendo elas “Cabeça inclinada para frente” para marcação de enunciados Imperativos e “Cabeça inclinada para frente” e “Olhos voltados para o sinal” (marcação referencial no espaço) para marcação de enunciados Negativos.

A Tabela 6 apresenta ENMs significativas apenas para um dos participantes e, portanto, categorizadas neste trabalho como, em princípio, “não obrigatórias”. Nota-se que essas ENMs também foram marcadas em maior número pelo participante surdo. No entanto, pelo fato de o participante surdo possuir a Libras como língua materna, é importante reavaliar o aspecto da “não-obrigatoriedade” das seguintes ENMs produzidas por ele, se fazendo necessário averiguar esse papel em um estudo futuro.

Tabela 6 – ENMs significativas para apenas um dos participantes

Enunciado	ENM	Análise	Participante
Afirmativo	Sobrancelha Levantada	Amplitude	Surdo
Afirmativo intensificado	Balanceamento da cabeça para os lados	Amplitude	Surdo
Negativo	Olhos cerrados (Relacionada ao franzimento da sobrancelha/testa)	Amplitude	Surdo
	Tronco inclinado para direita (ou esquerda) (marcação referencial no espaço)	Amplitude	
	Balanceamento da cabeça para os lados	Amplitude	
Imperativo	Cabeça voltada para baixo. (Relacionada ao balanceamento da cabeça para frente e para trás)	Amplitude	Surdo
	Sobrancelhas Levantadas	Amplitude	Intérprete
Interrogativo Parcial	Olhos cerrados. (Relacionada ao franzimento da sobrancelha/testa)	Amplitude	Surdo
	Balanceamento da cabeça para frente e para trás (marcador discursivo que expressa uma interrogação com intenção de confirmação)	Duração	Intérprete
Movimento de Topicalização	Tronco inclinado para direita (ou esquerda) (marcação referencial no espaço)	Amplitude	Surdo

Fonte: Elaboração própria.

A hipótese inicial que motivou este trabalho, e que foi delineada na Introdução, era a de que o sinalizante fluente em Libras como L2 (intérprete) poderia enfatizar mais sua produção no nível das ENMs do que o sinalizante fluente como L1 (surdo), levando em consideração a questão da identidade com uma L2 e a intensificação das ENMs por razões didáticas. Conforme Xavier (2017) demonstra, o processo de intensificação é realizado por meio do aumento da trajetória e/ou número de repetições e/ou retardamento da soltura, o que recai diretamente sobre a duração.

Na análise quantitativa deste trabalho, foram analisadas as variáveis Amplitude (aumento da trajetória) e Duração, sem considerar isoladamente o número de repetições e retardamento da soltura. Referente à Amplitude, o participante Surdo ampliou um número consideravelmente maior de ENMs do que o participante Intérprete, o qual, no entanto, produziu algumas ENMs ocupando mais tempo do que o Surdo, porém essa diferença não foi tão relevante como na análise de Amplitude, devido a diferenças na taxa de sinalização.

Logo, é possível afirmar que o participante surdo ampliou mais a sua produção de ENMs, e produziu as ENMs obrigatórias de forma mais sistemática, do que o participante intérprete, contrariamente à hipótese inicial. Porém, se faz importante averiguar, em uma análise futura, o papel das variáveis “número de repetições” e “retardamento da soltura” para o processo de intensificação das ENMs.

Uma vez que as variáveis sociais sexo, faixa etária, região em que viveram a maior parte da vida, classe social, escolaridade, fluência em Libras, idade de aprendizado de Libras, contexto de uso da Libras, ocupação relacionada à Libras e frequência de uso de Libras foram neutralizadas neste experimento, seria possível inferir que esse resultado estaria diretamente relacionado ao fato de a Libras ser a língua materna / primeira língua do surdo.

De todo modo, parece-nos indubitável que os resultados aqui apresentados, principalmente quando somados a outros estudos, contribuem para destacar a relevância da metodologia da Fonética Experimental para os estudos de aquisição de L2, com foco em características linguísticas essenciais para uma boa produção / fluência da segunda língua, assim como evidenciar a importância do ensino da prosódia para aprendizes de Libras como L2.

Agradecimentos

Eu, Letícia Kaori Hanada, agradeço ao querido Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa pela orientação e empenho dedicado ao projeto e por todo seu apoio, paciência e carinho, ao Gabriel Ferreira, estudante do curso de Sistemas de Informação da UFU pela colaboração e suporte com o uso de programas, a todos os 9 participantes que possibilitaram a realização dessa pesquisa, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2019/14326-1, que fomentou todas as etapas deste trabalho, e, finalmente, ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) que sediou e apoiou toda a atividade científica realizada.

Declaração de autoria

Este artigo é o resultado de uma monografia desenvolvida pela primeira autora e orientada pelo segundo autor, em que ambos participaram na construção, formação e escrita do estudo, assumindo responsabilidade pública pelo conteúdo deste.

Referências

ARROTEIA, J. *O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. 2005. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BAKER-SHENK, C.L.; COKELY, D. *American Sign Language: A Teacher's Resource Text on Grammar and Culture*. Silver Spring: T.J. Publishers, 1980.

BARBOSA, P. A. *Prosódia*. São Paulo: Parábola, 2019.

BATTISON, R. *Phonological Deletion in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. In: BATTISON, R. *Sign Language Studies*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1974. p. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.1353/sls.1974.0005>

BOLINGER, D. *Degree words*. Berlim; Boston: Walter de Gruyter, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110877786>

CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

ELAN: The Language Archive (Version 5.4) [Computer software]. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan/previous>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. (org.). *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 211-242.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Informativo Técnico-Científico do INES*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.

FRIEDMAN, L.A. Phonological Processes in the American Sign Language. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1^{st.}, 1975, Berkley, CA. *Proceedings* [...]. Berkley: University of California, Berkley, 1975. p. 147-159.

INILIBRAS, Instituto de Educação e Cultura. *Apostila Curso de Libras*. Revista 7, 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/82768759/alfabeto-manual-ou-datilogia>. Acesso em: 29 mar. 2021.

LIDDELL, S. K. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Washington: Gallaudet University, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511615054>

LOEW, R. *Roles and Reference in American Sign Language: A Development Perspective*. 1984. Dissertation (PhD) – University of Minnesota, Minneapolis, 1984.

Movavi Video Editor. Disponível em: https://www.movavi.com/pt/videoeditor/?gclid=CjwKCAiAudD_BRBXEiwAudakX8rBUpxU4jVVgAjJbM8xTmFcCIJR8zHE8qzdBYa2_GQMxmlqQU1w9KBoC2nYQAvD_BwE. Acesso em: 29 mar. 2021.

PAIVA, F.; BARBOSA, P.; DE MARTINO, J.; WILL, A. D.; OLIVEIRA, M. R. N. S.; R. SILVA, I.; XAVIER, A. N. Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em libras. *DELTA*, São Paulo,

v. 34, n. 4, p.1135-1158, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445069907579551549>

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais II*. Material didático do curso de Letras-Libras a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R. *Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

R Core Team. R: A Language and Environment for Statistical Computing. *Sign Language & Linguistics*, Viena, 2013. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/sll>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SANDLER, W. Visual Prosody. In: PFAU, R. et al. (ed.). *Sign Language: An International Handbook*. Berlin: De Gruyter, 2012. p. 55-77. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110261325.55>

STOKOE W. C., Jr. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, Oxford, v. 10, n. 1, p. 3-37, 1960. DOI: <https://doi.org/10.1093/deafed/eni001>

WILBUR, R. B.; MALAIA, E.; SHAY, R. A. Degree Modification and Intensification in American Sign Language Adjectives. In: GAMUT, L. T. F. (ed.). *Logic, Language and Meaning*. Heidelberg: Springer, 2012. p. 92-101. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-642-31482-7_10

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. *Aprender a ver o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Tradução Tarcísio de Arantes Leite. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005. (Coleção Cultura e Diversidade)

XAVIER, A. N. A Expressão de Intensidade em Libras. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 36, p. 1-25, 2017.

XAVIER, A. N. *Uma ou duas? Eis a questão?* Um estudo do parâmetro número de mãos a produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. 157f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.



Multimodal metaphors and metonymies in Soviet anti-alcohol posters: the role of the image of the bottle and (de)personification

Metáforas e metonímias multimodais nos cartazes Soviéticos antialcoolismo: o papel da imagem da garrafa e a (des)personificação

Erica Pinelli

University of Pavia, Pavia / Italy

erica.pinelli@unipv.it

<http://orcid.org/0000-0001-9729-1075>

Abstract: In the last decades there has been a proliferation of studies investigating metaphors and metonymies, as they are defined in the Conceptual Metaphor Theory. Recently, increasing attention has been paid to multimodal metaphors and metonymies and to their persuasive role in both commercial and social advertisements. In this paper we analyze Soviet anti-alcohol posters published during the Gorbačëv's anti-alcohol campaign (1985-1988), and we investigate the role of a central pictorial element, i.e. the bottle, that metonymically gives access to the concepts of alcohol or alcoholism. In anti-alcohol posters of the '80s, the bottle's metonymic image often interacts with other metaphorical processes. In particular, we focus on the interactions between the metonymies triggered by both pictorial and verbal use of the bottle (bottle metonymies) and the process of (de)personification undergone in these specific contexts. In some posters, the bottle is personified to convey the message that alcohol can damage people's private lives by substituting for their loved ones and taking their rightful place. In some other posters, a human alcoholic is represented as a bottle, showing that alcoholism makes people lose their human features. The interactions between the metonymic image of the bottle and (de)personification processes play a central role in Soviet anti-alcohol posters and aim to demonstrate the destructive effects of alcohol abuse on drinkers' private and social life.

Keywords: Soviet anti-alcohol posters; metaphor; metonymy; multimodality; Russian.

Resumo: Nas últimas décadas, houve uma proliferação de estudos relativos à metáfora e à metonímia, segundo a definição da Teoria da Metáfora Conceitual. Recentemente, uma crescente atenção tem vindo a ser dedicada às metáforas e metonímias multimodais e ao papel persuasivo que desempenham na publicidade comercial e social. Neste trabalho, analisamos os cartazes soviéticos antialcoolismo publicados durante a campanha de propaganda de Gorbaçëv contra o consumo de bebidas alcoólicas (1985-1988). De modo particular, interessa-nos o papel central de um elemento pictórico, a garrafa, metonímia que se traduz como os conceitos de álcool ou alcoolismo. Nos cartazes anti-alcoolismo dos anos oitenta, a imagem metonímica da garrafa entra frequentemente em interação com outros processos metafóricos. Nosso estudo vai precisamente focalizar a interação entre as metonímias desencadeadas por meio do uso pictório e/ou verbal da garrafa e o processo de (des)personalização ocorrido nesses contextos específicos. Alguns cartazes apresentam a garrafa como personificação para transmitir a mensagem de que o álcool é prejudicial para a vida privada dos indivíduos, pois pode manifestar-se enquanto um substituto dos entes queridos e levar às ações que independem da vontade do sujeito. Outros cartazes mostram a pessoa alcoolizada representada enquanto uma garrafa, para demonstrar que o alcoolismo destrói características humanas. A interação entre a imagem metonímica da garrafa e os processos de (des)personalização desempenha um papel primordial nos cartazes antialcoolismo soviéticos e visa representar os efeitos negativos do abuso de álcool na vida privada e social dos indivíduos.

Palavras-chave: cartazes antialcoolismo soviéticos; metáfora; metonímia; multimodalidade; russo.

Submitted on February 2th, 2021

Accepted on May 31th, 2021

1 Introduction

In the Conceptual Metaphor Theory elaborated by Lakoff and Johnson (1980) within the cognitive linguistics framework, metaphors and metonymies are not considered as mere rhetorical devices, but as cognitive processes which allow us to understand and conceptualize the surrounding world. Both these two cognitive processes are extremely powerful tools that, by highlighting the desired aspect, can convey a specific message in an indirect, but more persuasive way. In the last decades, much attention has been paid to multimodal metaphors and metonymies, i.e., in which more than one mode is involved. In particular, several studies have focused on the use and function of verbo-pictorial metaphors and metonymies in both commercial and social advertisements

(FORCEVILLE, 1996, 2007, 2009; PÉREZ SOBRINO, 2017, among others). In this study, we focus on multimodal metaphors and metonymies used in anti-alcohol posters published in the '80s in the Soviet Union in order to dissuade Soviet people from alcohol consumption.

In the Soviet Union, alcoholism was always one of the major social problems and, from 1917 onwards, several anti-alcohol campaigns were carried out by the Soviet State with the aim of reducing alcohol consumption. The last Soviet *suchoj zakon* 'dry law' was approved by the Politburo and the Central Committee in May 1985(-1988), only a few months after Michail Gorbačëv became General Secretary of the Communist Party. The Gorbačëv anti-alcohol measures were designed to decrease alcohol production, further restrict alcohol sales, increase the price of alcoholic beverages and impose sanctions for drunkenness in public and, in particular, at the workplace (BHATTACHARYA *et al.*, 2013, p. 237). The positive results recorded at the beginning, such as a decrease in alcohol consumption, reduction in criminality rates and rise in life expectancy, were followed by negative consequences: the economic loss for the State was extremely high while the dissatisfaction of people with the unavailability of alcohol encouraged bootlegging and moonshine production to proliferate (BAGDASARJAN, 2004; TARSCHYS, 1993; TRANSCHEL, 2003).

In order to support unpopular radical Gorbačëv's anti-alcohol policies that aimed at total sobriety, the Soviet State promoted propaganda campaigns and education programs. One of the most widespread mechanisms for anti-alcohol propaganda was a special kind of social poster, the *antialkogol'nyj plakat*, i.e. anti-alcohol poster. As a conflation of images and words, the *plakat* is an interesting object of study which allows investigation of how multimodal cognitive processes, in particular metaphors and metonymies, interact with each other to convey a specific social message.

In the vast majority of anti-alcohol posters, the "bottle" is the immediate pictorial element used to introduce the issue of alcoholism. In Soviet anti-alcohol posters published in the '80s, the metonymic and metaphorical images of the bottle are abundant and diverse; in particular, in posters published during the Gorbačëv's campaign, there are frequent and various pictorial interactions between the images of the bottle and of the human body that aim to draw attention to the negative effects of alcohol abuse on people's private and social lives (PINELLI, 2020).

The present analysis focuses on Soviet anti-alcohol posters published in Russia (RSFSR) from 1985 until 1988, in which the image of the bottle, metonymically referring to alcohol or alcohol consumption, also functions as the source or the target of a basic, but powerful, metaphorical process, i.e. (de)personification. In these posters, the metonymic and metaphorical use of the bottle, which pictorially interacts with the image of the human body, activates negative associations and aims to discourage alcohol consumption.

The paper is organized as follows. In section 2, we discuss the role of multimodal metaphors and metonymies in social advertising. In Section 3, we focus on Soviet anti-alcohol posters and discuss the central role of the bottle metonymy. We then investigate the metonymic shifts triggered by the pictorial bottle (Section 4) and how these can interact with (de)personification processes (Section 5) in Soviet anti-alcohol posters. In particular, we analyze posters in which the bottle, and metonymically alcohol or alcoholism, is personified (Section 5.1) and those in which the image of the bottle is used to depersonify the alcoholic (Section 5.2 and 5.2.1). In Section 6, we offer some concluding remarks.

2 Multimodal metaphors and metonymies in social advertising

In the last decades, several scholars (FORCEVILLE, 1996, 2007, 2009; FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009; PÉREZ SOBRINO, 2017, among others) have focused on multimodal metaphors and metonymies and have shed new light on the cognitive nature of these processes. Multimodality has been considered by cognitive linguists as a piece of evidence that, as Lakoff and Johnson (1980) claimed, metaphors and metonymies are not just a matter of language, but also a matter of thought. A multimodal metaphor is defined by Forceville (2009, p. 24) as a metaphor “whose source and target are each represented exclusively or predominantly in different modes”. In contrast to metaphor, metonymy involves only one conceptual domain, and a multimodal metonymy is defined as a “mapping that affords access to one concept by calling up another concept within the same domain, in a process that involves a mode shift” (PÉREZ SOBRINO, 2017, p. 97).

A particularly suitable object for multimodal analysis is commercial advertising because, as Forceville (1996) observed, its aim is not ambiguous: it promotes a certain product by highlighting its positive features and evoking positive connotations. Moreover, several studies have

also confirmed the persuasive power of metaphors and metonymies in advertising. Metaphors make indirect claims and comparisons and “render the consumer more receptive to multiple, distinct, positive inferences about the advertised brand” (MCQUERRIE; PHILLIPS, 2005, p. 7); in particular, visual metaphors are more effective because “inferences are more likely to be generated spontaneously at the time of ad exposure” (MCQUERRIE; PHILLIPS, 2005, p. 7). Like metaphors, metonymies also play a central role in advertising: it has been observed that in multimodal texts, metonymy is pervasive and that the interactions between metaphor and metonymy are even more complex than in verbal discourse (PÉREZ SOBRINO, 2017). The role of multimodal metaphors and metonymies has been widely investigated in different kinds of advertising, such as print and TV commercials (FORCEVILLE, 1996, 2007; FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009; NEGRO ALOUSQUE, 2014; PÉREZ SOBRINO, 2017; among many others). Social advertising, although it has been investigated as a special kind of commercial, has only more recently attracted the attention of scholars who have focused on its distinctive characteristics (BOLOGNESI, 2019; PÉREZ SOBRINO, 2016).

Although social advertising shares several features with commercials, there are also some differences. In several social campaigns, such as those against alcohol abuse, the aim is not to persuade but to dissuade from dangerous and unhealthy habits, for example, drinking alcohol, and, consequently, negative rather than positive features of the targeted undesirable behavior are mapped in order to promote negative inferences. However, as with commercials, social advertisements must be compelling and often make extensive use of multimodal metaphors and metonymies.

Another distinguishing feature of social advertising is that it does not promote a concrete product, but rather something abstract, such as an attitude or an idea, with the goal of raising awareness about specific, but non-tangible, issues. Bolognesi and Vernillo (2019) observe that this characteristic of social advertisements, as for commercials promoting abstract products such as services, has consequences for the structure of the advertisement itself: although abstract, the promoted concept needs to be pictorially represented in the ad by a concrete element (BOLOGNESI; VERNILLO, 2019, p. 26). For this reason, metonymy plays a crucial role in social advertisements: a concrete pictorial element is needed to refer metonymically to the abstract target concept. As we will show in

Sections 3 and 4, this explains why it is that in anti-alcohol posters, the image of the bottle is a recurrent concrete pictorial element used to refer metonymically to the abstract issue of alcohol abuse.

While metaphors have been widely investigated, the central and pervasive role of metonymy has only recently been acknowledged (among others LITTLEMORE, 2015). At different linguistic levels and in different modes, metonymy is a “suggestive, powerful and economical meaning-making device” (LITTLEMORE, 2015, p. 122). Analyzing the role of metonymy in conversation, Panther and Thornburg (1998) claim that such general conceptual relations as cause-effect or part-whole constitute “natural inference schemata” and draw the participant in a conversation to make the inferences necessary to understand the utterances. The use of these schematic metonymic relations, which are easily retrievable by the viewer, allows a rapid and effective interpretation of the message. Moreover, Barcelona (2009, p. 369) observes that metonymy has an inference-guiding function that allows and facilitates meaning construction. This is possible because metonymic inferences, based on conceptual contiguity, are so well-established that they are almost automatic (GIBBS, 1994; LANGACKER, 1993; RADDEN, 2005).

One of the most significant metonymic mappings used in several health issue campaigns, and also in anti-alcohol posters, is the cause-effect metonymy. The cause-effect metonymy, based on one of the most relevant contiguity relations, i.e. the causal relation, is used in advertising for persuasive purposes (LITTLEMORE, 2015, p. 117). For example, Denroche (2014, p. 119-120) observes that the texts and images on cigarettes packages, such as “Smoking causes fatal lung cancer” and smoke-damaged lungs photographs should be considered instances of cause-effect metonymic relations. Similarly, Herrero Ruiz (2006) analyzes Spanish and English drug-prevention ads and identifies both the CAUSE FOR EFFECT and the EFFECT FOR CAUSE general metonymies that are instantiated by more specific ones, such as DRUG CONSUMPTION FOR IMPRISONMENT (in a billboard in which syringes are the bars of prison) and DEATH FOR DRUG CONSUMPTION (in a billboard with a prostrate skeleton) (HERRERO RUIZ, 2006, p. 182-183). As often happens both in commercials and in social advertising, the cause-effect metonymic mapping provides the basis for making sense of the whole advertisement.

Moreover, several studies (RADDEN, 2003, 2005) show that metaphors very often rely on metonymic relations. In his analysis of

pain-relieving cream advertisements, Serrano Losada (2015) observes that pain is metaphorically understood and pictorially represented as a sharp object (PAIN IS A SHARP OBJECT metaphor). He further observes that this metaphor, widely used in the linguistic description of pain, is based on a cause-effect metonymy: sharp objects, such as knives or stubs, can cause physical damage and, consequently, pain.

Metaphors and metonymies can interact with each other in several different ways, in both verbal and pictorial modes (BARCELONA, 2003; DIRVEN; PÖRINGS, 2002; FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009; PÉREZ SOBRINO, 2017; RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ; GALERA MASEGOSA, 2014 among others), but for the present discussion, we will use the broad term metaphonymy, that generally refers to an interaction between these two cognitive processes (GOOSENS, 1990). Pérez Sobrino (2016, p. 271) observes that metaphonymies are frequent in advertising because they do not require excessive efforts to be interpreted and yet, at the same time, achieve quite a high degree of effectiveness. Moreover, advertising campaigns promoted by Non-Governmental and nonprofit organizations show a significant preference for metaphonymies (PÉREZ SOBRINO, 2017, p. 170). It is then not surprising that metaphonymies are also extensively used in social issues campaigns that aim to be both effective and simultaneously clear and unambiguous.

3 Soviet anti-alcohol posters and the BOTTLE metonymy

The *plakat* ‘poster’ (pl. *plakaty*) is considered one of the most important Russian cultural products, particularly widespread and significant in Soviet society from the October Revolution onward. Although there were many stylistic and thematic changes throughout Soviet times, *plakaty* played a central role in Soviet culture as a medium for ideological, political and social propaganda. The typical merger of images and short texts in posters was inherited from the tradition of Russian popular prints, the *lubki*, that dates back to the XVII century (BUVINA; CURLETTO, 2015). Among the antecedents of *plakaty*, White (1988) mentions, together with *lubki*, satiric journals and pre-revolutionary advertising, an even more ancient source, namely icons, from which early revolutionary *plakaty* inherited the use of colors. This legacy made the *plakat* extremely efficient for conveying both political and social messages because the visual language they used was familiar

and accessible to people from all social classes of the recently established Soviet State (BONNEL, 1997; WHITE, 1988).

In particular social posters aimed to sensitize Soviet people to certain social issues, such as, for example, literacy, sports, and healthy life habits; the issues addressed in posters shifted over time to focus on the most urgent ones of the society of their time (IGOŠINA, 2009). The political and social changes brought about by the Gorbačëv's *perestrojka* were also reflected in social posters in which, particularly between 1985 and 1988, the fight against alcohol consumption became paramount. Although the problem of alcoholism had been addressed in plenty of *lubki* since the XVIII century, in the 1980s, there was an unprecedented proliferation of *antialkopol'nye plakaty* to support the Gorbačëv's anti-alcohol campaign (BUVINA, 2014, p. 84-86).

As mentioned in Section 2, social advertisements, although they address abstract issues rather than tangible products, still require a concrete element that can be depicted in the ad and can thus introduce the topic through a metonymic reference. An almost ubiquitous pictorial element in anti-alcohol posters is the bottle.¹ Analyzing Latvian posters and advertisements, Veinberga (2014) observes that the multimodal metonymic image of the bottle has been used in several advertising campaigns over time. Following Naciscione (2010), Veinberga claims that the sustainability² and the interdiscoursal³ use of the visual image,

¹ In some posters the metonymic bottle is replaced by the drinking glass that, like the bottle, refers metonymically to alcohol or alcoholism. However, the image of the glass can also be used to allude to the first phase in the process of alcohol addiction; thus alcoholism is often represented as a multiplicity of glasses. In those cases in which the images of the glass and the bottle coexist, the glass represents the initial phase of alcohol addiction process, while the bottle represents the final phase (alcoholism) (PINELLI, 2020).

² Naciscione (2010, p. 9) defines the sustainability of phraseological image in discourse as “the spread of a phraseological image over a length of text in sequential segments as part of the interrelated web of the discourse. (...) A phraseological unit may extend across sentence boundaries and even larger stretches of text, creating continuity, a network of unique interrelationships of figurative and direct meanings, and associative links. Sustained stylistic use reflects extended figurative thought and contributes to perception of the text as a cohesive and coherent entity.”

³ With the term “interdiscoursal” Veinberga (2014, p. 182) refers to “sustainable visual use across advertisements or advertising campaigns”.

in this case, of the bottle, “play a significant role in thinking and conceptualisation of experience” (VEINBERGA, 2014, p. 190).

In Russian, as in many other languages, there are several phraseological units in which the bottle is metonymically used to refer euphemistically (“euphemistic metonymy”, VEINBERGA, 2014, p. 183) to alcohol consumption and abuse such as, for example, in *zagljadyvat’/zagljanut’ v butylku* ‘be fond of the bottle, lit. have a look in the bottle’ or *ne vrag butylki* ‘lit. not to be enemy of the bottle’.⁴

The pictorial representation of the bottle in anti-alcohol posters is very often novel and creative and does not necessarily need to be motivated by a preexisting linguistic expression; however, sometimes, the metonymic and metaphorical representation of the bottle in pictorial mode harmonizes with its use in phraseology. For example, in several Soviet anti-alcohol posters (see Section 5.1), as well as in Russian phraseological units such as *podružit’sja s butylkoj* ‘to make friend with the bottle’ or *provodit’ vremja s butylkoj* ‘to spend time with the bottle’,⁵ the BOTTLE metonymy and the COMPANION metaphor are used together to refer to alcohol abuse and represent the alcoholic as a “friend of the bottle”. Thus, preexisting phraseological items and pictorial representations reinforce each other and enhance the automaticity with which the metonymic image is interpreted. Yus (2009, p. 166) claims that, although there do not appear to be differences between visual and verbal metaphors in terms of how they are interpreted, when visual metaphors “seem to include an anchorage of previously used verbal metaphors (...)”, the process of comprehending the message can be speeded up.

Whether preexisting verbal anchorages exist or not, the image of the bottle plays a central role in anti-alcohol posters. In this paper, we analyze in detail how the bottle image is used to dissuade Soviet people from alcohol consumption. For the present study, we considered Soviet anti-alcohol posters published in Russia (RSFSR) between 1985 and 1988,⁶ in which the metonymic image of the bottle interacts with other verbal or pictorial elements that trigger, directly or through

⁴ These phraseological units have been retrieved in the Russian phraseological dictionary edited by Tichonov (2004).

⁵ See footnote 4.

⁶ The anti-alcohol posters analyzed in this paper have been retrieved in Murray and Sorrell (2007).

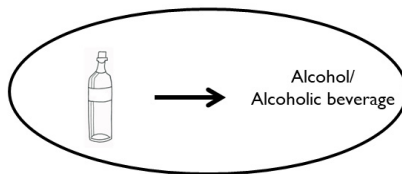
context, a metaphorical process of personification or depersonification. In the following sections, we detail different metaphonymic uses of the bottle; we first address metonymic shifts undergone by the pictorial bottle (Section 4) and then go on to focus on the metaphorical processes of personification and depersonification (Section 5).

4 The multimodal BOTTLE metonymy in Soviet anti-alcohol posters

In Soviet anti-alcohol *plakaty* the image of the bottle often functions as the source domain for multimodal metonymy and introduces the issue of alcoholism. However, the boundaries of this metonymic shift in context are not always clear (cf. LITTLEMORE, 2015, p. 53). Although in some posters the reference of the metonymy remains vague, we have tried to identify the possible metonymic shifts by attending to the message conveyed and by concentrating on pictorial elements and verbal anchorages in the posters.

The most basic metonymic shift identified in the analyzed Soviet anti-alcohol posters is the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy. Owing to this metonymic shift, partially based on the CONTAINER-CONTENT metonymy, the bottle stands for alcoholic beverage in general, as represented in Image 1.

Image 1 – BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy



Source: Prepared by the author.

The communicative context of the anti-alcohol campaign triggers the metonymic reduction process from the container (the bottle) to a specific kind of content (alcoholic drink) that must be activated in order to interpret the poster correctly. In some cases the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy is made explicit by a verbal element; for example, the pictorial bottle can show a label with the name of the alcoholic drink contained, such as *vodka* ‘vodka’ or *vino* ‘wine’ (see for example Image 3 in Section 5.1). In other cases, the reference to the alcoholic drink is not integrated

into the image, but given in the title. Whether integrated in the image or not, if these verbal elements (*vodka*, *vino*) occur in the poster, they must be in turn interpreted metonymically (metonymic expansion) and refer to alcoholic drink (alcohol) in general. In these cases, in order to unequivocally identify the correct reference, i.e. alcoholic beverages in general, two reverse metonymic processes are activated: the pictorial bottle triggers a narrowing process to a specific kind of content, while the text initiates a broadening operation from a specific alcoholic drink (vodka or wine) to a more general referent, alcohol.

In some other posters, the metonymic shift goes further, and, thanks to a metonymic chain, the bottle refers to the abstract concept of alcoholism, as represented in Image 2.

Image 2 – BOTTLE FOR ALCOHOL FOR ALCOHOLISM metonymic chain



Source: Prepared by the author.

Multimodal metonymic chains are a combination of two or more multimodal metonymies, in which the target concept of the first metonymic shift functions as the source concept for the second metonymic operation (PÉREZ SOBRINO, 2017). In Image 2, the CONTAINER-CONTENT metonymy, through which the bottle stands for alcohol, interacts with another metonymy, whose source domain is, in turn, the alcoholic beverage. The second metonymy allows a shift from a concrete entity to an abstract activity, i.e. from alcoholic beverage to alcoholism. In several posters, there are textual cues that illustrate this metonymic chain: the coexistence of verbal elements that refer to alcoholic beverages (such as *vodka* or *vino*) and verbal elements that refer to alcoholism, such as *p'janstvo* ‘alcoholism’, make the two chained metonymies explicit (see for example Image 5 in Section 5.1). Although textual anchorages can specify the boundaries of the metonymy and facilitate the association between the bottle and its referent, we can also infer an immediate

association between the bottle and alcoholism: these two concepts, one concrete and one abstract, are part of the same frame and are linked by the INSTRUMENT FOR ACTIVITY metonymy (bottle for drinking), which is also reinforced by the metonymic usage of the Russian verb *pit'* 'to drink' that also means 'to drink alcohol' (USAKOV, 1935-1940).

The almost automatic metonymic associations of bottle-alcohol or bottle-alcoholism allow the viewer to correctly interpret the poster even when there is no verbal reinforcement. Moreover, the communicative context certainly plays a crucial role in determining the metonymic shift that must be activated (cf. STEEN, 2008); in fact, if we found the image of a bottle on a recycling bin, for example, no reference to alcohol would be activated, while the OBJECT FOR MATERIAL CONSTITUTING THE OBJECT metonymy would immediately trigger the reference to glass or plastic, depending on the bottle shape. Ultimately, other possible figurative mappings in the poster facilitate the completion of the interpretation process.

5 The bottle and the human body

The metonymic shifts initiated by the pictorial bottle (IMAGES 1 and 2 in Section 4) play a crucial role in Soviet anti-alcohol posters and motivate further metaphorical mappings.

From the October Revolution to the collapse of the Soviet Union, it can be observed that bottle metaphors, or more precisely metaphonymies, used in anti-alcohol posters increase in number and variety (PINELLI, 2020). It can also be noted that a peculiarity of *antialkogol'nye plakaty* published in the '80s, beyond just the variety and novelty of metaphors, is the abundance of pictorial interactions between the image of the bottle and the representation of the human body. The bottle-person interaction at pictorial level, although it had already appeared in the '50s, characterizes the Soviet anti-alcohol posters from 1985 onwards and, depending on the message to be conveyed, can involve both the images of the human body as a whole or of specific body parts (PINELLI, 2019). For the present study, we focus on the pictorial relation between the bottle and the human body as a whole which gives rise to processes of personification and depersonification. The personification of inanimate objects and the objectification of people are two widespread cognitive processes that show how, on the one hand, human beings comprehend the surrounding world by comparing it to themselves and, on the other hand, how they comprehend themselves by making comparisons with the outside concrete

and tangible world. In commercials, personification is widely used as a strategy by “adding value to the product by transferring to it human features and behavioral actions” (NEGRO ALOUSQUE; CORTÉS DE LOS RÍOS, 2018, p. 115), while in social advertising, personification can be used to activate negative inferences and raise awareness of specific social issues (cf. PÉREZ SOBRINO, 2016). In order to understand the role of personification and depersonification in Soviet anti-alcohol posters, it is helpful to consider the Great Chain of Being, “a cultural model that concerns kinds of beings and their properties and places them on a vertical scale” that goes from humans at the highest level, followed in descending order by animals, plants and, at the lowest level, inanimate substances (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 167). In anti-alcohol posters analyzed in this paper, the “climb” of an inanimate object to the upper end of the scale with the consequent acquisition of human properties, as well as the “descent” of humans to the level of object and the loss of human properties, evoke negative connotations.

The complexity of multimodal texts and the number of cognitive processes involved at once make the identification of the source and the target domains somewhat challenging. Commenting on commercial advertisements, Forceville (1996, p. 111) notes that “the combination of the understanding of the wider pictorial-cum-verbal context and the classification of the picture as an advertisement”, together with the communicative intention and possible verbal elements, allow or facilitate the identification of the correct metaphor. Following Forceville’s observations, we identify two general reverse metaphors and their communicative meaning in Soviet anti-alcohol posters (1985-1988): on the one hand, the BOTTLE IS A PERSON metaphor (personification process, see Section 5.1) arises from the representation of alcohol or alcoholism with human features, while on the other hand, the PERSON IS A BOTTLE metaphor (depersonification process, see Section 5.2) is used to represent the alcoholic, who loses human features owing to alcohol addiction. These two reverse metaphors, although evoking different messages and inferences, serve the same purpose, i.e. to dissuade people from consuming alcohol by showing the destructive effects of alcohol on different private or social aspects of human life.

As we will see in Sections 5.1 and 5.2, the bottle-person interaction can be conveyed through contextual metaphors: in these cases, only one of the two terms (the source or the target) is depicted, while

the other is suggested by the pictorial context (FORCEVILLE, 2008, p. 464-465); in some other cases, the bottle-person interaction is implied by hybrid metaphors, in which the source and the target are represented and conflate into a single hybrid gestalt (FORCEVILLE, 2008, p. 465-466)

5.1 The pictorial BOTTLE-PERSON interaction: the role of personification

In this section, we focus on posters in which the metonymic bottle is personified. In all these cases, the image of the bottle serves both as the target domain of the metaphor and simultaneously as the source for the metonymic shift to alcohol (IMAGE 1) or alcoholism (IMAGE 2).

An interesting example of an interaction between the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy and personification (contextual metaphor) is given in the poster *Tretij lišnij* ‘Three’s a crowd’ drawn by Boris Semenov in 1988 (IMAGE 3).

Image 3 – B. Semenov. *Tretij lišnij* ‘Three’s a crowd’, 1988



Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

In Image 3, the bottle is depicted between two lovers, a man and a woman sitting on a bench; they both hug and caress the bottle as if it were their partner. As noted in Section 4, in this poster the concept of “alcohol” is accessed via the bottle metonymy (narrowing process) and reinforced by

the label *Portvejn* ‘Port wine’ written on the bottle (broadening process). The pictorial context, and in particular the loving attitudes of the two persons towards the Port wine bottle, triggers the personification of the object that takes the place of a beloved person; in this way, we are also able to identify the couple as the alcoholics. The interaction between metonymy and metaphor gives rise to the BOTTLE (FOR ALCOHOL) IS A LOVER metaphonymy. Another element that triggers or at least facilitates personification of the bottle is the title in the right upper part of the poster, *Tretij lišnij* ‘Three’s a crowd’, which literally means “The superfluous third”. In particular, the word *tretij* ‘third’ reinforces personification and leads us to consider the bottle as the third person on the poster. The adjective “superfluous” (*lišnij*) negatively evaluates the situation and lets us focus on the bottle as the separating element between the two lovers. The message is then clear: the “love” for the bottle, and metonymically for alcohol, can damage private and personal life (cause-effect relation).

In addition to featuring in contextual metaphors, personification can also be triggered by hybrid metaphors as can be seen in the poster *So mnoj edut moja “polovina” i moj “malyš”* ‘I’m with my better “half” and my “little one”’ by Leonid Kaminskij (IMAGE 4).

Image 4 – L. Kaminskij. *So mnoj edut moja “polovina” i moj “malyš”* ‘I’m with my better “half” and my “little one”’, 1985



Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

In Image 4, a man with a red nose is ready to leave with his luggage to Soči (written on the train wagon) on vacation and is talking to the train ticket inspector. The man says *So mnoj edut moja “polovina” i moj “malyš”* that literally means ‘My better “half” and my “little one” are coming with me...’. Behind him, there are two vodka bottles depicted with face, arms and legs; the bigger bottle has feminine features and holds the hand of the little bottle. The verbal text makes the personification explicit and lets us identify the *polovina* ‘half’ with the wife, and the *malyš* ‘little’ with the son. A second reading of this sentence, signaled by quotation marks in the speech bubble, completes the interpretation and reinforces the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy: the *polovina* is the half liter bottle of vodka, while the *malyš* is a quarter of liter bottle of vodka. The personification of the bottles and the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy interact with each other and, together with the pictorial context, activate specific metaphonymies: THE HALF LITER BOTTLE OF VODKA (FOR ALCOHOL) IS A PARTNER and THE QUARTER OF LITER BOTTLE OF VODKA (FOR ALCOHOL) IS A SON.

In both Image 3 and Image 4, we are able to identify the alcoholics owing to their attitudes towards the bottle, while the concept of alcoholism is given by the entire scene. In particular, the specific representation of vodka as a partner (IMAGE 3) or a member of the family (IMAGE 4) aims to highlight a negative consequence of alcoholism: the inference is that alcohol and family or any other loving relationship, are mutually exclusive.

Moreover, in Image 4, several other metaphors are used to convey the message. The personification of the bottle and the verbal element *So mnoj edut* ‘(they) are coming with me’ activate the ALCOHOL IS A COMPANION metaphor that recurs in posters in which alcohol is personified (see also IMAGE 5). Other metaphors are triggered by the rhymes at the bottom of the poster:

*S lichvoj nagruzilsja spirtnogo ljubitel’ : spešit na kurort,
popadet...v vytrezvitel’.*

[‘The lover of alcohol has loaded himself with interests: he rushes to the resort, he will end up...in a drunk tank’]

Particularly interesting is the use of the verb *nagruzit’sja* ‘load oneself’ that triggers the ALCOHOL IS A BURDEN metaphor: this metaphor highlights how alcoholism can make one’s life, metaphorically one’s journey, difficult and “heavy”. The BURDEN metaphor is also reinforced by

s lichvoj ‘with interests’ that refers to additional negative consequences, or metaphorical costs, of alcohol consumption. The verb *nagruzit’sja*, that in colloquial speech means “drink until one is drunk”, also activates the alcohol frame in these rhymes. In this poster, the frame of journey is also activated by such pictorial elements as the train, and the luggage. The words in the final rhymes let us understand that the real destination of such a journey is not the *kurort* ‘holiday resort’ in Soči,⁷ but the *vytrezvitel*⁸ ‘drunk tank’, in police custody. In this way, alcoholism is associated with criminality.

The association between alcoholism and crime was central in Soviet anti-alcohol campaigns from the 1950’s.⁹ In the poster *Vodka vlečēt za soboj...* ‘Vodka leads to...’ (IMAGE 5), the bottle metonymy, together with the COMPANION metaphor, is used to highlight the power of alcoholism to lead people to the commission of illegal actions.

Image 5 – E. Bor. *Vodka vlečēt za soboj...* ‘Vodka leads to...’, 1985



Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

⁷ Sochi is a Russian city on the Black Sea that already in Soviet times was one of the most popular tourist destinations.

⁸ *Vytrezvitel* ‘was a special medical institution for sobering up drunk people.

⁹ In 1960 the criminal code was revised and a punishment for purchasing moonshine was introduced (TARSCHYS, 1993, p. 18).

In Image 5, a bottle, represented with arms and legs, holds the hand of a man who, having passed out due to alcohol, follows the bottle together with other people in the same state of unconsciousness. On the bottle appears the label *p'janstvo* 'alcohol abuse/drunkenness', while the texts on men's jackets say: *raspuščenost* 'licentiousness', *chuliganstvo* 'hooliganism', *prestupnost* 'crime', *tunejadstvo* 'parasitism', *proguly* 'absenteeism', *brakodel'stvo* 'shoddy workmanship'.

Unlike the two posters we have already analyzed (IMAGES 3 and 4), in Image 5, the hybrid metaphor through which the bottle is personified interacts with the bottle metonymic chain that goes from the bottle to alcoholic drink, and then, in turn, to alcoholism (IMAGE 2): the text *p'janstvo* 'alcoholism' on the bottle and the word *vodka* in the title serve as "anchoring" for these metonymic shifts. The interaction between the BOTTLE metonymy and the pictorial hybrid metaphor triggers the (BOTTLE FOR) ALCOHOLISM IS A PERSON metaphonymy: the bottle with human features can walk, make decisions, lead and, more generally, act in people's place. Moreover, the representation of drunken people that follow the bottle and the text *vodka vlečēt za soboj...* 'vodka leads to...', allow the viewer to understand alcoholism as an undesirable companion. In this way, we can identify the more specific (BOTTLE FOR) ALCOHOLISM IS A (NEGATIVE) LEADER metaphonymy through which the poster conveys the message that alcoholism can lead people to illegal actions with bad consequences. The cause-effect metonymy at the basis of this poster's intended meaning can be easily retrieved: on the left side, the bottle and the words *p'janstvo* and *vodka* represent the cause, while the effects are presented on the right side of the poster and made verbally explicit with the labels on the jackets. Interestingly, the verb form *vlečēt* is a crucial element in the interpretation of the poster: on the one hand, the verb *vleč'*, literally meaning 'to drag' and figuratively, 'to attract', reinforces the COMPANION metaphor; on the other hand, the whole construction *vleč' za soboj*, meaning 'to cause, to determine', reinforces the cause-effect metonymy.

5.2 The pictorial BOTTLE-PERSON interaction: the depersonification of the alcoholic

In Section 5.1. we have analyzed those cases in which the metonymic bottle is the target concept of the metaphorical shift: in this way, the bottle stands for alcohol or alcoholism, while the alcoholic is represented in the context. In this Section, we focus on the reverse

metaphor in which the bottle serves as the source concept and invites access not only to the concept of alcoholism, but also to the dehumanized representation of the alcoholic.

In the poster *P'janstvu – boj* ‘Fight alcoholism’ (IMAGE 6), a bottle with a human head shows the label *vodka*; floating in the bottle, there are some papers that say *13-a zarplata* ‘thirteenth salary’, *putevka* ‘trip/holiday voucher’, and *premiya* ‘bonus’.

Image 6 – Unknown artist. *P'janstvu – boj!* ‘Fight alcoholism’, 1986



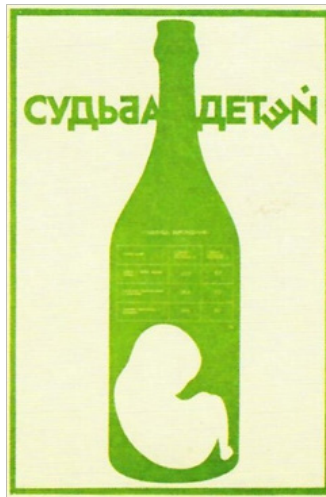
Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

The pictorial conflation of human features, i.e. the eyes, the mouth and the big nose, with the object triggers a metaphorical mapping between the person and the bottle. At the same time, the label *vodka* on the bottle and the word *p'jantsvo* ‘alcoholism’ in the title make the metonymic chain triggered by the BOTTLE explicit (IMAGE 2). In order to correctly interpret the poster, the bottle should be considered as the source concept of the metaphorical shift, i.e. PERSON IS A BOTTLE. In this case, the role of the bottle metonymy is not only to shift from a concrete object (bottle) to an abstract one (alcoholism), but also to characterize the target concept of the metaphor. Thanks to the interaction between the BOTTLE metonymy and depersonification, we can identify the specific ALCOHOLIC PERSON IS A BOTTLE metaphor, through which the person addicted to alcohol is depicted as dehumanized (effect) because of alcohol abuse (cause).

Although we cannot entirely exclude the possible interpretation of the bottle as a personification of alcoholism, other elements in the poster favor the depersonification of alcoholic as the most fitting reading. In particular, the papers floating in the vodka, representing missed opportunities (*putevka* ‘trip/holiday voucher’) and lost money (*13-a zarplata* ‘thirteenth salary’ and *premija* ‘bonus’) due to alcohol consumption, can be considered relevant evidence for depersonification. This visual representation of the alcoholic can indeed be supported or motivated by the phraseological expression *propit’ den’gi* ‘drink money away’: the body of the bottle that corresponds to the stomach of the alcoholic contains not only vodka but also money from extra payments (thirteenth salary and bonus) that could have been spent differently. The whole scene acquires negative connotation thanks to the sad expression of the alcoholic, who has lost human features. The verbal element *boj* ‘fight’, that metaphorically conceptualizes alcoholism as an enemy to fight against, further reinforces the negative connotation of drinking behavior.

Another poster in which the BOTTLE metonymic chain interacts with depersonification is *Sud’ba detej* ‘Children’s fate’ (IMAGE 7) that deals with the issue of harmful effects of alcohol use on the fetus during pregnancy.

Image 7 – V. Zundalev. *Sud’ba detej* ‘Children’s destiny’, 1985



Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

In the poster *Sud'ba detej* (IMAGE 7), the bottle refers metonymically to the abstract concept of “alcohol abuse”, while its metaphorical interpretation is triggered by the pictorial context, i.e. the fetus. In order to interpret the anti-alcohol poster correctly, the bottle should be considered part of the source domain and the PERSON IS A BOTTLE metaphor (depersonalization) should be activated. The fetus that floats in the bottle triggers a specific contextual metaphor, THE PREGNANT WOMAN IS A BOTTLE, through which the woman, depicted as an object, i.e. the bottle, loses her human features and qualities.

However, the depersonification of the pregnant woman becomes meaningful only when interacting with the BOTTLE FOR ALCOHOLISM metonymy: this interaction allows the viewer to identify the pregnant woman as the alcoholic and, consequently, to activate the more specific ALCOHOLIC PREGNANT WOMAN IS A BOTTLE metaphor. This metaphor activates a set of correspondences between the source (the bottle) and the target (pregnant woman) domains: the woman’s womb is the body of a bottle, while the amniotic liquid that should protect and nourish the fetus is replaced by toxic alcohol that endangers the life of the future baby.

The interpretation must be completed by activating the cause-effect metonymy at the basis of the poster’s intended meaning: alcoholism (BOTTLE metonymy) causes negative effects in pregnant women (BOTTLE metaphor) and, in particular, endangers the fetus. Negative effects of alcohol consumption during pregnancy are also given in verbal mode. The title in the upper part of the poster, *Sud'ba detej* ‘Children’s fate’, helps to negatively weight the scene by employing a pictorial strategy: reversed and falling letters represent the staggering unhealthy future of children of alcoholic mothers. Moreover, the label on the bottle further specifies negative consequences of alcohol on fetuses and displays information about possible birth defects (effect) due to alcohol consumption during pregnancy (cause).

5.2.1 Depersonification without the image of the bottle

As we have seen in Sections 5.1 and 5.2, the image of the bottle is the element that introduces the main topic of the poster, i.e. alcohol and/or alcoholism. Its frequent appearance in anti-alcohol posters makes the bottle an expected element. On the one hand, the conventionalization of an element assures the correct reception of the message, which is

extremely important for such a social campaign; however, conversely, the conventionalized association can make the image lose vividness (cf. YUS, 2009, p. 167). For this reason, to be effective in dissuading people from drinking alcohol, poster artists contrived to make the BOTTLE metonymy interact with metaphors in many innovative ways.

In all posters we have analyzed so far, the bottle, no matter whether it was the source or the target of the cognitive processing, was a central pictorial element. In the poster *Ne bud'v plenu durnoj privyčki* 'Do not be prisoner of a bad habit' (IMAGE 8), the PERSON IS A BOTTLE metaphor is active, but the bottle, which is the source domain, is not pictorially present.

Image 8 – Unknown artist. *Ne bud'v plenu durnoj privyčki*
'Don't be prisoner of a bad habit', 1985



Source: Retrieved from the book *Alcohol* © FUEL Publishing 2017

In Image 8, twenty men are depicted in a wooden bottle case, each man standing in a bottle's place. The contextual metaphor triggered by the wooden bottle case and the pictorial substitution of bottles for men activates the PERSON IS A BOTTLE metaphor, without pictorially representing the source, i.e. the bottle. This path to giving access to the BOTTLE metaphor is novel and assures its effectiveness. Once the concept of bottle arises, the ALCOHOLIC PERSON IS A BOTTLE metaphor can be activated.

As we have already observed in Section 5.2, the representation of people as bottles make them lose human characteristics. In Image 8, the dehumanization of the alcoholic is reinforced by another metaphor, the ALCOHOL IS A PRISON metaphor. The PRISON metaphor is triggered both pictorially and verbally: the image of men forced into a constrictive space, suggesting a prison cell and the expression *v plenu* ‘as prisoner’ favor the depiction of the alcoholic as a prisoner. Both the negative imperative *ne bud* ‘don’t be’ and the adjective *durnoj* ‘bad, stupid’ imbue the scene with unmistakable negative connotations.

6 Conclusion

In this paper we have investigated the role of the metonymic image of the bottle in Soviet anti-alcohol posters of the ‘80s, with a special focus on its interaction with metaphorical processes. In particular, we have shown how this metonymic pictorial element can interact with (de) personification processes in different ways to convey a specific social message.

As often happens in social advertising, a concrete element is necessary to access pictorially the more abstract target concept; in anti-alcohol posters, the bottle is the most frequent recurring pictorial element that allows the advertisement to introduce the issue of alcoholism. The metonymic shifts undergone by the image of the bottle are not always easy to retrieve, but thanks to the textual anchorages and the general interpretation of the poster, two major possible shifts have been identified: the BOTTLE FOR ALCOHOL metonymy and the BOTTLE FOR ALCOHOL FOR ALCOHOLISM metonymic chain (Section 4).

We have investigated how the metonymic image of the bottle interacts with both contextual or hybrid metaphors and how this interaction can lead to the personification of alcohol or alcoholism (Section 5.1) or to the depersonification of the alcoholic (Section 5.2). Both of these metaphorical processes aim to negatively portray alcohol consumption. On the one hand, the acquisition of human features by the bottle highlights the potential danger of alcohol substituting for our beloved ones and acting in our place; on the other hand, alcohol can also make people squander opportunities, lose or endanger close relationships and even make them lose their human features and, more generally, their lives. Together with (de)personification, other verbal or pictorial

metaphors are used in the posters to censure alcoholism and ultimately dissuade viewers from alcohol consumption.

This analysis also represents a first attempt to apply multimodal analysis of metaphors and metonymies to investigate an important cultural product like Soviet posters from a fresh perspective.

References

BAGDASARJAN, V. È. Trezvost' – norma perestrojki. In: AKSENOV, V. B. (ed.), *Veseliè Rusi. XX vek*. Gradus novejšej rossijskoj istorii: ot "p'janogo budžeta" do "suchog zakonà". Moscow: Probel-2000, 2004. p. 310-352.

BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110894677>

BARCELONA, A. Motivation of Construction Meaning and Form: The Role of Metonymy and Inference. In: PANTHER, K.; THORNBURG, L.; BARCELONA, A. (ed.). *Metonymy and Metaphor in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 363-399. DOI: <https://doi.org/10.1075/hcp.25.22bar>

BHATTACHARYA, J.; GATHMANN, C.; MILLER, G. The Gorbachev Anti-Alcohol Campaign and Russia's Mortality Crisis. *American Economic Journal: Applied Economics*, Pittsburgh, PA, v. 5, n. 2, p. 232-260, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1257/app.5.2.232>

BOLOGNESI, M. Il linguaggio figurato nella comunicazione multimodale. Il genere pubblicitario e la campagna sociale. *RICOGNIZIONI*, Torino, v. 6, p. 11-28, 2019. DOI: <https://doi.org/10.13135/2384-8987/3510>

BOLOGNESI, M.; VERNILLO, P. How Abstract Concepts Emerge from Metaphorical Images: The Metonymic Way. *Language and Communication*, [S.l.], v. 69, p. 26-41, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2019.05.003>

BONNELL, V. E. *Iconography of Power: Soviet Political Posters under Lenin and Stalin*. Berkeley: University of California Press, 1997.

BUVINA, E. Il fascino e la maledizione dell'alcol nella stampa popolare russa. *Quaderni di Palazzo Serra*, Genova, v. 25, p. 59-98, 2014.

BUVINA, E.; CURLETTO, M. A. *Il lubok*. Un'enciclopedia illustrata della vita popolare russa. Bologna: Emil, 2015.

DENROCHE, C. *Metonymy and Language*. A New Theory of Linguistic Processes. New York; London: Routledge, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315749396>

DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110219197>

FORCEVILLE, C. J. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London; New York: Routledge, 1996. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203272305>

FORCEVILLE, C. J. Multimodal Metaphor in Ten Dutch TV Commercials. *The Public Journal of Semiotics*, Lund, Sweden, v. I, n. 1, 2007, p. 15-34. DOI: <https://doi.org/10.37693/pjos.2007.1.8812>

FORCEVILLE, C. J. Non-Verbal and Multimodal Metaphor in a Cognitivist Framework: Agendas for Research. In: FORCEVILLE, C. J.; URIOS-APARISI, E.(ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110215366>

FORCEVILLE, C. J. Metaphors in Pictures and Multimodal Representations. In: GIBBS, R. W. JR. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802.028>

FORCEVILLE, C. J.; URIOS-APARISI, E. (ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110215366>

GIBBS, R. *The Poetics of Mind: Figurative Thought, Language, and Understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.

GOOSSENS, L. Metaphtonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], v. 1, p. 323-340, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.1990.1.3.323>

HERRERO RUIZ, J. The Role of Metaphor, Metonymy, and Conceptual Blending in Understanding Advertisements: The Case of Drug-prevention Ads. *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, Alicante, v. 19, p. 169-190, 2006. DOI: <https://doi.org/10.14198/raei.2006.19.10>

IGOŠINA, T. S. *Grafičeskij dizajn otečestvennogo social'nogo plakata (istorija i sovremennye tendencii)*. Moskva: Avtoreferat, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason. A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1989. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470986.001.0001>

LANGACKER, R. W. Reference-Point Construction. *Cognitive Linguistics*, [S.l.], v. 4, p. 1-38, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.1993.4.1.1>

LITTLEMORE, J. *Metonymy. Hidden Shortcuts in Language, Thought and Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781107338814>

MCQUARRIE, E. F.; PHILLIPS, B. J. Indirect Persuasion in Advertising: How Consumers Process Metaphors Presented in Pictures and Words. *Journal of Advertising*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 7-20, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1080/00913367.2005.10639188>

MURRAY, D.; SORRELL, S. *Alcohol. Alkogol'*. London: FUEL Publishing, 2017.

NACISCIONE, A. *Stylistic Use of Phraseological Units in Discourse*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/z.159>

NEGRO ALOUSQUE, I. Verbo-Pictorial Metaphor in French Advertising. *French Language Studies*, Cambridge, v. 24, p. 155-180, 2014. DOI: [10.1017/S0959269513000045](https://doi.org/10.1017/S0959269513000045)

NEGRO ALOUSQUE, I.; CORTÉS DE LOS RÍOS, M. E. Meaning Construction in Print Beer Ads. *Miscelánea: A Journal of English and American Studies*, Zaragoza, v. 57, p. 101-119, 2018.

PANTHER, K. U.; THORNBURG, L. A Cognitive Approach to Inferencing in Conversation. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 30, p. 755-769, 1998. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(98\)00028-9](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(98)00028-9)

PÉREZ SOBRINO, P. Shockvertising: Patterns of Conceptual Interaction Constraining Advertising Creativity. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Madrid, v. 65, p. 257-290, 2016. DOI: https://doi.org/10.5209/rev_CLAC.2016.v65.51988

PÉREZ SOBRINO, P. *Multimodal Metaphor and Metonymy in Advertising*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1075/ftl.2>

PINELLI, E. Metaphors and Metonymies in Soviet Anti-Alcohol Posters: A Multimodal Analysis. In: THE INTERNATIONAL CONFERENCE RESEARCHING METAPHORS: COGNITIVE AND OTHER, 13^{th.}, 2019, Genoa. Genoa: University of Genoa, 2019. Unpublished paper presented.

PINELLI, E. Multimodal Metaphors and Metonymies in Soviet Anti-Alcohol Posters. THE INTERNATIONAL CONFERENCE OF FIGURATIVE THOUGHT AND LANGUAGE (FTL5), 5^{th.}, 2020, Sofia. Sofia: University of Sofia, 2020. Unpublished paper presented.

RADDEN, G. The Ubiquity of Metonymy. In: OTAL CAMPO, J.-L.; FERRANDO, I.; BELLES FORTUNO, B. (ed.). *Cognitive and Discourse Approaches to Metaphor and Metonymy*. Castellón de la Plana: Universitat Jaume I, 2005. p. 11-28.

RADDEN, G. How Metonymic are Metaphors?. In: BARCELONA, A. (ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 93-108. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110894677.93>

RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, F. J.; GALERA MASEGOSA, A. *Cognitive Modeling. A Linguistic Perspective*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1075/hcp.45>

SERRANO LOSADA, M. Multimodal Metaphorical and Metonymic Renderings of Pain in Advertising: A Case Study. *Revista Electrónica de Lingüística Aplicada*, Palma de Mallorca, v. 1, n. 14, p. 35-50, 2015.

STEEN, G. The Paradox of Metaphor: Why We Need a Three-Dimensional Model of Metaphor. *Metaphor and Symbol*, Washington, DC, v. 23, p. 213-241, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926480802426753>

TARSCHYS, D. The Success of a Failure: Gorbachev's Alcohol Policy, 1985-88. *Europe-Asia Studies*, [S.l.], v. 45, n. 1, p. 7-25, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1080/09668139308412074>

TICHONOV, A. N. (ed.). *Frazeologičeskij slovar' sovremennogo russkogo literaturnogo jazyka*. Moskva: Flinta, 2004.

TRANSCHEL, K. Alcohol and Temperance in Soviet Union and Russia since 1917. In: BLOCKER, J. S.; FAHEY, D. M.; TYRRELL, I. R. (ed.). *Alcohol and Temperance in Modern History*. An International Encyclopedia. Santa Barbara; Oxford: ABC-CLIO, 2003. p. 579-582.

UŠAKOV, D. N. *Tolkovyj slovar' russkogo jazyka*. Moskva: Sovetskaja Ėnciklopedija, 1935-1940.

VEINBERGA, E. Multimodal Metonymic Image of the Bottle in Advertising. Language in Different Contexts. *Research Papers*, Vilnius, v. VI, n. 1, part 1, p. 182-190, 2014.

WHITE, S. *The Bolshevik Poster*. New Haven: Yale University Press, 1988.

YUS, F. Visual Metaphor Versus Verbal Metaphor: A Unified Account. In: FORCEVILLE, C. J.; URIÓS-APARISI, E. (ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 147-172.



Formação de nomes de urna de candidatos ao cargo de deputado federal no período de 2002 a 2018

Formation of ballot names of candidates running for the office of federal representatives in the 2002-2018 period

Eduardo Tadeu Roque Amaral

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
eduardamaralbh@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0001-9416-3676>

Daniel Nepomuceno Coutinho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
dncout@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0002-2270-4418>

Resumo: Este trabalho analisa os procedimentos de formação de nomes de urna de candidatos ao cargo de deputado federal no período de 2002 a 2018. São adotados pressupostos teóricos da Sócio-Onomástica, que objetiva estudar a origem social dos nomes próprios e o uso de suas diversas variantes em diferentes situações e contextos, considerando seus portadores, nomeadores e usuários. A amostra de dados está composta por 15.068 nomes de urna, extraídos do *Repositório de Dados Eleitorais* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Entre os resultados obtidos, verifica-se um aumento do uso de nomes não pertencentes ao registro civil na formação dos nomes de urna ao longo dos últimos anos, especialmente na comparação entre as eleições de 2014 e 2018. Além disso, ao considerar as características internas dos nomes, observa-se um aumento do uso de apelidos, hipocorísticos, qualificativos militares, profissionais e de outros elementos em contraste com uma redução de qualificativos religiosos ao longo de todo o período considerado.

Palavras-chave: Onomástica; nome de urna; deputado federal; eleições.

Abstract: This paper analyzes the formation processes of ballot names of candidates for the office of federal representatives in the period between 2002 and 2018. Theoretical assumptions of Socio-onomastics, which aims at studying the social origin of proper

names and the usage of their different variations in various situations and contexts, taking into consideration name-bearers, name-givers and name-users, were adopted. The sample is composed of 15,068 ballot names, extracted from the *Repositório de Dados Eleitorais* ('Electoral Data Repository') of the Superior Electoral Court (TSE). Among the results obtained, an increase in the usage of names which do not belong to the vital records in the formation of ballot names is seen over the past few years, especially in a comparison between the 2014 and the 2018 elections. Moreover, when considering the internal features of the names, an increase in the use of nicknames, hypocoristics, military and professional qualifiers, as well as other elements, in contrast with a reduction in religious qualifiers, is observed throughout the whole period concerned.

Keywords: Onomastics; ballot name; federal representative; elections.

Recebido em 16 de abril de 2021

Aceito em 17 de junho de 2021

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar os procedimentos de formação dos nomes de urna de candidatos a deputado federal nas eleições brasileiras realizadas entre 2002 e 2018. Entende-se como nome de urna aquele escolhido pelo candidato às eleições no ato de registro na Justiça Eleitoral, de acordo com o que está estabelecido na Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997, e nas Resoluções do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esse nome, que pode ou não coincidir com o nome do registro civil, é utilizado pelo candidato durante todo o período eleitoral e o identifica na urna eletrônica no momento do voto.

Os dados para análise foram coletados nas planilhas eletrônicas do *Repositório de Dados Eleitorais*, disponibilizado na página do TSE. Após a seleção dos nomes de urna dos candidatos eleitos no período mencionado, que totalizam 2.565 nomes, foi observada individualmente a relação de cada um com o respectivo nome de registro civil. Em caso de divergência, os nomes foram classificados, observando-se a presença ou ausência de apelidos, hipocorísticos, qualificativos militares, religiosos ou profissionais, elementos que homenageiam outros indivíduos, entre outros processos de formação. Também foi realizada uma análise de 12.503 nomes de urna dos candidatos aptos mas não eleitos nas eleições de 2014 e de 2018.

Com os procedimentos realizados e o desenvolvimento da análise, busca-se, neste trabalho, responder às seguintes questões: É possível identificar alguma mudança diacrônica no conjunto dos nomes de urna no período analisado? Quais são os qualificativos militares, religiosos e profissionais mais frequentemente utilizados? Quais atividades profissionais servem como base para a formação de nomes de urna? Qual é a relação entre o uso de apelidos/hipocorísticos e o sexo dos candidatos?

O texto está organizado da seguinte forma: primeiramente, são expostos pressupostos teóricos sobre os antropônimos (nomes de pessoa), os quais, sendo parte da língua, estão sujeitos à variação e à mudança, de acordo com os pressupostos da Sócio-Onomástica. Questões sobre tipologia dos antropônimos, entre os quais se incluem os nomes de urna, também fazem parte da primeira seção. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada para a coleta, a classificação e a análise dos dados. Posteriormente, analisam-se os dados de modo quantitativo e qualitativo e discutem-se os resultados. Por fim, são apresentadas as conclusões.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Variação e mudança na antroponímia

Este trabalho se apoia em pressupostos teóricos da Sócio-Onomástica, que, de acordo com Ainiala (2016), pode ser definida como um campo independente dos estudos onomásticos, o qual tem como principais objetivos o estudo da origem social dos nomes próprios e do uso de suas diversas variantes em diferentes situações e contextos, considerando seus portadores, nomeadores e usuários. Nesse sentido, os nomes próprios não são apenas dados linguísticos, mas nascem de um contexto cultural e social e são modificados por ele. Portanto, no estudo desses elementos, devem ser considerados fatores sociais, culturais e situacionais relativos ao seu uso.

Os nomes próprios, assim como outras unidades linguísticas, são suscetíveis à variação e à mudança. Para Ainiala e Östman (2017, p. 8): “a Sócio-Onomástica é comparável à Sociolinguística e a variação de nomes próprios não é considerada aleatória, mas ordenada”.¹ De acordo

¹ No original: “socio-onomastics is comparable to sociolinguistics, and name variation is not regarded as random but as orderly”.

com McClure (1981), já que a nomeação é um ato social, a variação na nomeação das pessoas reflete uma variação em papéis sociais, nas atitudes e no contexto.

No campo da chamada variação situacional, Ainiala (2016) destaca que nomes diferentes podem ser usados para a referência a um mesmo lugar e que um mesmo indivíduo pode variar seu nome, de acordo com o contexto situacional. Esse é um pressuposto que se assume neste trabalho, ao considerar que os candidatos a eleições que escolhem formas diferentes daquelas que constam no registro civil colocam em variação antropônimos que passam a nomear o mesmo indivíduo.

2.2 Tipologia dos antropônimos

Os nomes próprios podem ser divididos em diversas subclasses, das quais as mais importantes são a dos topônimos (nomes de lugares) e a dos antropônimos (nomes de pessoas). A subclasse dos antropônimos é por si só um conjunto muito heterogêneo, conforme destacado por Van Langendonck (2007, p. 187).

Várias propostas de classificação dos antropônimos têm sido apresentadas ao longo dos últimos anos (AMARAL; SEIDE, 2020; BAJO PÉREZ, 2002, 2008; NÜBLING; FAHLBUSCH; HEUSER, 2015; VAN LANGENDONCK, 2007). Em geral, esses estudos consideram a distinção entre nomes oficiais e nomes não oficiais, a exemplo de Van Langendonck (2007). O autor classifica os antropônimos da seguinte forma: a) nomes primários e oficiais (prenomes e sobrenomes); b) nomes secundários e oficiais (por exemplo, nome de família empregado como nome individual); c) nomes não oficiais (de difícil definição, incluem nomes atribuídos por pessoas diferentes do próprio portador).

Considerando os dados do português brasileiro, Amaral e Seide (2020) apresentam uma proposta de classificação dos antropônimos, os quais são divididos em dois conjuntos: os nomes pertencentes ao registro civil, sendo eles o *prenome*, o *sobrenome* e o *agnome*; e os nomes não pertencentes ao registro civil, entre os quais estão o *apelido*, o *hipocorístico*, o *pseudônimo*, o *nome de urna*, entre outros. Convém destacar, para o escopo do presente estudo, as seguintes definições:

- a) prenome: antropônimo que antecede o sobrenome no registro civil. Distingue o indivíduo dentro dos grupos sociais de maior intimidade. Pode ser simples (*José*), composto (combinação

- consagrada pelo uso, como *José Maria*) ou justaposto (combinação atípica, como *Tatiana Daniele*);
- b) sobrenome: antropônimo que sucede o prenome no registro civil. É geralmente herdado dos pais. Pode ser adotado pelo cônjuge por ocasião do casamento. Inclui os antigos patronímicos, como *Rodrigues* (que significava no passado apenas ‘filho de Rodrigo’, mas hoje é adotado como sobrenome);
 - c) agnome: antropônimo que indica uma relação de parentesco ou um grau de geração entre um indivíduo e outro, como *Júnior*, *Filho*, *Neto*, *Sobrinho*, *Primeiro* e *Segundo*;
 - d) apelido (ou alcunha, ou cognome): antropônimo atribuído ao indivíduo geralmente por outra pessoa, o qual pode aludir a uma característica física ou intelectual (*Bigode*, *Nerd*) ou a um fato social (*Baiano*), podendo ou não ser depreciativo;
 - e) hipocorístico: antropônimo formado por uma alteração morfológica (duplicação de sílaba, diminutivo, abreviação etc.) de outro antropônimo (*Dudu* < *Eduardo*, *Luizinho* < *Luiz*). Muitas vezes é chamado de *apelido*, mas diferencia-se deste por remeter claramente ao antropônimo de origem;
 - f) nome de urna: antropônimo que um indivíduo escolhe para concorrer às eleições, o qual pode ser formado por prenome, sobrenome, apelido, hipocorístico ou nome pelo qual seja mais conhecido. Está previsto no art. 12 da Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997.

Entre as propostas tipológicas citadas anteriormente, apenas Amaral e Seide (2020) incluem o nome de urna, o que se explica pela grande liberdade que existe nas normas eleitorais brasileiras para a escolha desse nome, conforme se verá na próxima subseção.

2.3 O nome de urna

O candidato às eleições brasileiras deve informar o nome para constar na urna eletrônica, chamado, neste trabalho, de *nome de urna*.²

² Em outros países, o emprego de variantes antroponímicas nas eleições não é tão comum como no Brasil. No México, jurisprudência eleitoral garante o direito de uso de apelido ao lado do nome oficial na cédula de votação (TRIBUNAL ELECTORAL

De acordo com o art. 25 da Resolução nº 23.609/2019, que dispõe sobre a escolha e o registro de candidatos para as eleições de 2020,

o nome para constar da urna eletrônica terá no máximo 30 (trinta) caracteres, incluindo-se o espaço entre os nomes, podendo ser o prenome, sobrenome, cognome, nome abreviado, apelido ou nome pelo qual o candidato é mais conhecido, desde que não se estabeleça dúvida quanto a sua identidade, não atente contra o pudor e não seja ridículo ou irreverente (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2019).

Para a decisão dos casos de homonímia, a Resolução do TSE se baseia nas normas estabelecidas pelo art. 12 da Lei nº 9.504/1997 (BRASIL, 1997). De acordo com tais normas, cumpre papel relevante para ter preferência por certo nome o fato de que o candidato esteja exercendo mandato eletivo ou o tenha exercido nos últimos quatro anos, ou que, nesse mesmo prazo, tenha se candidatado com o nome indicado (art. 12, § 1º, II). Também tem importância se for identificado por um dado nome na sua vida política, social ou profissional (art. 12, § 1º, III). Esses fatos impedirão que outros candidatos utilizem o mesmo nome. Se o nome de urna puder confundir o eleitor, a Justiça Eleitoral também poderá exigir do candidato prova de que é conhecido pelo nome por ele indicado (art. 12, § 2º).

Além disso, desde as eleições de 2014, o TSE proíbe o uso de expressões ou de siglas pertencentes a qualquer órgão da administração pública federal, estadual, distrital ou municipal, direta ou indireta. Essa proibição se deve a um pedido feito pela Advocacia-Geral da União (AGU) em 2013, após um levantamento de mais de 200 ações em 2012, envolvendo candidatos que utilizavam nomes relacionados a órgãos federais, como: *Jô Soares do INSS*, *Marcos Valério da UnB*, *Ivete da Funasa*, *Garrincha do Dnit*, *Tequinha do Incra*. Na época, o então procurador-geral federal Marcelo de Siqueira Freitas manifestou:

É extremamente importante termos conseguido convencer o TSE da necessidade de não se permitir que os candidatos, durante a

DEL PODER JUDICIAL DE LA FEDERACIÓN, Jurisprudencia 10/2013, p. 13-14). Na Espanha, conforme entendimento da *Junta Electoral Central*, os candidatos podem utilizar pseudônimos e apelidos que servem ou ajudam para a identificação, mas sempre junto aos prenomes e sobrenomes (JUNTA ELECTORAL CENTRAL, 2007).

campanha eleitoral, associem sua imagem ao nome das entidades da Administração Pública, pois assim se garante que o eleitor não possa ser induzido a acreditar que qualquer candidato possa ser considerado como representante do Estado e se preserva o patrimônio imaterial dos órgãos e entes públicos federais (KAMAYURÁ, 2014).

Como é possível observar, o nome de urna é um tipo de antropônimo estabelecido por lei que se aplica a um grupo específico de indivíduos, os candidatos às eleições (AMARAL; MACHADO, 2015). Os estudos existentes sobre o tema mostram que os nomes de urna são formados tanto a partir do próprio prenome e sobrenome do candidato, como a partir de hipocorístico, de apelido, de um desses antropônimos acompanhados por elemento indicativo de atividade profissional, militar, religiosa etc.

Santos e Rocha (2019), ao analisar dados dos nomes de urna de candidatos eleitos de MG, SP e RJ nas eleições para Deputado Estadual, verificam que os nomes indicativos de profissão mais frequentes são *professor*, *delegado (a)*, *doutor(a)*, *enfermeiro* e *repórter*. Com respeito aos postos e graduações militares, identificam *cabos*, *coronel*, *major*, *sargento*, *subtenente* e *tenente*, com destaque para *coronel*. As autoras observam um aumento da presença de títulos profissionais e de títulos militares em 2018 com relação às eleições de 2014. Os resultados obtidos levam as autoras a sustentarem a hipótese de que os nomes de urna e os seus processos de formação funcionariam como uma espécie de atalho cognitivo. Embora não sejam totalmente decisivos na escolha do candidato pelo eleitor, são de extrema importância na realização do pleito.

Soares (2017), por sua vez, analisa os nomes de urna escolhidos por 3.039 candidatos militares ao cargo de deputado estadual no Brasil, em um período de 20 anos (1998-2018) e verifica que a inclusão de postos e graduações militares em nomes de urna evidencia aspectos sociais e políticos. Os resultados da autora mostram que, até 2014, a maior parte dos militares optava por não incluir postos e graduações em nomes de urna, situação alterada a partir de 2018.

Os resultados dos estudos citados podem ser contrastados com os dados obtidos para este trabalho que, embora analise nomes de candidatos a outro cargo (deputado federal), possibilitam ampliar e discutir questões de relevância para as pesquisas onomásticas. Antes, porém, serão explicados, na próxima seção, os procedimentos metodológicos empregados para a seleção e análise dos dados.

3 Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados dados obtidos no *Repositório de Dados Eleitorais* do TSE, disponibilizados em planilhas nos formatos .TXT e .CSV, relativos às eleições gerais de 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Foram selecionados, por meio dos filtros presentes nas planilhas, todos os candidatos eleitos para o cargo de deputado federal, sendo 513 por ano, o que totaliza 2.565 nomes de urna. Além disso, foi feito também um levantamento dos nomes de urna dos candidatos aptos, porém não eleitos, para o mesmo cargo, nos anos de 2014 e 2018, que somam 12.503 nomes.

Em seguida, realizou-se manualmente a classificação dos nomes de urna dos candidatos selecionados, de acordo com seu processo de formação. Em um primeiro momento, foram diferenciados os nomes compostos com elementos provenientes exclusivamente do nome de registro civil (constante na mesma planilha), daqueles que contêm algum elemento divergente. Identificados os nomes com elementos divergentes, estes foram classificados nas seguintes categorias:

- a) *hipocorístico*: nome de urna que apresenta hipocorístico de prenome, sobrenome ou agnome do candidato, como por exemplo *Cida* < *Aparecida*, *Pinheirinho* < *Pinheiro*, *Juninho* < *Júnior* etc.;
- b) *apelido*: nome de urna que apresenta um apelido pelo qual o candidato é mais conhecido, como *Capixaba* e *Barbudo*;
- c) *nome com qualificativo militar*: nome de urna que contém posto ou graduação militar, como *cabo*, *capitão*, *sargento* etc.;
- d) *nome com qualificativo religioso*: nome de urna que apresenta algum elemento indicativo de atividade religiosa do candidato, como *pastor(a)*, *padre* etc.;
- e) *nome com qualificativo profissional*: nome de urna que contém um elemento indicativo da atividade profissional exercida pelo candidato, como *doutor(a)*,³ *professor(a)* etc.;
- f) *nome que homenageia outro indivíduo*: nome de urna que contém algum elemento alusivo a outro indivíduo e que não esteja originalmente presente no nome civil do candidato, como por

³ O qualificativo *doutor(a)* pode indicar atuação profissional tanto na área da saúde quanto na área do direito. Essa distinção foi levada em conta durante a análise.

exemplo o nome de urna *Gleisi Lula*, adotado pela candidata *Gleisi Helena Hoffmann* nas eleições de 2018, em alusão ao ex-presidente *Luiz Inácio Lula da Silva*;

- g) *outros processos de formação*: nome de urna que não se encaixa em nenhuma das categorias propostas, ou em mais de uma delas, como, por exemplo, *Padre Zé* (qualificativo religioso + hipocorístico) e *ACM Neto* (acrônimo de *Antônio Carlos Magalhães* + *agnome*).

Para a classificação dos dados, foram consultados os perfis biográficos dos deputados na página da Câmara dos Deputados, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV) e nas páginas pessoais dos parlamentares (quando existentes).

Convém esclarecer que o termo *qualificativo* foi tomado de Mendes (2000, p. 86), que o adota para incluir vários elementos que ocorrem à esquerda do nome no sintagma nominal antroponímico. No conjunto dos qualificativos identificados pela autora, estão os postos e graduações militares, os títulos religiosos e diversos nomes que indicam atividade profissional, tal como se considera neste trabalho.

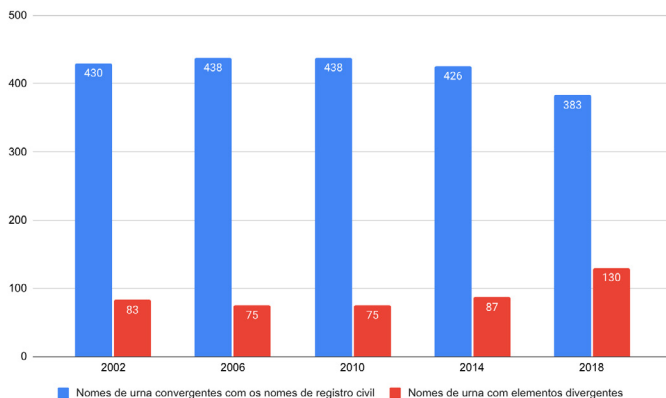
4 Análise dos dados

Após concluída a classificação dos nomes selecionados, quantificaram-se os dados e foram analisadas, em primeiro lugar, as formas convergentes e divergentes com relação ao nome civil. Em seguida, foram observadas as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Os resultados encontrados são apresentados a seguir.

4.1 Contraste quantitativo entre os nomes de urna e os nomes do registro civil

Ao contrastar os nomes de urna dos deputados federais eleitos nas eleições de 2002 a 2018 com os seus respectivos nomes de registro civil, é possível observar um crescimento substancial no uso de elementos divergentes nas eleições de 2018. Em comparação com 2014, verifica-se um aumento de 87 para 130 nomes com tais elementos, como demonstra o Gráfico 1.

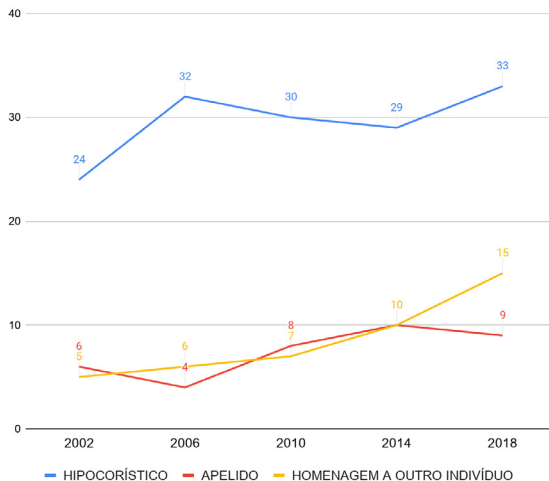
Gráfico 1 – Quantidade de nomes de urna coincidentes e divergentes com o nome de registro civil



Fonte: Elaboração própria.

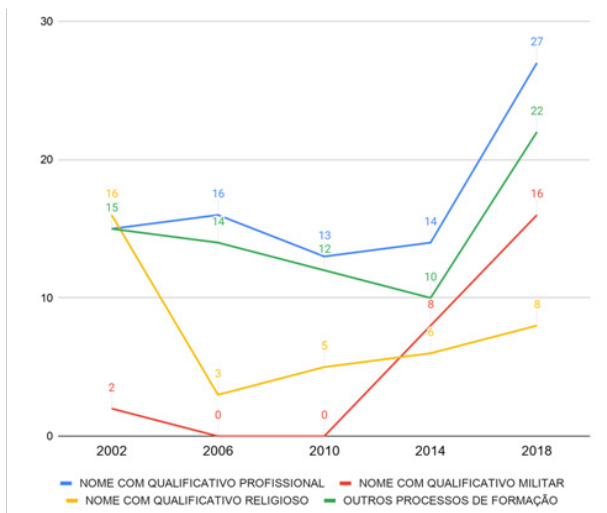
A mudança no uso de cada uma dessas formas ao longo do período pode ser visualizada nos Gráficos 2 e 3, em que se destaca o aumento da ocorrência de qualificativos militares, que cresceram de 2 para 16 ocorrências, isto é, um aumento de 700%, e de nomes que homenageiam outros indivíduos, que foram de 5 para 15 no mesmo período, um aumento de 200%. Entre todas as categorias de elementos divergentes, a única que apresentou diminuição no período, de 16 para 8, ou seja, 50%, foi a dos nomes com qualificativos religiosos. Embora não tenha sido feita uma análise relativa à motivação sobre a inclusão ou rejeição de qualificativos religiosos, tal redução está em consonância com as conclusões de Boas (2014), cujo estudo concluiu que o uso de títulos religiosos, como por exemplo *pastor*, no nome de urna tende a afetar negativamente as intenções de voto para um determinado candidato.

Gráfico 2 – Frequência por ano eleitoral de uso de hipocorístico, apelido e de nome com elemento que homenageia outro indivíduo



Fonte: Elaboração própria.

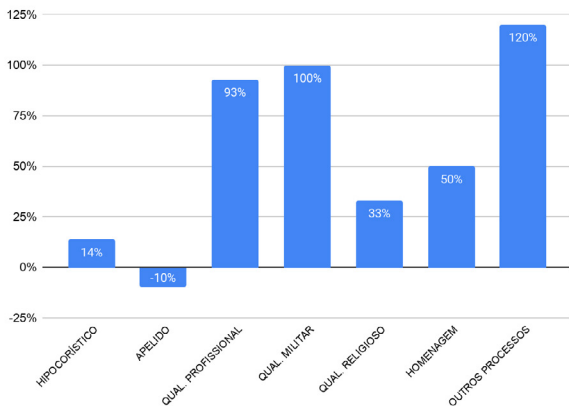
Gráfico 3 – Frequência por ano eleitoral de uso de nome com qualificativo profissional, nome com qualificativo militar, nome com qualificativo religioso e outros processos de formação



Fonte: Elaboração própria.

Comparando-se especificamente os resultados de 2014 e de 2018, é possível também notar o significativo aumento no uso de várias das formas, sobretudo os qualificativos profissionais, qualificativos militares, além de outros processos de formação (GRÁFICO 4).

Gráfico 4 – Variação na frequência de cada forma no ano de 2018, em comparação com 2014



Fonte: Elaboração própria.

Os dados acima se alinham aos que foram encontrados por Soares (2017). A autora, ao analisar os nomes de urna de candidatos militares ao cargo de deputado estadual em um período de 20 anos, entre 1998 e 2018, verifica que houve uma mudança brusca no ano de 2014 para 2018, ano este em que o número de candidatos militares que optaram por nomes de urna com seus qualificativos (postos e graduações militares, para a autora) superou o número dos que não incluíram. Esse resultado, para Soares (2017), atesta a hipótese de que o imaginário coletivo sobre o regime militar tenha influenciado a seleção do nome de urna pelos candidatos, o que estaria relacionado à ascensão de discursos favoráveis ao regime e ao arrefecimento de uma “direita envergonhada”. Considerando dados mais recentes referentes às eleições de 2020, os resultados deste trabalho também se alinham aos que foram divulgados pelo Observatório das Eleições. Nesse caso, observou-se que, entre 2016 e 2020, houve um aumento de nomes de urna com qualificativos militares e religiosos (ARQUER; AMARAL, 2020).

Essa similaridade dos resultados parece indicar que se está diante de um processo recente de mudança na composição dos nomes de urna. Entretanto, uma análise mais detalhada que considere os dados de outros cargos das últimas eleições poderá lançar luz sobre a questão.

Utilizando o *software* AntConc (ANTHONY, 2018), foi feito um levantamento do uso dos qualificativos militares, religiosos e profissionais entre todos os candidatos a deputado federal com candidatura declarada apta nos anos de 2014 e 2018, com o intuito de explicar o aumento do uso de tais formas entre os eleitos no período. Ressalte-se que, em 2014, houve 5.876 e, em 2018, 7.658 candidatos aptos pela Justiça Eleitoral para pleitear uma vaga na Câmara dos Deputados.

Os qualificativos religiosos encontrados são *apóstolo, bispo, diaconisa, frei, irmão, mãe, missionário, padre, pai, pastor, presbítero e reverendo*. Por outro lado, os qualificativos militares registrados são *cabo, capitão, comandante, coronel, fuzileiro, general, major, sargento, soldado, suboficial, subtenente, tenente e tenente-coronel*. No que se refere aos qualificativos profissionais, devido à grande quantidade de dados e à dificuldade de analisar todas as formas utilizadas, foram filtradas apenas aquelas que tiveram pelo menos duas ocorrências em pelo menos um dos anos considerados. Com isso, encontram-se os seguintes qualificativos: *advogado, agente, assessor, assistente social, bancário, bombeiro, cabeleireiro, caminhoneiro, cantor, carteiro, cobrador, conselheiro, corretor, defensor, delegado, dentista, doutor, enfermeiro, engenheiro, escritor, farmacêutico, garçom, goleiro, inspetor, instrutor, investigador, jornalista, maestro, mecânico, mestre, motociclista, motorista, pedagogo, pedreiro, peixeiro, policial, procurador, professor, promotor, psicólogo, rodoviário, sanfoneiro, taxista, veterinário e vigilante*⁴. Os resultados podem ser vistos na Tabela 1.

⁴ Para todos os qualificativos elencados, foram consideradas as formas femininas correspondentes, possíveis abreviaturas e ortografias divergentes. Foram descartados os nomes que continham mais de um qualificativo, como, por exemplo, *Professor e Pastor Minetto*, e aqueles em que o qualificativo era na verdade um prenome ou sobrenome, como *Maximo Bispo*.

Tabela 1 – Ocorrência de qualificativos militares, religiosos e profissionais em nomes de urna de candidatos aptos e de candidatos eleitos para o cargo de deputado federal, nos anos de 2014 e 2018

Qualificativos	2014			2018		
	Aptos	Eleitos	Percentual eleito	Aptos	Eleitos	Percentual eleito
Militares	109	8	7,3%	237	16	6,8%
Religiosos	120	6	5,0%	167	8	4,8%
Profissionais	468	14	3,0%	813	27	3,3%
Total	697	28	4,0%	1.217	51	4,2%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados indicam que, apesar de ter havido crescimento considerável no uso dos qualificativos militares, religiosos e profissionais entre os eleitos no ano de 2018, em comparação com a mesma variável em 2014, tal crescimento acompanhou proporcionalmente o aumento no número de candidatos aptos que utilizaram os mesmos tipos de qualificativos entre uma eleição e outra. É possível observar que o percentual de eleitos entre os candidatos cujo nome de urna continha um dos qualificativos foi de 4,0% em 2014 para 4,2% em 2018, isto é, houve apenas uma pequena variação, da ordem de décimos, nessa proporção. Tais resultados sugerem que não houve uma inclinação maior dos eleitores na direção de candidatos com qualificativos militares, profissionais e religiosos nas eleições de 2018. O que ocorreu foi apenas um aumento na presença de tais candidatos no processo eleitoral, em relação às eleições de 2014.

Considerando os pressupostos assumidos neste trabalho de que o indivíduo pode variar o nome de acordo com o contexto situacional e que as eleições constituem uma oportunidade para que o candidato registre, perante a Justiça Eleitoral, um nome diferente do seu nome de registro civil, pode-se analisar, de modo mais qualitativo, a composição dos nomes de urna para que se possa compreender melhor suas características internas. Isso é que será feito na próxima seção.

4.2 Análise qualitativa dos nomes de urna dos eleitos

São apresentados a seguir os resultados da análise qualitativa dos nomes de urna de eleitos que contêm elementos divergentes do

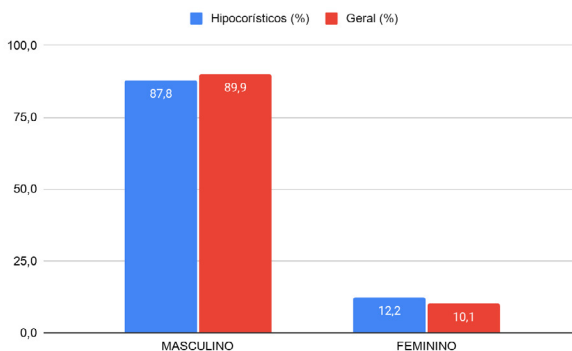
nome do registro civil, explicitando os diversos processos de formação observados. Tais nomes totalizam 450 ocorrências durante todo o período entre 2002 e 2018.

4.2.1 Hipocorísticos e apelidos

Na categoria dos hipocorísticos, considerando as 148 ocorrências encontradas, 130 delas (87,8%) pertencem a candidatos do sexo masculino, enquanto as 18 restantes (12,2%) pertencem a candidatas do sexo feminino. Tal proporção não difere substancialmente da distribuição geral dos nomes analisados entre os sexos (GRÁFICO 5), o que parece demonstrar que a escolha por hipocorístico como nome de urna não constitui um fator de diferenciação de sexo.

Quanto aos apelidos, todas as 37 ocorrências pertencem a candidatos do sexo masculino. Essa diferença pode indicar uma maior aceitabilidade de homens sendo nomeados por apelidos do que mulheres, o que precisaria ser testado em pesquisas futuras.

Gráfico 5 – Distribuição dos hipocorísticos por sexo vs. distribuição geral dos nomes de urna por sexo



Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a composição dos hipocorísticos, verifica-se uma grande variedade nos seus processos de formação. Encontram-se exemplos de sufixação, formando diminutivos ou aumentativos, de duplicação de sílabas, de diferentes tipos de redução, entre outros, tal como se exemplifica a seguir:

- a) diminutivos: *Jaiminho* < *Jaime*; *Silvinho* < *Silvio*; *Pinheirinho* < *Pinheiro* (sobrenome);
- b) aumentativos: *Paulão* < *Paulo*; *Luizão* < *Luiz*; *Raimundão* < *Raimundo*;
- c) duplicação de sílabas: *Cacá* < *Carlos*; *Babá* < *Batista*;
- d) reduções, com uma menor ou maior alteração fonológica: *Zé* < *José*; *Rose* < *Rosilda*; *Bel* < *Isabel*; *Chico* < *Francisco*; *Tonha* < *Antônia*; *Lucia* < *Lucileia*;
- e) diminutivos e aumentativos a partir de prováveis reduções: *Betinho* < **Beto* < *Alberto*; *Edinho* < **Ed* < *Edson*; *Chicão* < **Chico* < *Francisco*; *Betão* < **Beto* < *Edilberto*.

Apesar da diversidade nos processos, os mecanismos empregados para a criação dos hipocorísticos seguem os padrões do português brasileiro (LUCINI, 2010; SILVA; SILVA, 2000). Registrem-se, porém, formas mais inovadoras (*Guiga* < *Guilherme*; *Lelo* < *Wellington*; *Zezeu* < *José*), além da ocorrência de hipocorístico estrangeiro (*Pepe*, hipocorístico de *José* em espanhol) entre os nomes de urna dos candidatos.

4.2.2 Qualificativos militares

Os qualificativos militares registrados na amostra de dados dos eleitos de 2002 a 2018 são: *cabo*, *capitão*, *coronel*, *general*, *major*, *sargento*, *subtenente* e *tenente*. A forma mais frequente é *capitão*, com 6 ocorrências, conforme se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência de uso dos diversos qualificativos militares

Qualificativos militares	Número de ocorrências	Total
capitão	6	6
cabo / coronel / major	4	12
general / sargento / subtenente / tenente	2	8
Total	12	26

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados encontrados seguem, em linhas gerais, uma tendência já divulgada pela imprensa. Em levantamento do quantitativo de policiais militares, policiais civis, bombeiros militares, integrantes das

Forças Armadas e militares reformados candidatos a eleições municipais de 2004 a 2020, foi observado que a categoria que apresenta maior variação proporcional é a de integrantes das Forças Armadas, mas que policiais militares é a que apresenta o maior número de candidatos em todas as eleições (VASCONCELOS, 2020a). O levantamento ainda revela que o partido PSL foi o que apresentou o maior número de candidatos militares em 2020, o que se explica por ser o ex-partido do presidente Jair Bolsonaro. Observa-se, nesse caso, como um fator externo à língua, de caráter político, influencia fortemente a seleção de um antropônimo não pertencente ao registro civil, o nome de urna.

4.2.3 Qualificativos religiosos

Os qualificativos religiosos identificados no período de 2002 a 2018 são *bispo*, *frei*, *irmão*, *missionário*, *padre* e *pastor*, sendo este último o mais frequente deles, com 25 ocorrências (TABELA 3). Para efeitos de comparação, um levantamento feito pelo portal de notícias G1 para as eleições municipais de 2020 revelou que o qualificativo *pastor(a)* também foi o mais utilizado pelos candidatos a prefeito e vereador naquele ano. Dentre os 8.704 candidatos que adotaram títulos religiosos no nome de urna, 4.426 (51%) fizeram uso de *pastor* ou *pastora* (VASCONCELOS, 2020b).

Tabela 3 – Frequência de uso dos diversos qualificativos religiosos

Qualificativos religiosos	Número de ocorrências
pastor	25
bispo	6
padre	3
missionário	2
frei	1
irmão	1
Total	38

Fonte: Elaboração própria.

4.2.4 Qualificativos profissionais

Entre os qualificativos profissionais utilizados no período analisado, encontram-se as formas *delegado*, *doutor(a)*, *garçom*, *goleiro*, *juíza*, *policial* e *professor(a)*, cuja frequência de uso pode ser visualizada na Tabela 2. No tocante à forma *doutor(a)*, das 48 ocorrências contabilizadas, 41 delas são utilizadas por candidatos que declaram exercer a profissão de *médico(a)*; outras 6 estão atreladas à profissão de *advogado(a)*; e uma delas indica a profissão de *procurador(a)* (TABELA 4). Esse resultado revela que os candidatos procuram se basear em qualificativos profissionais que gozam de certo prestígio social entre os profissionais da área ou na sociedade.

Tabela 4 – Frequência de uso dos diversos qualificativos profissionais

Qualificativos profissionais	Número de ocorrências
doutor(a)	48
professor(a)	19
delegado(a)	11
goleiro	3
garçom	2
juíza	1
policial	1
Total	85

Fonte: Elaboração própria.

4.2.5 Homenagens a outros indivíduos

Do total de 43 nomes que homenageiam outros indivíduos, 41 são homenagens a familiares dos candidatos. Os outros dois, a saber, *Gleisi Lula* e *Adriano do Baldy*, referem-se a indivíduos com alguma relação política com os candidatos. No primeiro caso, trata-se da presidente do Partido dos Trabalhadores que resolveu homenagear seu principal expoente, o ex-presidente Lula. No segundo caso, o candidato havia trabalhado como assessor do então ministro das Cidades, Alexandre Baldy.

Com relação à atividade profissional dos homenageados, 34 nomes nesta categoria homenageiam indivíduos que ocupavam ou já haviam ocupado algum cargo político por ocasião de sua respectiva

eleição, como, por exemplo, o nome *Irajá Abreu*, homenagem à mãe, a senadora Kátia Abreu, e *Clarissa Garotinho*, homenagem ao pai, o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Entre os demais, em nove encontram-se figuras do rádio, da TV, do cenário religioso etc., como exemplificado pelos nomes *Eli Corrêa Filho*, que homenageia o pai, o radialista Eli Corrêa, e *Edna Macedo*, que homenageia o irmão Edir Macedo, líder evangélico e empresário. A homenagem é utilizada, portanto, como uma estratégia de marketing para angariar votos, uma vez que se valem de nomes de personalidades políticas conhecidas entre os eleitores.

4.2.6 Outros processos de formação

Considerando os 73 nomes que não podem ser classificados nas categorias existentes, 35 deles apresentam uma *combinação de formas*, por exemplo, o uso de um qualificativo profissional e de um hipocorístico ao mesmo tempo. Outros nove contêm nome de empresa, instituição ou organização. Exemplos desse tipo de elemento são *Mabel*, no nome *Sandro Mabel* (sócio fundador do grupo Mabel), *Amatur*, no nome *Remidio da Amatur* (ex-sócio-administrador da empresa Amatur Amazônia Turismo) e *Coelho Diniz*, no nome *Hercílio Coelho Diniz* (sócio da rede de supermercados Coelho Diniz). Treze deles têm origem incerta ou não foi identificada, 6 possuem acrônimo, como *ACM* (acrônimo de *Antônio Carlos Magalhães*) no nome *ACM Neto*, e os 10 restantes possuem elementos diversos, como epítetos (*do Chapéu*), formas de tratamento (*Dona*), local de origem (*Maranhãozinho*), dentre outros (TABELA 5).

Tabela 5 – Frequência de outros processos de formação

Outros processos de formação	Número de ocorrências
combinação de formas	35
origem incerta/não identificada	13
nome de empresa/instituição/organização	9
acrônimo	6
outros	10
Total	73

Fonte: Elaboração própria.

5 Conclusões

Este trabalho analisou os procedimentos de formação de nomes de urna de candidatos a deputado federal nas eleições brasileiras realizadas entre 2002 e 2018. Entre outros objetivos, procurou-se verificar a existência de mudança diacrônica no conjunto de antropônimos estudados, bem como as características internas na composição dos nomes, especialmente no que se refere aos qualificativos utilizados pelos candidatos ou a outros elementos.

Entre os resultados encontrados, destaca-se um aumento significativo do uso de nomes não pertencentes ao registro civil na formação dos nomes de urna ao longo dos últimos anos. Ao retomar as questões expostas no início deste trabalho, pode-se afirmar que houve, no período analisado, uma mudança no conjunto dos nomes de urna e que essa mudança se acentuou na comparação entre as eleições de 2014 a 2018.

Com efeito, a partir das eleições de 2014, as escolhas dos nomes de urna têm chamado mais a atenção tanto dos estudiosos quanto da sociedade em geral, conforme discutido anteriormente. Esse fato pode ser relacionado com a ampliação da liberdade de escolha do nome ou de sua alteração, conforme se tem visto nas últimas décadas. Como prova disso, tem-se a publicação do Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Embora o nome social seja um antropônimo diferente do nome de urna (e o próprio formulário de registro de candidatura possibilite incluí-lo em campo diferenciado), sua inclusão no sistema antroponímico brasileiro se alinha a essa liberdade concedida pelo Estado. Ao tratar das possibilidades jurídicas de alteração do nome, Vieira (2012, p. 88) afirma: “As pessoas hão de se conscientizar de que a lei é necessária para servir ao homem e não para oprimi-lo”.

A respeito da composição dos nomes que divergem do nome civil, destacam-se as formas cujo uso aumentou de maneira mais expressiva em 2018. Nesse conjunto, estão os qualificativos militares, os qualificativos religiosos, os qualificativos profissionais, as homenagens a outro indivíduo e outros processos. A única forma cujo uso diminuiu no período foi o nome com qualificativo religioso, o que pode ser parcialmente explicado a partir do estudo de Boas (2014) sobre a influência dos nomes religiosos nas eleições brasileiras. Em todo caso, verificou-se também

que o aumento dos diferentes qualificativos de 2014 a 2018 acompanhou um crescimento do número de candidatos no mesmo período. Esses resultados poderão, futuramente, ser contrapostos com os dados das próximas eleições, para que se possa afirmar em que medida há ou não influência do emprego dos diferentes qualificativos no número de eleitos.

As atividades profissionais que servem, preferencialmente, de base para a formação de nomes de urna são aquelas relacionadas às áreas da saúde, do direito e da educação. Pode-se argumentar que certos qualificativos de prestígio social, como *doutor(a)* e *professor(a)*, são usados não somente como forma de identificação antroponímica, na medida em que contribuem para identificar o portador do nome, mas também como estratégia para conquistar votos.

No que se refere à relação entre apelidos ou hipocorísticos e o sexo dos candidatos, não há grandes diferenças com respeito ao que se encontra como nomes não oficiais na antroponímia brasileira. Pelo menos no conjunto de dados analisados, constituídos por formas de livre escolha no registro da candidatura, com os limites impostos pela Justiça Eleitoral, os candidatos a deputado federal não costumam inovar muito. Esse resultado, no entanto, parece estar relacionado ao cargo em disputa, já que, em eleições municipais, em que há, muitas vezes, uma proximidade maior entre candidato e eleitor, os nomes de urna costumam apresentar variedade maior de formas e processos de formação. Esse fato, no entanto, precisa ser mais bem pesquisado.

Conforme exposto anteriormente, considera-se um caso de variação situacional aquele em que o mesmo indivíduo pode variar o nome, de acordo com o contexto situacional (AINIALA, 2016). O nome de urna constitui um exemplo desse tipo de variação, uma vez que o candidato define um nome próprio para constar na urna, o qual pode ou não coincidir com o seu nome do registro civil. Os resultados obtidos neste trabalho revelam que, embora as formas que divergem do nome civil não sejam a maioria da amostra, seu número é bastante considerável e suas características internas revelam aspectos importantes dos portadores. Esses aspectos permitem conhecer melhor o sistema antroponímico brasileiro, o qual somente nas últimas décadas vêm recebendo uma atenção maior por parte dos pesquisadores. Mas, além disso, os resultados deste trabalho podem contribuir também para áreas afins, como a Ciência Política ou o Direito Eleitoral, ou mesmo para o eleitor que busca subsídios para conhecer melhor os candidatos.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao CNPq a concessão da bolsa PIBIC a Daniel Nepomuceno Coutinho.

Declaração de autoria

Este artigo foi concebido, desenvolvido e redigido de forma colaborativa entre ambos os autores.

Referências

AINIALA, T. Names in Society. In: HOUGH, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Names and Naming*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 371-381. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.013.27>.

AINIALA, T.; ÖSTMAN, J. Introduction. In: AINIALA, T.; ÖSTMAN, J. (ed.). *Socio-Onomastics: The Pragmatics of Names*. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 2-18. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.275>.

AMARAL, E. T. R.; MACHADO, V. B. Nomes de urna e nomes parlamentares de vereadores da Câmara Municipal de Ouro Preto. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 52-65, 2015. DOI: <https://dx.doi.org/10.14393/Lex1-v1n1a2015-4>.

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020. <https://doi.org/10.5151/9786555500011>.

ANTHONY, L. *AntConc* (Version 3.5.6). Computer Software. Tokyo: Waseda University, 2018.

ARQUER, M.; AMARAL, O. E. do. Aumentam as menções a títulos militares e religiosos nas urnas em 2020. *UOL*, 30 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/observatorio-das-eleicoes/2020/09/30/aumentam-as-mencoes-a-titulos-militares-e-religiosos-nas-urnas-em-2020.htm>. Acesso em: 3 fev. 2021.

BAJO PÉREZ, E. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*. La Coruña: Toxosoutos, 2002.

BAJO PÉREZ, E. *El nombre propio en español*. Madrid: Arco Libros, 2008.

BOAS, T. C. Pastor Paulo vs. Doctor Carlos: Professional Titles as Voting Heuristics in Brazil. *Journal of Politics in Latin America*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 39-72, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1866802X1400600202>.

BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1 out. 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm. Acesso em: 23 jan. 2014.

JUNTA ELECTORAL CENTRAL. *Acuerdo 13/2007*. 25 jan. 2007. Disponível em: http://www.juntaelectoralcentral.es/cs/jec/doctrina/acuerdos?packedargs=anyosesion=2007&idacuerdoinstruccion=7143&idsesio n=179&template=Doctrina%2FJEC_Detalle. Acesso em: 22 maio 2020.

KAMAYURÁ, U. AGU assegura no TSE proibição do uso de nomes e siglas de órgãos públicos nas eleições 2014. *Notícias de governo*, 6 mar. 2014. Disponível em: <http://noticias.i3gov.planejamento.gov.br/noticias/pesquisa.xhtml?f=&b=&j=25&q=0&o=0&dp=null&e=0&editorial=null&p=4211>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LUCINI, L. *Hipocorização sob a perspectiva variacionista*. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2010.

MCCLURE, P. Nicknames and Petnames. *Linguistic Forms and Social Contexts*. *Nomina*, [S.l.], v. 5, p. 63-76, 1981.

MENDES, S. T. do P. *A ausência de artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?* 2000. 204f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2000.

NÜBLING, D.; FAHLBUSCH, F.; HEUSER, R. *Namen: eine Einführung in die Onomastik*. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2015.

SANTOS, A. M. dos; ROCHA, S. A. da. Antroponímia e Ciência Política: uma possível relação entre os nomes de urna e o voto. *RE-UNIR*, Porto Velho, v. 6, n. 2, p. 9-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47209/2594-4916.v.6.n.2.p.9-25>.

SILVA, A. V. T. da; SILVA, A. J. D. O processo de formação de palavras dos hipocorísticos derivados de antropônimos. *Ao pé da Letra*, Recife, v. 2, p. 1-7, 2000.

SOARES, P. S. L. O aumento da inclusão de postos e graduações militares em nomes de urna como um indicador de mudanças no imaginário social brasileiro. *GTLex*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 169-182, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-10>.

TRIBUNAL ELECTORAL DEL PODER JUDICIAL DE LA FEDERACIÓN. *Gaceta jurisprudencia y tesis en material electoral*, México DF, n. 13, 2013. Disponível em: https://www.te.gob.mx/publicaciones/sites/default/files//archivos_libros/13%20gaceta_6_13_2013.pdf. Acesso em: 21 maio 2020.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Resolução nº 23.609, de 18 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a escolha e o registro de candidatos para as eleições. Brasília: DJE-TSE, nº 249, p. 109-125, 27 dez. 2019. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2019/resolucao-no-23-609-de-18-de-dezembro-de-2019>. Acesso em: 22 maio 2020.

VANLANGENDONCK, W. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110197853>.

VASCONCELLOS, F. Eleições 2020 terão o maior número de candidatos militares dos últimos 16 anos. *G1*, 1 out. 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/eleicoes-2020-terao-o-maior-numero-de-candidatos-militares-dos-ultimos-16-anos.ghtml>. Acesso em: 3 fev. 2021.

VASCONCELLOS, F. Mais de 8,7 mil candidatos adotam títulos religiosos no nome de urna. *G1*, 1 out. 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2020/10/01/mais-de-87-mil-candidatos-adotam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2021.

VIEIRA, T. R. *Nome e sexo: mudanças no registro civil*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.



Determinantes plurais na expressão de telicidade: o clítico aspectual “se” no espanhol da Colômbia e do Chile

Plural determiners in the expression of telicity: the aspectual clitic “se” in Spanish from Colombia and Chile

Jean Carlos da Silva Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte / Brasil

gomes.jean@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4022-0580>

Resumo: A telicidade se caracteriza pela presença de um ponto final do evento delimitado linguisticamente na sentença. Um dos meios pelos quais essa delimitação pode ser feita se dá pela inserção de determinantes no complemento verbal. No espanhol, discute-se se determinantes plurais conduzem a uma leitura tética ou atélica da sentença. Nessa língua, existe uma partícula aspectual conhecida como “se” tético que ratifica o valor de telicidade da sentença. Dessa forma, ele é utilizado, nesta pesquisa, como um instrumento para a verificação do papel que possuem os determinantes plurais, quando encabeçam o complemento verbal, para a delimitação do evento. Diante disso, pretendeu-se, com este trabalho, verificar se o “se” tético poderia combinar-se com verbos que contivessem complementos verbais encabeçados por determinantes plurais no espanhol a partir de dados das variedades faladas na Colômbia e no Chile. Para tanto, foi aplicado um teste linguístico, caracterizado como de julgamento de gramaticalidade comentado, a falantes nativos dessas regiões. Os resultados demonstram que a associação investigada no estudo é possível em ambas as variedades e que complementos verbais encabeçados por determinantes plurais conduzem a uma leitura tética da sentença. Além disso, foi possível observar que a associação do “se” tético com verbos como “beber” e com determinantes como “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*” parece pouco frequente na língua. Discutiu-se que o “se” tético parece combinar-se com mais frequência com verbos que contenham complementos encabeçados por determinantes plurais que possuam uma menor dependência contextual.

Palavras-chave: telicidade; “se” tético; determinantes; delimitação; espanhol.

Abstract: Telicity is characterized by the presence of an endpoint of the event linguistically delimited in the sentence. One of the ways in which this delimitation can be made is through the insertion of determiners in the verbal complement. In Spanish, it is discussed whether plural determiners lead to a telic or atelic reading of the sentence. In that language, there is an aspectual particle known as the telic “*se*” that ratifies the telicity value of the sentence. Thus, it is used, in this research, as an instrument to verify the role that plural determiners have, when they head the verbal complement, for the delimitation of the event. In view of this, it was intended, with this work, to verify if the telic “*se*” could be combined with verbs that contained verbal complements headed by plural determiners in Spanish based on data from the varieties spoken in Colombia and Chile. For this purpose, a linguistic test, characterized as commented grammar judgment, was applied to native speakers of these regions. The results demonstrate that the association investigated in the study is possible in both varieties and that verbal complements headed by plural determiners lead to a telic reading of the sentence. In addition, it was possible to observe that the association of the telic “*se*” with verbs such as “*beber*” and with determiners such as “*ciertos(as)*” and “*pocos(as)*” seems infrequent in the language. It was argued that the telic “*se*” seems to combine more frequently with verbs that contain complements headed by plural determiners that have less contextual dependence.

Keywords: telicity; telic “*se*”; determiners; delimitation; Spanish.

Recebido em 08 de abril de 2021

Aceito em 28 de junho de 2021

1 Introdução

Entre os valores aspectuais que podem ser depreendidos da sentença, um deles diz respeito às propriedades intrínsecas do(s) evento(s) descrito(s) nela, chamado de aspecto semântico (COMRIE, 1976). A telicidade pode ser definida como o valor aspectual semântico caracterizado pela presença de um final do evento delimitado linguisticamente na sentença (BASSO, 2007; BERTINETTO, 2001; COMRIE, 1976; DAHL, 1977; DECLERCK, 1979; SLABAKOVA, 2000).

No que tange às formas por meio das quais é possível realizar tal delimitação, diversos autores têm discutido o papel que os determinantes, quando introduzem o complemento verbal, possuem no estabelecimento de um ponto final do evento em algumas línguas, dentre elas, o espanhol (GOMES; MARTINS, 2020a, 2020b; MOURE, 1990; ROTHSTEIN, 2008; SLABAKOVA, 2000; VERKUYL, 2005; WACHOWICZ, 2008).

Nessas línguas, a oposição télico-atélico tem sido entendida, em alguns casos, a partir da oposição entre presença e ausência de determinantes no complemento verbal. Nessa direção, a ausência conduz a uma interpretação télica e a presença a uma interpretação atélica (VERKUYL, 2005). No entanto, Moure (1990), ao discorrer sobre o espanhol, afirma que, quando o complemento verbal é introduzido por um determinante singular, como “*el/un*”, gera-se uma leitura télica do evento, enquanto que, quando não há determinante, gera-se uma leitura atélica; porém, não é possível afirmar qual leitura é gerada por complementos introduzidos por determinantes plurais.

No espanhol, há uma partícula aspectual denominada “*se*” télico¹, um clítico opcional que ratifica o valor de telicidade do enunciado. Seu uso está restrito a sentenças em que já tenha sido conferido o valor aspectual de telicidade por outros elementos constitutivos da oração. Segundo De Miguel (1999), determinantes plurais no complemento verbal conduzem a uma leitura atélica e, por isso, o “*se*” télico não pode figurar com verbos que contenham complementos que sejam introduzidos por determinantes dessa natureza. Dessa maneira, uma sentença como “*Mercedes se comió unas manzanas*” é entendida como considerada agramatical por essa investigadora.

Em contrapartida, Gomes e Martins (2020a, 2020b), por meio de uma metodologia experimental aplicada a falantes do espanhol da Espanha, da Argentina e da Venezuela, afirmam que a combinação descrita acima é gramatical, a partir de dados da associação entre “*se*” télico e determinantes plurais indefinidos como “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*” e “*varios(as)*” na mesma oração, diferindo da proposição de De Miguel (1999). No entanto, os autores não apresentam uma discussão sobre o papel de outros determinantes plurais.

Desse modo, pretende-se, com este trabalho, de maneira geral, contribuir para o entendimento do que caracteriza a telicidade. Mais

¹ Na literatura, outras nomenclaturas podem ser utilizadas para referir-se a esse elemento, como “*se*” delimitador (DE MIGUEL, 1999), “*se*” aspectual (LÓPEZ, 2002), clítico télico (SANZ; LAKA, 2002), dativo de interesse (D’INTRONO; GONZÁLEZ; RIVAS, 2007), partícula “*se*” (GOMES, 2017), operador aspectual “*se*” (LOURENÇONI, 2017) etc. Neste trabalho, adota-se o termo “*se*” télico em consonância com estudos de Suárez-Cepeda (2005), Martins, Gomes e Lourençoni (2017) e Gomes e Martins (2020a, 2020b).

especificamente, pretende-se verificar se, no espanhol, determinantes plurais conduzem a uma leitura télica ou atélica da sentença. Para tanto, o “*se*” télico será utilizado como instrumento de verificação de tal questão, tendo em vista que, uma vez que possa combinar-se, em uma mesma oração, com complementos verbais iniciados por determinantes plurais, será possível afirmar que esses determinantes contribuem para uma interpretação télica do enunciado.

Portanto, levando em consideração que Gomes e Martins (2020a, 2020b) apresentam evidências de combinação do “*se*” com verbos cujos complementos encontram-se iniciados por determinantes plurais indefinidos, neste estudo parte-se da hipótese de que o “*se*” télico, no espanhol da Colômbia e do Chile, quando combinado com verbos cujos complementos sejam introduzidos por determinantes plurais, só pode associar-se com os indefinidos “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*”, “*varios(as)*”.

A organização deste manuscrito pode ser descrita da seguinte forma: na primeira seção, dissertamos sobre a telicidade e a delimitação do complemento verbal; na segunda, dissertamos sobre o “*se*” télico e a expressão linguística de telicidade no espanhol; na terceira, discorreremos sobre a metodologia do estudo; na quarta, discorreremos sobre os resultados da pesquisa; na quinta, analisamos os resultados; e, por fim, na última seção, dissertamos sobre as conclusões do estudo.

2 A delimitação do complemento verbal e a expressão de telicidade

A categoria linguística de aspecto diz respeito às diferentes formas de se visualizar a constituição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976). O aspecto pode ser dividido em gramatical ou semântico. O aspecto gramatical refere-se à informação veiculada pelos itens gramaticais da sentença, como a morfologia verbal e certos advérbios e expressões adverbiais. O aspecto semântico, por seu turno, refere-se à informação veiculada pelos itens lexicais presentes na sentença, como a raiz verbal, os argumentos e/ou adjuntos.

Neste trabalho, enfoca-se o valor aspectual semântico de telicidade. Conforme autores como Comrie (1976), Dahl (1977), Declerck (1979), Slabakova (2000), Bertinetto (2001) e Basso (2007), pode-se definir a telicidade como o valor aspectual depreendido de sentenças em que o ponto final do evento encontra-se delimitado linguisticamente.

Assim, uma sentença télica é aquela que apresenta tal ponto final, por exemplo em (1), enquanto que uma sentença atélica não o apresenta, como em (2).

(1) João comeu uma manga.

(2) João comeu mangas.

Na primeira sentença, entende-se que há um ponto final delimitado, sendo este o final da extensão da entidade denotada por “manga”. Quando esse ponto é alcançado, o evento não pode apresentar uma continuidade para além dele. Na segunda sentença, por outro lado, tal delimitação não é expressa. Ainda que se possa inferir que o evento de “comer mangas” termine em algum dado momento, tal ponto final não está expresso linguisticamente no enunciado.

A telicidade já foi descrita, juntamente com os outros valores aspectuais semânticos, como um traço dos verbos (SCHER, 2005; SMITH, 1991). No entanto, perspectivas mais recentes de investigação têm indicado que a telicidade é um produto da interação entre itens presentes na sentença (ROTHSTEIN, 2008; VERKUYL, 2005; WACHOWICZ, 2008).

Mais especificamente, Wachowicz (2008) e Lourençoni (2014) têm destacado que a telicidade é um valor depreendido da interação entre itens que compõem o sintagma verbal que sejam capazes de permitir a delimitação do evento. Dentre eles, uma grande importância tem sido dada ao complemento verbal.

A comparação entre os exemplos (1) e (2), mostrados anteriormente, evidencia que a determinação do complemento verbal possui um papel crucial no processo de delimitar o ponto final do evento. Na primeira sentença, há um determinante que permite a visualização da presença de um ponto final da situação, enquanto que, na segunda, o uso de um nome nu não confere tal delimitação ao evento.² Dessa forma, estabelece-se que a presença de determinantes no complemento verbal

² O determinante atribui definitude à referência do item nominal. Somente objetos definidos e específicos podem ser medidos, ou seja, podem apresentar extensão com ponto inicial e final delimitados. O nome nu, em português, não possui cardinalidade certa, de maneira que se pode dizer “comprei maçã na feira” fazendo referência tanto a um evento de trazer uma dúzia de maçãs para casa quanto ao de trazer uma única maçã.

contribui para que se tenha uma interpretação télica da sentença, ao passo que a ausência de determinantes geraria uma interpretação atélica.

Verkuyl (2005) destaca que um dos traços relevantes na diferenciação dos tipos de situação é o $[\pm SQA]$, cuja sigla provém do termo em inglês “*Specified Quantity of A*”. Tal traço está presente nos itens nominais que compõem a sentença e relaciona-se à quantificação dos itens descritos nos NPs, tanto na posição de sujeito quanto na de complemento. Quando marcado positivamente, denota uma quantidade específica de coisas ou massa.

Segundo esse autor, para que uma sentença não-estativa seja considerada télica é necessário que o traço $[SQA]$ esteja marcado positivamente tanto no item que ocupa a posição de complemento quanto a de sujeito. Quando o traço for marcado negativamente em uma ou mais dessas posições, a sentença será considerada atélica. Logo, para ele, um enunciado como “*Mary walked three miles*” (Maria caminhou três milhas) é télica, visto que tanto o item na posição de sujeito quanto o de complemento possuem o traço $[+SQA]$. Em contrapartida, “*Mary walked miles*” (Maria caminhou milhas) e “*Children walked three miles*” (Crianças caminharam três milhas) seriam atélicas, pois, na primeira, o item na posição de complemento possui o traço $[-SQA]$, e, na segunda, o item na posição de sujeito possui o traço $[-SQA]$.

Ainda que o papel do sujeito também seja discutido na expressão do valor de telicidade consoante Verkuyl (2005), o grande foco das discussões destaca o papel do complemento verbal. Conforme Bertinetto (2001), ainda que haja diversas formas para identificar se uma sentença é télica ou não, a análise da determinação do complemento inserido no predicado verbal é um dos meios mais relevantes de compreender o fenômeno.

Neste estudo, buscamos verificar a contribuição de determinantes plurais no complemento verbal para a expressão de telicidade no espanhol. Na seção subsequente, apresentamos uma descrição sobre as formas de realização desse valor aspectual nessa língua e elucidamos a questão de pesquisa investigada neste trabalho.

3 O “se” télico e a expressão linguística da telicidade em espanhol

De acordo com De Miguel (1999), Lourençoni (2014) e Gomes e Martins (2020a), no espanhol, é possível expressar linguisticamente o valor aspectual de telicidade através de três meios. O primeiro caracteriza-

se pela expressão de um complemento direto delimitado, aquele descrito como capaz de atribuir um limite ao evento, como exemplificado em (3); o segundo diz respeito à inserção de um sintagma preposicional delimitador, como se pode ver em (4); o terceiro caracteriza-se pelo uso de uma partícula com valor aspectual de telicidade, conhecida como “*se*” tético, combinado necessariamente à primeira forma de realização (um complemento direto delimitado), como em (5).³

(3) *María tomó el zumo.*

‘Maria tomou o suco.’

(4) *María caminó hasta el fin de la calle.*

‘Maria caminhou até o fim da rua.’

(5) *María se tomó el zumo.*

‘Maria tomou o suco.’⁴

No que tange à primeira forma de expressão linguística de telicidade, vale a pena destacar que os determinantes, quando introduzem o complemento verbal, possuem um papel na delimitação do evento e, por consequência, na valoração do enunciado como tético ou atélico. De acordo com Moure (1990), no espanhol, quando um complemento verbal é introduzido por determinantes singulares, gera-se uma interpretação tética da sentença, como no exemplo (3) apresentado anteriormente, ao passo que, quando não há determinantes no complemento verbal, gera-se uma interpretação atélica da sentença, como no exemplo em (6). Porém, não é possível determinar a interpretação gerada quando complementos verbais são introduzidos por determinantes plurais, como no exemplo em (7).

(6) *María tomó zumos.*

‘Maria tomou sucos.’

(7) *María tomó los zumos.*

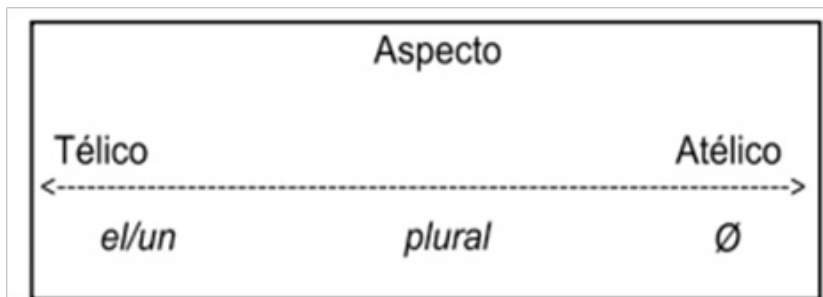
‘Maria tomou os sucos.’

³ Vale destacar que há restrições para o uso dessa partícula aspectual no espanhol. Tais informações encontram-se detalhadas em trechos mais adiante nesta seção.

⁴ Exemplos elaborados pelo autor.

A autora, em seu artigo, insere um quadro que representa o contínuo da relação entre o grau de definição do complemento e a interpretação télica/atélica da sentença. Na Imagem 1, replicamos a proposta da autora.

Imagem 1 – Relação entre o grau de definição do complemento e a expressão de telicidade



Fonte: Adaptado de Moure (1990, p. 364).

Assim sendo, segundo a autora, não é possível saber se, nessa língua, determinantes plurais conduzem a uma leitura télica ou atélica da sentença. Para investigar tal questão, neste estudo, utilizamos como instrumento de análise a terceira forma de realização de telicidade mencionada nesta seção, a que inclui o uso de um clítico com valor aspectual.

O “*se*” télico é uma partícula cujo uso é opcional no espanhol e sua função é ratificar o valor de telicidade do enunciado. Seu uso está restrito a sentenças em que tal noção já tenha sido conferida pelos demais itens que as compõem. Desse modo, vale ressaltar que não é o “*se*” que confere telicidade ao evento, mas a comprova. Uma sentença atélica, como aquela que possui um nome nu na posição de complemento verbal, seria agramatical, se contivesse a presença desse “*se*”, como ilustrado nos exemplos em (8) e em (9).

(8) **María se tomó zumo.*

‘Maria tomou suco.’

(9) **María se tomó zumos.*

‘Maria tomou sucos.’

Por outro lado, sua ocorrência com determinantes singulares, numerais e demonstrativos singulares tem sido descrita como gramatical no espanhol (LOURENÇONI, 2014; MOURE, 1990; SLABAKOVA, 2000; SUÁREZ-CEPEDA, 2005), tendo em vista que esses itens na posição de complemento verbal conferem um limite ao evento, como se observa nos exemplos em (10), em (11) e em (12).⁵

(10) *María se tomó el vaso de zumo.*

‘Maria tomou o copo de suco.’

(11) *María se tomó dos vasos de zumo.*

‘Maria tomou dois copos de suco.’

(12) *María se tomó este vaso de zumo*

‘Maria tomou este copo de suco.’

O “*se*” télico concorda com o sujeito verbal em número e pessoa e, portanto, pode ser expresso como “*me*”, “*te*”, “*se*”, “*nos*” e “*os*”. Os contextos em que esse clítico aspectual pode ser usado ainda são tema de investigação na literatura linguística (LOURENÇONI; MARTINS, 2016). Porém, algumas das afirmações já observadas em alguns estudos são revisadas nesta seção.

Um dos contextos que favorecem o uso do “*se*” télico, conforme autores como Sanz (2000) e Linares (2010), é o uso de verbos de ingestão. Esses remetem à noção de que o sujeito toma algo para si (ARCE ARCENALES, 1989 *apud* LÓPEZ, 2002; LINARES, 2010). São exemplos de ingestão “*comer*”, “*beber*”, “*tomar*”, “*fumar*”, “*devorar*”, “*ingerir*”, “*succionar*”, “*absorber*”, “*sorber*”, “*tragar*”, “*engullir*” etc. Linares (2010) destaca que os dois primeiros seriam os verbos prototípicos para essa classe no espanhol.

⁵ Vale destacar que, segundo Sanz e Laka (2002), há alguns verbos de atividade que podem conter um complemento introduzido por determinante singular, não havendo, nesse caso, veiculação do valor aspectual télico, como em “*María empujó el carrito*”. Em sentenças dessa natureza, a presença do “*se*” télico seria agramatical, como em “**María se empujó el carrito*”. Porém, caso seja inserida uma delimitação do evento por meio de um sintagma preposicional, o uso do clítico seria possível, como em “*María se empujó el carrito hasta la puerta*”.

Alguns autores, como Suárez-Cepeda (2005), D’Introno, González e Rivas (2007) e Lawall (2012), interpretam a telicidade como resultado de uma situação que já tenha alcançado seu *télos*. Portanto, tais autores advogam a favor da ideia de que o uso do “*se*” em sentenças que contenham verbos de ingestão gera a leitura de ação completada. Logo, uma sentença como “*Maria se tomó el zumo*” teria a interpretação de que Maria tomou o suco inteiro. Lourençoni (2017) e Martins, Gomes e Lourençoni (2017), por outro lado, verificaram contextos morfossintáticos de ocorrência do “*se*” em que tal afirmativa não se sustenta, como em casos de combinação com a morfologia progressiva, por exemplo em “*se está cayendo el osito*” (LOURENÇONI, 2017, p. 93), e com expressões adverbiais durativas “*se comió tres manzanas durante ocho minutos*” (MARTINS; GOMES; LOURENÇONI, 2017, p. 11).

Além disso, De Miguel (1999) afirma que a ocorrência desse “*se*” restringe-se a sentenças com verbos transitivos, como no exemplo (5) apresentado anteriormente, e verbos inacusativos, como em (13). Além disso, sua frequência é maior com a morfologia perfectiva (DE MIGUEL; LAGUNILLA, 2000).

(13) El vaso se ha caído de la mesa.

O copo caiu da mesa.

Tendo em mente que a presença do “*se*” só é licenciada em sentenças com valor aspectual télico, caso sua ocorrência com verbos que apresentam complementos encabeçados por determinantes plurais seja considerada gramatical no espanhol, será possível empreender uma discussão na qual se entenderá que esses contribuem para o estabelecimento de uma leitura télica da situação.

Com relação a tal combinação, De Miguel (1999), em um capítulo sobre o comportamento do “*se*” télico no espanhol, presente na gramática descritiva de Bosque e Demonte (1999), destaca que determinantes plurais não possuem a capacidade de fornecer um limite ao evento, de modo que a combinação do “*se*” com verbos que contenham complementos encabeçados por determinantes dessa natureza seria agramatical no espanhol. Nessa direção, uma sentença como a apresentada em (14) seria rejeitada por falantes nativos dessa língua.

(14) *María se tomó los / unos / algunos zumos.*

‘Maria tomou os / uns / alguns sucos.’

Por outro lado, em trabalhos como os de Suárez Cepeda (2005) e Márquez (2020) foram encontrados exemplos de tal combinação tomada como possível no espanhol. É importante ressaltar que em ambos os casos, os exemplos fornecidos foram criados pelos autores, sendo provenientes de sua intuição como falantes nativos da língua, mas não havia nenhuma coleta de dados a fim de comprovar a veracidade da afirmação. Além disso, esses estudos não tinham por objetivo verificar a questão descrita neste trabalho, a associação investigada aqui estava presente nesses trabalhos apenas para exemplificar a existência do “*se*” tético no espanhol.

Gomes e Martins (2020a), por sua vez, buscaram, especificamente, verificar se a combinação do “*se*” tético com verbos cujos complementos eram introduzidos por determinantes plurais indefinidos era possível no dialeto castelhano setentrional⁶ do espanhol. Para tanto, realizaram um estudo com dados de fala espontânea e aplicação de teste linguístico a falantes dessa variedade.

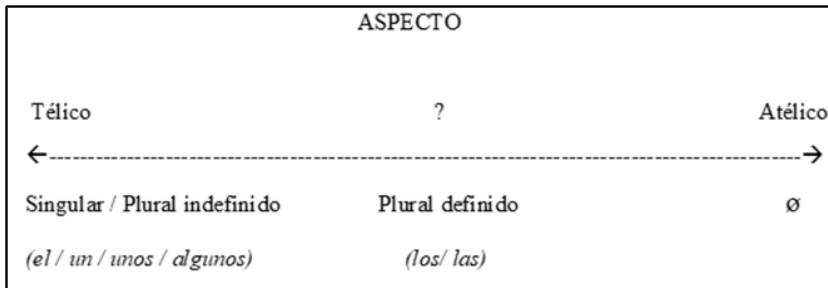
O estudo desses autores verificava apenas a combinação do “*se*” com verbos que continham complementos introduzidos pelos indefinidos “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*”, “*varios(as)*”. Em seus resultados, observaram que tal combinação era possível na língua. Desse modo, os autores discutiram que determinantes plurais indefinidos contribuem para uma leitura tética da sentença e, em consonância com Rothstein (2008), afirmaram que, na veiculação do valor de telicidade, é preciso apenas que haja uma delimitação do complemento, mesmo que tal delimitação não seja precisa.

Gomes e Martins (2020b) ampliaram tal análise e, a partir de dados experimentais, verificaram tal combinação nas variedades de espanhol faladas na Argentina e na Venezuela. Em seu estudo, observaram também uma grande aceitação por parte dos falantes de ambas as variedades no que tangia à associação entre o “*se*” e verbos com complementos encabeçados por determinantes plurais indefinidos. Em

⁶ Dialeto no centro e no norte da Espanha. Abrangem-se as áreas de Cantábria, pelo norte, até Mancha, no sul, e todas as comunidades autônomas de Castela & Leão e de Madri. Excluem-se as zonas ocidentais de Leão, de Samora e de Salamanca (MORENO-FERNÁNDEZ; ROTH, 2007).

seu estudo, observaram uma maior aceitação do clítico aspectual com os verbos “*tomar*” e “*fumar*” do que “*comer*” e “*beber*”. A partir dos dados obtidos, os autores reformularam o contínuo descrito por Moure (1990) alocando determinantes plurais indefinidos à esquerda do contínuo, como se observa na Imagem 2, a seguir.

Imagem 2 – Relação entre o grau de definição do complemento e o valor aspectual télico



Fonte: Adaptado de Gomes e Martins (2020b, p. 18).

Os trabalhos de Gomes e Martins (2020a, 2020b), no entanto, não apresentavam dados de determinantes plurais definidos, como “*los(as)*”, determinantes que recebem intensidade, como “*muchísimos(as)*”, e outros indefinidos como “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*”. Assim, parece-nos que o papel dos determinantes plurais na veiculação de telicidade no espanhol ainda não está esgotado na literatura linguística.

Pretende-se, então, com este trabalho elucidar o questionamento sobre o papel dos plurais definidos na telicidade da sentença e também outros plurais indefinidos além dos estudados por Gomes e Martins (2020a, 2020b). Além disso, busca-se verificar se os plurais indefinidos descritos por esses autores também conduzem a uma leitura télica do evento em outras variedades do espanhol, como a da Colômbia e do Chile, analisadas neste trabalho.

4 Metodologia

A metodologia deste trabalho constitui-se na aplicação a falantes nativos do espanhol da Colômbia e do Chile de um teste linguístico de julgamento de gramaticalidade comentado. O perfil selecionado

dos informantes era de sujeitos com idade entre 18 e 59 anos⁷ com escolaridade mínima de ensino médio completo que tenham nascido e residam atualmente em seus respectivos países.

O teste aplicado aos participantes nomeia-se julgamento de gramaticalidade comentado. A tarefa do experimento consistia na avaliação de sentenças como naturais ou estranhas. No caso de que o participante considerasse a sentença gramatical, ele deveria indicar tal avaliação com um “OK” e, no caso de que considerasse como estranha, deveria fazer modificações na sentença de maneira a torná-la natural.

Métodos de julgamento de gramaticalidade são comumente utilizados na investigação da estrutura das línguas visto que permitem o acesso de maneira indireta ao conhecimento linguístico internalizado dos falantes (CHOMSKY, 1957). Tal teste é considerado como pertencente a um conjunto de experimentos linguísticos descritos como “tarefas de conhecimento metalinguístico” (CHAUDRON, 2003, p. 591).

Segundo Chafe (1994 *apud* FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016), os métodos de pesquisa em linguística podem ser definidos a partir de dois critérios: a natureza dos dados (naturais ou manipulados) e o meio de observação (público ou privado). Segundo ele, o teste de julgamento de gramaticalidade apresenta o cruzamento entre a obtenção de dados manipulados por meio de observação privada.

Diversos estudos já mostraram a eficiência da aplicação desse método nos mais diversos estudos sobre a linguagem (GRÉGIS, 2007; GROLLA, 2009; MARTINS, 2010). Tal experimento tem mostrado também sua eficiência na investigação sobre os contextos sintáticos de uso do “*se*” télico no espanhol, objeto de estudo desta pesquisa, como evidenciam os trabalhos de Lawall (2012); Lourençoni (2017); Martins, Gomes e Lourençoni (2017), Lourençoni e Martins (2016), Gomes e Martins (2020a, 2020b).

Para além da avaliação de uma sentença como gramatical ou agramatical, alguns autores como Gass (1980), Lightbown, Spada e Wallace (1980) e Liceras (1985) defendem que solicitar ao participante que corrija a sentença permite o entendimento dos fatores que causam

⁷ A idade máxima dos participantes no teste foi definida com base nos resultados de estudos como os de Arbuckle e Gold (1993) e Gomes (2021), em que se observou que sujeitos no processo de envelhecimento saudável podem apresentar alterações linguísticas de natureza sintática.

agramaticalidade na sentença. Comumente, tem-se designado o julgamento de gramaticalidade comentado ao experimento em que o participante não apenas julga a sentença como natural ou estranha, mas também a corrige de forma a torná-la gramatical em sua língua (GOMES; MARTINS, 2020b).

Levando em consideração que, neste trabalho, investiga-se a combinação entre o “*se*” tético e complementos verbais encabeçados por determinantes plurais, espera-se verificar como os falantes do espanhol da Colômbia e do Chile avaliarão essas construções, se naturais (gramaticais) ou estranhas (agramaticais). E, no caso de serem consideradas agramaticais, acredita-se que tal teste pode fornecer evidências para o entendimento dos fatores que influenciam na impossibilidade da construção investigada, tendo em vista que os participantes precisarão corrigir as frases.

O teste aplicado neste trabalho constitui-se por 24 sentenças, sendo 8 delas alvo, correspondendo a $\frac{1}{3}$ de sentenças do teste, e 16 distratoras, correspondendo a $\frac{2}{3}$, seguindo, portanto, um desenho comumente adotado na experimentação em linguística (HAVIK *et al.*, 2009). O teste dividia-se em duas listas. A diferença entre elas residia apenas nas sentenças-alvo, de modo que as distratoras eram sempre as mesmas em ambas as listas. As sentenças-alvo continham o “*se*” tético associado a um verbo com um complemento encabeçado por um determinante plural, como se pode observar no exemplo em (15).

(15) Miguel se tomó las cervezas.

‘Miguel tomou as cervejas.’

Os determinantes plurais testados nas sentenças-alvo foram “*los(as)*”, “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*”, “*varios(as)*”, “*muchísimos(as)*”, “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*”. Em ambas as listas, havia uma sentença que continha verbo com um complemento encabeçado por esses determinantes.

Com relação aos verbos, foram utilizados os verbos de ingestão “*comer*”, “*beber*”, “*tomar*” e “*fumar*”, havendo duas sentenças com cada verbo em cada lista. Levando em consideração que os dados de Martins, Gomes e Lourençoni (2017) e Gomes e Martins (2020b) revelam que a ocorrência do “*se*” pode ser maior com determinados verbos, a fim de que a análise dos determinantes não fosse equivocadamente interpretada devido a especificidades dos verbos utilizados, as duas listas do teste diferenciaram-se quanto a combinação entre eles.

Como um exemplo, podemos informar que, na lista 1, o determinante “*algunos(as)*”, encontrava-se associado a um verbo considerado menos frequente com o “*se*”, o “*comer*”, como exemplo em (16), à medida que, na lista 2, encontrava-se associado a outro mais frequente, o “*tomar*”, como em (17). Acreditamos que tal escolha possa contribuir com uma melhor análise do papel dos determinantes e dos verbos na combinação com o “*se*” tónico no espanhol.

(16) *Pedro se comió algunos panes.*

‘Pedro comeu alguns pães.’

(17) *Miguel se tomó algunas cervezas.*

‘Miguel tomou algumas cervejas.’

Além disso, a fim de garantir que a análise das sentenças se restringisse à combinação estudada, optou-se por controlar outros fatores que favorecem a presença do “*se*” tónico, como o uso de verbos transitivos e de morfologia perfectiva, levando em consideração a descrição da literatura presente na fundamentação teórica deste trabalho.

As sentenças distratoras, por sua vez, dividiam-se em três grupos. O primeiro deles, formado por oito sentenças, caracterizava-se pela composição de estruturas bem formadas na língua e com uso do pronome “*se*”. No entanto, nesses casos, o pronome não possuía função tónica, como exemplificado em (18) e (19)

(18) *Flavia se peina todos los días.*

‘Flávia se penteia todos os dias.’

(19) *Beatriz se despertó temprano.*

‘Beatriz acordou cedo’

Os outros dois grupos de distratoras continham sentenças agramaticais. No primeiro, havia quatro enunciados que se caracterizavam pela presença do “*se*” tónico e um complemento que continha um nome nu, como no exemplo em (20); e, no segundo, havia quatro que se caracterizavam pela ausência do argumento interno selecionado pelo verbo, como no exemplo em (21).

(20) *Patricia se cenó carnes.*

‘Patrícia jantou carnes.’

(21) *La profesora se refirió.*

‘A professor se referiu.’

As sentenças do teste foram randomizadas. A fim de apresentar a organização feita, utilizaremos a sigla SA para “sentença alvo”, DG para “distratora gramatical”, DA1 para “distratora agramatical formada por ‘se’ télico combinado com nome nu na posição de complemento verbal”, e DA2 para “distratora agramatical com verbo sem argumento interno”. As sentenças foram distribuídas da seguinte maneira: DG > DA1 > SA > DA2 > DG > SA > DA1 > DG > DA1 > SA > DG > DA2 > SA > SA > DA2 > DG > SA > DG > DA1 > SA > DG > SA > DA 2 > DG.

O teste foi realizado por meio da plataforma *Google Forms*. O link do formulário foi distribuído através de redes sociais, com maior destaque em grupos de *Facebook*. Os participantes, antes de realizar a tarefa, respondiam um questionário que tinha por objetivo o recolhimento de informações acerca de seu perfil e incluía perguntas sobre idade, grau de escolaridade etc.

Além disso, antes de realizar o teste, o participante precisava marcar, em uma caixa de seleção, a declaração de aceitação dos critérios da pesquisa. Tratava-se de uma adaptação de um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido e que continha o seguinte texto: “Por la presente declaro, para los fines apropiados, que conozco las condiciones y reglas de la prueba, mi participación voluntaria en ella y mis derechos con respecto a la interrupción de la prueba en cualquier momento”.⁸ Após a marcação, o participante poderia realizar o teste.

Com relação às respostas obtidas no formulário por falantes da Colômbia, na lista 1, foram obtidas 52 respostas, enquanto que, na lista 2, 51. Nos dados do Chile, por sua vez, na lista 1, foram obtidas 50 respostas, enquanto que, na lista 2, 52. Adotamos os seguintes critérios para exclusão de participantes: não cumprimento da tarefa realizada de acordo com as orientações fornecidas, não preenchimento do formulário

⁸ Tradução do trecho: Por meio desta, declaro, para os devidos fins, que conheço as condições e regras do teste, que minha participação é voluntária e meus direitos com relação à interrupção do teste a qualquer momento.

sobre informações básicas do perfil, mais de 14% de erros nas distratoras, estando este último critério baseado em estudos como os de Harris e Wexler (1996), Rodrigues (2011) e Gomes (2020).

Na lista 1 dos resultados obtidos por falantes da Colômbia, foram excluídos 13 participantes: um participante foi excluído pois o perfil do informante não se enquadrava no selecionado pela pesquisa; um, pois não descreveu o próprio perfil no trecho do formulário sobre informações básicas; três, por não realizar a tarefa adequadamente; e oito, por apresentarem mais de 14% de erros na tarefa. Na lista 2, por sua vez, apenas quatro participantes foram excluídos por apresentarem mais de 14% de erros na tarefa.

Na lista 1 dos resultados obtidos por falantes do Chile, foram excluídos 13 participantes: um participante foi excluído por não descrever o perfil no trecho do formulário sobre informações básicas; quatro, por não terem realizado a tarefa da maneira solicitada; e oito, por apresentarem mais de 14% de erros na tarefa. Na lista 2, por sua vez, apenas sete participantes foram excluídos por apresentarem mais de 14% de erros na realização da tarefa.

Na próxima seção deste artigo, apresentamos os resultados alcançados por meio da aplicação do teste aos falantes do espanhol da Colômbia e do Chile.

5 Resultados

Nesta seção, apresentamos, primeiramente, os resultados da aplicação dos testes aos falantes da Colômbia e, em seguida, do Chile. Em ambos os casos, apresentamos inicialmente uma análise que engloba todas as sentenças-alvo, depois, uma que leva em consideração uma divisão desses estímulos a partir dos verbos usados em sua composição e, por fim, uma divisão a partir dos determinantes. Acreditamos que a apresentação desses dados separadamente pode fornecer uma base adequada para compreender fatores que atuam na compatibilidade do “*se*” télico com verbos que possuem complementos encabeçados por determinantes plurais nas variedades de espanhol analisadas.

Levando em consideração as exclusões feitas com base nos critérios mencionados na seção de metodologia, ao todo, 86 respostas de participantes da Colômbia foram consideradas. Cada participante avaliava 8 sentenças com a construção investigada. Desse modo, o

número total de sentenças-alvo avaliadas pelos participantes, incluindo as duas listas, foi de 688. Observou-se que 439 sentenças (64%) foram consideradas naturais pelos participantes e, portanto, não sofreram nenhuma modificação, enquanto que 249 (36%) sentenças foram consideradas estranhas e, por isso, os participantes realizaram alterações em sua formulação. Os dados presentes neste parágrafo encontram-se sistematizados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Resultados do julgamento de gramaticalidade comentado nos dados da Colômbia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas 249 (36%) sentenças consideradas estranhas, foram realizadas diversas modificações. As modificações realizadas pelos participantes da Colômbia encontram-se descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Modificações realizadas nas sentenças-alvo – dados da aplicação a colombianos

Modificação Realizada	Exemplo	Vezes
Retirada do “se”	Victor __ bebió pocas copas de vino.	175
Retirada do “se” + Alteração do det. por outro det. Plural	Victor __ bebió <u>algunas</u> copas de vino.	22
Retirada do “se” + Retirada do determinante	Victor __ fumó __ cigarrillos.	13
Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro verbo de ingestão	Victor __ <u>tomó</u> pocas copas de vino.	5

Retirada do “se” + Alteração de número no item complemento	Victor __ tomó poca agua.	4
Retirada do “se” + Mudança no tempo verbal	Lucía __ <u>fuma</u> ciertos cigarrillos.	4
Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Alteração do det. por outro det. Plural	Lucía __ <u>tomó algunos</u> jugos.	1
Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Exclusão do determinante	Lucía __ <u>fumó</u> hierbas.	1
Manutenção do “se” + Alteração do det. por outro det. Plural	Victor se bebió <u>algunas</u> copas de vino.	14
Manutenção do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Alteração do det. por outro det. plural	Lucía se <u>tomó algunos</u> jugos.	4
Manutenção do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão	Victor se <u>tomó</u> pocas copas de vino.	2
Manutenção do “se” + Acréscimo de mais um determinante	Victor se tomó <u>unos</u> pocos vasos de agua.	2
Manutenção do “se”+ Alteração no complemento	Leticia se fumó <u>un montón de</u> cigarrillos.	1
Manutenção do “se” + Acréscimo de advérbio	Victor <u>solo</u> se tomó unas copas de vino.	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver, em 225 ocorrências, os participantes excluíram o “se” télico da sentença, eventualmente tendo feito outras alterações, ao passo que, em 24 sentenças, os participantes mantiveram o “se” télico, eventualmente tendo feito também outras alterações. Dessas 24 sentenças, vale destacar que, em 23 delas, observa-se a combinação do “se” télico com um complemento introduzido por um determinante plural. Desse modo, a combinação investigada é observada, ao todo, em 462 sentenças nos dados obtidos por meio da aplicação do teste aos falantes da Colômbia.

Com relação aos verbos de ingestão utilizados, levando em consideração os dados obtidos nas duas listas do teste, apresentamos no Quadro 2 a quantidade de sentenças julgadas pelos participantes como naturais, não tendo sofrido alterações, e sentenças julgadas como

estranhas, tendo sido alteradas pelos participantes. Tendo em mente que cada participante via apenas duas vezes o verbo de ingestão na condição alvo, o total de ocorrências de cada verbo é de 174.

Quadro 2 – Resultados da aplicação do teste a falantes da Colômbia – divisão por verbos

Verbo	Sem alteração	Com alteração
Comer	142 (82%)	32 (18%)
Beber	74 (43%)	100 (57%)
Tomar	131 (75%)	43 (25%)
Fumar	100 (57%)	74 (43%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

É válido ressaltar que, em 7 sentenças, os participantes trocaram o verbo “beber” por “tomar” mantendo o “se” télico, como se pode observar no exemplo em (22). Dessa forma, vale informar que, ao todo, foram encontradas 138 ocorrências de “se” télico combinado com o verbo “tomar”.

(22) *Lucía se tomó ciertos jugos.*

‘Lucía tomou certos sucos.’

Com relação aos determinantes plurais, levando em consideração os dados obtidos nas duas listas do teste, apresentamos, no Quadro 3, a quantidade de sentenças julgadas pelos participantes como naturais, não tendo sofrido, portanto, nenhuma alteração, e sentenças julgadas como estranhas, tendo sido alteradas pelos participantes. Tendo em mente que cada participante via apenas uma vez cada determinante plural na condição alvo, o total de ocorrências de cada determinante é de 86.

Quadro 3 – Resultados da aplicação do teste a falantes da Colômbia –
divisão por determinantes

Determinante plural	Sem alteração	Com alteração
<i>Los(as)</i>	84 (98%)	2 (2%)
<i>Algunos(as)</i>	71 (83%)	15 (17%)
<i>Unos(as)</i>	68 (79%)	18 (21%)
<i>Muchos(as)</i>	48 (56%)	38 (44%)
<i>Muchísimos(as)</i>	50 (58%)	36 (42%)
<i>Varios(as)</i>	45 (52%)	41 (48%)
<i>Ciertos(as)</i>	40 (47%)	46 (53%)
<i>Pocos(as)</i>	33 (38%)	53 (62%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em alguns casos, os participantes mantiveram a combinação do “*se*” tético com um complemento introduzido por um determinante plural, modificando apenas o determinante presente na sentença. Dentre as mudanças realizadas, observou-se a troca por “*varios(as)*” em seis sentenças, em que havia originalmente, em três delas, o determinante “*ciertos(as)*”, em duas, “*unos(as)*”, e em uma, “*algunos(as)*”. Observou-se também a troca por “*unos(as)*” em seis sentenças, em que havia originalmente, em três delas, o determinante “*ciertos(as)*”, em duas, “*algunos(as)*”, e em uma, “*los(as)*”.

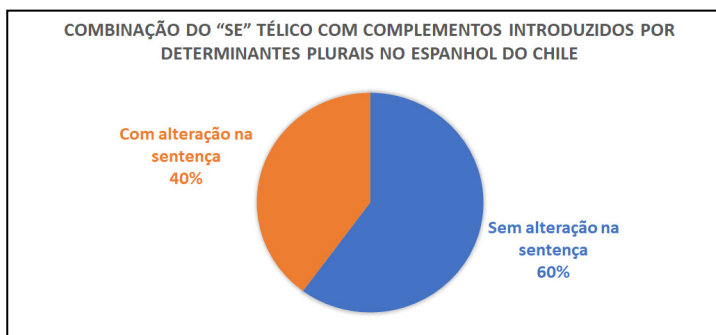
Houve a troca por “*algunos(as)*” em três sentenças, em que havia originalmente, em duas delas, o determinante “*ciertos(as)*”, e em uma, “*pocos(as)*”. Foi observada a alteração por “*muchos(as)*” em duas sentenças, em que havia originalmente, em uma delas, o determinante “*muchísimos(as)*”, e em uma, “*ciertos(as)*”. Além disso, em um caso, houve troca por “*los(as)*” em uma sentença que originalmente continha “*algunos(as)*”. Vale ressaltar que em nenhum caso os participantes trocaram um determinante por “*ciertos(as)*”, “*pocos(as)*”, “*muchísimos(as)*”, mantendo o “*se*” tético na sentença.

A partir deste ponto do texto, apresentamos os resultados encontrados na aplicação do teste a falantes chilenos. Levando em consideração as exclusões feitas com base nos critérios mencionados na seção de metodologia, ao todo, 82 respostas de participantes da Chile foram consideradas. Cada participante avaliava 8 sentenças com

a construção investigada. Desse modo, o número total de sentenças-alvo avaliadas pelos participantes, incluindo as duas listas, foi de 656.

Nesse caso, nas sentenças-alvo de ambas as listas, observou-se que 394 sentenças (60%) foram consideradas naturais pelos participantes e, portanto, não sofreram nenhuma modificação, enquanto que 262 (40%) sentenças foram consideradas estranhas e, por isso, os participantes realizaram alterações em sua formulação. Os dados presentes neste parágrafo encontram-se sistematizados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Resultados do julgamento de gramaticalidade comentado nos dados do Chile



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas 262 (40%) sentenças consideradas estranhas pelos participantes, foram realizadas diversas modificações. As modificações realizadas pelos participantes do Chile encontram-se descritas no Quadro 4.

Quadro 4 – Modificações realizadas nas sentenças-alvo – dados da aplicação a chilenos

Modificação Realizada	Exemplo	Vezes
Retirada do “se”	Sílvia __ comió muchísimas manzanas	169
Retirada do “se” + Alteração do det. por outro det. Plural	Sílvia __ comió <u>muchas</u> manzanas	14
Retirada do “se” + Alteração no complemento para nome nu singular	Pedro __ comió <u>pan</u> .	11
Retirada do “se” + Alteração no complemento	Sílvia __ comió <u>caletas de</u> manzanas.	5

Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Alteração do det. por outro det. Plural	Lucía __ <u>tomó algunos</u> jugos.	4
Retirada do “se” + Retirada do determinante	Juan __ tomó __ vasos de agua.	3
Retirada do “se” + Alteração no det. plural por outro det. plural + Alteração no complemento	Lucía __ bebió <u>algunos vasos de jugo</u>	3
Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro verbo de ingestão	Lucía __ <u>tomó</u> ciertos jugos.	2
Retirada do “se” + Alteração de número no item complemento	María __ fumó <u>muchísima hierba</u> .	3
Retirada do “se” + Alteração do item nominal complemento	Sílvia __ comió <u>muchísimas galletas</u> .	1
Retirada do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Acréscimo de determinante	Juan __ <u>tomó unos</u> pocos vasos de agua	1
Retirada do “se” + Acréscimo de determinante	Víctor __ bebió <u>unas</u> pocas copas de vino.	1
Manutenção do “se” + Alteração do det. por outro det. Plural	Sílvia <u>se</u> comió <u>muchas</u> manzanas.	22
Manutenção do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Alteração do det. por outro det. plural	Lucía <u>se</u> <u>tomó unos</u> jugos.	6
Manutenção do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão	Víctor <u>se</u> <u>tomó</u> pocas copas de vino.	5
Manutenção do “se” + Acréscimo de mais um determinante	Víctor <u>se</u> bebió <u>unas</u> pocas copas de vino.	2
Manutenção do “se” + Alteração no complemento	Sílvia <u>se</u> comió <u>un montón de</u> manzanas	2
Manutenção do “se” + Alteração do verbo por outro de ingestão + Acréscimo de mais um determinante	Juan <u>se</u> <u>tomó unos</u> pocos vasos de agua.	1
Manutenção do “se” + Alteração do det. por outro det. singular + Alteração de número do item nominal	María <u>se</u> fumó <u>mucho</u> hierba.	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver, em 271 ocorrências, os participantes excluíram o “*se*” tético da sentença, eventualmente tendo feito ainda outras alterações, enquanto que, em 40 sentenças, os participantes mantiveram o uso do “*se*” tético, eventualmente tendo feito também outras alterações. Dessas 24 sentenças, vale destacar que, em 36 delas, observa-se a associação entre “*se*” tético e um verbo que possui um complemento introduzido por um determinante plural. Desse modo, a associação investigada é observada, ao todo, em 430 sentenças nos dados obtidos por meio da aplicação do teste aos falantes do Chile.

Com relação aos verbos de ingestão utilizados, levando em consideração os dados obtidos nas duas listas do teste, apresentamos, no Quadro 5, a quantidade de sentenças julgadas pelos participantes como naturais e, não tendo sofrido nenhuma alteração, e sentenças julgadas como estranhas, tendo sido alteradas pelos participantes. Tendo em mente que cada participante via apenas duas vezes o verbo de ingestão na condição alvo, o total de ocorrências de cada verbo nos dados do Chile é de 164.

Quadro 5 – Resultados da aplicação do teste a falantes do Chile – divisão por verbos

Verbo	Sem alteração	Com alteração
<i>Comer</i>	127 (81%)	37 (19%)
<i>Beber</i>	57 (35%)	107 (65%)
<i>Tomar</i>	119 (76%)	45 (24%)
<i>Fumar</i>	95 (61%)	69 (39%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vale destacar que, em 12 sentenças, os participantes do Chile, assim como os da Colômbia, trocaram o verbo “*beber*” por “*tomar*” mantendo o “*se*” tético, como se pode observar no exemplo em (23). Dessa forma, vale informar que, ao todo, foram encontradas 131 ocorrências de “*se*” tético combinado com o verbo “*tomar*”.

(23) *Victor se tomó muchas copas de vino.*

‘Victor tomou muitas taças de vinho.’

Com relação aos determinantes plurais, levando em consideração os dados obtidos nas duas listas do teste, apresentamos, no Quadro 6, a quantidade de sentenças julgadas pelos participantes do Chile como

naturais e, não tendo sofrido alterações, e sentenças julgadas como estranhas, tendo sido alteradas pelos participantes. Tendo em mente que cada participante via apenas uma vez cada determinante plural na condição alvo, o total de ocorrências de cada verbo é de 82.

Quadro 6 – Resultados da aplicação do teste a falantes do Chile – divisão por determinantes

Determinante plural	Sem alteração	Com alteração
<i>Los(as)</i>	74 (90%)	8 (10%)
<i>Algunos(as)</i>	69 (84%)	13 (16%)
<i>Unos(as)</i>	64 (78%)	18 (22%)
<i>Muchos(as)</i>	51 (62%)	31 (38%)
<i>Muchísimos(as)</i>	43 (53%)	38 (47%)
<i>Varios(as)</i>	42 (51%)	40 (49%)
<i>Ciertos(as)</i>	30 (37%)	52 (63%)
<i>Pocos(as)</i>	24 (29%)	58 (71%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em alguns casos, os participantes mantiveram a associação entre o “*se*” tético e verbos com complementos encabeçados por um determinante plural, modificando apenas o determinante presente na sentença. Dentre as mudanças realizadas, observou-se a troca por “*unos(as)*” em 14 sentenças, em que havia originalmente, em oito delas, o determinante “*ciertos(as)*”; em quatro, “*pocos(as)*”; em uma, “*varios(as)*”; e em uma, “*los(as)*”. Observou-se também a troca por “*algunos(as)*” em sete sentenças, em que havia originalmente o determinante “*ciertos(as)*”.

Houve a troca por “*algunos(as)*” em cinco sentenças, em que havia originalmente, em três delas, o determinante “*ciertos(as)*”; em uma, “*algunos(as)*”; e em uma, “*unos(as)*”. Foi observada a alteração por “*varios(as)*” em duas sentenças, em que havia originalmente, em uma delas, o determinante “*ciertos(as)*”; e em uma, “*algunos(as)*”. Em um caso, houve troca por “*muchos(as)*” em uma sentença que originalmente continha “*muchísimos(as)*”. Além disso, houve a troca de “*varios(as)*” por um determinante não presente no estudo, “*hartos*”, como se pode ver no exemplo (24). Vale destacar que, em nenhum caso, os participantes trocaram um determinante por “*ciertos(as)*”, “*pocos(as)*”, “*muchísimos(as)*” mantendo o “*se*” tético na sentença.

(24) *Lucía se tomó hartos jugos.*

‘Lucía tomou altos sucos.’

Na próxima seção, desenvolvemos uma discussão teórico-metodológica dos resultados alcançados por meio da aplicação do teste linguístico descritos nesta seção e realizamos uma comparação entre os dados das variedades de espanhol investigadas.

6 Discussão

Como descrito na seção anterior, tanto falantes nativos do espanhol da Colômbia quanto do Chile julgaram como naturais sentenças que continham o “*se*” tético associado a um verbo com complemento encabeçado por um determinante plural. Tal combinação foi considerada natural em 64% nos dados da Colômbia e 60% nos do Chile, ou seja, em ambos os casos, mais da metade das respostas direcionava a uma avaliação positiva dos enunciados alvo. Desse modo, parece plausível afirmar que a combinação do “*se*” tético com verbos cujos complementos sejam introduzidos por um determinante plural seja gramatical para os falantes dessas duas variedades.

A observação da análise de cada determinante mostrou que a combinação investigada foi aceita com todos os determinantes plurais avaliados no teste nos dados de ambas as variedades. Assim, a hipótese do estudo que previa que o “*se*” tético, no espanhol da Colômbia e do Chile, quando combinado com verbos cujos complementos sejam introduzidos por determinantes plurais, só poderia associar-se com indefinidos como “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*”, “*varios(as)*” foi refutada. No entanto, vale destacar que, ao observar o julgamento das sentenças do teste como foco na análise do verbo e de cada determinante, foi possível observar certas discrepâncias em alguns casos, sobre os quais discutiremos ao longo desta seção.

Para tentar compreender quais fatores linguísticos podem ter influenciado no julgamento dos participantes, analisaremos primeiro os dados obtidos quanto aos verbos de ingestão utilizados. A combinação investigada no estudo encontrou maior aceitação em sentenças que continham os verbos “*comer*” e “*tomar*”. No caso de “*comer*”, as sentenças foram julgadas como naturais em 82% dos dados da Colômbia

e em 81% do Chile, enquanto que “*tomar*”, em 75% da Colômbia e 76% do Chile.

Por outro lado, a combinação investigada em sentenças que continham o verbo “*fumar*” foi julgada como natural apenas em 57% dos dados da Colômbia e em 61% do Chile. Ainda que haja uma grande aceitação do verbo, vale destacar que tal porcentagem encontra-se perto da metade dos dados obtidos, apresentando um comportamento diferente dos dois verbos apresentados no parágrafo anterior.

Esses dados parecem evidenciar um comportamento diferente entre variedades de espanhol. Por um lado, o estudo de Gomes e Martins (2020b) mostrou que, no espanhol da Argentina e da Venezuela, a quantidade de aceitação do “*se*” associado ao verbo “*fumar*” com determinantes plurais é bastante alta, sendo similar à do verbo “*tomar*” e maior do que “*comer*”. Por outro, este estudo, sobre o espanhol da Colômbia e do Chile, apresenta um panorama diferente em que a aceitação do “*se*” com “*fumar*” aparece em menor quantidade.

O verbo “*beber*”, por sua vez, foi o que obteve menor aceitação nos dados deste estudo. No teste, as sentenças que o continham foram julgadas como naturais apenas em 43% nos dados da Colômbia e em 35% do Chile. Além disso, nos dados das duas variedades investigadas, houve ocorrências de substituição desse verbo por “*tomar*”. Esse mesmo comportamento já foi observado em dados obtidos pela aplicação de testes linguísticos a outras variedades do espanhol, como a falada em parte da Espanha, mais especificamente, no dialeto conhecido como castelhano setentrional (GOMES, 2017; GOMES; MARTINS, 2020a; MARTINS; GOMES; LOURENÇONI, 2017), a falada na Argentina (GOMES; MARTINS, 2020b) e a falada na Venezuela (GOMES; MARTINS, 2020b).

A baixa aceitação de “*beber*” e a troca desse verbo por “*tomar*” já foi explicada por Martins, Gomes e Lourençoni (2017) e Gomes e Martins (2020b) a partir da noção de frequência, tendo em vista que a combinação do “*se*” com o segundo parece ser mais frequente no espanhol do que com o primeiro. No entanto, é válido ainda questionar por que o verbo “*beber*” foi o menos aceito pelos falantes de ambas as variedades investigadas neste estudo.

De acordo com Linares (2010), os verbos de ingestão mais prototípicos no espanhol seriam “*comer*” e “*beber*”. No entanto, os dados obtidos nos estudos sobre as distintas variedades de espanhol analisadas parecem demonstrar que o verbo “*tomar*” ocupa a posição

de “*beber*” nessa escala de prototipicidade no que tange à possibilidade de combinação do “*se*” com verbos de ingestão.⁹

Aplicou-se o teste estatístico qui-quadrado com vistas a investigar se a diferença nos resultados com base na variável verbo de ingestão mostra-se estatisticamente significativa nos dados obtidos. Os resultados dessa aplicação indicam que apenas não há diferença significativa entre “*comer*” e “*tomar*” ($p=0.098$), aqueles preferidos pelos falantes no teste, como discutido acima. Por outro lado, a diferença desses com os demais mostrou-se significativa em todos os cruzamentos estatísticos.

No que diz respeito aos determinantes investigados, “*los(as)*”, “*unos(as)*”, “*algunos(as)*”, “*muchos(as)*”, “*muchísimos(as)*”, “*varios(as)*”, “*ciertos(as)*”, “*pocos(as)*”, observou-se que, em todos os casos, houve aceitação de sentenças que continham o “*se*” tético associado a verbos com complementos encabeçados por determinantes plurais. Tal dado indica que esses determinantes colaboram na interpretação tética da sentença.

De acordo com essa interpretação, é válido reforçar a afirmação de Rothstein (2008) e Gomes e Martins (2020a, 2020b), segundo a qual, a marcação de telicidade na sentença não depende da expressão de uma quantidade precisa do elemento que se mede no complemento, mas sim de um elemento capaz de delimitar o evento, mesmo que a quantificação não seja precisa.

Desse modo, parece adequado afirmar que, no espanhol, determinantes plurais também apresentam o traço [+SQA] descrito por Verkuyl (2005). O espanhol, portanto, parece seguir na direção de outras línguas, como o português, tendo em vista que a distinção telicidade e atelicidade parece ser decorrente também da alternância presença/ausência de determinante no complemento verbal. Nesse sentido, os resultados deste estudo parecem apontar que, no contínuo apresentado por Moure (1990), já adaptado também por Gomes e Martins (2020b), os determinantes plurais deveriam estar inseridos à esquerda, posto que conduzem a uma leitura tética da sentença.

⁹ Vale destacar que a análise dos verbos separadamente feita neste estudo não está relacionada à possibilidade de que um verbo (ou o evento que ele descreve) seja mais adequado a uma leitura tética do que outro, mas sim a sua possibilidade de combinação com o “*se*” tético, cuja ocorrência na sentença parece ser restringida não apenas pelo valor de telicidade, mas também por outras especificidades semânticas.

É importante também assinalar que alguns determinantes apresentaram maior aceitação com o “*se*” tético do que outros. Os determinantes “*Los(as)*” obtiveram, na Colômbia, 95% de aceitação na construção investigada e, no Chile, 90%; “*algunos(as)*”, na Colômbia, 83% e, no Chile, 84%; “*unos(as)*”, na Colômbia, 79% e, no Chile, 78%. Esses foram os determinantes com maior aceitação por parte dos participantes no teste.

Vale destacar que os determinantes definidos plurais, “*los(as)*” foram os que apresentaram maior aceitação. Esses não estavam previstos na hipótese e, no contínuo apresentado por Gomes e Martins (2020b) encontravam-se no meio, a fim de que se verificasse qual seu papel na delimitação do evento. A partir dos dados obtidos neste estudo, é possível afirmar que esses determinantes ocupam uma posição mais à esquerda do contínuo, juntamente com os singulares e os indefinidos plurais. É importante ressaltar também que os indefinidos “*unos(as)*” e “*algunos(as)*”, previstos na hipótese, também foram uns dos mais aceitos no teste.

Para interpretação desses resultados, foi também aplicado o teste estatístico qui-quadrado a fim de comparar a avaliação feita pelos participantes das sentenças com base na variável determinante utilizado no estímulo do teste. Os resultados indicaram uma diferença significativa entre os determinantes investigados, como será apresentado a partir deste ponto no texto.

A diferença entre os artigos definidos “*los(as)*” e todos os outros determinantes do teste mostrou-se estatisticamente significativa ($p=0.001$). Tal resultado se aplica também aos artigos indefinidos, apresentados nos parágrafos anteriores como uns dos determinantes mais aceitos pelos falantes no teste. Por outro lado, “*unos(as)*” e “*algunos(as)*”, apesar de estatisticamente diferente dos artigos definidos e dos demais determinantes ($p=0.001$), mostraram um comportamento similar entre si, não havendo diferença estatística entre eles ($p=0.266$). Esses dados parecem indicar uma diferença relevante no que tange ao comportamento de artigos definidos e indefinidos em sua combinação com o “*se*” no espanhol.

Os determinantes “*muchos(as)*”, “*muchísimos(as)*”, “*varios(as)*” tiveram um número de aceitação um pouco menor. Ainda assim, em todos esses casos, as sentenças que os continham foram julgadas como naturais em um pouco mais da metade dos dados. Mais especificamente, “*muchos(as)*” foi julgado como natural em 56% dos dados da Colômbia

e 62% do Chile, “*muchísimos(as)*” em 58% dos dados da Colômbia e 53% do Chile, e “*varios(as)*” em 52% da Colômbia e 51% do Chile.

Os determinantes “*muchos(as)*” e “*varios(as)*” estavam previstos na hipótese e, ainda que tenham sido aceitos em mais da metade dos dados, seu comportamento não é similar ao dos mencionados anteriormente. Isso parece indicar também uma diferença do ponto de vista dialetal, tendo em vista que nos dados da Argentina e da Venezuela, descritos em Gomes e Martins (2020b), esses determinantes foram aceitos em grande quantidade. Vale ressaltar também que “*muchísimos(as)*”, não previsto na hipótese, não apresentou um comportamento muito diferente de “*muchos(as)*”. É plausível afirmar, portanto, que a intensificação no determinante não parece ser um fator relevante para verificação de sua contribuição no valor de telicidade da sentença.

Os resultados do teste estatístico não mostraram diferença significativa entre esses determinantes. Os resultados da comparação entre esses quantificadores foi a seguinte: “*muchos(as)*” e “*muchísimos(as)*” ($p=508$), “*muchos(as)*” e “*varios(as)*” ($p=188$), e “*muchísimos(as)*” e “*varios(as)*” ($p=512$). No que tange à comparação desses com os outros determinantes utilizados no teste, “*muchos(as)*” e “*muchísimos(as)*” apresentaram diferença significativa com todos os outros ($p=0.001$), enquanto que “*varios(as)*”, para além de “*muchos(as)*” e “*muchísimos(as)*”, apenas não mostrou diferença significativa com “*ciertos(as)*” ($p=0.063$), mas com os demais, sim ($p=0.001$). Os resultados descritos até aqui parecem indicar uma diferença relevante no comportamento de artigos definidos, artigos indefinidos e quantificadores no que tange à combinação com o “*se*” tético no espanhol.

Os determinantes “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*”, por outro lado, apresentaram um número de aceitação inferior à metade dos dados obtidos. “*Ciertos(as)*” foi aceito apenas em 47% dos dados da Colômbia e em 37% do Chile, enquanto que “*pocos(as)*” foi aceito em 38% dos dados da Colômbia e em 29% do Chile. Esses determinantes não estavam previstos na hipótese e, ainda que possam ser enquadrados no conjunto de indefinidos plurais, seu comportamento não parece similar aos demais apresentados acima.

Os resultados estatísticos indicam que os quantificadores “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*” não apresentam uma diferença significativa entre si ($p=144$). Contudo, com relação aos outros determinantes, vale destacar que “*pocos(as)*” apresentou diferença significativa com

os demais ($p=0.001$), enquanto “*ciertos(as)*” apenas não apresentou diferença significativa com “*varios(as)*” ($p=0.063$), mas com os demais, sim ($p=0.001$). Desse modo, observa-se também uma diferença entre alguns quantificadores, tendo em vista que “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*” podem diferir-se de “*muchos(as)*”, “*muchísimos(as)*” e “*varios(as)*”.

Levando em consideração que em todos os casos a combinação com o “*se*” parece indicar que esses determinantes conduzem a uma leitura télica, é possível que a diferença na quantidade de aceitação de certas sentenças possa estar relacionada ao grau de dependência contextual que alguns determinantes possuem em detrimento de outros. Os determinantes “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*” parecem necessitar um contexto maior para que possa emergir com mais clareza uma leitura télica da sentença.

Acredita-se que, a partir da elaboração de um teste em que seja fornecido um contexto maior aos participantes, possa ser observada uma maior ocorrência do “*se*” télico combinado a verbos cujos complementos sejam introduzidos por “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*”. Além disso, uma modificação no teste aplicado neste estudo que incluísse uma solicitação aos participantes para que explicassem a motivação das alterações feitas nas sentenças também poderia fornecer dados sobre a razão de alguns determinantes plurais terem sido mais aceitos e outros, não.

Neste estudo, foi possível observar uma diferença no comportamento de certos determinantes (artigos definidos, indefinidos e quantificadores) no que tange à sua compatibilidade com “*se*” télico em sentenças do espanhol. No entanto, é preciso ainda investigar qual fator parece motivar a possibilidade de maior ocorrência no espanhol de certos determinantes na combinação investigada em detrimento de outros.

Ainda assim, levando em consideração que, em todos os casos, houve aceitação do “*se*” com os elementos investigados, defendemos, neste estudo, que todos os determinantes plurais em posição de complemento direcionam a veiculação do valor aspectual télico do predicado, porém, a possibilidade de ocorrência de alguns em complementos de verbos acompanhados do “*se*” télico parece depender de um fator de dependência contextual.

Por fim, ressaltamos que os dados deste trabalho não evidenciam diferenças significativas entre os resultados obtidos no espanhol da Colômbia e do Chile. Acreditamos que esta pesquisa, além de contribuir para o entendimento do que caracteriza a telicidade no espanhol e

os contextos do clítico aspectual “*se*”, fornece evidências para um detalhamento dos estudos dialetológicos nessa língua, tendo em vista que seus resultados podem ser comparados com os de estudos que versavam sobre outras variedades da língua, tendo o fenômeno aqui estudado já sido investigado nos seguintes dialetos: castelhano setentrional (GOMES; MARTINS, 2020a), espanhol rioplatense (GOMES; MARTINS, 2020b), espanhol andino (GOMES; MARTINS, 2020b; este estudo) e espanhol chileno (este estudo).

7 Considerações finais

Objetivava-se com este trabalho verificar o papel dos determinantes plurais na veiculação de telicidade no espanhol. Para tanto, buscou-se verificar se a presença do “*se*” télico, partícula aspectual que evidencia o valor de telicidade, seria possível em uma oração que contivesse um verbo com complemento encabeçado por um determinante plural. A fim de investigar tal questão, elaborou-se um teste de julgamento de gramaticalidade comentado que foi aplicado a falantes da Colômbia e do Chile.

Os resultados da investigação indicaram que tal associação é gramatical em ambas as variedades da língua. Desse modo, discutiu-se que determinantes plurais conduzem a uma leitura télica da sentença contribuindo para a delimitação do evento, ainda que não seja precisa a quantidade do item que se mede no complemento.

Uma análise sobre os verbos utilizados no teste indicou que “*beber*” foi o que obteve menor aceitação pelos falantes, enquanto que “*comer*” e “*tomar*” obtiveram maior aceitação. Discutiu-se, portanto, que esses podem ser os verbos de ingestão prototípicos no espanhol quanto ao uso do “*se*” télico. Com relação aos determinantes, discutiu-se que o clítico aspectual “*se*” parece combinar-se com mais frequência com aqueles que apresentam menor dependência contextual, o que explicaria a baixa aceitação de sentenças que contenham o “*se*” combinado com verbos que contenham complementos introduzidos por “*ciertos(as)*” e “*pocos(as)*”. Vale destacar que as afirmações realizadas neste estudo possam estender-se também a outras variedades do espanhol.

Acreditamos que seja importante ampliar o escopo desta pesquisa para investigação do fenômeno em outras variedades do espanhol. É relevante também investigar a motivação pela qual certos verbos

permitem uma maior combinação com o “se” télico enquanto outros não. Além disso, a formulação de um teste com a utilização de um contexto prévio à avaliação do participante ou de um experimento *on-line* pode fornecer melhores evidências para o entendimento das combinações estudadas neste estudo.

Agradecimentos

Presta-se agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de doutorado ao autor deste artigo.

Referências

ARBUCKLE, T., GOLD, D. Aging, Inhibition, and Verbosity. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, Oxford, v. 48, n. 5, p. 225-232, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1093/geronj/48.5.p225>.

ARCE ARCENALES, M. A. *Semantic Structure and Syntactic Function: The Case of Spanish “se”*. 1989. 452f. Tese (Doutorado) – Universidad de Colorado en Boulder, 1989.

BASSO, R. Telicidade e Detelicização. *Revista Letras*, Curitiba, n. 72, p. 215-232, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v72i0.7542>.

BERTINETTO, P. On a Frequent Misunderstanding in the Temporal-Aspectual Domain: The Perfective-Telic Confusion. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GAUSTI, M. (org.). *Semantic Interfaces: Reference, Anaphora and Aspect*. Stanford: CSLI, 2001. p. 177-210.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

CHAFE, W. *Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CHAUDRON, C. Data Collection in SLA Research. In: DOUGHTY, C.; LONG, M. (org.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 762-828. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470756492.ch22>

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783112316009>

COMRIE, B. *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DAHL, O. *Logic, Pragmatic and Grammar*. Gotemborg: University of Göteborg, Departament of Linguistics, 1977.

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 2977-3060.

DE MIGUEL, E.; LAGUNILLA, M. F. El operador aspectual “se”. *Revista Española de Lingüística*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 13-43, 2000. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=41379>. Acesso em: 23 jun. 2021.

DECLERCK, R. Aspect and Bounded/Unbounded (Telic/Atelic) Distinction. *Linguistics*, Berlim, v. 17, p. 761-794, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.1979.17.9-10.761>.

D'INTRONO, F.; GONZÁLEZ, V.; RIVAS, J. Aspectos sintácticos y semánticos del pronombre SE. *Boletín de Lingüística*, Caracas, v. 19, n. 28, p. 5-25, 2007. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092007000200001. Acesso em: 23 jun. 2021.

FRANÇA, A.; FERRARI, L.; MAIA, M. Métodos de investigação linguística. In: FRANÇA, A.; FERRARI, L.; MAIA, M. (org.). *A linguística do século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 53-90.

GASS, S. An Investigation of Syntactic Transfer in Adult Second Language Learners. In: SCARCELLA, R.; KRASHEN, S. (org.). *Research in Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House, 1980. p. 132-141.

GOMES, J. *Perda linguística de tempo e aspecto no envelhecimento saudável*. 2021. 50f. Monografia (Bacharelado em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GOMES, J. *O comprometimento do aspecto perfect na Doença de Alzheimer*. 2020. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, J. *Telicidade e sua compatibilidade com expressões adverbiais durativas no espanhol*. 2017. 38f. Monografia (Licenciatura em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GOMES, J.; MARTINS, A. Telicidade e determinantes plurais indefinidos no espanhol da Espanha. *Domínios da Lingu@gem*, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 482-509, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL42-v14n2a2020-6>.

GOMES, J.; MARTINS, A. El “se” télico y la delimitación del complemento verbal en el español de Argentina y de Venezuela. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-23, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id183>.

GRÉGIS, R. *Testes de julgamento gramatical em pesquisas de aquisição de segunda língua*. 2007. 240f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GROLLA, E. Metodologias experimentais em aquisição da linguagem. *Revista Estudos da Linguagem*, Candeias, BA, v. 7, n. 1, p. 9-42, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v7i2.1090>.

HARRIS, T.; WEXLER, K. The Optional-Infinitive Stage in Child English: Evidence from Negation. In: CLASHEN, H. (org.). *Generative Perspectives on Language Acquisition, Empirical Findings, Theoretical Considerations and Crosslinguistic Comparisons*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 1-42.

HAVIK, E.; ROBERTS, L.; VAN HOUT, R.; SCHREUDER, R.; HAVERKORT, M. Processing Subject-Object Ambiguities in the L2: A Self-Paced Reading Study with German L2 Learners of Dutch. *Language Learning*, [S.l.], v. 59, n. 1, p. 73-112, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2009.00501.x>.

LAWALL, R. A alternância causativa/incoativa em espanhol como L1 e L2. *ReVEL*, [S.l.], v. 10, n. 18, p. 1-27, 2012. Disponível em: <http://www>.

revel.inf.br/files/b4daf13dc9692a75ee25733285289f5f.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

LICERAS, J. The Role of Intake in the Determination of Learners' Competence. In: GASS, S.; MADDEN, C. (org.). *Input in Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House, 1985. p. 354-373.

LIGHTBOWN, P.; SPADA, N.; WALLACE, R. Some Effects of Instruction on Child and Adolescent ESL Learners. In: SCARCELLA, R.; KRASHEN, S. (org.). *Research in Second Language Acquisition*. Rowley, MA: Newbury House, 1980. p. 162-172.

LINARES, M. En torno a *canibalizar*, *vampirizar* y los verbos de 'ingestión'. In: LUPU, C. (org.). *Las lenguas románicas y la neología*. Bucuresti: Editura Universitatii din Bucuresti, 2010. p. 79-126.

LÓPEZ, C. Las construcciones con se: estado de la cuestión. In: LÓPEZ, C. (org.). *Las construcciones con "se"*. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 18-167.

LOURENÇONI, D. *O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile*. 2014. 52f. Monografia (Graduação em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LOURENÇONI, D. *Telicidade e sua realização pelo operador aspectual se no espanhol*. 2017. 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LOURENÇONI, D.; MARTINS, A. O traço aspectual de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile. *SEDA – Revista de Letras da Rural/RJ*, Seropédica, v. 1, n. 2, p. 5-28, 2016. Disponível em: <https://www.revistaseda.org/index.php/seda/article/view/121>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MÁRQUEZ, P. Estatividad, transitividad y clíticos. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Cidade do México, v. 73, n. 1, p. 3-46, 2020. DOI: <https://doi.org/10.24201/nrfh.v68i1.3581>.

MARTINS, A. *A desintegração de tempo na demência do tipo Alzheimer*. 2010. 240f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, A.; GOMES, J.; LOURENÇONI, D. Telicidade e expressões adverbiais durativas no espanhol da Espanha: uma análise a partir do se télico. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/20331>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MORENO-FERNÁNDEZ, F.; ROTH, J. O. *Atlas de la lengua española en el mundo*. Madrid: Fundación Telefónica, 2007.

MOURE, T. El contenido aspectual telicidad en las cláusulas biactanciales del español. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, Santiago de Compostela, n. 18, p. 353-374, 1990. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/3161>. Acesso em: 23 jun. 2021.

RODRIGUES, F. *Processamento de tempo e aspecto em indivíduos afásicos de Broca*. 2011. 115f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROTHSTEIN, S. *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: Benjamins, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.110>

SANZ, M. *Events and Predication: A New Approach to Syntactic Processing in English and Spanish*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 2000. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.207>

SANZ, M.; LAKA, I. Oraciones transitivas con se: El modo de acción en la sintaxis. In: LÓPEZ, C. (org.). *Las construcciones con “se”*. Madrid: Visor Libros, 2002. p. 309-336.

SCHER, A. As categorias aspectuais e a formação de construções o verbo leve dar. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 2, p. 9-37, 2005. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/304>. Acesso em: 23 jun. 2021.

SLABAKOVA, R. L1 Transfer Revisited the L2 Acquisition of Telicity Marking in English by Spanish and Bulgarian Native Speakers. *Linguistics*, Berlim, v. 38, n. 4, p. 739-770, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling.2000.004>.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

SUÁREZ CEPEDA, S. Pedro comió la torta vs. Pedro se comió la torta: L2 Acquisition of Spanish Telic se constructions. *Anuario*, La Pampa, AR, n. 7, p. 277-295, 2005.

VERKUYL, H. Aspectual Composition: Surveying the Ingredients. In: VERKUYL, H.; SWART, H.; VAN HOUT, A. (org.). *Perspectives on Aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39. DOI: https://doi.org/10.1007/1-4020-3232-3_2

WACHOWICZ, T. C. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008. Disponível em <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/133/0>. Acesso em: 23 jun. 2021.



Arquitetura de capa dos folhetos de cordel: tradição e modernidade

Cordel leaflets cover architecture: tradition and modernity

Rodrigo Nunes da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, Paraíba / Brasil

rodrygonunes22@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2553-2399>

Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, Paraíba / Brasil

linduartepr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>

Resumo: Amplamente conhecidos no Brasil, os folhetos de cordel têm produção ativa no Nordeste e caracterizam uma memória de grupo. Por essa razão, este artigo enfatiza a ideia de que esse gênero textual se manifesta e propaga-se pelo viés histórico-discursivo, apoiado por uma tradição oral e a partir de um modelo prototípico delineado. Conforme Rodrigues (2011), texto é produto de interação (comunicação e socialização) humana e extrapola aspectos meramente verbais, envolvendo elementos exteriores, e que são condizentes com o universo contextual e cultural, próprios da prática sócio-histórica, que é a linguagem. Com base numa pesquisa exploratória, descritiva e bibliográfica, o estudo investiga fenômenos de tradição, permanência e mudança presentes nas capas de folhetos de cordel. A partir de um viés simbólico-antropológico (DURAND, 2002) das ciências das significações, a pesquisa dialoga com os pressupostos teóricos das Tradições Discursivas (TD), difundidos por Kabatek (2006, 2012) e Coseriu (1980); além dos estudos culturais e de tradição oral (ZUMTHOR, 1993), folhetos de cordel e da Semiótica Antropológica (RODRIGUES, 2011, 2014a, 2014b, 2017, 2018a, 2018b). Por meio das análises efetuadas, conclui que os folhetos de cordel são instrumentos de representação e manutenção da memória popular nordestina, revelando nas capas retratos da região, sua cultura, memória e imaginário. Para além de sua estrutura (arquitetura e suporte), o cordel abre possibilidades múltiplas de estudo e compreensão

de sua atuação/atualização como prática social na cultura nordestina através da leitura e composição verbo-visual/multimodal, o que permite sua continuidade e a manutenção das vozes da cultura que representa.

Palavras-chave: folhetos de cordel; multimodalidade; tradição; linguística da prática.

Abstract: Widely known in Brazil, cordel leaflets are active in the Northeast which characterizes a group memory. For this reason, this article emphasizes the idea that this textual genre is manifested and propagated by the historical-discursive bias, supported by an oral tradition and based on an outlined prototypical model. According to Rodrigues (2011), text is the product of human interaction (communication and socialization) and extrapolates purely verbal aspects, involving external elements, which are consistent with the contextual and cultural universe, proper to the socio-historical practice that is language. Based on exploratory, descriptive and bibliographic research, the study investigates phenomena of tradition, permanence and change present in the covers of cordel leaflets. Therefore, from a symbolic-anthropological bias (DURAND, 2002) of the sciences of meanings, the study dialogues with the theoretical assumptions of Discursive Traditions (TD), disseminated by Kabatek (2006, 2012) and Coseriu (1980); in addition to cultural studies and oral tradition (ZUMTHOR, 1993), cordel pamphlets and Anthropological Semiotics (RODRIGUES, 2011, 2014a, 2014b, 2017, 2018a, 2018b). Through the analyzes carried out, he concludes that the cordel leaflets are instruments of representation and maintenance of the Northeastern popular memory, revealing on their covers portraits of the region, its culture, memory and imagery. In addition to its structure (architecture and support), the cord opens multiple possibilities for study and understanding of its performance/updating as a social practice in northeastern culture through reading and verb-visual/multimodal composition, which allows its continuity and maintenance the voices of the culture it represents.

Keywords: cordel leaflets; multimodality; tradition; linguistics of practice.

Recebido em 05 de maio de 2021

Aceito em 08 de julho de 2021

1 Introdução

Não há uma definição teórica que satisfaça ao mesmo tempo todos os campos de pesquisa que abordam os conceitos de texto e discurso. É fato que a composição textual possibilita investigações sobre a estrutura e funcionamento dos textos, entretanto, quando nos referimos a questões que envolvem a relação texto e contexto de produção/atuação dos sentidos, a própria estrutura de texto e a intenção do autor são

considerados como movimentos de linguagem realizados no momento da leitura e produção textual.

As condições de produção do texto norteiam as relações entre língua e discurso. A língua, enquanto sistema histórico, cultural, social e simbólico, se efetiva a partir de práticas sociais, assim como os discursos materializados. Dessa forma, traços de modificação e preservação podem ser observados ao longo da história, num determinado gênero de texto, evidenciados no funcionamento da língua. Nesta perspectiva, destacam-se diferentes pontos de vista sobre as concepções de língua, texto e discurso. E o aspecto da mudança ocorrida nas línguas, nos textos é tanto útil quanto funcional para o estudo da linguagem. Nesse percurso, é relevante observar os pontos de vista dos estudos sincrônicos e diacrônicos.

De acordo com Rodrigues (2014a), há uma ideia equivocada de que os gêneros se declinam e chegam a desaparecer. O cordel, por exemplo, já teve inclusive sua morte anunciada por cordelistas e estudiosos do século passado. No entanto, como veremos, atualmente se observa novos formatos de folhetos de cordel, ganhando outros públicos e se tornando relevante objeto de atenção acadêmica. Segundo o autor, essa sensação de apagamento de um gênero vem do fato de que as línguas mudam/variam e se movem ao longo da história e dos contextos enunciativos. Para ele, isso não é razão para o declínio de um gênero textual. Pelo contrário. Há, isto sim, um movimento de mudança, de plasticidade cultural do gênero. Ele enfatiza que, se a cultura muda, muda também a linguagem que a atravessa, sustenta, atualiza.

No rol de uma Semiótica Antropológica (RODRIGUES, 2011), nosso trabalho dialoga com as Tradições Discursivas (TD), a partir de um olhar para a historicidade enunciativa do texto. De origem germânica, o termo se confunde com a tradição dos estudos de gênero/texto. Por sua relevância, faz-se necessário, então, compreender o seu campo de atuação nos estudos da linguagem. Dessa forma, entendemos a linguagem como prática social produtora de sentidos, ligando o homem aos fenômenos sócio-histórico-culturais do mundo através da circularidade do texto. Em nossos estudos, texto é compreendido como um evento semiótico atrelado a um sistema de signos socioculturais. Para esta pesquisa, estudamos a semiose textual imagético-figurativa de produções culturais que circulam no Nordeste, com ênfase nas capas de folhetos de cordel, observando as (res)significações que atravessam o tempo e atualizam discursos no contexto nordestino, mediante uma visão pansemiótica e pancrônica dos

estudos linguísticos e semióticos, agregando o imaginário e o símbolo nos processos de significação do texto (RODRIGUES, 2011).

Nossa pesquisa se caracteriza como de natureza descritiva e interpretativa e se orienta por uma abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva procura analisar a frequência de ocorrência de um fenômeno, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características, sem manipulá-lo. A seleção e interpretação/análise do *corpus*, composto de capas de folhetos de cordel de nosso acervo pessoal e de outros adquiridos na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba, e acessados na rede mundial de computadores, atentaram para algumas categorias de análise. Desse modo, verificamos a implicitude/explicitude dos autores, uso de xilogravuras/desenhos, presença/ausência de balões, cores, disposição gráfica dos elementos constituintes, etc.

Inicialmente, selecionamos 30 (trinta) folhetos de cordel que abordavam os mais variados temas, dentre os quais escolhemos uma amostra de capas que contam/sintetizam a mesma história, *O cachorro dos mortos*, atentando para as sincronias que orbitam na diacronia observada e que demonstra a plasticidade dos textos em análise como forma de manutenção das vozes que atualizam os sentidos mediante um processo de semiose constante. Observamos capas de folhetos que datam da década de 1950 e capas produzidas recentemente (2010, 2018).

Nesta perspectiva, perscrutamos capas de folhetos de cordel produzidos na região Nordeste para identificar variações no movimento de mudança do texto, sua estrutura, suporte, etc. Apesar da leitura dos folhetos, na íntegra, nosso *corpus* é composto, essencialmente, por capas de folhetos de cordel que atualizam a história *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros (ora de João Martins de Athaide e ora de Manoel Pereira Sobrinho), observando aspectos de linguagem presentes na arquitetura textual das capas que evidenciam marcas de permanência e/ou traços de mudanças, em prol da manutenção do mito do herói.

Para além da materialidade textual e sua função linguístico-literária, o cordel demonstra, através da própria linguagem e estrutura, os progressos e regressos que personalizam uma região, sendo instrumento de representação e manutenção da memória popular. Para tanto, a partir de um viés simbólico-antropológico (DURAND, 2002) das ciências das significações, o estudo dialoga com os pressupostos teóricos das Tradições Discursivas (TD), difundidos por Kabatek (2006, 2012) e Coseriu (1980); além dos estudos culturais e de tradição oral (ZUMTHOR, 1993), folhetos

de cordel e da Semiótica Antropológica (RODRIGUES, 2011, 2014a, 2014b, 2017, 2018a, 2018b).

Em estudos anteriores (RODRIGUES, 2011; SILVA, 2017) evidenciamos que os saberes advindos pelo cordel, ao longo do tempo, funcionam como exercícios da memória coletiva, da sabedoria de um grupo: os nordestinos brasileiros. E esse exercício de memória faz-se como obra pela tradição, porque nenhuma palavra ou frase é dita pela primeira vez (ZUMTHOR, 1993). O cordel, reconfigurando-se, empresta valor cultural para outras produções (RODRIGUES, 2013). Isso permite a circulação do gênero, evidenciando a plasticidade das vozes, atualização de discursos, saberes expressos em outras produções. Por essa razão, devemos considerar essa tradição discursiva da palavra, da imagem, do gênero, como movimento necessário para a atualização/manutenção da voz, fôlego humano que se traduz em textos das tradições populares (RODRIGUES, 2011).

Nas palavras que se seguem, buscamos edificar esse nosso entendimento. De que a palavra/imagem é ato histórico, produto de socialização em constante processo de modificação/atualização do dizer e das formas possíveis de dizer. O texto é produto e processo: i) produto que possibilita a socialização das práticas humanas; e ii) processo de manutenção constante dessa socialização pelo fenômeno da atualização do texto e seus efeitos de sentido.

2 Tradição discursiva e Teorias do sentido

Saussure (2006) evidenciava no *CLG* que o ponto de vista constrói o objeto de estudo da língua(gem). Numa concepção semiológica, a linguagem engloba a definição de texto. Assim, a partir de dado arcabouço teórico, compreendemos texto como enunciado constituído de sentido, a partir do entendimento de língua(gem) como prática social de mobilização e organização de recursos linguísticos e semióticos. O texto, no ambiente das ciências humanas, é uma espécie de “domínio público” de pesquisa. Possui “natureza multimodal e multifacetada”, não admitindo “verdades teóricas”(BENTES; REZENDE, 2008, p. 22). Soma-se ainda a ideia de que texto é “um patrimônio coletivo” (LINS, 2005, p. 8).

Bentes e Rezende (2008) argumentam que o conceito de texto passa pela ideia de objeto verbal, seja enquanto artefato linguístico ou produto/processo sociocultural. Por esse viés, há um contínuo movimento

de “descontextualização e recontextualização” dos textos. Assim sendo, não podemos estudar as mudanças/variações linguísticas sem atentar para a história dessas mudanças. Há uma relação intrínseca entre as mudanças ocorridas na língua e os gêneros textuais que concretizam essas mudanças. Observa-se que, a partir do surgimento de determinados fenômenos linguísticos, os gêneros textuais se apresentam como constituintes de tais fenômenos, disseminando-os ou cerceando-os de acordo com o período histórico. Surge assim um modelo teórico que transita pela relação entre a história da língua e a história dos textos: o modelo de Tradições Discursivas (TD).

Para além do âmbito das representações linguísticas, entendemos que, numa perspectiva multimodal/semiótica, as TD abordam os elementos extralinguísticos, através do registro de símbolos, de performances gestuais, elementos não verbais, imagens e cores, e do modo como ocorre as interações e construções de sentido (RODRIGUES, 2011), levando em consideração o contexto e as condições de produção. Segundo Kabatek (2012) é preciso haver clareza terminológica e conceitual ao tratarmos da historicidade da linguagem e sobre tradição, uma vez que são fenômenos diferentes.

É preciso observar também as diferentes historicidades, propostas por Coseriu (1980). Ele toma como ponto de partida as ideias de Saussure sobre o estruturalismo linguístico, no entanto, indo além. Para ele há uma tricotomia linguística, ou seja, “uma distinção entre três níveis linguísticos: o nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível individual dos textos” (SANTOS, 2014, p. 63). A ideia de estruturação/construção de gênero perpassa por vozes sociais e seus contextos. Assim, trazemos à tona a ideia zumthoriana de *performance* e leitura. De acordo com Zumthor (2000, p. 56), a *performance* é um “termo antropológico”, e nos empresta a ideia de ação/atualização, ou seja, “refere-se a um momento tomado como presente”. A leitura se integra a todos esses processos de trocas dinâmicas entre texto, leitor e contexto. As palavras e fenômenos linguísticos são dinâmicos e atravessam o tempo e o espaço, se fazendo/refazendo-se.

Dias (2018, p. 148) explica que “as TD são modelos textuais, sociais e convencionalizados socialmente”. Para a autora,

As inovações ou atualizações aportam-se nas tradições culturais por convergência ou não de gêneros. O elo que une a tradição linguística às inovações repousa nas práticas sociais, as quais

suas realizações linguísticas produzem os textos que direcionam as escolhas do indivíduo.

É de Longhin (2014) a ideia de que os textos se encontram em transformações constantes advindas de contextos sociais, culturais, políticos ou econômicos. Percorrer o caminho dos textos ao longo da história, tendo em vista a finalidade e o leitor, leva-nos a uma “rede de tradições discursivas constituída por: conteúdo temático, finalidade do texto, vínculo institucional, arranjos sintáticos, destinatário presumido, relação de proximidade com novos textos, etc.” (LONGHIN, 2014, p. 28).

Outro ponto de vista teórico que agrega valor ao nosso estudo é o da Análise do Discurso de linha francesa. De acordo com Cordeiro (2017, p. 4),

As Tradições Discursivas se relacionam, pois, com o fato de um falante de uma língua, frente ao processo comunicativo, se ancorar em ‘já-ditos’ no âmbito social para produzir seus discursos, trata-se de um acesso inconsciente à memória.

Diante disso, temos que um conceito recorrente nos estudos das TD é o fenômeno das repetições, uma vez que para que haja tradição se faz necessária a produção e aceitação de determinado texto. É o que Kabatek (2006) aponta como primeiro traço definidor de uma TD: a repetição, que pode ser parcial ou total de algo que se distingue ou se assemelha a textos produzidos em épocas distintas. É importante esclarecer que nem toda repetição é uma TD. Conforme Kabatek (2006, p. 512), entendemos a Tradição Discursiva como

[...] a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Vemos que a definição de TD vai além de simplesmente repetir uma estrutura textual. Cordeiro (2017, p. 6) esclarece que as TD

[...] são constituídas a partir da constante evocação de formas textuais/discursivas situadas numa memória social que, nesse processo de retomada e repetição, tanto conservam traços linguísticos e/ou discursivos, chamados de ‘traços de permanência’, quanto apresentam inovações, atualizações, os ‘vestígios de mudança’.

A autora propõe uma ampliação da definição de TD. Ela sugere o conceito de Tradições Imagético-discursivas para dar conta da abordagem da memória e outras formas de expressão além da escrita e da fala nos contextos de produção discursiva. Para ela, “o signo, entendido em sua forma mais ampliada – verbal e não verbal –, tem muito a dizer; cria movências, aproxima sujeitos e situações, constrói identidades, uma vez que é constituído por tradições, por memórias” (CORDEIRO, 2017, p. 7).

Em nossos estudos, consideramos a imagem como uma materialização sígnica, simbólica que, assim como o signo linguístico, possui forma e conteúdo, significante e significado (RODRIGUES, 2011). O símbolo pertence à categoria do signo, representando uma relação entre elementos. Essa ideia de símbolo é entendida com base na teoria Semiótica de Peirce (2000), para quem um símbolo pode ser qualquer objeto representado de acordo com uma concepção, hábito ou lei, além de ser construído ao longo da história e motivado ideologicamente.

A Semiótica de Peirce se sustenta numa tríade que abrange três categorias metodológicas de análise (*Firstness*, *Secondness* e *Thirdness*). Rodrigues (2004, p. 1442) explica que essa tripartição do sistema semiótico “se dá em razão da verificação de uma regular representação” do signo com o objeto no mundo. Diante disso, temos em Pierce (2000, p. 51):

[...] a primeira, conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo [...] ter uma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com seu interpretante; a terceira, conforme seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade ou como um signo de fato ou como um signo de razão.

Traduzidas como “primeiridade, secundidade e terceiridade”, Rodrigues (2004, p. 1443) explica que essa tríade pode ser entendida da seguinte forma:

Primeiridade: categoria do sentimento imediato presente nas coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos; [...] as qualidades puras, as que são imediatamente sentidas.

Secundidade: categoria da comparação, da ação, do fato, da realidade e da experiência no tempo e no espaço; [...] Relações diáticas, analítico-comparativas.

Terceiridade: relaciona um fenômeno segundo a um terceiro; [...] as palavras, por remeterem algo para alguém, são fenômenos de terceiridade.

A linguagem como prática social produz e faz circular significados, ligando o homem aos fenômenos sócio-histórico-culturais do mundo. Assim, entendemos texto como um evento semiótico atrelado a um sistema de signos socioculturais. Estamos a todo o momento diante de textos que são multimodais e multiculturais, tendo em vista os diversos contextos de produção e recepção que levam em conta a linguagem e suas múltiplas formas de *performance*: elementos verbais e não verbais, gestos, cores, expressões, emoções, etc. Nesse sentido, o texto representa e significa no mundo. Essas (res)significações atravessam o tempo e atualizam discursos.

Ampliando as possibilidades de uma abordagem Semiótica Antropológica, Rodrigues (2011, 2017) propõe uma Linguística da Prática. Apoiado na teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, Rodrigues (2011) desenha um percurso teórico para uma práxis semiológica. Nesta abordagem teórica, o sujeito e sua identidade, o contexto e o jogo de interesses criam conflitos sociais. Bourdieu é um dos grandes pensadores da era pós-moderna, dando uma contribuição relevante aos estudos da teoria simbólica das representações sociais, conseqüentemente ao arcabouço de uma teoria praxeológica da linguagem (RODRIGUES, 2017). O autor dá importância ao simbolismo do texto e enfatiza a noção de pertencimento e dominação simbólica nas relações com a sociedade.

Sendo um produto da posição e da trajetória social dos indivíduos, o *habitus* é a forma de leitura de mundo pela qual percebemos e julgamos a realidade adquirida durante o processo de socialização, ou seja, as inclinações para perceber, sentir e fazer, as atitudes que levam a ação, percepção e reflexão. Essas práticas de representação são, em parte, determinadas – pelas escolhas que fazemos – e, em parte, não determinadas, uma vez que nossas escolhas são orientadas pelo *habitus*.

Esse, conseqüentemente, é um influenciador do estilo de vida de um povo ou classe social, contribuindo para a constituição de um campo – entendido como mundo significante –, dotado de sentido e valor. Nesse sentido, o *habitus* é um importante fator de regulação social.

Para Rodrigues (2011, p. 52), “é saudável compreender que há *habitus* coletivos (sociais) e individuais (familiares). E que um e outro se intercambiam mutuamente”. Logo, o autor evidencia o trajeto teórico da Linguística da Prática¹ como espaço de observação e análise de sujeitos e culturas híbridas e do trânsito e valorização de bens simbólicos.

Estudos recentes (SANTAELLA, 2005) evidenciam o valor do hibridismo nas culturas e linguagens, levando em consideração os aspectos multimodais/semióticos, essenciais para reflexão sobre as práticas sociais. Nesta perspectiva, como observaremos nas linhas seguintes, Rodrigues (2011, 2014b) apresenta uma visão pansemiótica e pancrônica dos estudos linguísticos e semióticos, agregando o imaginário e o símbolo nos processos de significação do texto, a partir de uma tomada antropológica, significativa para as pesquisas atuais. Também observaremos que, a partir das tradições discursivas, o texto se reveste de um *status* significativo, que relaciona presente e passado, construindo e reconstruindo, atualizando e mantendo características específicas. Desse modo, o texto é tomado para análise não apenas como produto de época, mas de ação/situação e relação/acontecimento, observando-se sua plasticidade na cultura que atualiza.

3 Imaginário e movência na tradição dos folhetos de cordel

De acordo com Mello (2013, p. 169),

Tradicionalmente, os estudos de cordel baseavam-se numa perspectiva da *scriptocêntrica*: o seu objeto de estudos é o folheto, o livrinho impresso, considerado como forma de literatura escrita, desconsiderando a sua produção, a sua forma de transmissão e a

¹ “O arcabouço teórico da linguística da prática oferece ao pesquisador da linguagem o entendimento de que os sujeitos incorporam a estrutura social ao passo que a produzem, legitimam e reproduzem. Esse raciocínio só é possível porque a base teórica de Bourdieu funda um estruturalismo-cognitivista, em que os indivíduos possuem ora autonomia ora dependência dos seus atos” (RODRIGUES, 2017, p. 88).

recepção, baseadas na leitura rítmica em voz alta, no canto ou declamação.

Estudos recentes mostram que as narrativas de cordel se configuram como gênero imbuído de uma composição formal, mas que é aberto para uma gama de discursos que distrai, informa, denuncia, alerta, ensina, critica, além de servir de base para a produção de outros gêneros, ao mesmo tempo em que abre espaço para a assimilação de outros tantos.

Foucault (2007) evidencia a relação entre história, memória e discurso. No entremeio dessa relação, o cordel se impõe documento/monumento das vozes, atrelado ao tempo, ao espaço cultural e práticas discursivas de exercício da memória: um “monumento linguístico”, arquivo da memória coletiva que permite-nos estudar as *performances* do sujeito de uma dada região (RODRIGUES, 2018b). Dessa relação sociocultural e sociolinguística/sociosemiótica, temos o cordel como a atualização de vozes e imaginários, frutos da imaginação criadora do povo do Nordeste. Porque como afirma Le Goff (2003, p. 5), “a idéia da história como história do homem foi substituída pela idéia da história como história dos homens em sociedade”. Diante disso, Rodrigues (2011, p. 105) sugere:

É preciso, pois, religar os objetos de memória, os homens e os tempos, e fazer uma leitura desse memorial da vida humana, inserido num conjunto de lugares de memória, tendo em mente que todo documento é verdadeiro ou falso, não concomitantemente, mas dependendo de três aspectos que concordamos ser os responsáveis pela significação do objeto de memória no universo sociocultural humano: o sujeito, o local e o tempo.

Constata-se que a partir do momento em que o Nordeste é criado como espaço físico, começa a construção de um espaço imaginário/discursivo que refletirá uma identidade própria para a região. Forma de mostrar sua existência e ao mesmo tempo legitimá-la, pois, como afirma Bourdieu (2007, p. 118), “o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente também é ser percebido como distinto”. Dessa forma, o Nordeste acaba por recorrer às tradições populares e ao imaginário popular para reafirmar sua identidade. Enquanto seres históricos, como afirmam Bakhtin/Voloshinov (2004, p. 134), “não nascemos só como organismos biológicos abstratos”, mas também como seres sociais. Podemos ter um saber ligado à memória que será difuso

devido nossa interação com o outro em diversas esferas dos diferentes grupos com os quais interagimos.

Assim, compreendemos que nossa maneira de agir e relacionar-se no mundo diz muito sobre os valores apresentados pelos grupos ou culturas a que pertencemos. A memória dessa comunidade reforça o lugar de pertencimento do sujeito, gerando subsídios que deságuam numa identidade social e coletiva. A forma como nos vemos ou nos imaginamos vem de uma memória coletiva que é compartilhada pela história e identidade cultural e envolve aspectos semânticos e pragmáticos da linguagem como prática social.

Partindo de uma concepção simbólica da imaginação, Durand (2002, p. 25) entende imaginário como “uma rede de todas as imagens que estruturam os modos de viver (e de sonhar) do homem em sociedade”; compreende os indivíduos e sua cultura através de suas crenças, manifestações e sua forma de viver em sociedade, em que entra em cena o símbolo que juntamente com o imaginário ocupam maior dimensão, em vez da própria razão.

Os mitos sempre deram vida e sustentação às experiências vividas na sociedade, buscando explicar aquilo que vai além da razão humana. As narrativas míticas são histórias que agregam fundamento a vida humana, revelando o inconsciente coletivo de um povo. Desse imaginário coletivo, prefigurado no inconsciente individual dos sujeitos, surgem as imagens arquetípicas – “formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano” (JUNG, 2016, p. 82). Essas imagens arquetípicas são ativadas a partir do uso da linguagem, através de imagens inatas e coletivas. Jung (2016) destaca o que ele chama de *status* de um herói, por exemplo. O herói é entendido como um ser superior que tem virtudes como a coragem, a honra, a capacidade de enfrentar o mal e defender os menos favorecidos. Esse *status* arquetípico de herói é comumente utilizado em nossos dias como forma de trazer/fazer valor, homenagear profissionais ou pessoas comuns que fazem atos notórios, heroicos, na sociedade.

Atualmente, há grande debate sobre incorporações dos estudos sobre os símbolos aos estudos linguísticos. Rodrigues (2014b, p. 190) explica que Saussure afastou por completo da linguística estrutural, o estudo do símbolo. Por outro lado, Durand (2002) reivindica o valor do símbolo para a estrutura, o que atende aos estudos do imaginário:

“a encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por outro aspecto de uma outra” (DURAND, 2002, p. 18).

Dessa forma, o mito primordial do herói chega até nossa geração, atualizando-se, por exemplo, nos folhetos de cordel, a partir de narrativas que reconfiguram discursos de tradição nordestina na modernidade brasileira. Para Rodrigues (2014b, p. 192), esses signos/símbolos do cordel permitem a “encarnação” do sentido no texto da cultura popular e a reprodução/atualização do imaginário coletivo (universal?) mediante a imaginação criadora e arquetipal do povo nordestino.

Segundo Durand (2002, p. 14), o imaginário tem uma correspondência com a imaginação como sua função e produto. Para ele, “o imaginário é o conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*”. O símbolo seria a maneira de expressar o imaginário. Lacan traz o imaginário como sendo algo individual e ilusório. O autor concorda que o simbólico tem valor coletivo e cultural. Já Le Goff situa o imaginário no campo de estudos das representações.

Como diz um ditado que circula no meio popular, “cada um vê o mundo com os olhos que tem”; cada um atualiza o sentido do objeto do mundo mediante a representação que cria desse objeto no seu modo de enxergar o mundo. Criamos mundos a partir da posição sujeito que ocupamos na sociedade e na cultura, e os objetos e suas representações são responsáveis por essa significação. Podemos dizer então que as imagens projetam representações culturais, identificando socialmente um povo através de sua visão de mundo e percepção da realidade (RODRIGUES, 2011).

Toda imagem traz consigo um sentido; enquanto símbolo, as imagens se fazem molas propulsoras que impulsionam o imaginário, e “todo pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, ‘esquemas ou potencialidades funcionais’ que determinam inconscientemente o pensamento” (DURAND, 2002, p. 30). Assim, podemos dizer que todo nível de representação é metafórico, tendo em vista a dimensão espacial, a dinâmica organizacional do símbolo e sua relação com o imaginário.

Em *Estruturas antropológicas do Imaginário*, Durand (2002) propõe o estudo dos arquétipos fundamentais da imaginação humana. Para isso, ele apresenta, inicialmente, duas dimensões de estudo. O primeiro é o princípio do *regime diurno* da imagem, que se relaciona

com o estado permanente de vigilância do homem em relação ao medo da morte. Rodrigues (2014b, p. 193) explica que nesse grupo de imagens “a ênfase estará nas armas, sempre prontas para o combate. A atitude heroica...”.

O segundo é o *regime noturno* da imagem, que se apresenta subdividido: a *estrutura mística*, construída num tom harmonioso, conforme Rodrigues (2014b, p. 193), “onde a angústia e a morte não têm lugar”; e a *estrutura sintética*, apresentada com duas faces do tempo, uma trágica e outra triunfante, ou seja, a decida e/ou a subida.

Dessa forma, a estrutura sintética do regime noturno da imagem funda o terceiro regime que compreende a fusão harmoniosa dos valores imaginários atribuídos ao regime diurno e ao noturno. O primeiro regime será o da subida, da ascensão; o segundo o da decida, do aconchego; e finalmente, o terceiro será o da união dos opostos e do ciclo, do *continuum*, da passagem como travessia (RODRIGUES, 2014b, p. 193).

Assim, o imaginário popular de um povo, como o encontrado no Nordeste brasileiro, perpassa pelas vias transitórias da constituição de uma visão de mundo arquitetada por regimes de imagens ora diurno ora noturno. Assim, podemos falar em memória coletiva de um povo, ou ainda no imaginário ou representação coletiva que possui unidade de valor assumida por esse grupo social, aspectos de coesão que se traduzem em estruturas imaginárias comuns em todas as sociedades. Em nossa pesquisa, pela atualização do mito do herói, evidenciado nas capas dos cordéis, destacamos o regime diurno da imagem.

O cordel tematiza representações do imaginário popular e a cultura local do homem do Nordeste. Seu marco se deu na divulgação de histórias tradicionais, as novelas de cavalaria. Ao lado dessas novelas, passou a surgir a difusão de fatos recentes, de acontecimentos sociais que iam adquirindo cada vez mais a fisionomia do povo e, é claro, o seu gosto. No século XVI, o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais, iniciando uma tradição literária popular no Brasil. É importante ressaltar que os alemães e os holandeses também possuíam uma espécie de literatura de cordel bem difundida, devido ao advento dos processos de industrialização e das máquinas de impressões na região. Na França, o cordel era conhecido como literatura de *colportagem*.

No Brasil, ela chegou com os portugueses, instalando-se na Bahia e nos demais estados do Nordeste. Desenvolvendo características marcantes, como a religiosidade, o misticismo e a valorização de determinadas formas de conduta, apareceram os primeiros folhetos de cordel e poetas populares brasileiros que narravam sagas em versos. O paraibano Leandro Gomes de Barros (nascido em 19 de novembro de 1865) é considerado o autor do primeiro cordel brasileiro, também o primeiro a imprimir (na sua própria casa), divulgar e vender cordéis, sendo assim o maior representante desse gênero literário (ele morreu em 4 de março de 1918).

Visto que a maioria do povo que consumia esses textos sequer sabia ler, as histórias eram decoradas e recitadas nas feiras, praças e fazendas, às vezes, acompanhadas pela musicalidade de violas. Nesses locais, o próprio vendedor, poeta ou cantador recitava versos ao público, que se aproximava do artista para ouvir suas histórias.

Com relação à forma de apresentação dos textos, Batista (1977) afirma que geralmente os folhetos se apresentavam escritos em sextilhas de versos de sete sílabas, mas, como o próprio autor diz, não havia preocupação de estilo, pois a própria rima não obedecia a uma precisão técnica: a metrificação dos versos era feita pelo ouvir, e apenas alguns poetas populares empregavam a contagem das sílabas.

Por ser de sete sílabas poéticas, conhecidos como versos redondos, observa-se que os folhetos de cordéis, produzidos no Nordeste, foram elaborados para ser cantados, assinalando assim sua tradição oral/medieval, e forte relação com as cantigas populares, as cantorias, os repentis, em que geralmente dois violeiros, numa praça ou local que circulam muitas pessoas, animam e embalam o povo do interior nordestino.

Abreu (2001, p. 73) destaca que “diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzidos no Nordeste brasileiro é bastante codificada”. Neste cenário brasileiro, o cordel destaca-se, sendo fonte de informação, bem antes de o jornal existir. Grangeiro (2002) explica que o cordel é considerado, por alguns autores, meio jornalístico, indicando que ele capta a mensagem dos meios de comunicação de massa e a “recodifica” para um público popular. Assim, desde o início, o cordel se mostra gênero dinâmico, maleável e plástico, sendo utilizado em práticas sócio-discursivas que dão sustentação aos usos sócio-pragmáticos (RODRIGUES, 2011). Para Rodrigues (2018a, p. 70), “o gênero, esteja onde estiver, dá validade e

credibilidade ao discurso, assim também como as práticas dos sujeitos mediadas pelos gêneros e os discursos: elas validam a ação sociocultural de um enunciado histórico”.

O poeta popular reflete o ambiente em que vive, sendo um verdadeiro informante e líder da opinião pública. Os autores/cordelistas figuram, em alguns casos, como “repórteres” que divulgam as notícias de sua região, mas também figuram como “historiadores” que apontam fatos verídicos ou fictícios. Nesta expressão *linguístico-literário*, há grande variedade de temas, tradicionais ou contemporâneos, que refletem a vivência popular, desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e proveniente da cultura oral. Por experiência própria, o poeta popular transmite os anseios, alegrias e tristezas do povo, e do local que habita, atuando como instrumento de uma memória coletiva, através de temas que envolvem heroísmo, o sagrado, histórias míticas e lendárias.

Como qualquer outro texto, o cordel é uma manifestação cultural do pensamento coletivo, que desenha o cenário das secas periódicas, provocando desequilíbrios econômicos e sociais, das lutas de família, dos cangaceiros, da organização da sociedade patriarcal, entre outros, na qual é marcante a contribuição de fatores de formação social.

A literatura de cordel é uma das principais manifestações da cultura popular nordestina/brasileira, contrariando, como já enfatizamos anteriormente, muitos pesquisadores que pensavam que, com o advento dos tempos modernos e a ampla difusão de meios de comunicação diversos, o cordel teria seu fim. Como veremos, a emergência de uma nova prática não leva ao desaparecimento de outra. Mello (2013, p. 169) explica que “na cultura, há sempre um processo crescente de complexidade dialógica, de modo que uma nova formação cultural vai se integrando nas anteriores, provocando nelas reajustamentos e refuncionalizações”. Uma prova disso é que hoje observamos uma movência dos folhetos de cordel a partir de novos mecanismos de mediatização, levando em consideração a dinâmica cultural contemporânea e as novas práticas tecnológicas.

Rodrigues (2014a, p. 161) evidencia que “o cordel é um exemplo da renovação do sujeito que ele representa”, pois possui a propriedade de transitar e ser elo entre o velho e o novo. O autor explica que hoje na cultura popular em questão não se pendura mais folhetos em barbantes, como sustenta a tradição, contudo transita-se pelas “ondas virtuais da Web, para assegurar o seu posto de pós, daquilo que estando no presente

não abre mão do imaginário de sua gente para recontá-lo e manter acesa a chama de um povo que caminha entre tempos de modificação constante”. Para ele, essa adaptação

[...] garante a manutenção da memória, porque a movência é a garantia da continuidade [...]. Por esta razão, não sei por que tanto agouro, tanto pesar em se falar numa possível ‘morte’ de um produto que se renova em conjunto com a sociedade, renovando também os signos de sua cultura (RODRIGUES, 2014a, p. 161).

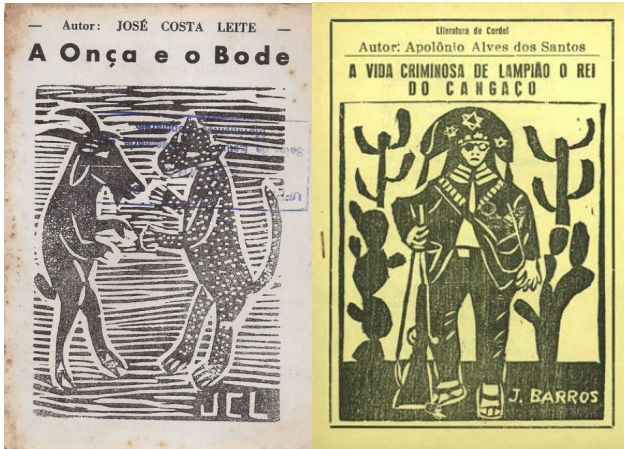
Vale ressaltar que o cordel foi considerado, por vezes, literatura de pouco ou nenhum valor literário (GRANGEIRO, 2002). Uma literatura das “bordas”. Esse invalore acontece de forma preconceituosa ao se levar em consideração a posição social daqueles que produzem a literatura popular. Entretanto, estudos como os de Silva (2014), Mello (2013) e Rodrigues (2011) evidenciam que o cordel é uma das mais complexas manifestações culturais do nosso país. Inclusive com destaque para a atualização do gênero, movência em suportes digitais e utilização no ensino de língua materna. Assim, o cordel adentra a estrutura composicional e performática de outros gêneros reconfigurando-se e emprestando valor cultural para outras produções (RODRIGUES, 2013). Isso permite a circulação do gênero, evidenciando a plasticidade das vozes que atualiza discursos e saberes ao influenciar, também, outros textos.

A dinâmica de adaptação/atualização desse gênero textual da cultura popular nordestina pode ser verificada, por exemplo, nos aspectos de linguagem que tecem as capas dos folhetos que analisaremos em seguida.

4 Capas de cordel: plasticidade das vozes

O caráter móvel, próprio da plasticidade do cordel, estabelece sua forma significativa de representar o Nordeste e o povo nordestino, em mídias diversas (RODRIGUES, 2011), remetendo ao imaginário campestre/sertanejo. Nos textos/discursos e na multimodalidade composicional das capas dos folhetos de cordel, observamos traços de permanência e mudança que evidenciam essa plasticidade cultural. Tradicionalmente, as capas são ilustradas com xilogravuras, arte popular medieval (de herança oriental) que se desenvolveu no Brasil.

Figura 1 – Capas de cordel ilustradas com a arte da xilogravura



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Ressaltamos que, durante muito tempo, o cordel e a xilogravura caminharam de mãos dadas numa relação cultural de congruência. A xilografia é uma técnica/arte de gravar em madeira. A impressão do desenho é entalhado com formão, faca etc. em uma chapa de madeira. De origem chinesa, a técnica de impressão a partir da xilogravura remonta ao século VI, sendo inovada e reestruturada durante a Idade Média.

Há relatos que os persas, egípcios e indianos utilizavam a arte da xilogravura para estampar tecidos. Na China e Japão, essa arte foi utilizada posteriormente como carimbo em folhas de papel no momento de impressão de orações budistas. No ocidente, ao fim da Idade Média, a arte foi utilizada em imagens sacras e em jogos de baralho. Foi com a vinda da Família Real portuguesa que a xilogravura ganhou o território brasileiro, servindo como ilustração para anúncios, capas de livros, rótulos. No Nordeste, a arte ganha expressão cultural pela originalidade e habilidade empregada pelos artistas populares.

Atualmente, muitos artistas ganham a vida como xilógrafos. J. Borges é um exemplo; poeta renomado, já escreveu mais de 200 cordéis, todos ilustrados com a técnica da xilogravura. As Xilogravuras de J. Borges costumam retratar o contexto social em que o poeta está inserido, tematizando a luta do povo, o cotidiano do homem nordestino, o folclore, a vida no sertão, o Cangaço, etc. É fato que a arte da xilogravura está deixando de se apresentar com exclusividade apenas nas capas dos

folhetos de cordel, como foi tradição por anos. Esse olhar sobre a tradição que se move para outros suportes é visível nas galerias de arte espalhadas pelo país, ganhando a atenção especial dos pesquisadores em cultura popular e nas academias por suas possibilidades estéticas e criatividade.

Figura 2 – Produção artesanal de xilogravura



Fonte: Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2014/03/xilogravura_passo_a_passo.html. Acesso em: 3 mar. 2021.

A técnica de produção das gravuras pode ser considerada complexa por seus leitores, exigindo bastante habilidade do artesão. No entanto, foi justamente a simplicidade e o baixo custo de produção que impulsionou e sustentou a tradição da arte e sua relação de congruência com o cordel. O objetivo era tornar os folhetos de feira acessíveis a todos. Daí utilizar-se de materiais de baixo custo, como madeira, tinta e papel. Na produção, de início, é preciso entalhar na madeira o desenho que será utilizado como matriz e, depois de pintado, faz-se a transferência da imagem para o papel. É comum a utilização da Umburana na produção, por ser uma madeira mais maleável e típica da região nordeste.

Com o advento de outras técnicas, como a fotografia e o desenho digital, a arte da xilogravura perde força, mas não deixa de ser representada com efeito de tradição nas capas de folhetos de cordel. Antes, o poeta mostrava agilidade na produção e engenhosidade na arte da xilogravura aplicada nas capas dos folhetos, como forma de chamar a atenção dos possíveis leitores/compradores e de concorrência com os demais poetas populares. Hoje, o uso da xilogravura é justamente para demonstrar tradição, uso folclórico, uma vez que as mudanças de paradigmas reorganizam, reajustam e refuncionalizam novas práticas, recriando e replicando novos contextos de produção.

Atualmente, pelo valor de prestígio atribuído ao cordel (RODRIGUES, 2014a), é comum observar “xilos” presentes em peças decorativas, em azulejos, quadros, acervos de arte, entre outros (ver FIGURA 3), com considerável valorização de mercado.

Figura 3 – Xilogravuras em quadro e azulejo



Fonte: Disponível em: <https://babeldasartes.wordpress.com/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Ressignificando a técnica rudimentar da tradição, hoje as xilogravuras são produzidas com mais requinte e sofisticação. Assim como o cordel, a técnica é bastante difundida e comercializada como atração artística, turística e em programas de TV (como no reality show Big Brother Brasil 21 [Rede Globo de Televisão] que tematizou o quarto cordel, ambientado com xilogravuras [ver FIGURA 4]), propagandas, eventos acadêmicos e museus. Servindo de inspiração para atualizar os sentidos do imaginário que representa.

Figura 4 – Quarto cordel “Big Brother Brasil 2021 – Rede Globo”



Fonte: Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/bbb21>. Acesso em: 5 mar. 2021.

A xilogravura televisiva que figurativiza o cavalo, o homem, os cactos, as bandeiras de São João, etc. significa e aponta para uma identidade cultural, memória de grupo e imaginário popular. Há uma movência de suporte. O cordel “se transforma” em “quarto cordel” em programa de TV. Deixa de ser capa de folheto e se torna adereço/decoração, arquitetura intencional que permite significar/ressignificar o espaço televisivo mediante o valor da cultura popular nordestina. Rodrigues (2013, p. 253) explica que “o cordel empresta seu *status* de produto regional/cultural que aponta/chama a atenção do consumidor”. O autor enfatiza que para os telespectadores do *reality show*, “o espaço [...] cordel [...] figura como ornamento ou sinal da cultura popular nordestina”. A Televisão acolhe ou se utiliza dos valores que advêm da tradição do folheto de cordel, adquirindo valor/*status*, mas também legitimando a cultura/identidade nordestina.

Analisar o gênero cordel e sua composição verbo-visual exige do leitor uma atenção para a plasticidade do gênero, ação de produção de sentidos. A homogeneidade visual visa fixar uma memória de grupo. Entretanto, a própria repetição de um fenômeno implica também em deslocamentos. Os produtos das culturas populares, a exemplo do cordel, se revestem de modernidade, adquirindo atributos e características nos diversos meios de comunicação/interação. É preciso observar como essas narrativas e os elementos imagético-discursivos

são configurados naquilo que se denomina de “cultura de fronteiras entre a tradição e a modernidade” (MELLO, 2013, p. 166). Rodrigues (2013, p. 252) chega a questionar: “Por que falam em cordel da tradição como o ideal de referência para os folhetos de feira? Não se permitem enxergar que essas mídias se renovam como todas as outras, porque continuam em plena produção”. Para o autor, o cordel ainda não saiu das feiras livres dos interiores nordestinos, mas já adentrou em outros espaços de produção de sentidos, outras mídias/suportes que se beneficiam de sua tradição “a partir da configuração que é própria desse gênero textual/discursivo”.

No ciberespaço, o cordel se beneficia dos novos suportes de textos. E com o avanço da tecnologia, dos programas de computadores e aplicativos de smartphones, as capas vêm se modificando; o que não poderia ser diferente. O uso das ferramentas digitais contemporâneas permitiu a utilização de recursos variados para a produção dos folhetos de cordel; e a produção das capas ganhou dinamicidade, a partir de arranjos multimodais elaborados. É o novo atualizando a tradição. O cordel se moderniza no estilo e na linguagem, no público-alvo, nos objetivos de produção, na configuração espacial e temporal. Na web, encontramos cordéis em PDF disponíveis em *blogs*, cordéis animados no *Youtube*, nas redes sociais como o *facebook*, no *WhatsApp*... Nestes novos suportes de texto e no próprio material impresso atualmente, as capas e páginas ganham mais cores e formas, são ilustradas com desenhos e fotografias. Nestes casos, o nome do ilustrador/desenhista não é o mesmo do autor da narrativa. E assim essa função autoral ganha destaque novamente como era tradição entre os melhores xilografistas; o nome do artista é exposto nas capas dos cordéis (Figura 5).

Figura 5 – Capas de cordéis com autoria das ilustrações de capa



Fonte: Disponível em: <http://mundocordel.blogspot.com/p/cordeis-na-web.html>.
Acesso em: 20 out. 2020.

No *YouTube* é comum encontrar cordel em formato de vídeos, textos multissemióticos como o cordel impresso, mas envolto em formas de apresentação a partir do audiovisual. Criam-se interações que envolvem novas formas de escrituras, multimodalidades, ancoradas na tradição oral dos folhetos de cordel. Há uma reorganização do gênero a partir de novos suportes, tornando o momento da leitura do folheto mais dinâmico, interativo, movimentado e colorido. Assim, o cordel se torna um encontro de vozes que religa a tradição a novos formatos digitais, o que permite a exploração de novos leitores e a valorização das culturas populares no contexto da web.

As fontes de inspiração dos poetas populares advêm dos diversos gêneros midiáticos, desde folhetins inspirados nas novelas de cavalaria, histórias orais, fábulas, personagens bíblicas, jornais de TV e rádio, romances, histórias em quadrinhos etc. As narrativas de outras épocas sempre tiveram espaço de tradição garantido nas reedições/atualizações dos cordéis. É o caso de *O Cachorro dos Mortos*, de Leandro Gomes de Barros, em que as capas de algumas edições compõem o *corpus* deste estudo.

Nas capas dos folhetos de cordel é possível observar traços de permanência e mudança expressos nos contextos verbais e não verbais, evidenciando uma Tradição Discursiva de plasticidade das vozes. Tomemos o caso do folheto *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes

de Barros (ora de João Martins de Athaideora ora de Manoel Pereira Sobrinho). Uma das mais conhecidas histórias do “pai” da literatura de cordel no Brasil. Um cordel singular em termos de relevância cultural e longevidade. Publicado originalmente em Recife, em 1911, a obra denuncia relações socioeconômicas da região na época, trazendo críticas ao sistema do coronelismo. A história foi republicada várias vezes ao longo dos anos. Em 1919, um ano após a morte de Leandro Gomes de Barros, uma nova edição foi lançada, modificando-se apenas a grafia das palavras para a norma ortográfica da época.

Em todos os folhetos que trazem versões da história *O cachorro dos mortos* é possível perceber a tradição dos acrósticos; um tipo de assinatura disfarçada, presente nas últimas estrofes do folheto, em que o autor escreve as iniciais das letras de seu nome de forma vertical como forma de carimbo de autoria. Entretanto, no Nordeste, no início do século vinte, a questão de autoria dos folhetos era desrespeitada. É importante ressaltar que o direito autoral valoriza e reconhece as criações artísticas e culturais de um povo, mas na década de 1920, com o surgimento das imprensas particulares, muitos cordelistas, que também eram repentistas e divulgavam suas obras viajando de cidade em cidade, ficavam em suas casas e vendiam seus folhetos através de revendedores. Posteriormente, os folhetos foram comercializados nos Correios, mercados públicos, bancas de jornais etc.

A história mostra que houve muito desrespeito aos direitos autorais dos poetas, não apenas omitindo-se o nome ou pseudônimo do autor original, mas também alterando o texto original sem nenhuma autorização do poeta criador. João Martins de Athayde, por exemplo, comprou os direitos de publicação da obra de Leandro Gomes de Barros. Ele passou, assim, a ser o editor proprietário de todo material do poeta de Pombal-PB. Essa ação comercial, comum na época, confunde até hoje muitos pesquisadores, porque o editor usurpou a autoria do texto, substituindo o nome do criador da obra pelo nome do “proprietário”. Essa é uma característica muito comum nos cordéis da tradição, não sendo uma característica estruturante do gênero, mas da condição socioeconômica dos poetas populares do começo do século passado.

A venda dos direitos autorais patrimoniais de um cordel era negociada através de uma licença ou mesmo transferência, como aconteceu no caso de João Martins de Athayde. De acordo com Galvão (2001, p. 33),

Além da publicação das obras de Leandro, Athayde tornou-se editor também de diversos outros poetas e de seus próprios folhetos. Além das modificações no formato dos cordéis, Athayde criou uma verdadeira rede de distribuição desses impressos, que passaram a ser vendidos nas grandes cidades de vários estados. Em 1949, Athayde, já doente, vendou os direitos de proprietário de obras de vários autores a José Bernardo da Silva, de Juazeiro do Norte, Ceará.

O cachorro dos mortos conta uma história trágica que se passa no ano de 1806, ainda no tempo do império, no Estado da Bahia. Vivia naquele lugar um singelo sertanejo conhecido por Sebastião de Oliveira. Ferreiro de profissão, agricultor e criador de gados, era casado com Maria da Glória, com quem teve três filhos: Floriano, o filho mais velho que estudava direito e trabalhava para o governo, e duas moças: Angelina e Esmeralda. “Honestas, trabalhadoras e que encantavam pela beleza”.

A família Oliveira era muito estimada pela vizinhança e pelas autoridades locais. Perto da propriedade de Sebastião residia Elisário Amorim, homem rico, “espanhol de bom coração”. Seu filho, um rapaz chamado Valdivino Amorim, quis namorar Angelina, recebendo com veemência um não: “de nós não há quem o queira”. Isso provocou a ira de Valdivino que logo propôs se vingar armando uma emboscada para matar Floriano, o irmão mais velho. Calar, o cachorro da família Oliveira, testemunha o ocorrido e sai latindo desesperado até a casa em que se encontra Angelina e Esmeralda. Elas saem para ver o acontecido. Ao chegar ao local, Valdivino mata Esmeralda a tiros, assim como fez com Floriano. Ainda esfaqueia Angelina, deixando-a morrer. Porém, antes de morrer ela anuncia o destino daquela “fera carniceira”, condenando-o a morte pelos crimes cometidos. As únicas testemunhas: as flores, uma árvore e Calar. No final, o algoz recebe a punição e Calar obtém a vitória por permanecer fiel ao seu legado. A história mostra que por pior que seja o cenário, a justiça um dia é feita ainda que de forma imprevisível e remota.

No imaginário popular, o cachorro – cão – é considerado o melhor amigo do homem, caracterizado pela lealdade e companheirismo. É comum no interior do Nordeste o homem da casa manter um cão como protetor do lar. Na versão de Manoel Pereira Sobrinho (1957, p. 31), as últimas páginas do folheto são dedicadas a contar a história de Calar: um cão rejeitado e “jogado” fora pelo dono, acolhido “com muito mimo e carinho” pelo senhor Sebastião Oliveira, que logo propôs o nome “Calar”:

Ele botou-lhe esse nome
 Do verbo Silenciar
 Porque calado o achou
 Já perto de expirar;
 Não grunhia nem latia
 O sentido era calar...

O nome Calar tem como referência o ato de silenciar, ideia oposta à ação do cachorro como protagonista e testemunha dos fatos ocorridos na trama. Foi pela inquietude e pela forma de “falar”, esperta e inconformada do animal, que Valdivino recebeu a punição pelos seus atos. Em diversas culturas a simbologia do cachorro é relacionada à inteligência, a esperteza, obediência e proteção. Na mitologia grega, o animal é símbolo do oculto, podendo estar atrelado à morte, como aquele que auxilia na passagem entre a vida e a morte, sendo um guia das almas até o paraíso ou mesmo um guardião das portas do inferno. O Cérbero, figura mitológica grega, é um cão de três cabeças que guarda a entrada dos reinos dos mortos, sob o domínio de Hades. Aqui encontramos mais uma vez a relação do cachorro com os mortos. Por possuir faro apurado, acredita-se que o cão tem a capacidade de identificar a pureza ou mesmo a crueldade que circundam as pessoas. Observemos a Figura 6.

Figura 6 – Capas de folhetos “O cachorro dos mortos”



Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Enquanto as duas primeiras capas se configuram como desenhos (imagens), a última investe na promoção do valor da tradição pela

reprodução gráfica da memória xilográfica. O uso de imagens permite o desenvolvimento e aprimoramento da prática de ilustração das capas dos folhetos. Recurso semiótico que amplia o efeito semântico necessário para compreensão da mensagem-síntese que o poeta faz questão de esboçar na capa e que ecoa nas páginas do texto (RODRIGUES, 2011).

Em sua materialidade multimodal, observamos a disposição do nome do autor, ora superior, ora inferior, os títulos ora em caixa alta ora em caixa baixa, mas também a repetição simbólica das três cruzes: Floriano, Esmeralda e Angelina; referência ao cristianismo. A cruz é uma lembrança da morte de Cristo, mas ao mesmo tempo de vitória sobre a própria morte. No imaginário do cristianismo popular, a cruz expressa o caminho da salvação eterna. Por isso, é comum colocar uma cruz como marca/lembrança no local em que o ente faleceu. Na última capa, o sol é destacado, faz referência ao lugar de pertencimento do poeta, lugar seco, sol escaldante. Leandro Gomes de Barros nasceu em Pombal, alto sertão paraibano. Lugar de Sol pleno, signo símbolo de duplo valor semântico: vida e morte.

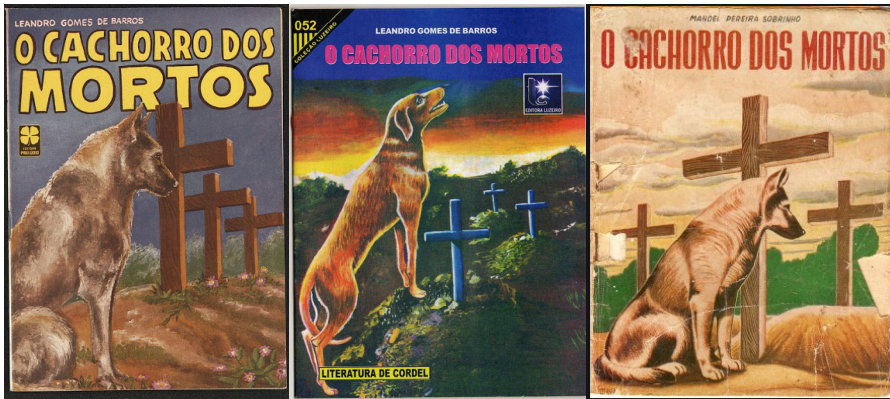
O cão de guarda é o protagonista e herói da história, evidenciando assim o regime diurno/solar do imaginário (DURAND, 2002), através da atitude heroica e sempre em alerta, de fazer justiça, honrar seus mortos. Assim sendo, destaca-se a personificação do cachorro nas três capas, sendo que na primeira o cão é bravo, na segunda, pensativo e na última, o cão chora. Como é comum do gênero capa de cordel, o autor das imagens sintetiza o momento do clímax da trama, sendo que cada capa destaca uma parte da história, como se fosse apontando para o início, meio e fim dos eventos, respectivamente. Dessa forma, o conjunto composto por essas três capas em análise atualiza a narrativa arquetipal, matriz, em que as capas figuram como textos complementares.

Um aspecto curioso é que algumas versões do *Cachorro dos mortos* trazem “balões” no corpo da narrativa (PEREIRA SOBRINHO, 1957); e nas capas, como podemos observar na segunda imagem reproduzida pela Figura 6. Como explica Rodrigues (2011), o cordel busca inspiração em outros gêneros textuais, neste caso, nas histórias em quadrinhos. Para o autor (2013, p. 257),

Nada que seja negativo, pois o próprio cordel se inventou/reinventou a partir de outras obras textuais/discursivas (foi romance, jornal, etc.), o que nos permite avaliar que o cordel ainda é um elemento textual e discursivo, uma mídia impressa que traz a voz e dá voz à sociedade e aos sujeitos que estão por trás dessas produções.

Como explica o autor, esse é um recurso de inovação do cordelista para atrair seus leitores. Outra forma de inovação, própria do processo de plasticidade das vozes que o cordel atualiza, é a utilização de cores. Observe o efeito de plasticidade nas capas coloridas do folheto em análise (FIGURA 7).

Figura 7 – Capas coloridas de folhetos *O cachorro dos mortos*



Fonte: Imagens da internet disponíveis em Google Imagens. Acesso em: 20 out. 2020.

Os folhetos, mesmo coloridos, mantêm traços de permanência: nomes dos autores na parte superior do texto, título em caixa alta, três cruzeiros, a posição do cachorro na primeira e última capa, etc.; mas inova utilizando-se de desenhos, pinturas e fotografias, isto é, cores e formas que emprestam sentidos pelo valor semiótico: o crepúsculo, a lembrança ainda muito viva pelo poeta dos filmes de cowboy, faroeste... O que não descaracteriza o gênero, mas dá continuidade, estabelecendo novas formas de estruturação, novos arranjos composicionais.

A utilização das cores exige do leitor uma abordagem multidisciplinar, podendo ser um fenômeno cultural, físico, sensorial ou mesmo psicológico. Os poetas populares começaram a incrementar a estética e utilizar desenhos e cores nas capas de folhetos como forma de mostrar modernidade e avanço em suas obras. Observa-se nas capas em análise a composição e montagem de signos imagéticos trabalhados a partir de símbolos culturais. Destacam-se as cores presentes no título de cada cordel; amarelo, azul, verde e vermelho, etc., assumindo sentido distinto da tradição das xilogravuras; a cor “caramelo” do pelo

do cachorro se repete nos folhetos, uma característica dos “vira-latas”, comuns no Brasil, mas também faz menção ao folhetim cinematográfico Rin-Tin-Tin, pelo porte da personagem da raça pastor alemão.

Figura 8 – As aventuras de Rin-Tin-Tin: “inspiração” para o poeta cordelista



Fonte: Imagens da internet disponíveis em: Google Imagens. Acesso em: 20 out. 2020.

O poeta popular se inspira em outros gêneros midiáticos e utiliza o cachorro (no caso Rin-Tin-Tin – que era, antes de ir para a TV, história em quadrinhos) como elemento motivador para o rearranjo da capa do folheto de cordel. A cor, relacionada com outros elementos sígnicos, isto é, em processo de semiose constante, em determinado contexto cultural, é tomada como conteúdo informativo transformada em linguagem visual e sensorial, podendo inclusive antecipar a leitura do texto dentro do contexto em que está inserido. Além de ser um convite ao cordel, a cor anima a imagem e captura a atenção do leitor através da reconfiguração das paisagens, tons e sombras que movem as cenas síntese de cada capa.

Os casos destacados na análise possuem, total ou parcialmente, uma tradição temática, formal e conteudística. Há um chamamento ao público leitor, um pedido de atenção. Assim, há um movimento sendo realizado através do tempo que evoca uma forma de comunicação/ interação, atualizando e tradicionalizando, repetindo e reiterando, numa relação sincrônica, e ao mesmo tempo diacrônica, “elementos de forma e conteúdo guardados na memória” (LONGHIN, 2014, p. 21). Os Cordéis sobrevivem pela pancronia textual (RODRIGUES, 2011); ganham

cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas; valorizam os estudos linguísticos, literários e culturais.

5 Considerações Finais

As condições de produção artístico-culturais norteiam as relações entre texto e discurso. As línguas mudam/variam, se movem no tempo, assim como os gêneros textuais, a exemplo do cordel (RODRIGUES, 2014a). Em nossa pesquisa, observamos nas capas dos folhetos de cordel traços de permanência e mudança, com um olhar para plasticidade encontrada na obra *O cachorro dos mortos*, apresentando o caráter dinâmico e atualizador do gênero cordel em práticas socio-discursivas e culturais do Nordeste.

O cordel caracteriza-se como literatura popular do Nordeste brasileiro, sendo utilizado como fonte de conhecimento, informação e ensino, constituindo-se genuína forma de expressão sociocultural dessa região do Brasil. Diante disso, as histórias narradas revelam os imaginários do seu povo, discursos, histórias de lutas, conquistas, resistências e heroísmo. O cordel se faz documento/monumento que evoca vozes e atualiza o imaginário popular, religando símbolos de memória no universo sociocultural do povo nordestino (RODRIGUES, 2018b). Atualmente, o cordel conserva, enquanto narrativa, características de origem, como a função de educar e divertir, fazendo uso de temas do cotidiano atual como pano de fundo. Esse tipo de manifestação artístico-cultural constrói uma trama que articula símbolos de identidades, de experiências e trocas com as diversas camadas da sociedade. Dessa forma, o cordel se mostra como importante instrumento de representação da memória coletiva de formação do povo brasileiro (RODRIGUES, 2011).

A análise das capas do cordel *O cachorro dos mortos* revelou uma matriz de tradição, mas também a movência que atualiza a forma de expressão das capas pela utilização dos autores de recursos multimodais. O aprimoramento da prática da ilustração presente nas capas configura-se como recurso semiótico que amplia o efeito semântico que se faz necessário para entender a mensagem-síntese do folheto.

Na web, a utilização de recursos multimodais nas capas permite que o cordel dê continuidade enquanto gênero textual da cultura popular nordestina, estabelecendo novas formas de estruturação e identidades. Há um movimento no tempo que atualiza o gênero, mas que também

tradicionaliza elementos guardados na memória. Por seu caráter dinâmico e multifacetado, os cordéis assumem formas e conteúdos diversos, entrecruzados no tempo e no espaço. Assim, permanecem e se atualizam enquanto gênero textual de tradição oral.

Observamos ainda, na multimodalidade composicional das capas analisadas, tomadas como TD, a implicitude/explicitude dos autores, o uso de xilogravuras/desenhos, a presença/ausência de cores, balões, a disposição gráfica, entre outros elementos constituintes que evidenciam a plasticidade cultural do gênero. Em sua materialidade multimodal, observamos: a disposição do nome do autor, ora superior ora inferior; os títulos ora em caixa alta ora em caixa baixa; e também a repetição simbólica de elementos como as três cruzes e a cor do pelo do animal protagonista da narrativa. Tudo é significativo. Há uma ressignificação da técnica das xilogravuras, uma movência de suporte. Nessa relação entre composição verbo-visual e meios de circulação do gênero textual, as capas dos cordéis se revestem de modernidade, mas não abrem mão do status de tradição conquistado pela historicidade do suporte impresso que circulou/circula em terras nordestinas.

Dessa forma, o folheto de cordel conserva e atualiza narrativas inspiradas no imaginário do povo nordestino, proveniente de uma tradição oral. Para além da materialidade linguística, o cordel também é acontecimento, história, agrega aspectos de valor sociolinguístico, discursivo e semiótico. Uma memória de representação de sujeitos que performatizam suas crenças e tradições pela dinamicidade da língua(gem) e seu caráter histórico-cultural.

Declaração de autoria

Todos os autores participaram das fases de coleta e análise dos dados da pesquisa, bem como da elaboração do texto final através de escrita colaborativa.

Referências

ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. *In*: MARINHO, M. (org.). *Ler e navegar – espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 139-157.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, L. G. *O cachorro dos mortos*. São Paulo: Editora Prelúdio. Disponível em: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/115>
Acesso em: 21 jan. 2021.

BATISTA, F. C. *Literatura popular em verso: antologia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. (org.). *[Re]discutir texto e gênero*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 19-46.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CORDEIRO, D. B. A simbologia zodiacal e o discurso do horóscopo em suportes midiáticos: um olhar para as tradições imagético-discursivas. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – GELNE: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ESTUDOS FILOLÓGICOS, XXVI, 2016, Natal. *Anais eletrônicos [...]*. Natal: Pipa Comunicações, 2017. p. 3-14.

COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

DIAS, E. T. *A confluência de linguagem no gênero cordel: do oral à escrita*. 2018. 251f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GALVÃO, A. M. O. *Cordel, leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GRANGEIRO, C. R. P. *O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte*. Crato: A província edições, 2002.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

KABATEK, J. Tradições Discursivas e mudanças linguísticas. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do Português Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-527.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T. et al. (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-42.pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LINS, O. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LONGHIN, S. R. *Tradições discursivas: conceitos, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.

MELLO, B. A. “Movência” de paradigmas no cordel: do canto ao ciberespaço. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; OLIVEIRA, A. P. de. (org.). *Literatura e ensino: reflexões e propostas*. Nata: EDUFRN, 2013. p. 163-178.

PEREIRA SOBRINHO, Manoel. *Cachorro dos mortos trazem*. São Paulo: Prelúdio, 1957.

PIERCE, C. S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RODRIGUES, L. P. A tríade do signo. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS – GELNE, XX., 2004, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa: Ideia, 2004. p.1439-1448.

RODRIGUES, L. P. *Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas*. 2011. 431f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

RODRIGUES, L. P. Plasticidade das vozes e escrituras do cordel de fim dos tempos: tradição e modernidade. *Revista do GELNE*, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 249-265, 2013.

RODRIGUES, L. P. O “entre-lugar” dos folhetos de cordel no século XXI. *Boitatá: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, Londrina, v. 1, n. 18, p. 158-176, 2014a.

RODRIGUES, L. P. Tríade arquetípica do feminino no imaginário religioso cristão: Eva, Maria e Madalena. In: SILVA, A. P. D. et al. (org.). *Artimanhas do desejo: ensaios de literatura, psicologia, linguagens*. São Paulo: Scortecci, 2014b. p. 189-208.

RODRIGUES, L. P. Por uma linguística da prática. In: ATAÍDE, C. et al. (org.). *GELNE 40 ANOS: Experiências teóricas e práticas nas pesquisas em Linguística e Literatura*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 69-89.

RODRIGUES, L. P. O anúncio publicitário na escatologia dos folhetos de cordel. *Labor Histórico*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 69-80, 2018a. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17499>

RODRIGUES, L. P. Memória e documento: o cordel, monumento da cultura das vozes. In: ASSUNÇÃO, L.; MELLO, B. A. A. (org.). *Paul Zumthor: memória das vozes*. São Paulo: Assimetria Editora, 2018b. p. 221-249.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal: aplicações na hipermídia*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

SANTOS, H. S. Eugenio Coseriu: uma mudança radical na perspectiva linguística. *Linguagem em (Re)vista*, Niterói, n 17/18, p.62-74, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, R. N. *Representação do homem do Nordeste e identidade masculina na literatura de cordel*. 2014. 78f. Monografia (Graduação em Letras) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, R. N. *Folhetos de cordel no letramento escolar: a aula de leitura revisitada*. 2017. 323f. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.



Convergências e divergências do processo de gramatização nas línguas portuguesa e espanhola

Convergences and divergences of the grammatization process in Portuguese and Spanish

Leandro Silveira de Araujo

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais / Brasil

araujoleandrosilveira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8518-1266>

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a elaboração de gramáticas para as línguas portuguesa e espanhola, descrevendo aspectos textuais e extratextuais que caracterizam esse processo nas respectivas tradições linguísticas e comparando-as, a fim de encontrar pontos de convergências e divergência. Para tanto, a partir da consulta ao acervo físico e eletrônico de diferentes centros de pesquisa, foi possível a construção de um *corpus* bibliográfico que permitiu o cumprimento do objetivo do estudo a partir da análise de 172 gramáticas de língua portuguesa e 138 da língua espanhola, distribuídas desde o século XV. Como resultado, foi possível observar que ambas as tradições de codificação trazem compatibilidades históricas que resultaram em um processo de normalização linguística em que muitas características convergem, ao passo que outras divergem. Convergem, por exemplo, na intensificação desse processo a partir do século XIX, marcando um movimento de constante crescimento. Divergem, por outro lado, na quantidade de países engajados no processo e na relação da gramática escolar com o modelo descritivo, por exemplo.

Palavras-chave: gramática; norma linguística; historiografia da linguística; língua portuguesa; língua espanhola.

Abstract: This paper aims to analyze the elaboration of grammars for the Portuguese and Spanish languages, describing textual and extratextual aspects that characterize this process in the respective linguistic traditions and comparing them in order to find points of convergence and divergence. For that purpose, by consulting the physical and electronic collections of different research centers, it was possible to build a bibliographic *corpus* which allowed the fulfillment of the study's objective based on

the analysis of 172 Portuguese and 138 Spanish grammars distributed since the 15th century. As a result, it was possible to observe that both codification traditions bring historical compatibilities which resulted in a process of linguistic normalization in which many features converge, while others diverge. They converge, for instance, in the intensification of this process from the 19th century onwards, marking a movement of constant growth. They diverge, on the other hand, in the number of countries engaged in the process and in the relation of school grammar to the descriptive model, for instance.

Keywords: grammar; linguistic norm; historiography of linguistics; Portuguese; Spanish.

Recebido em 21 de maio de 2021

Aceito em 05 de julho de 2021

1 Introdução: delineando o conceito de gramatização

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de elaboração de gramáticas para as línguas portuguesa e espanhola, descrevendo aspectos textuais e extratextuais que caracterizam esse processo nas respectivas tradições linguísticas e comparando-as a fim de encontrar pontos de convergências e divergências na gramaticografia hispânica e lusófona. Para tanto, a partir da consulta ao acervo físico e eletrônico de diferentes centros de pesquisa, foi possível a construção de um *corpus* bibliográfico que permitiu o cumprimento do objetivo do estudo. Contudo, antes de se estender na discussão sobre a apresentação e justificativa dos aspectos metodológicos que caracterizam esta abordagem, é importante refletir sobre o que se entende por gramática, gramatização e outros termos correlatos.

O processo de descrever e instrumentar uma língua comendo seu saber metalinguístico foi denominado por Aurox (2014) de *gramatização*, e encontra sua materialidade em dois pilares: a gramática e o dicionário. Segundo o autor, apesar da função fundamentalmente pedagógica que a gramática nas línguas românicas assume – destinada aos que ainda não dominam uma variedade de prestígio da língua ou desejam aprender uma língua estrangeira –, as primeiras análises gramaticais surgem da necessidade filológica de compreender um texto. Pois, “em tempos remotos, nunca se teve espontaneamente a ideia de fazer uma *gramática* – um corpo de regras explicando como construir palavras,

mesmo que sob a forma implícita de paradigmas – para aprender a falar” (AUROUX, 2014, p. 27).

Foram os acontecimentos históricos de grande impacto nas civilizações antigas que promoveram a necessidade de registrar as línguas com fins pedagógicos, alterando, desse modo, a função primária da gramática. Para Auroux (2014), muitos são os fatores que estiveram envolvidos nesse processo, dos quais se destacam:

- i. o acesso a uma língua de administração;
- ii. o acesso a um *corpus* de textos sagrados;
- iii. o acesso a uma língua de cultura;
- iv. as relações comerciais e políticas;
- v. o desenvolvimento de uma política de expansão linguística de uso interno ou externo.

Observado, por seu turno, o uso do termo gramática, Antunes (2007) identifica 5 diferentes valores atribuídos à palavra:

- Gramática 1: conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua.
- Gramática 2: conjunto de normas que regulam o uso da norma culta.
- Gramática 3: uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem.
- Gramática 4: uma disciplina de estudo.
- Gramática 5: um compêndio descritivo-normativo sobre a língua.

Desse modo, a primeira acepção faz referência à ideia de “gramática” como sistema linguístico, isto é, o conhecimento de uso da língua, adquirido por capacidades biossociais, que resulta da estruturação de regras de funcionamento de um idioma. Por sua vez, na concepção 2, o termo faz referência apenas aos usos considerados aceitáveis na ótica da língua socialmente prestigiada, isto é, a norma culta ou variedade de prestígio. A definição 3, por conseguinte, refere-se às abordagens científicas desenvolvidas pela linguística, as quais procedem ao estudo da linguagem sob diferentes perspectivas, algumas “mais centradas na língua como sistema em potencial, como conjunto de signos” e outras “voltadas para os usos reais que os interlocutores fazem da língua, nas diferentes situações sociais de interação verbal” (ANTUNES, 2007,

p. 31). Nessa concepção, inserem-se o gerativismo (gramática gerativa), o estruturalismo, o funcionalismo etc. A quarta aceção refere-se à disciplina escolar conhecida como “língua portuguesa”, em que a velha norma-padrão é apresentada e, quando muito, confrontada.

Por fim, a quinta conceituação é a que mais interessa ao escopo deste estudo, pois está relacionada à gramática como suporte que dá espaço à descrição da língua. Portanto, enquanto um tipo de “gênero do discurso”, a gramática poderá assumir objetivos e características estruturais específicos e trará sempre limitações, já que não é possível expor em um documento textual toda a dinâmica e complexidade das línguas.

Nessa mesma direção, Lagares (2018) salienta que o labor gramatical implica necessariamente a redução da linguagem, pois, em sua ação, o gramático escolhe determinados usos e os homologa em detrimento de outros, excluídos da descrição. Por tanto, essa escolha confere à gramática uma posição frente a língua, ou seja, “as gramáticas nunca são neutras, inocentes; nunca são apolíticas” (LAGARES, 2018, p. 182), o que significa que a escolha de uma gramática ou a proposição da escrita de um compêndio envolverá sempre a escolha de “uma determinada visão de língua” (ANTUNES, 2007, p. 33).

Naturalmente, o momento histórico em que as gramáticas são constituídas definem, de algum modo, muito dos aspectos e concepção de língua apresentados, posto que, como gênero do discurso, estará marcada pelo lugar de circulação e público alvo (escola, academia, editoras, espaço jurídico etc.), momento de concepção (período colonial, consolidação da linguística e suas diferentes correntes teóricas etc.), autoria (linguista, não linguista etc.), entre outros fatores que este estudo pretende observar de alguma maneira.

Tanto o processo de gramatização como seu fruto, a gramática, ocorrem num contexto de tentativa de planificação linguística conhecido como “standardização” que, nos termos de Haugen (1959, p. 08) consiste na atividade de preparar uma ortografia, gramática e dicionário para orientação dos escritores e falantes em uma comunidade de fala.

Conforme explica Amorós Negre (2008), os primeiros gramáticos da antiguidade assentaram as bases da tarefa codificadora no conceito da norma de bom uso, inspirados nos preceitos da língua literária. Este modelo greco-latino foi seguido pelos gramáticos do Renascimento com a tentativa de dotar as línguas vernáculas com a “dignidade” e “prestígio” que caracterizavam as línguas clássicas. Apenas no século XIX, a partir

do Círculo Linguístico de Praga e seus seguidores, é que se começa a desenvolver uma reflexão científica sobre a contribuição da linguística para esse processo de intervenção humana consciente sobre a língua.

Analisando a contribuição do Círculo de Praga para o desenvolvimento de uma Teoria da Língua Estândar, Monteagudo (1994) explica que os linguistas do Círculo distinguiram o conceito de “norma objetiva”, isto é, que é deduzida do uso real da língua, do conceito de “codificação” normativa. Desse modo, passou-se a entender a “norma estândar” como o “conjunto de regras que tem existência objetiva e provem da compreensão mútua de uma coletividade, que a percebe e aceita como obrigatória no uso coletivo dos locutores” (MONTEAGUDO, 1994, p. 144). Por outro lado, a “codificação” foi tomada como o “registro e regularização da norma nos manuais, gramáticas, dicionários etc., por uma autoridade reconhecida, e que ajuda a unificar e estabilizar a norma que geralmente está submetida a oscilações” (MONTEAGUDO, 1994, p. 145).

Entende-se, portanto, que a “norma” está continuamente em construção e sujeita à mudança, enquanto a “codificação” é mais estável, apenas sofrendo intervenções com intervalo de tempo e com certo atraso. Por conseguinte, a codificação pode ou não refletir bem a norma vigente.

A fim de contribuir para a qualidade da codificação, o Círculo de Praga ressaltou a importância de os linguistas não limitarem sua atividade à descrição das normas objetivas, mas também participarem do processo de codificação. Através de uma intervenção com critérios teórico-metodológico científicos, os linguistas possibilitariam uma aproximação mais adequada da codificação e da norma.

Evidentemente, este trabalho volta-se à observação do processo da codificação da norma em gramáticas e parte dos dados apresentados ajuda a avaliar a participação da linguística na codificação das línguas portuguesa e espanhola. No entanto, antes de apresentar e discutir os dados dessas tradições de standardização, serão discutidos alguns critérios metodológicos deste trabalho.

2 Delimitações metodológicas para o estudo da gramatização

A metodologia adotada no presente estudo foi de cunho qualitativo exploratório, assumindo como procedimento de análise uma pesquisa documental, que compreende gramaticais voltadas à descrição e ao ensino das línguas portuguesa e espanhola.

Para construir os *corpora* de gramáticas submetidos à análise, foi feita uma busca em sites de acervo bibliotecário de centros de pesquisa nacionais e estrangeiros. Para a compilação do *corpus* de dados da língua portuguesa, foram consultados os acervos de nove bibliotecas universitárias do Brasil (UFU, UNICAMP, UNESP, USP, UFRJ, UFMG, UFBA, UNB, UFSC) e outras duas grandes bibliotecas do Rio de Janeiro (Real Gabinete Português e Biblioteca Nacional Brasileira). Em Portugal, foram investigados os acervos das Universidades de Lisboa e Coimbra, além da Biblioteca Nacional de Portugal. Em Moçambique, foram analisados os acervos da Universidade Eduardo Mondlane e da Biblioteca Nacional. Em Angola, planejou-se inicialmente a consulta ao acervo da Universidade Agostinho Neto, maior centro universitário do país. Contudo, a instituição não conta com um acervo *online* de fácil acesso remoto, de modo que as atenções se voltaram para a Universidade Jean Piaget, onde os resultados encontrados foram muito discretos. Ao todo, foram consultadas dezessete bibliotecas com acesso remoto às informações bibliográficas do acervo. Além dessas bases de dados, outras plataformas *online* foram consultadas, a fim de se levantar o máximo possível de material, como é o caso do *books.google.com*, *achirve.org*, *hathitrust.org*, etc. Em todas as buscas aos acervos, usaram-se as palavras-chave: “manual”, “gramática”, “compêndio”, “língua”, “portuguesa”, “português”, “norma”. Ao todo, foram catalogadas 172 publicações sobre a língua portuguesa.

Quanto ao *corpus* de dados da língua espanhola, foram consultados os acervos de bibliotecas universitárias do Brasil (UFU, UNESP, UNICAMP, USP) e de outros centros estrangeiros de referência na pesquisa sobre a língua espanhola, a saber: duas universidades espanholas (*Universidad Complutense de Madrid* e *Universidad Autónoma de Madrid*), uma universidade mexicana (*Universidad Nacional de México*) e o prestigiado centro de pesquisa colombiano: *Instituto Caro y Cuervo*. Nessa consulta, as palavras-chave utilizadas foram: “*gramática*”, “*lengua española*”, “*lengua castellana*”, “*español*” e “*castellano*”. Além disso, somaram-se ao *corpus* compilado contribuições do acervo pessoal de pesquisadores residentes no Brasil e as plataformas *online*: *books.google.com*, *achirve.org*, *hathitrust.org*. Ao todo, foram catalogadas 138 publicações.

O material encontrado foi compilado em uma planilha em que se registraram as especificações textuais e extratextuais do conteúdo. Assim,

conforme representa, em parte, a Figura 1, essa tabela foi dividida em doze seções (i. código do item, ii. nome do autor, iii. origem do autor, iv. nome da gramática, v. páginas totais, vi. ano da primeira publicação, vii. ano da edição consultada, viii. cidade de publicação, ix. editora, x. acessibilidade ao texto, xi. tipo de gramática, xii. gênero/sexo do autor).¹

Figura 1 – Da disposição dos dados

Código	Autor	Origem (país)	Gramática (nome)	Páginas (total)	Ano de publicação (1ª edição)	Ano edição (consultado)	Cidade (publicação)	Editora	Acesso
GLP001	Mário Helena de Moura Neves	Brasil	Gramática de usos de português	108	2009	2011 [2 ed.]	São Paulo	Ed. UNESP	Total
GLP002	Atálio Teixeira de Castilho, et al	Brasil	Gramática do Português falado (Vol. 1)	3913	1991	(2018) [2 ed.]	São Paulo	Ed. UNICAMP	Parcial
GLP003	Marcos Bagno	Brasil	Gramática pedagógica do português brasileiro	1653	2011	2011	São Paulo	Parábola	Total
GLP004	Evanildo Bechara	Brasil	Moderna gramática portuguesa	575	1961	2009 [7 ed.]	Rio de Janeiro	Companhia Editora Nacional	Total
GLP005	Mário Alberto Perini	Brasil	Gramática gerativa: introdução ao estado da sintaxe portuguesa	254	1975	1975 [1 ed.]	Belo Horizonte	Vigília	Nulo
GLP006	Mário Alberto Perini	Brasil	Gramática descritiva de português	388	1995	2005 [4 ed.]	São Paulo	Ática	Total
GLP007	Atálio Teixeira de Castilho	Brasil	Nova gramática do português brasileiro	768	2009	2012	São Paulo	Contexto	Total

Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

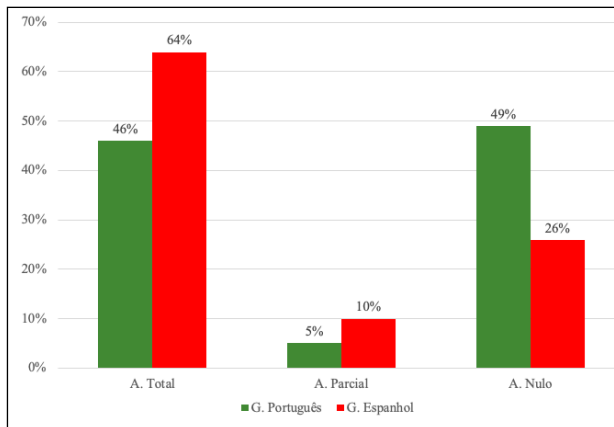
Concluída a busca e a identificação desses materiais nos respectivos acervos eletrônicos, iniciou-se a procura pelas versões impressas ou digitalizadas desses manuais a fim de garantir a acessibilidade ao texto. Esse objetivo se deu com o fim de se alcançar uma análise mais consistente, além de permitir a composição de um *corpus* para futuros estudos sobre a gramatização das duas línguas. Considerando a acessibilidade ao texto, os itens compilados foram divididos em:

¹ Os *corpora* compilados resultam do projeto de pesquisa “Norma da língua e normas para a língua: estudos contrastivos sobre comportamentos linguísticos e metalinguísticos em línguas românicas” (UFU/ DIRPE/PSFE n° 0080/2017). Não recebeu o devido tratamento para disponibilização oficiosa, contudo pode ser consultado mediante contato com o líder do projeto de pesquisa e autor deste trabalho.

- Acesso total: manual ao que se conseguiu o acesso completo, seja eletrônico ou fisicamente.
- Acesso parcial: manual ao que se conseguiu apenas acesso a partes, seja de um capítulo ou do sumário.
- Acesso nulo: manual ao que não se conseguiu qualquer acesso.

Conforme apresenta o Gráfico 1, do total de itens encontrados e registrados, teve-se, nos dados da língua portuguesa, acesso ‘total’ a 78 das 172 gramáticas (46%). O acesso ‘parcial’ correspondeu a 9 (5%) e o acesso ‘nulo’ correspondeu a 85 das 172 gramáticas (49%). Nos dados da língua espanhola, o acesso total correspondeu a 88 das 138 gramáticas (64%). O acesso ‘parcial’ correspondeu a 14 (10%) e o acesso ‘nulo’ correspondeu a 36 das 138 gramáticas (26%).

Gráfico 1 – Acesso ao material



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Em outros termos, o acesso ao texto (em sua totalidade ou parcialidade) foi apenas possível em pouco mais da metade das obras encontradas (87 obras/51%) na gramatização da língua portuguesa. Na tradição hispânica, por sua vez, o acesso ao texto (em sua totalidade ou parcialidade) foi possível na maior parte do material compilado (102 obras/74%). Esse material poderá servir de apoio e de embasamento para futuros estudos que se atentem a outras questões de gramatização, contribuindo, por exemplo, para os estudos de Estandarização, de Historiografia da Linguística e de Ensino de Português e Espanhol.

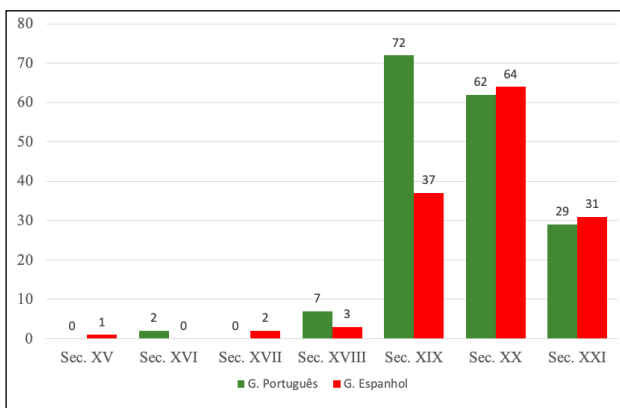
3 A gramatização das línguas portuguesa e espanhola: convergências e divergências

Conforme visto na Figura 1, os dados levantados ao longo desta pesquisa foram agrupados segundo os diferentes fatores controlados, gerando subsídio relevante para o conhecimento da história e da formação da codificação em gramáticas das línguas portuguesa e espanhola. Desse modo, se analisam nos próximos parágrafos os pontos mais relevantes para o objetivo deste estudo, estabelecendo cruzamentos entre os fatores sempre que necessário para se obter informação mais refinada e relevante para o estudo da gramatização das duas línguas.

3.1 O fator temporal

Dos fatores controlados e analisados, certamente o tempo (ano de publicação) é o que mais tem a revelar, especialmente com base no cruzamento com outros fatores – como se fará ao longo desta discussão.

Gráfico 2 – Da produção de gramáticas ao longo do tempo



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Conforme sintetiza o Gráfico 2, nota-se que o início tímido da produção gramaticográfica da língua portuguesa parece se estender até o século XVIII – com 5% do total de dados encontrados. Assim, o surgimento da gramática na língua portuguesa ocorre no século XVI, marcada por apenas duas publicações encontradas: a primeira, de Fernão

Oliveira, publicada em 1536, e a segunda, de João de Barros, publicada em 1540. A busca não encontrou nenhum material referente ao século XVII² e apenas 07 gramáticas identificadas como pertencentes ao século XVIII.

É, contudo, a partir do século XIX, paralelamente ao despontamento dos estudos linguísticos e da intensificação do processo de colonização do Brasil,³ que se encontra o grande salto na produção de gramáticas em língua portuguesa (42% dos dados) – comportamento que se manteve relativamente intenso também no século XX (36% dos dados). Na mesma direção, os anos iniciais do século XXI apontam uma tendência de maior incremento, posto que, em apenas duas décadas, já apresenta quase metade da produção verificada nos dois séculos anteriores (17% dos dados).

Por sua vez, a análise cronológica da produção de gramáticas da língua espanhola (Gráfico 2) permite observar um parâmetro de crescimento muito parecido ao da língua portuguesa, isto é, com uma produção muito discreta entre o século XV e XVII (5% dos dados coletados) e um crescimento acentuado a partir do século XIX (com 27% das obras compiladas). Específico ao espanhol, contudo, é o crescimento especialmente intensificado no século XX, em que se observam 46% da produção compilada. Considerando que apenas passaram as duas primeiras décadas do século XXI, a gramatização do espanhol parece seguir latente neste século, posto que os dados representam 22% dos dados coletados.

Esse resultado sobre a gramatização do espanhol dialoga diretamente com o que defende Calero Vaquera (2016), pois, segundo a autora, no século XIX é grande a produção de gramáticas – principalmente didáticas – no território espanhol e em outros países hispânicos, como na Argentina. Ainda segundo Calero Vaquera (2016), dado crescimento é influenciado pela difusão da forte produção francesa de gramáticas na mesma época. Além disso, tem-se no século XX uma significativa

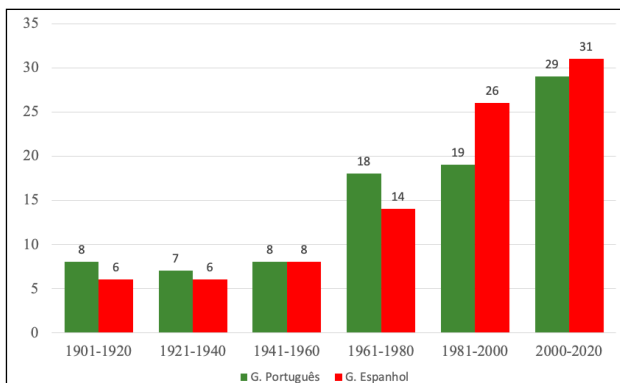
² Apesar de se identificar o trabalho de Amaro de Roboredo (VOLPE, 2016), observou-se que estava mais voltado à língua latina ou à proposição de uma gramática universal, pelo que não se considerou neste estudo.

³ Marcado principalmente pela mudança da Coroa Portuguesa para a colônia brasileira. Consequentemente, promoveu-se um desenvolvimento social, econômico e tecnológico no Brasil, que estimulou, entre outros, a produção e reprodução de gramáticas no país.

mudança e aprofundamento nos estudos linguísticos em todo o mundo, com novas vertentes e áreas de estudo surgindo e ganhando força.

Esse movimento ascendente na produção de gramáticas em ambas as línguas fica ainda mais evidente se analisadas mais atentamente as gramáticas publicadas durante o século XX (1901-2000). Ao fragmentar o período em grupos de duas décadas e compará-lo às duas décadas do século XXI, é possível verificar um aumento da produção de gramáticas à medida que se caminha para o final do século, sendo, portanto, o período entre 1981 e 2000 o que apresentou maior número de gramáticas publicadas – crescimento mantido nas duas décadas iniciais do século XXI, conforme explicita o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Do número de gramáticas publicadas ao longo do século XX e XXI



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Esse cotejamento temporal permite colocar as comunidades lusófonas e hispanófonas em aproximação na tendência de produção de gramáticas, parecendo haver uma demanda social compartilhada pelo processo de promover e/ou rever a standardização das duas línguas.

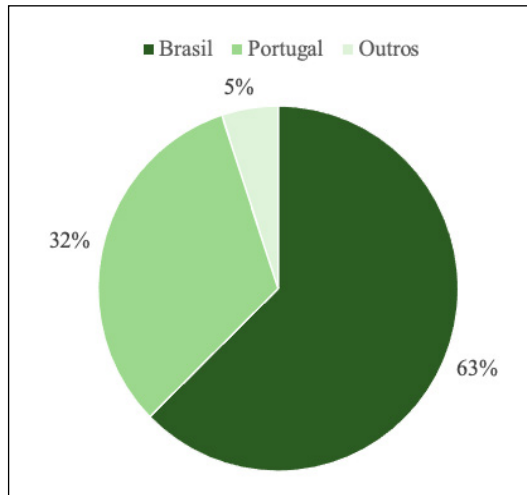
3.2 O fator espacial

O estudo do fator espacial torna-se especialmente relevante ao se considerar a amplitude das comunidades lusófonas e hispanófonas. De um lado, a lusofonia é composta por nove países que juntos somam quase 250 milhões de falantes, por outro, a hispanofonia oficialmente se distribui entre 21 países e soma mais de 500 milhões de falantes nativos no

mundo. Em comum, ambas as comunidades possuem países espalhados pela América, Europa, África e Ásia.

Tendo em vista essa dimensão, naturalmente a gramatização dessas línguas não pode estar centralizada em apenas um país de cada comunidade linguística. Mesmo encontrando alguns países com participação mais intensa na produção de gramáticas, este estudo permitiu identificar laços com outras nações. Assim, no que se refere ao espaço em que se desenvolveu a gramatização das línguas portuguesa e espanhola, dois fatores contribuem para esta análise: (i) a origem do autor e (ii) a cidade de publicação do material. Tendo em vista que a obtenção dessas informações não depende necessariamente do acesso integral ao texto, foi possível encontrar esses dados em todas as gramáticas da língua portuguesa e em quase todas as gramáticas da língua espanhola – faltando apenas os dados de quatro manuais.

Gráfico 4 – Da nacionalidade de origem dos autores das gramáticas de língua portuguesa



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Atendo-se ao fator “origem do autor” das produções voltadas à língua portuguesa, o Gráfico 4 revela que, em porcentagem, a distribuição dos materiais compilados em relação à origem da autoria se dá da seguinte forma:

- Brasil destaca-se com a maior representação de gramáticos por deter a autoria de 63% (106 de 172) do total, o que coloca o país como o principal contribuidor em termos quantitativos para a tradição gramaticográfica da língua portuguesa.
- Portugal aparece em segundo lugar com 32% (55 de 172) do total de gramáticas compiladas, colocando o país em lugar de destaque – especialmente respeitando as dimensões geossociais do Brasil e Portugal.

Vale destacar duas parcerias feitas entre autores brasileiros e portugueses que não foram consideradas no Gráfico 4, trata-se da *Nova gramática do português contemporâneo* (1985) – de Celso Ferreira da Cunha e Lindley Cintra – e da *Gramática da língua portuguesa* (1995) – de Mário Vilela e Ingedore Koch.

Em outros termos, juntos, autores do Brasil e de Portugal se responsabilizam pela produção de 95% (163 de 172) dos itens compilados, o que coloca as duas nações em lugar de referência na produção da norma gramatical lusófona. Por outro lado, salienta-se a demanda urgente se inserir os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) na tradição de codificação desta língua, posto que nenhuma gramática de autoria angolana foi encontrada na busca pelos acervos e apenas um material teve autoria moçambicana: a *Gramática portuguesa*, de José Maria Relvas, publicada em 1927 pela editora Livraria Leiria, em Maputo.

Considerando aquelas publicações cujos autores são procedentes de países não lusófonos, foram encontradas oito gramáticas (4,5%), das quais seis tiveram autoria de origem espanhola e duas da tradição francófona. Vale destacar que cinco das gramáticas de origem espanhola são voltadas ao ensino de português como língua estrangeira – todas do século XXI –, e as demais (espanhola, francesa e suíça) a uma descrição tradicional mais geral e menos aplicada – ressalta-se entre elas a *Nova grammatica analytica da lingua portuguesa*, do suíço Charles Adrien Olivier Grivet, publicada em 1881, no Rio de Janeiro.

Finalmente, o local de edição das obras compiladas foi outro fator controlado e pertinente para conhecer a dimensão espacial da normatização em língua portuguesa. Já se sabe que o maior mercado editorial é brasileiro, posto que das 172 gramáticas, 108 foram publicadas no Brasil. Destacam-se São Paulo e Rio de Janeiro como as cidades com maior número de edições, 45 e 38, respectivamente. No Nordeste,

São Luís do Maranhão destaca-se com 8 publicações, todas ocorridas no século XIX e no início do século XX. De Portugal, encontram-se 52 registros, com destaque a Lisboa, com 25 deles, Porto e Coimbra, com 14 e 11 edições, respectivamente. Outras cidades nesses e outros países (Maputo, Paris, Madri, Barcelona) também apresentam publicações, porém com quantidade menos expressiva.

Voltando-se ao fator “origem geográfica” das produções relativas à língua espanhola, a origem da autoria de apenas quatro gramáticas não foi identificada. A análise desse grupo se deu em dois momentos: (i) manuais que apresentaram o nome de apenas um país na categoria “Origem do autor” e (ii) manuais que apresentaram dois ou mais países nessa categoria – nesses casos, o local de nascimento não é o mesmo do lugar onde o autor passou maior parte de sua vida e produção bibliográfica.

Considerando o grupo total de gramáticas submetidas à análise da origem da autoria (134 itens), 118 apresentaram referência a apenas um país por autor. Dentro desse grupo, foram mencionados ao todo catorze países,⁴ sendo Espanha, Argentina e México os três países mais incidentes – respectivamente, com 87, sete e quatro registros. Importante salientar que a autoria por falantes espanhóis corresponde a 74% de todos os dados dentro da categoria “autoria única de origem espanhola”.

Diante dessa informação, torna-se inquestionável o papel que a Espanha adquiriu na função de descrever a língua espanhola e inclusive desenvolver políticas linguísticas, como a produção de gramáticas. Paralelamente, é ainda pertinente destacar o número de gramáticas produzidas por autores estadunidenses (quatro obras compiladas), pois, apesar de muito menor que a produção espanhola, ainda se destaca frente a outros países, que têm o espanhol como língua oficial. Em outros termos, parece que a produção de manuais por norte-americanos pode ser um indício que evidencia a importância do castelhano para esse povo – que como sabemos, mantém intenso contato linguístico com o idioma.

Outras 16 gramáticas correspondem à parcela de manuais cujos autores estão relacionados a mais de um país, isto é, têm nacionalidade de um país, mas a produção escrita mais expressiva se deu em outro. Nesse grupo, registra-se a ocorrência de quinze países diferentes, entre os quais

⁴ Os catorze países foram: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos, Espanha, França, Itália, México, Porto Rico, Uruguai, Venezuela.

se destacam em produtividade: Espanha e Argentina. Ao comparar os resultados das duas análises supracitadas (uma ou mais nacionalidade), observou-se que os dois países mais incidentes seguem sendo Espanha e Argentina.

Dirigindo a análise ao fator que controlou o “local de publicação” das gramáticas da língua castelhana, novamente se observou grande expressividade da Espanha (94 itens). Dentre as seis cidades com maior ocorrência, três são cidades espanholas. Madri é a primeira com quase metade dos dados, isto é, 68 das 138 obras (49%) compiladas, Barcelona vem em segundo lugar com onze publicações e, mais distante, Salamanca apresenta 03 itens. Essas três primeiras cidades representam juntas quase 60% do total das gramáticas consultadas – a esse número, ainda se pode somar as outras cidades espanholas que aparecem com uma ou duas publicações (Alcoi, Alicante, Astorga, Ávila, Bilbao, Granada, León, Pamplona, Santander, Valencia, Valladolid), totalizando 94 produções editadas na Espanha (68%).

Entre as cidades hispano-americanas, destacam-se a Buenos Aires, com sete obras, e a Cidade do México, com 3. Desse modo, a capital argentina apresenta-se como o terceiro maior centro editorial (5%) no acervo tomado como base. No total, outras doze cidades hispano-americanas aparecem dentro do fator “local de edição” e representam juntas 20% (27 itens) dos dados compilados. Merece destaque também o papel que Estados Unidos e Brasil ocupam nesse mercado editorial, com respectivamente seis e quatro gramáticas cada um.

A comparação da informação espacial nas comunidades linguísticas lusófonas e hispanófonas revela, em comum, a existência de centros normalizadores mais fortes em ambas as tradições. Se na codificação da língua portuguesa, os maiores centros urbanos do Brasil (SP e RJ) e Portugal (Lisboa e Porto) atuam na standardização da língua, na codificação da língua espanhola observa-se um notório papel dos principais centros urbanos da Espanha (principalmente de Madri), seguido de longe de uma discreta participação pulverizada entre os principais centros urbanos na América Latina (Argentina, México, Chile, Venezuela etc.), com especial destaque para Buenos Aires.

Nesse sentido, parece que converge às duas tradições normatizadoras a necessidade de incluir efetivamente novos pares nesse processo de gramatização. Do lado lusófono, os PALOP e as regiões periféricas do Brasil e de Portugal precisam unir-se à tradição

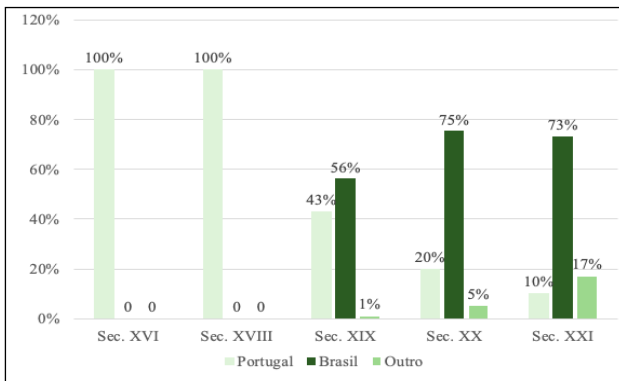
gramaticográfica. Do lado hispânico, sente-se a falta de uma incorporação robusta das normas linguísticas que circulam pelas variedades americanas e pelas zonas periféricas da Espanha.

3.3 A relação entre o tempo e o espaço

O cruzamento dos dados referentes à origem do autor com o ano de publicação das obras coloca em evidência que, ao menos no *corpus* compilado, Portugal e Espanha detiveram completo domínio sobre a produção gramatical das línguas portuguesa e espanhola, respectivamente, até o início do século XIX, quando surgem as primeiras gramáticas escritas por latino-americanos.

Observando especificamente a produção de gramáticas da língua portuguesa, sabe-se que, apesar de em 1806 ser publicada em Portugal o *Epítome da grammatica da lingua portugueza*, do filólogo brasileiro António de Moraes Silva, é apenas em 1816 que se publica a primeira gramática no Brasil, tratando-se da *Arte de Grammatica Portugueza*, de Ignacio Felizardo Fortes.

Gráfico 5 – Da relação espaço e tempo na gramatização do português



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

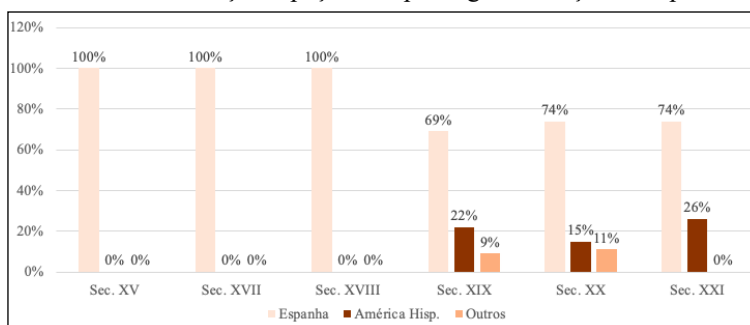
Ao analisar o crescimento da participação de autores brasileiros na gramaticografia da língua portuguesa ao longo do tempo, identifica-se, no Gráfico 5, que já no século XIX foi possível encontrar um maior volume de publicações brasileiras. Esse comportamento se manteve até os dias atuais, com incremento no percentual de diferença (*range*) entre

as autorias portuguesas e brasileiras, inicialmente limitada a 13% (no séc. XIX) e terminando em 63%, nas primeiras décadas do século XXI. Esses números evidenciam o potencial brasileiro na atuação no processo de normatização e descrição da língua portuguesa desde o século XIX.

Observa-se também o crescimento de publicações cuja autoria pertence a países não lusófonos. No *corpus* compilado, essa produção supera a de Portugal no século XXI e está relacionada principalmente ao ensino do português para estrangeiros.

Por sua vez, o cruzamento dos mesmos dados na tradição hispânica de gramatização revela que a hegemonia espanhola se estendeu ao longo de todo o processo, com surgimento de novos e discretos centros de normatização a partir do século XIX.

Gráfico 6 – Da relação espaço e tempo na gramatização do espanhol



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Para a composição do Gráfico 6, foram tomadas as 118 gramáticas que apresentavam apenas um autor e cuja origem geográfica foi identificada. Conforme o gráfico, em todos os séculos, o país com maior incidência foi, de longe, a Espanha. No século XIX, foram encontradas três gramáticas provenientes de países não hispânicos e sete gramáticas produzidas na América Hispânica (22%). A maior incidência na produção de gramáticas na América Hispânica ocorre no século XXI (26%), ainda assim num percentual muito menor que o da produção na Espanha (74%). Essa informação evidencia mais uma vez o real centro normatizador da língua espanhola, bem como o maior mercado editorial de produção de gramáticas dessa língua.

Ainda no Gráfico 6, merece destaque o surgimento, a partir do século XIX, de outros países que não têm o espanhol como língua oficial, mas que atuam na publicação de gramáticas desse idioma. Quase todos os países desse grupo são fronteiriços com países hispânicos e, entre eles, destacam-se o Brasil e os Estados Unidos.

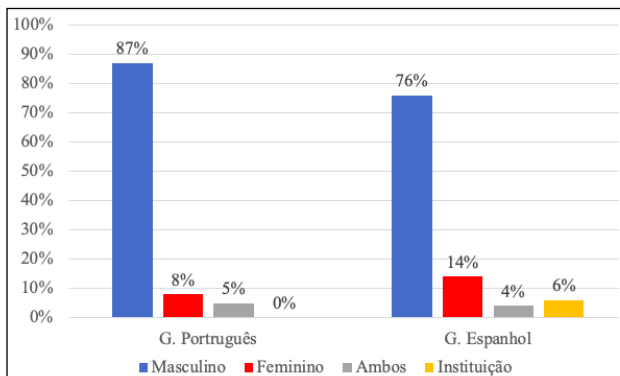
Diante dos dados é possível observar que em ambas as tradições de codificação de língua, o centro normatizador começa a se mover a partir do século XIX. Contudo, na língua portuguesa, se observa uma contribuição robusta do Brasil nesse processo desde aquele século, ao passo que, na língua espanhola, apenas se identificam participações discretas de outros países. Finalmente, a contribuição de países que não assumem o português ou o espanhol como línguas oficiais para a gramatização dessas línguas parece mais intensa na língua espanhola, presente desde o século XIX. Esse dado parece demonstrar o maior impacto desse idioma nas relações internacionais – o que promove, por exemplo, o ensino da língua para estrangeiros e, por conseguinte, a elaboração de gramáticas com essa finalidade. Esse processo parece se intensificar no português apenas mais recentemente.

3.4 O fator autoria

Ainda no tratamento de aspectos relativos à autoria, também foi controlada a incidência do fator gênero/sexo e identificada autoria com maior número de obras publicadas dentro de cada tradição de codificação.

Por se tratar de uma abordagem que envolve um recorte diacrônico relativamente extenso, no qual, por muitos séculos os homens ocuparam um lugar privilegiado de produção de conhecimento, enquanto a mulher foi mantida à margem, naturalmente o maior percentual de publicação esteve associado ao sexo masculino (GRÁFICO 7). Contudo, o cruzamento desse fator com a variável “ano de publicação” permite analisar quando se deu a inserção do público feminino nessa atividade, bem como o papel que ocupa na atualidade.

Gráfico 7 – Da participação do Gênero/Sexo



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Na tradição lusófona, observa-se a expressiva participação do sexo masculino na produção de gramáticas (87%). Também compartilha com mulheres a escrita de nove gramáticas (5%) e apenas 8% das obras têm autoria exclusiva feminina. Em acréscimo, o lugar de exclusão da mulher parece não se limitar a esse percentual, pois a primeira gramática de autoria feminina encontrada aparece apenas do fim da primeira década do século XX, trata-se da obra *Grammatica portugueza pratica*, de Adelia Ennes Bandeira, publicada em 1929, no Rio de Janeiro. Ainda assim, apenas cinco gramáticas de autoria feminina foram publicadas no século XX, as sete restantes distribuem-se entre as primeiras décadas do século XXI.

Do lado hispânico, observa-se a mesma tendência, com discretas particularidades progressistas. Isto é, os homens continuam detendo maior produtividade (76%) e compartilham a autoria de 6 gramáticas com mulheres (4%). Contudo, a produtividade de gramáticas de autoria exclusivamente feminina na tradição de língua espanhola é um pouco maior, alcançando nos dados coletados 14%, sendo 6 produzidas a partir da segunda metade do século XIX e outras 13, já no século XXI. Específica às comunidades hispânicas é a forte produção de gramáticas vinculadas a intuições (6%), como a *Real Academia Española*.

Esses dados trazem à discussão uma questão importante e que retrata a exclusão do gênero feminino ainda nos dias atuais. É indiscutível que ao longo da formação escolar, a maior parte dos professores e autoridades em sala de aula são mulheres – especialmente

nas últimas décadas. Desse modo, deve-se questionar por que somente no século XXI é que essas figuras começam a se sustentar na produção de manuais linguísticos – ainda, é claro, com um percentual que aponta a permanência de certa limitação. Além disso, cabe pensar sobre a norma linguística criada até então exclusivamente por autores do gênero masculino, pois certamente a concepção de língua abordada em seus manuais estará atravessada por sua identidade social e pelo uso que fazem da linguagem – posto que, conforme têm demonstrado os estudos da Sociolinguística, a norma linguística também é regulada pelo gênero/sexo do falante (LABOV, 2006, 2008; MORENO FERNÁNDEZ, 2015; TAGLIAMONTE, 2012).

Finalmente, outras análises quantitativas resultantes de dados extratextuais controlados dizem respeito a autores com maior quantidade de obras publicadas, categoria em que se destacam, na codificação em língua portuguesa, Celso Cunha, com seis diferentes obras, e Evanildo Bechara, com quatro. Na tradição hispânica, por sua vez, esse lugar de destaque é ocupado pela *Real Academia Española* (RAE), que figura como autora de 7 das obras compiladas – o que também destacam os trabalhos de Fanjul (2011) e Araujo e Freitas (2020).

Tal resultado demonstra a forte presença da RAE enquanto entidade conhecida por nortear o “bem falar” na língua espanhola. As obras de sua autoria apresentam dispersão significativa na linha do tempo, tendo obras distribuídas desde o século XVIII – quando de sua fundação (1714) – até o presente século. Finalmente, a recorrente autoria de gramáticas atribuídas à RAE põe mais uma vez em evidência o lugar de destaque da Espanha e, mais especificamente, de Madri – cidade que sedia a instituição – no processo de normatização do castelhano.

3.5 O fator tipo de gramática

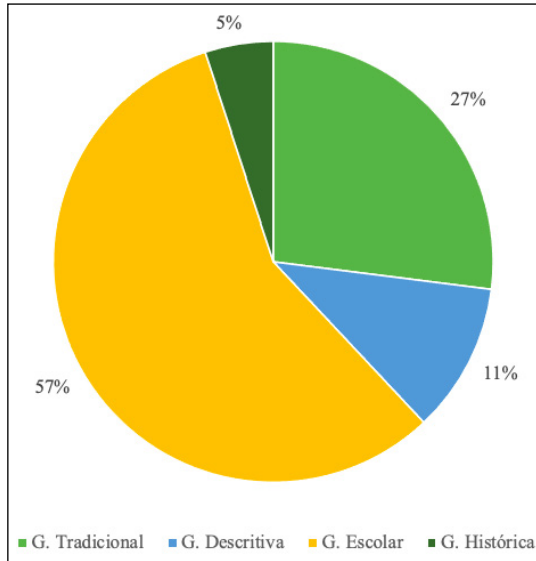
Por último, cabe refletir sobre a tipologia desses manuais, ou seja, verificar quais características, objetivos e público alvo as gramáticas das línguas portuguesa e espanhola foram assumindo ao longo do tempo. Para tanto, recuperamos o delineamento já feito em trabalhos anteriores (ARAUJO, 2020; MELAZO; ARAUJO, 2020) e apresentamos cinco principais categorias tipológicas de gramáticas a que se recorre na análise:

- i. **Gramática Tradicional:** seu objetivo concentra-se nas normas do bem falar e escrever, estipulando uma espécie de lei que regula o uso da língua. Considera “erro” qualquer uso concreto existente em variedades que fujam dos regulamentos de suas páginas (TRAVAGLIA, 2002). Segundo Vieira (2016, 2018), a gramática normativa tomará a frase como unidade máxima de análise e se valerá de um “aparato categorial conceitual e terminológico comum, fixo e estanque”.
- ii. **Gramática Descritiva:** resulta do amadurecimento da Linguística, envolve um projeto em que linguistas tentam registrar o funcionamento da língua por ela mesma, com valoração subjetiva de uma variedade sobre outra e apoiando-se em critérios teóricos e metodológicos objetivos da Linguística para proceder a sua descrição. Trata-se, portanto, de um projeto de descrição de uma norma normal, geralmente tratada como a “norma culta”. Vieira (2016, p. 45) explica que o público principal dessa gramática costuma ser “o leitor especializado: o linguista, o professor de português, o estudante de letras”.
- iii. **Gramática Histórica:** estuda a evolução dos diversos fatos da língua desde a sua origem até a época presente, ou seja, analisa a evolução histórica de uma língua. Também se pode entender como sendo aquela que estuda uma sequência de fases evolutivas de um idioma (BECHARA, 1968).
- iv. **Gramática Escolar:** especificamente destinada para o uso em sala de aula, é voltada ao ensino em um contexto de aprendizado das normas que regem a língua. Neste trabalho, foi subdividida em três tópicos: a “normativa” (que obedece aos padrões tradicionais), a “descritiva” (uma modalidade recém inserida em sala de aula, pautada pela gramática descritiva e atenta a um ensino que busca combater o preconceito linguístico) e para “estrangeiros” (que busca ensinar o idioma para os não nativos).

Quando aplicada aos dados compilados da língua portuguesa, essa tipologia revelou – como mostra o Gráfico 8 – que a Gramática Escolar parece ocupar lugar singular e norteador na produção de gramáticas nessa tradição normativa, isso porque esse tipo corresponde a mais da metade das gramáticas encontradas (57%/ 98 itens). Por sua vez, a Gramática Tradicional foi verificada em 27% dos casos (46 itens), enquanto a

Gramática Descritiva apenas foi identificada em 11% (vinte itens). Em último lugar, encontram-se as gramáticas do tipo histórico, com apenas oito itens (5%).

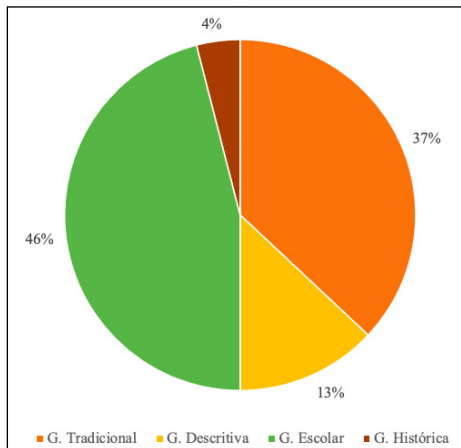
Gráfico 8 – Da distribuição das gramáticas de língua portuguesa em tipos



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Quanto aos dados da língua espanhola, a aplicação da tipologia evidencia – como mostra o Gráfico 9 – que a Gramática Escolar também ocupa lugar de referência na produção de gramáticas na tradição codificadora do espanhol. Nesse caso, porém, com um quantitativo pouco menor que o da língua portuguesa, isto é, com 46% dos casos encontrados (64 itens). A Gramática Tradicional continua sendo verificada em segundo lugar, em 37% dos dados (51 itens), enquanto a Gramática Descritiva foi identificada em 13% (18 itens). Novamente em último lugar se encontram as gramáticas do tipo histórico, com apenas 5 itens (4%).

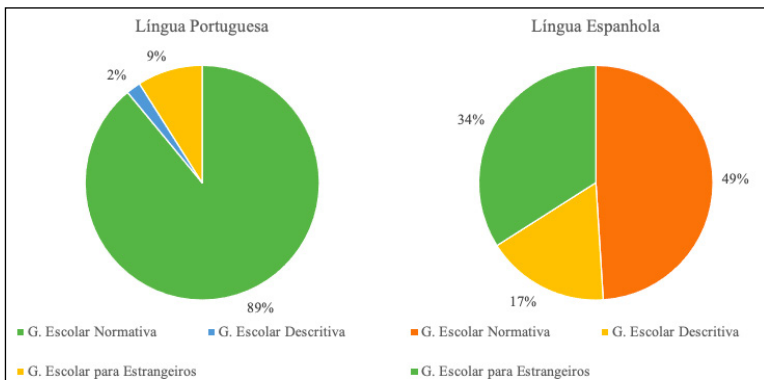
Gráfico 9 – Da distribuição das gramáticas de língua espanhola em tipos



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Essas informações quantitativas colocam em evidência o caráter pedagógico que se associou à gramaticografia das línguas românicas desde seu início – como pontua Auroux (2014) – e que, como não poderia deixar de ser, parece se evidenciar também nas duas tradições observadas. É pertinente salientar que a Gramática Tradicional contribui com essa preocupação doutrinária, posto que traz entre seus objetivos um caráter pedagógico disfarçado (VIEIRA, 2018). Essa proximidade entre o tipo escolar e tradicional se torna ainda mais evidente ao se considerar uma análise subcategorizada das gramáticas escolares, sintetizada no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Da subcategorização da gramática escolar em ambas as línguas



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

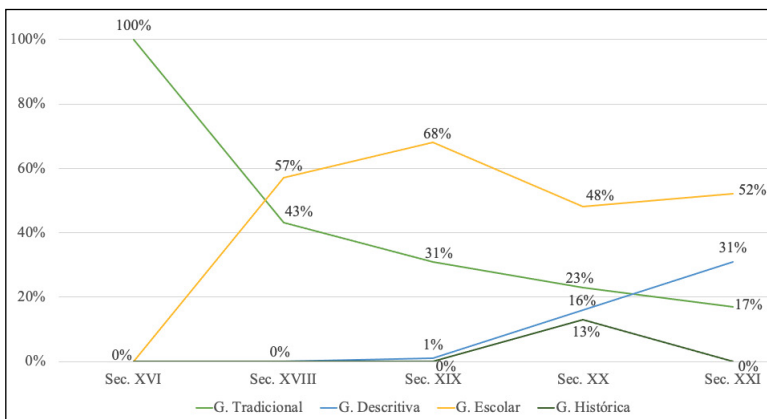
Conforme mostram os gráficos, observa-se na gramatização da língua portuguesa um expressivo favorecimento da gramática escolar com viés normativo, posto que das 98 gramáticas escolares, 87 (89%) assumem essa abordagem. Por outro lado, apenas duas gramáticas (2%) assumem um diálogo com uma abordagem descritiva – todas publicadas na última década⁵ –, o que evidencia um campo ainda carente de atenção dos estudos gramaticógrafos do português. Finalmente, 9% (sete) dos manuais escolares assumem um objetivo de ensino de português para estrangeiros, área de produção que parece estar em ascensão, haja vista que quase todos os itens encontrados começam a ser publicados no fim da década passada.

Por sua vez, a análise da gramatização na língua espanhola voltada ao ensino revela uma inserção muito mais significativa da abordagem descritiva no espaço escolar, isto é, onze das 64 gramáticas escolares compiladas assumem esse viés (17%). De todo modo, a abordagem normativa continua detendo maior parte dessa produção (49%). Entre essas duas abordagens, encontram-se as gramáticas voltadas ao ensino da língua para estrangeiros, que correspondem a 22 dos manuais coletados (34%). Esses dados indicam que, apesar do tratamento descritivo da língua espanhola se aproximar do ambiente escolar mais do que o observado na tradição da língua portuguesa, ainda há espaço para o crescimento dessa abordagem. Além disso, a maior recorrência do tipo voltado ao ensino de espanhol para estrangeiros parece evidenciar que a língua espanhola se ajustou melhor que o português à demanda por aprendizagem do idioma no mundo. Provavelmente, essa expressividade se deve ao lugar e importância mundial dada à língua espanhola – frente a outras línguas, como o português, por exemplo.

Para compreender melhor os dados suscitados nos Gráficos 8 e 9, sobre as tipologias gerais de classificação das gramáticas, é válido cruzar essas informações com o fator tempo. O resultado desse cruzamento pode ser observado nos Gráficos 11 e 12, sobre a língua portuguesa e espanhola, respectivamente.

⁵ Os únicos manuais desse tipo encontrados foram (i) a *Pequena Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba Teixeira de Castilho e Vanda Maria Elias, publicada em 2011, e a (ii) *Gramática de bolso do português brasileiro*, de Marcos Bagno, publicada em 2014.

Grafico 11 – Da tipologia das gramáticas em relação ao tempo na língua portuguesa



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

A tradição gramatical em língua portuguesa tem como porta de entrada, no Séc. XVI, a Gramática Tradicional, arrastando-se desde então como modelo recorrente, com oscilações, até os dias atuais, quando ocupa o terceiro lugar de tipologia com maior recorrência. Por sua vez, a gramática escolar, amparada nos pressupostos teóricos da abordagem tradicional e aplicando-os ao ambiente educacional, tem sua primeira manifestação para falantes de português encontrada no início do século XVIII, na obra de Jerónimo Contador de Argote, intitulada *Regras da Língua Portuguesa, Espelho da Língua Latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua Latina pelas regras da Portuguesa*, publicada em 1725, em Lisboa.

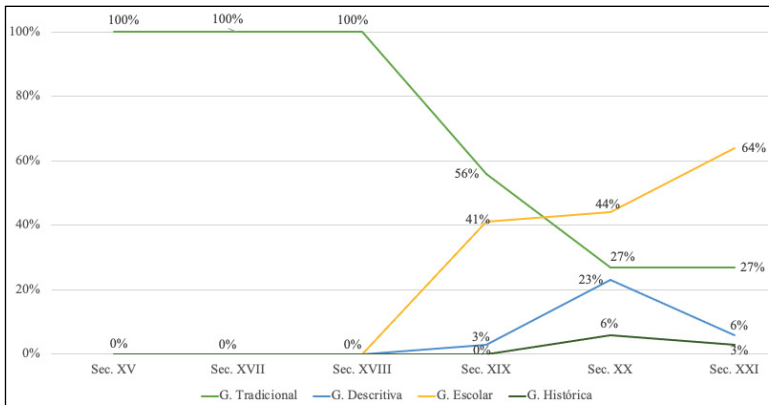
Ainda sobre o modelo escolar, é pertinente destacar como seu crescimento é acentuado no século XIX, alcançando no *corpus* compilado 42 exemplares e tornando-se, desde então, o tipo mais recorrente de gramática. Parece que é apenas no século XXI que esse tipo começa a ganhar novas dimensões, ao se encontrar novos exemplares voltados ao ensino de português como língua estrangeira e propostas inovadoras, em que se deixa a referência exclusiva da gramática normativa e se inicia o diálogo com a gramática descritiva – conforme já pontuado na discussão sobre o Gráfico 10.

Esse diálogo com a gramática descritiva resulta do amadurecimento dessa tipologia, que no *corpus* compilado encontrou seu embrião na *Grammatica descriptiva*, de Maximino Maciel, publicada em 1844, no

Rio de Janeiro. A sedimentação, contudo, da gramática descritiva ocorre no fim do século XX, com oito itens catalogados. Na sequência, observa-se um maior crescimento do tipo descritivo no século XXI, quando foram registrados 11 itens. Evidentemente, esse crescimento resulta do amadurecimento e progresso dos estudos linguísticos nas comunidades lusófonas, principalmente no Brasil, o que inclusive parece ter permitido que esse tipo se tornasse mais recorrente que o Tradicional.

Por fim, todas as gramáticas históricas compiladas datam do século XX, sendo a obra de José Joaquim Nunes (*Compêndio de gramática histórica portuguesa*), publicada em Lisboa, em 1919, a primeira encontrada.

Gráfico 12 – Da tipologia das gramáticas em relação ao tempo na língua espanhola



Fonte: Dados próprios desta pesquisa.

Sobre a tradição de codificação do espanhol, observou-se que teve como porta de entrada a Gramática Tradicional, ainda no século XV, quando Antonio de Nebrija publica, em 1492, a *Gramática de la Lengua Castellana*. Este modelo permaneceu exclusivo até o século XIX e, a partir de então, se opôs ao modelo escolar, tornando-se o segundo tipo mais recorrente até os dias atuais.

Como bem mostra o Gráfico 12, o modelo escolar tem sua produção intensificada a partir do século XIX (41%) e se torna o modelo mais recorrente do século XX (44%) em diante (64% atualmente). A primeira gramática escolar de língua espanhola compilada no *corpus* foi o *Epítome de gramática castellana*, de Don Vicente Arcenegui,

publicado na Espanha, em 1835. Também sobre esse modelo, salienta-se que foi possível identificar a produção de gramáticas voltadas ao ensino de espanhol para estrangeiros ainda na primeira metade do século XIX – quando se publica, em 1848, a *Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes*, de José Maria Borges da Costa Peixoto. Quanto à gramática escolar de viés descritivo, observa-se sua intensificação próxima da segunda metade do século XX.

O tipo descritivo encontra seu precursor na língua espanhola em Andrés Bello, que publica, em 1847, a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*, mas desenvolve-se fortemente a partir do início do século XX, alcançando 23% da produção (15 itens). Possivelmente, é esse avanço da gramática descritiva no início do século passado que contribuiu para a aproximação substancial desse tipo ao ambiente escolar já naquele século – o que, na tradição lusófona, só se vai vislumbrar muito timidamente no século XXI. Como exemplo dessa aproximação do tipo descritivo ao ambiente escolar, pode-se citar a contribuição de Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña, através da *Gramática Castellana*, publicada em 1938.

A comparação dos tipos Tradicional e Descritivo na tradição hispânica mostra uma aproximação entre esses dois modelos no século XX – com 27% e 23% dos casos encontrados, respectivamente –, voltando a se distanciar no presente século, quando Gramática descritiva ainda apresenta uma recorrência reduzida (6%) frente a estabilidade da Gramática Tradicional (27%). Caberia uma investigação mais atenta desse fenômeno a fim de analisar se esse movimento é resultante do processo de coleta de dados ou se é uma tendência efetiva dessa tradição normativa.

Finalmente, as gramáticas históricas compiladas distribuem-se entre o século XX e o presente século, tendo seu primeiro exemplar encontrado no importante trabalho de Ramón Menéndez Pidal, *Manual de Gramática Histórica Española*, publicado em 1904.

4 Considerações finais

Ao normatizar a língua, a Gramática apresenta-se como meio indireto de entender a sociedade, seu funcionamento, suas expectativas e seu modo de lidar com a linguagem. Mais diretamente, a gramática pode ainda revelar o processo histórico de formação da língua ao longo

dos séculos. Nessa direção, o desenvolvimento do presente estudo permitiu mapear, catalogar, analisar e cotejar, através de características textuais e extratextuais, o comportamento da gramaticografia das línguas portuguesa e espanhola, visando traçar suas características ao longo do tempo e sua relação com a sociedade. Desse modo, o compilado dos dados constituiu mais um passo para o estudo da norma linguística e de seu registro.

Como pontuado, ambas as tradições de codificação trazem compatibilidades históricas que resultaram em um processo de normalização linguística em que muitas características convergem, ao passo que outras divergem. Convergem, por exemplo, na intensificação desse processo a partir do século XIX, marcando um movimento de constante crescimento.

Outro exemplo relaciona-se às informações sobre a localidade, que demonstraram que, mesmo se tratando de línguas faladas em muitos países, a principal origem normatizadora centra-se em uma ou duas destas nações. Divergentemente, observou-se, na língua portuguesa, Portugal perdendo espaço para o Brasil ao longo do tempo enquanto, no castelhano, Espanha manteve-se sempre à frente desse processo, mesmo recebendo discretas contribuições de outros países mais recentemente. Consequentemente, essas duas tradições convergem ao se observar a carência e necessidade de incluir variedades mais periféricas aos principais centros normativos.

Outro fator convergente é a participação expressiva do gênero/sexo masculino no processo de codificação nestas duas comunidades linguísticas, marcando a presença da participação de mulheres, ainda discreta, praticamente apenas a partir do século XX. Quanto à tipologia, novamente as comunidades convergem ao dar início ao processo de gramatização por meio da gramática tradicional e tornar a gramática escolar mais produtiva com o passar dos séculos. Divergentemente, observou-se que na tradição hispânica a produção de Gramáticas Descritivas iniciou-se mais cedo e trouxe maiores contribuições desse modelo para a gramática escolar.

Por fim, este estudo vem como um ponto de partida para o entendimento da gramaticografia do português e do espanhol e seu desenvolvimento através dos séculos, abrindo-se ainda à possibilidade de estudos mais aprofundados que possam vir a complementar o *corpus* compilado ou até mesmo a caracterização do material aqui presente.

Referências

- AMORÓS NEGRE, C. *Norma y estandarización*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2008.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ARAUJO, L. S. Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas. *Revista X*, Curitiba, v. 15, n. 7, p. 232-271, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i7.74662>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/74662>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- ARAUJO, L. S.; FREITAS, F. S. A norma linguística e as gramáticas da RAE: um estudo contrastivo. *Web Revista Sociodialeto*, [S.l.], v. 11, n. 31, p. 118-142, 2020. DOI: <https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v11i33.334>. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/289>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- BECHARA, E. *Curso moderno de português*. 2. ed. São Paulo. Companhia Nacional, 1968.
- CALERO VAQUERA, M. L. Inicios y desarrollo de la gramática escolar en la tradición hispánica (siglo XIX). *Revista Philologica Romanica*, [S.l.], v. 15-16, p. 103-119, 2016. Disponível em: <http://www.romaniaminor.org/ianua/ianua15-16/05.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- FANJUL, A. Policêntrico e pan-hispânico: deslocamentos na vida política da língua espanhola. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola editorial, 2011. p. 299-332.
- HAUGEN, E. Planning for a Standard Language in Modern Norway. *Anthropological Linguistics*, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 8-21, 1959.
- LABOV, W. *Princípios del cambio lingüístico: factores sociales*. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006. 2 v.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LAGARES, X. C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

MELAZO, M. R.; ARAUJO, L. S. Uma introdução à história da gramática em língua portuguesa. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 29, p. 119-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v14i29.32072>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32072>. Acesso em: 1 jul. 2021.

MONTEAGUDO, H. Aspectos da teoria da língua estándar do Círculo Lingüístico de Praga e os seus continuadores. *Revista Grial* 122, [S.l.], v. 22, p.141-155, 1994.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2015.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variationist Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002.

VIEIRA, F. E. Gramatização brasileira contemporânea do português: novos paradigmas?. In: FARACO, C. A.; VIEIRA, F. E. (org.). *Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 19-69.

VIEIRA, F. E. *A gramática tradicional: história crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

VOLPE, A. S. Séc. XVII: Gramáticas de Amaro de Roboredo e de Port-Royal. *Verbum*, Campinas, n. 9, p. 69-78, 2016.



Los escuetos definidos débiles en español rioplatense

Bare weak definites in Rioplatense Spanish

Carolina Oggiani

Universidad de la República (Udelar), Montevideo / Uruguay

Sistema Nacional de Investigadores (SNI), Montevideo / Uruguay

oggiani.carolina@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7104-4738>

Resumen: Este artículo analiza el comportamiento semántico-sintáctico de un grupo de nombres singulares contables en español rioplatense. En particular, estudiamos los nombres escuetos que aparecen en posición de complemento de la preposición de dirección *a* (*Ana va a consultorio*) y de locación *en* (*Los jugadores están en cancha*) y de verbos transitivos (*Juan mira tele/ escucha radio*). Primero, presentamos una serie de diagnósticos que muestran que estos escuetos presentan las propiedades típicamente atribuidas a las expresiones nominales definidas débiles (tal como han sido descritas por Carlson y Sussman (2005)). Luego de ofrecer una descripción sistematizada, presentamos un modelo no pseudoincorporacionista –inspirado en de Swart (2015)–, con el fin de capturar su naturaleza semántica y sintáctica. Partimos de un análisis unificado para estas construcciones y, resumidamente, postulamos que estos escuetos proyectan una estructura sintáctica defectiva, sin realización fonológica del D y sin SNúm. Asimismo, asumimos que el determinante no expreso mantiene su significado de unicidad y familiaridad y retomamos de Aguilar-Guevara (2014) el argumento de que los definidos débiles designan una entidad abstracta, del orden de una clase, y no un objeto particular. Por fin, este estudio pretende contribuir a la hipótesis de que la definitud débil es un fenómeno interlingüístico, que comprende tanto SN como SD en las posiciones sintácticas ya señaladas.

Palabras-clave: español rioplatense; nombres escuetos; definidos débiles.

Abstract: In this paper we analyze the semantic-syntactic behavior of a group of bare singular count nominals in Rioplatense Spanish. In particular, we study bare nominals that appear in argument position, as complements of the directional preposition *a* (*to*) (*Ana va a consultorio*/ ‘Ana goes to the clinic’), of the locative preposition *en* (*in*) (*Los*

jugadores están en cancha ‘The players are in the football field’) and of transitive verbs (*Juan mira tele* ‘Juan watches tv’). First, some diagnostics are provided in order to show that these bare nominals behave like typical weak definites, as has been originally described in Carlson and Sussman (2005). After describing their distribution, we explore their semantic and syntactic nature using a non-pseudoincorporationist proposal –inspired by de de Swart (2015)–. In a nutshell, our analysis argues that these bare nominals project a defective syntactic structure, without overt phonological realization of D and without NumP. Furthermore, we assume that the determiner preserves its uniqueness and familiarity and we postulate that, in combination with the noun, it denotes an abstract entity or kind, and not a particular object (AGUILAR-GUEVARA, 2014). Finally, this study aims to contribute to the hypothesis that weak definiteness is a crosslinguistic phenomenon, that comprises both overt NPs and DPs.

Keywords: rioplatense Spanish; bare nominals; weak definites.

Recebido em 17 de maio de 2021

Aceito em 21 de julho de 2021

1 Introducción

Este artículo estudia el comportamiento semántico-sintáctico de un grupo de expresiones nominales, frecuentes en el español rioplatense,¹ que aparecen desprovistas de determinante y ocupan posiciones argumentales. En particular, nos detendremos en los nombres escuetos singulares contables como los de (1),² que aparecen como complemento de las preposiciones locativas de dirección *en* y *a*; y en los nombres escuetos singulares contables que aparecen como complemento de verbos transitivos, ilustrados en (2).

¹ Por español del Río de la Plata me refiero a la variedad del español hablada a ambas orillas del Río de la Plata, es decir, Montevideo y Buenos Aires. No descarto que las construcciones estudiadas también se empleen en otras zonas de Argentina y Uruguay e incluso en otras variedades americanas y peninsulares. Vale agregar, además, que los datos han sido recogidos de distintas fuentes, sobre todo de registros que reproducen la oralidad, como conversaciones, correos electrónicos, programas radiales, etc.

² Con el fin de facilitar la lectura, todos los ejemplos presentan una traducción al español o al inglés. Para la traducción al inglés recuperé el artículo definido, independientemente de que los ejemplos en español no lo requieran.

- (1) a. Él va [a consultorio] todas las mañanas.
‘He goes [to the clinic] every morning.’
 - b. Hoy juntas siguen yendo [a pileta] y disfrutaban muchísimo ese momento.
‘Today they still go together [to the pool] and enjoy that moment a lot.’
 - c. Los chiquilines se aburren y no les importa nada lo que está en la clase. Les están dando 12 materias [en liceo].
‘Kids get bored and don’t care what goes on in class. They are given 12 subjects [in highschool].’
 - d. Luis Suárez volvió a entrenar [en cancha] realizando ejercicios de caminata por la tarde.
‘Luis Suárez came back to training [in the field], doing walking exercises.’
-
- (2) a. Juan [toma ómnibus] todas las mañanas.
‘Juan [takes the bus] every morning.’
 - b. Ana [mira tele] de tarde.
‘Ana [watches TV] in the afternoon.’
 - c. Pedro [toca piano/guitarra] piano.
‘Pedro [plays the piano/ guitar].’
 - d. Julia [escucha radio] de noche.
‘Julia [listens to the radio] in the evening.’

Este estudio tiene por objetivo principal brindar evidencia empírica a favor de que los nombres escuetos que en el español del Río de la Plata ocurren en contextos como los de (1) y (2) se deben integrar al grupo de los definidos débiles, entendido como en la propuesta de Carlson y Sussman (2005) (y subsecuentes estudios: Carlson (1977, 2006), Carlson *et al.* (2013) y Carlson *et al.* (2006)). Desde un punto de vista semántico, nos proponemos demostrar que la lectura débil de estos escuetos se debe a que no designan un objeto particular, sino una entidad del orden de una clase, instanciada por un objeto particular, en línea con los modelos de de Swart (2015) y Aguilar-Guevara (2014). En cuanto a su representación sintáctica, postulamos que estos escuetos proyectan un SD subespecificado con un determinante nulo definido y

sin número. A diferencia de los estudios anteriores, que se han enfocado únicamente en la semántica de los definidos débiles, aquí proponemos un modelo de interfaz, que busca describir y explicar tanto su naturaleza semántica como sintáctica.

Asimismo, nuestros datos apoyan el argumento de que la definitud débil constituye un fenómeno interlingüístico (DE SWART, 2015, p. 133), también presente en el español rioplatense. En este sentido, buscamos completar el paradigma de los definidos débiles y mostrar que en esta variedad de español se manifiestan como SN. Vale notar que, si bien algunos usos de estos escuetos ya han sido descritos en la bibliografía hispánica (LACA, 1999; MASULLO, 1996), no han recibido, a nuestro entender, un tratamiento sistemático. En cambio, en otras lenguas, los definidos débiles ya han sido estudiados en profundidad. Para el inglés, los autores se han centrado en la naturaleza semántica de los SD definidos débiles, en construcciones como *see the doctor* ('ver el doctor'), *go to the store* ('ir a la tienda') (AGUILAR-GUEVARA, 2014; CARLSON *et al.*, 2006; DE SWART, 2015), aunque, en menor medida, también se han integrado los escuetos en SP, del tipo *in jail* ('en prisión') o *in bed* ('en cama') (CARLSON; SUSMMAN, 2005; STVAN, 2009). El mismo fenómeno se ha identificado en lenguas como el italiano, para construcciones del tipo *bere il café* ('tomar el café') (DONAZZAN, 2013); el alemán (SCHWARZ, 2009), caracterizado por contraer la preposición y el artículo definido, como en *zum Haus* ('a-la casa'); y el portugués, cuya lengua presenta, además de los definidos débiles clásicos como *pegar o ônibus* ('tomar el ómnibus'), los demostrativos débiles del tipo *chamar esse médico* ('llamar ese médico') (BASSO; VOGT, 2013; BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2015).

El artículo se organiza del siguiente modo. En la sección 2 presentamos una breve descripción del fenómeno de la definitud débil en inglés, con el fin de situar nuestro análisis en relación con lo ya propuesto. Asimismo, también comentamos sobre dos de las propuestas teóricas más influyentes en este tema, a saber la postura pseudoincorporacionista de Carlson *et al.* (2013) y la de Aguilar-Guevara (2014). En la sección 3 ofrecemos una descripción léxico-semántica y sintáctica de los escuetos, como los ilustrados en (1) y (2), y mostramos que se comportan de igual modo que los SD definidos débiles ya tratados en la bibliografía. En la sección 4 proponemos que el fenómeno de la definitud débil debe ser entendido desde la interfaz semántico-sintáctica y, para ello, presentamos

nuestro modelo formal, basado en de Swart (2015) y Aguilar-Guevara (2014). Finalmente, en las conclusiones resumimos nuestras afirmaciones principales y discutimos acerca de la posibilidad de integrar los SD definidos débiles a nuestro análisis.

2 Una sistematización acerca de los definidos débiles

Los definidos débiles han sido estudiados, sobre todo, en la bibliografía en inglés (AGUILAR-GUEVARA, 2014; CARLSON; SUSSMAN, 2005; CARLSON *et al.*, 2006; STVAN, 2009). A pesar de que, en general, los autores coinciden en su distribución, proponen enfoques distintos para explicar su comportamiento. El siguiente apartado (2.1) presenta un breve resumen de lo convenido en la literatura, mientras que el apartado (2.2) retoma las dos explicaciones semánticas principales, a saber, la de Carlson *et al.* (2013) y la de Aguilar-Guevara (2014).

2.1 La distribución de las expresiones nominales definidas débiles

Los definidos débiles³ comprenden nombres escuetos y SD restringidos a posiciones sintácticas particulares y sujetos a fuertes restricciones léxicas. Por una parte, Stvan (2009) (cuyo análisis es retomado en Stvan (2007) y Stvan (1998)), y Carlson y colaboradores (CARLSON; SUSSMAN, 2005; CARLSON *et al.*, 2006) presentan los siguientes ejemplos en los que los nombres escuetos son seleccionados por las preposiciones locativas *in* ('en') (3a) o *at* ('en') (3b), o por verbos transitivos (3c). Como muestra la traducción de estos datos, el significado que presentan es definido. Obsérvese, además, que al ser traducidas, algunas piezas léxicas requieren la reposición del artículo definido; es decir, en español la lectura definida se realiza únicamente en algunos casos mediante nombres escuetos.

- (3) a. He's in jail/ in prison/ in church.
 'Él está en prisión/ la cárcel/ la iglesia.'
- b. The ship is at sea/ at port.
 'El barco está en el mar/ el puerto.'

³ Si bien optamos por mantener la etiqueta de *definidos débiles*, vale aclarar que no todos los autores los han denominado de esa manera.

c. Mimi attended class/ college/ school.

‘Mimi fue a clase/ la universidad/ la escuela.’

Por otra parte, también Carlson, en varios trabajos individuales y en colaboración (CARLSON, 2006; CARLSON; SUSSMAN, 2005; CARLSON *et al.*, 2006; CARLSON *et al.*, 2013; KLEIN *et al.*, 2009) y Aguilar-Guevara (2014) parten de datos como los presentados en (4), donde los SD definidos, aparecen en posición de complemento de preposición (4a) o de objeto directo (4b).

(4) a. Sue took her nephew to the hospital/ to the store/ to the beach.

‘Sue llevó a su sobrino al hospital/ la tienda/ la playa’.

b. Sally checked the calendar.

‘Sally revisó la agenda’.

El interés teórico de estas construcciones, que justifica la denominación de *definidos débiles*, reside en que, a pesar de su interpretación definida, la frase nominal, con o sin determinante, no satisface la condición de unicidad ni familiaridad, propia de la naturaleza de las frases definidas. El diagnóstico que se suele emplear para probar que los SD definidos débiles no presuponen necesariamente la existencia de una única entidad es la elipsis del sintagma verbal (CARLSON; SUSSMAN, 2005, p. 72). En contextos en los que se elide el SV, como en (5), el SD recibe una lectura de identidad falsa.

(5) Fred went to the store, and Alice did, too.

‘Fred fue a la tienda y Alice también.’

La lectura de identidad falsa, prueba que la expresión nominal definida en cada sintagma verbal puede recibir un valor distinto. Así, del ejemplo (5) se desprende que Fred y Alice pueden haber ido a tiendas distintas, aunque no se descarta que hayan ido a la misma. Este diagnóstico también lleva a afirmar que los definidos débiles presentan una lectura de número neutral, pues el SD resulta compatible tanto con una interpretación plural como con una singular.

La ausencia de unicidad también se pone de manifiesto mediante contextos en los que estos SD interactúan con expresiones cuantificadas. Como se muestra en (6), los SD definidos débiles son capaces de tomar

alcance estrecho sobre el cuantificador, por lo que es posible interpretar que cada boxeador fue a un hospital distinto. Si bien el alcance amplio también está disponible, unido a la interpretación de que cada boxeador fue llevado al mismo hospital, es la lectura de alcance estrecho la que prevalece.

- (6) Every boxer was sent to the hospital.
 ‘Cada boxeador fue llevado al hospital.’

Los definidos débiles también se caracterizan por estar enriquecidos semánticamente; esto es, sumado a su significado composicional, están asociados con un significado de actividad prototípica. Es por ello que en (5), a la lectura definida, se suma la interpretación de ‘ir a la tienda a hacer compras’.

Asimismo, los SD definidos débiles suelen no aparecer modificados. El siguiente ejemplo muestra que el SD, cuando es modificado por adjetivos calificativos (que operan a nivel de entidad), solo admiten la lectura fuerte. Esto se explica, presumiblemente, porque una vez que son modificados, pasan automáticamente a designar objetos puntuales y ya no pueden formar parte de eventos prototípicos (CARLSON; SUSSMAN, 2005, p. 76). Como se observa en (7), ‘escuchar la radio roja’ no constituye una actividad cotidiana y por eso no da lugar a la interpretación definida débil. En estos casos, el SD hace únicamente referencia a una entidad particular.

- (7) Each man listened to the red radio in the picnic table.
 ‘Cada hombre escuchó la radio roja sobre la mesa de picnic.’

En suma, el tratamiento semántico de los SD definidos débiles se ha basado en diagnósticos como los que acabamos de revisar. Existen dos tipos de análisis, que, a partir de estas pruebas, ofrecen propuestas teóricas distintas. De un lado, Carlson *et al.* (2013, p. 16) alegan que estos nombres, con o sin determinante expreso (pues también integran ejemplos como *in jail* ‘en prisión’), están seudoincorporados al verbo o a la preposición con que se combinan. De otro lado, Aguilar-Guevara (2014), centrada únicamente en los SD definidos débiles, postula que dichas construcciones siguen pautas composicionales, a partir de las cuales el nombre, al combinarse con un artículo definido, hace referencia

a una clase de entidad, instanciada en un objeto particular. A continuación, revisamos, brevemente, las características de ambas propuestas.

2.2 Una propuesta seudoincorporacionista y uno no seudoincorporacionista para los definidos débiles

La propuesta de Carlson y colaboradores, formalizada en Carlson *et al.* (2013), asume que los SD definidos débiles constituyen un caso de seudoincorporación semántica. Los autores asumen –al igual que se suele aceptar en la bibliografía⁴– que el proceso de seudoincorporación supone un vínculo estrecho entre el nombre y su predicado, típicamente un verbo transitivo. Al combinar estas dos piezas, no fusionadas morfológicamente, se forma una unidad semántica o predicado complejo, que aporta un significado enriquecido o de actividad familiar (CARLSON *et al.*, 2013, p. 18), sujeto a variación cultural (DAYAL, 2003; DOBROVIE-SORIN *et al.*, 2006; MASSAM, 2001, entre otros). Asimismo, los nombres seudoincorporados están restringidos únicamente a ciertas posiciones sintácticas y carecen de marcas de determinación. Se caracterizan por exhibir alcance estrecho, lectura de número neutral y restricciones en cuanto al tipo de modificación nominal que aceptan.

Carlson *et al.* (2013) integran los definidos débiles al fenómeno de la seudoincorporación, a pesar de que, al menos los SD definidos débiles presentan una marca expresa de determinación. Justifican su postura argumentando que, a diferencia de los SD definidos fuertes, en estos casos el determinante carece de su condición típica de unicidad. Así, en el proceso de composición de los SD definidos débiles, ilustrado en (8) y (9), el nombre se combina con el verbo directamente, por lo que se genera un SV, que en una segunda instancia de composición se combina con el artículo definido.

- (8) read the newspaper ('leer el diario')
- a. sintaxis: [_{VP} read [_{SN}[_{ART} the][_N newspaper]]]
- b. interpretación: DEF (read' (newspaper'))

⁴ Para una panorámica extensa y precisa sobre el fenómeno de la seudoincorporación, el lector puede remitir a Dayal (1999, 2011); Farkas; De Swart (2003); Chung; Ladusaw (2004); van Geenhoven (1998).

- (9) go to the hospital ('ir al hospital')
- a. sintaxis: [_{SP} (go)-to [_{SN}[_{ART} the][_N hospital]]]
- b. interpretación: DEF (go to'(hospital'))

Repárese en que para el caso de los SD definidos fuertes, el artículo definido se combina –como es de esperar– primero con el nombre y luego esa estructura mayor, el SD, se combina con el verbo, que da lugar a un SV canónico, tal como queda ejemplificado en (10).

- (10) read the book ('leer el libro')
- a. sintaxis: [_{SV} read [_{SN}[_{ART} the][_N book]]]
- b. interpretación: read' (DEF (book'))

Bajo la fórmula en (8) y (9), Carlson *et al.* (2013, p. 18-19) ofrecen una explicación de por qué la presencia del artículo definido no presupone ninguna condición de unicidad ni familiaridad a nivel de objeto. A saber, el mecanismo que hace que el nombre se combine primero con el verbo y que luego todo el SV se combine con el artículo impide que el significado definido del artículo se realice como tal. Así, el proceso de composición que estos autores proponen se asemeja al clásico proceso de incorporación, entendido como la combinación directa entre un nombre escueto y el verbo transitivo (aunque también podría ser la preposición). De esta manera, el significado definido ya no opera a nivel del nombre, sino a nivel de todo el SV, que es el que se asocia con el significado de familiaridad. Dicho de otro modo, el artículo definido indica la familiaridad, no de la entidad designada por el nombre, sino de la actividad prototípica *read the newspaper* ('leer el diario').

El modelo de Carlson *et al.* (2013) se alinea con las propuestas seudoincorporacionistas, aunque, en nuestra opinión, suscita tres problemas teóricos. En primer lugar, los autores dirimen la presencia del artículo definido –que no suele asociarse con los fenómenos clásicos de seudoincorporación– alegando que en el proceso de composición el artículo se combina con el SV y no con el SN. Sin embargo, no explicitan el mecanismo por el cual el determinante pasa de tener alcance sobre el SN a tener alcance sobre todo el SV o SP. Es decir, queda por explicar el modo en que el nombre entabla esa estrecha relación con el verbo o la preposición, puesto que entre ambos se interpone el determinante. En segundo lugar, a pesar de que los autores asumen que la definitud

débil comprende tanto SD como SN, su modelo solo captura (al menos de forma expresa) el comportamiento de los SD. En último lugar, la representación sintáctica que proponen solo asume un SD y no presupone otras proyecciones sintácticas, como podría ser el SNúm para los SD fuertes. Si aceptamos el carácter de número neutral de los definidos débiles, se podría alegar –como haremos en nuestro análisis (ver 4.2)– que los definidos débiles carecen de SNúm.

Por otra parte, Aguilar-Guevara (2014) defiende que los SD definidos débiles constituyen verdaderos SD, por lo que denotan una única entidad. Sin embargo, en su análisis, los SD definidos débiles se diferencian de los regulares o fuertes porque designan a nivel de clase y no a nivel de individuos. Más específicamente, los SD definidos débiles denotan un tipo o una clase, que es instanciada a través de la Relación de Realización (en términos de Carlson (1977)). La postulación de esta relación explica que en una oración como *Lola read the newspaper* ('Lola leyó el diario') se predica un evento en el que Lola interactúa con un objeto, que pertenece a la clase de diarios y no con la clase en sí misma. A continuación, se detalla su forma lógica, que comprende la Relación de Realización y una Relación de uso estereotípico U.

(11) *Lola read the newspaper* ('Lola leyó el diario')

$$\exists e [\text{Leyó}(e) \wedge \text{Agente}(e)=\text{lola} \wedge \text{R}(\text{Tema}(e), \text{DIARIO}) \text{U}(e, \text{DIARIO})]$$

Esta fórmula expresa que existe un conjunto de eventos de leer, que tiene a Lola como agente y cuyo tema es una realización de la clase diario. A su vez, este conjunto de eventos es parte del conjunto de eventos en que los diarios se usan de una forma estereotípica, capturada mediante la Relación U. Dicho de otro modo, en esta afirmación se parte del supuesto de que la definitud débil surge de la intersección entre el conjunto de los eventos de leer y el conjunto de los eventos en que la clase diario cumple con un uso estereotípico (AGUILAR-GUEVARA, 2014).

Una vez introducido este argumento, Aguilar-Guevara (2014) puede explicar el comportamiento de los SD definidos débiles en un contexto de elipsis de SV. En (12) se puede interpretar que Lola leyó un diario y que Alice leyó otro diario distinto, porque asumimos la existencia de dos eventos, cada uno con una realización distinta de la clase que designa el SD *the newspaper* ('el diario').

(12) Lola read the newspaper and Alice did too.

‘Lola leyó el diario y Alicia también lo hizo.’

De este modo, Aguilar Guevara (2014) prescinde del enfoque seudoincorporacionista, a la vez que preserva el significado canónico de unicidad y familiaridad del artículo definido. Como vemos, estos significados se aplican a un tipo de entidad y no a una entidad particular. Así, el SD definido débil designa una entidad única en tanto clase y es familiar en el sentido de que da lugar a un evento conocido y estereotípico, al menos dentro de un marco contextual determinado. Vale subrayar, además, que su teoría es exclusivamente semántica, por lo que no hace ninguna predicción a propósito de la estructura sintáctica de estas construcciones. En todo caso, parte del supuesto de que la diferencia entre un SD fuerte y uno débil no reside en la sintaxis, sino en la estructura composicional.

En resumen, en esta sección hemos repasado las dos propuestas más reconocidas en la bibliografía que buscan explicar los definidos débiles. Como vimos, ambas se concentran en los SD definidos débiles, pero ninguna alcanza a integrar, con el mismo nivel de profundidad, los SN definidos débiles como *in jail* (‘en prisión’) *in bed* (‘en cama’). Asimismo, como también hemos mencionado, estos autores se han concentrado en su estructura semántica, pero no han atendido la estructura sintáctica de estas expresiones nominales. En lo que sigue (sección 3), ofrecemos una descripción semántica y sintáctica de los SN ya presentados en (1) y (2), que, como veremos, presentan las mismas características léxico-semánticas que los SD definidos débiles. Asimismo, aportamos evidencia sintáctica que sugiere que estos escuetos, al combinarse con sus predicados, constituyen combinaciones sintácticas regulares y no deben ser considerados como un caso de seudoincorporación. Sobre la base de estos datos, en la sección 4, presentamos nuestra propuesta formal (inspirada en Aguilar-Guevara (2014) y de de Swart (2015)), a partir de la cual señalamos que la definitud débil debe ser considerada un fenómeno de interfaz semántico-sintáctica.

3 La naturaleza léxico-semántica y sintáctica de los SN definidos débiles

En esta sección retomamos de la bibliografía los diagnósticos léxico-semánticos, con el fin de mostrar que nuestros escuetos tienen las mismas propiedades que los SD definidos débiles ya revisados en

la sección anterior. Dado que la definitud débil no ha sido explorada desde un punto de vista sintáctico, proponemos, asimismo, un conjunto de pruebas sintácticas, que tienen por fin poner a prueba la hipótesis seudoincorporacionista (según ha primado en la bibliografía: Carlson y Sussman (2005), Carlson *et al.* (2006), Stvan (2009) y Carlson *et al.* (2013).

3.1 Las propiedades léxico-semánticas de los SN definidos débiles

Como hemos mencionado, estos nombres singulares están restringidos a posiciones sintácticas particulares. Ocupan únicamente la posición de complemento de preposición locativa (13a) y de dirección (13b) y la de verbo transitivo (13c), y son imposibles en posición de sujeto (13d).

- (13) a. Los jugadores están en cancha.
 ‘The players are in the field.’
 b. El médico va a consultorio.
 ‘The doctor goes to the clinic.’
 c. Juan tomó ómnibus.
 ‘Juan took the bus.’
 d. *Cancha tiene muchas salidas de emergencia.
 ‘*Field has many emergency exits.’

Además, existen restricciones léxicas en cuanto a su combinatoria: rechazan cualquier preposición distinta a *en* o *a*, aun cuando tienen un valor locativo similar (14). Igualmente, no es posible combinar estas preposiciones con cualquier nombre escueto (15), a pesar de que preserven un significado de locación parecido.

- (14) a. Los jugadores están en cancha vs. *dentro de cancha.
 ‘The players are in the field vs. inside field.’
 b. El médico va a consultorio vs. *hacia consultorio.
 ‘The doctor goes to the clinic vs. towards clinic.’

- (15) a. Los jugadores están en cancha vs. *en corredor.
 ‘The players are in the field vs. in corridor.’
 b. El médico va a consultorio vs. *a pasillo.
 ‘The doctor goes to the clinic vs. to hallway.’

Verificamos el mismo comportamiento cuando los escuetos aparecen en posición de complemento de verbo transitivo. En estos casos, el escueto se combina únicamente con algunos predicados (16a), y ese predicado tampoco es capaz de seleccionar cualquier tipo de nombre escueto (16b).

- (16) a. Juan tomó ómnibus vs. *limpió ómnibus.
 ‘Juan took the bus vs. cleaned bus.’
 b. Ana escuchó radio vs. *escuchó noticiero.
 ‘Ana listened to the radio vs. listened to news.’

A pesar de que la conformación de estas construcciones está sujeta a fuertes restricciones léxicas, entendemos que se trata de un fenómeno (relativamente) productivo en español rioplatense y que en ningún modo puede equipararse a las locuciones. Por un lado, las restricciones léxicas no cancelan el significado literal de estas construcciones, ya que en todos los casos se recupera una lectura definida. Así, de reponer un determinante, el artículo definido singular será el único posible. Por tanto, en los ejemplos de (14a) se interpreta que los jugadores están en la cancha; y en (14b), que el médico va al consultorio. Por su parte, en (16a) se lee que Juan tomó el ómnibus y en (16b), que Ana escuchó la radio.

En cuanto al tipo de alcance, tal como ya ha sido verificado para el inglés, mostramos en (17) que admiten el alcance estrecho, aunque también aceptan el alcance amplio.

- (17) Todos los jugadores están en cancha.
 ‘All players are in the field.’
 a. Lectura disponible: $\forall x[\text{jugador}(x) \rightarrow \exists y[\text{cancha}(y) \wedge \text{estar-en}(x, y)]]$
 b. Lectura disponible: $\exists y[\text{cancha}(y) \wedge \forall x[\text{jugador}(x) \rightarrow \text{estar-en}(x, y)]]$

Como se ilustra en la formalización de (17), el nombre escueto toma alcance por debajo del cuantificador universal, por lo que se puede derivar la interpretación de que todos los jugadores se encuentran en distintas canchas (17a), pero también admite la lectura de alcance amplio (17b), esto es, que los jugadores se encuentran en una única cancha.

Por el contrario, los definidos regulares favorecen el alcance amplio, es decir, la presencia del determinante definido singular fuerza una interpretación fuerte o rígida. Como se ve en (18), al reponer el determinante se interpreta exclusivamente que los jugadores se encuentran en el mismo lugar, por lo que solo está disponible la lectura en (18a). En este sentido, es posible afirmar que el valor de los definidos regulares no depende del valor del dominio de cuantificación presente en la oración.

(18) Todos los jugadores están en la cancha.

‘All players are in the field.’

a. Lectura disponible: $\exists y[\text{cancha}(y) \wedge \forall x[\text{jugador}(x) \rightarrow \text{estar-en}(x, y)]]$

b. Lectura no disponible: $\forall x[\text{jugador}(x) \rightarrow \exists y[\text{cancha}(y) \wedge \text{estar-en}(x, y)]]$

Otra de las propiedades comúnmente atestiguadas de los definidos débiles es la neutralidad de número; es decir, pese a su morfología singular, son compatibles con una lectura singular o plural. Demostramos este comportamiento mediante la prueba de la elipsis verbal y la de la correferencia. En primer lugar, si sometemos los escuetos a contextos de elipsis verbal, observamos que el contenido descriptivo del SV omitido no coincide, necesariamente, con el contenido descriptivo del SV de la primera oración. Así, los escuetos admiten una identidad no estricta, en el sentido de que es posible presuponer la existencia de una entidad para cada evento. Por ello, en (19a) se puede interpretar que Pedro y Darío están en dos rutas distintas y en (19b), que María y Juana miraron televisiones distintas.

(19) a. Pedro está en ruta y Darío también.

‘Pedro is in on the road and so is Darío.’

b. María miró tele y Juana también.

‘María watched tv and Juan did too.’

En segundo lugar, proponemos la creación de un contexto que evidencia el tipo de correferencia que entabla el escueto con otras expresiones nominales. Como se ilustra en (20a), el escueto puede interpretarse como plural, pues es retomado por más de una expresión referencial definida, aunque también admite la lectura singular, ilustrada en (20b).

- (20) Mujica estuvo en prisión quince años.
'Mujica spent fifteen years in prison.'
- a. Estuvo en la cárcel Punta Carretas, en Cuartel de Infantería, entre otras.
'He was in Punta Carretas, Cuartel de Infantería, among others.'
- b. Estuvo en la cárcel Punta Carretas.
'He was in Punta Carretas.'

El mismo comportamiento se verifica para los escuetos en posición de complemento de verbos transitivos. Como se observa, (21) admite tanto una continuación en la que se presupone la existencia de varias entidades (21a), como una en la que se hace referencia a solo una (21b).

- (21) Juan siempre escuchó radio.
'Juan always listened to the radio.'
- a. Se compró una radio distinta cada vez que se le rompió la anterior.
'He bought himself a different radio every time it broke.'
- b. Tuvo una radio que le duró toda la vida.
'He had a radio that lasted a lifetime.'

Tal como también ya ha sido propuesto en la bibliografía (AGUILAR-GUEVARA, 2014; CARLSON; SUSSMAN, 2005, entre otros), los definidos débiles presentan un significado enriquecido, además de su significado literal. Las oraciones en (22) y (23) muestran que los escuetos presentan más información de la que se desprende al combinar la preposición o el verbo con el nombre. Dicho de otro modo, sumado al significado composicional o literal (22a y 23a), estas construcciones

agregan otro significado no composicional o enriquecido, que está asociado a una situación o actividad prototípica ligada con el contenido descriptivo del nombre (22b y 23b).

(22) Vamos a buscar a todos los que están en calle.

‘We go and look for all the people in the street.’

a. Significado literal: Vamos a buscar a todos los que están en la calle.

b. Significado no literal: Vamos a buscar a todos los que están viviendo en la calle.

(23) La señora está para ver médico.

‘The lady will see the doctor.’

a. Significado literal: La señora está para ver al médico

b. Significado no literal: La señora está para ver al médico con el fin de recibir asistencia médica.

La hipótesis de que tienen una lectura definida débil se comprueba, además, en (24), en donde el escueto no admite ser parafraseado por un determinante fuerte, como el demostrativo (24a). Por el contrario, solo admite recuperar un artículo definido, sumado a la actividad asociada prototípica de manejar en la ruta (24b).

(24) Estuve todo el día en ruta.

‘I was all day long on the road.’

a. #Estuve todo el día en esa ruta.

‘I was all day long in that route.’

b. Estuve todo el día manejando en la ruta.

‘I was all day long driving on the route.’

Hasta ahora hemos mostrado que los escuetos presentan las propiedades léxico-semánticas comúnmente adjudicadas a los definidos débiles. Acabamos de mostrar que, a diferencia de los SD definidos fuertes, no admiten recuperar una lectura fuerte mediante la reposición de un demostrativo. Asimismo, estos escuetos no están sujetos a restricciones léxicas, son ambiguos entre el alcance amplio y estrecho, presentan lectura de número neutral y están enriquecidos semánticamente.

3.2 Las propiedades sintácticas de los SN definidos débiles

La descripción sintáctica de los escuetos definidos débiles que sigue nos permite, además de ofrecer una caracterización –hasta ahora poca explorada en la bibliografía–, postular que se trata de combinaciones sintácticas regulares y no de nombres pseudoincorporados, fusionados semánticamente con su predicado.

Con respecto a la confección de las pruebas, retomamos las que suelen ser empleadas para dar cuenta de fenómenos de pseudoincorporación. Estos diagnósticos testean la independencia sintáctica del nombre con respecto de su predicado. Sin embargo, los escuetos preposicionales no son compatibles con este tipo de pruebas. Debido a que en cualquier SP la preposición mantiene siempre una relación estrecha con su complemento (ya sea SN o SD), no podemos apelar a aquellos diagnósticos que justamente indagan en la independencia sintáctica del nombre. Como consecuencia, analizaremos los escuetos que se combinan con verbos transitivos, dado que, por su mayor libertad sintáctica, son los únicos candidatos factibles de ser analizados a través de las pruebas de adyacencia, separabilidad y coordinación. En este sentido, nuestro estudio asume que ambos tipos de escuetos tienen esencialmente la misma naturaleza (al igual que ha sido sugerido en Aguilar-Guevara 2014), aunque solo podamos testear el comportamiento sintáctico de uno de ellos.

En cuanto a la prueba de la adyacencia, los datos muestran que los escuetos no exigen adyacencia estricta con el verbo. Como se muestra en (25), es posible introducir un adjunto temporal, como *todas las mañanas*, entre el verbo y el nombre e incluso el adverbio *todavía*.

(25) a. Juan toma todas las mañanas ómnibus.

‘Juan takes the bus every morning.’

b. Juan tiene que tomar todavía ómnibus para llegar a la casa.

‘Juan still has to take the bus to get home.’

Asimismo, si aceptamos que los nombres pseudoincorporados no pueden recibir ningún tipo de estrés entonacional, entonces (26) constituye evidencia en contra de este fenómeno. Como se ilustra debajo, los escuetos pueden dislocarse a la izquierda y pasan a funcionar, así, como foco contrastivo.

- (26) a. ÓMNIBUS me quiero tomar, no uber.
 ‘The bus I want to take, not uber.’
 b. GUITARRA aprendió a tocar, no piano.
 ‘The guitar he learned to play, not the piano.’

La separabilidad es otra de las pruebas que permite medir la relación que se establece entre el verbo y el nombre. Los siguientes ejemplos en (27) indican que es posible formular una pregunta que tenga como respuesta solo el escueto.

- (27) a. ¿Qué te tomaste ayer al final? Taxi.
 ‘What did you take yesterday? The/a Taxi.’
 b. ¿Qué miró Ana? Solo tele.
 ‘What did Ana watch? Only tv.’

Esta libertad sintáctica queda también comprobada mediante las construcciones hendidas, que permiten escindir el verbo de su complemento (28).

- (28) a. Ómnibus es lo que te tenés que tomar.
 ‘The bus is what you need to take.’
 b. Radio es lo que queremos escuchar ahora.
 ‘The radio is what we want to listen to.’

Estos escuetos también pueden ser coordinados. Si aceptamos el supuesto de que solo se pueden coordinar los constituyentes de la misma categoría, entonces los siguientes datos sugerirían que se trata siempre de SD. Como se ve en (29), los escuetos admiten coordinarse con otros SD, ya sea definidos o indefinidos (29a) e incluso SD con lectura definida fuerte (29b).

- (29) a. Se tomó bondi para ir y el/ un uber para volver.
 ‘He took the bus to go and the/a uber to come back.’
 b. Pedro tocó piano y la flauta de su hermana.
 ‘Pedro played the piano and his sister’s flute.’

La modificación es el único diagnóstico que se puede aplicar por igual a los escuetos combinados con verbos transitivos y a los escuetos preposicionales. Como se ilustra en (30) y (31), respectivamente, aceptan solo adjetivos relacionales y rechazan, por tanto, los predicados de individuo, tales como los adjetivos calificativos o evaluativos.

(30) a. Los jugadores están en cancha municipal/ *vieja.

‘The players are in the municipal field/ old.’

b. El doctor está en consultorio pediátrico/ *feo.

‘The doctor is in the pediatric clinic/ ugly.’

(31) a. Toca guitarra eléctrica/ *cara.

‘He plays the electric guitar/ expensive.’

b. Escucha solo radio nacional/ *rota.

‘He listens only to the national radio/ broken.’

Esta prueba indica, a nuestro juicio, que los escuetos definidos débiles designan una clase de entidad y no una particular. Como es bien sabido, los adjetivos relacionales denotan propiedades de un tipo de objeto, es decir, le adjudican propiedades a individuos que refieren a una clase (MCNALLY; BOLEDA, 2004).

En suma, el hecho de que estos escuetos no estén sujetos a la adyacencia estricta, puedan ser separados del predicado, admitan ser respuestas a preguntas, aparezcan en oraciones hendidas y se puedan coordinar con SD sugiere que no se trata de estructuras seudoincorporadas. Es decir, no sería posible incluir estas expresiones nominales, que parecen presentar total libertad sintáctica, dentro del fenómeno de la seudoincorporación, que exige una relación mucho más estrecha entre el predicado y la expresión nominal, más allá de que puedan aceptarse ciertas conjunciones o adverbios intercalados (DAYAL, 2011; DOBROVIE-SORIN *et al.*, 2006). Además de estas propiedades, la observación de que solo admiten una lectura definida (pues de recuperar un artículo, el único posible es el definido singular) y que se combinan con modificadores de tipo nos lleva a postular que los escuetos refieren a una clase de objeto y proyectan un SD.

En lo que sigue optaremos por un análisis formal no seudoincorporacionista para explicar la definitud débil de los escuetos,

ya sea que ocupen la posición de complemento de verbos transitivos o la de preposiciones locativas y de dirección. Asumiendo el supuesto de que tienen el mismo comportamiento léxico-semántico y que, sintácticamente aceptan el mismo tipo de modificadores, postulamos que se trata de construcciones básicamente iguales. Respecto al resto de las pruebas sintácticas, hemos intentado argumentar que la imposibilidad de aplicar algunas de ellas a los SP se debe a la relación inherentemente adyacente que entabla cualquier preposición con su complemento, con independencia de si este es un nombre escueto o un SD.

4 Nuestra propuesta de interfaz semántico-sintáctica para la definitud débil

4.1 Supuestos adoptados en torno al ámbito nominal

Nuestra propuesta se apoya en tres supuestos, comúnmente aceptados en la bibliografía, que vinculan la estructura sintáctica de las expresiones nominales con su naturaleza semántica.

En primer lugar, tomamos la estructura sintáctica tripartita de (32) para un argumento nominal canónico. Dicha estructura representa lenguas, en las que, como en español, los nombres presentan morfología de número y determinante. Como se ve, asumimos una estructura de SD en que D toma como complemento un SNúm y, a su vez, su núcleo –el Núm– toma al SN como su complemento.

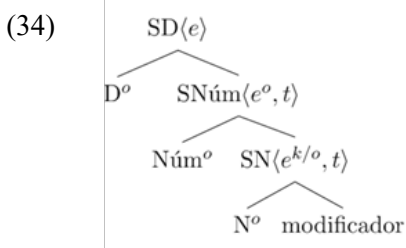
$$(32) [_{SD} D [_{SNúm} [Núm [_{SN} N]]]$$

En segundo lugar, asumimos que las expresiones nominales no canónicas, de acuerdo al contexto en que aparezcan, pueden carecer de algunas de las proyecciones funcionales, ya sea el SD (33a), el SNúm (33b)⁵ o incluso ambas (33c) (BORIK; ESPINAL, 2012, p. 128).

$$(33) \text{ a. } [_{SNúm} Núm [_{SN} N]] \\ \text{ b. } [_{SD} D [_{SN} N]] \\ \text{ c. } [_{SN} N]$$

⁵ Repárese en que Borik y Espinal (2012, p.131) adjudican la proyección $[_{DP} D [_{NP} N]]$ a la lectura de clase, como en *El dodó se extinguió en el siglo XVIII*.

En tercer lugar, adherimos al argumento de que todos los nombres son predicados (MATUSHANSKY, 2006, 2008) y asumimos el siguiente mapeo entre la semántica y su representación sintáctica (cf. CYRINO; ESPINAL, 2015).



Del esquema de (34) se desprende que los nombres contables insertados en N° denotan propiedades, por lo que les corresponde el tipo $\langle e^{k/o}, t \rangle$. La diferencia entre el SN y la proyección superior reside en que un nombre que proyecta un SNúm tiene exclusivamente el tipo semántico $\langle e^o, t \rangle$, siendo compatible solo con la lectura de atomicidad. Por su parte, el D definido corresponde semánticamente al operador iota, que es requerido para convertir las propiedades de objetos en un conjunto máximo de individuos, adjudicándole el tipo $\langle e \rangle$.

4.2 El modelo de interfaz semántico-sintáctico

Como hemos procurado mostrar en 3.1 y 3.2, los escuetos presentan propiedades semánticas y sintácticas particulares. Estas propiedades nos llevan a considerar que el fenómeno de la definitud débil, más precisamente el de los escuetos definidos débiles, debe ser considerado de interfaz, y no exclusivamente un fenómeno semántico, como lo ha tratado la bibliografía dominante.

En cuanto a su semántica, proponemos, primero, que los nombres comunes entran en el léxico en tanto expresiones predicativas, es decir, denotan la propiedad de un individuo o la propiedad de una clase. Mediante el rasgo [común/débil], ilustrado en (35), especificamos que los nombres pueden comportarse como un nombre común o como un nombre débil. En particular, este modelo asume que el rasgo [común] o [débil] se realiza una vez que el nombre se combina con su predicado.

(35) Nombre_[común/débil]: $\{x^{k/o}: \text{propiedad de } x\}$

En segundo lugar, como ya hemos mencionado en el apartado 2.2, el modelo de Aguilar-Guevara (2014) propone que los SD definidos débiles refieren a una clase de individuo. Ulteriormente, de de Swart (2015) asume esta hipótesis y la extiende a los escuetos preposicionales en inglés, del tipo *in hospital* ('en el hospital'). A continuación adaptamos la propuesta semántica de de Swart (2015) y mostramos que es compatible con nuestra propuesta de que los nombres entran en la derivación con un doble rasgo léxico. Sigue en (36) y (37) la formalización para un escueto combinado con la preposición locativa y para uno con un verbo transitivo, respectivamente.

(36) en consultorio

- a. $[[\textit{consultorio}_{\text{[común/débil]}}]]: \lambda x.\textit{consultorio}\langle e^{k/o}, t \rangle(x)$
- b. $[\emptyset\textit{consultorio}_{\text{[común/débil]}}]: \iota x.\textit{consultorio}\langle e^{k/o} \rangle(x)$
- c. $[[\textit{en}_2]]: \lambda z \lambda y.\textit{en}\langle e^k, et \rangle(z)(y)$
 $: \lambda z \lambda y \exists v [\text{REL}(z)(v) \wedge \textit{en}\langle e^k, et \rangle(v)(y) \wedge U(y)(z)]$
- d. $[[\textit{en}_2 \textit{consultorio}_{\text{[débil]}}]]: \lambda y \exists v [\iota x.\textit{consultorio}\langle e^k, t \rangle(x) \wedge \text{REL}(z)(v) \wedge \textit{en}\langle e^k, et \rangle(v)(y) \wedge \textit{atender-en}(y)(z)]$

(37) mirar tele

- a. $[[\textit{tele}_{\text{[común/débil]}}]]: \lambda x.\textit{tele}\langle e^{k/o}, t \rangle(x)$
- b. $[\emptyset\textit{tele}_{\text{[común/débil]}}]: \iota x.\textit{tele}\langle e^{k/o} \rangle(x)$
- c. $[[\textit{mirar}_2]]: \lambda z \lambda y.\textit{mirar}\langle e^k, et \rangle(z)(y)$
 $: \lambda z \lambda y \exists v [\text{REL}(z)(v) \wedge \textit{mirar}\langle e^k, et \rangle(v)(y) \wedge U(y)(z)]$
- d. $[[\textit{mirar}_2 \textit{tele}_{\text{[débil]}}]]: \lambda y \exists v [\iota x.\textit{tele}\langle e^k, t \rangle(x) \wedge \text{REL}(z)(v) \wedge \textit{mirar}\langle e^k, et \rangle(v)(y) \wedge \textit{mirar-por-entretenimiento}(y)(z)]$

En la forma lógica de (36a) y (37a) explicitamos que *consultorio* y *tele* entran en la derivación con el rasgo léxico [común/débil] y que es este rasgo el que especifica su denotación $\langle e^{k/o}, t \rangle$.

En la derivación de (36b) y (37b) el nombre mantiene su rasgo léxico [común/débil] y se combina con el operador *iota*, que conlleva la presencia del determinante encubierto. Esto nos lleva a afirmar que los escuetos definidos débiles constituyen verdaderos argumentos, ya que alcanzan la proyección de SD, manteniendo, de esta manera, las reglas

gramaticales que regulan el uso del artículo en español.⁶ Entendemos, entonces, que la presencia del determinante encubierto impacta en la semántica del nombre, que pasa de denotar una propiedad $\langle e^{k/o}, t \rangle$ a denotar una entidad, equivalente a $\lambda x.\text{nombre}\langle e^k \rangle(x)$. Repárese en que esta postulación retoma, a su vez, la hipótesis clásica de Longobardi (1994), en la que se asume que las expresiones nominales constituyen verdaderos argumentos cuando están precedidas por un determinante, ya sea expreso o encubierto.

Respecto de la preposición y del verbo transitivo, asumimos que cada pieza tiene dos denotaciones distintas. A diferencia de la canónica, en cuyo caso el verbo y la preposición seleccionan entidades particulares, la segunda denotación ((36c) y (37c)) representa predicados que seleccionan una entidad abstracta como segundo argumento.⁷ Para en_2 (36c), retomamos la idea de de Swart (2015) de que posee dos denotaciones distintas. Además de la denotación canónica en que la preposición establece una relación entre una figura concreta y un fondo concreto, en_2 establece una relación entre una figura concreta y un fondo abstracto, bajo la forma $\langle e^k, et \rangle$. En este sentido, el fondo abstracto se corresponde con la referencia a una clase. En la misma dirección, entendemos que $mirar_2$ selecciona un tema abstracto, que corresponde a la clase designada por el escueto.

Asimismo, se recupera de de Swart (2015, p. 151) la Relación de Realización (REL) (propuesta por Aguilar-Guevara (2014), que a su vez recoge de Carlson (1977)) y la Relación de Uso Estereotípico (U) (AGUILAR-GUEVARA, 2014). Estas formulaciones permiten explicar que la clase puede realizarse como un individuo concreto y que, a su vez, cumple con un uso estereotípico. La Relación de Realización es compatible con la denotación propuesta para los nombres con rasgo [débil], en el sentido de que, aun siendo de tipo $\langle e^k \rangle$, pueden adquirir, mediante esta operación semántica, propiedades de un objeto particular.

⁶ A propósito de las reglas gramaticales que regulan el uso del artículo en español, vale destacar que en español el determinante habilita la lectura de entidad, tanto de entidad concreta como de entidad a nivel de clase. Aquí extendemos esta observación al asumir que también la versión silente del artículo definido tiene lectura de clase.

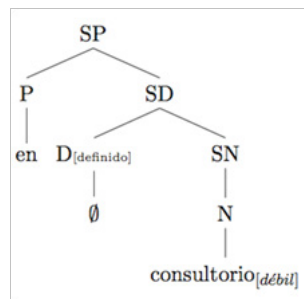
⁷ Aquí asumimos que cada denotación se corresponde con una entrada léxica distinta, del mismo modo que se suele plantear para los procesos de pseudoincorporación (DAYAL, 2011).

Es por ello que en *El doctor está en consultorio*, interpretamos que el doctor está atendiendo pacientes en el consultorio, entendido como una instanciación de su clase. Mediante el mismo argumento, también es posible explicar casos como los de elipsis verbal. Por ejemplo, en *Ana miró la tele y Pedro también* se lee que ambos miraron la televisión (que pueden ser distintas o incluso la misma) y que *tele*, además, se interpreta como la realización de la clase *tele*.

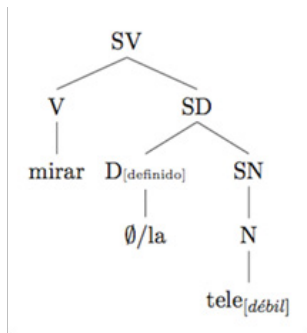
En la forma lógica de (36d) y (37d) se formula, entonces, que la preposición *en*₂ y el verbo *mirar*₂ seleccionan una de las posibles denotaciones previstas por el nombre, a saber, la denotación de una clase de entidad, por lo que se especifica el rasgo [común/débil]. Así, cuando la preposición *en*, en su segunda versión (*en*₂), se combina con el nombre en cuestión, establecerá una relación entre una figura concreta y una realización concreta de la clase consultorio, mediante la Relación de Realización. En el caso de *mirar*₂, la oración será verdadera si y solo si selecciona como argumento interno un objeto abstracto, que se realiza como una entidad concreta mediante dicha Relación de Realización. Además, la Relación de Uso Estereotípico permite asociar un uso estereotípico con la clase a la que pertenecen ambos nombres, vinculado con atender pacientes y con mirar la tele para entretenerse. Por lo dicho, aquellos nombres que no estén identificados con una función estereotípica, pauta culturalmente, al combinarse con su predicado, no darán lugar construcciones definidas débiles. Así, por ejemplo, mientras que *tomar ómnibus* da lugar a una interpretación definida débil, *limpiar ómnibus* no lo hace, puesto que (al menos en la variedad del español rioplatense) este no constituye un evento estereotípico.

En cuanto a su sintaxis, asumiendo los supuestos ya presentados en (32) y (33), proponemos la siguiente estructura sintáctica para ambas estructuras.

(38)



(39)



En (38) y (39) observamos, en primer lugar, que la lectura definida de estos escuetos encuentra su correlato sintáctico con la postulación de que estos nombres constituyen, en realidad, un SD conformado por un D encubierto. Aquí asumimos que la semántica y la sintaxis del determinante es la misma para determinantes realizados fonéticamente que para los encubiertos y para aquellos que designan una entidad definida y los que designan una entidad de clase. Dicho en otras palabras, aquí atribuimos una misma contribución semántica para el artículo definido fonéticamente realizado y su versión silente. De este modo, el esquema en (39) también permite integrar los definidos débiles con determinante expreso ya recogidos en la bibliografía, como *see the doctor* ('ver al doctor').⁸ Repárese que en español la presencia del artículo definido en estructuras de este tipo también puede dar lugar a la definitud débil. En este sentido, nuestros datos abonarían la hipótesis de de Swart (2015, p. 129) de que los definidos alternan a nivel intralingüístico e interlingüístico entre presencia y ausencia de determinante.⁹

En segundo lugar, la postulación de un D encubierto permite mantener la hipótesis de que estos nombres constituyen un verdadero argumento sintáctico de la preposición locativa y del verbo transitivo.

⁸Repárese, sin embargo, que en *ver doctor* solo recogemos lectura definida débil, mientras que *ver el doctor* resulta ambigua entre la lectura definida débil y la lectura definida canónica. A diferencia de la lectura débil, desde el punto de vista sintáctico, la lectura canónica siempre supone la proyección de un SNúm.

⁹Aquí también asumimos que la representación de (38) puede admitir el determinante expreso, de igual modo que en (39). Sin embargo, no queda especificado en el árbol, dado que, hasta donde entiendo, la bibliografía no suele hacer mención a los definidos débiles preposicionales como construcciones que alternan entre presencia y ausencia de determinante.

La representación sintáctica de SD encuentra su correlato semántico con el operador *iota*, pues es el responsable de darle a la expresión nominal la referencia de entidad. A su vez, el significado de unicidad del determinante (en este caso, a nivel de clase) se sostiene mediante la presencia del rasgo formal [definido].

En tercer lugar, los esquemas de (38) y (39) suponen que estos escuetos carecen de la proyección de SNúm, por lo que el SD selecciona directamente el SN. Justamente, la ausencia de SNúm explica la neutralidad de número de los definidos débiles. Como vimos, estos nombres son compatibles tanto con una lectura singular como plural. Entonces, cuando el determinante definido encubierto se combina con un SN con el rasgo [débil], que se combina, a su vez, con la preposición *en*₂ o con el verbo transitivo *mirar*₂, se genera la lectura de clase. Aquí adherimos, entonces, a la hipótesis de que el número no interviene en la conformación de una expresión que designa una clase definida (BORIK; ESPINAL, 2012).

Por último, esta representación sintáctica de los escuetos definidos débiles también asume que el nombre está contenido en un SN y no en N. Cuando estos escuetos se combinan con modificadores, lo hacen únicamente con modificadores que operan a nivel de una clase de entidad. De esta manera, si asumimos que conforman, al menos, un SN, entonces la estructura sintáctica que proponemos captura el hecho de que estos escuetos aceptan ser modificados, por ejemplo, por adjetivos relacionales y, por lo tanto, tienen la capacidad de expandirse hacia la derecha.

A nuestro juicio, la propuesta que acabamos de exponer, basada en la ambigüedad del rasgo [común/débil] para los nombres, tiene la ventaja de que permite explicar los escuetos que aparecen en dos posiciones sintácticas –la de complemento de preposición y de verbo transitivo– como parte del mismo fenómeno de los definidos débiles (a parte de los SD definidos débiles ya estudiados en Aguilar-Guevara (2014)) desde una mirada semántica y sintáctica. Hemos adaptado el modelo semántico de de Swart (2015) y sobre esa base hemos propuesto una representación sintáctica, que pretende capturar la naturaleza de clase que tienen estos argumentos nominales.

5 Consideraciones finales

En este artículo hemos pretendido ofrecer evidencia empírica a favor de que la definitud débil constituya un fenómeno interlingüístico. Hemos visto que, mientras que en otras lenguas, los definidos débiles se realizan, sobre todo, mediante SD (AGUILAR-GUEVARA, 2014; CARLSON; SUSSMAN, 2005; CARLSON *et al.*, 2013, entre otros), en la variedad del Río de la Plata se manifiestan mediante SN, en posición de complemento de preposición y de verbos transitivos.

Con el objetivo de describir el comportamiento de estos escuetos, primero hemos aplicado una batería de diagnósticos léxico-semánticos, que suelen ser empleados en la bibliografía para analizar las frases definidas débiles. En segundo lugar, hemos recogido pruebas sintácticas, que han tenido por fin demostrar que no se trata de construcciones pseudoincorporadas, a diferencia de lo que, en general, se ha asumido. En tercer lugar, hemos readaptado el modelo composicional de Swart (2015) para explicar su semántica y les hemos adjudicado, además, una estructura sintáctica doblemente defectiva (sin realización fonológica del D y sin SNúm). Entendemos, así, que en español rioplatense el determinante encubierto da lugar únicamente a estructuras semánticamente enriquecidas. Además, hemos mostrado que nuestro modelo también es extendible a los definidos débiles con determinante expreso. Por fin, al vincular este fenómeno productivo del español rioplatense con las expresiones nominales de otras lenguas, sobre todo del inglés, hemos realizado un aporte adicional a la descripción y explicación de la definitud débil en general.

Referencias

- AGUILAR-GUEVARA, A. *Weak Definites*. Semantics, Lexicon and Pragmatics. Utrecht: LOT, 2014.
- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Generic and Weak Demonstratives: the Realm of Kinds. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 45-62, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.57>
- BASSO, R. M.; VOGT, D. R. Weak Demonstratives, Are There Any? A Preliminary Analysis of Brazilian Portuguese Data. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, v. 12, p. 179-200, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v12i1.32800>

BORIK, O.; ESPINAL, M. T. On Definite Kinds. *Recherches Linguistiques de Vincennes*, Paris, v. 41, p. 123-146, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/catjl.299>

CARLSON, G. N. A Unified Analysis of the English Bare Plural. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, v. 3, n. 1, p. 413-457, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00353456>

CARLSON, G. The Meaningful Bounds of Incorporation. In: VOGELEER, S.; TASMOWSKI, L. (ed.). *Non-Definiteness and Plurality*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 35-50. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.95.03car>

CARLSON, G.; KLEIN, N.; GEGG-HARRISON, W.; TANENHAUS, M. Weak Definites as a Form of Definiteness: Experimental Investigations. *Recherches Linguistiques de Vincennes*, Paris, v. 42, p. 11-32, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/rlv.2158>

CARLSON, G.; SUSSMAN, R. Seemingly Indefinite Definites. *Linguistic Evidence: Empirical, Theoretical, and Computational Perspectives*, Berlin, v. 85, p. 71-85, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110197549.71>

CARLSON, G.; SUSSMAN, R.; KLEIN, N.; TANENHAUS, M. Weak definite noun phrases. In: DAVIS, C.; DEAL, A. R.; ZABBAL, Y. (ed.). *Proceedings of NELS 36*. Amherst: GLSA Publications, 2006. p. 179-196.

CHUNG, S.; LADUSAW, W. Restriction and Saturation. *Linguistic Inquiry Monographs*, Cambridge, v. 42, p. 1-173, 2004. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/5927.001.0001>

CYRINO, S.; ESPINAL, M. T. Bare Nominals in Brazilian Portuguese: More on the Dp/Np Analysis. *Natural Language & Linguistic Theory*, [S.L.], v. 2, n. 33, p. 471-521, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-014-9264-6>

DAYAL, V. *A Semantics for Pseudo-Incorporation*. Trenton: Rutgers University, 2003. Disponível em: <https://semanticsarchive.net/Archive/WI2ZjZkM/pseudo-incorporation.pdf> Acesso em: 15 mayo 2021.

DAYAL, V. Bare NP's, Reference to Kinds, and Incorporation. In: MATTHEWS, T.; STROLOVITCH, D. (ed.). *Proceedings of SALT IX*. Ithaca: CLC Publications, 1999. p. 34-51. DOI: <https://doi.org/10.3765/salt.v9i0.2816>

DAYAL, V. Hindi Pseudo-Incorporation. *Natural Language & Linguistic Theory*, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 123-167, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-011-9118-4>

DE SWART, H. Constructions With and Without Articles. In: BORIK, O; GEHRKE, B. (ed.). *The Syntax and Semantics of Pseudo-Incorporation*. Leiden: Brill, 2015. p. 126-156. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004291089_005

DOBROVIE-SORIN, C.; BLEAM, T.; ESPINAL, M. T. Bare Nouns, Number and Types of Incorporation. In: VOGELEER, S.; TASMOWSKI, L. (ed.). *Non-Definiteness and Plurality*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 51-79. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.95.04dob>

DONAZZAN, M. Weak (In)definites, Familiarity and Reference to Kinds: The View from Italian. *Revista da ABRALIN*, Aracaju, v. 12, n. 1, p. 149-178, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v12i1.32799>

FARKAS, D. F.; DE SWART, H. *The Semantics of Incorporation: From Structure to Discourse Transparency*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

KLEIN, N.; GEGG-HARRISON, W.; CARLSON, G.; TANENHAUS, M. Special but Not Unique: Weak Definite Noun Phrases. In: SAUERLAND, U.; YATSIHSHIRO, K. (ed.). *Semantics and Pragmatics, from Experiment to Theory*. Camden: Palgrave Macmillan, 2009. p. 264-175.

LACA, B. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 891-928.

LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 25, n. 4, p. 609-665, 1994.

MASSAM, D. Pseudo Noun Incorporation in Niuean. *Natural Language & Linguistic Theory*, Berlín, v. 19, n. 1, p. 153-197, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1006465130442>

MASULLO, P. J. Los sintagmas nominales sin determinante: una propuesta incorporacionista. In: BOSQUE, I. (ed.). *El sustantivo sin determinación: la ausencia del determinante en la lengua española*. Madrid: Visor, 1996. p. 169-200.

MATUSHANSKY, O. Why Rose is the Rose: On the Use of Definite Articles in Proper Names. In: BONAMI, O.; CABREDO HOFHERR, P. (ed.). *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. Paris: CSSP, 2006. v. 6, p. 285-307.

MATUSHANSKY, O. On the Linguistic Complexity of Proper Names. *Linguistics and Philosophy*, Berlin, n. 31, v. 5, p. 573-627, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10988-008-9050-1>

MCNALLY, L.; BOLEDA, G. Relational Adjectives as Properties of Kinds. In: BONAMI, O.; CABREDO HOFHERR, P. (ed.). *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. Paris: CSSP, 2004. v. 5, p. 179-196.

SCHWARZ, F. *Two Types of Definites in Natural Language*. 2009. 336f. Tesis (PhD) – University of Massachusetts, Amherst, 2009.

STVAN, L. S. Semantic Incorporation as an Account for Some Bare Singular Count Noun Uses in English. *Lingua*, [S.l.], v. 119, n. 2, p. 314-333, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2007.10.017>

STVAN, L. S. The Functional Range of Bare Singular Count Nouns in English. In: STARK, E.; LEISS, E.; ABRAHAM, W. (ed.). *Nominal Determination: Typology, Context Constraints, and Historical Emergence*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 171-187. DOI: <https://doi.org/10.1075/slcs.89.10stv>

STVAN, L. S. *The Semantics and Pragmatics of Bare Singular Noun Phrases*. 1998. 348f. Tesis (PhD) –Northwestern University, Evanston, 1998.

VAN GEENHOVEN, V. *Semantic Incorporation and Indefinite Descriptions: Semantic and Syntactic Aspects of Noun Incorporation in West Greenlandic*. California: CSLI publications, 1998.



Subcompetência instrumental e elaboração de material de referência

Instrumental Sub-competence and the Creation of Reference Material

Márcia Moura da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil
marciamouras@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4788-1461>

Resumo: Hoje em dia, o tradutor tem um sem-número de recursos para auxiliá-lo em seu ofício, sendo que saber usá-los faz parte da subcompetência de tradução denominada *instrumental* (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009). Sem dúvida, é necessário ter competência para surfar em meio a tanto material, grande parte do qual disponibilizada em formato eletrônico. Mas, se, por um lado, o tradutor precisa saber usar os recursos a ele oferecidos, por outro, é preciso desenvolver material que seja prático, eficaz e confiável. A falta de material de referência para lidar com a tradução de abreviaturas médicas foi a base para a construção de um glossário bilíngue (português/inglês) de abreviaturas na área da reumatologia. Ainda que essas formas reduzidas sejam recorrentes no texto médico, elas continuam a desafiar o tradutor. Este artigo descreve algumas das fases de construção desse glossário e discute a relação entre a elaboração de material de referência e a subcompetência instrumental.

Palavras-chave: subcompetência instrumental; tradução médica; abreviatura; glossário bilíngue.

Abstract: Nowadays translators have countless resources to assist them in their task. Knowing how to use these resources is part of the instrumental sub-competence (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009). Undoubtedly, it is necessary to have translation competence to surf amid a barrage of material, much of which is made available in electronic format. But if, on the one hand, translators need to know how to use the resources offered to them, on the other, it is necessary to develop material that is practical, effective and reliable. The lack of reference material to deal with the

translation of medical abbreviations was the basis for the creation of a (Portuguese/English) bilingual glossary of abbreviations in the field of rheumatology. Although these shortened forms are recurrent in the medical text, they continue to challenge translators. This article describes some of the phases of the creation of this glossary and discusses the relationship between the preparation of reference material and the instrumental sub-competence.

Keywords: instrumental sub-competence; medical translation; abbreviation; bilingual glossary.

Recebido em 11 de maio de 2021

Aceito em 26 de julho de 2021

1 Introdução

A imagem do tradutor que trabalha solitário, acompanhado apenas por dicionários impressos enormes já vem sendo desconstruída há algum tempo. Hoje, não só o tradutor pode se valer de uma extensa rede de apoio formada por outros profissionais da área com quem pode trocar ideias e sanar problemas de tradução, como também de um grande número de outros recursos que podem trazer benefícios quantitativos e qualitativos a seu trabalho. Saber usar esses recursos faz parte da discussão, no campo dos Estudos da Tradução (ET), sobre as competências necessárias para que o tradutor exerça sua tarefa da melhor maneira possível. No modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo PACTE¹, liderado por Hurtado Albir, encontra-se a subcompetência *instrumental*, que se refere ao conhecimento e habilidades em usar fontes de documentações e recursos tecnológicos, tais como bancos de dados, glossários, dicionários (impressos e *on-line*) e ferramentas de auxílio à tradução.

Entendo que saber usar esses recursos inclui saber avaliar sua adequação. Nesse sentido, se ao tradutor cabe se assegurar da confiabilidade do material consultado, torna-se também fundamental que pesquisadores criem material de consulta que seja confiável, como glossários especializados. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever a elaboração

¹ <http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/es>

de um material terminográfico que busca precisamente ter como princípio norteador a confiabilidade de seus dados: um glossário bilíngue (português/inglês) de abreviaturas² médicas na área da reumatologia.

Durante a prática tradutória³, identificou-se que essas formas reduzidas, recorrentes em textos médicos, são um problema de tradução, pois não há padronização de uso em textos traduzidos, talvez reflexo da falta de consenso no que diz respeito à variação terminológica dessas formas. Segundo Azenha (1996, 1999), por exemplo, textos técnico-científicos, como é o caso dos textos que compõem o *corpus* de estudo que serviu de base para a construção do glossário, são “formas híbridas expostas à ação de um número elevadíssimo de variáveis e a terminologia, longe de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento de seu objeto” (AZENHA, 1999, p.11). Para Franco-Aixelá (2009), esses textos são repositórios de terminologia, muitas vezes criada por pessoas que compartilham uma profissão com o objetivo de atingir a precisão e clareza que alguns termos podem trazer, ou para manter exclusividade, que acaba fortalecendo o sentimento de pertencimento das pessoas a um certo grupo de profissionais. Assim, há uma tendência em manter a terminologia inalterada mesmo em tradução, sobretudo no caso específico de traduções do inglês, pois a interferência⁴ promoveria a internacionalização da terminologia, facilitando, assim, o fluxo de conhecimento técnico-científico. Para o autor, formas reduzidas representariam os elementos com a maior probabilidade de permanecerem inalterados em tradução.

Mas, ainda que possa haver, de fato, uma tendência em manter abreviaturas em língua inglesa⁵ — afinal, grande parte da divulgação técnico-científica é feita nessa língua —, os resultados do presente estudo⁶ apontam um número considerável de abreviaturas que possuem uma forma em língua portuguesa. No entanto, a discussão de tais resultados foge do escopo do presente artigo⁷, que se ocupará em descrever alguns aspectos da elaboração do glossário, mostrando alguns elementos que

² Neste projeto, usa-se a acepção mais genérica de *abreviatura*, qual seja, “redução do nome de uma entidade, país, empresa etc. a uma sigla formada por suas primeiras letras, p.ex. ONU (Organização das Nações Unidas), IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano)” (Fonte: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/abreviatura>).

³ A autora trabalhou com tradução de textos médicos.

⁴ Conceito que Franco-Aixelá (2009) usa para definir termos no texto de chegada que foram mantidos na mesma forma que aparecem no texto de partida.

⁵ O próprio uso do termo *CAT tools* feito neste artigo é um exemplo disso.

⁶ A elaboração do glossário bilíngue é apenas um dos objetivos de uma pesquisa maior.

⁷ Resultados preliminares foram apresentados em Silva e Paparelli (2018).

o diferenciam de outros glossários. Antes de abordar esses pontos, na próxima seção, algumas considerações são feitas sobre a relação entre elaboração de material de referência para tradutores e o desenvolvimento da subcompetência instrumental.

2 Ferramentas de auxílio à tradução e o desenvolvimento da subcompetência instrumental

Muitos são os autores que se debruçam sobre o tema da competência tradutória (HURTADO ALBIR, 2015a, 2015b; KELLY, 2012; KIRALY, 1995; NORD, 1991; 2008; PYM, 2003; SCHÄFFNER, 2000), mas, nas últimas décadas, o modelo apresentado por Hurtado Albir e o Grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009) vem se mostrando um dos mais holísticos em suas propostas. Esse grupo de pesquisadores se dedica à investigação da aquisição de competência tradutória em um ambiente dedicado à formação de tradutores e mantém a discussão sobre esse tema em constante atualização. O modelo PACTE é dividido em cinco subcompetências: i) bilíngue (conhecimento das duas línguas); ii) extralinguística (conhecimento de mundo, de áreas específicas, das culturas envolvidas e enciclopédico) ; iii) dos conhecimentos sobre tradução (inclui tanto conhecimento do funcionamento da tradução como de aspectos da profissão), iv) instrumental (conhecer e saber usar recursos disponíveis, seja em papel ou digitais, como dicionários, enciclopédias, glossários, *corpora* eletrônicos, textos paralelos etc), e v) estratégica (necessária para garantir a eficiência do processo tradutório). Além dessas cinco subcompetências, o modelo inclui os componentes psicofisiológicos, que se referem a componentes cognitivos, como memória, percepção, atenção e emoção; atitudinais, como curiosidade intelectual, perseverança e pensamento crítico; e habilidades como criatividade, raciocínio lógico etc.

Segundo o grupo, a subcompetência estratégica é a mais importante, pois as outras subcompetências estão a ela atreladas, visto que sua função é

planejar o processo e executar o projeto tradutório (selecionando o método mais adequado); avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em relação ao objetivo final; ativar as diferentes subcompetências e compensar eventuais inadequações; identificar

problemas de tradução e aplicar procedimentos para solucioná-los (PACTE, 2009, p. 209, tradução minha)⁸.

Vale lembrar que, exceto pelas subcompetências estratégica e do conhecimento sobre tradução, as subcompetências não são requisitos exclusivos de tradutores, visto que não são somente eles que precisam dominar as línguas ou as culturas, por exemplo, para se comunicarem em outro idioma. Pym (2003) inclusive apresenta um modelo minimalista em que sugere que exclusivas ao tradutor seriam as habilidades de produzir mais de um texto de chegada (TC) e de saber selecionar o melhor entre eles. Dito isso, o tradutor não utiliza seu conhecimento linguístico da mesma maneira que fazem outros usuários, pois, como nos lembra Sobral (2008), ele não é um leitor comum – ele lê um texto, primeiro como leitor, depois como tradutor e, por fim, como autor (de seu próprio texto). Assim, a relação do tradutor com as línguas envolvidas no processo tradutório é distinta daquela de outros usuários, o que me faz pensar que pelo menos alguns componentes da subcompetência bilíngue seriam exclusivos aos tradutores, visto que aprendem as línguas de trabalho para fins específicos.

No caso do glossário aqui apresentado, criado para servir como material de referência para profissionais do texto em geral e para tradutores e pesquisadores em tradução em particular, a subcompetência instrumental ganha relevância, pois é ela que permitirá que seus consulentes avaliem sua adequação. Nesse sentido, Bevilacqua e Kilian (2017), que discutem o desenvolvimento das diferentes subcompetências tradutórias, sugerem alguns princípios a serem seguidos por tradutores para melhor avaliarem materiais terminológicos. O consulente precisa saber, por exemplo, i) a quem o material se destina e qual o seu propósito; ii) quais foram os critérios para a seleção dos termos que o compõem; iii) quais parâmetros foram usados para a constituição desse material - no caso de um glossário, a quais campos (entrada, definição, fonte da definição, contextos, fontes do contexto etc.) o consulente terá acesso?

Além desses aspectos, as autoras sugerem que o tradutor avalie outras informações, como os autores do material, a data de publicação

⁸ “to plan the process and carry out the translation project (selecting the most appropriate method); evaluate the process and the partial results obtained in relation to the final purpose; activate the different sub-competences and compensate for any shortcomings; identify translation problems and apply procedures to solve them” (PACTE, 2009, p. 209).

ou de atualização; textos que expliquem a elaboração do material e guia do usuário. Para elas, esse tipo de avaliação

contribui sobretudo para a aquisição da subcompetência instrumental, ou seja, a subcompetência relacionada ao uso de recursos por parte do tradutor. A ideia é que o tradutor não apenas use esse tipo de recursos, mas que tenha critérios para escolhê-los e para saber utilizá-los de forma adequada na tomada de decisões tradutórias.” (BEVILACQUA; KILIAN, 2017, p. 1722).

Alguns glossários fazem parte do que hoje conhecemos como *CAT tools* (*Computer-aided Translation*). Kenny (1999, p. 67) aponta que, além de alguns *hardwares*, esse termo engloba uma série de *softwares*, tais como corretores automáticos, dicionários eletrônicos e bases de dados terminológicas. Segundo a autora, tradutores automáticos não fazem parte dessa categoria, pois têm por objetivo automatizarem completamente o processo tradutório, ao passo que as *CAT tools* somente auxiliam o trabalho do tradutor. Assim, enquanto na tradução automática o tradutor somente precisaria intervir em caso de inadequação na solução tradutória, nas traduções com *CAT tools*, o tradutor estaria no controle do processo, usando as ferramentas apenas para melhorar a velocidade e a consistência de seu trabalho.

Nogueira e Nogueira (2004) avaliam uma lista de programas de memória de tradução (MT)⁹, que estão hoje entre as *CAT tools* mais usadas pelos tradutores, não só pela conveniência de poder usá-las em plataformas já consagradas, como o Microsoft Word, mas também pelo fato de algumas delas terem versões gratuitas, ainda que com recursos limitados — há, por exemplo, limite no número de palavras armazenadas na memória nessas versões gratuitas. À medida que o tradutor vai traduzindo seu texto, este fica armazenado, sendo que a ferramenta “sugere” traduções sempre que o mesmo termo ou segmento¹⁰ surgir no texto sendo traduzido ou em traduções futuras. Como apontam Esqueda,

9 Os autores avaliam as *MT Wordfast* (<https://www.wordfast.com/>); *Trados* (<https://www.sdltrados.com/>); *Déjà Vu* (<https://atril.com/>) ; *SDLX* (<https://www.sdl.com/>) e *StarTransit* (<https://www.star-group.net/en/home.html>). Porém, outras ferramentas foram lançadas desde então, como é o caso da *OmegaT* (<https://omegat.org/>) e *MemoQ* (<https://www.memoq.com/>).

¹⁰ Segundo os autores, um segmento equivale ao que os gramáticos chamam de “período”. Ver Alves (2004) para uma discussão mais detalhada sobre segmentação humana e segmentação automática.

Silva e Stupiello (2017), “quanto mais repetitivo e com maior número de fraseologias fixas for o texto, mais retorno haverá do banco de dados da memória.” (ESQUEDA; SILVA; STUPIELLO, 2017, p. 164).

O tradutor também pode criar glossários, que podem ser acionados em traduções subsequentes. Neste caso, a ferramenta não traduz para o tradutor, mas armazena o que está sendo por ele traduzido, o que facilita as próximas traduções. No entanto, o tradutor pode facilmente acessar tradutores automáticos, pois muitas dessas ferramentas os disponibilizam em suas plataformas durante o processo tradutório. Além disso, o tradutor pode baixar glossários externos que auxiliem uma determinada tradução¹¹. Embora as MT sejam auxílios bem-vindos ao tradutor, não se pode pensá-los modelos de perfeição, pois, como advertem Esqueda, Silva e Stupiello (2017), “erros podem ser propagados se segmentos registrados com problemas de tradução forem aceitos prontamente em trabalhos posteriores ou se o tradutor falhar em reconhecer diferenças mínimas entre um novo segmento e a tradução sugerida pelo sistema.” (ESQUEDA; SILVA; STUPIELLO, 2017, p. 169).

Assim, ainda que as ferramentas de auxílio à tradução venham sendo cada vez mais aprimoradas, elas ainda dependem da intervenção humana, e o tradutor, por sua vez, não só precisa saber operar essas ferramentas de maneira adequada como também precisa consultar outros materiais para complementar o processo tradutório.

No caso das abreviaturas, um glossário construído especialmente para lidar com a tradução desses elementos pode ser bem mais útil ao tradutor do que um tradutor automático, por exemplo. Basta usar o *Google Tradutor* para traduzir um texto que contenha um bom número de abreviaturas para verificar que a maioria das formas reduzidas permanece sem tradução (vale lembrar que 40% das abreviaturas do *corpus* de estudo possui forma em português). Assim, é de grande importância criar outras fontes de referência que possam, juntamente com as *CAT tools*, permitir que o tradutor dedique mais tempo em resolver problemas de tradução que não podem ser solucionados por máquinas ou ferramentas. Essa necessidade por material de referência especializado levou à criação do glossário bilíngue de abreviaturas médicas, cuja elaboração é descrita na próxima seção.

¹¹ Vem se tornando cada vez mais comum agências de tradução disponibilizarem seus próprios glossários de linguagem especializada para auxiliar o trabalho do tradutor; entretanto, isso leva a descontos nos valores a eles pagos sob o argumento de que esses glossários reduzem o número de horas gastas em uma tradução.

3 Elaboração do glossário bilíngue

A elaboração de um glossário bilíngue pode parecer uma tarefa despreziosa: escolhem-se os termos que comporão esse glossário e procuram-se correspondentes na outra língua. No produto final, geralmente, é isso que vê o consulente, mas, nos “bastidores”, uma série de fatores precisam ser pensados para que esse material de consulta cumpra, de fato, seu papel de auxiliar no processo tradutório.

Da mesma maneira que propõem princípios de avaliação de materiais terminológicos, Bevilacqua e Kilian (2017, p. 1710) oferecem uma lista de princípios para a elaboração desses materiais: i) delimitação da área e/ou subárea de conhecimento e tema; ii) definição dos usuários e da função da obra; iii) seleção dos textos que servirão como *corpus* para a coleta e seleção dos termos; iv) definição dos critérios para a seleção dos termos que compõem o material); v) definição das informações a serem dadas sobre as entradas e vi) definições das partes introdutórias e finais do material. A descrição da construção do glossário a seguir mostra como esses princípios foram seguidos, sendo que o resultado foi um produto que não só facilitará o trabalho do tradutor em termos de lhe oferecer soluções tradutórias, mas também o ajudará no desenvolvimento da subcompetência instrumental ao encorajá-lo a consultar o glossário em sua totalidade, não simplesmente as entradas individuais, que já trazem algumas diferenças se comparadas a glossários mais tradicionais.

3.1 Delimitação do objeto de estudo, de usuário e função do glossário

Ainda que a tradução de textos médicos venha sendo investigada academicamente de maneira crescente (ex. COLLET, 2012; COULTHARD, 2005; HANES, 2016; PASQUALI; PAIVA, 2013), as abreviaturas, identificadas durante a prática tradutória como sendo um problema de tradução, são pouco exploradas como objeto de pesquisa nos ET, ainda que sejam recorrentes no texto médico. A área da reumatologia foi escolhida por ter sido aquela com maior número de projetos de tradução a cargo da autora. Esses projetos, em sua maioria, tinham por objetivo facilitar o diálogo entre a indústria farmacêutica e órgãos públicos brasileiros, como, por exemplo, Ministério da Saúde, Sistema Único de Saúde (SUS), ANVISA, CONITEC. Há na área uma evidente necessidade de se encontrarem soluções para o tratamento de uma crescente população de pessoas afetadas por doenças

reumáticas¹², tratamentos esses validados por pesquisas científicas, que descrevem essas doenças e avaliam novas drogas. Assim, um glossário bilíngue de abreviaturas cobrindo essa área de especialidade seria de grande utilidade para tradutores ou outros profissionais do texto que lidam com textos médicos.

3.2 Seleção dos textos e construção do *corpus* de estudo

A Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2002, 2004; BIBER, 1993; MCENERY; HARDIE, 2012; O'KEEFFE; MCCARTHY, 2010; TAGNIN, 2002) vem emprestando seus princípios e metodologia para várias pesquisas em tradução¹³, tendo sido Baker (1993; 1995) a pioneira na aplicação desses princípios e metodologia nos ET, o que deu origem ao que hoje conhecemos como Estudos de Tradução baseados em *Corpus* (BAKER, 1993, 1995; OLOHAN, 2004; TIMOCZKO, 1998). Baker (1995) define *corpus* como sendo uma

coleção de textos armazenados em formato digital que podem ser analisados automática ou semiautomaticamente de várias maneiras [...], um *corpus* pode incluir um grande número de textos de diferentes fontes, de vários autores e falantes e sobre diversos tópicos. O mais importante é que seja construído para um propósito específico seguindo critérios explícitos de desenho a fim de garantir que seja representativo da área ou da amostra de língua que pretende estudar. (BAKER, 1995, p. 225, tradução minha)¹⁴.

¹² Segundo o Ministério da Saúde, em 2011 as doenças reumáticas já acometiam 12 milhões de brasileiros.

¹³ Basta uma busca nas bases de dados de universidades e de periódicos especializados para constatar tal asserção. A *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, dedicou uma de suas edições especiais ao tema: *Corpus Use and Learning to Translate, almost 20 years on*, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/2383/showToc>

¹⁴ “collection of texts held in machine readable form and capable of being analysed automatically or semi-automatically in a variety of ways [...], a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics. What is important is that it is put together for a particular purpose and according to explicit design criteria in order to ensure that it is representative of the given area or sample of language it aims to account for” (BAKER, 1995, p. 225).

Como um dos objetivos da pesquisa na qual se insere a construção do glossário é observar o padrão tradutório das abreviaturas, construiu-se um *corpus* paralelo (coleção de textos originais em língua A e suas traduções em língua B) com 246 textos escritos originalmente em português (605.839 palavras) e suas respectivas traduções em língua inglesa¹⁵ (582.371 palavras) extraídos da *Revista Brasileira de Reumatologia*¹⁶. Construiu-se também um *corpus* comparável¹⁷ com 246 textos escritos originalmente em língua inglesa (604.354) da revista *Rheumatology*¹⁸. Todos os textos foram publicados em suas respectivas plataformas entre 2009 e 2012. Ambas as revistas são especializadas na área da reumatologia e todos os artigos são submetidos à avaliação por pares, o que os torna periódicos confiáveis.

Em relação à representatividade do *corpus*, seguimos a orientação de Baker (1995), segundo a qual o importante é que um *corpus* seja representativo da área (reumatologia). Koester (2010) também destaca a representatividade do *corpus* e seu desenho. Para o autor, não há um tamanho ideal para um *corpus*, pois os resultados dependem de seu conteúdo e do que está sob investigação. Além disso, aponta que “*corpora* mais especializados têm uma vantagem distinta: permitem uma relação bem mais próxima entre o *corpus* e os contextos em que os textos no *corpus* foram produzidos” (KOESTER, 2010, p. 67, tradução minha)¹⁹. Ao delimitar a busca por abreviaturas na área da reumatologia e extraí-las de revistas especializadas na área, acredito ter atingido representatividade. A tabela 1 mostra um resumo dos dados quantitativos dos *corpora*.

¹⁵ Os textos de partida tiveram de ser os textos em língua portuguesa, pois é possível encontrar uma quantidade considerável de textos acompanhados de traduções para o inglês; já o oposto é praticamente inexistente.

¹⁶ https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0482-5004&lng=en

¹⁷ *Corpora* comparáveis podem ser i) monolíngues: coleção de textos originais em língua A e textos traduzidos em língua A ou ii) bilíngues: coleção de textos originais em língua A e textos originais em língua B. Na presente pesquisa, os textos usados no *corpus* paralelo também fazem parte do comparável, visto que podem ser comparados entre si.

¹⁸ <http://rheumatology.oxfordjournals.org/content/by/year>

¹⁹ “more specialised corpora have a distinct advantage: they allow a much closer link between the corpus and the contexts in which the texts in the corpus were produced” (KOESTER, 2010, p. 67).

Tabela 1 - Corpus de estudo

	<i>Corpus paralelo</i> <i>Revista Brasileira de Reumatologia</i>		<i>Corpus comparável</i> <i>Rheumatology</i>
	Português	Inglês (traduções)	Inglês
Total de textos	246	246	246
Total de palavras	605.839	582.371	604.354

Fonte: elaborado pela autora

Em relação à definição dos critérios para a inclusão dos termos, foram selecionadas somente abreviaturas com dez ou mais ocorrências nos textos escritos em língua portuguesa. Ainda que sejam abreviaturas da área da reumatologia, não foram desprezadas aquelas que não são especificamente dessa área, pois, com o objetivo de facilitar o trabalho do tradutor, outras abreviaturas que, de alguma forma se relacionem à reumatologia também foram incluídas. Dessa maneira, o tradutor não precisará consultar mais de uma fonte quando estiver traduzindo. Há, por exemplo, 80 ocorrências de *HIV* (*Vírus da imunodeficiência humana*), que não é um vírus diretamente relacionado à reumatologia; entretanto, portadores desse vírus estão mais propensos a algumas doenças reumáticas²⁰. Assim, há uma probabilidade considerável de o tradutor de um texto em reumatologia ter que lidar com essa abreviatura.

Os textos do *corpus* paralelo foram processados com a ferramenta *ParaConc* (BARLOW, 2001), pois essa ferramenta permite que o pesquisador alinhe os textos das duas línguas e selecione os termos desejados. Contudo, é importante ressaltar que por vezes é necessário que o pesquisador faça ajustes manuais ao alinhamento, pois algumas características das traduções podem afetar a extensão dos segmentos, sobretudo devido a omissões ou adições. Uma sentença no texto de partida (TP), por exemplo, pode se tornar duas na tradução. Nesse caso, TP e TC não estariam alinhados porque cada linha abriga uma sentença, logo, enquanto o TP ocuparia somente uma linha, o TP ocuparia duas, o que obrigaria uma intervenção do pesquisador.

Uma vez que os textos foram alinhados, a ferramenta produziu uma lista de palavras por ordem de frequência (utilitário *frequency*). Essa lista nos permitiu buscar por candidatos a abreviaturas. Com esses candidatos em mãos, uma lista específica pôde ser gerada (armazenada na planilha *Excel*). Um total de 297 abreviaturas em português e seus

²⁰ <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/manifestacoes-reumaticas-relacionadas-ao-virus-da-imunodeficiencia-humana-aids/>

correspondentes em inglês foi coletado. A tabela 2 mostra uma lista das cinco abreviaturas mais frequentes desse *corpus*.

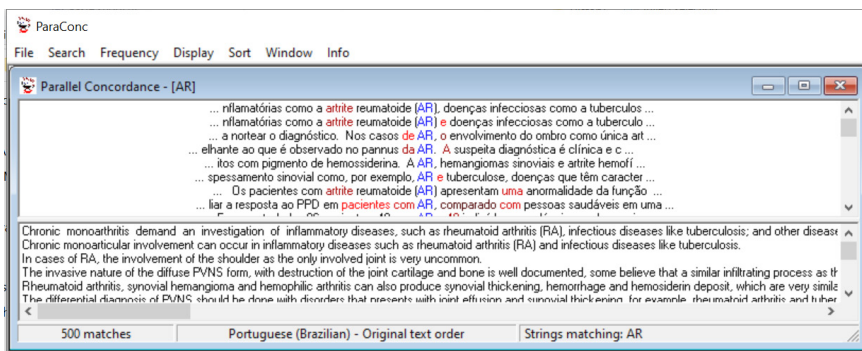
Tabela 2 - as cinco abreviaturas mais frequentes e correspondentes em inglês

1	Abrev. Português	Forma plena	Freq.	Abrev. inglês	Forma plena	Freq.
2	AR	Artrite Reumatoide	1279	RA	Rheumatoid Arthritis	1318
3	LES	Lúpus Eritematoso Sistêmico	1172	SLE	Systemic lupus erythematosus	1226
4	FR	Fator Reumatóide	378	RF	Rheumatoid Factor	317
5	ES	Esclerose Sistêmica	291	SSc	Systemic sclerosis	289
6	EA	Espondilite Anquilosante	288	AS	Ankylosing Spondylitis	265

Fonte: elaborado pela autora

Por meio do utilitário *search*, foi possível buscar qualquer uma das 297 abreviaturas para observar seus contextos de uso nas duas línguas, assim como suas formas plenas. A figura 1 mostra, na parte superior, algumas ocorrências da abreviatura *AR* (*artrite reumatoide*) e, na parte inferior, seu correspondente em inglês *RA* (*rheumatoid arthritis*)²¹.

Figure1 - Abreviatura *AR*



Fonte: *Search – ParaConc*

²¹ Um dos pontos fracos dessa ferramenta é o fato de que os correspondentes não aparecem destacados.

O uso do *corpus* paralelo facilitou a identificação das abreviaturas correspondentes em língua inglesa, suas formas plenas e os contextos em que se inserem. Além disso, também foi possível observar o padrão tradutório para esses elementos. Como pode ser visto na tabela 2 acima, o número de ocorrências entre as línguas difere. Isso ocorre porque esses elementos em tradução podem ser resolvidos de maneiras diferentes. Podem ser, por exemplo, omitidos, adicionados, ou substituídos por formas plenas. Ademais, como já mencionado, embora possa haver uma tendência em se manter abreviaturas em língua inglesa, (FRANCO-AIXELÁ, 2009), uma porcentagem significativa das abreviaturas do *corpus* (40%) possui forma em língua portuguesa. Os textos alinhados facilitam a visualização dessas diferenças em tradução²².

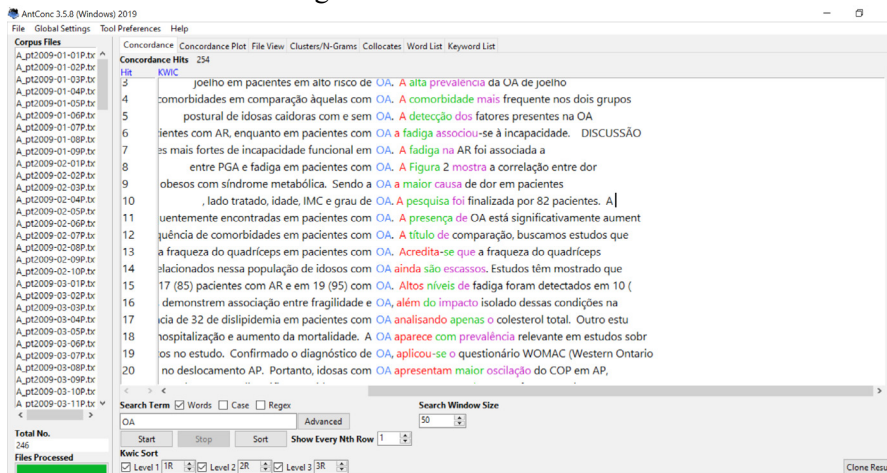
Embora essa ferramenta tenha cumprido seu papel no que diz respeito ao alinhamento dos textos e à seleção das abreviaturas, na segunda etapa da pesquisa (um segundo glossário na área da cardiologia já está em construção), passamos a utilizar a ferramenta de livre acesso *AntPconc* (ANTHONY, 2017), que além de ser mais prática, tem a vantagem de ter sido criada pelo mesmo desenvolvedor da ferramenta *AntConc* (ANTHONY, 2019), também utilizada no processamento dos *corpora*, havendo, assim, mais compatibilidade entre as ferramentas usadas.

Depois da extração das abreviaturas em português e seus correspondentes em inglês utilizando o *ParaConc*, todos sub-*corpora* foram processados pelo *AntConc*. Os textos do *corpus* paralelo tiveram que ser salvos em uma outra codificação²³ para serem processados nessa ferramenta. Ainda que seja possível selecionar contextos no *ParaConc*, usamos o *AntConc* para a seleção dos contextos que foram incluídos no glossário, visto ter essa ferramenta uma interface mais amigável e intuitiva. Para buscar uma abreviatura e seu contexto, por exemplo, basta inserir a abreviatura desejada no campo de busca do utilitário *concordance*, para que a ferramenta exiba todas as ocorrências daquela abreviatura. A figura 2 mostra a busca pela abreviatura *OA* (*Osteoartrite*). Chamamos a atenção para o fato de que na figura aparecem outras abreviaturas (*AR*, *PGA*, *IMC*, *AP*, *WOMAC*, *COP*), o que corrobora a asserção feita anteriormente da recorrência de formas abreviadas em texto médicos.

²² As estratégias de tradução usadas para essas abreviaturas serão discutidas em outro trabalho.

²³ O *ParaConc* requer que textos sejam salvos em formato ANSI, e o *AntConc* em UTF-8.

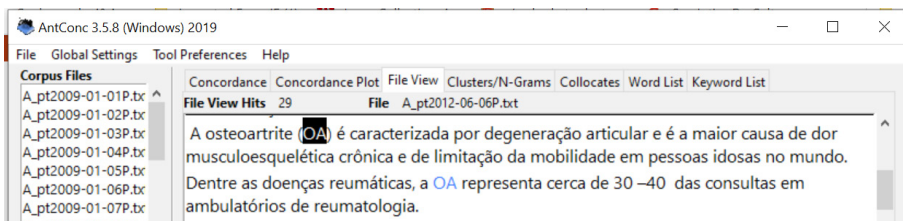
Figura 2 - Abreviatura OA



Fonte: Concordance – AntConc – sub-corpus português

A partir da lista com as ocorrências de uma determinada abreviatura, basta clicar na abreviatura para que se amplie o contexto em que ela está inserida. Assim, pode-se escolher o contexto mais apropriado para ser usado. A figura 3 mostra o contexto utilizado no glossário para a abreviatura OA. O mesmo processo foi feito para se buscar o contexto no *corpus* de textos traduzidos.

Figura 3 - Contexto OA

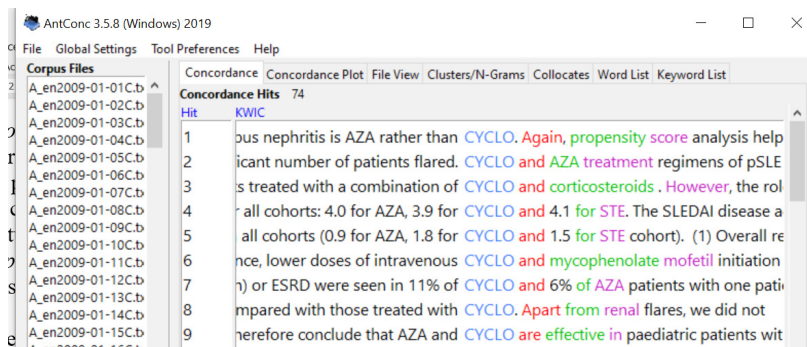


Fonte: Concordance – AntConc – sub-corpus português

O *corpus* comparável (de textos escritos originalmente em língua inglesa) foi construído para validar os resultados encontrados no *corpus* paralelo. Utilizando a ferramenta *AntConc*, uma busca por todos os correspondentes em línguas inglesa identificados no *corpus* paralelo foi feita no comparável para verificarmos o padrão de uso. O correspondente

em língua inglesa da abreviatura para a droga *ciclofosfamida* (*CFM*), por exemplo, aparece como *CPM* (*cyclophosphamide*) em textos traduzidos. No entanto, no *corpus* comparável, somente as abreviaturas *CYCLO* e *CYC* aparecem (74 e 55 ocorrências respectivamente), ou seja, *CPM* foi criada em tradução. No glossário, apenas a abreviatura *CYCLO* foi oferecida como correspondente de *CFM*, e *CYC* aparece como uma segunda opção. A fig. 4 mostra algumas ocorrências da abreviatura *CYCLO* no *corpus* de língua inglesa.

Figura 4 - Abreviatura *CYCLO*



Fonte: *Concordance – AntConc – sub-corpus* inglês

Também há casos de abreviaturas que aparecem nos textos traduzidos, mas que não aparecem no *corpus* de textos escritos originalmente em língua inglesa, nem mesmo em sua forma plena. Nesses casos, foi preciso “sair do *corpus*” e procurar as abreviaturas em textos especializados na internet, como foi o caso da abreviatura *APS* (*antiphospholipid antibody syndrome*). Embora não tenha sido encontrada no *corpus* de estudo, em busca pela internet, verificou-se que é uma abreviatura de uso corrente, tendo sido, assim, incluída no glossário. É importante mencionar que foi estabelecido o critério de somente consultar páginas de associações e instituições médicas, ou seja, especializadas, quando o *corpus* comparável não ofereceu nenhuma abreviatura ou forma plena que correspondesse àquela do *corpus* paralelo. A figura 5 mostra a abreviatura *APS* no site do *American College of Rheumatology*.

Figura 5 - APS (*antiphospholipid antibody syndrome*)

Antiphospholipid antibody syndrome (commonly called antiphospholipid syndrome or APS) is an autoimmune disease present mostly in young women. Those with APS make abnormal proteins called antiphospholipid autoantibodies in the blood. This causes blood to flow improperly and can lead to dangerous clotting in arteries and veins, problems for a developing fetus and pregnancy miscarriage. People with this disorder may otherwise be healthy, or they also may suffer from an underlying disease, most frequently systemic lupus erythematosus (commonly called *lupus* or SLE).

APS affects women five times more commonly than men. It is typically diagnosed between the ages of 30 and 40. While up to 40% of patients with SLE will test positive for the anti-phospholipid autoantibodies, only half will develop thrombosis and/or experience miscarriages. Like most autoimmune disorders, APS has a genetic component, although there is not a direct transmission from parent to offspring.

+ What is Antiphospholipid Syndrome (APS)?

Fonte: site do *American College of Rheumatology*²⁴

A análise também nos mostrou que a ausência de correspondentes em língua inglesa para algumas das abreviaturas encontradas nos textos em português indicam o não uso de formas reduzidas. Por exemplo, não foi encontrada no *corpus* uma forma reduzida correspondente para *TCLE* (*Termo de consentimento livre e esclarecido*), documento que precisa ser assinado pelo paciente como consentimento para procedimentos diagnósticos e terapêuticos, mas foram encontradas as colocações: i) *written consent*: “*The study was approved by the Trent Research Ethic Committee (REC) and **written consent** was obtained from the patients*”; ii) *informed written consent*: “*Ethics committee approval (Southampton and SW Hampshire Ethics Committee) was obtained, and all participants gave **informed written consent***” e iii) *written informed consent*: “*The study was approved by the local research ethics committee and Research and Development Directorate and all participants gave **written informed consent***”. (cf. sub-corpus em língua inglesa, grifo meu). Em casos como esse, não foi criada uma entrada no glossário em língua inglesa, e uma nota foi adicionada na entrada para *TCLE* indicando esse padrão.

3.3 Base de dados

Uma vez que as abreviaturas foram coletadas, sua adequação para inclusão no glossário avaliada e seus correspondentes validados,

²⁴ <https://www.rheumatology.org/I-Am-A/Patient-Caregiver/Diseases-Conditions/Antiphospholipid-Syndrome>

elas foram incluídas na base de dados, que estará em breve disponível *on-line* para consulta livre. Todas as entradas possuem os seguintes campos:

Língua: o consulente pode escolher a língua de busca na página principal;

Forma por extenso: quando nenhuma forma plena foi encontrada no *corpus*, inseriu-se *n/e* (não encontrada) nesse campo. Além disso, uma nota sobre essa ausência foi adicionada à ficha de entrada. Contudo, na mesma nota, a forma plena, retirada de sites especializados da internet, foi oferecida ao consulente a título de informação;

Contexto: exemplo de como a abreviatura é usada na língua selecionada em sentenças retiradas dos *corpora* de estudo. Deu-se preferência a contextos definitórios, mas nem sempre isso foi possível. Cada artigo recebeu um código, sendo que esse código aparece em todos os contextos usados no glossário. Caso o consulente queira ver mais detalhes, poderá recorrer ao artigo de onde se extraiu o contexto;

Outras formas: este campo é usado para registrar variações morfosintáticas de algumas abreviaturas;

Ver também: apresenta outras abreviaturas que tenham alguma ligação com a abreviatura buscada. As interleucinas (*IL*), por exemplo, são acompanhadas de diferentes números (ex. *IL-2*; *IL-4*; *IL-06*); assim, em cada uma dessas entradas, as outras abreviaturas aparecem nesse campo. Nele também foram incluídas abreviaturas que são usadas para formas plenas diferentes, como é o caso de *DM* (*dermatomiosite/diabetes mellitus* - *DM¹* e *DM²* respectivamente);

Abreviatura em (a outra língua): o consulente pode clicar nesse campo para visualizar a entrada na outra língua;

Notas: em algumas entradas, incluíram-se notas que destacam particularidades de certas abreviaturas, como é o caso da ausência de forma plena, como mencionado acima, ausência de correspondente em língua inglesa etc.

A partir da página principal do glossário, o consulente poderá fazer a busca por palavra (abreviatura) ou por ordem alfabética. A figura 6 mostra uma das páginas para a letra C. Basta o consulente clicar na abreviatura desejada para visualizar a ficha completa.

Figura 6 - procura por ordem alfabética – letra C



Fonte: glossário bilíngue – inglês

A figura 7 mostra a entrada da abreviatura *ANTI-HBC*, para a qual não foi encontrada uma forma plena, assim, uma nota foi adicionada no final da ficha.

Figura 7 - entrada *ANTI-HBC*

Fonte: glossário bilíngue – português

A figura 8 mostra a abreviatura em língua inglesa *CYCLO*, forma abreviada da droga *cyclophosphamide*, para a qual uma segunda forma, *CYC*, também foi oferecida.

Figura 8 - entrada CYCLO

ABREVIATURA: CYCLO

Língua: Inglês

Forma por extenso:
Cyclophosphamide

Contexto:
Class IV nephritis includes corticosteroids and another immunosuppressive agent, most commonly **cyclophosphamide (CYCLO)**. (A_en2009-02-09C)

Outras formas:
CYC

Contexto:
Standard treatment for induction of remission in WG consists of therapy with **cyclophosphamide (CYC)** and corticosteroids. (A_en2009-04-17C).

Abreviaturas(s) em Português :
CFM, Ciclofosfamida

[Anterior](#)
[Busca por Abreviatura](#)
[Busca alfabética](#)

Fonte: glossário bilíngue – inglês

Além das entradas, o consulente terá acesso a um breve texto de apresentação do projeto, com informações sobre o arcabouço teórico-metodológico seguido, a equipe envolvida na pesquisa e referências bibliográficas. Nessa página há um *link* para um guia de uso, que explica cada um dos campos do glossário e como usá-lo. Acesso também será dado aos catálogos que foram construídos para cada um dos *sub-corpora*, que foram reunidos por ano de publicação. Como mencionado anteriormente, cada contexto usado no glossário é seguido de um código (cf. fig. 5 e 6), que identifica cada um dos artigos que compõem os *corpora*. No catálogo, além desse código, o consulente encontrará os nomes de autores, títulos, fontes e respectivos *links*, caso ele queira acessar o artigo na íntegra. O quadro 1 mostra os detalhes de um dos artigos usados, tanto do texto escrito originalmente em português quanto sua tradução em língua inglesa.

Quadro 1 - catálogo de artigos da *Revista Brasileira de Reumatologia*, 2009

Código	Autor, título e fonte	Disponível em
A_pt2009-01-02P	Ana Karla Guedes de Melo; Alessandra Barbosa Avelar; Flávia Kamy Marciel Maegawa; Branca Dias Batista de Souza <i>Avaliação de 100 pacientes com nefrite lúpica acompanhados por dois anos</i> Rev. Bras. Reumatol. vol.49 no.1 São Paulo jan./fev. 2009	http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/02.pdf (acesso em 15 de maio de 2018)
A_en2009-01-02P	Ana Karla Guedes de Melo; Alessandra Barbosa Avelar; Flávia Kamy Marciel Maegawa; Branca Dias Batista de Souza <i>Analysis of 100 patients with lupus nephritis followed up for 2 years</i> Rev. Bras. Reumatol. vol.49 no.1 São Paulo jan./fev. 2009	http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/en_02.pdf (acesso em 15 de maio de 2018)

Fonte: elaborado pela autora

Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi descrever a elaboração de um glossário bilíngue de abreviaturas da área da reumatologia, que servirá como fonte de referência, sobretudo a tradutores, criado a partir da constatação da escassez de material dessa natureza. Ademais, ao discutir a relação entre a elaboração desse glossário e o desenvolvimento da subcompetência instrumental (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009), que se refere ao conhecimento e habilidades em usar fontes de documentações e recursos tecnológicos, acredito ter evidenciado a importância de se criar material que, de fato, possa contribuir para o desenvolvimento dessa subcompetência. Como nos lembra Bevilacqua e Kilian (2007), não basta que o tradutor tenha material de consulta a sua

disposição; ele também precisa ter critérios para escolhê-lo e saber usá-lo. Nesse sentido, o glossário aqui apresentado não só facilita o trabalho do tradutor, mas também o convida a conhecer alguns dos aspectos de sua construção. Evidentemente, há um sem-número de glossários bilíngues disponíveis para consulta *on-line*, mas é preciso que cada vez mais se crie material especializado pensando mais em quem usará esse material e para qual finalidade. Além disso, ao oferecer elementos adicionais às tradicionais entradas, estar-se-á contribuindo para que os tradutores se habituem a avaliar a adequação desses materiais seguindo critérios claramente definidos. Ao fornecer esses critérios aos consulentes, talvez se estejam estabelecendo padrões de qualidade que tradutores poderão buscar em outros materiais que venham a consultar.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard pela leitura do artigo e sugestões e à agência de fomento PROBIC-FAPERGS-UFRGS pela concessão de bolsas de Iniciação Científica às discentes que participaram do projeto.

Referências

- ALVES, F. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 185-209, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6481/5975>. Acesso em: 02 out. 2020.
- ANTHONY, L. *AntConc*. Versão 3.5.8. Tóquio: Waseda University, 2019.
- ANTHONY, L. *AntPConc*. Versão 1.2. Tóquio: Waseda University, 2017.
- AZENHA, J. Jr. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- AZENHA, J. Jr. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-148, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5083/4542>. Acesso em: 02 out. 2020.
- BAKER, M. Corpora in Translation Studies. An overview and suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995. DOI: 10.1075/target.7.2.03bak

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (orgs.). *Text and Technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BARLOW, M. *ParaConc*. Versão 1.0. Houston: Athelstan, 2001.

BERBER SARDINHA, A. P. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manola, 2004.

BERBER SARDINHA, A. P. Corpora Eletrônicos na Pesquisa em Tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 15-59, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5980/5684>. Acesso em: 02 out. 2020.

BEVILACQUA, C.; KILIAN, C. Tradução e terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 5, p.1707-1726, 2017. DOI: 10.14393/DL32-v11n5a2017-17

BIBER, D. Representativeness in corpus design. *Literary and Linguistic Computing*, Oxford, v.8, n.4, p. 243-257, 1993. DOI: 10.1093/lc/8.4.243

COLLET, T. *Procedimentos tradutórios na legendagem de house: análise da terminologia médica referente a exames e aparelhos*. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PGET0122-D.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

COULTHARD, R. J. *The application of corpus methodology to translation: the JPED parallel corpus and the pediatrics comparable corpus*. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PGET0003.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

ESQUEDA, M.D.; SILVA, I.A.; STUPIELLO, E.N. Examinando o uso dos sistemas de memória de tradução na sala de aula de tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 160-184, 2017. DOI: 10.5007/2175-7968.2017v37n3p160

FRANCO-AIXELÁ, J. An overview of interference in scientific and technical translation. *The Journal of Specialised Translation*, Roehampton, n. 11, p.75-88, 2009. Disponível em: https://jostrans.org/issue11/art_axela.php. Acesso em: 02 out. 2020.

HANES, W.F. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz from the age of empire to the post-Gutenberg world: lingua franca and the culture of tropical medicine*. 2016. 357 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0308-T.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015a.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Guía didáctica. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015b.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A., MAGALHÃES, C., ALVES, F. (orgs.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 19-57.

HURTADO ALBIR, A. ; ALVES, F. Translation as a cognitive activity. In: MUNDAY, J. *The Routledge companion to translation studies*. Oxon: Routledge, 2009. p. 54-73.

KELLY, D. *A Handbook for translators trainers*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2012.

KENNY, D. CAT Tools in an academic environment: what are they good for? *Target*, Amsterdam, v. 11, n. 1, p. 65-82, 1999. DOI: 10.1075/target.11.1.04ken

KIRALY, D. *Pathways to translation. Pedagogy and process*. Kent: The Kent State University Press, 1995.

KOESTER, A. Building small specialised corpora. In: O'KEEFFE, A. ; MCCARTHY, M. (eds.). *The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. London: Routledge, 2010. p. 66-79.

MCENERY, T; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

NOGUEIRA, D.; NOGUEIRA, V.M. Por que usar programas de apoio à tradução? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 17-35, 2004. DOI: 10.5007/1980-25X

O'KEEFFE, A. ; MCCARTHY, M. (eds.). *The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. London: Routledge, 2010.

OLOHAN, M. *Introducing Corpora in Translation Studies*. London: Routledge, 2004.

NORD, C. *Text analysis in translation*. Amsterdam: Rodopi, 1991.

PACTE. Results of the Validation of the Pacte Translation Competence Model: Acceptability and Decision Making. *Across Languages and Cultures*, Budapest, v. 10 n. 2, p. 207-230, 2009. DOI: 10.1556/Acr.10.2009.2.3

PASQUALI, A.B; PAIVA, P.T.P. A tradução de resumos médicos como meio de aprendizagem do processo tradutório e da terminologia especializada. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 09, n. 2, p. 25-49, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122603>>. Acesso em: 02 out. 2020.

PYM, A. Redefining translation competence in an electronic age. In defence of a minimalist approach. *Meta: Translators' Journal*, Montreal , v. 4, n. 48, p. 481-497, 2003. DOI: 10.7202/008533ar

SCHÄFFNER, C. Running before walking? Designing a translation programme at undergraduate level. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (eds.). *Developing translation competence*. Birmingham: Benjamins, 2000. p. 143-156.

SILVA, M. M.; PAPARELLI, G. V. O uso de corpus paralelo e comparável para descrever padrões de uso na tradução de abreviaturas e acrônimos de termos médicos. In: FINATTO, M.J.; REBECHI, R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. (orgs.). *Linguística de corpus : perspectivas*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 323-339.

SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Editora SBS, 2008.

TAGNIN, S. E. O. Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 9, p.191-219, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5986/5690>. Acesso em: 02 out. 2020.

TYMOCZCO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. *Meta*, Montreal, v. 43, n. 4, p.652-660, 1998. DOI: 10.7202/004515ar



Diferencias en la complejidad sintáctica y diversidad léxica de enunciados con distinta función pragmática en el habla dirigida a bebés argentinos

Differences in the syntactic complexity and lexical diversity of utterances with different pragmatic function in the speech addressed to Argentine babies

María Laura Ramírez

Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Psicología Matemática y Experimental (CIIPME), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Ciudad Autónoma de Buenos Aires / Argentina

ramirezlaura91@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4511-9801>

Maia Julieta Migdalek

Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Psicología Matemática y Experimental (CIIPME), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Ciudad Autónoma de Buenos Aires / Argentina

maiamig@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2794-4218>

Celia Renata Rosemberg

Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Psicología Matemática y Experimental (CIIPME), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Ciudad Autónoma de Buenos Aires / Argentina

crrosem@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5343-5652>

Resumen: Numerosos trabajos han estudiado las características lingüísticas e interactivas en el habla dirigida al niño (HDN) en tanto pueden incidir en el desarrollo del lenguaje infantil (HOFF-GINSBERG, 1986). Sin embargo, han sido muy pocos los estudios que han atendido a la relación entre estas propiedades del HDN, distintos teóricos han comenzado a enfatizar en la importancia de abordar el estudio del input lingüístico de modo multidimensional (ROWE; SNOW, 2020). Con el objetivo de atender a este vacío en la literatura, este trabajo analiza la relación entre las propiedades interactivas y las propiedades lingüísticas del habla dirigida al niño. Para esto, se estudia la diversidad léxica y la complejidad sintáctica de enunciados con distintas funciones pragmáticas en el habla dirigida a 40 niños y niñas viviendo en el Área Metropolitana de Buenos Aires. Los resultados mostraron que los comentarios presentaban una mayor complejidad sintáctica y mayor diversidad léxica que los pedidos de acción y los pedidos de respuesta verbal. A su vez, los pedidos de acción se caracterizaban por un vocabulario más diverso que los pedidos de respuesta verbal. Las medidas de efecto del análisis de varianza, dan cuenta de que la función pragmática de los enunciados explica un porcentaje mayor de la varianza para la diversidad léxica que para la complejidad de los enunciados.

Palabras clave: función pragmática; diversidad léxica; complejidad sintáctica; entorno lingüístico; habla dirigida al niño.

Abstract: Several studies have analysed the linguistic and interactive characteristics of child-directed speech (HDN) as they can influence children's linguistic development (HOFF-GINSBERG, 1986). However, very few studies have addressed the relationship between these properties of HDN, different theorists are starting to emphasize the importance of approaching the study of linguistic input in a multidimensional way (ROWE; SNOW, 2020). In order to address this gap in the literature, this work analyzes the relationship between the interactive properties and the linguistic properties of child-directed speech. To this end, the lexical diversity and syntactic complexity of sentences with different pragmatic functions in speech addressed to 40 children living in the Metropolitan Area of Buenos Aires are studied. Results showed that comments presented greater syntactic complexity and greater lexical diversity than action requests and verbal response requests. Requests for action were characterized by a more diverse vocabulary than requests for verbal response. The effect measures of the variance's analysis show that the pragmatic function of the utterances explains a higher percentage of the variance for lexical diversity than for syntactic complexity of the utterances.

Keywords: pragmatic function; lexical diversity; syntactic complexity; linguistic environment; child-directed speech.

Recebido em 18 de junho de 2021

Aceito em 09 de agosto de 2021

1 Introducción¹

El desarrollo del lenguaje infantil ha sido y continúa siendo un área de sumo interés que da lugar a múltiples interrogantes en la investigación psicolingüística; muchos de ellos motivados por las diferencias que con frecuencia se señalan en el desempeño de niños y niñas en una variedad de dimensiones del lenguaje (FERNAND; MARCHMAN; WEISLEDER, 2013; HART; RISLEY, 1995; RODRÍGUEZ; TAMIS-LEMONDA, 2011). En tanto este desarrollo constituye un proceso que se produce de modo situado (TOMASELLO, 2003), buena parte de los interrogantes atienden a la compleja interrelación entre el niño y su entorno, ¿Qué papel juega el entorno de crianza infantil en el desarrollo del lenguaje de los niños? ¿Qué aspectos del entorno tienen un mayor peso? ¿En qué medida inciden en el desarrollo lingüístico infantil las interacciones en las que el niño participa y cuál es el impacto de las propiedades específicamente lingüísticas en este desarrollo? ¿Cómo se relacionan entre sí las características interactivas y lingüísticas que caracterizan el habla a las que los niños y niñas están expuestos en sus hogares y en su comunidad?

La complejidad del entorno en el que los niños se encuentran día a día y en el cual comienzan a convertirse en hablantes de su lengua materna es sumamente rico y difícil de aprehender. En las actividades cotidianas que los niños comparten con sus familiares y otras personas cercanas en el hogar, el jardín maternal y otros ámbitos comunitarios, no se encuentran con frases dichas fuera de contexto sino inmersas en el marco de conversaciones, rutinas e interacciones sociales. El niño se vale de una serie de capacidades generales (TOMASELLO, 2003) para, a partir del lenguaje que configura la textura de su vida cotidiana (ROSEMBERG; ALAM; STEIN, 2014), progresivamente desarrollar sus habilidades comunicativas y lingüísticas.

Con el objetivo de comprender la complejidad del entorno en el que niños y niñas crecen como miembros de una comunidad y hablantes de una lengua, la investigación ha debido segmentar y aislar distintas variables que se asume pueden incidir en el lenguaje infantil. Así, entre los estudios abocados a caracterizar el input lingüístico al que los niños se hallan expuestos, Rowe (2018) basándose en

¹ Esta investigación constituye un avance del trabajo de tesis de Maestría en Psicología Cognitiva y Aprendizaje de FLACSO-Argentina y la Universidad Autónoma de Madrid de la primera autora bajo la dirección de la tercera y codirección de la segunda autora.

Cartmill (2016) ha distinguido los estudios centrados en las cualidades lingüísticas del habla dirigida al niño (HDN) de aquellos centrados en las cualidades interactivas. Dentro de las cualidades lingüísticas se engloban características como la diversidad y cantidad de vocabulario, el empleo de formas interrogativas y la estructura oracional. Todas ellas constituyen una fuente a partir de la cual los niños aprenden la lengua de su comunidad. Por su parte, dentro de las cualidades interaccionales se encuentran la forma en que el lenguaje es empleado en el marco de la interacción social, en el contexto de rutinas, actividades y juegos. Si bien muchas veces estos aspectos son tomados como externos al lenguaje, Cartmill (2016) señala que deben ser entendidos como el entramado en el marco del cual el lenguaje tiene lugar.

Retomando parcialmente esta idea, Rowe y Snow (2020) enfatizan la importancia de abordar el estudio del input lingüístico que los cuidadores dirigen a los niños de modo multidimensional, atendiendo tanto a las características lingüísticas como a las interaccionales y deslindándolas con fines analíticos. Esto hace posible ponderar cómo afectan separada o conjuntamente distintos aspectos del desarrollo lingüístico infantil. En línea con estos planteos, en este trabajo nos proponemos atender a ambos tipos de características. En particular, analizaremos la diversidad léxica y la complejidad sintáctica de enunciados dirigidos a niños que en las interacciones de la vida cotidiana son realizadas con distintas intenciones comunicativas (pedidos de acción, pedidos de respuesta verbal y comentarios). Con este objetivo, primero revisaremos las investigaciones previas sobre el input lingüístico en las interacciones tempranas, para luego presentar los interrogantes específicos de este trabajo.

2 Entre la interacción y la estructura. Breve recorrido sobre el estudio de las variables lingüísticas e interactivas en el habla dirigida al niño (HDN)

Partiendo de la idea de que el habla que los niños escuchan en su vida cotidiana puede influir en el desarrollo del lenguaje infantil, diversos estudios se han ocupado de caracterizar el entorno lingüístico en los hogares. Sus resultados han proporcionado evidencias de la importancia tanto de la cantidad como de las cualidades del habla a la que los niños acceden tempranamente en su entorno (HART; RISLEY, 1995; HOFF,

2003, 2006; HUTTENLOCHER *et al.*, 2002; KÜNTAY; SLOBIN, 2002; LIEVEN, 2010; ROWE, 2008; TOMASELLO, 2003; entre otras). Dentro de estas investigaciones, varios estudios han distinguido entre el habla dirigida al niño (HDN) y el habla que se produce a su alrededor pero que no está dirigida a él (CASILLAS *et al.*, 2017; ROSEMBERG *et al.*, 2020; SHNEIDMAN; GOLDIN MEADOW, 2012; SHNEIDMAN *et al.*, 2013; SODERSTROM; WITTEBOLLE, 2013; STEIN *et al.*, 2021). La evidencia obtenida hasta el presente indica que la cantidad de habla dirigida al niño (HDN) constituye un mejor predictor del desarrollo lingüístico que el habla no dirigida a él y que el total del habla en su entorno (SHNEIDMAN *et al.*, 2013; SHNEIDMAN; GOLDIN MEADOW, 2012; WEISLEDER; FERNALD, 2013)

Entre los estudios que se han abocado al HDN un número importante de trabajos han estudiado aspectos específicamente lingüísticos, tales como la complejidad sintáctica, la diversidad léxica, y el tipo de palabras tanto para identificar diferencias entre grupos sociales y culturales (HUTTENLOCHER *et al.*, 2007; ROWE; PAN; AYOUB, 2005; SHNEIDMAN; GOLDIN-MEADOW, 2012) como para dar cuenta del impacto de estas características en el desarrollo del lenguaje infantil (para una revisión de investigaciones ver HOFF, 2006; PACE *et al.*, 2017). Así, por ejemplo, el estudio longitudinal de Huttenlocher *et al.* (2007) con niños de 14 meses de edad encontraron que las madres con mayor nivel de escolaridad producían una mayor cantidad de habla y sus enunciados eran sintácticamente más complejos, lo cual impactaba en la cantidad, diversidad, y estructuración sintáctica del lenguaje infantil. Otros trabajos también han observado cómo estas cualidades incidían en el desarrollo lingüístico temprano. Hoff y Naigles (2002) encontraron que la diversidad léxica pero por sobre todo la complejidad sintáctica, medida por el largo promedio de las emisiones (MLU) en el habla dirigida a los niños cuando tenían entre 18 y 23 meses de edad predecía el vocabulario infantil 10 semanas más tarde. En un estudio longitudinal entre los 14 y los 46 meses de edad, Huttenlocher *et al.* (2010) encontraron que tanto la diversidad en el vocabulario como medidas de complejidad sintáctica en el habla de los adultos en el marco interacciones diádicas predecía la diversidad del vocabulario infantil.

Dentro de los trabajos que se han abocado a aspectos interactivos, algunos se han enfocado en el análisis de la contingencia en las interacciones en el que el adulto o niño mayor identifica hacia dónde

está dirigida la atención del niño y habla sobre ello (MCGILLION *et al.*, 2017). En líneas con estos trabajos se ha planteado la relevancia de la responsividad para aludir a los comportamientos oportunos, contingentes y apropiados del cuidador dirigidos al niño (BORNSTEIN; TAMIS-LEMONDA, 1989; BORNSTEIN; TAMIS-LEMONDA; HAHN; HAYNES, 2008; TAMIS-LEMONDA; BORNSTEIN; BAUMWELL, 2001). Otros estudios han analizado cómo los episodios de atención conjunta entre el adulto y el niño en torno al objeto o evento sobre el cual están conversando pueden incidir en el desarrollo del lenguaje infantil (AKHTAR; DUNHAM; DUNHAM, 1991; CARPENTER *et al.*, 1998, HIRSH-PASEK *et al.*, 2015). Una tercera línea se ha enfocado en la función pragmática de los enunciados dirigidos al niño (HOFF-GINSBERG, 1986, 1991, 1998; ROWE; COOKER; PAN, 2004; ROWE, 2008; SNOW *et al.*, 1976).

En el marco de la última línea de investigación mencionada, algunos estudios se han focalizado especialmente en las diferencias entre grupos sociales y culturales. Estos trabajos asumen que estas diferencias entre grupos pueden contribuir a dar cuenta de disparidades en el desarrollo del lenguaje infantil (entre los trabajos más recientes en esta línea se encuentran los de ABELS; KILALE; VOGT, 2021; KUCHIRKO *et al.*, 2020; RAMÍREZ, *et al.*, 2019; VOGT; MASTIN; SCHOTS, 2015). Otros estudios han analizado el impacto de las distintas funciones pragmáticas en el desarrollo de las habilidades lingüísticas de los niños (MASTIN *et al.*, 2016).

Entre los trabajos centrados en diferencias sociales y culturales se destaca el análisis comparativo de Kuchirko *et al.* (2020). En este trabajo compararon el habla de madres migrantes afroamericanas, dominicanas y mexicanas en los EE.UU. Al observar la distribución de las emisiones con distinta función pragmática, encontraron diferencias entre los grupos según su procedencia cultural, pero también según la cantidad de años de residencia en el país. Mientras las madres latinas eran más propensas a usar habla regulatoria, los enunciados de las madres afroamericanas constituían en mayor medida invitaciones a participar de la conversación. En el caso de las madres latinas, este tipo de enunciados se incrementaban con los años de escolaridad y de residencia en el país.

Por su parte, dentro de los trabajos que se han abocado al análisis de la conexión entre las propiedades pragmáticas y el desarrollo del lenguaje infantil, se encuentra el estudio de Mastin *et al.* (2016).

Con el objetivo de estudiar el impacto de las emisiones dirigidas al niño con distinta función pragmática en el desarrollo del vocabulario infantil analizaron el entorno lingüístico en situaciones de comida. Sus resultados mostraron que la proporción de directivas que se les dirigía a los niños a los 18 meses predecía un vocabulario más reducido y mayores tiempos de procesamiento en tareas de reconocimiento de palabras a los 24 meses de edad. Por el contrario, la proporción de comentarios predecía un vocabulario más amplio y menores tiempos de procesamiento.

Algunos estudios han analizado simultáneamente ambos aspectos, lingüísticos e interaccionales, en el HDN considerándolos como aspectos separados que, de modo independiente cualifican el input lingüístico (HART; RISLEY, 1996; HOFF-GINSBERG, 1998; O'BRIEN; NAGLE, 1987; PAUL; ELWOOD, 1991; ROWE; COOKER; PAN, 2004; ROWE, 2008; SNOW *et al.*, 1976). Así por ejemplo, Rowe (2008) examinó en interacciones diádicas videograbadas en hogares de ingresos bajos y medios la relación entre distintas propiedades del habla dirigida al niño cuanto estos tenían 2.6 años y su vocabulario receptivo un año después. Para ello, atendió tanto a la intención comunicativa de los enunciados, en particular, la cantidad de directivas y de enunciados elicidores, como a características lingüísticas, específicamente, la diversidad léxica (VOCD), la complejidad sintáctica (MLU), la cantidad de palabras totales y de tipos distintos de palabras. Combinó estas cuatro medidas lingüísticas y la cantidad de directivas del HDN en una medida compuesta de calidad del input lingüístico. Sus resultados mostraron, por una parte, que los padres con niveles educativos más altos obtenían puntuaciones más altas en este compuesto (presentaban una menor proporción de directivas, mayor cantidad de habla, más compleja y diversa). Por otra parte, mostraron que estas medidas se relacionaban con los niveles de comprensión de vocabulario de los niños evaluada por medio de una prueba estandarizada.

Pese al número relativamente alto de trabajos que se han ocupado de las características del input lingüístico en los primeros años, son escasos los que han explorado la relación entre ambos aspectos interactivos y lingüísticos, al interior de las emisiones que se le dirigen al niño (HOFF-GINSBERG, 1986; ROSEMBERG *et al.*, 2020). Entre ellos cabe destacar el trabajo de Hoff-Ginsberg (1986) en el que analiza longitudinalmente la interacción en situaciones de juego libre de las que participaban 22 díadas compuestas por niños de 24 y 30 meses al

comienzo y sus madres. Los resultados mostraron que a pesar de que algunas formas de oración están altamente correlacionadas con ciertas funciones pragmáticas, estas relaciones entre las funciones pragmáticas y las propiedades estructurales del habla de las madres no eran perfectas. Sus resultados sugieren que las preguntas destinadas a elicitación de la conversación por parte de los niños eran sintácticamente más complejas que los enunciados destinados a direccionar el comportamiento infantil y a elicitación de la conversación sobre la emisión infantil previa. A su vez, identificó relaciones entre las propiedades estructurales y funcionales del habla materna y distintas cuestiones del desarrollo lingüístico infantil.

Más recientemente un trabajo de Rosemberg *et al.* (2020) se propuso estudiar si la composición del vocabulario (cantidad de sustantivos y verbos) del habla que niños argentinos de entre 8 y 20 meses escuchaban en sus hogares variaba, entre otras cosas, en función del nivel socioeconómico y de la orientación pragmática de las emisiones dirigidas o bien a comentar, preguntar sobre entidades o bien a dirigir las acciones infantiles. Sus resultados mostraron que la orientación pragmática de los enunciados junto con el nivel socioeconómico y el tipo de actividad que estaba teniendo lugar predecían la composición del vocabulario de los enunciados. En efecto, observaron que las probabilidades de escuchar más sustantivos que verbos aumentaba en los enunciados orientados a una entidad y disminuía en los enunciados orientados a la acción.

Estos estudios dan cuenta de la incidencia que la función pragmática de los enunciados puede tener sobre sus propiedades lingüísticas. En el siguiente trabajo nos proponemos ahondar en esta línea de investigación.

3 El presente estudio

En línea con la investigación previa revisada, este estudio se propone avanzar en el análisis de la relación entre las propiedades interactivas y las propiedades lingüísticas del habla dirigida al niño, analizando las características lingüísticas que textualizan los enunciados con distinta función pragmática. Con este objetivo, empleando el programa CLAN (Computerized Language Analysis), especialmente diseñado para el estudio del desarrollo del lenguaje infantil (MACWHINNEY, 2000), analizaremos un corpus de 40 audiograbaciones en los hogares de bebés argentinos de entre 8 y 20 meses de edad.

En particular, indagaremos en la diversidad léxica y la complejidad sintáctica que caracterizan emisiones dirigidas al niño con distinta función pragmática a fin de responder las siguientes preguntas:

- (1) ¿Existen diferencias significativas entre la diversidad léxica y la complejidad sintáctica de las distintas funciones pragmáticas en el habla dirigida a bebés argentinos?
- (2) ¿En qué medida la función pragmática de los enunciados dirigidos a los niños da cuenta de la diversidad léxica y complejidad sintáctica en sus interacciones cotidianas?

4 Metodología

4.1 Corpus

El corpus que se analiza en este trabajo se encuentra compuesta por las transcripciones de audio de 40 niños y niñas (edad media 13,6 (3,86) meses) y sus familias, residentes en el área metropolitana de Buenos Aires en interacciones cotidianas en sus hogares. Todas las familias tienen el español como idioma principal. Fueron extraídos de un corpus más amplio de grabaciones en el hogar de niños pertenecientes a familias socioeconómicamente diversas (Corpus: ROSEMBERG *et al.*, 2015-2016²). Este corpus longitudinal completo comprende datos de 59 niños (34 pertenecientes a familias de clase media universitaria que viven en barrios residenciales, y 25 de familias que viven en poblaciones urbanomarginadas o villas de emergencia). Para este trabajo se seleccionaron niños que cumplieran con los criterios de inclusión/exclusión referidos a nivel educativo y zona de residencia.

² Este corpus fue recolectado, transcrito y anotado en el marco de los proyectos PIP 80/2015 y PICT 2014/3327 otorgados a la Dra. Celia Rosemberg por el CONICET y FONCyT respectivamente. Parte de las transcripciones necesarias para la realización de este trabajo fueron posibles gracias al subsidio Patrice L. Engle Dissertation Grant for Global Early Child Development (2019) otorgado por la Society for Research in Child Development a la primera autora para la realización de su tesis doctoral.

4.1.1 Procedimiento de recolección de datos

Durante sesiones de cuatro horas sin la presencia de un observador, los niños usaron chalecos equipados con dispositivos digitales para grabar audio. Se les pedía a las familias que continuaran con su rutina de forma natural tal y como la habían planificado para aquel día. La grabación se realizó sin la presencia de un investigador con el objeto de resguardar la validez ecológica de los datos obtenidos.

El presente estudio se realizó de acuerdo con la normativa ética contemplada en la resolución de CONICET RD-20061211-2857, Argentina. La participación fue voluntaria y se contó con el consentimiento de las familias, quienes autorizaron la grabación de audio y las transcripciones con fines científicos.

4.2 Procesamiento y análisis de datos

4.2.1 Transcripción

De cada grabación de cuatro horas se transcribieron las segunda y tercera horas siguiendo el formato CHAT (Codes for the Human Analysis of Transcripts) desarrollado en el marco del proyecto CHILDES (Child Language Data Exchange System) que permite el procesamiento de los datos con el programa CLAN (MACWHINNEY, 2000). En caso de que el niño se durmiera en algún momento de esas 2 horas, debía compensarse el tiempo de siesta transcribiendo la misma cantidad de minutos de la primera o la tercera hora del audio, de esta manera se garantizaba que todas las transcripciones tuvieran la misma cantidad de horas de interacción. Los enunciados en un mismo turno de habla fueron segmentados cuando se cumplían dos de los siguientes tres criterios: tenía lugar una pausa de más de 2 segundos, los enunciados eran sintácticamente completos y tenía una curva entonacional distintiva (BERNSTEIN RATNER; BRUNDAGE, 2015).

A excepción de las emisiones del niño target, todos los enunciados se codificaron como habla dirigida al niño, habla no-dirigida al niño o habla dirigida a otro niño (hasta 5 años de edad). La identificación del destinatario de cada enunciado se basó en (i) su contenido semántico, (ii) señales contextuales, como la proximidad del participante al niño (inferido del volumen de su voz) y (iii) información proporcionada por

las familias sobre los participantes presentes. Cada transcripción fue realizada por un integrante del equipo o persona especialmente entrenada para estos fines y verificada su precisión ortográfica, la segmentación del enunciado y la codificación del destinatario por un segundo investigador o investigador asistente capacitado.

Para garantizar la precisión de la transcripción, cada transcripción se verificó utilizando la aplicación MOR del programa CLAN (MACWHINNEY, 2000). Esta aplicación se encuentra asociada a una gramática y un vocabulario específico por lengua e introduce una línea dependiente en las transcripciones. Esta línea contiene un análisis morfológico de cada línea de la transcripción. Adicionalmente, esta aplicación indica qué palabras no fueron reconocidas.

4.2.2 Codificación y medidas

4.2.2.1 Función pragmática

Para evaluar la intención comunicativa de los enunciados dirigidos al niño, la primera autora categorizó todas las emisiones utilizando un sistema de codificación adaptado de Snow *et al.* (1976) y Jackson-Maldonado, Peña y Aghara (2011) (Cuadro 1). A partir de debates entre las autoras del paper, este sistema fue ajustado inductivamente con los primeros análisis de los datos. Todas las dudas sobre la codificación fueron discutidas entre las tres autoras con el fin de lograr un criterio común. Una cuarta investigadora fue capacitada en el sistema de codificación y codificó el 10% de la muestra para evaluar la confiabilidad. Cohen Kappa indicó que la confiabilidad interobservador resultó sustancial ($k = .87$).

Cuadro 1 - Sistema de categoría empleado para analizar función pragmática

Categoría	Definición	Ejemplo
Pedido de acción	Enunciados orientados a direccionar el comportamiento o la atención del niño	Estando en el patio la mamá dice “¡Mirá hormiguitas!” “Levantá el pie.”

Pedido de respuesta verbal	Enunciados orientados a obtener una respuesta verbal por parte del niño sea esta específica o no.	Mientras juegan con animales de la granja la niñera le pregunta “¿Cómo hace la vaca?” “¿Cuál es tu animal preferido?”
Comentarios	Emisiones cuya función era brindar información o retroalimentación sobre una acción, hecho u objeto presente o no en el momento de la enunciación	Mirando por la ventana la mamá dice: “Está lloviendo mucho hoy.” “Ayer estaba soleado y nos metimos a la pile.”
Rituales Lingüísticos	Elementos lingüísticos verbales y no verbales que se utilizan en la vida cotidiana y van adquiriendo una función especializada en la conducta individual y las interacciones. Quedaron incluidas dentro de esta categoría las canciones, saludos o emisiones de cortesía.	Mientras le cambia el pañal la mamá le canta “la lechuza, la lechuza hace shh”

4.2.2.2 Diversidad léxica

Una vez codificados los enunciados se empleó la función COMBO para crear tres archivos por niño, cada uno conteniendo todos los enunciados de HDN con la misma intención comunicativa. Los rituales lingüísticos fueron excluidos de este análisis por tener una baja frecuencia en el habla dirigida al niño y no estar presentes en todas las transcripciones. De esta manera, se conformaron tres archivos por niño. Para analizar la diversidad léxica se emplearon dos medidas diferentes: *types* y *VOCD*. Para estimar los *types* (cantidad de *lexemas* distintos) se corrió el comando *FREQ* del *CLAN* sobre la línea de *mor* de forma que reconociera como un solo *lexema* derivados de la misma palabra (ej: “auto”, “autito”). Sin embargo, como esta medida es fuertemente sensible a la cantidad de enunciados, se midió adicionalmente un índice de diversidad léxica. Así, para la totalidad de los enunciados con

distinta función comunicativa producidos durante esas dos horas se obtuvo el índice de diversidad léxica D, mediante el programa VOCD del CLAN. Esta forma de estimación de la diversidad léxica tiene como ventajas que: i. no depende de la cantidad de palabras en la muestra al construir un muestreo aleatorio emplea toda la información disponible; (MACWHINNEY, 2000). Pese a estas ventajas, presenta como dificultad el hecho de que su cálculo debe realizarse en base a una cantidad mínima de input lingüístico; debido a ello no pudo ser estimado para todas los diversos tipos de función pragmática.

4.2.2.3 Complejidad sintáctica

Sobre estos mismos archivos creados con el comando COMBO, se empleó el comando MLU del CLAN para medir la complejidad sintáctica de los enunciados. De esta manera se obtuvo, un valor de complejidad sintáctica promedio para todos los enunciados con la misma función pragmática por niño.

4.3 Análisis estadísticos

Se realizaron distintas pruebas estadísticas con el programa *Jamovi* (THE JAMOVI TEAM, 2020). En primer lugar se realizó un análisis descriptivo de la muestra. En este se presentan los valores de diversidad léxica y de complejidad sintáctica para cada una de las funciones pragmáticas. En segundo lugar, a fin de responder a la primera pregunta acerca de si había diferencias significativas en los niveles de complejidad sintáctica y diversidad léxica de las distintas funciones pragmáticas se realizó un test de ANOVA para muestras dependientes únicamente sobre las medidas de MLU y VOCD. Se excluyó la medida *t* de este análisis por ser una medida fuertemente sensible al largo de la transcripción. Para poder responder a la segunda pregunta que busca dar cuenta de la medida en que la función pragmática explica las propiedades específicamente lingüísticas se reportó también el η_G^2 que constituye una medida del tamaño del efecto de la variable función pragmática sobre la varianza tanto de la complejidad sintáctica como de la diversidad léxica.

5 Resultados

A modo descriptivo se presentan las medias y la desviación estándar de las distintas medidas estudiadas por cada función pragmática (Tabla 1). Es importante aclarar que la diferencia en el N reportado para el VOCD se debe a que este programa a fin de poder generar muestras aleatorias para el análisis de la diversidad léxica requiere de una cantidad mínima de enunciados, este requisito no se cumplió para todas las funciones pragmáticas de todos los niños.

Tabla 1 - Media y desviación estándar reportados para cada función pragmática

Función pragmática	MLU			Types			VOCD		
	N	Media	SD	N	Media	SD	N	Media	SD
Comentario	40	4.96	1.15	40	105	56.5	35	46.1	15.3
Pedido de acción	40	4.03	1.01	40	115	84	39	29.4	3.36
Pedido de respuesta verbal	40	3.93	0.74	40	69.3	37.9	35	23.4	8.73

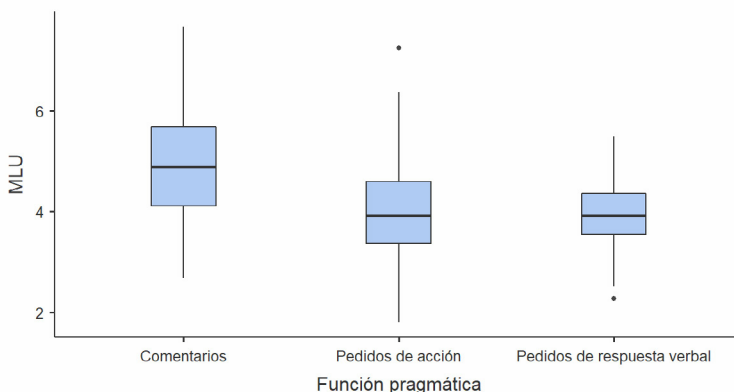
Como se observa en la Tabla 1, los comentarios presentan las medias más altas tanto en lo que se refiere a la complejidad sintáctica como en relación al índice de VOCD. Si bien se observa que los pedidos de acción presentan la media más alta en types es importante notar que la desviación estándar presenta un valor más elevado. La diferencia entre los valores de types y del índice de VOCD podrían atribuirse al hecho de que la cantidad de pedidos acción es mayor que la cantidad de comentarios en la muestra. De esta manera, estos resultados podrían dar cuenta no tanto de una cualidad del habla con distinta función comunicativa que se emitió durante esas dos horas, sino más bien resultar del volumen total de habla correspondiente a cada función comunicativa. Por su parte, los pedidos de respuesta verbal presentan los valores más bajos para todas las variables, con las medias más bajas de complejidad sintáctica y de diversidad léxica medida tanto en types como con el índice del VOCD.

5.1 ¿Existen diferencias significativas entre la diversidad léxica y la complejidad sintáctica de las distintas funciones pragmáticas en el habla dirigida a bebés argentinos?

Con el objeto de analizar comparativamente la diversidad léxica y la complejidad sintáctica de las distintas funciones pragmáticas en el habla dirigida a los niños se empleó la prueba ANOVA para muestras dependientes sobre los resultados obtenidos para MLU y VOCD, como indicadores de dichas variables. Al ser muy sensibles al tamaño de la muestra, los valores de types fueron solamente presentados en el apartado anterior y no fueron incluidos en este análisis.

Los resultados del ANOVA muestran diferencias significativas en el nivel de la complejidad sintáctica entre los distintos tipos de funciones pragmáticas $F(2, 78) = 26.50, p < .001 \eta^2=0.19$. El análisis post-hoc, empleando la prueba de contraste de Bonferroni detecta diferencias significativas entre los pedidos de respuesta verbal y los comentarios ($p < .001$) y entre los pedidos de acción y los comentarios ($p < .001$) pero no así entre los pedidos de acción y los pedidos de respuesta verbal. En la Figura 1, podemos observar que la complejidad sintáctica es mayor en los comentarios que en los pedidos de respuesta verbal y de acción.

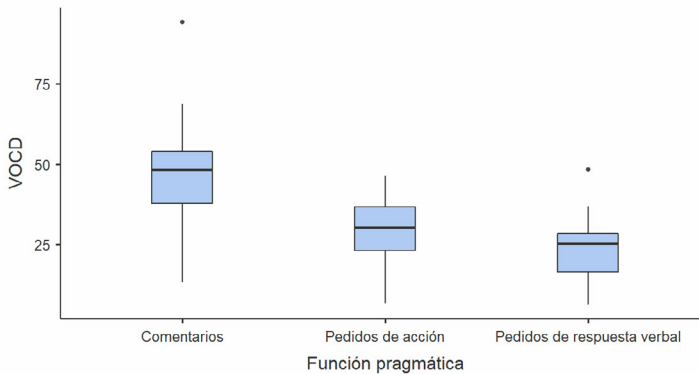
Figura 1 - Complejidad sintáctica según tipo de función pragmática



En el caso de los valores de diversidad léxica, por no cumplir con el supuesto de esfericidad se aplicaron las correcciones Greenhouse-Geisser. Los resultados mostraron diferencias significativas entre las distintas funciones pragmáticas ($F(1.58, 49) = 60.10, p < .001 \eta^2=0.43$).

El análisis post-hoc, empleando nuevamente la prueba de contraste de Bonferroni mostró diferencias significativas entre los tres tipos de función pragmática ($p < .001$). En la Figura II se muestra que los comentarios presentan los valores más elevados de diversidad léxica seguidos de los pedidos de acción y en último lugar de los pedidos de respuesta verbal.

Figura 2 - Diversidad léxica según tipo de función pragmática



5.2 ¿En qué medida la función pragmática de los enunciados dirigidos a los niños explica la variación en la diversidad léxica y complejidad sintáctica en sus interacciones cotidianas?

Al observar el tamaño del efecto de las pruebas de ANOVA para medidas repetidas realizadas, vemos que mientras en el caso de la complejidad sintáctica explica un 19% de la varianza ($\eta G^2=0.19$), en el caso de la diversidad léxica este porcentaje alcanza el 43%. De esta manera, al relacionar estos resultados con los obtenidos en el test pos-hoc observamos que la función pragmática de las emisiones dirigidas al niño explica una parte significativa de la varianza en la diversidad léxica, pero tiene un menor efecto sobre la complejidad sintáctica.

6. Discusión

En este trabajo examinamos el habla dirigida al niño en las situaciones cotidianas de hogares socioeconómicamente diversos del Área Metropolitana de Buenos Aires, Argentina a fin de identificar diferencias en las formas en que se realizan lingüísticamente, en términos de diversidad

léxica y de complejidad sintáctica, las emisiones que cumplen distintas funciones pragmáticas (comentarios, pedidos de acción y pedidos de respuesta verbal). Con este propósito, realizamos primero un análisis descriptivo de indicadores de la diversidad léxica (types y VOCD) y de la complejidad sintáctica (MLU) correspondientes a las emisiones de cada una de las funciones pragmáticas. Ello nos permitió identificar tendencias que fueron confirmadas a través del análisis de varianza.

Los resultados del análisis realizado pusieron de manifiesto que los comentarios presentan una mayor complejidad sintáctica y diversidad léxica que los enunciados destinados a requerir una acción o una respuesta verbal por parte del niño. A su vez, si bien los pedidos de respuesta verbal y pedido de acción no difieren significativamente entre sí en complejidad sintáctica, sí lo hacen en el grado de diversidad léxica que presentan. Los pedidos de acción se caracterizan por un vocabulario más diverso que los pedidos de respuesta verbal. Las medidas de efecto empleadas en el análisis pusieron de manifiesto que la función pragmática que cumple la emisión explica una parte importante de la varianza en la diversidad léxica, y una menor proporción de la varianza de la complejidad sintáctica de los enunciados. La relevancia de estos resultados puede ponderarse atendiendo a que aún cuando diversos estudios han proporcionado evidencia del impacto tanto de las propiedades lingüísticas como interaccionales del input que se le dirige al niño en su desarrollo lingüístico (HOFF; NAIGLES, 2002; HOFF-GINSBERG, 1998; HUTTENLOCHER *et al.*, 2010; ROWE, 2008), son contados los estudios previos en los que se examinó la configuración lingüística de las emisiones dirigidas al niño con distinta función pragmática en las interacciones cotidianas. Es decir, son pocos los trabajos en los que se han analizado de modo conjunto y de modo interrelacionado las propiedades lingüísticas y las interactivas.

El estudio de Hoff-Ginsberg (1986) fue uno de los pocos que examinó específicamente las características lingüísticas de las emisiones con distinta función pragmática. Entre sus resultados señaló que las preguntas destinadas a elicitación de conversación eran más complejas sintácticamente que los enunciados que direccionaban el comportamiento infantil y los que buscaban elicitación de conversación adicional sobre una emisión infantil previa. Nuestros resultados, si bien coinciden en mostrar diferencias significativas en la complejidad sintáctica de las emisiones que realizan distinto tipo de intención comunicativa, identifican un patrón distinto al

de Hoff. En efecto, en la población estudiada no encontramos diferencias en complejidad sintáctica entre los pedidos de acción y los pedidos de respuesta verbal; los enunciados más complejos sintácticamente resultaron ser aquellos que cumplían la función de comentarios. Es posible asumir que esta discrepancia sea atribuible, por una parte, al hecho de que a pesar de que tanto los resultados de Hoff como los de este trabajo están basados en datos de poblaciones económicamente diversas, entre la Argentina y Estados Unidos pueden identificarse diferencias culturales en el habla dirigida a niños pequeños que afecten la formulación de las emisiones con intenciones comunicativas particulares. Por otra parte, es necesario tener en cuenta que las diferencias entre el inglés y el español pueden incidir de modo importante en el índice de complejidad sintáctica. El español, por ejemplo, permite la elisión del sujeto en todas sus formas verbales, mientras que en el inglés solo puede elidirse en las formas imperativas. Adicionalmente, es importante tener en cuenta que las diferencias en los resultados obtenidos pueden ser, en parte, producto de diferencias en la codificación y en las medidas empleadas. Así, en el trabajo de Hoff la complejidad sintáctica fue estudiada recurriendo a otras medidas, distintas al MLU empleado en este trabajo, y en las elicitaciones de conversación la codificación distingue específicamente aquellas que retoman una emisión infantil previa de las restantes.

El trabajo de Rowe (2008) también basado en datos de una población de Estados Unidos hablantes de inglés, aún cuando no examinó específicamente la complejidad sintáctica ni la diversidad léxica de los enunciados que cumplían cada tipo de función pragmática, permite aproximarse a la relación entre aspectos lingüísticos e interactivos en tanto analiza la coocurrencia del grado de diversidad léxica y de complejidad sintáctica con la función pragmática de las emisiones dirigidas al niño, en particular de con las emisiones directivas. Del mismo modo que lo señalado en relación a los resultados de Hoff-Ginsberg (1986), el patrón de relaciones entre aspectos pragmáticos y lingüísticos que encuentra Rowe para la población norteamericana que estudia difiere parcialmente de la que identificamos en la población argentina. En efecto, si bien tanto la complejidad sintáctica como la diversidad léxica de los pedidos de acción, equiparable a las directivas de Rowe (2008), es menor que la de los comentarios, la diversidad de los pedidos de acción resulta más elevada que la de los pedidos de respuesta verbal, comparables con los enunciados elicidores de Rowe (2008).

En nuestra muestra de input lingüístico en los hogares argentinos las emisiones destinadas a elicitare una respuesta verbal por parte de los niños presentaban un vocabulario menos diverso, medido con el VOCD pero también en cantidad total de lexemas, y una complejidad sintáctica menor que los comentarios, los cuales por definición no requieren una respuesta por parte del niño. Resulta llamativo el hecho de que las emisiones destinadas a potenciar en el plano interactivo el uso del lenguaje en los niños, buscando que ellos produzcan una respuesta verbal (HOFF-GINSBERG, 1986), son las que en menor medida presentan las propiedades lingüísticas, de diversidad léxica y complejidad estructural, generalmente asociadas (HOFF; NAIGLES, 2002; HUTTENLOCHER *et al.*, 2010; ROWE, 2008) con el desarrollo del lenguaje infantil.

Pese a atender a un vacío en la literatura, este estudio, presenta una serie de limitaciones que no deben soslayarse. En primer lugar, a fin de garantizar una mayor ecología en la toma de datos, se optó por un método menos invasivo y que pudiera registrar la cotidianidad de los niños sin la presencia del observador. Sin embargo, el contar únicamente con un registro de audio limita la información no lingüística (gesto, miradas, orientación y posicionamiento corporal) disponible al momento de interpretar las situaciones comunicativas. En segundo lugar, si bien estos registros y sus transcripciones pueden brindarnos información valiosa sobre el entorno lingüístico de los niños, solo capturan parcialmente su experiencia cotidiana dejando por fuera múltiples situaciones y contextos. Por último, más allá de que todas las familias cumplieran con ciertos criterios de selección (nivel de educación alcanzado por los padres y lugar de residencia), eran ellas quienes finalmente decidían o no participar de esta investigación. Este proceso de autoselección al momento de composición de la muestra también puede estar sesgando los resultados. Estas limitaciones hacen que debemos tener recaudos al momento de generalizar los resultados de la investigación.

En síntesis, estos resultados ponen de manifiesto una diferencia significativa en la complejidad sintáctica y la diversidad léxica entre las emisiones que cumplen distinto tipo de función pragmática en la interacción. Asimismo, el tamaño del efecto reportado da cuenta del valor explicativo de la intención comunicativa de las emisiones en estas características lingüísticas. La relevancia de estos resultados resulta evidente si se considera, en línea con Hoff-Ginsberg (1986), que el habla de los cuidadores dirigida a niños y niñas ofrece la base lingüística a partir de la cual éstos pueden realizar abstracciones sobre la lengua de su

comunidad, y a la vez, potencia en el plano interactivo el uso del lenguaje por parte de los niños. Futuros estudios buscarán dar cuenta de eventuales variaciones longitudinales en estas propiedades del HDN a medida que los niños y niñas crecen y se convierten en hablantes más expertos de la lengua o si, por el contrario, estas propiedades se mantienen estables independientemente del desarrollo lingüístico infantil. En tanto distintos estudios han señalado diferencias en el impacto de la proporción de distintos tipo de enunciados en el habla dirigida al niño y su desarrollo infantil (HOFF-GINSBERG, 1998; MASTIN *et al*, 2006), pero también de las propiedades lingüísticas en este desarrollo (HOFF; NAIGLES, 2002; HUTTENLOCHER *et al.*, 2010), es importante conocer cómo estos aspectos se relacionan entre sí y cómo influyen en el desarrollo lingüístico. Adicionalmente, las diferencias encontradas entre nuestros resultados y aquellos estudios realizados en poblaciones angloparlantes, ponen de manifiesto la relevancia de considerar la diversidad de las experiencias lingüísticas infantil en distintas lenguas, comunidades y grupos culturales. Una mejor comprensión de la relación entre las cualidades lingüísticas e interactivas del habla dirigida al niño resulta necesaria para la elaboración de propuestas de intervención educativa orientadas a generar contextos potentes para el desarrollo del lenguaje infantil en entornos de jardín maternal y en los hogares.

Reconocimientos

Agradecemos a todas las familias y niños que participaron de este estudio por su generosidad, su tiempo y predisposición.

Declaración de autoría

María Laura Ramírez: Idea original, diseño del estudio, construcción de la base de datos, análisis e interpretación de los resultados, escritura del artículo y edición general.

Maia Migdalek: Recolección de datos y conformación del corpus, análisis, interpretación, discusión de los datos y edición general del artículo.

Celia Rosemberg: Recolección de datos y conformación del corpus, dirección del diseño del estudio, escritura de la introducción y la discusión, análisis e interpretación de los datos y edición general del artículo.

Referencias

- ABELS, M.; KILALE, A.; VOGT, P. Speech acts addressed to Hadza infants in Tanzania: Cross-cultural comparison, speaker age, and camp livelihood. *First Language*, v. 41, n. 3, p. 294-313, 2021. DOI: 10.1177/0142723720972000
- AKHTAR, N.; DUNHAM, F.; DUNHAM, P.J. Directive interactions and early vocabulary development: The role of joint attentional focus. *Journal of child language*, Cambridge, v. 18, n. 1, p. 41-49, 1991. DOI: 10.1017/s0305000900013283
- BERNSTEIN RATNER, N.; BRUNDAGE, S. *A clinician's complete guide to CLAN and PRAAT*. Talkbank Organization, 2015. Disponível em: <https://talkbank.org/manuals/Clin-CLAN.pdf>. Acesso em: 29/01/2021
- BORNSTEIN, M.H.; TAMIS-LEMONDA, C.S. Maternal responsiveness and cognitive development in children. *New Directions for Child and Adolescent Development*, v. 1989, n. 43, p. 49-61, 1989. DOI: 10.1002/cd.23219894306
- BORNSTEIN, M.H.; TAMIS-LEMONSTA, C. S.; HAHN, C. S.; HAYNES, O. M. Maternal responsiveness to young children at three ages: longitudinal analysis of a multidimensional, modular, and specific parenting construct. *Developmental psychology*, Washington, v. 44, n. 3, p. 867-874, 2008. DOI: 10.1037/0012-1649.44.3.867
- CARTMILL, E.A. Mind the gap: Assessing and addressing the word gap in early education. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, v. 3, n. 2, p. 185-193, 2016. DOI: 10.1177/2372732216657565
- CARPENTER, M.; NAGELL, K.; TOMASELLO, M.; BUTTERWORTH, G.; MOORE, C. Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to 15 months of age. *Monographs of the society for research in child development*, Michigan, v. 63, n. 4, p. 1 -174, 1998. DOI: 10.2307/1166214.
- CASILLAS, M.; AMANTUNI, A.; SEIDL, A.; SODERSTROM, M.; WARLAUMONT, A., BERGELSON, E. What do Babies hear? Analyses of child-and adult-directed speech. *Proceedings of Interspeech*, Stockholm, p. 2093-2097, 2017. DOI: 10.21437/Interspeech.2017-1409

FERNALD, A; MARCHMAN, V.A.; WEISLEDER, A. SES differences in language processing skill and vocabulary are evident at 18 months. *Developmental science*, v. 16, n. 2, p. 234-248, 2013. DOI: 10.1111/desc.12019

HART, B.; RISLEY, T.R. *Meaningful differences in the everyday experience of young American children*. 1 ed. London: Paul H Brookes Publishing, 1995.

HIRSH-PASEK, K.; ADAMSON, L.B.; BAKERMAN, R.; OWEN, M.T.; GOLINKOFF, R.M.; PACE, A.; YUST, P.K.S.; SUMA, K. The contribution of early communication quality to low-income children's language success. *Psychological science*, New York, v. 26, n 7, p. 1071-1083, 2015. DOI: 10.1177/0956797615581493

HOFF, E. The specificity of environmental influence: Socioeconomic status affects early vocabulary development via maternal speech. *Child development*, Michigan, v. 74, n. 5, p. 1368-1378, 2003. DOI: 10.1111/1467-8624.00612

HOFF, E. How social contexts support and shape language development. *Developmental review*, New York, v. 26, n. 1, p. 55-88, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dr.2005.11.002>

HOFF-GINSBERG, E. Function and structure in maternal speech: Their relation to the child's development of syntax. *Developmental Psychology*, Washington, v. 22, n. 2, p. 155, 1986. DOI: 10.1037/0012-1649.22.2.155

HOFF-GINSBERG, E. Mother-child conversation in different social classes and communicative settings. *Child development*, Michigan, v. 62, n. 4, p. 782-796, 1991. DOI: 10.2307/1131177

HOFF-GINSBERG, E. The relation of birth order and socioeconomic status to children's language experience and language development. *Applied psycholinguistics*, Cambridge, v. 19, n. 4, p. 603-629, 1998. DOI: 10.1017/S0142716400010389

HOFF, E.; NAIGLES, L. How children use input to acquire a lexicon. *Child development*, Michigan, v. 73, n. 2, p. 418-433, 2002. DOI: 10.1111/1467-8624.00415

HUTTENLOCHER, J.; VASILYEVA, M.; CYMERMAN, E.; LEVINE, S. Language input and child syntax. *Cognitive psychology*, Cambridge, v. 45, n. 3, p. 337-374, 2002. DOI: 10.1016/s0010-0285(02)00500-5

HUTTENLOCHER, J.; VASILYEVA, M.; WATERFALL, H.R.; VEVEA, J.L.; HEDGES, L.V. The varieties of speech to young children. *Developmental psychology*, Washington, v. 43, n. 5, p. 1062–1083, 2007. DOI: 10.1037/0012-1649.43.5.1062

HUTTENLOCHER, J.; WATERFALL, H.; VASILYEVA, M.; VEVEA, J.; HEDGES, L. V. Sources of variability in children’s language growth. *Cognitive psychology*, Cambridge, v. 61, n. 4, p. 343-365, 2010. DOI: 10.1016/j.cogpsych.2010.08.002

JACKSON-MALDONADO, D.; PEÑA, E.; AGHARA, R. Funciones de lenguaje y tipos de palabra en la interacción de madres y sus hijos e hijas. *En: ROJAS-NIETO, C.; JACKSON-MALDONADO, D. (eds.). Interacción y uso lingüístico en el desarrollo de la lengua materna*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. p. 27-62.

KÜNTAY, A.; SLOBIN, D.I. Putting interaction back into child language: Examples from Turkish. *Psychology of Language and Communication*, Varsovia, v. 6, n. 1, p. 5-14, 2002.

KUCHIRKO, Y. A.; SCHATZ, J. L.; FLETCHER, K. K.; TAMIS-LEMONDA, C. S. Do, say, learn: the functions of mothers’ speech to infants. *Journal of child language*, Cambridge, v. 47, n. 1, p. 64-84, 2020. DOI: 10.1017/S0305000919000308.

LIEVEN, E. Input and first language acquisition: Evaluating the role of frequency. *Lingua*, v. 120, n.11, p. 2546-2556, 2010. DOI: 10.1016/j.lingua.2010.06.005

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project: Tools for analyzing talk. transcription format and programs*. 3. ed. Londres: Psychology Press, 2000.

MASTIN, J.D.; MARCHMAN, V.; ELWOOD-LOWE, M.; FERNALD, A. Quantity & Quality of child-directed speech (CDS) predict children’s vocabulary size and language processing abilities. *In: 20TH BIENNIAL MEETING OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFANT STUDIES*, 2016, Louisiana; New Orleans. *Proceedings...Louisiana*; New Orleans: International Congress of Infant Studies (ICIS), 2016.

MCGILLION, M.; PINE, J.M.; HERBERT, J.S.; MATTHEWS, D. A randomised controlled trial to test the effect of promoting caregiver contingent talk on language development in infants from diverse socioeconomic status backgrounds. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, London, v. 58, n. 10, p. 1122-1131, 2017. DOI: 10.1111/jcpp.12725.

O'BRIEN, M.; NAGLE, K.J. Parents' speech to toddlers: The effect of play context. *Journal of Child Language*, Cambridge, v.14, n. 2, p. 269-279, 1987. DOI: 10.1017/S0305000900012927.

PACE, A.; LUO, R.; HIRSH-PASEK, K.; GOLINKOFF, R. M Identifying pathways between socioeconomic status and language development. *Annual Review of Linguistics*, v.3, p. 285-308, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011516-034226>.

PAUL, R.; ELWOOD, T. J. Maternal linguistic input to toddlers with slow expressive language development. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 34, n. 5, p. 982-988, 1991. DOI: 10.1044/jshr.3405.982.

RAMÍREZ, M.L.; IBAÑEZ, M.I.; MIGDALEK, M.; STEIN, A.; MEALLA, M.; ROSEMBERG C.R. La función pragmática de las emisiones dirigidas al niño en el entorno del hogar: el impacto de la educación materna. *Lingüística*, Bogotá, v. 35, n. 2, p. 271-288, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312x.20190028>.

RODRÍGUEZ, E.T.; TAMIS-LEMONDA, C.S. Trajectories of the home learning environment across the first 5 years: Associations with children's vocabulary and literacy skills at prekindergarten. *Child development*, v. 82, n. 4, p. 1058-1075, 2011. DOI: 10.1111/j.1467-8624.2011.01614.x

ROSEMBERG C. R.; ALAM F.; AUDISIO, C.; RAMIREZ, M.L.; GARBER, L.; MIGDALEK M. J. Nouns and Verbs in the Linguistic Environment of Argentinian Toddlers: Socio-Economic and Context-Related Differences. *First Language*, v. 40, n 2, p. 192-217 2020. DOI: 10.1177/0142723719901226.

ROSEMBERG, C.R.; ALAM, F.; STEIN, A.; MIGDALEK, M.; MENTI, A.; OJEA, G. *El entorno lingüístico temprano de niños pequeños de Argentina*. Buenos Aires: CONICET, 2015-2016.

- ROSEMBERG, C.R.; ALAM, F.; STEIN, A. Factors reflecting children's use of temporal terms as a function of social group. *Language, Interaction and Acquisition*, Paris, v. 5, p. 38-61, 2014. DOI: 10.1075/lia.5.1.02ros
- ROWE, M.L. Child-directed speech: Relation to socioeconomic status, knowledge of child development and child vocabulary skill. *Journal of child language*, Cambridge, v. 35, n. 1, p. 185–205, 2008. DOI: 10.1017/S0305000907008343
- ROWE, M.L.; COKER, D.; PAN, B.A. A comparison of fathers' and mothers' talk to toddlers in low-income families. *Social development*, v. 13, n. 2, p. 278-291, 2004. DOI: 10.1111/j.1467-9507.2004.000267.x
- ROWE, M.L.; PAN, B.A.; AYOUB, C. Predictors of variation in maternal talk to children: A longitudinal study of low-income families. *Parenting: Science and Practice*, v. 5, n. 3, p. 259-283, 2005. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327922par0503_3
- ROWE, M.L.; SNOW, C.E. Analyzing input quality along three dimensions: Interactive, linguistic, and conceptual. *Journal of child language*, Cambridge, v. 47, n. 1, p. 5-21, 2020. DOI: 10.1017/S0305000919000655
- ROWE, M.L. Understanding socioeconomic differences in parents' speech to children. *Child Development Perspectives*, Washington, v. 12, n. 2, p. 122-127, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/cdep.12271>
- SHNEIDMAN, L.A.; GOLDIN-MEADOW, S. Language input and acquisition in a Mayan village: How important is directed speech?. *Developmental science*, v. 15, n. 5, p. 659-673, 2012. DOI: 10.1111/j.1467-7687.2012.01168.x
- SHNEIDMAN, L.A.; ARROYO, M.E.; LEVINE, S.C.; GOLDIN-MEADOW, S. What counts as effective input for word learning?. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 40, n. 3, p. 672–686, 2013. DOI: 10.1017/S0305000912000141
- SNOW, C. E.; ARLMAN-RUPP, A.; HASSING, Y.; JOBSE, J.; JOOSTER, J.; VORTER, J. Mothers' speech in three social classes. *Journal of Psycholinguistic Research*, New York, v. 5, n. 1, p. 1-20, 1976. DOI: 10.1007/BF01067944
- SODERSTROM, M.; WITTEBOLLE, K. When do caregivers talk? The influences of activity and time of day on caregiver speech and child

vocalizations in two childcare environments. *PloS one*, San Francisco, v. 8, n. 11, p. 1-12, 2013. DOI: 10.1371/journal.pone.0080646

STEIN, A.; MENTI, A.B.; ROSEMBERG, C.R. Socioeconomic status differences in the linguistic environment: a study with Spanish-speaking populations in Argentina. *Early Years*, Oxfordshire, p. 1-15. 2021. DOI: 10.1080/09575146.2021.1904383

THE JAMOVI PROJECT. *jamovi* (Version 1.6) [Computer Software]. The Jamovi project. 2020. Disponível em: <https://www.jamovi.org>. Acesso em: 26/01/2021 .

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge : Harvard University Press, 2003.

TAMIS-LEMONDA, C.S.; BORNSTEIN, M.H.; BAUMWELL, L. Maternal responsiveness and children's achievement of language milestones. *Child development*, Michigan, v. 72, n. 3, p. 748-767, 2001. DOI: 10.1111/1467-8624.00313

VOGT, P.; MASTIN, J.D.; SCHOTS, D.M.A. Communicative intentions of child-directed speech in three different learning environments: Observations from the Netherlands, and rural and urban Mozambique. *First Language*, v. 35, n. 4-5, p. 341-358, 2015. DOI: 10.1177/0142723715596647

WEISLEDER, A.; FERNALD, A . Talking to children matters: Early language experience strengthens processing and builds vocabulary. *Psychological science*, New York, v. 24, n. 11, p. 2143-2152, 2013. DOI: 10.1177/0956797613488145



Camino de gramaticalización de construcciones perifrásticas: el quichua santiagueño y su relación con otras lenguas de la familia quechua

Grammaticalization paths of periphrastic constructions: Santiagueño Quichua and its relations with other Quechua languages

Mayra Juanatey

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Buenos Aires / Argentina

mjuanatey@conicet.gov.ar

<https://orcid.org/0000-0003-3461-840X>

Resumen: El quichua santiagueño (familia quechua, Sudamérica) cuenta con diferentes construcciones perifrásticas con verbos auxiliares. Muchas de estas construcciones presentan distintos tipos de variación sincrónica (fonológica, morfológica y sintáctica) que responden a la coexistencia de formas nuevas y formas antiguas, según pudo ser relevado en fuentes primarias, secundarias y en instancias de elicitación. De esta manera, entendiendo que los estudios sobre gramaticalización y la gramática diacrónica de construcciones son enfoques complementarios, este trabajo propone una hipótesis de cambio lingüístico para las construcciones perifrásticas del quichua santiagueño basada en un modelo de gramaticalización que responde al ciclo perífrasis-fusión-erosión y a la extensión de un patrón, originado en las construcciones con converbos, hacia otras construcciones similares. El reconocimiento de construcciones y caminos de gramaticalización similares en lenguas de otras ramas de la familia lingüística permite aportar a las observaciones existentes sobre el vínculo del quichua santiagueño con otras lenguas de la familia.

Palabras clave: gramaticalización; reconstrucción sintáctica; quechua; quichua santiagueño.

Abstract: Santiagueño Quichua (Quechua, South America) exhibits multiple periphrastic constructions with auxiliary verbs. Many of these constructions are

in synchronic variation (phonological, morphological and syntactic) as there is a coexistence of new and old forms. This was observed in primary and secondary sources and during elicitation. As the grammaticalization and diachronic construction grammar are complementary approaches, this work outlines a hypothesis of linguistic change for the periphrastic constructions of Quichua Santiagueño based on a grammaticalization path that responds to the periphrasis-fusion-erosion cycle and the extension of a pattern originated in the converb construction. The recognition of this constructions and similar changes in other branches of the linguistic family allows us to contribute to the existing observations on the position of Quichua Santiagueño among other Quechua languages.

Keywords: grammaticalization; syntactic reconstruction; Quechua; Quichua Santiagueño.

Recebido em 15 de junho de 2021.

Aceito em 23 de agosto de 2021.

1 Introducción

El quichua santiagueño presenta diversas construcciones perifrásticas o multiverbales con verbo auxiliar. Se entiende aquí por verbos auxiliares a las formas que pertenecen a una subclase cerrada de verbos que expresan la persona, número, género, aspecto, tiempo, modo y modalidad y pueden impartir un significado aspectual a toda la construcción (AIKHENVALD, 2011, p. 14). Los verbos auxiliares en quichua santiagueño varían entre los verbos copulativos *ka-* y *tiya-* o el verbo *ri-* ‘ir’. Por otra parte, las formas léxicas de estas construcciones en el quichua están señaladas mediante algunos de los sufijos nominalizadores, *-q* o *-sqa*, o el converbo *-s*. En este trabajo se analizan tres construcciones perifrásticas, que se presentan a continuación.

En primer lugar, existe una construcción perifrástica para expresar aspecto progresivo. Como se ilustra en (1), esta consiste en un verbo cópula locativo auxiliar *tiya-* y un verbo léxico con el sufijo *-s*, llamado ‘converbo’ en esta investigación (siguiendo a Juanatey, 2020b).

(1)	<i>celulares-ni-oq</i>	<i>asi-s</i>	<i>rima-s</i>	<i>tiya-nku</i>
	celulares-EUF-PROP	reír-CONV	hablar-CONV	cop.loc-3PL
	‘Están hablando, riéndose, con los celulares.’ ¹			

La lengua cuenta a su vez con un sufijo verbal de aspecto progresivo *-chka*². A pesar de que el marcador de progresivo como un afijo está extendido en la familia quechua, la estrategia multiverbal también se presenta en otras lenguas.

Una segunda perífrasis es aquella que expresa aspecto habitual. Las nominalizaciones con el sufijo *-q* (NMLZ) más el verbo auxiliar copulativo *ka-* conforman esta construcción, como se ve en (2). Esta perífrasis es común a toda la familia quechua (CERRÓN-PALOMINO, 2003).

(2)	<i>mana</i>	<i>yaqa</i>	<i>rima-q</i>	<i>ka-ra-ni</i>
	NEG	casi	hablar-NMLZ	COP-PAS-1SG
	‘(Yo) casi no solía hablar.’			

lmente, se presenta aquí también una construcción multiverbal con verbo auxiliar que expresa futuro y que está conformada por una forma léxica nominalizada con el sufijo *-q* y el verbo auxiliar *ri-* ‘ir’, como se ve en (3).

(3)	<i>chay-ta</i>	<i>ruwa-q</i>	<i>ri-ni</i>
	eso-AC	hacer-NMLZ	ir-1SG
	‘Voy a hacer eso.’		

Esta construcción no se encuentra en todas las lenguas de la familia. En general, en la familia quechua ejemplos como los de (3) con el nominalizador *-q* y el verbo auxiliar *ri-* ‘ir’ son codificaciones de relaciones de movimiento con propósito, es decir, relaciones en las que uno de los eventos –el de movimiento– se lleva a cabo para permitir la realización del otro (CRISTOFARO, 2013). En el quichua santiagueño, paralelamente a la construcción de movimiento con propósito que también existe en la lengua, la construcción se ha gramaticalizado como una perífrasis de futuro. Esta última coexiste con otra de futuro flexivo (ALBARRACÍN, 2011). El desarrollo de una construcción multiverbal de futuro con base en el verbo ‘ir’ está bien documentado tipológicamente, incluso para otras lenguas quechua, como el ecuatoriano (HEINE; KUTEVA, 2002, p.161) o el ayacuchano (ZARIQUIEY; CÓRDOVA, 2008).

¹ Los datos sin mención de la fuente son producto de trabajos de campo propios.

² Esta forma tiene variación en la familia quechua como *-shka*, *-sha*, *-sa*, en lenguas sureñas, o *-yka* en lenguas del quechua I. En el quichua ecuatoriano el morfema es *-ku*.

En este trabajo se propone un estudio de la variación sincrónica de las construcciones de perifrásticas de progresivo, habitualidad y futuro en quichua santiagueño, en vistas a extraer conclusiones respecto de su desarrollo diacrónico. De esta manera, se plantean las siguientes hipótesis: la variación sincrónica existente en las construcciones perifrásticas del quichua santiagueño es evidencia de un cambio lingüístico en proceso que responde al modelo cíclico de perífrasis-fusión-erosión (CROFT, 2003). Asimismo la construcción perifrástica de aspecto progresivo con un verbo léxico con forma de converbo constituye un patrón que se encuentra en extensión hacia las otras dos construcciones. Finalmente, este trabajo sostiene que la comparación de las construcciones con converbos en las diferentes lenguas de la familia, constituye un aporte a nuestro conocimiento de la relación entre las lenguas de la familia.

A continuación se dedica una primera sección para presentar el quichua santiagueño desde el punto de vista de su filiación con otras lenguas de la familia y sus rasgos tipológicos más relevantes. Luego se presentan los conceptos teóricos de referencia para esa investigación. En la sección siguiente se desarrollan las hipótesis de cambio lingüístico para las tres construcciones perifrásticas. Finalmente se presentan las discusiones en torno a la comprobación de las hipótesis y, por último, las conclusiones.

2 El quichua santiagueño y la familia lingüística quechua

La familia lingüística quechua se extiende en un área discontinua a lo largo de la Cordillera de los Andes desde el departamento de Caquetá, Nariño y Putumayo en el sur de Colombia hasta la Provincia de Santiago del Estero en el noroeste de Argentina (ADELAAR; MUYSKEN, 2004). El siguiente mapa muestra su extensión geográfica a través de Colombia, Ecuador, Perú, Bolivia, norte de Chile y Argentina.

Figura 1 - Mapa de la familia lingüística quechua



Fuente: Adelaar y Muysken (2004, p. 169).

El quichua santiagueño se ubica en la subrama QIIC que comprende las lenguas habladas hacia el sur de la extensión total de la familia, aproximadamente, desde los departamentos de Junín y Huancavélica en Perú, se expande por el sur de Perú, Bolivia hasta el norte chileno y argentino. El sector central de esta extensión ha sido denominado grupo cusqueño-boliviano, quedando en la periferia principalmente el quechua de Ayacucho y el de Santiago del Estero (ADELAAR, 1994; CERRÓN-PALOMINO 2003; ADELAAR; MUYSKEN, 2004; entre otros). En el siguiente esquema se presenta la ubicación de esta rama y del quichua santiagueño, en relación con las demás lenguas de la familia.

Figura 2 - Quichua santiagueño en la familia quechua

FAMILIA QUECHUA									
QI HUAHUASH			QII HUAMPUY						
CENTRAL			PACARAOS		QIIA YUNGAY			QIIB-C CHINCHAY	
HUAILAY	AP-AM-AH	HUANCAJ			CENTRAL	SEPTENTRIONAL	QIIB SEPTENTRIONAL	QIIC MERIDIONAL	
Huailas	Alto-Pativilica	Yaru	Laraos	Cañarís-	Amazonas	Ayacucho			
Conchucos	Alto Marañón	Jauja Huanca	Lincha	Incahuasi	San Martín	Cusco			
	Alto Huallaga	Huangascar- Topará	Apuri	Cajamarca	Loreto	Bolivia			
			Chocos		Colombia	Santiagoño			
			Modeán		Ecuador				

Basado en: Cerrón-Palomino (2003).

A pesar de sus diferenciaciones internas, la familia quechua comparte, en general, ciertos rasgos tipológicos que la caracterizan en su fonología, morfología y sintaxis. Respecto de la fonología, el quichua santiagueño al igual que otras lenguas de la familia presenta un sistema de tres vocales /a, i, u/ con los alomorfos /e, o/ en contextos de oclusivas postvelares y una acentuación grave (salvo excepciones que se dan en quichua santiagueño como producto de la deleción de algunas sílabas finales). Por otra parte, la morfología es aglutinante y sufijante. Se trata de una lengua de alineamiento transitivo nominativo-acusativo, de marcación en el núcleo (personas sujeto y persona objeto de primera y segunda) y marcación en el dependiente, mediante un sistema de casos. En el verbo pueden indicarse categorías de TAME y en los dependientes, además de caso, también puede marcarse evidencialidad, número y posesión. El orden de constituyentes del santiagueño tiende a ser SVO y modificado-modificador (a diferencia de otras lenguas quechua). Las relaciones interclausales se establecen principalmente mediante la nominalización de la cláusula dependiente y un sistema de conmutación de la referencia (*switch-reference*) de dos miembros, exclusivo para relaciones adverbiales.

Los trabajos histórico-comparativos disponibles para la familia quechua (PARKER, 2014; TORERO, 2002; CERRÓN-PALOMINO, 2003, fundamentalmente) han omitido como datos para sus reconstrucciones el estudio de las construcciones perifrásticas, como las que son objeto de este estudio. Esto se debe, según mi entender, a dos razones centrales. En primer lugar, estos estudios se han centrado en

aspectos de la fonología, el léxico y, en menor medida, la morfología. A diferencia de esto, esta investigación se alinea con los estudios que sostienen que las construcciones sintácticas son también susceptibles de ser comparadas entre lenguas hijas y reconstruidas (BARÐDAL; EYTHÓRSSON, 2012; BARÐDAL *et al.*, 2015). De esta manera, la comparación sintáctica también permitiría echar luz sobre las hipótesis de filiación genética y clarificaría los aspectos de la prehistoria de las lenguas (LEHMANN, 1995). En segundo lugar, las lenguas quechuas se caracterizan por una abundancia de sufijos verbales para indicar significados aspectuales, direccionales y modales. A diferencia de otras lenguas de la familia, como por ejemplo otras lenguas quechua sureñas, muchos matices aspectuales tienen su contraparte perifrástica o no tienen expresión mediante sufijos en el quichua santiagueño. Esto significa que muchos significados que son expresados en otras lenguas de la familia mediante sufijos, en el quichua santiagueño probablemente sean expresados mediante una perífrasis y esos sufijos, o ya no sean productivos, o no sean empleados.³

Para el desarrollo posterior se trabajó con datos propios de campo, realizado durante el periodo 2013-2020 con hablantes en la provincia de Santiago del Estero y Buenos Aires, Argentina. Como producto de los datos de campo y de fuentes secundarias (trabajos de descripción gramatical, antologías de textos recopilados y literarios, música, etc.), se conformó un corpus del quichua santiagueño, integrado por narraciones de experiencia personal y sobre temas tradicionales, conversaciones espontáneas, textos instruccionales, música, entrevistas y elicitación de oraciones. La recolección de los datos se realizó tomando en cuenta los lineamientos de la lingüística de campo (MUNRO, 2001) y la lingüística de la documentación (GIPPERT; HIMMELMANN; MOSEL, 2006). Durante el año 2020 y 2021 se realizaron algunas elicitaciones en modalidad virtual, a causa del confinamiento preventivo como respuesta a la situación sanitaria.

3 Gramaticalización y gramática diacrónica de construcciones

Los estudios sobre la gramaticalización se proponen reponer el proceso direccional y cíclico por el cual un ítem léxico o gramatical desarrolla funciones gramaticales o más gramaticales en un cierto

³ Se entiende aquí por perífrasis tanto a la construcción formada por un verbo léxico más un verbo auxiliar, como también al término más general, es decir, la expresión de un significado mediante dos o más elementos.

contexto sintagmático (pueden consultarse varias definiciones, como Lehmann, 1985; Heine y Reh, 1984, entre otros). Croft (2000, p. 159-64)⁴ ofrece una explicación al ciclo de gramaticalización mediante un modelo de cambio lingüístico que consiste en tres fases: perífrasis-fusión-erosión. La primera remite a la emergencia de una nueva construcción perifrástica, es decir, de más de un elemento o un elemento novedoso, para una función existente, ya sea a causa de la creatividad del hablante, porque se trata de una función antes no existente en la lengua o por una motivación pragmática. Durante la segunda, la expresión perifrástica anterior pasa a interpretarse mentalmente como una unidad fija (afectada por procesos de gramaticalización como la rigidificación, obligatorificación, paradigmaticación, en términos de Lehmann, 1985), es decir, se convencionaliza socialmente y, por lo tanto, reduce su variación. Finalmente, en la última fase del ciclo de gramaticalización, la expresión convencionalizada se erosiona, generalmente, fonológicamente. Subyace aquí el principio de economía que prevé que los elementos muy frecuentes e invariables tienden a reducirse. Si sigue avanzando esta última fase de erosión, el elemento puede volverse ininterpretable y el ciclo de perífrasis-fusión-erosión puede volver a comenzar.

Los estudios de gramaticalización son complementarios con las perspectivas construccionales del cambio lingüístico.⁵ En palabras de Traugott:

La gramática de construcciones abarca mucho de lo discutido en la literatura sobre gramaticalización mientras que también va más allá para incluir cambios morfosintácticos de mayor alcance que los que se han considerado en la mayoría de los trabajos sobre gramaticalización hasta la fecha. Esto se debe a que la arquitectura de la gramática de la construcción exige pensar tanto en términos de significado como de forma y no solo de construcciones sustantivas individuales sino también de esquemas abstractos. (TRAUGOTT, 2015, p. 52; la traducción es propia)

En estos términos, el hecho de observar los procesos de gramaticalización desde una perspectiva construccional permite apreciar que los cambios pueden llevar a la creación de nuevas construcciones y a

⁴ Siguiendo a Keller (1990/1994) quien a su vez sigue a Lüdtke (1980; 1985; 1986).

⁵ Una construcción desde este enfoque se piensa en términos de emparejamiento de forma y contenido. Por lo tanto, las construcciones cuentan con propiedades fonológicas, morfológicas y sintácticas que se corresponden simbólicamente y convencionalmente con propiedades semánticas, pragmáticas y discursivas (CROFT 2001, p. 18).

la reconfiguración de las existentes, lo que nos permite ser más precisos acerca del reconocimiento de dónde ocurren los cambios y cuál es su naturaleza (GISBORNE; PATTEN, 2011).

Una perspectiva construccional apoya firmemente la idea de que la coincidencia de patrones es un factor importante en el cambio, porque se destaca la existencia de conjuntos (*sets*) y la pertenencia de los elementos lingüísticos a conjuntos. Así, en términos generales, se prevé la existencia de un elemento almacenado en la memoria, generalmente una construcción, con el que se compara otro con propiedades parcialmente similares. Si suficientes personas hacen comparaciones similares con suficiente frecuencia, se puede percibir un patrón que luego se convierte en un modelo con el que se puede hacer coincidir otro elemento (TRAUGOTT, 2015, p. 64).

De esta manera, los ítems con alta frecuencia son concomitantes con las características de los ítems de más productividad, en los términos dados por Barðal (2008). Esto es que están más disponibles como modelos para *extensiones* –desarrollan nuevas funciones, ocurren con otros ítems, están disponibles para atraer ítems existentes, etc.–; exhiben un alto grado de *generalidad* –son esquemáticamente abiertos, cuentan con una amplia cobertura, etc.–; y son más *regulares* –se combinan más fácilmente, son operativos, están basados en reglas, son transparentes, etc.–.

La frecuencia de tipo (*type frequency*; BYBEE, 1985, p. 132-33), es decir, el número total de tipos que pueden instanciar una construcción, y la coherencia semántica, es decir, la consistencia encontrada entre todos los miembros de cada construcción, predicen el grado de productividad de la construcción. En las construcciones sintácticas, la productividad puede estimarse en qué tan extensible es esa construcción a nuevos tipos. La extensión de patrones regulares a tipos lingüísticos existentes también fue denominada en la literatura como “regularización”, “generalización”, “nivelación analógica” o “productividad”.

Finalmente, esta investigación se alinea con los estudios de reconstrucción sintáctica, herederos de trabajos como Harris y Campbell (1995), que han logrado avanzar recientemente en el conocimiento de la sintaxis histórica en varias familias lingüísticas. Según estos trabajos, la comparación de construcciones sintácticas puede aportar al estudio de la filiación genética de las lenguas, ya que las mismas pueden ser consideradas cognados, siendo, por lo tanto susceptibles de ser comparadas entre lenguas hijas y reconstruidas, como lo son los fonemas o lexemas.

4 Hipótesis de gramaticalización de construcciones perifrásticas

A continuación se presentan las hipótesis de caminos de gramaticalización de tres construcciones perifrásticas de la lengua. A partir de la variación existente en la sincronía se trazan los posibles estadios de cambio de cada construcción.

4.1 Perífrasis de progresivo

La primera construcción que será considerada es la que expresa aspecto progresivo o durativo. La lengua cuenta con un sufijo verbal de valor aspectual para indicar aspecto progresivo y, paralelamente, existe una construcción perifrástica que consiste en un verbo cópula locativo auxiliar y un verbo léxico con el converbo *-s*. Véanse los ejemplos (4) y (5).

(4)	<i>rima-chka-nku</i>			
	hablar-PROG-3PL			
	‘Están hablando.’			
(5)	<i>celulares-ni-oq</i>	<i>asi-s</i>	<i>rima-s</i>	<i>tiya-nku</i>
	celulares-EUF-PROP	reír-CONV	hablar-CONV	COP.LOC-3PL
	‘Están hablando, riéndose, con los celulares.’			

Se trata de una construcción que se encuentra presente en otras lenguas de la familia, en el español, que es lengua de contacto con la mayoría de las lenguas de la familia quechua, incluido el quichua santiagueño, y es, asimismo, un camino tipológicamente atestiguado de formación de progresivo. Según Bybee, Perkins y Pagliuca (1994), la gramaticalización de los progresivos suele tener como ámbito sintáctico la construcción de verbo principal + converbo o gerundio, evolucionando hacia otra en la que el verbo principal pasa a ser un auxiliar y el converbo se reinterpreta como verbo léxico.

Por lo tanto, en una instancia temprana de gramaticalización, esta construcción cuenta con un converbo, es decir, una forma verbal no finita cuya función principal es la marcación de la subordinación adverbial. Según Haspelmath (1995) los converbos se tratan de ‘adverbios verbales’. Tipológicamente los converbos son más frecuentes en relaciones temporales, de manera o causales (NEDJALKOV, 1995), es decir, relaciones típicamente expresadas por formas sintácticamente reducidas.

En el quichua santiagueño, el converbo es altamente frecuente en construcciones que se extienden a lo largo de un continuum de integración entre eventos (Juanatey (2020b) siguiendo el paralelismo

entre el dominio de la expresión sintáctica y la dimensión funcional propuesto por Lehmann (1988); Van Valin (2005) para las relaciones interclausales). Hacia el polo de menor integración el converbo puede expresar relaciones entre eventos de secuencialidad, causa, circunstancia, mientras que se especializa y es más frecuente en relaciones más estrechas de modificación adverbial, para expresar medio, posición/movimiento y manera. A continuación se ilustra una relación de circunstancia (-integrada) y otra de manera (+ integrada).

(6)	<i>huella-p</i>	<i>amu-s</i>	<i>qaa-ra-ø</i>
	huella-LOC	venir-CONV	ver-PAS-3SG
	‘Mientras venía por la huella lo vio.’		
(7)	<i>muyu-s</i>	<i>ura-ko-ra-ø</i>	
	girar-CONV	bajar-RFL-PAS-3SG	
	‘Bajó girando/rodando.’		

En una siguiente etapa de gramaticalización hacia la construcción de progresivo, la relación entre el converbo y el verbo finito se ve afectada por procesos de: fosilización y desamentización del verbo principal (para pasar a interpretarse como auxiliar), fijación de la posición converbo-verbo auxiliar y aumento de la esquematicidad de la construcción que pasa a expresar un significado aspectual. Respecto del verbo auxiliar, nótese que la desamentización del verbo finito en la lengua aún no es total, sino que se conserva una opción entre una construcción con eventos sin movimiento, donde se emplea un auxiliar *tiya-* ‘estar (COP.LOC)’, como en (8), y otra para acciones de más movimiento, donde es más frecuente como verbo principal *puri-* ‘andar’, como en (9).

(8)	<i>qaa-s</i>	<i>tiya-nku</i>	<i>hora-t</i>
	ver-CONV	COP.LOC-3PL	hora-AC
	‘Están mirando la hora.’		
(9)	<i>muyu-s</i>	<i>puri-sa</i>	<i>ka-ra-ø</i>
	girar-CONV	andar-NML.ANT	COP-PAS-3SG

Por lo anterior, se desprende que será posible una desamentización y fijación léxica del verbo auxiliar en un etapa de gramaticalización posterior. En este caso, el verbo auxiliar *tiya-* se fija para todo tipo de verbos léxicos, como puede verse en (10).

(10)	<i>chaya-s</i>	<i>tiya-n</i>
	llegar-CONV	COP.LOC-3SG
	‘Está llegando.’	

La gramaticalización de una construcción multiverbal con verbo auxiliar más verbo léxico terminado en -s o -sh, también se presenta en otras lenguas de la familia. Por ejemplo, en el quechua de Chachapoyas (QIIB), como puede verse en (11) (HINTZ, 2017, p. 323).

(11)	Quechua Chachapoyas	
	<i>shamu-sh</i>	<i>tiya-n</i>
	venir-MS ⁶	COP.LOC-3SG
	‘(Ella/él) está viniendo.’	

Según Hintz (2017), la coalescencia de la terminación -sh con el comienzo de la cópula, del ejemplo anterior, se gramaticaliza posteriormente como marcador de progresivo: -*shtiya*, ilustrado en (12) (HINTZ, 2017, p. 323). Formas similares, como -*shti*, -*sti* o -*stin* también identificadas en otras lenguas, como el quechua ayacuchano (CERRÓN-PALOMINO, 2003), tarmeño (ADELAAR, 1977), cusqueño (CUSIHUAMAN, 1976), entre otros, se han gramaticalizado en marcadores de simultaneidad.

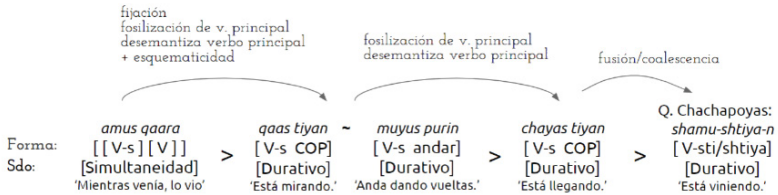
(12)	Quechua Chachapoyas	
	<i>shamu-shtiya-n</i>	
	venir- PROG -3SG	
	‘(Ella/él) está viniendo.’	

En la siguiente figura se resumen los estadios de gramaticalización de esta construcción. Se incluye como última etapa la fusión, aunque esta aún no fue advertida para el quichua santiagueño:

6 Se conserva la glosa de Hintz ms ‘mismo sujeto’, ya que desconozco si se trata de una forma paralela al sufijo -s en quichua santiagueño.

Figura 3 - Proceso de gramaticalización de construcción perifrástica de aspecto progresivo

Construcción 1



Paralelamente al desarrollo de la construcción de progresivo a partir de la relación entre un verbo principal y un converbo, se observó en quichua santiagueño la posibilidad de la expresión de una perífrasis para expresar aspecto incoativo con verbos léxicos meteorológicos y con un predicado principal de movimiento parcialmente desemantizado *amu-* ‘venir’. Como se ve en (13).

(13)	<i>para-s</i>	<i>amu-n</i>
	llover-CONV	venir-3SG
	‘Empezó a llover.’	

La semántica del predicado de movimiento se vuelve más esquemática y pasa a referir a un desplazamiento espacio-temporal del fenómeno meteorológico hacia el hablante. Trabajos tipológicos, como Heine y Kuteva (2002, p. 309), mencionan la posibilidad de que un venitivo se vuelva marcador de incoativo en una lengua (masái, Nilo-Sahariana). En otras lenguas quechua, como el cusqueño, el sufijo direccional cisclocativo *-mu* también puede aportar lecturas aspectuales incoativas con verbos atmosféricos y verbos que indican emergencia desde dentro del cuerpo humano, un objeto, la tierra o un cuerpo de agua. Subyace la idea de que algo que sucede en otro lugar se incorpora al campo de percepción del hablante de manera gradual o continua (KERKE; MUYSKEN, 2011, p.160). Véase el ejemplo (14) (KALT, 2015, p. 36).

(14)	Quechua cusqueño	
	<i>para-mu-chka-n</i>	
	llover-CIS-PROG-3SG	
	‘Está lloviendo.’ (hablante/oyente es afectado)	

En el quichua santiagueño el sufijo *-mu* ya no es productivo, en tanto, no puede extenderse su uso a otros ítems, sino que se encuentra fijado a algunas bases verbales, como *pusa-* ‘llevar (animados)’, *pusa.mu-* ‘traer (animados)’. Por lo que podría considerarse que luego de una fase de fijación del sufijo direccional y pérdida de productividad, el quichua santiagueño da inicio nuevamente a una fase de perífrasis para expresar estos significados mediante una relación entre una forma converbial y un auxiliar venitivo.

4.2 Perífrasis de habitualidad

La segunda construcción perifrástica que se tendrá en cuenta en este trabajo expresa aspecto habitual. Esta construcción está conformada mediante un verbo léxico nominalizado y una cópula como verbo auxiliar. Se reitera a continuación el ejemplo (2) como (15).

(15)	<i>mana</i>	<i>yaqa</i>	<i>rima-q</i>	<i>ka-ra-ni</i>
	NEG	casi	hablar-NMLZ	COP-PAS-1SG
	‘(Yo) casi no solía hablar.’			

Las nominalizaciones constituyen la principal estrategia de la lengua para la introducción de cláusulas dependientes. Las cláusulas nominalizadas con el sufijo *-q* están orientadas a la expresión del agente del verbo base y, a la vez, expresan un evento en desarrollo, es decir, que su interpretación en términos temporo-aspectuales depende de la marcación morfológica del verbo principal (JUANATEY, 2020b, p. 164-182). Las nominalizaciones con *-q* se especializan en la introducción de cláusulas relativas, como puede verse en los ejemplos siguientes.

(16)	<i>qo-qo-ra-ni</i>	<i>suk</i>	<i>qari</i>	<i>[karu-pi</i>	<i>kawsa-q-ta]</i> _{CREL}
	dar-dar-PAS-1SG	un	hombre	lejos-LOC	vivir-NMLZ-AC
	‘Se lo di a un hombre que vivía lejos.’				

(17)	<i>[escuela-pi</i>	<i>llamka-q]</i> _{CREL}	<i>huella-p</i>	<i>amu-n</i>
	escuela-LOC	trabajar-NMLZ	huella-LOC	venir-3SG

Por lo tanto, la construcción perifrástica para expresar habitualidad es producto de la fijación de las posiciones verbo dependiente-principal y la fosilización de la cópula *ka-* como verbo finito auxiliar. Esta construcción resultante es común a toda la familia quechua (CERRÓN-PALOMINO, 2003).

Los estudios sobre gramaticalización, como Bybee, Perkins y Pagliuca (1994) y Heine y Kuteva (2002), señalan con respecto a este tipo de construcciones que el verbo “vivir” o “existir” es fuente de gramaticalización de marcadores de habitualidad. Esta tendencia tipológica puede comprobarse para las lenguas de la familia quechua, que suelen emplear la cópula *ka-* para expresar existencia. En el quichua santiagueño, los predicados existenciales suelen expresarse con el verbo copula locativo *tiya-* aunque también es posible, de manera menos frecuente, hacerlo con el verbo cópula *ka-*, como en (18).

(18)	<i>arenales</i>	<i>ka-nku</i>
	arenales	COP-3PL
	‘Hay arenales.’	

Por lo tanto, podría considerarse que la construcción perifrástica de expresión de habitualidad se haya gramaticalizado a partir de una relación interclausal entre una cláusula relativa nominalizada y la cópula *ka-*, en tanto este sea considerado en su significado para el evento “existir”. Esto podría haber sucedido en un estadio anterior de la lengua, en el que la expresión de la “existencia” haya sido más habitual con esta cópula, como lo es en el resto de la familia quechua.

La siguiente etapa en el proceso de gramaticalización de esta construcción se corresponde con una etapa de alternancia, en la que se encuentran en variación dos formas, como puede verse en el siguiente par.

(19)	<i>llamkaq kan</i>	<i>llamkas kan</i>
	‘Suele trabajar.’	

Así, en esta construcción es frecuente que se modifique la articulación de la oclusiva postvelar del nominalizador *-q* [q] por [s] para señalar el mismo significado (como ya fue advertido por Albarracín, 2011, p. 44). Asimismo para la tercera persona y, en caso de continuidad referencial, puede elidirse la cópula auxiliar que lleva la marcación de tiempo y persona (ALBARRACÍN, 2011, p. 43), pero solo cuando el verbo léxico lleva *-q* y no cuando es con *-s*.

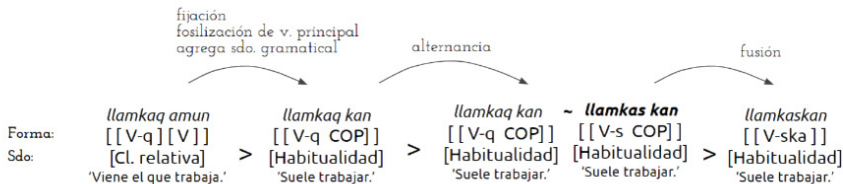
Finalmente, se postula aquí una última etapa de gramaticalización en la que el proceso inicia una fase de fusión de los dos elementos que conforman la construcción perifrástica. El inicio de esta fase puede observarse en instancias de escritura de hablantes en distintos medios, fundamentalmente, en redes sociales. Siendo que la escritura del quichua santiagueño no se encuentra aún completamente estandarizada y, si lo estuviera, no existen instancias de democratización de la escritura de lengua para la población en general (como lo sería por ejemplo la

educación intercultural bilingüe), los/as hablantes realizan sus propias hipótesis de escritura. Por lo tanto, es habitual encontrar instancias como (20), pero son aún más frecuentes en la escritura la fusión de la construcción con el verbo léxico finalizado en *-s*, como en (21).

(20)	<i>una</i>	<i>jinetia-j:ka-ra-ni</i>	<i>che-ina</i> ⁷
	unay	<i>jinetia-q:ka-ra-ni</i>	<i>cha-ina</i>
	hace.tiempo	jinetear-NMLZ:COP-PAS-1SG	DEM.MED-COMP
	‘Hace tiempo solía jineatear así.’		
(21)	<i>chay</i>	<i>ca-s:ca-ra</i>	<i>caballitu-y</i>
	<i>chay</i>	<i>ka-s:ka-ra-ø</i>	<i>caballitu-y</i>
	DEM.MED	COP-S:COP-PAS	caballito-POS.1SG
	<i>y</i>	<i>esuela-man</i>	<i>pusa-a-s:ca-ra</i>
	<i>y</i>	<i>escuela-man</i>	<i>pusa-a-s:ka-ra-ø</i>
	<i>y</i>	escuela-DIR	llevar.anim-OBJ.1SG-S:COP-PAS-3SG
	‘Ese solía ser mi caballo y solía llevarme a la escuela.’		

A continuación en la Figura 2 se resume el camino de gramaticalización para las construcciones de aspecto habitual desarrollado anteriormente.

Figura 4 - Proceso de gramaticalización de construcción perifrástica de aspecto habitual



4.3 Perífrasis de futuro

La última construcción que será considerada en este trabajo es una perífrasis que expresa tiempo futuro y que está conformada por una

7 Se conserva para estos ejemplos en una primera línea la ortografía original de los mensajes en las redes sociales y en la segunda la ortografía estandarizada empleada en este artículo.

forma léxica nominalizada con el sufijo *-q* y el verbo auxiliar *ri-* ‘ir’, como se ve en (22), repetido de (3).

(22)	<i>chay-ta</i>	<i>ruwa-q</i>	<i>ri-ni</i>
	DEM.DEM-AC	hacer-NMLZ	ir-1SG
	‘Voy a hacer eso/haré eso.’		

Esta construcción coexiste en la lengua con un paradigma de futuro flexivo, como puede verse en (23). Sin embargo, aún no se han desarrollado estudios que describan las particularidades de uno u otro uso. Por lo pronto, es preciso notar que la construcción multiverbal es la más frecuente en el habla espontánea.⁸

(23)	<i>ruwa-saq</i>
	hacer-FUT.1SG
	⟨Haré.⟩

En general, en la familia quechua, ejemplos como los de (22) con el nominalizador *-q* y el verbo auxiliar *ri-* ‘ir’ son codificaciones de relaciones de movimiento con propósito, es decir, relaciones en las que uno de los eventos –el de movimiento– se lleva a cabo para permitir la realización del otro (CRISTOFARO, 2005). Así, en otras lenguas quechua no pueden emplearse para expresar una acción que no implique desplazamiento. Véase el siguiente ejemplo del quechua de Junín (CERRÓN-PALOMINO, 1976; en DE GRANDA, 1997, p. 4)

(24)	Quechua Junín		
	<i>[caarru</i>	<i>alli-q]</i>	<i>yalquqlu-n</i>
	automóvil	buscar-NMLZ	salir-3SG
	‘Salió a buscar un automóvil.’		

El desarrollo de una construcción multiverbal de futuro con base en el verbo ‘ir’ está bien documentado tipológicamente, incluso para otras lenguas quechua, como el ecuatoriano (HEINE; KUTEVA, 2002), ilustrado en (25), o el ayacuchano (ZARIQUIEY; CORDOVA, 2008).

⁸ Según Albarracín (2011, p. 35) la distribución de ambas formas no es exactamente la misma. La autora no incluye una explicación a esta variación.

(25)	Quichua ecuatoriano	
	<i>punu-k</i>	<i>ri-ni</i>
	dormir-NMLZ	ir-1SG
	'Voy a dormir/dormiré.' (MARCHESE, 1986 en HEINE; KUTEVA, 2002, p. 162.)	

Además de esta evidencia tipológica que puede ejemplificarse también dentro de la familia quechua, pueden consultarse Albarracín (2011, p. 36) y Juanatey (2020a; 2020b), para diferentes desestimaciones de la hipótesis de de Granda (1997, p. 35), quien propone que se trata de un reanálisis de la estructura quechua que expresaba movimiento, producto de la transferencia lingüística por contacto con el español. Sobre la expresión del movimiento con propósito, se ha identificado en Juanatey (2020a) que la lengua ha desarrollado otra estrategia perifrástica paralela: un converbo que expresa el evento de movimiento (señalado mediante el sufijo *-s*) seguido de un evento de propósito que se realiza como un verbo finito.

Luego de esta primera etapa de gramaticalización a partir de una construcción de movimiento con propósito, donde el verbo auxiliar *ri-* 'ir' se ha fosilizado como verbo auxiliar y desemantizado, y toda la construcción agrega el significado temporal de futuro, puede identificarse una siguiente etapa de alternancia de la posición verbo léxico-verbo auxiliar, como se ve en (26).

(26)	<i>llamkaq rin</i>	<i>rin llamkaq</i>
	'Voy a trabajar/trabajaré.'	

En una fase posterior, esta alternancia parece fijarse en la posición verbo léxico-verbo auxiliar, dando lugar a una nueva variación, esta vez relativa a la terminación del verbo léxico, en [q] o en [s], es decir, la misma variación observada para las construcciones de aspecto habitual descritas en la sección anterior. Ejemplos de este tipo no se encuentran en fuentes secundarias, ya que la relación entre una forma verbal terminada en *-s* y un verbo finito, se interpreta generalmente como una relación de modificación adverbial, similar al ejemplo (27). Por lo tanto, en la escritura la perífrasis de futuro siempre suele normalizarse en la terminación *-q*.

Modificación adverbial: converbo (*-s*) + verbo finito (*ri-*)

(27)	<i>wayrakacha-s</i>	<i>re-ra-ø</i>
	correr-CONV	ir-PAS-3SG
	‘Iba corriendo.’ (en tanto, se desplazaba corriendo)	

Sin embargo, es posible reconstruir esta etapa de alternancia gracias a que se encuentran una gran cantidad de ejemplos de escritura en redes sociales o en textos no normalizados, en los que se observa la hipótesis de escritura realizada por los hablantes. Estos ejemplos corresponden a un estadio posterior a la alternancia verbo léxico terminado en [q] o [s] y verbo auxiliar, ya que se presentan como la fusión de la terminación -s con el verbo auxiliar, como los siguientes.

(28) Futuro (fusión -s + ri-)

a.	<i>cha</i>	<i>hombre</i>	<i>chaya-spa</i>	<i>noqayku</i>
	DEM.MED	hombre	llegar-CONT	1PL.EXCL
	<i>mula-n-ta-q</i>		<i>larga-po-ø-s:ri-ykus</i>	
	mula-POS.ESG-AC-Q		largar-APL-BEN.3SG-s:ir-1PL.EXCL-IMP	
	‘Cuando llegue ese hombre nosotros a la mula le vamos a soltar.’ (GUILLÍN et al. 2012, p. 69)			
b.	<i>badera.bajada</i>		<i>tiya-s:ri-ni</i>	
	Bandera.Bajada		COP.LOC-S:ir-1SG	
	‘Voy a estar en Bandera Bajada.’			
c.	<i>noca</i>	<i>ca-s:ri-ni</i>	<i>bandoneonista</i>	
	<i>noqa</i>	<i>ka-s:ri-ni</i>	<i>bandoneonista</i>	
	1SG	COP-S:ir-1SG	bandoneonista	
	‘Yo voy a ser bandoneonista.’			

Esta fusión fue advertida ya en otras lenguas de la familia, como en el quichua ecuatoriano que desarrolló a partir de esta construcción (-k ri-) el sufijo -gri, como en (29) (MUYSKEN, 1977, en CERRÓN-PALOMINO, 2003, p. 283).

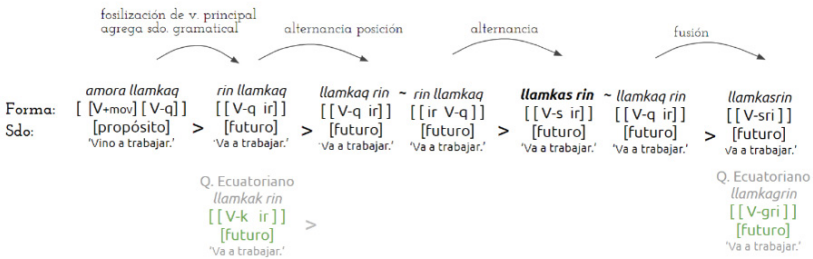
(29)	Quichua ecuatoriano	
	<i>puñu-gri-ni</i>	
	dormir-FUT-1SG	
	‘voy a dormir’.	

En el quichua ecuatoriano de las tierras bajas, de la región de Napo y Pastaza, se ha desarrollado este sufijo como producto de la fusión, pero según Nuckolls (1990), conserva su matiz semántico de

desplazamiento espacial, expresando una acción que debe llevarse a cabo en un futuro en otra locación.

En la siguiente figura se resumen los estadios del proceso de gramaticalización de la construcción de perífrasis de futuro. En la primera línea se indican las observaciones sobre el santiagueño y en paralelo se agregaron los datos similares del ecuatoriano.

Figura 5 - Proceso de gramaticalización de construcción perifrástica de tiempo futuro



5 Discusión

A continuación se integra el desarrollo anterior para postular discusiones organizadas en tres ejes. El primero consiste en sistematizar las hipótesis de caminos de gramaticalización anteriores en las fases del ciclo perífrasis-fusión-erosión (CROFT, 2000). El segundo aporta una observación respecto de la extensión de un patrón originado a partir de la perífrasis de progresivo a las otras construcciones. Finalmente, se espera que este desarrollo sea un aporte a la revisión de la relación entre las lenguas de familia quechua.

5.1 Las construcciones en el ciclo perífrasis-fusión-erosión

Luego del desarrollo presentado anteriormente, es posible concluir que las tres construcciones analizadas emergen, en primer lugar, como una construcción perifrástica para expresar el significado progresivo o durativo, en el primer caso, el significado de aspecto habitual, en el segundo, y la expresión de tiempo futuro, en el tercero. Estas construcciones, afectadas por un proceso de gramaticalización pasan, en los tres casos, paulatinamente hacia una etapa de fusión en la que se observa una coalescencia entre la

terminación del verbo léxico (-s, en todos los casos) con el inicio del verbo auxiliar (*tiya-*, *ka-* y *ri-*, respectivamente).

Como fue señalado, tanto la construcción perifrástica para expresar progresivo como la que expresa futuro coexisten con formas flexivas para expresar los mismos significados. Para la reconstrucción diacrónica de estos sufijos verbales también se ha postulado un origen en una forma perifrástica previa. De esta manera, para muchos de los sufijos de estructura fonológica CCV, Cerrón Palomino (2003), retomando a Stark (1985) y Muysken (1977), afirma que estos tienen un origen bimorfemático.

Así, el sufijo verbal de progresivo *-shka/-chka*, común las lenguas del QIIC, se reconstruye como la unión de un sufijo **-sh/*-ch* final más el inicio de una cópula *ka-*. Una vez conformado este nuevo sufijo *-shka/-chka*, algunas lenguas, como el quichua santiagueño inician una nueva fase del ciclo y una nueva perífrasis de progresivo emerge, con la misma terminación *-s/-sh* pero esta vez con la cópula locativa *tiya-*. Cabe señalar al respecto que en algunas lenguas de la familia (como las otras lenguas de la rama QIIC) *tiya-* no se interpreta como una cópula, sino que se trata de un verbo de posición ‘estar sentado’. Por lo tanto, el desarrollo de *tiya-* como cópula en algunas lenguas de la familia, como el quichua santiagueño o algunas lenguas norteñas, como el ecuatoriano, podría haber llevado a surgimiento de esta nueva construcción perifrástica.

Respecto de las formas para el futuro, las marcas de futuro flexivo de las lenguas quechua son propuestas como la combinación de dos morfemas. Por ejemplo, la expresión de la tercera persona futuro *-nqa* se trata, según Cerrón Palomino (2003), de la fusión entre un sufijo de tercera *-n* y una protomarca de futuro **-qa*. A partir de este estadio, otras lenguas como el quichua santiagueño reinician el ciclo con una nueva instancia perifrástica que a la vez, según vimos, también después se fusionará.

Para la construcción perifrástica de habitualidad, no se registra en la literatura de reconstrucción diacrónica de la familia ninguna hipótesis acerca de su protoforma. Por lo tanto, solamente tenemos conocimientos del ciclo en su fase de perífrasis y posterior fusión de la terminación *-s* y la cópula *ka-*, descrita en la sección anterior.

Las observaciones anteriores se representan en la siguiente figura.

Figura 6 - Ciclo de perífrasis-fusión-erosión en construcciones analizadas

Conclusiones: Perífrasis > Fusión > Erosión

C1	*-ch ka- [[V-ch COP]] [Durativo]	>	qaachkan [[V-PROG]] [Durativo] 'Está mirando.'	> [...]	qaas tiyan [[V-s COP]] [Durativo] 'Está mirando.'	>	Q. Cachapoyas: shamu-shitiya-n [[V-shtiya/-sti]] [Durativo] 'Está viniendo.'
C2				[...]	llamkas kan [[V-s COP]] [Habitualidad] 'Suele trabajar.'	>	llamkaskan [[[V-ska]]] [Habitualidad] 'Suele trabajar.'
C3	*-n -qa [[[3SG T*]]] [futuro]	>	llamkanqa [[[V-FUT]]] [futuro] 'Trabajará.'	> [...]	llamkas rin [[[V-s ir]]] [futuro] 'Va a trabajar.'	>	llamkasrin [[[V-sri]]] [futuro] 'Va a trabajar.'

5.2 La extensión de un patrón regular

Como ya fue señalado, el converbo es una forma muy frecuente en la lengua y está involucrada en distintas construcciones que cubren una amplia gama de significados (JUANATEY, 2020b). De esta manera, puede, por un lado, establecer relaciones entre eventos de tipo secuenciales, de causa o de simultaneidad en relación con un predicado principal. Asimismo, se observó que puede ser complemento de verbos de fase del tipo 'empezar a...' o 'terminar de...'. Sin embargo, se especializa fundamentalmente en establecer relaciones estrechas con otros predicados, como son la modificación adverbial para expresar medio, posición/movimiento y manera. Otros converbos, se han gramaticalizado para pasar a ser marcadores aspectuales de iteración (con el converbo de 'llevar') y continuidad ('ir') o ser marcadores comitativos ('tener') o de actitud proposicional ('decir'). Y, finalmente, el converbo participa de construcciones perifrásticas. En este trabajo nos centramos en la de aspecto progresivo, pero probablemente participe de algunas otras aún no descriptas.⁹ Por lo tanto, los converbos son formas altamente productivas en la lengua, en los términos dados por Barðdal (2008), en tanto desarrollan nuevas funciones, cubren una amplia gama de significados y se combinan fácilmente con otros elementos para conformar nuevas construcciones.

⁹ He advertido la perífrasis ya descrita para verbos meteoerológicos para expresar incoatividad *paras amun* 'viene lloviendo', una posible construcción de perfecto *llamkas amun* 'viene trabajando (desde hace un tiempo)' y otras combinaciones para expresar, por ejemplo, duratividad como *lloqas rin* 'iba subiendo', entre otras.

Para los fenómenos analizados en este trabajo, se considera que una vez gramaticalizada la construcción de progresivo con el verbo léxico finalizado en la marca converbial *-s* y fijada la posición verbo léxico-verbo auxiliar, esta actúa como un patrón de perífrasis para las otras construcciones existentes: la de habitualidad y la de tiempo futuro.

Es interesante notar, especialmente, que la alternancia [-q]/[-s] se da en estas construcciones solamente una vez que la posición verbo léxico-verbo auxiliar se ha fijado, es decir, la posición típica del converbo en la perífrasis de progresivo. Nótese, además, que la alternancia no responde a una mera cuestión fonológica ya que, a pesar de que la relajación y adelantamiento de una articulación velar que lleva progresivamente a una sibilante ([q] > [k] > [s]) es un cambio fonológico muy frecuente en las lenguas del mundo, esta variación no está registrada para el quichua santiagueño en ningún otro contexto. De hecho, el santiagueño se inscribe en el QIIC junto con las otras lenguas que han conservado la distinción [q] y [k] (a diferencia de las ramas noroesteñas que han adelantado [q] > [k] o incluso sonorizado en [g]). Este cambio > [s] solamente puede registrarse en la posición final de estos verbos léxicos antes de los verbos auxiliares. Por lo tanto, si se tratara de un cambio fonológico, el mismo podría estar motivado por el patrón de la construcción perifrástica con converbo de progresivo.

5.3 La reconstrucción sintáctica como evidencia de la filiación entre lenguas quechua

La variación sincrónica, según lo desarrollado anteriormente, encuentra su lugar si se adopta una perspectiva diacrónica (CROFT, 2000), es decir que lo que se aprecia como variación sincrónica se trata de un cambio gramatical en proceso y es el insumo para extraer conclusiones acerca de la reconstrucción interna de las lenguas. Sumado a los estudios diacrónicos existentes, centrados en la fonología y morfología, se plantea aquí que la reconstrucción en el plano sintáctico permitirá echar luz sobre la relación entre las lenguas de la familia y de la región. Esto es particularmente necesario para el quichua santiagueño, dada su particular ubicación geográfica e historia. A continuación se repasan algunas observaciones que permitirían relacionar los fenómenos antes desarrollados del quichua santiagueño con otras lenguas de la familia.

En general, las lenguas quechua comparten marcadores similares para sus sistemas de conmutación de la referencia (*switch-reference*): *-pti* (y variantes como *-qti*) para discontinuidad y *-spa* (y variantes como *-shpa*) para señalar continuidad de la referencia (CERRÓN-PALOMINO,

2003). Dentro de la familia quechua existen más variaciones para indicar relaciones entre eventos con mismo sujeto. Así, en las lenguas de la rama QI, el marcador más habitual para relaciones de correferencia es *-r* (o *-l*), aunque, por ejemplo, el quechua huallaga dentro de esta misma rama, cuenta con dos formas *-shpa* y *-r* (ADELAAR; MUYSKEN, 2004, p. 189 y 225).

La relación entre el par de sufijos que expresan relaciones entre eventos con continuidad de referencia, como *-spa/-shpa* y *-s/-r/-l*, parece ser compleja en la mayoría de las lenguas quechua y se manifiesta de forma diversa a lo largo de la familia. Para el quichua santiagueño (Bravo, 1965; Nardi, 2002; Alderetes, 2001; Albarracín, 2016 o, incluso en los trabajos comparativos sobre la familia quechua, como Cerrón-Palomino, 2003) siempre se ha señalado que el sufijo *-s* se trata de una forma apocopada del sufijo *-spa*. Si bien ambas formas pueden participar de algunas relaciones adverbiales, fundamentalmente, causa y circunstancia, las construcciones converbales son más reducidas sintáctica y semánticamente que las cláusulas dependientes con marcadores de conmutación de la referencia, como fue señalado anteriormente.

Formas reducidas similares al converbo *-s*, por lo tanto, no se encuentran presentes en todas las lenguas de la familia. En lenguas de la rama QI, se advierte la forma reducida *-r*, por ejemplo en el quechua Huallaga (WEBER, 1989) y el anchashino (COLE, 1983). En las lenguas quechua de la rama QII (como se ve en el Mapa 2), es posible encontrarlo en Santiago del Estero, en la lengua en desuso de La Rioja y Catamarca –según he podido observar, probablemente con las mismas funciones aún no estudiadas– y Cerrón Palomino (2003) indica la presencia de formas en *-s/-sh* también en Pacaraos, Chachapoyas, Azuay, Oriente de Ecuador y Colombia, es decir, todas lenguas de las ramas norteñas (QIIA y QIIB). Por el contrario, las lenguas cercanas al quichua santiagueño, es decir, las otras lenguas sureñas de la rama QIIC, como el jujeño, el boliviano, el cusqueño o el ayacuchano, no cuentan con este sufijo (a excepción, claramente, del quichua de La Rioja y Catamarca), sino que solamente cuentan con la forma correferencial similar a *-spa*.

Además de encontrarse este morfema en determinadas lenguas de la familia, se encuentra subdescripto. De esta manera, fue omitido de muchas gramáticas descriptivas porque siempre se lo consideró una mera variación alomórfica del sufijo *-spa*. Entre las descripciones disponibles, para las lenguas del QI, por ejemplo, Weber (1989) señala que *-shpa* y *-r* en el quechua huallaga se emplean en contextos paralelos, aunque en ciertas oraciones suele optarse por el primero, ya que en esa lengua es el que permite la aglutinación de sufijos personales. Para el quechua

de Ancash, Cole (1983) señala que la elección de *-shpa* o *-r* depende de si las dos cláusulas son vistas como eventos relacionados, donde la ocurrencia de un evento depende del otro, o no relacionados. Algunas gramáticas de las lenguas norteñas mencionadas hacen referencia a esta forma. Respecto de las lenguas de esta región de la rama QII, por ejemplo, Taylor (2006) para el quechua de Chachapoyas indica que existe un sufijo de gerundio *-sh* al que ocasionalmente puede agregarse *-pa* para formar *-shpa*. Sin embargo, como se ilustró en (12), es la forma erosionada *-sh* la que podría integrar una perífrasis de progresivo y, además, se encuentra en una fase fusión: *samush tiyan > shamushtiyán*. Adelaar (1986) indica para el quechua de Pacaraos que la forma *-sh*, podría tratarse de una erosión de *-shpa*¹⁰ citando el siguiente ejemplo: *kantaykásh shukaykásh purinkiman* ‘Puedes andar cantando y silbando.’ Llama la atención que el único ejemplo citado para esta forma es, precisamente, uno de modificación de manera, es decir, una relación estrecha entre eventos, que según fue advertido es expresada especialmente por el converbo *-s* en quichua santiagueño.

Asimismo, por encontrarse subdescripto, este sufijo tampoco fue seleccionado en la literatura sobre las reconstrucciones del protoquechua. Además, es de notar que estos estudios no consideran en todos los casos estas lenguas más periféricas, como el santiagueño o las lenguas norteñas. Por ejemplo, Parker (1963) consideró algunas variedades peruanas (serranas y centrales), ecuatorianas y bolivianas, mientras que Torero (1964) amplió su estudio hacia la zona centro-norte peruana. Posteriormente, el trabajo de Cerrón Palomino (2003) logró una reconstrucción más ajustada del protoquechua a la vez que, por primera vez, detalló los procesos de cambio lingüístico. Sin embargo, su reconstrucción incluye solo marginalmente el colombiano, el boliviano y las lenguas quechua de Argentina, ya que tales variedades, según el autor, se explican a partir de otros dialectos representativos.

Sumado a lo anterior, Adelaar (1994) detecta rasgos de la fonología, léxico y morfología del quichua santiagueño que en una primera etapa estarían en relación con lenguas quechua de Bolivia del sur (QIIC) y luego, propone una segunda etapa de relexificación dónde

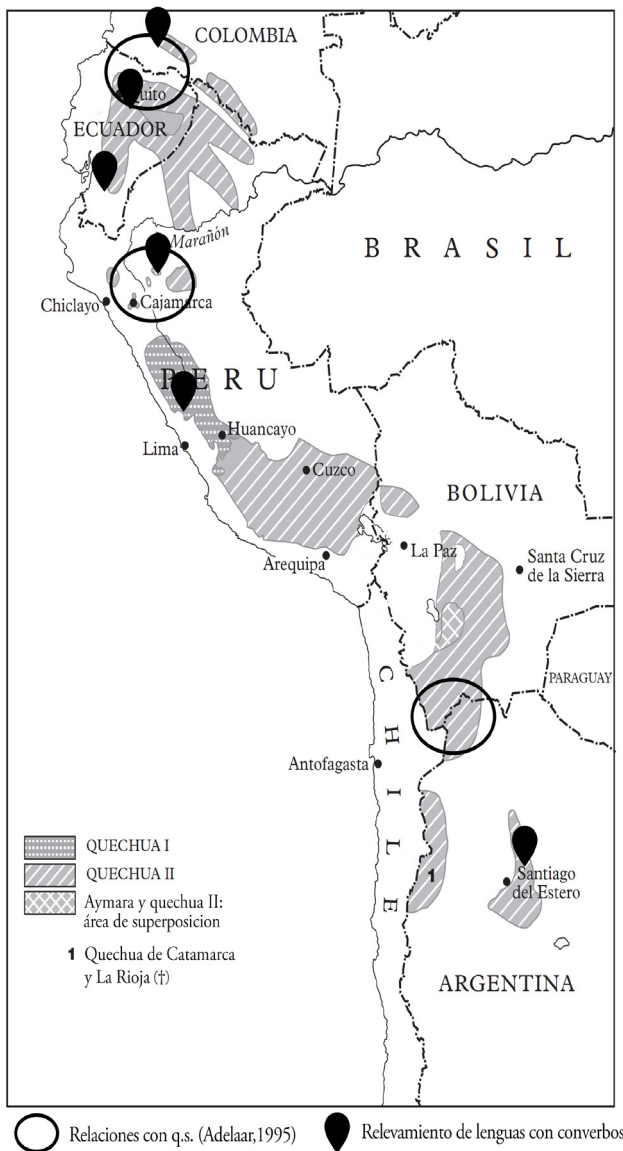
¹⁰ También señala la existencia de otra forma *-sh* para las perífrasis de experiencia en el pasado del tipo “alguna vez en el pasado” seguida por un auxiliar cópula *ka-*, como en *qishyāsh kay* ‘(alguna vez) me he enfermado.’ (ADELAARA 1986, p. 35). Sin embargo este sufijo parecería ser la erosión de otro sufijo *-shqa* empleado generalmente en lenguas quechua como nominalización de pasado. En algunos contextos la forma *-s* del quichua santiagueño también parecería ser producto de la erosión de *-sqa*, fundamentalmente para formación de adjetivos y, probablemente, depictivos.

ingresarían otros sonidos y morfemas distintos provenientes del quechua Norteño (QIIB y QIIA):

Por sus características fonológicas, en particular la situación de las sibilantes, el quechua de Santiago del Estero se relaciona con el Grupo Quechua IIB y con los dialectos IIA de la franja norandina del Perú (Cajamarca y Ferrañafe). Algunos elementos léxicos también apuntan hacia un origen norteño (Quechua IIB o Cajamarca). [...] Desde el punto de vista de la morfología verbal y del léxico en general, el quichua de Santiago del Estero muestra semejanzas sumamente específicas con el Quechua IIC, en particular, con el dialecto Bolivia sur. (ADELAAR, 1994, s.p.)

En el siguiente mapa se señalan con un círculo las observaciones realizadas por Adelaar respecto de la relación del quichua santiagueño con otras lenguas de la familia. Por otro lado, se indican también las lenguas de la familia que cuentan con construcciones con formas terminadas en *-s*, que parecen actuar de manera similar al converbos en quichua santiagueño, pero que se encuentran actualmente subdescriptas. Respecto de los caminos de gramaticalización de las construcciones perifrásticas, pudo observarse en este trabajo en particular, que otras lenguas norteñas de la rama QIIB, como el quechua Chachapoyas o el quichua ecuatoriano, siguen caminos de cambios lingüísticos similares para las construcciones de progresivo y futuro, respectivamente. Por lo tanto, podemos ver que, según se desprende del mapa, el estudio de estas construcciones podría arrojar luz sobre la relación entre las lenguas norteñas y el quichua santiagueño, en línea con la propuesta de Adelaar.

Figura 7 - Distribución de las lenguas quechua con morfema -s y relaciones entre lenguas identificadas por Adelaar (1994)



6 Conclusiones

Este trabajo se propuso trazar el proceso diacrónico que lleva desde una relación entre dos elementos lingüísticos, es decir, una perífrasis, hacia la formación de nuevos morfemas, con ejemplos del quichua santiagueño. Se notó que una de las construcciones perifrásticas analizadas, la de aspecto progresivo expresada por un converbo y un verbo cópula auxiliar, actúa como patrón que se encuentra en extensión hacia otras construcciones de la lengua, como son la perífrasis para expresar aspecto habitual y otra para expresar tiempo futuro. Siendo el converbo una forma muy frecuente y multifuncional especializada en la expresión de relaciones entre eventos altamente integradas, puede explicarse su predisposición a ser una forma productiva extensible a otras construcciones perifrásticas. Caminos de gramaticalización que se explican como la fusión de dos elementos también han sido encontrados en lenguas quechua norteñas en construcciones similares. Estas mismas lenguas son además aquellas que cuentan con una forma similar al converbo del santiagueño para indicar correferencia en las relaciones entre eventos, sin embargo, actualmente su uso y distribución se encuentran, probablemente, subdescriptos. Por lo tanto, se considera aquí que es necesario un estudio comparado de esta forma en las lenguas de la familia para determinar si se trata de construcciones con las mismas funciones y desarrollos diacrónicos similares. Una vez que contemos con más descripciones de estas construcciones en estas y otras lenguas de la familia, será posible apoyar con evidencia sintáctica las observaciones realizadas por otros estudiosos acerca de la relación entre el santiagueño y las lenguas quechua norteñas. Se espera, por tanto, que el presente trabajo abra una puerta hacia nuestra comprensión de la relación entre lenguas de la familia quechua y sus caminos de gramaticalización.

7 Abreviaturas

1 primera persona; 2 segunda persona; 3 tercera persona; AC acusativo; APL aplicativo; BEN benefactivo; CIS cislocativo; COMP comparativo; CONT continuativo; CONV converbo; COP cópula; DEM demostrativo; DIR direccional; DUR durativo; EUF eufónico; EXCL exclusivo; FUT futuro; IMP imperativo; LOC locativo; MED medial; MS mismo sujeto; NEG negación; NMLZ nominalizador; OBJ objeto; PAS pasado; PL plural; POS posesivo; PROG progresivo; PROP propretivo; RFL reflexivo; SG singular; V verbo.

Referencias

- ADELAAR, W. F. H. *Tarma Quechua: Grammar, Texts, Dictionary*. Leiden: Brill, 1977.
- ADELAAR, W. F. H. *Morfología del quechua de Pacaraos*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos; Instituto de Lingüística Aplicada, 1986.
- ADELAAR, W. F. H. Raíces lingüísticas del quichua de Santiago del Estero. In: SEGUNDAS JORNADAS LINGÜÍSTICA ABORÍGEN. *Actas...* Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires; Facultad de Filosofía y Letras; Instituto de Lingüística. 1994. p. 25-50.
- ADELAAR, W.F. H.; P. MUYSKEN. *The Languages of the Andes*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511486852>.
- AIKHENVALD, A. Multi-verb constructions: Setting the scene. In: AIKHENVALD, A.; P. MUYSKEN, P. (eds.). *Multi-verb constructions: a view from the Americas*. Leiden: Brill, 2011. p. 1-26.
- ALBARRACÍN, L. I. *La Quichua : Gramática, ejercicios y diccionario Quichua-Castellano*. v. 2. Buenos Aires: Dunken, 2011.
- ALBARRACÍN, L. I. *La Quichua*. Gramática, ejercicios y selección de textos. v. 3. Buenos Aires: Dunken, 2016.
- ALDERETES, J. R. *El Quechua del Santiago del Estero, gramática y vocabulario*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2001.
- BARÐDAL, J. *Productivity*. Cal.8. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BARÐDAL, J.; EYTHÓRSSON T. Reconstructing Syntax : Construction Grammar and the Comparative Method. In: BOAS, H. C.; SAG, I. A. (eds.). *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012. p. 257-308.
- BARÐDAL, J.; SILDEA, S.; E. SNOVA, E.; L. OMM, L. *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- BRAVO, D. A. *Estado actual del quichua santiagueño*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras, 1965.
- BYBEE, J. L. *Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985.

CERRÓN-PALOMINO, R. *Lingüística quechua*. Cuzco: Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolomé de las Casas, 2003.

COLE, P. Switch-Reference in Two Quechua Languages. In: EYTHORSSON, J. (ed.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1983. p. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.1075/tsl.2.03col>.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford studies in typology and linguistic theory. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

CRISTOFARO, S. Purpose Clauses. In: DRYER M. S.; HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/125>.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Radical Construction Grammar. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. *Typology and Universals*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUSIHUAMAN, A. G. *Diccionario Quechua Cuzco Collao*. Lima: Ministerio de Educación. 1976.

GIPPERT, J.; NIMMELMANN, N.; ULRIKE MOS. *Essentials of language documentation*. Trends in linguistics. Studies and monographs 178. Berlín; Nueva York: Mouton de Gruyter, 2006.

GISBORNE, N.; A. PATTEN, A Construction Grammar and Grammaticalization. In: HEINE B.; NARROG, H. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford Handbooks Online, 2011. p. 93-100. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199586783.013.0008>.

GRANDA, G. de. Un fenómeno de convergencia lingüística por contacto con el quechua de Santiago de Estero. El desarrollo del futuro verbal perifrástico. *Revista de Filología Románica*, Madrid, v. 1, n. 14, p. 281 1997. DOI: https://doi.org/10.5209/rev_RFRM.1997.v1.n14.12801.

GUILLÍN, C.; O. LÓPEZ,; A.TORREZ, A.; M. PÉREZ.; R. GUILLÍN.; Y E. BARRAZA, . *Wawqes Pukllas*. Libro juvenil quichua. Buenos Aires: En el aura del sauce, 2012.

HARRIS, A. CAMPBELL, L. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HASPELMATH, M. The converb as a cross-linguistically valid category. In: KÖNIG, E.; HASPELMATH, M. (eds.). *Converbs in Cross-Linguistic Perspective*. 1-56. Empirical Approaches to Language Typology 13. Berlin: Mouton de Gruyter. 1995. p. 1-56.

HEINE, B.; T. KUTEVA. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and Reanalysis in African Languages*. Hamburg: H. Buske. 1984.

HINTZ, D. J. *El Aspecto Verbal en Quechua*. Serie Lingüística Peruana 58. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2017.

JUANATEY, M. Movimiento con propósito en quichua santiagueño. *Forma y Función*, Medellín, v. 33, n. 1, p. 63-85, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.15446/fyf.v33n1.84181>

JUANATEY, M. *Relaciones entre eventos y referencialidad en quichua santiagueño*: de la gramática al discurso. 2020b. Tesis doctoral - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2020b.

KALT, S. Pointing in Space and Time: Deixis and Directional Movement in Schoolchildren's Quechua. In: MANLEY, M.; TENDAM, A. (eds.). *Quechua Expressions of Stance and Deixis*. BRILL, 2015. p. 25-74.

KERKE, S.; P. MUYSKEN. *Quechua Mu and the Perspective of the Speaker*. Unity in Diversity. Berlin: De Gruyter Mouton,. 2011.

LEHMANN, C. *Grammaticalization: Synchronic variation and diachronic change*. *Lingua e Stile*, Pavia, v. 20, p. 303-318, 1985.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins. 1988. p. 181-225.

LEHMANN, W. P. *Objectives of a Theory of Syntactic Change*. Berlin: De Gruyter Mouton. 1995.

MUNRO, P. Field Linguistics. In: ARONOFF, M.; RESS-MILLER, J. (eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blakwell. 2001. p. 130-149.

NARDI, R. L. J. Introducción al quichua santiagueño. ALBRRACÍN, L.; ALDERETES, R.; TÉBES, C. (ed.). Buenos Aires: Dunken, 2002.

NEDJALKOV, V. P. Some topological parameters of converbs. In: KÖNIG, E.; HELMATH, M. (eds.). *Converbs in Cross-Linguistic*

Perspective.. Empirical Approaches to Language Typology, 13. Berlin: Mouton de Gruyter. 1995. p. 97-136.

NUCKOLLS, J B. *The Grammar and Images of Aspect in Lowland Ecuadorean Quechua*. 1990. Tesis (Ph. D.) - Department of Linguistics, University of Chicago, 1990.

PARKER, G. La clasificación genética de los dialectos quechuas. In: CERRÓN-PALOMINO, R (ed.). *Trabajos de lingüística histórica quechua*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú 2014. p. 33-49.

TAYLOR, G. *Diccionario quechua Chachapoyas-Lamas*. Lima: IFEA: IEP: Editorial Commentarios, 2006.

TEBES, M. C. *Castañumanta yuyayniy*. Ni los años ni la distancia. Buenos Aires: Dunken, 2009.

TORERO, A. *Idiomas de los Andes: lingüística e historia*. Lima: IFEA, Instituto Francés de Estudios Andinos, 2002.

TRAUGOTT, E. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; E. SMIRNOVA, E.; L. SOMMERER, L. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 51-80. DOI: <https://doi.org/10.1075/cal.18.02tra>.

VAN VALIN, R. D. *Exploring the syntax-semantics interface*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2005.

WEBER, D. *A Grammar of Huallaga (Huánuco) Quechua*. California: University of California Press, 1989.

ZARIQUIEY, R.; CÓRDOVA, G. *Qayna, kunan, paqarin*. Una introducción práctica al quechua chanca. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú. Estudios Generales Letras. 2008.



Sobre o reconhecimento dos dados linguísticos de um corpus infantil: a comunicação como fator relevante

About the recognition of linguistic data from a children's corpus: communication as a relevant factor

Pedro Perini-Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

pedro.perini.santos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4286-9858>

Adriana Nascimento Bodolay

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

adriananbodolay@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3346-0903>

Tatyane Helena Fabri

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

tatyaneabri@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7243-6020>

Lídia Ferreira-Santos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

lidiaferreirasantos@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-9807-5742>

Resumo: A seleção e o reconhecimento das primeiras vocalizações produzidas por uma criança como dados linguísticos é um tema árduo para as pesquisas que estudam corpora infantis longitudinais. Quais sonorizações infantis devem compor o corpus? A seleção, o reconhecimento, o registro, as anotações contextuais e a interpretação discursiva são escolhas sutis que estão sujeitas a questionamento e amadurecimento. Este breve ensaio se propõe a ilustrar o tema com uma análise de exemplos provenientes do corpus compilado pelo grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL) de acordo com a abordagem interacionista. As interpretações servem-se parcialmente do rol de categorias do *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (1994).

Palavras-chave: corpus infantil; vocalizações; dados linguísticos; díades; comunicação.

Abstract: The selection and the recognition of the first vocalizations produced by a child as linguistic data is an arduous topic for research that studies longitudinal children's corpora. Which children's sounds should integrate the corpus? Selection, recognition, registration, contextual annotations, and discursive interpretation are subtle choices that are subject to questioning and maturation. This brief essay aims to illustrate the theme with an analysis of examples from the corpus compiled by the group Corpus Infantil Longitudinal (CIL) in according to an interactionist view. The interpretations partially use the list of categories of the *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (1994)

Keywords: children's corpus; vocalizations; linguistic data; dyads; communication.

Recebido em 20 de maio de 2021

Aceito em 30 de agosto de 2021

Apresentação

A seleção dos dados é um tema árduo para as pesquisas que trabalham com corpora infantis. Os critérios para o reconhecimento das primeiras vocalizações infantis como dados linguísticos não são consensualmente aceitos. Assume-se a função ou a forma das vocalizações. O objeto artigo é propor reflexão sobre o reconhecimento dos dados em um corpus oral infantil.

Como é amplamente reconhecido, até os primeiros dois anos de vida, as crianças vocalizam sequências sonoras pré-lexicais que, acompanhadas por outros recursos semióticos, desempenham diversas funções comunicativas (*cf.* AQUINO, SALOMÃO, 2010; BRUNER,

1974; BATES *et al.*, 1975; CLARK, 2009; WIKSE BARROW *et al.*, 2019). Stephens e Matthews (2014) sustentam que a comunicação das crianças ocorre “antes que elas tenham aprendido a falar ou a entender uma única palavra” e que “a produção das primeiras palavras é um momento de mudança que de fato só ocorre após as crianças terem desenvolvido as bases fundamentais da pragmática” (STEPHENS; MATTHEWS, 2014, p.13).

Por outro lado, a referência à forma da palavra baliza o reconhecimento e a interpretação das ocorrências sonoras infantis no projeto *Child Language Data Exchange System (CHILDES)*¹. Para o coordenador do projeto,

as palavras são os blocos básicos de construção de todas as estruturas sentenciais e discursivas. Através do estudo do uso das palavras, podemos aprender uma quantidade enorme de coisas sobre o desenvolvimento da sintaxe, do discurso, da morfologia e das estruturas conceituais. (MACWHINNEY, 2000, p. 31).

Apesar de MacWhinney (2000), mais adiante no texto, chamar a atenção para o risco de serem impostas “formas adultas às formas dos aprendizes, [o que] pode seriamente comprometer os dados” (MACWHINNEY, 2000, p. 31), a forma da palavra é levada em conta para a compilação dos dados do projeto.

A nosso ver, a indagação sobre quais são as primeiras produções sonoras que devem compor um corpus infantil continua ativa. Para atender a essa pergunta analisaremos alguns excertos ilustrativos de diálogos ocorridos entre mãe e filho provenientes do corpus montado pelo grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL). Antes, serão apresentadas as categorias formais que têm sido usadas para classificar as primeiras produções sonoras infantis e a metodologia do grupo para a compilação de seu corpus.

O grupo de pesquisa CIL assume que o ponto de partida da aquisição da língua materna é o intuito comunicativo infantil e que,

¹ O projeto CHILDES disponibiliza em seu banco de dados um vasto rol de corpora orais infantis transcritos em <https://chilides.talkbank.org/access/>. Os registros foram feitos em mais de 40 línguas e ocorreram em sua maioria durante interações dialógicas espontâneas entre crianças e adultos. Em função de seus objetivos de compartilhamento de dados, o projeto propõe orientações sobre os procedimentos-padrão para a coleta, para a transcrição, para a etiquetagem e para a divulgação do material registrado. Parte do material é acompanhado pelos respectivos registros em áudio e vídeo.

assim, as vocalizações infantis pré-lexicais podem ser reconhecidas como dados linguísticos.

1 Palavras ou não: sobre as categorias formais e funcionais

Brooks e Kempe (2012), Bharadwaj *et al.* (2015) e Perini-Santos *et al.* (2019) distribuem as primeiras produções sonoras infantis em cinco categorias: vocalizações, balbucios, pré e proto-palavras, holofrases e palavras. Grolla e Silva (2014) servem-se das categorias balbucios, holofrases e palavras. Karmiloff e Karmiloff-Smith (2001) as categorizam como vocalizações, balbucios, palavras-balbucios e palavras. Guimarães distingue as produções sonoras, “no período de transição do balbucio para as primeiras palavras: sound play, proto-palavras e balbucio modulado” (GUIMARÃES, 2012, p. 557).

Nos trabalhos citados, o critério usado para a distribuição dos dados nas respectivas categorias é a complexidade fonológica, morfológica e sintática das sequências sonoras infantis. Desse critério são propostos dois grandes grupos que reúnem as formas pré-lexicais e as formas lexicais.

O primeiro grupo comporta as vocalizações e os balbucios, porque os seus significantes não se aproximam das formas adultas. O segundo grupo é composto pelas pré-palavras, proto-palavras, as holofrases e as palavras. Essas são formas lexicais, porque os seus significantes são conjuntos sonoros que coincidem ou se avizinham das formas adultas. Nesse segundo grupo, as subcategorias diferem pelo grau de semelhança com as formas adultas e pelo traço de ter uso isolado, sintagmático ou sentencial.

Ordenados de forma escalar, as produções sonoras infantis amadurecem na direção a uma maior proximidade com as formas usadas pelos adultos, amadurecem na direção às palavras. Em estudo sobre um corpus longitudinal coletado junto a um informante, identificado pelo acrônimo G., que foi acompanhado dos 5 meses até os 23 meses, Perini-Santos *et al.*, (2019) servem-se do rol categorial apresentado acima e reconhecem a progressiva substituição das formas pré-lexicais pelas formas lexicais

Tabela 1 - Ocorrências produzidas pelo informante G. por categorias

Identificação dos registros	Vocalizações	Balbuícios	Pré e proto-palavras	Palavras	Holofrases	Total
G.01	45	0	0	0	0	45
G.02	57	0	0	0	0	57
G.17	40	0	137	66	18	261
G.18	12	0	51	59	49	171

Fonte: Tabela adaptada de Perini-Santos *et al.* (2019, p. 17).

No primeiro registro do informante, nomeado como G.01, de um total de 45 ocorrências transcritas foram reconhecidas 45 vocalizações – como [CHI: *an un un*] – zero balbuícios, zero pré e proto-palavras, zero palavras e zero holofrases. No segundo registro, G.02, 100% das 57 ocorrências transcritas foram reconhecidas como vocalizações. Em G.17, de um total de 261 itens, o informante G. produziu 40 vocalizações, zero balbuícios, 137 pré e proto-palavras – como [MOT: *cuidado*] [CHI: *ado*] –, 66 palavras e 18 holofrases. Em G.18, de um total de 171 ocorrências, foram reconhecidas 12 vocalizações, zero balbuícios, 51 pré e proto-palavras, 59 palavras – como [CHI: *cheroso*] [MOT: *é cheiroso filho*] – e 49 holofrases, como [CHI: *água água*] [MOT: *água deixa a mamãe abrir pra você*]. Os dados das duas primeiras gravações, feitas no 5º e no 6º mês de vida do informante, registram 100% de formas pré-lexicais. As duas últimas gravações, relativas ao 22º e ao 23º mês de vida do informante, registram 12% de formas pré-lexicais. CHI é criança-informante; MOT, a mãe-pesquisadora.

A substituição de formas pré-lexicais por formas lexicais que ocorre entre esses dois períodos ilustrativos não deve ser compreendida como a substituição de interações pré-comunicativas por interações comunicativas. Se assim o fosse, poderia se dizer erroneamente que antes da ocorrência de formas lexicais não haveria comunicação entre crianças e adultos. O que ocorre é a ampliação do repertório de recursos expressivos convencionais usados pela criança.

Em *When is a word a word*, Vihman e McCune (1994) sintetizam os temas que acompanham as reflexões sobre a evolução da fala infantil em diversos autores: (i) a tipologia das primeiras palavras; (ii) a relação entre a oralização e a gestualização; (iii) os itens nominais e a sua referência; (iv) o uso das primeiras palavras e a incipiência das

categorias semânticas e, finalmente, (v) as definições das palavras e o seu reconhecimento no mundo real. Sobre a pergunta anunciada pelo título do artigo, “Quando uma palavra é uma palavra”, as autoras evocam dois critérios: “a semelhança com a forma fonética da palavra do adulto e a coerência em sua situação de uso” (VIHMAN; MCCUNE, 1996, p. 518), e comentam:

O reconhecimento das palavras através do critério amplo da convencionalidade formal que associa som e significado está longe de ser simples; ainda mais e particularmente nos momentos iniciais de produção potencial de palavras, quando as crianças gradualmente passam do uso de balbucios para o uso das palavras no formato adulto, produzindo vocalizações com diferentes ‘graus de palavra’. (VIHMAN; MCCUNE, 1994, p. 518).

O risco de “impor as formas adultas” (MACWHINNEY, 2000, p. 31) e a falta de nitidez dos “graus de palavra” – no original, “degrees of ‘wordiness’” (VIHMAN; MCCUNE, 1994, p. 518) – podem ser revistos a partir do efeito discursivo e performativo que a locução infantil surte sobre seu interlocutor.²

Para Gruber (1973), algumas estruturas performativas “já estão desenvolvidas nos primeiros momentos do desenvolvimento linguístico” (GRUBER, 1973, p. 442). Uma única palavra, como *sapato* por exemplo, pode exercer função holofrástica e ser interpretada como a demanda para olhar para o sapato ou como o pedido de acesso a um sapato presente no contexto da interação dialógica. É uma situação de “pura performatividade”, não há conteúdo proposicional, diz o autor.

² As expressões “forma adulta” e “graus de palavra” estão no artigo de Vihman e MacCune (1994). Em nota de pé-de-página, as autoras propõem que “for a more complete discussion of the criteria used for word identification or of the procedure for determining degree of phonetic match, together with examples drawn from the data reported here, please write to the authors.” (VIHMAN; MACCUNE, p. 527, 1994). (Tradução: “... para se ter acesso a uma discussão plena sobre os critérios usados para a identificação das palavras ou sobre os procedimentos usados para a determinação dos graus de coincidência fonética associados aos exemplos elaborados a partir dos dados apresentados, por favor, entrem em contato com os autores.”) Para o presente artigo, a “forma adulta” da palavra é o padrão lexical usado pelo adulto que baliza o reconhecimento de diferentes “graus de palavra” – de diferentes níveis de semelhança com o padrão – das formas lexicais usadas pelos informantes infantis.

Gruber propõe que “as estruturas performativas têm uma história de desenvolvimento anterior à da fala ela mesma” (GRUBER, 1973, p.442). Seguindo mesma linha de pensamento, Bates *et al.* (1975) invertem a ordem da interpretação performativa dos Atos de Fala de austiniana. Para Ninio *et al.* (1994), que também esposam essa proposta,

O primeiro estágio do desenvolvimento pode ser descrito sobretudo como pragmático, uma vez que a importante habilidade para a tomada do turno de fala e para a comunicação com gestos se desenvolve antes da sintaxe e da morfologia. (NINIO *et al.*, 1994, p. 159).

A pragmática precede as habilidades sintáticas e semânticas. Assim, pode-se concluir que um dado linguístico é uma sequência sonora ou sonoro-gestual produzida por uma criança cujo intuito interlocutivo é interpretado por um adulto em uma situação dialógica.

2 Sobre a pesquisa do grupo CIL: Mini-Corpus e a transcrição discursiva

O grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL) acompanha a evolução da fala de um informante infantil masculino em um diário parental desde 2015. As sessões de gravação de áudio duram cerca de 30 minutos e ocorrem uma vez por mês sem que haja mudança na rotina de vida do informante ou de seus cuidadores. Na data da propositura deste artigo, o informante tinha cinco anos e onze meses de vida e o corpus do grupo contava com 25 gravações transcritas de um total de 70.³

O fato de a pesquisadora ser a mãe do informante limita o detalhamento da anotação dos elementos contextuais que integram os diálogos entre os dois, mas preserva, em seu grau ótimo, a espontaneidade da expressão do informante durante a compilação dos dados para o diário. Os diários parentais geram um conjunto de Mini Corpora (MC). De acordo com Koester (2010), se falta robustez quantitativa aos MC, o seu uso é justificado pela solidez em sua interpretação:

³ Para a realização desta pesquisa, o grupo CIL obteve a autorização do CEP da UFVJM [CAAE 57714216.5.0000.5108] e o consentimento da responsável legal pela criança, que assinou o devido TCLE.

Frequentemente quem faz a compilação do corpus é também aquele que o analisa. Em função disso, costuma ter grande familiaridade com o contexto [...] a análise de um corpus como este revela conexões entre os padrões linguísticos e os contextos de uso. (KOESTER, 2010, p. 67).

Há todo um rol de informações convencionais que, associadas à leitura dos MC, permite a apresentação de interpretações sólidas sobre a prática comunicativa dialógica que o informante partilha com a pesquisadora. Há “uma relação bastante próxima entre o corpus e os contextos nos quais o corpus foi produzido” (KOESTER, 2010, p. 67).

O grupo CIL propõe pesquisas qualitativas de MC longitudinais e se baseia no padrão de transcrição *Codes for the Human Analysis of Transcripts* (cf. MACWHINNEY, 2000). Os áudios dos exemplos deste artigo foram escutados e transcritos pelos autores sem uso de softwares.

Para além do padrão CHAT, os exemplos do artigo são marcados com segmentações prosódicas. A marcação das fronteiras entonacionais é feita com a dupla de sinais (//). A marcação de fronteira não terminal é feita com um único sinal (/). Essas marcações se baseiam nos trabalhos de Cresti (1995, 2014), Mello e Raso (2012) e Rocha, Mello e Raso (2018), que evidenciam como “a percepção de fronteira deve ser acompanhada de um valor ilocucionário e da percepção de terminalidade para que se possa construir uma unidade de referência” (ROCHA; MELLO; RASO, 2018, p. 152).

Como dito, o corpus deste artigo é essencialmente dialógico e espontâneo. Dos excertos apresentados, participam o informante G., identificado como CHI; a mãe-pesquisadora, cujo acrônimo é MOT; e a avó, GRA. Junto aos exemplos propostos, seguem a transcrição fonética, a marcação das fronteiras entonacionais e a interpretação dos atos comunicativos do informante de acordo com o *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO *et al.*, 1994).

O INCA-A (NINIO *et al.*, 1994) é um procedimento de análise aplicado na interpretação das intenções comunicativas das crianças. Esse procedimento de análise considera que os atos de fala ocorrem antes de a própria fala começar e se contrapõe à busca pela “estrutura interna das primeiras falas” (BATES *et al.*, 1975, p. 205). O inventário apresenta etapas e critérios para o reconhecimento, a classificação e a análise da produção sonora ou gestual da criança. Em suma, Ninio *et al.*

(1994) categorizam as intenções comunicativas das crianças ocorridas em diálogos com seus cuidadores.

Vejamos um exemplo de interpretação feita a partir do INCA-A (1994). O informante G. tinha 10 meses quando foi registrado o item lexical [*mamãe*] presente no excerto dialógico (1):

(1) [CILAG06:00;10]⁴

%exp: CHI batendo o vidro de esmalte no chão
 *MOT: cê tá ouvindo a vovó reclamar né//
 *pho: setao'vĩduavo'vøhekla'ma nɛ//
 *GRA: uu//
 %pho: uu//
 *CHI: mamãe //
 *pho: mẽ'mẽ //
 *MOT: oi amor//
 *pho: oĩa'moh//

Quadro 1 - Classificação comunicativa do excerto (1)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
Unilexical	Nominal	Iniciatório	NMA (Negociar atenção e proximidade mútua) – Estabelecer atenção conjunta, proximidade ou afastamento da interlocutora	CL – Chamar a atenção do interlocutor pelo nome ou outra forma exclamativa

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994). 5

O enunciado proposto pela criança é uma expressão de Forma unilexical e Natureza nominal interpretada como Ato de Fala iniciatório. O informante G. intenta negociar a atenção da interlocutora, sua mãe (Função Interlocutiva NMA). De acordo com a classificação proposta pelo Inventário (NINIO et al., 1994), G. o faz quando a ela dirige o vocativo [*mamãe*] (Categoria Illocucionária CL). Como se nota, G. obtém sucesso e a mãe lhe responde com a forma [*oi amor*].

⁴ A referência [cilag06:00;10] significa: Corpus Infantil Longitudinal em Áudio (do informante) G., (gravação número) 06, (idade do informante na data do registro) 0 anos e 10 meses. Sobre o grupo: www.corpusinfantil.com.br

⁵ Os acrônimos das categorias do Inventário mantêm a língua original.

3 Dados ilustrativos: quando a comunicação antecede a forma lexical

Vamos apresentar alguns trechos de diálogo em que o informante produz formas sonoras pré-lexicais e formas lexicais em exercício comunicativo com sua mãe ou com a avó que eventualmente participa das interações dialógicas. Serão expostos cinco exemplos pré-lexicais e cinco exemplos lexicais.

3.1 Uso de formas pré-lexicais pelo informante

Nesta seção, serão apresentados cinco exemplos, excertos (2) a (6), de itens pré-lexicais produzidas pelo informante G.

Excerto (2) – O excerto traz uma vocalização do informante que ocorreu na seguinte situação. A avó se queixa de ter pegado [*dez vezes*] um determinado brinquedo no chão. A mãe entrega o objeto para o informante, pede para ele [*não joga no chão não*] e demanda confirmação de seu entendimento com [*tá*]. G. recebe o objeto, joga-o novamente no chão e fala [*um um*]:

(2) [CILAG04:00;09]

*GRA: já peguei dez vezes//

*pho: ʒape'geidez'vezis//

*MOT: pronto//não joga no chão não tá//mamãe tá in...//

*pho: 'prôto//nêõ'zogeno'jêõnêõ//ta//mẽ'mẽi te'î//

%par: risos de MOT

%exp: CHI recebe o brinquedo de volta e lança no chão

*CHI: um//um//

%pho: û//û//

*MOT: palhaço//toma//espera aí que eu tô arrumando os trem pra te dá banho//

*pho: pa'łaso//têõ//isperẽ'ikieqitoahu'mêdos'trêjpretjida'bêjo//

*GRA: ele joga de propósito//

*pho: eli'zãgãdzipro'pozito/

Quadro 2 - Classificação comunicativa do excerto (2)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Vocalização	-	Responsivo	NMA (Negociar atenção e proximidade mútua) – Estabelecer atenção conjunta, proximidade ou afastamento da interlocutora	SS – Indicar o início de atividade a ser acompanhada pelo interlocutor

Fonte: Inventory of Communicative Acts-Abridged (NINIO et al., 1994).

A mãe reage textualmente [*palhaço toma espera aí que tô arrumando os trem pra te dar banho*] à intenção ilocucionária pretendida por G. foi interpretado o intento da vocalização infantil de chamar a atenção das interlocutoras e comunicar a elas que faria alguma coisa com o brinquedo que tinha em mãos. A avó também reage [*ele joga de propósito*]. A fala da criança é seguida por manifestações discursivas da mãe e da avó, porque houve escuta e interpretação comunicativa do item pré-lexical [*um um*].

Excerto (3) – No trecho transcrito a seguir, MOT dá suco para o informante. Quando a mãe se retira, a criança choraminga. A avó tenta distraí-lo e chamar a sua atenção, fingindo ir embora. O informante não considera a encenação da avó que lhe diz que não vai levá-lo à igreja apesar de ele gostar. Os sons vocálicos produzidos pela GRA são imitados pelo informante. Em seguida, a interação dialógica passa a ocorrer entre a criança e a mãe.

(3) [CILAG04:07;00]

*GRA: vai amanhã//pchiu//Gabriel//cê
vai na igreja comigo amanhã//
%pho: vai amẽ'nẽ//pjiu//gabri'eu//savaĩ
nai'grezekũ'migo amẽ'nẽ//
%exp: GRA batuca no sofá para chamar
a atenção de CHI
*GRA: bububababa baba//
%pho: bububababa baba//
*MOT: fala assim com a vovó para de
me chantagear//né filho//

%pho: fale'si
kũẽvo'võ'parẽdzimĩfĩtazĩ'a//ne'fĩlo//
*CHI: buam ba//
%pho: buẽ bẽ//
*MOT: bumbum filho//
%pho: bũ'bũ'fĩlo//
*CHI: bum//
%pho: bõ //
*MOT: gostoso da mamãe//
%pho: gos'tozodamẽ'mẽĩ //

Quadro 3 - Classificação comunicativa do excerto (3)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Vocalizações	-	Performativo	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Estabelecer ou interromper atenção e proximidade mútuas

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994).

A forma [buam ba] é usada pelo informante para participar da interação dialógica. G. produz uma sequência sonora pré-lexical, que interpretada como [bumbum], nádegas, leva a mãe a intencionalmente propor um novo tema para a conversa que acontecia entre ela e a avó do informante. Mesmo que haja algo imitativo na fala da criança, se consideramos a fala anterior da avó [bububababa baba], a mãe interpreta a fala do filho na função NIA e reage discursivamente. A sequência do diálogo mostra que a interpretação materna objetivava dar novo foco à conversa. A mãe manifesta carinho para o filho com quem partilhou com ela o novo tema [gostoso da mamãe]⁶.

Excerto (4) – Aqui ocorre uma série de vocalizações pré-lexicais foneticamente semelhantes [ii], [ii a ii a], [ii], [ii] e [ii e] em exercício da mesma função discursiva. G. tenta repetidas vezes desligar um computador que está a seu alcance, apesar dos protestos seguidos da interlocutora MOT. Cada tentativa frustrada de G. é seguida de uma expressão sonora de desafio:

(4) [CILAG09:01;02]

*CHI: ii//	*CHI: ii//
%pho: ii://	%pho: ii://
*MOT: não desliga o computador	*MOT: para moço//
nãopor favor//	%pho: 'para'moso//
%pho: nẽũdzis'liqẽokõputa'donẽõpufa'vo://	*CHI: ii //
*MOT: você não consegue ligar de	%pho: ii://
novo//	*MOT: não é pra desligá não//
%pho: vo'senẽũkõ'segli'gadzi'novo//	%pho: nẽũ'epredzisi'ganẽũ//
*CHI: ii a ii a//	*CHI: ii e//
%pho: ii:a ii:a//	%pho: ii:e//
*MOT: não consegue//tá desligado//	*MOT: não//
%pho: nẽũkõ'segi//tadzis'liqẽdo//	%pho: nẽũ

⁶ Vasconcelos *et al.* (2021) discorrem sobre as funções da prosódia nas relações dialógicas entre adultos e crianças. As autoras fazem alusão à noção de “assimilação”, tal como propõe Bakhtin (1997). No excerto (3), a mãe assimila o enunciado produzido pelo filho [buam ba]. A partir dessa assimilação, muda o foco da conversa e direciona ao filho o enunciado [bumbum filho].

Quadro 4 - Classificação comunicativa do excerto (4)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Atos de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Vocalizações	-	Declarativos	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Ousar fazer ou desafiar o interlocutor a fazer uma ação.

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994).

Em (4), ocorrem cinco atos de fala declarativos que negociam a realização de atividade junto à interlocutora. O filho desafia a mãe que repetidas vezes lhe pede para não mexer no computador [*não desliga o computador não por favor*], [*you não consegue ligar de novo*], [*não consegue*], [*para moço*] [*não é para desligá não*] e [*não*]. A intensidade da função interlocutiva NIA pode ser identificada na evolução do aspecto entonacional que ocorre na sequência de diádes: parte-se de registros mais baixos para registros mais altos.

Excerto (5) – Esse excerto de diálogo foi registrado na mesma sessão do exemplo anterior. G. ensaia falar a palavra [*aqui*] dita pela mãe no turno de fala anterior [*olha aqui não pode*] e vocaliza [*iii e e gue*], [*gue gue*] e [*gue gue gui gui*], enquanto aponta para um botão do computador manifestando o intuito de tocá-lo. MOT não quer ele o faça.

(5) [CILAG09:01;02]

*MOT: olha aqui//não pode//
 %pho: 'ólh'ki//nêõ'pódʒi//
 *CHI: iii e e gue//
 %pho: ii:i:c:ge//
 *MOT: para//
 %pho: 'pa:re://
 *CHI: gue gue//
 %pho: ge:ge://
 *CHI: gue gue gui gui//
 %pho: ge:ge:gr:gr:gr://

Quadro 5 - Classificação comunicativa do excerto (5)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
Vocalizações	-	Declarativo	NIA (Negociar Atividade Imediata) – Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	DR – Desafiar o interlocutor a fazer uma ação.

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

O excerto (5) é interpretado de forma semelhante ao exemplo anterior. O informante G. produz três atos de fala declarativos que negociam a realização de atividade junto à interlocutora. A especificidade desse excerto é o fato de haver retomadas da fala da mãe em progressiva aproximação da forma lexical adulta. Em discussão sobre as reformulações feitas pelos adultos em diálogos com crianças, Clark e Chouinard (2000) classificam as retomadas das falas imediatamente anteriores como repetições ou reformulações corretivas. Neste caso, a retomada é feita pelo aprendiz que produz, gradativamente, uma nova palavra.

Excerto (6) – Na série de ocorrências apresentadas em (6), nota-se a evolução do uso da forma pré-lexical, identificadas com (a), para a forma lexical convencional correspondente, identificadas com (b). A forma pré-lexical é [an a na]. A forma lexical ocorre como [a não], [nein não], [nein], [neném], [neiném] e, finalmente, como [não]. No momento inicial da gravação G12, o informante tenta alcançar o gravador.

(6) [CILAG12:01;05]

%sit: CHI tenta pegar o gravador *MOT: pega lá pra mamãe ó pega lá/pega lá pra mamãe tá vendo// %pho: 'pege' lapremẽ mĩĩ ɔ'pege' la/'pege' lapremẽ' mĩĩ ta'vẽdõ// *CHI: um// %pho: ũ:// *MOT: pega lá// %pho: 'pege' la// %par: choro de CHI *MOT: pega lá filho não pode// %pho: 'pege' la'fi nẽũ'pɔdz// *CHI: an a na// (a) %pho: ẽ:v.nẽ:v// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// %par: risos de MOT *CHI: a não// (b) %pho: ẽ:nẽũ//	*MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: nein não// (b) %pho: nẽĩnẽũ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: nein// (b) %pho: nẽĩ// %par: risos de CHI *CHI: neiném// (b) %pho: nẽĩnẽ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: neném// (b) %pho: nẽnẽĩ// *MOT: não não// %pho: nẽũnẽũ// *CHI: não// (c) %pho: nẽũ//
---	--

Quadro 6 - Classificação comunicativa do excerto (6)

Reconhecimento da Forma	Natureza textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
(a) Vocalização	-	Responsivo	DJF (Falar sobre o foco de atenção compartilhada) – Manter conversa sobre algo que ocorre no ambiente que é foco de atenção de ambos interlocutores.	RT – Repetir/ imitar a fala do outro
(b) Proto-palavra	Adverbial	Responsivo		
(c) Unilexical	Adverbial	Responsivo		

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

O foco de atenção partilhada entre os interlocutores no excerto dialógico (6) não é a presença do gravador ao alcance de G., mas o uso da expressão [não]. O informante ri após a realização de sonorização semelhante àquela produzida pela mãe nos turnos de fala anteriores. A estratégia usada por G. para manter a atenção, já compartilhada com a mãe, foi dar saliência à produção de formas progressivamente mais próximas do item lexical [não]. Há retomadas da expressão: ora usada pela criança, ora pela mãe. Novamente, remete-se ao conceito de repetição e reformulação de Clark e Chouinard (2000).

(7) [CI:AG:01;08]

*MOT: que mais não//não/o que que cê tá veno aí//

*pho: kemɛjsnẽõ//nẽõ/'kekise'ta vẽnua'i//

*CHI: neném//

%pho: nẽncẽi//

*MOT: cê tá veno um neném//

*pho: se'tavẽõnẽncẽi//

%par: risos de MOT

*MOT: dá tchau pro neném//dá tchau filho//

*pho: da'tʃaõpronẽ'ncẽi/da'tʃi'ap'filõ//

3.2 Uso de formas lexicais pelo informante

Nesta seção, cinco exemplos de formas lexicais, excertos (7) a (11), serão apresentados e classificados de acordo com a proposta do INCA-A.

Excerto (7) – O informante e a mãe brincam no chão da sala de casa. A criança está com o celular da mãe. Em resposta à pergunta feita pela mãe sobre a imagem que aparece na tela do aparelho, fala que vê um neném.

Quadro 7 - Classificação comunicativa do excerto (7)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
Unilexical	Nominal	Responsivo	DJF (Falar sobre o foco de atenção compartilhada) – Manter conversa sobre algo que ocorre no ambiente que é foco de atenção de ambos interlocutores.	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]

Fonte: Inventory of Communicative Acts-Abridged (NINIO et al., 1994)

A intenção interlocutiva de G. foi informar o reconhecimento do foco indicado pela expressão dêitica “aí” [*o que que cê tá vendo aí*] com uso da expressão unilexical em função responsiva [*neném*]. Após os risos do informante G., a mãe propõe pergunta sobre foco, agora, expresso pela fala do filho [*cê tá veno um neném*].

Excerto (8) – G. brinca no jardim da casa. As interlocutoras adultas o acompanham. MOT vê uma formiga e indica para o filho [*olha formiguinha*]. A criança fica com medo e manda que a formiga saia de

perto dele [guinha chai chai]. G. insiste na ação [chai], apesar da repreensão da mãe. Neste excerto, ocorrem três manifestações lexicais do informante.

(8) [CILAG17:01;09]

*MOT: olha a formiguinha

ꞑpho: ʔʌfufimi' gĩɲe//

*CHI: inha chai chai (a)

ꞑpho: iɲe' tʃai' tʃai//

*MOT: não sai não filho

ꞑpho: nẽũ// saɲnẽũ' fiʎo//

*CHI: chai (b)

ꞑpho: tʃai//

*MOT: ela tá no lugar dela você q tá errado

ꞑpho: ɛlɛ' tanolu' gafi' dɛlɛ//vo' sekitaɛ' hado//

*CHI: ado (c)

ꞑpho: 'ado//

Quadro 8 - Classificação comunicativa do excerto (8)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Multilexical	Nominal, verbal	Iniciatório diretivo	NIA (Negociar Atividade Imediata) –Negociar o início, a continuidade, o fim ou a interrupção de atividades e atos.	RP – Pedir, propor ou sugerir ações para os interlocutores
(b) Unilexical	Verbal	Iniciatório diretivo		
(c) Unilexical	Nominal	Responsivo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	YD – Concordar com declaração

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

G. direciona a suas duas falas iniciais para interlocutora imaginária formiga [guinha chai chai] e [chai]. As duas réplicas da mãe instruem a criança sobre a inoperância da ordem dada ao inseto [não sai não filho] e [ela tá no lugar dela você que está errado]. G. responde [ado]. A forma [ado], item convencional [errado], é uma retomada responsiva para a última fala da mãe. Segundo Clark e Chouinard, uma das funções das retomadas é “buscar confirmação da interpretação feita sobre a fala da criança” (CLARK; CHOUINARD, 2000, p. 9). A entonação produzida por G. na retomada do item lexical confirma a interpretação feita pela mãe.

Excerto (9) – Os interlocutores estão no quarto. Os dois brincam e desenham juntos. G. pede para a mãe a caneta que ela estava usando. Ela entrega a caneta para o filho, que agradece.

(9) [CILAG20:02;00]

*CHI: me dá mamãe// (a)
 %pho: mi'damêmẽi//
 *MOT: aqui a caneta toma//
 %pho: a'kieka'neta' tãõ//
 *CHI: bigado (b)
 %pho: i'gado//
 *MOT: por nada//
 %pho: puñ'nadẽ//

Quadro 9 - Classificação comunicativa do excerto (9)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Sentencial	Sentencial	Performativo	DHA (Direcionar a atenção da interlocutora) – Obter o foco da atenção do interlocutor direcionando a sua atenção para objetos; pessoas ou eventos presentes no ambiente	RP – Pedir, propor ou sugerir ações para os interlocutores
(b) Unilexical	Adverbial	Responsivo	MRK (Expressar) – Manifestar sentimentos em situações socialmente específicas como agradecimento, desculpas ou manifestar ciência sobre algum evento ou fato.	MK – Agradecer, desculpar-se, saudar, desejar felicitações, anunciar o término de uma ação

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO *et al.*, 1994)

Este trecho de diálogo pertence ao registro G20, feito quando o informante tinha dois anos e um mês de vida. As alternâncias nas falas correm com fluidez, sem hesitação, sem lapso na troca dos turnos entre adulto e criança. Além do pedido de acesso a um objeto presente no ambiente [*me dá mamãe*], G. é capaz de desempenhar uma função comunicativa protocolar. Ele lhe dirige a forma de agradecimento textual [*bigado*] pela ação desempenhada e narrada pela mãe [*aqui a caneta toma*] em atenção ao seu pedido.

Excerto (10) – Mãe e filho brincam na sala. A criança espalha alguns brinquedos no chão e pega um carrinho. MOT lhe pergunta o que ele pegou. G. responde que é o carro [*de Iene*]. Em seguida, a mãe esclarece que o carrinho foi um presente dado pela pessoa indicada, mas que pertence a ele.

(10) [CILAG22:02:00]

*MOT: quê isso//

%pho: ke'iso//

*CHI: car de Iene// (a)

%pho: kah/iẽni//

*MOT: o carro de Irene//

%pho: okahodʒireĩni//

*CHI: de Iene// (b)

%pho: dʒiẽni//

*MOT: não é de Irene não filho/ é seu/Irene que deu //

%pho: nĩõedʒi' rẽni' nĩõ' fiʎo/e'seõ/i' rẽni'ki'deõ//

*CHI: me deu// (c)

%pho: mi'deõ//

*MOT: é//

%pho: e//

Quadro 10: Classificação comunicativa do excerto (10)

Reconhecimento da Forma	Natureza Textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Ilocucionária
(a) Sintagmático	Nominal	Responsivo	DRP (Falar sobre algo relacionado com o presente) – Falar sobre algum atributo inobservável, sobre alguma pessoa presente no evento ou falar sobre eventos passados ou futuros que tenham relação com o evento presente	SC – Afirmação ou observação em resposta à demanda de esclarecimento
(b) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	YD – Concordar com declaração
(c) sentencial	Sentencial	Clarificativo	DCC (Esclarecer a comunicação verbal) – Esclarecer alguma ambiguidade na comunicação verbal ou confirmar a compreensão do que foi dito	TA – Pergunta com alternativa-limitada

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

Neste exemplo, G. produz o sintagma preposicional [*de Iene*] iniciado pela pré-palavra [*car*]. A mãe retoma o SP no formato convencional [*o carro da Irene*] como forma de indagação sobre a propriedade do objeto. O informante confirma que o carro é da Irene com a repetição do SP [*de Iene*]. Na sequência desse diálogo, a mãe explica que [*da Irene*] não expressa a posse do objeto, mas a sua origem. Em sua última fala, G. pede confirmação da nova interpretação dado ao SP [*de Iene*] como fonte do objeto.

Excerto (11) – MOT, CHI e GRA estão na sala. Mãe e filho estão no chão montando um quebra cabeça. Em um certo momento MOT pede para que G. se sente para que eles possam terminar de montar. Ele se recusa afirmando estar cansado. MOT então quer saber o motivo do cansaço e G. responde que está cansado da mãe e da avó.

(11) [CILAG30:02;10]

*MOT: senta ai pra gente montar o quebra cabeça//

%pho: sɛ̃tɛ'iprɛ'zɛ̃ɸimɔ'tau'kebrɛka'bes//

*CHI: to mui cansado// (a)

%pho: 'to'mũkã'sado//

*MOT: cansado de quê//

%pho: kã'sadodʒi'ke//

*CHI: de vocês// (b)

%pho: 'dʒivo'ses//

*MOT: tá cansado de mim//

%pho: takã'sadodʒi'mĩ//

*CHI: de vocês// (c)

pho: dʒivo'ses//

*MOT: vocês quem//

*pho: vo'ses'kɛ̃ɸ//

*CHI: de vovó e de mamãe// (d)

Pho: dʒivo'vɔɪdʒimɛ'mɛ̃ɸ//

Quadro 11 - Classificação comunicativa do excerto (11)

Reconhecimento da forma	Natureza textual	Ato de Fala	Categoria e Função Interlocutiva	Força Illocucionária
(a) Sentencial	Sentencial	Declarativo	DSS – falar sobre os sentimentos e os pensamentos do falante	DS – Expressão de desaprovação, aborrecimento ou comportamento disruptivo de protesto; expressão de avaliação negativa sobre comportamento inapropriado dos interlocutores.
(b) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]
(c) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	YA – Responder pergunta sim ou não
(d) Sintagmático	Preposicional	Clarificativo	DCC - Esclarecer sobre algo que foi dito	SA - Responder a uma pergunta do tipo [+QU]

Fonte: *Inventory of Communicative Acts-Abridged* (NINIO et al., 1994)

Agora com dois anos e dez meses idade, G. produz uma sentença completa e dois enunciados compostos por Sintagmas Preposicionais (SP). O primeiro sintagma preposicional [*de vocês*] é usado duas vezes de forma consecutiva em resposta às duas perguntas propostas pela mãe [*cansado de que*] e [*tá cansado de mim*]. O SP [*de vovó e de mamãe*] responde à terceira pergunta materna [*vocês quem*]. As três respostas do informante visam esclarecer a quem o informante se referira quando disse que estava cansado. Por isso, às suas três falas, foi apresentada a mesma interpretação interlocutiva, DCC. Em resposta à primeira pergunta, [*cansado de quem*], G. não se refere apenas à MOT, como supõe a pergunta seguinte [*tá cansado de mim*], mas à mãe e à avó. Por isso, em sua próxima fala, a última fala infantil do excerto, G. explicita a extensão de sua resposta [*de vovó e de mamãe*]. Os diferentes perfis entonacionais dos atos de fala do informante, (b), (c) e (d), expressam um crescente acirramento na intensificação discursiva. A segunda forma é produzida em um registro mais alto, o que denota obviedade por parte

de G., é como se a mãe soubesse exatamente a quem ele se refere. Esse é um uso bem refinado: G. demonstra conhecimento sobre as estratégias prosódicas para demonstrar sentido.

Comentários finais

Considerando as interpretações propostas para os excertos dialógicos apresentados neste artigo, pode-se dizer que as interações comunicativas entre crianças e seus interlocutores adultos precedem a forma lexical adulta. Foram observados efeitos perlocucionários provenientes de atos de fala infantis produzidos por itens pré-lexicais. Assim, apesar de não haver consenso sobre os critérios para o reconhecimento das vocalizações infantis como elementos de corpora infantis, como foi indagado neste artigo, esta pesquisa aponta para o reconhecimento das vocalizações pré-lexicais como dados linguísticos. Os excertos (5) e (6) ilustram a construção progressiva de signos partilhados entre os interlocutores. No primeiro caso, G. vocaliza [*iii e e gue*], [*gue gue*] e chega a [*gue gue gui gui*], que se aproxima mais da “forma adulta” [aqui]. No excerto (6), G. parte das produções pré-lexicais [*an a na*], [*nein não*], [*nein*], [*neném*] e [*neiném*] e alcança a forma convencional [*não*]. Nesses dois casos, as formas ainda pré-lexicais, mais ou menos próximas do padrão adulto, e as formas lexicais, reconhecidas como realizações convencionais, exercem função comunicativa.

Em alusão aos estudos de corpora infantis dialógicos, à época novos e, então, iniciando o uso de gravador e não mais as anotações escritas feitas pelos pais, Scollon (1976) registra que, segundo Olmsted (1971), seu contemporâneo, caberia ao “pesquisador reconhecer quando uma vocalização infantil seria reconhecida como uma tentativa de dizer algo na língua ou não”. Em caso de dúvida, prossegue Olmsted, “a mãe interpretaria aquilo que seria interpretável” (OLMSTED, 1971, p. 59). A interpretação tem início no reconhecimento de ser uma tentativa situacional de comunicação a fala infantil.

Agradecimentos

Agradecemos a nossos informantes, que generosamente permitiram o registro de seu cotidiano comunicativo. Agradecemos aos demais colegas do grupo CIL pelas discussões ocorridas em nossos seminários de pesquisa. Agradecemos aos pareceristas desta revista pelas valiosas sugestões que permitiram o amadurecimento do texto final do artigo.

Contribuição dos Autores

Pedro Perini-Santos é o coordenador do grupo de pesquisa que desenvolveu este artigo. Perini-Santos tematizou e coordenou redação do artigo; participou da análise e interpretação dos dados. Adriana Bodolay transcreveu os excertos do artigo para o alfabeto fonético internacional; participou da análise e interpretação dos dados. Lídia Ferreira-Santos gravou, registrou e nomeou os documentos de áudio do corpus; participou da análise e interpretação dos dados. Tatyane Fabri transcreveu os excertos do artigo para o alfabeto fonético internacional; participou da análise e interpretação dos dados. Todos os autores do artigo integram o grupo CIL.

Referências

- AQUINO, F.; SALOMÃO, N. Intencionalidade comunicativa: teorias e implicações para a cognição infantil. *Estudos de Psicologia*, Campinas v. 27, n. 3, p. 413-420, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300013>
- AUSTIN, J.L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BATES, E.; CAMAIONI, L.; VOLTERRA, V. The Acquisition of Performatives Prior to Speech. *Merril-Palmer Quarterly*, Detroit, v. 21, n. 3, p. 205-226, 1975.
- BHARANDWAJ, S.; SUSHMA S.; SREEDVI, N. True words, protowords and holophrastic words in typically developing Kannada speaking children: 12-24 months. *Journal of child language acquisition development*, Burdur, v. 3, n. 1, p. 47-57, 2015.
- BROOKS, P.; KEMPE, V. *Language Development*. Columbia: BPS Blackwell, 2012.
- BRUNER J. The Ontogenesis of Speech Acts. *Journal of Child Language*, Alberta, v. 2, n. 1, p. 1-19, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900000866>
- CAMERON-FAULNER, T. The development of speech acts. In: MATTHEWS, D. (ed.). *Pragmatic Development in First Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 13-37-52.
- CLARK, E. *First Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CLARK, E.; CHOUINARD, M. Énoncés enfantins et reformulations adultes dans l'acquisition du langage. *Langages*, Malakoff, n. 140, p. 9-23, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1002/cd.179>

CRESTI, E. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory – data on Italian complements and relative clauses, In: RASO, T.; MELLO, H. (eds.). *Spoken Corpora and Linguistic Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 365-410.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. Conditions communicatives pour la formation de l'énoncé complexe chez le jeune enfant, In: COLLOQUE DU GROFRED, 13, 1995, Firenze. *Actes...* Firenze : Università degli studi di Firenze, 1995. p. 1-19.

GROLLA, E.; SILVA, M. *Para conhecer Aquisição da linguagem*. São Paulo: Contexto, 2014.

GRUBER, J. Correlation between the syntactic constructions of the child and the adult In: FERGUNSON, C.; SLOBIN, D. (eds.). *Studies of Child Language Development*. Nova Yorque: Holt, Rinehart and Winston, 1973. p. 440-445.

GUIMARÃES, D. A emergência das primeiras palavras: aspectos da produção sonora inicial da criança. *Letronica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 555-566, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26417>

KARMILOFF, K.; KARMILOFF-SMITH, A. *Comment les enfants Entrent dans la Langue*. Paris: Retz, 2012.

KOESTER, A. Building small specialized corpora, In: O'KOFFEE, A.; McCARTHY, M. (eds.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. Londres: Routledge, 2010. p. 66-79.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project* (vol.1). Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

NINIO, A., et al. Classifying communicative acts in children's interactions. *Journal of communication disorders*, Philadelphia, v. 27, n. 2, p. 157-187, 1994. DOI: [10.1016/0021-9924\(94\)90039-6](https://doi.org/10.1016/0021-9924(94)90039-6)

OLMSTED, D.L. *Out of the Mouth of Babies* – earliest stages in language learning. The Hague: Mouton, 1971.

PERINI-SANTOS, P.; FERREIRA-SANTOS, L.; BODOLAY, A. N.; LEAL, J. Pesquisa longitudinal: a evolução do uso lexical de uma criança dos 5 aos 22 meses de vida em um diário parental. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 73-104, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.1.73-104>

RASO, T.; MELLO, H. (eds.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA, B.; MELLO, H.; RASO, T. Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 20, n. esp., p. 139-157, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20iEspecialp139-157>

SCOLLON, R. *Conversations with a one year old: a case study of the developmental foundation of syntax*. Honolulu: The University Press of Hawaii, 1976.

STEPHENS, G.; MATTHEWS, D. The communicative infant from 0-18 months – the social-cognitive foundations of pragmatic development. In: MATTHEWS, D. (ed.). *Pragmatic Development in First Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 13-36.

VASCONCELOS, A.; VIEIRA, N.; SCARPA, E. A constituição prosódica da enunciação na relação mãe-bebê, *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 16, n.1, p. 39-60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457347187>

VIHMAN, M.; MCCUNE, L. When is a word a word? *Journal of child language*, Alberta, v. 21, n. 3, p 517-542, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900009442>

WIKSE BARROW, C.; NILSSON BJORKENSTAM, K.; STROMBERGSSON, S. Subjective ratings of AoA: exploring issues of validity and rater reliability. *Journal of Child Language*, Alberta, v. 46, n. 2, p. 199-213, 2019. DOI: <https://doi:10.1017/S0305000918000363>



A idade reflete o domínio linguístico? Efeito das medidas de desempenho na análise de dados em aquisição fonológica

Does age reflect language mastery? Effect of performance measures in the analysis of phonological data

Andressa Toni

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava, Paraná / Brasil

andressa.toni@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2091-0787>

Raquel Santana Santos

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

raquelss@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0277-7994>

Resumo: Este artigo examina dois critérios de organização de dados para comparação intersujeitos em aquisição fonológica: Faixa Etária, um critério que é largamente utilizado na organização de dados para comparação intersujeitos, e o Desempenho na Tarefa, que compara o desempenho entre sujeitos a partir do percentual de respostas em acordo com a produção adulta. Argumentamos que as medidas de desempenho devem ser baseadas na própria tarefa em análise, já que o desenvolvimento linguístico não é uniforme. Cotejando os resultados obtidos pela aplicação de ambos os critérios na análise de dois fenômenos, o vozeamento de fricativas alveolares em coda e a ramificação de ataque silábico, demonstra-se que o Desempenho na Tarefa promove maior consistência na organização de grupos, neutralizando as diferenças individuais observadas no desenvolvimento linguístico infantil e revelando padrões congruentes no uso de estratégias de reparo. Com estes resultados, sugere-se que a medida de desempenho é mais eficaz que medidas cronológicas à organização, análise e interpretação de dados em aquisição fonológica.

Palavras-chave: metodologia; aquisição da linguagem; faixa etária; desempenho na tarefa.

Abstract: This article examines two types of data organization criteria for intersubject comparison in phonological acquisition: Age Group, which is widely applied for intersubject comparison, and Performance in the Task, which compares subjects' performance taking into account the percentage of answers in accordance with the adult production. We argue that a criterion for performance must take into account the performance in the phenomena analysed, since the linguistic development is not homogeneous. We compare here the results obtained by applying both criteria in the analysis of the voicing of alveolar fricatives in coda and the syllabic attack branching. It is shown that Performance in the Task promotes greater consistency than the Age Group in the organization of groups, both neutralizing individual differences observed in children's linguistic development, and revealing congruent patterns in the use of repair strategies. With these results, we suggest that Performance in the Task is more effective than chronological measures for the organization, analysis and interpretation of data in language acquisition studies.

Keywords: methodology; language acquisition; age groups; performance in the task.

Recebido em 10 de junho de 2021

Aceito em 19 de agosto de 2021

1 Introdução

Quando tratamos de examinar metodologias de estudo em aquisição da linguagem, diversos são os trabalhos voltados a documentar a evolução dos distintos métodos de coleta de dados, desde os primeiros diários naturalísticos de Smith (1973) às modernas técnicas de *eye-tracking* e de imageamento cerebral, como o fMRI (*Functional magnetic resonance imaging*) e o ERP (*Event-Related Potential*). No âmbito nacional, panoramas sobre as metodologias de coleta de dados em aquisição de linguagem são discutidos em trabalhos como Baia (2010), Grolla (2009), Hilário e Del Ré (2013) e Pizzio, Quadros e Schimitt (2004), e em âmbito internacional temos, por exemplo, os manuais metodológicos de Blom e Unsworth (2010) e Blume e Lust (2017). No entanto, poucos são os trabalhos que tratam de discutir os diferentes métodos de organização de dados em aquisição da linguagem, explorando critérios para agrupar e comparar a fala intersujeitos – um tópico tão importante na análise e interpretação dos dados quanto a própria coleta. Nos estudos mencionados acima, critérios como a extensão morfológica

ou lexical do enunciado (*Mean Length of Utterance*, MLU em inglês), o percentual de produções corretas e, principalmente, a faixa etária são apontados como os métodos mais utilizados à classificação e comparação de dados na literatura sobre aquisição da linguagem.

Neste artigo, nosso objetivo é discutir como a organização e divisão dos dados de fala podem afetar as conclusões do pesquisador sobre o percurso de desenvolvimento trilhado pela criança. Questionamos, especificamente, se a organização de um *corpus* segundo critérios como a faixa etária ou como o desempenho na própria tarefa acarreta em diferentes conclusões acerca do processo de aquisição da linguagem. Afinal, a idade reflete a maturidade linguística da criança? Considerando que o desenvolvimento linguístico infantil se dá em ritmos marcadamente singulares e com grande variação individual (BAIA, 2017; BOHN, 2015; JARDIM-AZAMBUJA; LAMPRECHT, 2004; LEVELT; VAN DE VIJVER, 2004; VIHMAN; CROFT, 2007, entre outros), defendemos que uma divisão de dados baseada em medidas de desempenho se mostra mais interessante para acompanhar o percurso de aquisição da linguagem.

No geral, estudos que levam em conta a idade assumem que possíveis *outliers* serão descartados na análise estatística ou que a quantidade de dados “desviantes” será minimizada. No entanto, isso somente ocorre quando se tem uma grande quantidade de dados. E fato que é muito difícil conseguir uma grande quantidade de participantes – especialmente de crianças – num estudo experimental, ou mesmo uma grande quantidade de gravações longitudinais, num estudo naturalístico, de tal forma que os resultados encontrados realmente apontem as grandes tendências na língua. Na maior parte das vezes, os estudos com grande quantidade de crianças nunca excedem a centena, e os estudos naturalísticos quase nunca excedem sessões quinzenais, geralmente analisando dados de uma única criança (estudos de caso). Quando esses dados são organizados, acabamos por ter 5, 10, 20 crianças/sessões representando cada grupo/faixa selecionado pelo pesquisador. Com essa pouca representatividade, perdem-se informações importantes sobre o desenvolvimento linguístico – seja do percurso individual percorrido pelas crianças, seja do padrão geral de aquisição observado na língua. Em suma, quer se utilizando de dados longitudinais ou latitudinais, oriundos de coleta naturalística ou experimental, a questão é a mesma: como recortar, agrupar os dados infantis de forma a comparar produções de diferentes crianças? E como diferentes recortes acabam por mascarar ou diluir informações importantes sobre as estratégias utilizadas no processo de aquisição?

Este artigo tem como objetivo investigar esta questão. Para observar o efeito de diferentes critérios de organização dos dados nos resultados finais e na análise da fala infantil, selecionamos dois aspectos fonológicos do português brasileiro (doravante PB) que devem ser adquiridos pela criança: a estrutura silábica de ataque ramificado CCV (Consoante1 + Consoante2 + Vogal, como em ‘**pr**ato’, ‘**bl**usa’) e o processo de assimilação de vozeamento das fricativas em posição de coda (como em ‘casa[**z**] amarela[**s**]’, ‘casa[**s**] feia[**s**]’). Tais aspectos foram selecionados de modo a abarcar processos de diferentes naturezas, segmental e suprasegmental. Em ambos os *corpora*, estabelecemos duas organizações distintas, por faixa etária e por domínio da forma alvo (estabelecido através do percentual de desempenho na tarefa), para, em seguida, analisar e comparar os resultados obtidos em cada organização. As irregularidades observadas na relação entre idade e desenvolvimento linguístico – uma relação não diretamente proporcional que se mostra tanto na literatura quanto nos resultados experimentais aqui apresentados – suscita uma busca por reconhecer e estabelecer as vantagens e desvantagens dos diferentes métodos de organização e análise de dados, visando a representar de modo mais transparente e orgânico os momentos linguísticos da criança ao longo de seu percurso de aquisição fonológica.

O trabalho está dividido como se segue: na seção 2, apresentamos brevemente os métodos de organização e análise de dados infantis mais utilizados na literatura, pontuando os contextos de aplicação e os pontos fortes e fracos de cada medida de organização. Na seção 3, descrevemos os dados aqui utilizados. Em seguida, na seção 4, comparamos os resultados obtidos pela organização via idade e via desempenho na tarefa para a regra de vozeamento de fricativas (4.1) e para a estrutura de ataque ramificado CCV (4.2). Seguem-se a discussão geral e nossas considerações finais.

2 Critérios de organização de dados nos estudos em aquisição fonológica

Estudos em aquisição de língua materna – e mesmo em aquisição de línguas estrangeiras, da escrita ou da fala atípica – comumente mobilizam critérios para lidar com os efeitos acarretados pelas diferenças próprias ao percurso de desenvolvimento linguístico de cada sujeito – diferenças observadas seja nos diversos caminhos possíveis à aquisição de um mesmo fenômeno linguístico (BAIA, 2017; BOHN, 2015; LEVELT; VAN DE VIJVER, 2004; VIHMAN; CROFT, 2007), seja nas diferentes

velocidades de aprendizagem (JARDIM-AZAMBUJA; LAMPRECHT, 2004), nos padrões de produção de fala mais analítica/planejada ou mais gestáltica/espontânea (PETERS, 1977), ou em outras idiossincrasias características da comparação intersujeitos (SANTOS, 2001, 2007, e os trabalhos do congresso *Many Paths to Language*, organizado pelo *Max Planck Institute*, Holanda, em 2020).^{1,2} Para neutralizar essas diferenças e examinar o padrão de desenvolvimento prototípico de um fenômeno, o pesquisador dispõe de tratamentos estatísticos adequados para identificar os percursos mais comuns, os percursos possíveis e seus *outliers* – uma observação importante para delimitar a idade média de aquisição e o limiar de normalidade/atipia/atraso de fala, por exemplo, ou para determinar se uma intervenção didática ou terapêutica está ou não surtindo efeitos em comparação a um momento anterior, dentre muitas outras funções. Mas mesmo assim, faz-se necessário também impor critérios pré ou pós-coleta de dados para a seleção, organização, agrupamento e comparação das produções de fala de diferentes participantes.

Conforme Eisenbeiss (2010), para comparar dados de fala de diferentes crianças é possível utilizar critérios dependentes, medidos com base no estágio de desenvolvimento de um fenômeno específico, ou critérios independentes, que oferecem medidas gerais de desenvolvimento e que podem embasar-se tanto em medidas linguísticas, como o MLU, testes de proficiência verbal para L2 ou testes fonoaudiológicos estandardizados, quanto em medidas não linguísticas, como idade, tempo de exposição/escolarização, idade de aquisição da L2, dentre outros. Vejamos as vantagens e desvantagens das medidas MLU (e suas variações, o *phonological-MLU* e o *MLU-word*), idade (faixa etária) e percentual de desempenho na tarefa no desenvolvimento fonológico da L1.

Blume e Lust (2017) descrevem o MLU como uma medida panorâmica do desenvolvimento gramatical infantil, geralmente calculado com base no total de morfemas empregados pela criança em um conjunto fixo de sentenças – assim, quanto mais (morfossintaticamente) complexas as sentenças infantis, maior seu MLU e mais avançado seu desenvolvimento. Embora bastante utilizado na literatura internacional

¹ https://marisacasillas.github.io/chatterlab/mpal2020/MPaL_handbook-PostWorkshop.html

² De forma análoga, observa-se que também o desenvolvimento não-linguístico traz descompassos dentro de uma mesma faixa etária: a título de exemplo, tem-se o trabalho de Cunha (1974), que reporta estudos acompanhando o desenvolvimento intelectual de 10 participantes entre seu primeiro mês de vida até seus 25 anos de idade. As curvas de desenvolvimento de cada indivíduo apontam diferenças entre sujeitos de mesma idade similares às diferenças observadas no desenvolvimento linguístico infantil.

para comparar dados intra e intersujeitos, o MLU não se mostra adequado à comparação de diferentes línguas, dado que sistemas morfológicos mais (ou menos) ricos acarretam em flutuações nos valores de referência do desenvolvimento. Desse modo, o comportamento linguístico de uma criança inglesa com MLU 3,5 não será compatível ao de uma criança brasileira com MLU 3,5, por exemplo, não sendo possível transpor valores de referência de uma língua a outra. Vale destacar também que medidas morfológicas nem sempre podem ser tomadas como parâmetro para mensurar os demais âmbitos do desenvolvimento linguístico da criança – a aquisição silábica, por exemplo, não parece diretamente relacionada à Morfologia. Para estudos não-monolíngues ou não-morfossintáticos, as autoras sugerem o uso de medidas de MLU alternativas, como o MLU-*word* (MLU-w) e o *phonological*-MLU (p-MLU), que medem, respectivamente, a riqueza vocabular da criança e a estabilidade de seu inventário segmental. No MLU-w, assume-se que crianças com maior vocabulário apresentarão melhor desempenho linguístico nos diferentes componentes gramaticais – morfossintático, fonológico, semântico –, o que novamente se mostra uma medida panorâmica interessante (e mais “neutra” que a contagem morfológica), embora seja necessário comprovar a relação entre tamanho do vocabulário e a aquisição dos fenômenos específicos em estudo para justificar tal critério de divisão de participantes – a regra de vozeamento aqui enfocada, por exemplo, não pode ser ligada a uma maior variedade lexical, especialmente considerando que sua aplicação pode ocorrer entre palavras, um contexto não capturável pela medida MLU-w. Já o p-MLU volta-se especificamente aos estudos fonológicos, calculando a média de segmentos por palavra, assumindo que as simplificações infantis normalmente resultam na omissão segmental. No entanto, esta medida falha em capturar estratégias de reparo como a metátese e a substituição, que mantêm o mesmo número de segmentos da palavra, além da epêntese, que pode artificialmente alavancar os valores de p-MLU pelo aumento no número de vogais. Fenômenos suprasegmentais, por sua vez, também deixam de ser capturados por essa medida.

Hoje, reconhece-se não somente que diferentes componentes gramaticais se desenvolvem em velocidades diferentes, mas que mesmo dentro de um mesmo componente tem-se desenvolvimentos relativamente autônomos (por exemplo, a aquisição das camadas segmental e suprasegmental é independente (GAMA-ROSSI, 1999)). Por esses motivos, o MLU e suas variações são comumente designados para descrever e comparar o desenvolvimento linguístico da criança em contexto amplo, mas não em fenômenos particulares – e considerando que

crianças podem apresentar diferentes ordens de domínio sobre os diversos elementos fonológicos da língua, faz-se importante também mobilizar medidas de desenvolvimento específicas para melhor caracterizar a aquisição dos fenômenos da língua.

Além do MLU, outra medida independente comumente utilizada nos estudos em aquisição de linguagem é a idade, que pode ser mensurada em dias (como nos estudos com infantes e recém-nascidos) ou em meses, geralmente em faixas etárias de 1, 2, 3, 6 ou 12 meses, a depender do objetivo e da necessidade de precisão do estudo, não havendo um intervalo padrão na literatura. Apesar de ser um critério linguisticamente independente, a idade é referida como fator de influência em diversos fenômenos na aquisição da linguagem, como na hipótese do Período Crítico e nos *milestones* do primeiro ano de vida do bebê – da vocalização ao balbucio, “[age norms] do capture genuine regularity and provide an ordered and broadly valid account of the events that mark vocalisations in the first year of life”³ (SINGLETON; RYAN, 2004, p. 8). Diferentemente do MLU, a idade é um critério de organização de dados pré-coleta, permitindo a determinação prévia de quantos participantes serão selecionados para cada grupo, tomando por base uma informação de fácil acesso. Esta é uma característica pragmaticamente vantajosa, especialmente frente a restrições de tempo ou de número de participantes, ou quando os grupos em estudo precisam ser quantitativamente equivalentes (quando tratamentos estatísticos não podem ser aplicados, por exemplo), ou ainda quando um limiar médio precisa ser delimitado ou um grupo controle de características específicas precisa ser formado (especialmente na ausência de um banco de dados). Façamos um exercício prévio para este tipo de organização. Imaginemos um grupo de 10 crianças, com as seguintes idades: 2;3, 2;6, 2;9, 3;1, 3;2, 3;10, 4;0, 4;1, 4;6 e 4;11 anos; e que as organizemos em faixas etárias anuais. Teremos, nesse caso, a faixa dos 2 anos (2;3, 2;6 e 2;9 anos), a faixa dos 3 anos (3;1, 3;2 e 3;10 anos) e faixa dos 4 anos (4;0, 4;1, 4;6 e 4;11 anos). Peguemos a criança de 3;10 anos. Embora ela esteja na faixa dos 3 anos, ela está muito mais próxima em idade da faixa dos 4 anos (ou ao menos de algumas crianças dessa faixa). Se aceitamos que as crianças têm desenvolvimento em velocidades diferentes, não é impossível que esta criança de 3;10 esteja com o comportamento típico da faixa seguinte. Sendo incluída na faixa dos 3 anos, essa criança será um *outlier*, mas suas produções estariam dentro da tipicidade se estivesse na faixa dos 4 anos. Em resumo, a idade muitas

³ Tradução: “[padrões etários] captam regularidades genuína e fornecem um relato ordenado e globalmente válido dos eventos que marcam as vocalizações no primeiro ano de vida” (SINGLETON; RYAN, 2004, p. 8).

vezes é alvo de grande variabilidade. A depender do número de crianças analisado em cada faixa etária, estas diferenças podem mascarar ou anular a observação de tendências gerais na aquisição.

Outra questão é que a idade nem sempre apresenta relação direta com o desenvolvimento linguístico. Queiroga et al (2011) comparam as idades descritas à aquisição CCV em amostras de dados de duas cidades brasileiras, São Paulo e Recife, observando diferenças entre 6 e 24 meses à aquisição da mesma estrutura – idades que também diferem, por sua vez, daquelas observadas por Toni (2016). Estudos sobre fala desviante também mostram esse descompasso: Aguilar-Mediavilla et al (2002) comparam a fala de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL, uma fala que apresenta percursos e reparos incomuns) e atraso de fala (AF, uma fala que apresenta percurso normal, mas mais vagaroso) com dois grupos controle de fala típica, um de mesma faixa etária e um de mesmo “nível linguístico”, medido via *MLU-word*. Neste estudo, os controles de faixa etária foram usados para mensurar o hiato existente entre as crianças típicas e as crianças AF, enquanto o controle *MLU-w* visava a comparar as estratégias de reparo mobilizadas pelos grupos AF, SLI e típico. A necessidade de dois grupos controle no estudo ilustra o descompasso que pode existir entre idade e nível linguístico (que tanto pode se manifestar no nível da competência linguística, no quanto a criança já capturou e desenvolveu sobre sua língua, quanto no nível do desempenho linguístico, em como a criança usa sua língua).-

Para contornar esta volubilidade trazida pela organização via faixas etárias, medidas de desempenho linguístico são muitas vezes recomendadas ao estudo da fala típica e mesmo da fala atípica, tomando critérios para caracterizar o desenvolvimento linguístico infantil como, por exemplo, relações implicacionais (criança adquiriu Y, mas ainda não adquiriu X), a incidência de estratégias de reparo (seu tipo, proporção e constância), o Percentual de Consoantes Corretas (EISENBEISS, 2010; INGRAM, 1981). O Percentual de Consoantes Corretas (PCC) é uma medida pós-coleta de dados que, apesar de dificultar a seleção de um mesmo número de participantes por grupo, tem como principal vantagem promover uma maior uniformidade intersujeitos, viabilizando a comparação entre crianças de estágios de desenvolvimento fonológico semelhante, sendo utilizada tanto para mensurar fenômenos consonantais quanto outros fenômenos fonológicos. No entanto, ao usar o PCC como medida independente para outros fenômenos – mesmo que fonológicos –, novamente estamos desconsiderando a possibilidade de que a aquisição de diferentes aspectos fonológicos pode ter padrões de desenvolvimento diferentes. Por exemplo, o PCC não leva em conta a

posição de um segmento na sílaba. A aquisição de vozeamento depende, fundamentalmente, da capacidade de a criança produzir segmento em coda. Assim, usar o PCC como medida para identificar faixas, estágios para o vozeamento não traz ganhos que permitam explicar o padrão de desenvolvimento e podem mesmo mascarar o que está acontecendo.

Desse modo, chamamos a atenção de que somente uma medida referente ao próprio fenômeno em análise (como o desempenho na tarefa) pode trazer luzes sobre o processo de aquisição.⁴ Isso porque a medida de desempenho na tarefa corresponde, grosso modo, a categorias desenvolvimentais qualitativas: taxas entre 0-20% de formas corretas caracterizam uma unidade cuja aquisição não foi iniciada ou ainda é muito incipiente; entre 21-40% temos unidades que já estão ativas na fala infantil mas ainda se encontram em desenvolvimento inicial; entre 41-60% observamos que cerca de metade das produções infantis são realizadas como na forma alvo, caracterizando um pico de instabilidade; entre 61-80% temos produções que caminham para a estabilização; e entre 81-100% temos produções já estabilizadas na fala infantil.⁵ Tais faixas comumente também se relacionam aos tipos de estratégia de reparo utilizado pelas crianças, permitindo detalhar os

⁴ De forma análoga ao PCC, é possível encontrar na literatura o desempenho infantil em uma tarefa para caracterizar o que ficou conhecido como Curva em U (STRAUSS; STAVY, 1982). Esses estudos visavam mostrar como a criança passava por um primeiro momento de produções corretas para um momento com formas desviantes (e com hipergeneralizações) para um novo momento de produções corretas (e.g.. BYBEE; SLOBIN, 1982; PINKER; PRINCE, 1988; SIEGLER, 2004; YAVAS; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 1991). Entretanto, nem sempre a Curva em U foi estabelecida levando em conta a percentagem do desempenho infantil, apenas a existência de dados desviantes, muito menos foram estabelecidas para comparar diferentes crianças, mas sim para descrever momentos de desenvolvimento individuais. Além disso, a análise das Curvas em U também não abrangia a observação de diferentes padrões de aplicação de estratégias de reparo, tampouco permitindo divisões detalhadas do percurso de desenvolvimento traçado pela criança (i.e., divisões além dos três estágios característicos do padrão em U).

⁵ A proposta que apresentamos foi construída com base nas faixas desenvolvimentais de Lamprecht (1993), utilizadas pela autora na determinação de estágios, e também com base nas faixas de Wertzner *et al.* (2005), utilizadas para determinar o grau de severidade do desvio fonológico. A divisão proposta no presente artigo traz faixas percentuais uniformes e que levam em consideração o limiar de 80% (e não de 100%) para determinar a aquisição de um fenômeno, diferentemente do proposto por Lamprecht (1993) e Wertzner *et al.* (2005), já que lapsos de performance podem afetar a produção linguística (mesmo na fala adulta - por exemplo, a rouquidão gera produções surdas que não têm relação com o processo de aquisição ou com a aplicação da regra de vozeamento).

percursos possíveis observados ao longo do desenvolvimento. Uma vez que o desempenho não decorre, mas é a própria forma de organização, deve-se perguntar como avaliar se a medida é realmente confiável. É por isso que observamos as estratégias de uso. Através dessa análise, podemos observar que o desenvolvimento da estrutura em aquisição está relacionado com as estratégias utilizadas em diferentes momentos desse processo aquisicional.

É válido ressaltar, por fim, que embora as vantagens e desvantagens das diversas medidas de produção de fala infantil sejam reconhecidas pela literatura – sendo também reconhecida a necessidade de se adotar “measures of speech production that are biolinguistically appropriate and psychometrically robust”⁶, conforme Shriberg (1997, p. 708) – ainda não há, de nosso conhecimento, um estudo que compare diretamente os impactos causados por uma análise via desempenho na tarefa e via idade na descrição da aquisição de fenômenos fonológicos específicos. O presente artigo vem contribuir, então, para demonstrar como a organização de dados pode influenciar o modo como os resultados se mostram ao pesquisador.

3 Dados

Os dados infantis aqui analisados advêm de Silva (2010), sobre a aquisição do vozeamento de fricativas em posição de coda; e Toni (2016), sobre a aquisição das sílabas de ataque ramificado CCV. Ambos os estudos tiveram seus dados coletados em creches da região do Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo.⁷

3.1 Participantes, métodos e organização original de Silva (2010) e Toni (2016)

Detalhamos abaixo, em separado, os materiais, métodos e participantes na forma como foram organizados nas duas pesquisas.

3.1.1 Silva (2010): Aquisição do processo de vozeamento em fricativas alveolares

⁶ Tradução: “medidas de produção da fala que são biolinguisticamente apropriadas e psicometricamente robustas” (SHRIBERG, 1997, p. 708).

⁷ Pesquisa registrada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNAERP sob número CAAE 43086214.4.0000.5498.

O estudo de Silva (2010) consistiu de tarefas de repetição de palavras e sintagmas e de recontação de histórias para observar a aquisição do vozeamento de fricativa em posição de coda de sílaba. Os estímulos utilizados abrangeram fricativas em posição de coda medial e final, seguidas por contextos consonantais surdos, sonoros e de pausa – cf. (1) e (2):

(1) <i>Palavras isoladas:</i>	(2) <i>Sintagmas:</i>
a. Contexto surdo: ‘ <u>es</u> pada’, ‘ <u>est</u> rela’	a. Contexto surdo: ‘os <u>três</u> porquinhos’, ‘as <u>crian</u> ças’
b. Contexto sonoro: ‘ <u>les</u> ma’, ‘ <u>Es</u> n <u>u</u> pe’	b. Contexto sonoro: ‘as <u>u</u> vas’, ‘ <u>giz</u> de cera’
	c. Contexto de pausa: ‘as <u>u</u> vas’, ‘as <u>crian</u> ças’

Para coleta dos dados, Silva (2010) desenhou um experimento com crianças divididas em 13 faixas etárias, de dois meses cada, de 2;0-2;01 a 4;0-4;2, cada qual contendo 5 crianças (à exceção da faixa 2;06-2;07, que compreendeu apenas 4 participantes). Ao final, foram gravadas 64 sessões experimentais com 46 crianças entre 2;0 e 4;2 anos (como a coleta estendeu-se por algumas crianças por 1 semestre, algumas crianças foram gravadas mais que uma vez, participando de mais de um grupo etário).

3.1.2 Toni (2016): Aquisição da estrutura de ataque ramificado CCV

Toni (2016) coletou dados de 49 crianças entre 2;4 e 5;10 anos, que realizaram um teste de repetição de palavras composto por nomes familiares (objetos, animais, personagens, etc.) e nomes inventados. Todas as palavras selecionadas apresentavam molde prosódico do tipo ‘C(C)V.CV, com as sílabas-alvo localizadas na posição tônica da palavra, conforme exemplificado em (3) e (4):

(3) <i>Contextos CCV:</i>	(4) <i>Contextos CV:</i>
a. Familiares: ‘prato’, ‘Pluto’	a. Familiares: ‘pato’, ‘pipa’
b. Logatomas: ‘Draco’, ‘Dlibo’	b. Logatomas: ‘Daco’, ‘Dido’

Toni (2016) organizou a produção infantil em 5 grupos, via percentual de desempenho na tarefa: G1 (0-5%), G2 (6-40%), G3 (41-60%), G4 (61-75%) e G5 (76-100%).

3.2 Reorganização dos dados

Aplicamos aqui dois critérios de organização aos dados de Silva (2010) e de Toni (2016): *idade e percentual de desempenho na*

tarrafa. Para melhor comparar esses estudos, os critérios originalmente utilizados pelas autoras foram modificados: pelo critério *idade*, os dados infantis foram divididos em faixas etárias de 6 meses, um dos que normalmente se encontra na literatura em aquisição; pelo critério *percentual de desempenho na tarefa*, os dados foram divididos em intervalos homogêneos de 20%, G1 (0-20%), G2 (21-40%), G3 (41-60%), G4 (61-80%) e G5 (81-100%).

Quanto à categorização das respostas infantis, tomamos a forma adulta como parâmetro para classificar as produções da criança. Especificamente para o vozeamento de fricativas, temos a produção correta quando seguida de segmento vozeado (e.g. casa[z] brancas), a produção desvozeada (e.g. casa[s] brancas) ou o uso de outras estratégias (e.g. casa∅ brancas, casa[sɪ] brancas). No caso da produção de sílabas com ataque ramificado, temos a produção correta (e.g. [bru] xa), o apagamento da segunda consoante (e.g. [bu] xa) ou o uso de outras estratégias (e.g. [buru] xa, [blu] xa).⁸

4 Comparando duas metodologias de coleta e organização de dados

Para examinar como diferentes métodos de classificação e análise dos resultados podem influenciar a observação das flutuações fonológicas típicas da fala infantil, trazemos a seguir uma discussão sobre o vozeamento de fricativas (4.1) e sobre a produção de sílabas com ataque ramificado (4.2).

4.1 Aquisição da Regra de Vozeamento

Apresentam-se abaixo os contextos coletados por Silva (2010) em que a fricativa deveria ser produzida como sonora (como em ‘le[z] ma’, ‘casa[z] brancas’).⁹ Os dados, que totalizam 527 ocorrências, foram tabulados de duas maneiras diferentes: por faixa etária (Tabela

⁸ Para o desmembramento das demais estratégias, referimos o leitor aos trabalhos originais, Silva (2010) e Toni (2016).

⁹ Segundo Silva (2010), a forma fonológica das fricativas em posição de coda sempre apresenta traço [- voz], assimilando o valor positivo [+ voz] somente quando sucedida por uma consoante vozeada ou uma vogal. Desse modo, contextos surdo e de pausa (e.g. casa[s] preta[s]) não representam de fato um ambiente de aplicação da regra de assimilação de vozeamento, mas sim um ambiente em que a forma superficial das fricativas se manifestaria tal como sua representação subjacente. Tendo isso em vista, optamos por não analisar esses contextos neste artigo. Para mais informações, ver Silva (2010).

1) e por percentual de desempenho na tarefa (Tabela 2). Em ambas as tabelas temos, para cada criança, seu desempenho na aquisição da fricativa vozeada e as duas principais estratégias utilizadas no processo: apagamento da fricativa e não-aplicação da regra.¹⁰ Apresentamos, inicialmente, as ocorrências organizadas por faixa etária:

Tabela 1 - Aquisição da regra de vozeamento de fricativas - por faixa etária

GRUPOS POR IDADE: VOZEAMENTO											
2;0-2;5						2;6-2;11					
Criança	Idade	Total n	% Vozeadas	% Não vozeadas	% Apagadas	Criança	Idade	Ttotal n	% Vozeadas	% Não vozeadas	% Apagadas
S1	2;0	-	-	-	-	S16	2;6	3	0	0	66,7
S2	2;0	-	-	-	-	S17	2;6	3	33,3	0	0
S3	2;0	4	0	0	0	S18	2;6	5	60	0	20
S4	2;0	-	-	-	-	S19	2;6	12	25	25	25
S5	2;1	4	0	0	50	S20	2;8	5	0	0	20
S6	2;2	-	-	-	-	S21	2;8	6	16,7	16,7	16,7
S7	2;2	-	-	-	-	S22	2;8	1	0	100	0
S8	2;2	1	0	0	0	S23	2;9	2	0	0	50
S9	2;3	1	0	0	100	S24	2;9	8	25	12,5	50
S10	2;3	2	0	50	0	S25	2;10	10	0	0	60
S11	2;4	2	0	0	0	S26	2;10	4	50	0	25
S12	2;4	2	0	50	50	S27	2;10	9	22,2	22,2	44,4
S13	2;4	6	0	0	50	S28	2;10	22	40,9	18,2	13,6
S14	2;4	8	0	0	62,5	S29	2;11	1	100	0	0
S15	2;5	2	0	0	0						
Média: 0% (0) Mediana: 0%, n=32						Média: 26,37%, (28) Mediana: 23,61%, n=91					
3;0-3;5						3;6-3;11					

¹⁰ Nas Tabelas 1 e 2, os percentuais de vozeamento, desvozeamento e apagamento podem não totalizar 100% das ocorrências pela aplicação de outras estratégias de reparo na fala da criança, tais como a substituição e a epêntese.

S30	3;0	2	0	0	100	S45	3;6	8	25	12,5	62,5
S31	3;1	9	22,2	0	55,6	S46	3;6	9	66,7	11,1	22,2
S32	3;1	6	16,7	0	50	S47	3;6	5	0	60	40
S33	3;1	7	0	14,3	85,7	S48	3;7	23	4,3	26,1	60,9
S34	3;1	25	48	0	44	S49	3;7	13	38,5	38,5	15,4
S35	3;2	6	0	33,3	33,3	S50	3;8	9	0	66,7	0
S36	3;2	15	26,7	6,7	60	S51	3;9	16	12,5	0	50
S37	3;3	6	0	33,3	0	S52	3;9	15	13,3	0	86,7
S38	3;3	3	0	66,7	0	S53	3;9	10	10	80	10
S39	3;3	12	33,3	16,7	41,7	S54	3;9	10	10	20	70
S40	3;4	9	22,2	0	55,6	S55	3;10	10	50	0	50
S41	3;4	29	69	3,4	20,7	S56	3;10	3	33,3	66,7	0
S42	3;5	5	20	20	60	S57	3;10	13	38,5	15,4	30,8
S43	3;5	4	0	50	50	S58	3;11	9	11,1	0	33,3
S44	3;5	11	45,5	45,5	9,1	S59	3;11	8	50	25	25
Média: 34,23% (20,8)						Média: 22,36% (20)					
Mediana: 20%, n=149						Mediana: 13,3%, n=161					
4;0-4;6											
S60	4;0	26	42,3	19,2	38,5						
S61	4;0	11	36,4	18,2	27,3						
S62	4;0	14	14,3	57,1	7,1						
S63	4;0	4	75	25	0						
S64	4;2	30	90	10	0						
Média: 55,29% (27,3)											
Mediana: 42,31%, n=85											

Fonte: elaboração própria.

Comparando-se os dados organizados nas cinco faixas etárias dispostas na Tabela 1, observa-se que somente o grupo 2;0-2;5 apresenta resultados intersujeitos homogêneos: categoricamente, nenhum dos participantes aplica a regra de vozeamento (5 dos sujeitos sequer produzem palavras contendo contextos sonoros à regra). Já nas outras quatro faixas etárias nota-se uma grande variabilidade nos resultados: tomemos, por exemplo, a faixa dos 2;6-2;11 anos: observa-se que 6 das 14 crianças desta faixa etária também categoricamente não aplicam a regra de vozeamento, assemelhando-se às crianças da faixa etária anterior.

As demais 8 crianças que em alguma proporção aplicam a regra de vozeamento em contexto sonoro apresentam variação percentual entre 16,7% (participante S21, de 2;8 anos) e 60% (participante S19, de 2;6 anos) – excluindo-se o percentual da criança S29, que alcançou 100% dos resultados pois produziu uma única palavra com contexto sonoro, e nesta única palavra houve a aplicação correta do vozeamento. A média percentual das produções vozeadas coletadas na fala de crianças entre 2;6-2;11 anos é de 26,37% – um valor que pouco representa o desempenho real nos sujeitos alocados nesta faixa etária, como demonstra o alto valor do desvio padrão, de 28 pontos.¹¹

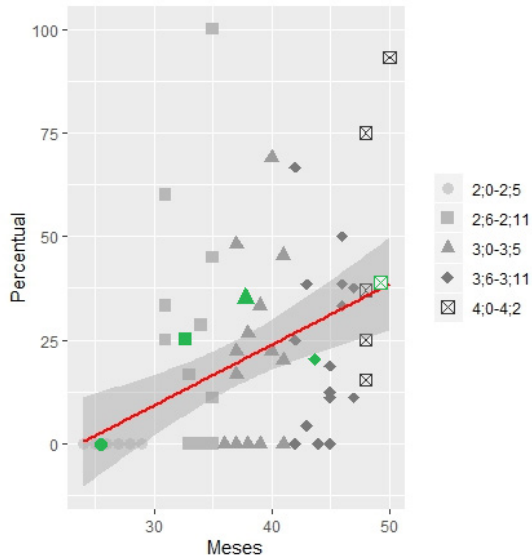
Esse mesmo padrão de *baixa representatividade da média* versus *alta variabilidade individual* se repete também na faixa etária de 3;0-3;5, que apresenta média de acertos de 34,23%, com desvio de 20,7 pontos, variando entre produções de 0% (S43, 3;5 anos) a 69% (S41, 3;4 anos). Nota-se, nesta faixa etária, que enquanto seis crianças apresentam ausência categórica da regra de vozeamento – assemelhando-se, portanto, ao desenvolvimento linguístico das crianças da primeira faixa etária, 2;0-2;5 –, a criança S41 demonstra já estar em processo de estabilização da regra, apresentando desenvolvimento linguístico similar ao das faixas etárias posteriores, diferenciando-se da média obtida pelas demais crianças de idade – em verdade, somente o participante S39 apresenta percentual semelhante à média obtida nesta faixa etária. Já na faixa 3;6-3;11 temos três crianças demonstrando ausência categórica da regra, contra uma criança aplicando corretamente o vozeamento em mais de 60% dos dados. A média geral desse grupo é de 22,36% e desvio padrão de 20 pontos – valores que, novamente, não representam o desempenho real e diverso do grupo, como demonstrado pela sua mediana, de 13,3%. Comparando-se essas duas faixas etárias, 3;0-3;5 e 3;6-3;11, é de se notar que, apesar da diferença de doze meses, o número de crianças em processo de estabilização da regra mantém-se o mesmo. Na última faixa etária, por fim, embora não se observem crianças com vozeamento categoricamente ausente, apenas dois participantes (S63 e S64) demonstram ter a regra de vozeamento estabilizada¹² ou em via de estabilização.

¹¹ Excluindo a produção do participante S29, o desvio padrão cai para 19,35 pontos, um valor ainda bastante alto.

¹² Seguindo Lamprecht (2004), admitimos 81% como a taxa mínima de acerto para considerar uma estrutura ou regra como estável, e não 100%, já que certas produções inadequadas podem ser consideradas simples lapsos linguísticos ou articulatórios, passíveis de ocorrer mesmo na fala adulta.

O panorama geral dos dados apresentados acima, especialmente entre as idades de 2;6 e 3;11 anos, delinea-se como se segue: nas três faixas etárias mediais há crianças que aplicam a regra de vozeamento em cerca de 60% de suas produções, assim como também há crianças que apresentam percentuais em torno de 50%, 30%, 10% e 0% de aplicação correta da regra. As próprias taxas de aplicação da última faixa etária também apresentam grande variação, de 14% a 90%. Destacamos, também, que a média percentual das diferentes faixas etárias não apresenta um crescendo proporcional e contínuo, como seria esperado considerando-se a idade como medida representativa do desenvolvimento linguístico: a faixa etária 3;6-3;11 exibe média percentual menor que as faixas 3;0-3;5 e 2;6-2;11, sugerindo que a diferença de 18 meses não é proporcional à média de produções corretas de cada grupo. A alta dispersão e variabilidade dos dados, assim como a instabilidade das médias por grupo, podem ser ilustradas pelo Gráfico 1 abaixo, que traz a média de produções vozeadas de cada criança em função de sua idade em meses. Os símbolos verdes representam a média percentual de cada grupo, e a linha vermelha reproduz um modelo de regressão linear ajustado aos dados. O sombreado cinza ao redor dessa linha representa o intervalo de confiança do modelo, e cada faixa etária é também representada por tons de cinza.

Gráfico 1 - Dispersão dos dados de vozeamento: médias individuais (em porcentagem) por idade (em meses)



Fonte: elaboração própria.

O modelo ajustado acima demonstra que grande parte dos dados não consegue ser capturada por uma correlação linear que toma a taxa de vozeamentos corretos em função da idade – os pontos concentram-se, em geral, entre 10% a 50% a partir dos 2;6 anos (30 meses) de idade até os 4;2 anos (50 meses), sem uma relação diretamente proporcional entre faixa etária e desenvolvimento linguístico – aqui representado pelo percentual de aplicação da regra de vozeamento. Considerando a taxa de aplicação da regra como variável dependente e idade (em meses) como variável independente, temos que somente 19,2% (R^2 ajustado = 0,1919, $F(1,62) = 15,96$, $p < 0,001$) do total de dados pode ser explicado pela faixa etária. Embora esse modelo tenha se mostrado estatisticamente significativo, ele se mostra pouco explicativo: somente cerca de 20% dos dados podem ter correlação atribuída à idade.

Além desses resultados, chamamos atenção também para os casos de apagamento. Como se pode observar na Tabela 1, mesmo na última faixa etária, há crianças que apagam quase 40% das fricativas em coda (S60). Nesta mesma faixa, S68 tem 0% de apagamentos.

Comparem-se, agora, os mesmos dados organizados por faixas percentuais de produção de acordo com a forma adulta. A Tabela 2 organiza os dados listados na Tabela 1 seguindo um conceito central: suscitar uma maior homogeneidade linguística intersujeitos – um critério que pode ser notado, por exemplo, por meio da constatação dos baixos valores de desvio-padrão em todos os grupos. A maior similaridade linguística entre sujeitos é garantida, nesse critério, pelo controle do range ou da variação percentual de cada grupo – ou seja, o próprio desempenho linguístico da criança, e não sua idade, são tomados como indicativos de seu desenvolvimento fonológico. Assim, foram criados 5 grupos com 20% de intervalo de produção correta.

Tabela 2 - Aquisição da regra de vozeamento de fricativas - por desempenho na tarefa

GRUPOS POR DESEMPENHO: VOZEAMENTO											
Criança	Idade	Total n	% Vozeadas	% Não vozeadas	% Apagadas	Criança	Idade	Total n	% Vozeadas	% Não vozeadas	% Apagadas
0-20%						21-40%					
S1	2;0	-	-	-	-	S17	2;6	3	33,3	0	0
S2	2;2	-	-	-	-	S19	2;6	12	25	25	25
S3	2;0	4	0	0	50	S24	2;9	8	25	12,5	50
S4	2;0	-	-	-	-	S27	2;10	9	22,2	22,2	44,4
S5	2;1	4	0	0	50	S28	2;10	22	40,9	18,2	13,6
S6	2;2	-	-	-	-	S31	3;1	9	22,2	0	55,6
S7	2;2	-	-	-	-	S36	3;2	15	26,7	6,7	60
S8	2;2	1	0	0	0	S39	3;3	12	33,3	16,7	41,7
S9	2;3	1	0	0	100	Média: 31,3%, (6,57) Mediana: 30%, n=147					
S10	2;3	2	0	50	0						
S11	2;4	2	0	0	0	41-60%					
S12	2;4	2	0	50	50	S18	2;6	5	60	0	20
S13	2;4	6	0	0	50	S26	2;10	4	50	0	25
S14	2;4	8	0	0	62,5	S34	3;1	25	48	0	44
S15	2;5	2	0	0	0	S44	3;5	11	45,5	45,5	9,1
S16	2;6	3	0	0	66,7	S55	3;10	10	50	0	50
S20	2;8	5	0	0	20	S59	3;11	8	50	25	25
S21	2;8	6	16,7	16,7	16,7	S60	4;0	26	42,3	19,2	38,5
S22	2;8	1	0	100	0	Média: 47,2% (5) Mediana: 50%, n=89					
S23	2;9	2	0	0	50						
S25	2;10	10	0	0	60	61-80%					
S30	3;0	2	0	0	100	S41	3;4	29	69	3,4	20,7
S32	3;1	6	16,7	0	50	S46	3;6	9	66,7	11,1	22,2
S33	3;1	7	0	14,3	85,7	S63	4;0	4	75	25	0
S35	3;2	6	0	33,3	33,3	Média: 69% (3,5) Mediana: 69%, n=42					
S37	3;3	6	0	33,3	0						

S38	3;3	3	0	66,7	0	81-100%					
S42	3;5	5	20	20	60	S29	2;11	1	100	0	0
S43	3;5	4	0	50	50	S64	4;2	30	90	10	0
S47	3;6	5	0	60	40	Média: 90% (0)					
S48	3;7	23	4,3	26,1	60,9	Mediana: 90%, n=30					
S50	3;8	9	0	66,7	0						
S51	3;9	16	12,5	0	50						
S52	3;9	15	13,3	0	86,7						
S53	3;9	10	10	80	10						
S54	3,9	10	10	20	70						
S58	3,11	9	11,1	0	33,3						
S62	4;0	14	14,3	57,1	7,1						
Média: 7,2% (6,4)											
Mediana: 0%, n=209											

Fonte: elaboração própria.

Por meio da organização via percentuais de acerto, evidencia-se nos dados que 66,7% dos participantes ainda não se mostram capazes de aplicar a regra de vozeamento em contextos como ‘le[z]ma’, ‘o[z]nenéns’. Outros 18 participantes (30%), apesar de aplicarem a regra em parte dos estímulos apresentados na tarefa, ainda demonstram grande instabilidade em sua utilização, aplicando-a em menos da metade dos contextos requeridos no experimento. Apenas 4 crianças de fato indicam estar em via de estabilização da regra, apresentando mais de 60% de vozeamentos corretos – descontando-se, novamente, a criança S29, que só atinge 100% de acerto devido à sua produção única. Essa divisão evidencia, de maneira mais explícita que a divisão por idade, que os contextos sonoros da regra de vozeamento representam um grande desafio às crianças em processo de aquisição.

Em relação à variação na faixa etária das crianças alocadas em cada grupo, observa-se que no grupo 0%-20% temos crianças entre 2;0 e 4;0 anos; no grupo 21%-40% temos crianças entre 2;6 e 4;0 anos; em 41%-60%, crianças de 2;6 a 3;10 anos; em 61%-80%, participantes de 3;4 e 4;0 anos; e, por fim, na faixa entre 81%-100%, temos apenas o sujeito S64, de 4;2 anos. Por meio da comparação entre a variação etária das cinco divisões percentuais realizadas acima faz-se possível observar que, a grosso modo, a idade acompanha, de fato, o aumento das taxas de acerto da tarefa, tal como observado na regressão linear do Gráfico 1 – na primeira faixa temos crianças a partir de 2;0 anos; na

segunda temos somente crianças a partir de 2;6 anos; na quarta faixa o piso salta a 3;4 anos. Isso indica que a variabilidade individual dos participantes é limitada, naturalmente, a determinados extremos que se relacionam com a faixa etária – a variação não se mostra, portanto, aleatória ou imprevisível, mas sim natural e esperada, ainda que não homogênea, irregular. O desenvolvimento linguístico, embora não se mostre determinado ou causado pela idade, apresenta uma gradativa progressão que caminha, a grosso modo, paralelamente à idade. É curioso notar que esse paralelismo entre desenvolvimento e idade se revela com maior clareza por meio da divisão percentual que pela própria divisão por faixas etárias, pois esta última se mostra mais suscetível às variações individuais de cada sujeito.

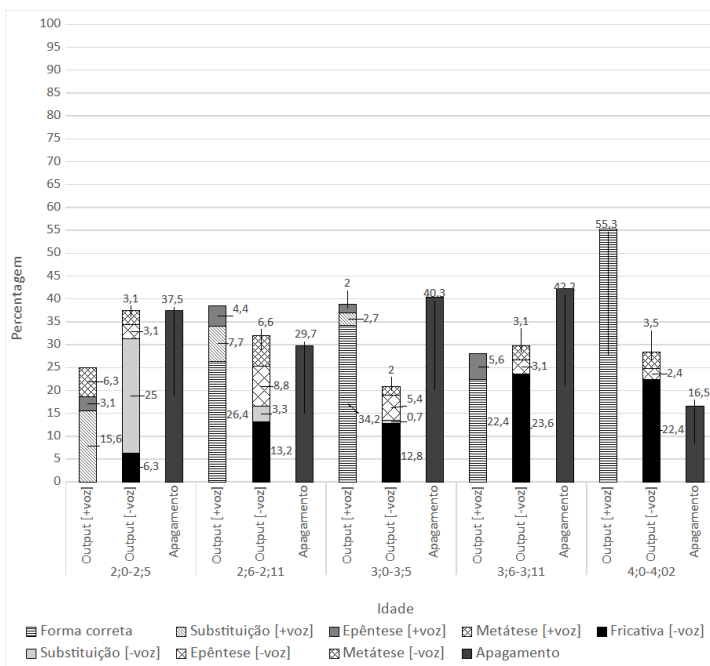
4.1.1 Estratégias de reparo na aquisição da regra de vozeamento

Quando não produzidas tal como na forma adulta, as consoantes fricativas em coda podem sofrer diversos reparos ou modificações na fala infantil – além de omitir a realização das consoantes (como em [ˈle.mɐ] ‘lesma’) ou mesmo omitir toda a sílaba ligada à coda fricativa (como em [ma] ‘(les)ma’), as crianças podem também: alterar a posição silábica da fricativa (*metátese*: [ˈle.məs] ‘lesma’, [naˈzir ˈde.li] ‘nariz dele’); ressilabificar a fricativa como ataque da palavra seguinte ([ˈzɔ. jɔ] ‘os olhos’); inserir vogais após as fricativas, transformando sílabas CVC em CV.CV (*epêntese*¹³: [ˈdoj.ʒi ˈga.tu] ‘dois gatos’); substituir as fricativas por outras consoantes (*substituição*: [aˈi.tʃi meˈme.lu] ‘nariz vermelho’); ou, podem, finalmente, produzir as fricativas em posição de coda sem atentar para a aplicação da regra de assimilação de vozeamento, realizando uma produção fricativa diferente da forma alvo (*vozeamento incorreto*: [as ˈu.vəs] ‘as uvas’). Note-se, contudo, que reparos como a epêntese, a metátese, a ressilabificação e a substituição não evitam a produção do traço [voz], sendo possível observar o atendimento ou não à regra de vozeamento mesmo em contextos não-alvo. Por exemplo, na aplicação da epêntese, temos tanto outputs [- voz] como [ˈtej.ʒi ma.maˈde.

¹³ Um parecerista nos pergunta se classificar o fenômeno como epêntese seria a melhor escolha, já que este fenômeno pode ocorrer no nível da palavra fonológica, denominando-se epêntese, ou no nível da frase fonológica, denominando-se paragoge. Defendemos a classificação como uma epêntese, levando em conta que a inserção vocálica não se mostra alterada nos contextos surdo (frase) e de pausa (palavra) no estudo original de Silva (2016). Mas observe-se que interpretar este dado como um fenômeno ocorrendo no nível da frase fonológica ou na palavra fonológica não altera a análise de Silva (2016) nem a discussão aqui desenvolvida.

lɐ] quanto outputs [+ voz] como [ˈtɛj.zi ma.maˈde.lɐ] para o alvo ‘três mamadeiras’ – e o mesmo é encontrado com substituições ([- voz]: [a ˈfʊ.fɛ], [+ voz]: [a ˈdʊ.vɛ] ‘as uvas’) e metáteses/ressilabificações ([- voz]: [si liˈõjs] ‘os leões’, [+ voz]: [ˈe.zɐ] ‘(l)eş(m)a’). O vozeamento e a proporção com que as estratégias acima foram utilizadas pelas crianças do experimento de Silva (2008) pode ser observada no Gráfico 2, dividido por faixas etárias (cf. Apêndice 1 para as tabelas de dados).¹⁴

Gráfico 2 - Aquisição da regra de vozeamento de fricativas – por faixa etária



Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 2 apresenta nas colunas *Output [+ voz]* o percentual de produções fricativas que tiveram a regra de vozeamento corretamente aplicada (ainda que a qualidade do segmento fricativo ou sua posição na sílaba possam ter sofrido alterações); nas colunas *Output [- voz]* as produções em que a regra de vozeamento não foi aplicada (também

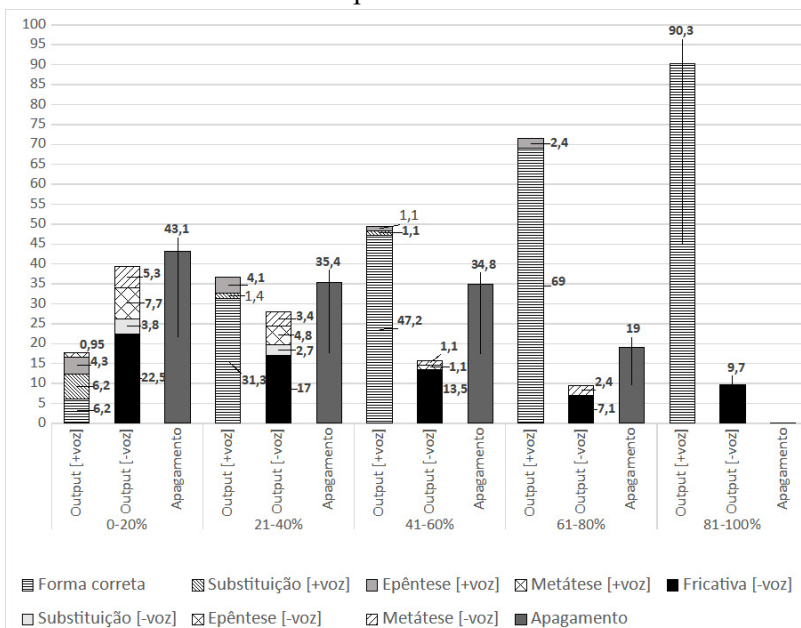
¹⁴ As estratégias de apagamento da fricativa e apagamento de toda a sílaba CVC foram amalgamadas na categoria *Apagamento*. As estratégias metátese e ressilabificação, ambas reparos estruturais, foram amalgamadas na categoria *Metátese*.

podendo sofrer alterações na qualidade segmental ou na posição silábica de /s/); e por fim na coluna *Apagamento* temos produções em que a coda fricativa ou toda a sílaba CVC foi apagada.

A plotagem indica que o apagamento é a modificação mais frequente e também mais consistente entre as cinco faixas etárias do estudo. À exceção da substituição, que se mostra como a segunda estratégia mais produtiva na faixa etária 2;0-2;5, caindo em desuso em seguida, os demais reparos são relativamente constantes e pouco produtivos em todas as idades observadas. Mesmo a não-aplicação da regra (vozeamento incorreto) se mostra uma estratégia pouco utilizada, concentrada após 3;6 anos. Destaca-se no gráfico, principalmente, a preferência das crianças entre 2;0 e 3;11 anos em apagar a fricativa em detrimento de produzi-la em sua forma vozeada ou desvozeada, não havendo uma relação proporcional entre o aumento das taxas de vozeamento correto e um declínio no uso de estratégias de reparo.

É possível cogitar, no entanto, que determinadas estratégias poderiam ser favorecidas pela criança a depender de seu momento no percurso de aquisição. Por exemplo, é de se esperar que reparos que mantêm o traço [+ voz] sejam produzidos somente por crianças que já apresentam vozeamentos corretos em suas produções. Vejamos, então, os dados do Gráfico 2 agora organizados por faixas percentuais:

Gráfico 3 - Aquisição da regra de vozeamento de fricativas – por faixa percentual



Fonte: elaboração própria.

No Gráfico 3, que reorganiza os dados do Gráfico 2, é possível observar que o aumento nas taxas de aplicação da regra de vozeamento está atrelado à diminuição das taxas de vozeamento incorreto e de apagamento – e contrariamente ao observado no Gráfico 2, a preferência pelo apagamento da fricativa se mostra somente nas duas primeiras faixas analisadas, na fala de crianças cuja aplicação correta da regra é inferior a 40% (com desenvolvimento ainda inicial, portanto). Nota-se, ainda, que nos dados de crianças com vozeamento correto superior a 60%, o emprego de estratégias como o apagamento e a não-aplicação da regra tendem ao desuso, sugerindo que estes dois reparos podem ser tomados como indicadores do andamento da aquisição da regra. Por sua vez, as estratégias de substituição, epêntese e ressilabificação novamente se mostram pouco produtivas, com leve tendência descendente.

Considerando os padrões observados às estratégias de reparo no Gráfico 3, a consistência das medidas centrais da Tabela 2 e o valor de R² do modelo de regressão linear ajustado aos dados, destacamos que a organização via percentual de desempenho na tarefa parece revelar de

forma mais transparente a relação entre o desenvolvimento da regra de vozeamento, o decorrente desuso de determinadas estratégias de reparo e os diferentes momentos de desenvolvimento que crianças da mesma faixa etária podem apresentar em uma comparação intersujeitos. Vejamos a seguir se estas mesmas inferências se mantêm em relação à aquisição da estrutura silábica CCV.

4.2 Aquisição das sílabas de ataque ramificado CCV

Passando a aplicar os mesmos critérios de classificação aos resultados do estudo de Toni (2016), trazemos a seguir a Tabela 3, que divide por faixas etárias os 3.062 dados referentes à aquisição da estrutura CCV.

Tabela 3 - Aquisição da sílaba CCV - por faixa etária

GRUPOS POR IDADE: SÍLABA CCV											
Criança	Idade	Total	% Corretas	% C ² Apagado	% Outros	Criança	Idade	Total	% Corretas	% C ² Apagado	% Outros
2;0-2;5						2;6-2;11					
P1	2;4	54	0	83,33	16,67	P4	2,6	56	1,79	50	48,21
P2	2;4	28	0	50	50	P5	2;7	53	0	75,47	24,53
P3	2;4	26	0	69,23	30,77	Média: 0,92%, (0,89) Mediana: 0,89%, n=109					
Média: 0% (0) Mediana: 0%, n=108											
3;0-3;5						3;6-3;11					
P6	3;0	46	2,17	86,96	10,89	P12	3;6	42	0	85,71	14,29
P7	3;0	44	4,55	52,27	43,18	P13	3;7	49	2,04	75,51	22,45
P8	3;01	47	2,13	82,98	14,89	P14	3;8	59	0	74,58	25,42
P9	3;2	50	20	40	40	P15	3;9	43	37,21	48,84	13,95
P10	3;3	57	35,09	3,51	61,40	P16	3;9	48	62,5	10,42	27,08
P11	3;5	46	34,78	19,57	45,65	P17	3;10	43	0	50	50
Média: 17,24% (14,41) Mediana: 12,27%, n=290						P18	3;10	49	2,04	89,8	8,16
						P19	3;11	43	27,92	34,88	37,21
4;0-4;5						P20	3;11	55	29,09	18,18	52,73
P21	4;0	42	66,67	7,14	26,19	Média: 17,63% (21,22) Mediana: 2,04%, n=431					
P22	4;01	34	55,74	4,92	39,34						
P23	4;2	47	0	65,96	34,04	4;6-4;11					

P24	4;3	63	71,43	11,11	17,46	P27	4;7	51	54,9	1,96	43,14
P25	4;5	49	0	93,88	6,12	P28	4;7	46	80,43	6,52	13,04
P26	4;5	46	86,96	0	13,04	P29	4;7	47	89,36	4,26	6,38
Média: 47,73%, (34,34) Mediana: 61,2%, n=281						P30	4;9	54	38,89	7,41	53,7
5;0-5;5						P31	4;9	40	75	5	20
S38	5;2	48	72,92	6,25	20,83	P32	4;9	56	73,21	1,79	25
S39	5;3	44	61,36	6,82	31,82	P33	4;9	59	84,75	0	15,25
S40	5;4	51	74,51	3,92	21,57	P34	4;10	46	67,39	6,52	26,09
S41	5;5	41	58,54	2,44	39,02	P35	4;10	55	81,82	7,27	10,91
S42	5;5	60	51,67	0	48,33	P36	4;11	45	60	15,56	24,44
S43	5;5	60	65	20	15	P37	4;11	56	75	3,57	21,43
S44	5;5	55	72,73	5,45	21,82	Média: 70,99% (14,12) Mediana: 75%, n=555					
Média: 65,18% (7,97) Mediana: 65%, n=304						5;6-5;11					
						S45	5;6	50	92	8	0
						S46	5;7	42	88,1	2,38	9,52
						S47	5;8	45	77,78	0	22,22
						S48	5;8	44	68,18	4,55	27,27
						S49	5;10	66	87,88	3,03	9,09
						Média: 83,4%, (8,69) Mediana: 87,88%, n=247					

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 3 apresenta produções silábicas CCV ao longo de 8 faixas etárias, atendendo ao fato de que o percurso de aquisição da estrutura de ataque ramificado é bastante longo, surgindo na fala infantil por volta dos 2 anos e sendo adquirido somente entre os 5 e 6 anos (QUEIROGA et al., 2011; RIBAS, 2002; TONI, 2016). Observando a distribuição das produções, nota-se que as duas primeiras faixas etárias apresentam percentual semelhante de realizações CCV corretas, beirando 0%. Já as crianças da faixa etária 3;0-3;5 apresentam maior variabilidade intersujeito: metade dos participantes se assemelha às faixas anteriores, beirando 0% (P6, P7, P8), enquanto a outra metade apresenta percentual de produções corretas entre 20% e 35% (P9, P10, P11). Não se faz possível, contudo, afirmar que o desempenho de P9, P10 e P11 se assemelha ao desempenho dos sujeitos da faixa seguinte, 3;5-3;11, já que estes espelham a mesma divisão em seus resultados: enquanto a

produção de P12, P13, P14, P17 e P18 beira a 0%, os sujeitos P15, P19 e P20 apresentam produções corretas em torno de 20% a 35%, assim como os sujeitos da faixa anterior. Diferentemente de seus pares, o sujeito P16, de 3;9 anos, apresenta mais de 60% de suas produções realizadas tal como na fala adulta. Esta variabilidade se revela na grande diferença entre os valores da média (17,63%) e da mediana (2,04%) do grupo 3;5-3;11, além do seu alto desvio-padrão (21,22 pontos) – valores que não caracterizam de forma adequada o real desempenho das crianças desta faixa etária, já que nenhum participante apresenta percentuais próximos à média, e a mediana aproxima-se somente de metade das produções do grupo. Vale destacar, ainda, que embora os grupos 3;0-3;5 e 3;6-3;11 apresentem distribuição intersujeito semelhante, sendo possível reconhecer em ambos os grupos dois padrões de desenvolvimento distintos, suas medianas e mesmo o desvio padrão de suas médias se mostram bastante diferentes. Disso resulta que a semelhança no comportamento dos sujeitos P6 a P20 não se mostra transparente nesta divisão de dados mesmo analisando-se suas medidas de tendência central.

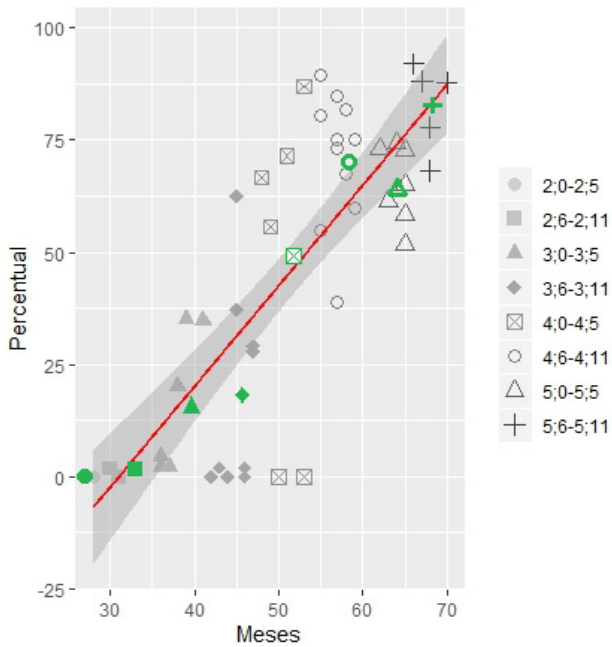
Medidas de tendência central variáveis e pouco representativas são também observadas na faixa etária seguinte, 4;0-4;5 anos, na qual se notam três diferentes padrões de desenvolvimento: CCVs em vias de aquisição (P24 e P26); CCVs intermediários, com produção entre 50%-60% (P21 e P22, grupo ao qual se assemelha o sujeito P16 da faixa anterior); e CCVs categoricamente ausentes da fala infantil (P23 e P25) – três momentos de desenvolvimento antagônicos que novamente não se deixam transparecer pela média (47,73%) ou mediana (61,2%) do grupo.

Quanto aos dados dos três grupos mais velhos, espera-se observar desempenhos que se aproximam da estabilização da estrutura CCV. De fato, estes são os três únicos grupos a não apresentar crianças com produções CCV próximas a 0% – o menor percentual de produções corretas é o da criança P30 (faixa 4;6-4;11), com 38,89%. Nestes grupos, é possível notar crianças como P41 e P42, que apresentam produções instáveis mesmo aos 5;5 anos – mas, no geral, temos crianças com CCV já adquirido (acima de 80% de produções corretas) ou em vias de aquisição. Destacamos, especialmente, a presença de 4 crianças com CCV adquirido na faixa de 4;6-4;11 (P28, P29, P33 e P35) enquanto na faixa etária seguinte, 5;0-5;5, nenhuma criança atinge a média de 80%.

Traçando um panorama geral dos dados da Tabela 3 acima, observa-se que somente as faixas etárias inicial e final, 2;0-2;5, 2;6-2;11 e 5;0-5;5 e 5;6-5;11, demonstram consistência no comportamento intersujeitos – como evidenciado pelas suas medidas de tendência central –, com produção CCV categoricamente ausente aos 2;0-2;11 anos, estável

aos 5;6-5;11 anos e em vias de estabilização aos 4;6-4;11 e 5;0-5;5 anos. Ou seja, somente os momentos extremos de aquisição são adequadamente capturados nos dados acima organizados, não sendo possível apreender, propriamente, o(s) percurso(s) de desenvolvimento percorrido(s) nos momentos intermediários, dos 3 aos 4 anos – percursos que se mostram bastante variáveis, considerando haver crianças que por volta dos 4;5 anos apresentam estrutura CCV adquirida (P26, P29) ou categoricamente ausente de sua fala (P25, P23), ou ainda com produções CCV instáveis ao nível da chance (P22, P27). Destacamos também que, tal como na seção anterior, os valores médios de cada grupo não apresentam crescimento contínuo e uniforme, havendo platôs de desenvolvimento (como em 3;0-3;5 *versus* 3;6-3;11), crescimentos bruscos (4;0-4;5 *versus* 4;6-4;11) e mesmo quedas na média (4;6-4;11 *versus* 5;0-5;5) – um padrão não esperado quando tomamos a idade como principal medida do desempenho linguístico. Um modelo de regressão linear foi ajustado aos dados acima visando mensurar quanto das produções infantis seria capturado pelo fator faixa etária, e o resultado obtido indica que 63,38% (R^2 ajustado: 0,6338, $F(1,47) = 84,08$, $p < 0,001$) dos dados podem ser explicados pelo fator idade – um valor mais alto que o observado ao vozeamento, mas ainda assim pouco explicativo. O Gráfico 4 a seguir ilustra a relação entre idade e o percentual de produções CCV corretas:

Gráfico 4 - Dispersão dos dados de aquisição silábica: médias individuais por idade



Fonte: elaboração própria.

Considerando a alta variabilidade intersujeito demonstrada na Tabela 3 e o baixo poder explicativo do fator idade, apresentamos a seguir uma organização alternativa dos dados, via percentual de desempenho na tarefa:

Tabela 4 - Aquisição da sílaba CCV - por desempenho na tarefa

GRUPOS POR DESEMPENHO: SÍLABA CCV											
Criança	Idade	Total	% Corretas	% C2 Apagado	% Outros	Criança	Idade	Total	% Corretas	% C2 Apagado	% Outros
0-20%						21-40%					
P1	2;4	54	0	83,33	16,67	P10	3;3	57	35,09	3,51	61,40
P2	2;4	28	0	50	50	P11	3;5	46	34,78	19,57	45,65
P3	2;4	26	0	69,23	30,77	P15	3;9	43	37,21	48,84	13,95

P4	2;6	56	1,79	50	48,21	P19	3;11	43	27,91	34,88	37,21
P5	2;7	53	0	75,47	24,53	P20	3;11	55	29,09	18,18	52,73
P6	3;0	46	2,17	86,96	10,87	P30	4;9	54	38,89	7,41	53,7
P7	3;0	44	4,55	52,27	43,18	Média: 33,89%, (4,02) Mediana: 34,94%, n=298					
P8	3;01	47	2,13	82,98	14,29						
P9	3;2	50	20	40	40	41-60%					
P12	3;6	42	0	85,71	14,29	P22	4;01	34	55,74	4,92	39,34
P13	3;7	49	2,04	75,51	22,45	P27	4;7	51	54,9	1,96	43,14
P14	3;8	59	0	74,58	25,42	P36	4;11	45	60	15,56	24,44
P17	3;10	43	0	50	50	P41	5;5	41	58,54	2,44	39,02
P18	3;10	49	2,04	89,8	8,16	P42	5;5	60	51,67	0	48,33
P23	4;2	47	0	65,96	34,04	Média: 55,81% (2,91) Mediana: 55,74%, n=258					
P25	4;5	49	0	93,88	6,12						
Média: 2,29% (4,78) Mediana: 0%, n=742						81-100%					
61-80%						P26	4;5	46	86,96	0	13,04
						P29	4;7	47	89,36	4,26	6,38
P16	3;9	48	62,5	10,42	27,8	P33	4;9	59	84,75	0	15,25
P21	4;0	42	66,67	7,14	26,19	P35	4;10	55	81,82	7,27	10,91
P24	4;3	63	71,43	11,11	17,46	P45	5;6	50	92	8	0
P28	4;7	46	80,43	6,52	13,04	P46	5;7	42	88,1	2,38	9,52
P31	4;9	40	75	5	20	P49	5;10	66	87,88	3,03	9,09
P32	4;9	56	72,21	1,79	25	Média: 87,12%, (3,02) Mediana: 87,88%, n=365					
P34	4;10	46	67,39	6,52	26,09						
P37	4;11	56	75	3,57	21,43	Média: 70,97% (5,37) Mediana: 72,73%, n=744					
P 38	5;2	48	72,92	6,25	20,83						
P40	5;4	51	74,51	3,92	21,57						
P39	5;3	44	61,36	6,82	31,82						
P43	5;5	60	65	20	15						
P44	5;5	55	72,73	5,45	21,82						
P47	5;8	45	77,78	0	22,22						
P48	5;8	44	68,18	4,55	27,27						

Fonte: elaboração própria.

Como resultado da divisão por percentual de desempenho na tarefa, a Tabela 4 apresenta um agrupamento bastante homogêneo dos 49 participantes, com grupos de médias e medianas congruentes e de baixo desvio-padrão. Note-se que mesmo numa divisão percentual controlada ainda seria possível obter desvios-padrão de até 10 pontos caso a variação intersujeito se mostrasse extrema (com parte dos sujeitos produzindo 0% de formas-alvo CCV e outra parte produzindo 20%, por exemplo). O que se observa, no entanto, é que os desempenhos acima divididos apresentam um *clustering* bastante uniforme, com desvio-padrão médio de 4 pontos, indicando momentos de desenvolvimento distintos, porém concentrados e (quase naturalmente) delimitados. A divisão acima classifica o desempenho infantil em faixas de desenvolvimento: a faixa 1 (0-20%) representa produção CCV ausente, muito incipiente ou mesmo esporádica;¹⁵ na faixa 2 (21-40%) temos dados em que a ramificação CCV já emergiu na fala infantil, porém ainda com baixa frequência de produções corretas e alto grau de instabilidade; a faixa 3 (40-60%) representa produção instável, ao nível da chance; na faixa 4 (61-80%) as produções caminham para a estabilização; e, por fim, na faixa 5 (81-100%) temos as produções consideradas já estabilizadas na fala infantil. Quanto à idade das crianças classificadas em cada faixa percentual, observa-se, assim como no estudo sobre a regra de vozeamento, um gradativo aumento da idade da criança mais nova e mais velha – à exceção das faixas 41-60% e 61-80%, em que se nota um platô ou leve queda na idade da criança mais nova. A Tabela 4 evidencia, também, o comportamento fonológico plural das crianças entre 4;0-4;11 anos, que podem ser encontradas em todas as cinco faixas percentuais, apresentando desde 0% a 90% de produções CCV corretas. Isso indica que o período dos 4 anos é uma faixa etária crucial ao estudo do CCV, em que se faz possível observar diferentes percursos de desenvolvimento fonológico – e, novamente, esses percursos e sua relação com a faixa etária se

¹⁵ É interessante incluir produções esporádicas junto à ausência de produção a fim de abarcar a observação de que mesmo crianças com desenvolvimento linguístico bastante inicial são capazes de produzir, mecanicamente, palavras contendo determinadas estruturas-alvo – como observado em padrões de Curva em U (cf. CARLLUCI; CASE, 2013). Por exemplo, em um estudo naturalístico, Toni (2016) observa as seguintes produções corretas na fala de uma criança de apenas 1;07 anos: ‘Quer abrir’ [ke.a ‘bri]; ‘Abre’ [‘a.bri]. Dados como estes devem ser considerados como blocos sonoros não analisados ou mesmo como repetições mecânicas de uma palavra, não indicando a presença fonológica, propriamente, da ramificação de ataque na fala infantil. Esta afirmação é feita com base na observação das demais produções da criança na mesma sessão de gravação e em suas sessões seguintes. Tal fato aponta para uma outra questão metodológica, não tratada aqui, que diz respeito à variabilidade de *types* analisados.

mostram mais evidentes numa divisão via percentual de desempenho na tarefa que por uma divisão via idade. Pela utilização de uma medida direta de desempenho linguístico obtém-se, assim, um meio de viabilizar a comparação entre crianças de diferentes idades, mas de mesmos “estágios” de desenvolvimento silábico.¹⁶

4.2.1 Estratégias de reparo na aquisição da sílaba CCV

Quando não produzidos tal como na forma-alvo, os ataques ramificados CCV podem sofrer tanto reparos estruturais quanto reparos segmentais na fala infantil. Como reparos estruturais temos principalmente a redução CCV→CV, obtida em geral pelo apagamento da consoante em C₂ (como em [‘bu.fɐ] ‘bruxa’), mas que também pode decorrer do apagamento da consoante em C₁ (como em [‘lu.zɐ] ‘blusa’). Temos também o apagamento de todo o ataque ou de toda a sílaba CCV (como em [‘a.sɪ] ‘classe’, [‘lɔ] ‘trilho’); a *metátese*, que transforma CCV em CVC ([‘tir.ɫɔ] ‘trilho’); e a *epêntese*, que transforma CCV em CV.CV ([bu’ru.fɐ] ‘bruxa’). Como reparos segmentais, temos a substituição de C₂ ([‘ple.tɔ] ‘preto’, [‘li.kɐ] ‘Drica’) ou de C₁ ([‘kra.vɪ] ‘trave’, [‘pu.zɐ] ‘blusa’) e a *transposição*, que rearranja a combinação de segmentos dentro da palavra ([‘te.vrɔ] ‘trevo’). Note-se que por manterem a estrutura CCV, reparos como a substituição e a transposição são esperados em momento posterior à metátese, epêntese e redução CCV→CV. Vejamos a proporção com que as estratégias acima distribuem-se por faixas etárias.¹⁷

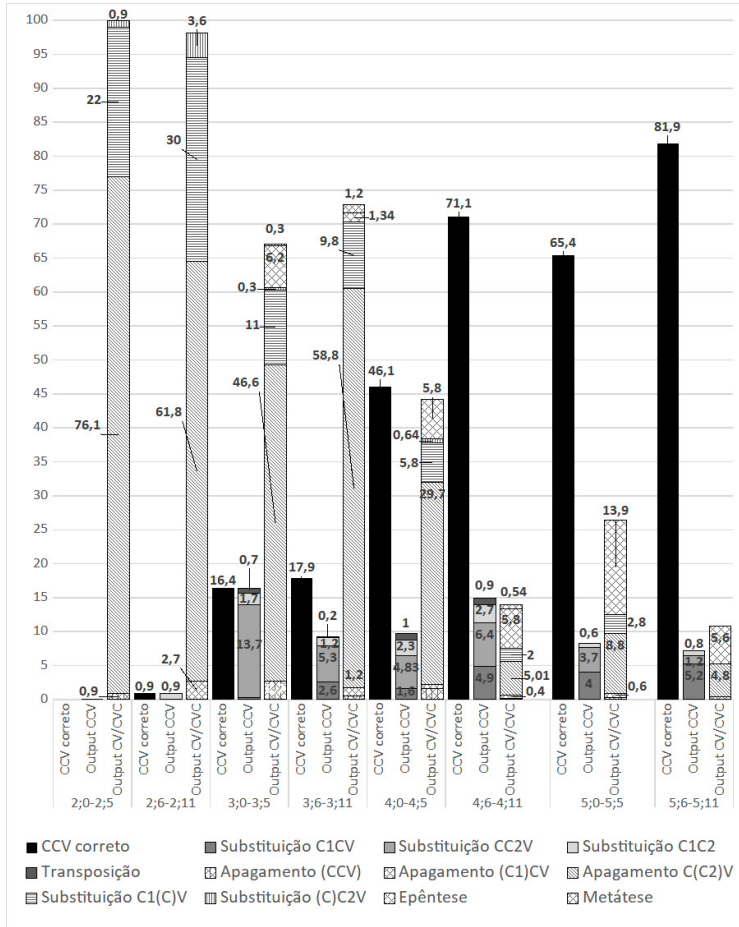
O Gráfico 5 apresenta na coluna *CCV correto* o percentual de produções infantis em que a sílaba CCV foi realizada tal como na forma alvo; na coluna *Output CCV* as produções em que a estrutura ramificada foi mantida, mas sua qualidade segmental ou posição na palavra foi

¹⁶ Usamos aqui a palavra estágio para designar uma gramática com determinadas características que se diferencia de outras ‘gramáticas’ no desenvolvimento infantil, como em Fikkert (1994), por exemplo. Nesse sentido, em um determinado momento, a gramática infantil não tem a estrutura silábica com ataque ramificado; em um momento subsequente, esta estrutura faz parte da gramática da criança. Para maiores discussões sobre o conceito de estágio, cf. Piaget e Inhelder (1978), Ingram (1989), Chomsky (1965, 1975, 1993, 1995), Piattelli-Palmarini (1980).

¹⁷ As estratégias de apagamento C₁C₂ e apagamento de toda a sílaba CCV foram amalgamadas na categoria Apagamento CCV. A estratégia Substituição C₁(C)V refere-se ao apagamento de C₂ simultaneamente à substituição em C₁ (como em [‘pu.zɐ] ‘blusa’), e Substituição (C)C₂V refere-se ao apagamento de C₁ simultaneamente à substituição em C₂ (como em [‘li.kɐ] ‘Drica’).

modificada; e na coluna Output CV/CCV temos as realizações em que a estrutura CCV foi reduzida a CV, completamente apagada ou modificada a CV.CV ou a CVC (em suma, a estrutura CCV foi evitada).

Gráfico 5 - Aquisição das sílabas de ataque ramificado – reparos por faixa etária



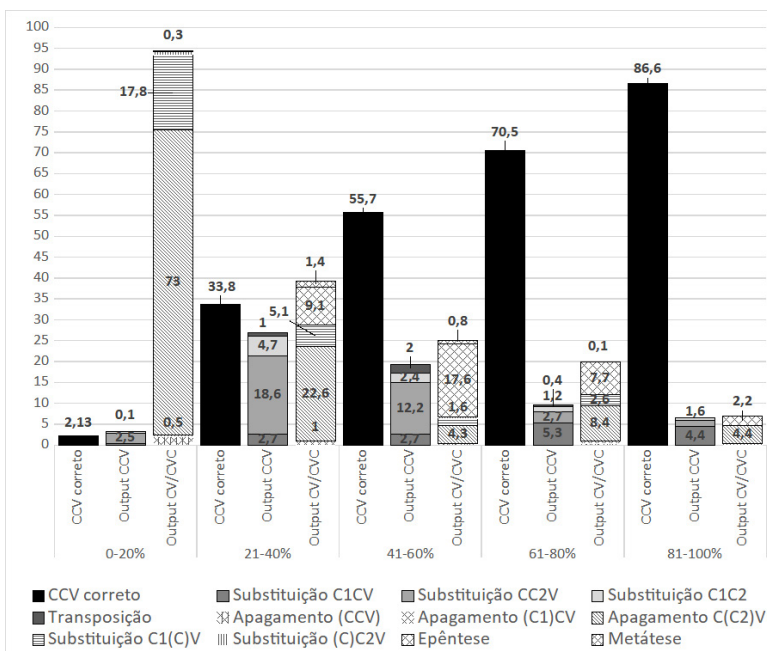
Fonte: elaboração própria.

A plotagem aponta a redução $CCV > C_1V$ como a modificação mais frequente e mais consistente ao longo do estudo, seguida pela estratégia substituição $C_1(C)V$ (substituição de $C_1 +$ apagamento de C_2), sendo estas as estratégias mais utilizadas ao longo do percurso de aquisição, dos 2;0

aos 4;5 anos. A partir de 4;6 anos, o apagamento C_2 diminui a menos de 10% das ocorrências, dando lugar principalmente à epêntese (com pico aos 5;0-5;5). Reparos como a substituição C_1CV e a substituição CC_2V (que mantêm a estrutura CCV) apresentam percentual em torno de 10% dos 3;0 anos aos 5;11 anos. Os demais reparos (metátese, transposição, apagamento de toda a sílaba) apresentam baixos percentuais ao longo de todas as faixas etárias. Vale destacar ainda, a ocorrência de dois grandes saltos na taxa de produção de formas CCV corretas aos 4;0-4;5 e 4;6-4;11 anos, mantendo-se acima de 65% a partir deste período. Entre 3;0 e 3;11 observam-se CCVs corretos em torno de 20%, e entre 2;0 e 2;11 anos CCV se mostra categoricamente ausente da fala infantil.

Vejamos, a seguir, como esses dados se distribuem por faixas percentuais

Gráfico 6 - Aquisição das sílabas de ataque ramificado – por faixa percentual



Fonte: elaboração própria.

Um ponto bastante destacado no Gráfico 6 é a concentração das taxas de apagamento C_2 e da substituição $C_1(C)V$ majoritariamente na fala de crianças entre 0-20% de produções corretas – diferentemente do Gráfico

5, em que estas estratégias se distribuíam e predominavam ao longo de 5 faixas etárias, dos 2;0 aos 4;5 anos. Na plotagem é possível observar também uma maior atuação da substituição CC_2V e da metátese na faixa entre 21-40%, e da epêntese na faixa seguinte, 41-60%, ocupando a posição majoritária da redução $CCV \rightarrow C_1V$. Vê-se, assim, que numa distribuição por faixas percentuais é possível notar diferentes reparos sendo favorecidos em momentos específicos do desenvolvimento CCV : tal como observado ao vozeamento de fricativas, a organização via desempenho na tarefa propiciou a criação de grupos intersujeitos consistentes, com medidas de tendência central mais precisas e relação entre produção correta vs. produção de estratégias de reparo mais transparente.

5 Discussão

O objetivo deste artigo é contrapor duas medidas de organização de dados – e por consequência de análise – para a investigação do desenvolvimento linguístico infantil. Para tanto, utilizamos dados de aquisição fonológica em L1, mas não há porque acreditar que esses resultados seriam específicos para esse componente gramatical ou somente para aquisição de L1.

Trabalhos anteriores em aquisição, normalmente longitudinais e que acompanhavam poucas crianças comumente apresentavam análises baseadas no desempenho infantil individual (e.g. FIKKERT 1994; FREITAS 1995; SANTOS 1995; SCARPA 1976). A medida que a quantidade de informantes passou a ser maior, uma tendência a organizar e agrupar os dados intersujeitos via idade tomou frente na literatura em aquisição fonológica, principalmente pela possibilidade de formar grupos de igual número de sujeitos – buscando uma uniformidade numérica que visava compensar a variabilidade individual observada nos dados, e que hoje pode ser contornada via tratamentos estatísticos (ou mesmo via critérios de organização de dados por desempenho, como argumentado neste artigo).

O primeiro fato a se chamar a atenção é o de que a seleção dos informantes e a organização de seus dados em um estudo por faixa etária é feita antecipadamente à aplicação de um experimento ou coleta dos dados: define-se o intervalo de tempo para cada faixa etária e a quantidade de crianças para cada uma dessas faixas, e daí parte-se para a coleta de dados que serão organizados pelas faixas etárias. No caso de uma organização de dados por desempenho (a percentagem de produções corretas na tarefa), essa organização tem de ser feita *a posteriori*. Somente depois de os dados coletados e tabulados é que se torna possível agrupá-los em faixas/estágios/conjuntos que apontem

para um desenvolvimento. Não se nega que a seleção dos participantes acaba inicialmente sendo feita levando em conta uma longa faixa etária dos participantes, que tem seu início e fim definidos pela experiência observacional do linguista. No entanto, uma vez obtidos os dados, já se deixa de lado qualquer menção à idade dos informantes. A grande dificuldade, neste caso, reside na possibilidade de não se obter um número balanceado de participantes em cada faixa percentual, ou mesmo de não se obter qualquer participante em determinados grupos. Para contornar esses contratempos, é necessário coletar um maior número de sujeitos na tentativa de abarcar o desenvolvimento linguístico e evitar lacunas nos resultados; já a diferença na quantidade de informantes por grupos pode ser facilmente tratada utilizando análises estatísticas.

Mostramos na Seção 4 que não há uma correlação forte entre idade e o desenvolvimento da fonologia infantil, quer se tratando da aquisição de vozeamento em coda, quer se tratando da estrutura CCV.

Vejamos inicialmente o vozeamento. Observamos na Tabela 1 que crianças de mesma faixa etária podem apresentar taxas de vozeamento bastante distintas. Isso porque não há uma relação causal direta entre idade e desenvolvimento linguístico: não podemos estimar as taxas médias de vozeamento da criança (que, aqui, representam seu momento do desenvolvimento linguístico) com base em sua idade – veja-se, por exemplo, na Tabela 1: crianças como S43, que tem 3;5 anos mas apresenta taxa de vozeamento de 0%, ou S62, que tem 4;0 anos mas demonstra vozeamentos corretos somente em cerca de 15% de seus dados, contra S41, de 3;4 anos, que aplica corretamente a regra de vozeamento em cerca de 70% dos contextos sonoros da tarefa. Já a média de produções corretas do 4º grupo (entre 3;6 e 3;11 anos) é menor do que a média de produções corretas do 3º grupo (entre 3;0 e 3;5 anos), com um desvio padrão alto, em todos os grupos, variando entre 20 e 28 pontos. Os resultados da regressão linear indicam que somente 20% dos dados podem ser explicados pela faixa etária. O Gráfico 1 mostra a alta dispersão e variabilidade de dados, o que é forte evidência de que a idade não serve para agrupar os dados, de forma a verificar o desempenho infantil.

O processo de vozeamento implica a criança já ter a estrutura com coda (CVC), preencher essa estrutura com uma fricativa (no caso do dialeto que está sendo adquirido, alveolar) e saber alternar essa alveolar para uma produção [+ vozeada] no contexto apropriado. Tendo isso em vista, o apagamento da coda é uma estratégia muito comum no início do desenvolvimento linguístico pois a criança ainda não tem a estrutura CVC, posteriormente deixando de ser uma estratégia tão recrutada (quando a estrutura CVC já existe, a criança terá então apenas

problemas com os segmentos que podem preencher a C em coda ou com a regra que modifica este segmento nesta posição). Se observamos o Gráfico 2, vemos que na faixa dos 4 anos ainda ocorre mais de 15% de apagamento. Interessantemente, este processo é instável nesse percurso por faixa etária: inicia com 35% de ocorrência, baixa a 30%, sobe a 40%, depois desce a 15%.

Temos também os outputs infantis [- vozeado] – que indicam que a criança já tem a estrutura, mas não aplica o processo (ou por preencher com a fricativa surda, ou com outro segmento surdo). O esperado é que este tipo de produção ocorra mais no início do processo, depois de a estrutura CVC já ter sido adquirida, e ocorra mais antes de o processo de vozeamento ser dominado pela criança. O Gráfico 2 apresenta um percurso de queda nas três primeiras faixas de idade, mas que depois volta a subir a partir dos 3;6. Na primeira faixa, os outputs [- vozeados] são em maior quantidade que os vozeados; essa relação se inverte nas duas faixas seguintes, mas aos 3;6 anos, há quase um equilíbrio entre formas vozeadas e não-vozeadas. Se o processo estivesse em aquisição, o que justificaria esse retrocesso?

Finalmente, a produção correta da fricativa também é instável: não aparece na primeira faixa etária – o que é compreensível se a criança tem que adquirir a estrutura CVC e o processo -, em seguida aparece como 25%, sobe a 35%, desce a pouco mais de 20% e depois vai a 55%. Novamente, temos uma queda inexplicada na aplicação do processo.

Comparemos, agora, esses resultados com os resultados encontrados para a aquisição de estruturas CCV, quando organizadas também por faixa etária. Como o período analisado foi mais longo (de 2 a 6 anos), há mais faixas em análise: são 8 faixas etárias. Os resultados apresentados na Tabela 3 também mostram um comportamento bem distinto entre as crianças: Crianças que por volta dos 4;6 anos apresentam CCV adquirido; crianças que no mesmo período apresentam CCV instável, ainda em construção; e crianças da mesma idade que exibem CCV categoricamente ausente em sua fala.

Observa-se que as 2 primeiras faixas têm uma média bem próxima (0% e 0,92%), com o segundo grupo apresentando um desvio padrão de 0,89 pontos. É de se perguntar se essas duas faixas não deveriam ser amalgamadas. O mesmo acontece com as duas faixas seguintes, entre 3;0 e 4;5, que apresentam uma média de 17,24% e 17,63%, embora o desvio padrão dos dois grupos seja mais variável: 14,41 e 21,22 pontos. Em seguida, a faixa dos 4;6 – 4;11 apresenta uma média de 44,73%, mas com um alto desvio-padrão, de 34,34 pontos. Poder-se-ia imaginar que estamos vendo um desenvolvimento linear e acentuado, pois a faixa dos

5;0 a 5;6 salta para 70,99% de produções corretas; no entanto, a faixa seguinte baixa para 65,18%, e depois a última faixa sobe a 83,4%. Embora a grosso modo o desenvolvimento CCV via faixas etárias se mostre linear, os resultados da regressão linear mostram que apenas 63% dos dados são explicados pela faixa etária – ou seja, uma importância não desprezável de 38% dos dados não segue um comportamento proporcional à idade.

Assim, como no caso do vozeamento, na aquisição CCV observa-se a criança lidando com o desenvolvimento de dois elementos: a estrutura silábica de ataque ramificado e os segmentos que podem ocupar essa sílaba. Para evitar a produção do ataque ramificado, a criança pode lançar mão da estrutura simples CV (realizando uma escolha entre C1V, mantendo a obstruente; C2V, mantendo a líquida; e CV.CV via epêntese, mantendo ambos os segmentos da sílaba) ou pode também lançar mão de uma estrutura com ramificação de rima, CVC, mantendo todos os segmentos da sílaba original, mas em ordem e estrutura diferentes. Já em relação aos segmentos, a criança pode recrutar a substituição ou a transposição para modificar a qualidade ou a combinação de consoantes de CCV (lembrando que se os segmentos líquidos representam um problema, os reparos estruturais que levam à formação C2V, CV.CV e CVC, apesar de resolverem um problema estrutural, implicam em um problema segmental).

Como se pode observar no Gráfico 4, a estratégia de reparo majoritária na produção CCV é o apagamento CCV→C1V (mantendo ou substituindo a qualidade de C1), que se mostra praticamente categórica até 2;11 anos, continua sendo altamente produtiva até 3;11 anos (com taxas de uso entre 60-70%) e somente aos 4;0-4;5 anos passa a competir equitativamente contra a produção correta de CCV, tendo uso diminuído (porém não completamente abandonado) em seguida. O apagamento CCV→C1V configura-se, portanto, como a estratégia mais produtiva e duradoura na produção CCV infantil. Interessantemente, outros reparos que também geram sílabas de estrutura CV, como o apagamento CCV→C2V e a epêntese não são mobilizados pela criança no mesmo período – a epêntese surge como estratégia produtiva somente aos 5;0 anos, enquanto a produção C2V quase nunca é recrutada pela criança, assim como a metátese. Esses reparos sugerem, a princípio, que a produção dos segmentos líquidos está sendo simultaneamente evitada junto à produção estrutural CCV na fala infantil. Entretanto, ao observarmos as taxas de substituição C2 notamos que, diferentemente do esperado nesse contexto de evitação segmental, modificações visando a qualidade/posição da líquida não se mostram produtivas, apresentando um pico de apenas 13% aos 3;0-3;5 anos e em seguida mantendo-se em torno de

5%. O percurso estrutural e segmental percorrido no desenvolvimento da criança não se revela, portanto, de forma transparente.

Em suma, tanto a aquisição do processo de vozeamento quanto a estrutura CCV, quando analisados através de uma organização de dados por faixa etária, apresentam grande variabilidade e instabilidade, com picos de desenvolvimento seguidos de retrocessos sem explicação aparente e com grande desvio-padrão apontando para o fato de que a média obtida via faixas etárias não representa a média individual dos participantes – um resultado que, a rigor, não deveria ser observado tomando a idade como parâmetro de desempenho linguístico, já que esse parâmetro implica em assumir que o desenvolvimento linguístico de crianças da mesma faixa etária deve ser razoavelmente comparável. Além disso, nos dois casos em análise, a organização por faixa etária não nos permite observar padrões nas estratégias de reparação – padrões esses que são comumente observados em trabalhos que analisam dados infantis individualmente. Esses dois resultados apontam para a inadequação de se utilizar uma medida extralinguística – como é a faixa etária – para a organização de dados linguísticos.

Vejam agora os dois processos organizados via Percentual de Produção Correta. Chamamos a atenção de que, nesses casos, médias, medianas e desvios-padrão devem ser olhados com cautela, pois eles são a própria fonte de organização dos dados. Assim, é óbvio que sofrerão uma restrição artificial para se enquadrar dentro do recorte percentual proposto. Entretanto, mesmo dentro deste recorte artificial existe um teto de dispersão e variação que não é atingido pelos dados: no caso do vozeamento o desvio-padrão fica entre 0 e 6,57 pontos, e entre 2,91 e 5,37 pontos no caso da estrutura CCV, o que mostra uma concentração “espontânea” dos resultados (que poderiam ser muito mais dispersos dentro da faixa percentual).

Chama também a atenção a variabilidade na quantidade de participantes em cada faixa percentual, e como a idade varia dentro dessas faixas. Esse fato aponta para como crianças com a mesma idade podem estar em momentos diferentes do desenvolvimento linguístico.

Mas vejamos o que acontece quando olhamos para as estratégias de reparo.

No caso do vozeamento, interessa-nos o que ocorre com o apagamento e com a relação entre os outputs [- vozeado] e [+ vozeados]. Como mencionado, o apagamento da coda é alto inicialmente – o que é esperado dado a estrutura não ser ainda adquirida -, e vai diminuindo gradualmente: quase 45% na primeira faixa, 35% nas segunda e terceira faixa, menos de 20% na faixa que vai de 61 a 80% de produção correta

(o que mostra que o apagamento vai se tornando marginal), para não ser mais utilizado quando a criança já domina o processo – o que faz sentido, já que para o processo ocorrer, a estrutura silábica deve ter sido adquirida.

Observamos também como a relação entre os outputs [- vozeado] e [+ vozeado] se invertem. Na primeira faixa, de 0 a 20% de produção correta, a criança preenche muito mais a coda com segmentos [-vozeados], o que é indício de que, se ela está ainda adquirindo a estrutura, ela não adquiriu a regra de vozeamento, que transforma um segmento surdo em sonoro. Já na faixa seguinte, entre 21 e 40%, esta relação se inverte, mas ainda com menos de 10% de diferença. Esta diferença segue crescendo nas três faixas seguintes, e na última, a quantidade de produções surdas é de apenas 10%.

Voltemos nossa atenção agora apenas para o output [- vozeado]. Vemos que na primeira faixa a criança produz vários segmentos diferentes do segmento alvo (acrescenta epênteses, produz metáteses, substitui por outros segmentos). Essa variação perdura na segunda faixa, o que mostra que a criança ainda tem dificuldades com o segmento a preencher a estrutura. Nas duas faixas seguintes, a variedade de segmentos utilizados diminui, e na última faixa, nos 10% remanescentes, não há mais variabilidade; trata-se apenas do uso da fricativa surda pela sonora.

Este mesmo percurso segmental é encontrado nos outputs [+ vozeados]. Na primeira faixa, de 0 a 21%, a criança não só produz o segmento correto, mas também o substitui por outros segmentos, também vozeados. Esta variabilidade diminui gradualmente, assim como a quantidade de substituições, até que desaparece na última faixa.

Um padrão mais restrito e transparente no uso das estratégias de reparo também é encontrado quando olhamos para a aquisição da estrutura CCV organizada por faixas de desempenho na tarefa. No Gráfico 5, via faixa etária, chama a atenção somente a longa preponderância da estratégia de Apagamento C_2 em meio à distribuição difusa dos demais reparos infantis; já no Gráfico 6, via percentual de desempenho na tarefa, temos uma concentração majoritária do Apagamento C_2 no primeiro grupo percentual, sendo este um reparo de uso praticamente categórico na fala das crianças com desenvolvimento CCV incipiente. Entretanto, diferentemente da extensão observada no gráfico via faixas etárias, em que o apagamento CCV→C1V se mostrava produtivamente recrutado até pelo menos a metade do percurso de desenvolvimento CCV, na organização via desempenho observa-se a mobilização desse reparo em um momento específico do desenvolvimento CCV: seu momento mais inicial. A partir das faixas seguintes um outro padrão de reparos se delineia na fala infantil: na faixa de 21-40% observa-se uma competição mais ou menos

equânime entre a produção CCV correta, o apagamento CCV→C1V/ substituição C1(C)V (um reparo duplamente estrutural e segmental), a substituição C2 (um reparo segmental) e epêntese/metátese (um reparo estrutural com manutenção das líquidas). Essa competição entre reparos estruturais, reparos segmentais e reparos estruturais+segmentais caminha progressivamente e de forma contrabalançada em direção ao desuso, até a estabilização da sílaba CCV, traçando um percurso de contornos mais nítidos em comparação ao observado no Gráfico 5.

Curiosamente, ao observarmos a idade das crianças agrupadas nas faixas percentuais da Tabela 4 é possível notar também um gradativo aumento da idade das crianças mais velhas e mais novas em cada grupo percentual, indicando que a aquisição silábica progride com o tempo, mas não é um reflexo direto deste – o que pode ser observado pelas sobreposições etárias em cada faixa percentual, ou mesmo pelo valor explicativo obtido na regressão linear ilustrada no Gráfico 4. Esta relação indireta com o tempo não se mostra adequadamente representada por uma organização de dados via faixa etária, mas pode ser capturada por medidas diretas de desempenho linguístico, como o percentual de produções corretas na tarefa.

Em resumo, a organização dos dados por Desempenho na Tarefa nos permite explicar melhor as diferentes estratégias reparadoras que as crianças utilizam, o momento em que surgem e que desaparecem. Essa organização também respeita as diferentes ‘velocidades’ de desenvolvimento infantil: algumas crianças adquirem as estruturas e processos mais rapidamente que outras; o que deve ser ressaltado é o percurso de aquisição, que é o mesmo.

Por outro lado, a divisão via percentual de desempenho na tarefa apresentada na Tabela 4 assume que a variabilidade individual é esperada numa comparação intersujeitos de mesma faixa etária, considerando que o desenvolvimento individual de uma criança nem sempre é comparável ao de outras crianças. Nesta organização de dados, as medidas de tendência central se mostram mais aderentes aos dados individuais da amostra, e a comparação entre a média e a mediana dos diferentes grupos de sujeitos se mostra mais confiável.-

Como mencionado no início deste artigo, encontram-se na literatura medidas de desempenho, como o PCC (Percentual de Consoantes de Corretas - EISENBEISS, 2010). Alguém poderia perguntar por que não usar essa medida. Defendemos aqui que as medidas de desempenho guiem a organização dos dados, mas que não se utilizem índices de um fenômeno mais geral para definir a maturidade linguística infantil, ou para encontrar faixas, estágios *a priori*. Como mencionamos no início

deste artigo, o PCC não leva em conta a posição silábica. Silva (2008) inicia a coleta de seus dados quando a criança já tem a fricativa alveolar em posição de ataque. Isto significa que as crianças de Silva teriam um bom desempenho no PCC, embora seja claro, em seus resultados, que as crianças ainda estão adquirindo a regra de vozeamento. O mesmo com os dados de Toni (2016), que controlou o momento de a aquisição das líquidas em ataque simples. Assim, de acordo com o PCC, os dois estudos apresentariam como resultado que os participantes teriam adquirido a estrutura CCV e o processo de vozeamento muito antes do que de fato ocorreu, e não haveria como explicar porque haveria a manutenção de estratégias reparadoras após a aquisição. Portanto, somente o desempenho da criança no fenômeno de interesse do pesquisador é que pode revelar seu estágio de desenvolvimento específico – estágio que, afinal, é o fator responsável por promover a homogeneidade intersujeitos em um grupo.

Defendemos aqui que, se é por meio do desempenho linguístico infantil que o linguista pode inferir e tentar acessar o desenvolvimento da competência linguística da criança, utilizar uma medida direta do desempenho se mostra uma opção mais coerente e mais adequada que utilizar medidas indiretas como a faixa etária – especialmente considerando-se que o desenvolvimento linguístico não se mostra homogêneo entre sujeitos. Deste modo, por não haver uma correlação forte entre a idade e o desenvolvimento da fonologia infantil, não se faz produtivo comparar crianças e analisar seus dados com base em critérios como a faixa etária. Já o percentual de produções corretas na tarefa, por ser uma medida direta do desempenho linguístico, é capaz não só de categorizar o desenvolvimento linguístico de forma mais transparente, como também de lidar com a expressiva variabilidade individual constatada na fala infantil.

6 Considerações Finais

Este trabalho trouxe resultados sobre a aquisição de dois fenômenos fonológicos – a saber, o vozeamento de fricativas em posição de coda e a sílaba de ataque ramificado CCV – a fim de comparar dois métodos de organização de dados, agrupando a fala de diferentes crianças via idade e via percentual de desempenho na tarefa. Grande variabilidade individual foi observada na produção infantil de ambos os fenômenos, com crianças de mesma idade apresentando taxas de produção correta bastante distintas e crianças com mais de dois anos de diferença de idade apresentando produções similares. Essa variabilidade se reflete em grupos pouco homogêneos de participantes, que apresentam médias e

medianas incongruentes e alto desvio-padrão. Isso se traduz, por sua vez, em medidas centrais pouco representativas da população analisada: se, por um lado, a média e a mediana das tabelas via idade não representam adequadamente as características individuais ou o panorama qualitativo das produções infantis, por outro essas medidas acabam também por diluir os subgrupos naturalmente formados por momentos de desenvolvimento diferentes que se apresentam paralelamente numa mesma faixa etária, mascarando os diferentes percursos que podem ser traçados durante a aquisição fonológica. Esta análise é corroborada pelo resultado da regressão linear apresentada nos Gráficos 1 e 4: somente cerca de 20% do desempenho linguístico dos participantes no contexto de vozeamento de fricativas e 60% dos contextos silábicos CCV é explicado pelo fator idade – um poder explicativo baixo considerando que, no caso de CCV, no mínimo 40% dos resultados ainda deveria ser atribuído a fatores externos ao fator principal. Estes resultados apontam, então, que a idade não pode ser tomada como um modo de estimar a maturidade linguística da criança. Observa-se, por fim, que quando os dados são organizados por faixa etária, também não é possível observar tendências no uso de estratégias reparadoras por parte das crianças.

Para contornar os efeitos causados pela alta variabilidade individual, o presente artigo sugere a utilização de uma medida alternativa de organização dos dados infantis: o Desempenho na Tarefa. Por dividir o desempenho linguístico da criança com base numa medida mais direta, esta organização promove maior aderência das medidas de tendência central à individualidade dos dados e ao seu panorama geral, promovendo maior confiabilidade às médias dos grupos e maior poder explicativo à análise do pesquisador. A adequação dessa medida é observada também ao se analisarem as estratégias reparadoras, que se apresentam mais concentradas e organizadas de acordo com o que outros estudos, que analisam desenvolvimentos individuais, apontam que ocorre no desenvolvimento da linguagem.

O poder explicativo da medida de Desempenho na Tarefa se justifica por estarmos classificando o desenvolvimento dos participantes segundo critérios relativos ao seu próprio desempenho, enquanto uma classificação via faixas etárias categoriza o desempenho linguístico infantil segundo critérios extrínsecos à língua. O desenvolvimento linguístico mais congruente e mais consistente entre os sujeitos de um mesmo grupo percentual se reflete, por exemplo, em seus padrões de aplicação de estratégias de reparo: as formas não-alvo empregadas pela criança apresentam padrão de uso gradativo e mais concentrado quando

organizadas via desempenho na tarefa, enquanto via faixas etárias temos uma distribuição difusa e mais irregular.

Por fim, cabe destacar que, em última análise, tanto a idade quanto o percentual de produções corretas na tarefa são medidas indiretas que visam mensurar a competência linguística da criança. Defendemos, nesse artigo, que o uso de medidas de desempenho em detrimento do uso de medidas biológicas se mostra mais conveniente ao estudo do desenvolvimento linguístico infantil, já que uma organização via percentual de desempenho na tarefa, por exemplo, compartilha da mesma natureza e se mostra comensurável à competência linguística do falante.

Declaração de autoria

Nós, Raquel Santana Santos e Andressa Toni, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Ambas aprovamos a versão final do manuscrito e somos responsáveis por todos os seus aspectos, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.

Agradecimentos

Parte dos resultados aqui apresentados foi defendida em Toni (2016). Agradecemos também à Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Conceição Silva (UFSC) por disponibilizar os dados brutos sobre a aquisição do vozeamento das fricativas em coda.

Agradecemos aos participantes da banca de mestrado de Toni, aos participantes de eventos onde esse trabalho foi apresentado e aos pareceristas anônimos pelos comentários e discussão do texto. Os eventuais problemas remanescentes são de nossa única responsabilidade.

A primeira autora agradece o auxílio em forma de bolsa de Mestrado do Programa em Semiótica e Linguística Geral da FFLCH/USP (CNPq 1149119/2013-5) e a segunda autora agradece o auxílio em forma de bolsa produtividade CNPq 303533/2019-6.

Referências

AGUILAR-MEDIAVILLA, E. M.; SANZ-TORRENT, M.; SERRA-RAVENTOS, M. A comparative study of the phonology of pre-school children with specific language impairment (SLI), language delay (LD) and normal acquisition. *Clinical Linguistics and Phonetics*, Londres, v. 16, p. 573–596, 2002. DOI: 10.1080/02699200210148394

BAIA, M. F. A. *O modelo prosódico inicial do português brasileiro: uma questão metodológica?* 2010. 173 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

BAIA, M. de F. de A. A variabilidade inter e intra-sujeito no desenvolvimento fonológico de crianças gêmeas e não gêmeas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 493–504, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1748>

BLOM, E.; UNSWORTH, S. *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2010.

BLUME, M.; LUST, B. *Research methods in language acquisition: principles, procedures, and practices*. Boston: Walter de Gruyter for the American Psychological Association, 2017.

BOHN, G. P. *Aquisição das vogais tônicas e pretônicas do Português Brasileiro*. 2015. 219 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

BYBEE, J.; SLOBIN, D. Rules and schemes in the development and use of the English past tense. *Language*, Washington, v. 58, p. 265-289, 1982. DOI: 10.1353/LAN.1982.0021

CARLUCCI, L.; CASE, W. On the Necessity of U-Shaped Learning. *Topics in Cognitive Science*, Hoboken, v. 5, n. 1, p. 56-88, 2013. DOI: 10.1111/tops.12002.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Reflections on Language*. Londres: Fontana Books, 1975.

CHOMSKY, N. *Language and Thought*. Nova York: Moyer Bell, 1993.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

DA CUNHA, S. E. A psicometria da inteligência e a dimensão idade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 100-110, 1974.

EISENBEISS, S. Production methods in language acquisition research. In: BLOM, E.; UNSWORTH, S. (eds.). *Experimental Methods in Language Acquisition Research*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2010. p. 11-35.

FIKKERT, P. *On the acquisition of prosodic structure*. 1994. 402 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Radboud University of Nijmegen, 1994.

FREITAS, M. J. *A aquisição da estrutura silábica do português europeu*. 1997. 396 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, 1997.

GAMA-ROSSI, A. J. A. *Relações entre desenvolvimento linguístico e neuromotor: a aquisição da duração no português brasileiro*. 1999. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GROLLA, E. Metodologias experimentais em aquisição da linguagem. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 7, p. 9-42, 2009. DOI: 10.22481/el.v7i2.1090

HILÁRIO, R.; DEL RÉ, A. Questões metodológicas e ferramentas de pesquisa nos estudos em Aquisição da Linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 59, n. 1, p. 57-63, 2015. DOI: 10.15448/1984-7726.2015.1.18397

INGRAM, D. *Procedures for the Phonological Analysis of Children's Language*. Baltimore: University Park Press, 1981.

JARDIM-AZAMBUJA, R.; LAMPRECHT, R. R. Emergência dos contrastes de sonoridade e de ponto de articulação na aquisição do Português Brasileiro. In: 6º ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004. p. 208-216.

LEVELT, C. C.; VAN DE VIJVER, R. Syllable types in cross-linguistic and developmental grammars. *Constraints in phonological acquisition*, Filadélfia, v. 204, p. 218, 2004. DOI: 10.1017/CBO9780511486418.006

PETERS, A. Language learning strategies: Does the whole equal the sum of the parts? *Language*, Washington, v. 53, p. 560-573, 1977. DOI: 10.2307/413177

PIAGET, J.; INHELDER, B. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

PIATTELLI-PALMARINI, M. (ed). *Language and Learning: the debate between Jean Piaget and Noam Chomsky*. Massachusetts: Harvard University Press, 1980.

PINKER, S.; PRINCE, A. On language and connectionism – analysis of a parallel distributed-processing model of language-

acquisition. *Cognition*, Hoboken, v. 28, p. 73-193, 1988. DOI: 10.1016/0010-0277(88)90032-7

PIZZIO, A.; QUADROS, R.; SCHIMITT, D. Análise de metodologias para coletar e transcrever dados da aquisição de línguas de sinais. In: 6º ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2004. p. 64-72.

QUEIROGA, B. A. M.; ALVES, J. M.; CORDEIRO, A. A. A.; MONTENEGRO, A. C. A.; ASFORADE, R. Aquisição dos encontros consonantais por crianças falantes do português não padrão da região metropolitana do Recife. *Revista CEFAC*, São Paulo, v.13, n.2, p.214-226, 2011. DOI: 10.1590/S1516-18462010005000139

SANTOS, R. S. *Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de “sons preenchedores” da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição de linguagem*. 1995. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1995.

SCARPA, E. M. *Alguns aspectos da intonação do Português*. 1976. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1976.

SHRIBERG, L. D.; AUSTIN, D.; LEWIS, B. A.; MCSWEENEY, J. L.; WILSON, D. L. The percentage of consonants correct (PCC) metric: Extensions and reliability data. *Journal of Speech, Language and Hearing*, Rockville, v. 40, p. 708-722, 1997. DOI: 10.1044/jslhr.4004.708

SIEGLER, R. S. U-shaped interest in U-shaped development and what it means. *Journal of Cognition Development*, Filadélfia, v. 5, p. 1–10, 2004. DOI: 10.1207/s15327647jcd0501_1

SILVA, C. C. *Aquisição da regra de assimilação de vozeamento em Português Brasileiro*. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SINGLETON, D; RYAN, L. Evidence of speech milestones. In: SINGLETON, D; RYAN, L (ed.). *Language Acquisition: The Age Factor*. Toronto: Multilingual Matters, 2004. p. 6-30.

STRAUSS, S.; STAVY, R. U-shaped behavioral growth: Implications for theories of development. In: HARTUP (ed.), *Review of child development research*. Chicago: University of Chicago Press, 1982. p. 547-599.

TONI, A. *Representação subjacente dos ataques ramificados CCV na aquisição fonológica*. 2016. 354 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological Development: Toward a “Radical” Templatic Phonology. *Linguistics*, Washington, v. 45, p. 683-725, 2007. DOI: 10.1515/LING.2007.021

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Apêndice

Tabela 5 - Estratégias de reparo na aquisição do vozeamento de fricativas em coda – por idade

%	Output [+voz]				Output [-voz]				Apagamento
	VozCorreto	Substituição	Epêntese	Metátese	VozIncorreto	Substituição	Epêntese	Ressilab	
2;0-2;5 (n = 32)	0	15,63	3,13	6,25	6,25	25	3,13	3,13	37,5
2;6-2;11 (n = 91)	26,37	7,69	4,4	0	13,19	3,3	8,79	6,59	29,67
3;0-3;5 (n = 149)	34,23	2,68	2,01	0	12,75	0,67	5,37	2,01	40,27
3;6-3;11 (n = 161)	22,36	0	5,59	0	23,6	0	3,11	3,11	42,24
4;0-4;02 (n = 85)	55,29	0	0	0	22,35	0	2,35	3,53	16,47

Fonte: elaboração própria.

Tabela 6 - Estratégias de reparo na aquisição do vozeamento de fricativas em coda – por faixa de desempenho na tarefa

(%)	Output [+voz]				Output [-voz]				Apagamento
Faixa	VozCorreto	Substituição	Epêntese	Metátese	VozIncorreto	Substituição	Epêntese	Metátese	
0-20% (n = 209)	6,22	6,22	4,31	0,96	22,49	3,83	7,66	5,26	43,06
21-40% (n = 147)	31,29	1,36	4,08	0	17,01	2,72	4,76	3,4	35,37
41-60% (n = 89)	47,19	1,12	1,12	0	13,48	0	1,12	1,12	34,83
61-80% (n = 42)	69,05	0	2,38	0	7,14	0	0	2,38	19,05
81-100% (n = 31)	90,32	0	0	0	9,68	0	0	0	0

Fonte: elaboração própria.

Tabela 7 - Estratégias de reparo na aquisição da sílaba CCV – por idade

%	Faixas Tipo de alvo	2;0-2;5 (n = 109)	2;6-2;11 (n = 110)	3;0-3;5 (n = 292)	3;6-3;11 (n = 430)	4;0-4;5 (n = 310)	4;6-4;11 (n = 551)	5;0-5;5 (n = 353)	5;6-5;11 (n = 248)
	CCV correto	0	0,91	16,44	17,91	46,13	71,14	65,44	81,85
Output CV/CVC	Apagamento CCV	0,92	0	2,74	0,47	1,61	0,18	0,28	0
	Apagamento C1	0	2,73	0	1,16	0,65	0,36	0,57	0,4
	Apagamento C2	76,15	61,82	46,58	58,84	29,68	5,08	8,78	4,84
	Substituição C1	22,02	30	10,96	9,77	5,81	2	2,83	0
	Substituição C2	0,92	3,64	0,34	0	0,65	0	0	0
	Epêntese	0	0	6,16	1,4	5,81	5,81	13,88	5,65
Output CCV	Metátese	0	0	0,34	1,16	0	0,54	0	0
	Substituição C1	0	0	0,34	2,56	1,61	4,9	3,97	5,24
	Substituição C2	0	0	13,7	5,35	4,84	6,35	3,68	1,21
	Substituição C1C2	0	0,91	1,71	1,16	2,26	2,72	0,57	0,81
	Transposição	0	0	0,68	0,23	0,97	0,91	0	0

Fonte: elaboração própria.

Tabela 8 - Estratégias de reparo na aquisição da sílaba CCV – por faixas de desempenho na tarefa

%	Faixas Tipo de alvo	0-20% (n = 748)	21-40% (n = 296)	41-60% (n = 255)	61-80% (n = 739)	81-100% (n = 365)
	CCV correto	2,14	33,78	55,69	70,5	86,58
Output CV(C)(V)	Apagamento CCV ou C1C2	2,01	0	0,39	0,27	0
	Apagamento C1	0,53	1,01	0	0,68	0,27
	Apagamento C2	72,99	22,64	4,31	8,39	4,38
	Substituição C1	17,78	5,07	1,57	2,57	0
	Substituição C2	0,94	0	0,39	0,14	0
	Epêntese	0	9,12	17,65	7,71	2,19
	Metátese	0,27	1,35	0,78	0,14	0
Output CCV	Substituição C1	0,4	2,7	2,75	5,28	4,38
	Substituição C2	2,54	18,58	12,16	2,71	1,64
	Substituição C1C2	0,27	4,73	2,35	1,22	0,55
	Transposição	0,13	1,01	1,96	0,41	0

Fonte: elaboração própria.



Levantamento bibliográfico de estudos em aquisição de linguagem em revistas de linguística brasileiras: um enfoque para a morfologia

Bibliographic survey of studies on language acquisition in Brazilian linguistic journals: a focus on morphology

Indaiá Bassani

Laboratório de Linguagem e Cognição, Universidade Federal de São Paulo (LabLinC-Unifesp), Guarulhos, São Paulo / Brasil

indaia.bassani@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5277-2008>

Fernanda Soares

Laboratório de Linguagem e Cognição, Universidade Federal de São Paulo (LabLinC-Unifesp), Guarulhos, São Paulo / Brasil

fssoares@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-7528-6221>

Resumo: este artigo apresenta um levantamento sistemático de publicações e propõe uma discussão qualitativa sobre a produção científica de estudos em aquisição de morfologia em comparação a outros níveis de análise linguística dentro do campo de Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem no Brasil. Os resultados demonstram que nos últimos 30 anos há menos estudos sobre fenômenos morfológicos durante a aquisição de língua materna do que estudos de aquisição de aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos no corpus selecionado. O maior interesse das pesquisas sobre o português brasileiro está na aquisição do sistema verbal e aborda o fenômeno da regularização e a existência de formas morfológicas variantes na aquisição de regras morfofonológicas. Em seguida, desperta interesse o desenvolvimento do sistema nominal, com a investigação da concordância variável de número, com controle da ocorrência de concordância redundante e não redundante, seguido pela aquisição da categoria de gênero com especial interesse na variação promovida pelas trocas morfêmicas realizadas pelas crianças. Dentre os pouco representativos estudos sobre

eISSN: 2237-2083

DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.325-355

a morfologia derivacional, são escassos os trabalhos que fazem uma investigação frente a questões de pesquisa definidas em um quadro teórico específico. São mais presentes os estudos de levantamento de ocorrências de afixos e da investigação da consciência morfológica infantil. Por fim, desenha-se uma agenda inicial de pesquisa para os estudos de aquisição de aspectos morfológicos e lexicais e se destaca que o estudo de tais questões empíricas só se faz justificável frente a um modelo de língua para a Morfologia e para o Léxico.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aquisição de morfologia; revisão de literatura.

Abstract: this paper presents a systematic survey of publications and proposes a qualitative discussion on the scientific production of studies in Morphology Acquisition in comparison to other levels of linguistic analysis within the field of Language Acquisition and Development in Brazil. The results show that in the last 30 years there have been fewer studies on morphological phenomena during first language acquisition than studies on the acquisition of phonological, syntactic, semantic and pragmatic aspects in the selected corpus. The greatest interest of research on Brazilian Portuguese is in the acquisition of the verbal system and addresses the phenomenon of regularization and the existence of variant morphological forms in the acquisition of morphophonological rules. Then, the development of the nominal system arouses interest, with the investigation of the variable number agreement, with control of the occurrence of redundant and non-redundant agreement, followed by the acquisition of the gender category with special interest in the variation promoted by the morphemic exchanges carried out by the kids. Among the little representative studies on derivational morphology, there are few studies that carry out an investigation in relation to research questions defined in a specific theoretical framework. Studies on the survey of affix occurrences and the investigation of children's morphological awareness are more present. Finally, a research agenda is drawn up for studies on the acquisition of morphological and lexical aspects and it is emphasized that the study of such empirical issues is only justified insofar as it appears behind a language model for morphology and for the lexicon.

Keywords: language acquisition; morphology acquisition; literature review.

Recebido em 04 de junho de 2021.

Aceito em 11 de agosto de 2021.

1. Introdução

O objetivo do presente artigo de revisão bibliográfica é produzir um levantamento sistemático e iniciar uma discussão qualitativa sobre

a produção científica de estudos em aquisição de morfologia em comparação a outras subáreas do campo de aquisição de linguagem, no âmbito dos estudos linguísticos no Brasil. Para tal, aplicou-se uma metodologia específica para a busca de artigos em português publicados em um universo de revistas brasileiras especializadas da área de linguística vinculadas a um conjunto de programas de pós-graduação.

Tal levantamento tem como justificativa a averiguação, em certa medida, da afirmação encontrada na literatura de que são ainda escassos os estudos na subárea de aquisição de morfologia no cenário brasileiro em comparação às demais, especialmente as áreas de aquisição de fonologia e sintaxe. Segundo Ferrari-Neto (2012, p. 215):

A aquisição da morfologia é um dos aspectos mais intrigantes do processo de desenvolvimento da competência linguística por crianças. A despeito disso, tem recebido relativamente pouca atenção dos estudiosos da aquisição da linguagem, comparativamente aos módulos fonético-fonológico, lexical e sintático.

Santos (1999) pondera que as pesquisas no campo de aquisição da linguagem produzidas desde meados dos anos 60 demonstram que, somente depois de muito tempo de investigação sobre determinado fenômeno linguístico na língua adulta, pode-se investigar a forma como a criança o “aprende”.

A partir disso, cremos que o recente revigoramento do interesse nos estudos morfológicos sobre a língua adulta no português brasileiro, a partir dos anos 2000, pode ser um dos fatores responsáveis por haver ainda poucos olhares voltados para a investigação da aquisição de morfologia no português brasileiro. Citam-se como marcos do aumento do interesse em estudos de fenômenos linguísticos sob o viés de uma teoria morfológica uma produção vigorosa de trabalhos em *Morfologia Distribuída* a partir de meados dos anos 2000 (LEMLE *et al.*, 2012) e a criação e crescente continuidade do Colóquio Brasileiro de Morfologia, em 2011, em que são apresentados diversos trabalhos que tratam empiricamente de fenômenos morfológicos sob diversas perspectivas teóricas (SCHER; BASSANI; ARMELIN, 2018).

Em um balanço sobre os estudos produzidos no campo de aquisição de linguagem no Brasil, desde os anos 70 até o ano de 1999, Correa (1999) afirma que houve uma ampliação do interesse e uma diversificação das abordagens teórico-metodológicas, mas que era ainda proporcionalmente pequena a quantidade de pesquisadores dedicada aos estudos de aquisição da língua materna.

Neste cenário, este artigo de levantamento bibliográfico, dentro de seu escopo e limitações, pretende contribuir para o mapeamento dos estudos atuais na subárea de Aquisição de morfologia dentro dos estudos de aquisição de linguagem, servindo como base e motivação para os pesquisadores que buscam bibliografia sobre o tema e, ao mesmo tempo, é uma investigação em si, na medida em que serve para corroborar ou para refutar concretamente a afirmação de que o estudo e o interesse nesta área são menores do que das demais áreas no Brasil, tais como a da aquisição de fonologia e de sintaxe.

Na continuidade do artigo, apresentamos, na seção 2, a metodologia utilizada na constituição do conjunto de dados; na seção 3, apresentamos os resultados descritivos gerais; na seção 4, resenhamos e discutimos os trabalhos classificados sob o tema Aquisição de morfologia para, ao final desta seção, elencar as limitações do estudo e apresentar mais alguns trabalhos importantes não cobertos pela busca resultante de seu desenho metodológico. Por último, na seção 5, concluímos o artigo com as considerações finais, que trazem um balanço sobre os artigos levantados em Aquisição de morfologia e uma possível agenda de pesquisa e, finalmente, seguem as Referências Bibliográficas.

2. Metodologia

Toda conclusão a que chega um estudo com base empírica depende inteiramente de seu desenho metodológico, e não seria diferente no caso do presente trabalho. A partir da hipótese de que há menos estudos sobre aquisição de fenômenos morfológicos em comparação a fenômenos fonológicos e sintáticos, desenhou-se a seguinte metodologia.

Foram selecionadas nove revistas brasileiras que publicam estudos na área de linguística e que estão associadas a programas de pós-graduação em letras e linguística. As revistas selecionadas foram as seguintes: 1. Alfa: revista de linguística (UNESP¹), 2. Caderno de Estudos Linguísticos (UNICAMP²), 3. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUC-SP³), 4. Letrônica (PUC-RS⁴), 5. Linguística (UFRJ⁵), 6. Revista de Estudos da Linguagem – RELIN

¹ Universidade Estadual Paulista.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(UFMG⁶), 7. Revista Letras (UFPR⁷), 8. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos (UFJF⁸), 9. Revista Letras de hoje (PUC-RS⁴). Todas as edições consultadas apresentavam publicação *online*.

Se considerou, na escolha dessas revistas, aquelas que estavam associadas a universidades que têm, historicamente, a presença de centros de pesquisa e pesquisadores dedicados à Aquisição de Linguagem sob uma perspectiva linguística. De acordo com a historiografia descrita por Correa (1999, p. 349) e Scliar-Cabral (2013, p. 115), em meados dos anos 70, as pesquisadoras Cláudia Lemos, Leonor Scliar Cabral e Eleonora Albano obtiveram suas formações e deram início a projetos duradouros sobre aquisição de linguagem em centros de pesquisa das regiões Sul e Sudeste do Brasil, com possíveis formações complementares no exterior. Presumimos que esse é um dos motivos pelos quais as revistas mais antigas associadas a programas de pós-graduação com tradição no desenvolvimento de estudos sobre a linguagem infantil estão alocadas nestas mesmas regiões. Posteriormente, os estudos sobre Aquisição de linguagem vieram a se espalhar por todo o Brasil por meio da colocação profissional dos pesquisadores ali formados. Desse modo, a escolha pelas revistas seguiu, além de critérios práticos (e.g. área de inserção), algum grau de avaliação subjetiva de conhecimento do campo. Uma limitação dessa metodologia com base histórica consiste no fato de terem sido selecionadas somente revistas das regiões sul e sudeste e de não terem sido incluídas revistas de Associações, tais como ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística).⁹ De modo mais rigoroso, os resultados deste estudo se restringem, então, a este contexto de seleção.

Em relação ao período estudado, foram consultados os trabalhos registrados entre os anos 1980 e 2020 no campo *ano* durante a busca. O recorte dos anos 1980 a 2020 se justifica pelo início dos estudos e pela inauguração de centros de pesquisa e coleta de dados em aquisição de linguagem em meados dos anos 1970 (Correa, 1999), com consequente publicação a partir da década seguinte. É importante destacar que alguns poucos artigos apresentaram duas datas bastante diferentes: a data em que

⁶ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ Universidade Federal do Paraná.

⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora .

⁹ Agradecemos a um parecerista anônimo por estes apontamentos e esperamos produzir, no futuro, uma ampliação deste estudo com a inserção de revistas de todas as regiões do Brasil, bem como revistas ligadas a Associações de Linguística. Acreditamos, no entanto, que esta amostra local pode ser representativa do cenário nacional.

foram originalmente escritos e a data de publicação. Trata-se de casos de edições especiais e dossiês que buscaram republicar em plataforma digital trabalhos originalmente publicados em anais de eventos ou em edições físicas. Neste caso, consideramos a data de publicação original de modo a mapear o momento de produção do conhecimento.

Em seguida, deu-se a busca por artigos através das seguintes palavras-chave: 1. Aquisição de linguagem; 2. Aquisição de Fonologia; 3. Aquisição fonológica; 4. Aquisição de Morfologia; 5. Aquisição morfológica; 6. Aquisição de Sintaxe; 7. Aquisição sintática. Não buscamos, inicialmente, as palavras-chave aquisição fonética, aquisição semântica e aquisição lexical por razões de escopo do trabalho. Como a busca por palavras-chave foi feita em língua portuguesa, com exceção de um, os trabalhos retornados pela busca são textos publicados em língua portuguesa.

A partir desta primeira busca, os artigos foram organizados em uma planilha de dados e catalogados de acordo com as seguintes variáveis: autor, título, ano escrito, ano publicado, link de acesso, palavras-chave (através das quais foram encontrados) e revista.

Ao se analisar de forma pormenorizada esses registros, verificou-se que, apesar de terem sido associados às palavras-chave buscadas sistematicamente, alguns resultados não tratavam de aquisição de linguagem. Isso se deu porque o sistema de busca da revista pode incluir o texto de descrição da filiação do autor que, por sua vez, pode conter como termos algumas das palavras-chave citadas acima. Por isso, cada trabalho foi avaliado quanto a sua pertinência, ou seja, se seu conteúdo era relacionado, de algum modo, ao tema de Aquisição de Linguagem e, na sequência, todos os artigos foram classificados de acordo com o seu tema específico predominante. Adicionou-se, assim, uma coluna 'Tema' na catalogação com as possibilidades de classificação a partir da avaliação do tema predominante¹⁰ de cada registro, tal como descrito no Quadro 1.

¹⁰ Alguns artigos abordam fenômenos de interface e/ou múltiplas questões teóricas. Neste caso, se a interface era o cerne do artigo, mantivemos as duas áreas separadas por hífen (ex. sintaxe-semântica) e, caso contrário, inserimos o nível de análise e/ou abordagem teórica predominante.

Quadro 1 - Classificação por temas predominantes

Tema predominante
Aquisição de escrita/leitura
Aquisição de fonologia
Aquisição de linguagem
Aquisição de linguagem - LIBRAS
Aquisição de morfologia
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo
Aquisição de semântica/pragmática
Aquisição de sintaxe
Aquisição de sintaxe/semântica
Aquisição em desvio
Cognição social
Enunciação
Interação
Metodologia
Revisão bibliográfica

Fonte: elaboração própria.

Após a exclusão de artigos que não tratavam de temas em aquisição de linguagem, apesar de terem sido recuperados pelas palavras-chave, chegou-se ao número de 195 artigos¹¹. Para fins da análise estatística descritiva, em especial para a ilustração gráfica, a classificação por temas foi reagrupada do seguinte modo: os artigos de tema *Aquisição de linguagem*, *Aquisição de linguagem - LIBRAS*¹², *Metodologia* e *Revisão Bibliográfica* foram reagrupados sob o tema geral *Aquisição de linguagem*, os artigos sob o tema *Aquisição de sintaxe*, *Aquisição de sintaxe/semântica* e *Aquisição de semântica e pragmática* foram reagrupados sob o tema *Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática* e os

¹¹ Aos interessados, podemos disponibilizar a planilha geral de registro sob solicitação por e-mail.

¹² Quatro artigos foram classificados sob o tema Aquisição de linguagem (LIBRAS), três deles tratam de temas gerais da aquisição de língua de sinais brasileira como primeira língua por crianças surdas, sendo que um desses também compara essa aquisição de linguagem a de crianças ouvintes, e um deles trata de um tema mais específico (Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão).

trabalhos em *Cognição social*, *Enunciação* e *Interação* foram agrupadas sob o tema *Outros*. Isso resultou no Quadro 2 de temas agrupados considerados na maior parte das análises descritivas.

Quadro 2 - Classificação por temas agrupados

Temas agrupados
Aquisição de escrita/leitura
Aquisição de fonologia
Aquisição de linguagem
Aquisição de morfologia
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo
Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática
Aquisição em desvio
Outros

Fonte: elaboração própria.

É relevante que comentemos alguns critérios de classificação dos trabalhos. De modo geral, privilegiou-se o nível de análise e/ou contexto de aquisição linguística do fenômeno abordado em detrimento da abordagem teórico-metodológica¹³. Quando o objetivo principal do artigo não era centrado em um fenômeno linguístico, mas em aspectos mais gerais do processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem e/ou sua relação com outras áreas de conhecimento e estudos, decidiu-se por classificá-los sob o tema geral Aquisição de linguagem¹⁴. Quando o artigo apresentava questões de interface, e não era possível definir uma área de maior enfoque, em especial de determinado fenômeno linguístico, utilizou-se a barra para inserir as duas áreas, como, por exemplo, em Aquisição de sintaxe/semântica. Como foram encontrados 16 trabalhos que tratavam de aquisição de sintaxe, 12 de sintaxe/semântica e 2 de semântica e pragmática, decidiu-se criar o tema agrupado *Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática* para uma melhor visualização dos gráficos. Ainda, quando o artigo tratava de

¹³ Nos três trabalhos classificados excepcionalmente sob os temas Enunciação, Cognição Social e Interação, era predominante a discussão sobre aspectos teóricos no estudo de Aquisição.

¹⁴ A título de exemplo, os trabalhos intitulados “Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem” e “Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem” foram classificados sob este tema.

interfaces entre fenômenos, modalidades, e teorias, optou-se por classificar pela subárea mais relevante¹⁵.

Para concluir, foram investigadas, então, as seguintes variáveis para cada artigo: revista de publicação, ano de publicação e tema.

3. Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados da análise descritiva aplicada ao conjunto de 195 artigos encontrados e classificados quanto às variáveis revista, ano e tema de publicação. Em primeiro lugar, observa-se a análise estatística bivariada das variáveis Publicações e Revistas na tabela abaixo.

Tabela 1 - Análise descritiva bivariada: revista vs. número de publicações

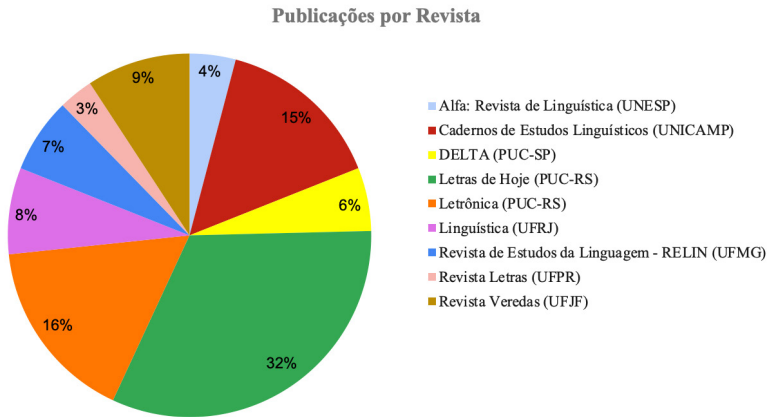
Revista	Publicações	%
Letras de Hoje (PUC-RS)	63	32%
Letrônica (PUC-RS)	32	16%
Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)	29	15%
Revista Veredas (UFJF)	18	9%
Linguística (UFRJ)	15	8%
Revista de Estudos da Linguagem - RELIN (UFMG)	13	7%
DELTA (PUC-SP)	11	6%
Alfa: Revista de Linguística (UNESP)	8	4%
Revista Letras (UFPR)	6	3%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

Observa-se que as revistas Letras de Hoje (PUC-RS), com 32%, Letrônica (PUC-RS), com 16%, e Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), com 15%, concentram a maior parte dos trabalhos, somando em torno de 63% de toda produção levantada. O gráfico abaixo demonstra essa concentração de produção.

¹⁵ Como forma de exemplificar a situação, o artigo “A aquisição da linguagem falada e escrita: o papel da consciência linguística” foi classificado como Aquisição de leitura/escrita, mas tratava também de questões fonológicas. Não é interessante criar uma categoria aquisição de escrita/fonologia.

Gráfico 1 - Análise descritiva bivariada: Revista vs. Publicações



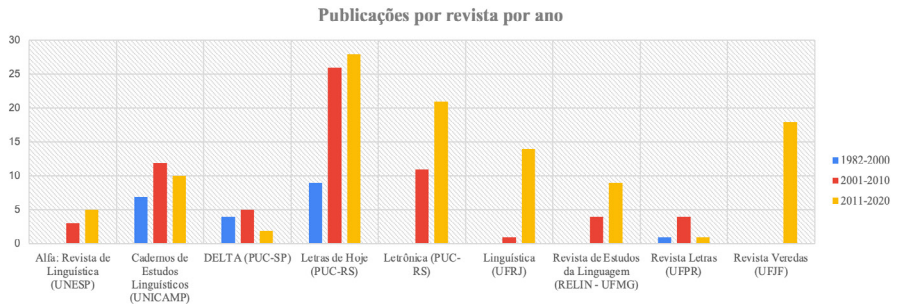
Fonte: elaboração própria.

Deve-se destacar que as revistas com maior número de publicações, *Letras de Hoje* e *Letrônica*, vinculadas ao programa de pós-graduação em Letras da PUC-RS e *Caderno de Estudos Linguísticos* da UNICAMP respectivamente, são associadas a centros e regiões historicamente pioneiros na difusão de estudos em aquisição de linguagem no país. Foi na UNICAMP que, em meados dos anos 1970, iniciou-se o projeto *Aquisição de Linguagem* sob coordenação da Profa. Dra. Cláudia Lemos. Posteriormente, os egressos formados neste programa difundiram o projeto por universidades de todo o país. Também é possível correlacionar a grande concentração de trabalhos nas revistas *Letras de Hoje*, mais antiga, tendo sido inaugurada em 1967, e na *Revista Letrônica*, inaugurada em 2008, ao pioneirismo da Profa. Dra. Leonor Seliar-Cabral nos estudos de Aquisição de Linguagem, na região Sul do país, e seu consequente espraiamento por todo o território nacional. Ainda, em 1987 foi criado o Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem – CEAAL como consolidação das pesquisas em andamento desde 1983 (LAMPRECHT, 2003, p. 12).

Em relação à continuidade do fluxo de publicações em temas de aquisição de linguagem ao longo do tempo nas revistas selecionadas, notamos, pelo gráfico 2 abaixo, que, com exceção das revistas *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), *Delta* (PUC-SP) e *Letras* (UFPR),

houve aumento do número geral de publicações entre os recortes temporais, que compreendem os períodos de 1982-2000, 2001-2010 e 2011-2020.

Gráfico 2 - Análise descritiva multivariada: Publicações vs. Revista vs. Tempo



Fonte: elaboração própria.

Em seguida, após primeira classificação geral por temas, conforme explicitado na seção Metodologia, chegou-se à análise descritiva bivariada das variáveis publicações por tema na tabela 2.

Tabela 2 - Análise descritiva bivariada: Tema predominante vs. número de publicações

Tema predominante	Publicações	%
Aquisição de linguagem	40	20,5%
Aquisição de fonologia	34	17,4%
Aquisição de escrita/leitura	23	11,8%
Aquisição de sintaxe	16	8,2%
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo	15	7,7%
Aquisição de morfologia	15	7,7%
Aquisição em desvio	15	7,7%
Aquisição de sintaxe/semântica	12	6,2%
Revisão bibliográfica	7	3,6%
Interação	5	2,6%
Aquisição de linguagem – LIBRAS	4	2,1%
Enuniação	3	1,5%
Aquisição de semântica/pragmática	2	1,0%

Metodologia	2	1,0%
Cognição social	1	0,5%
Metodologia	1	0,5%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

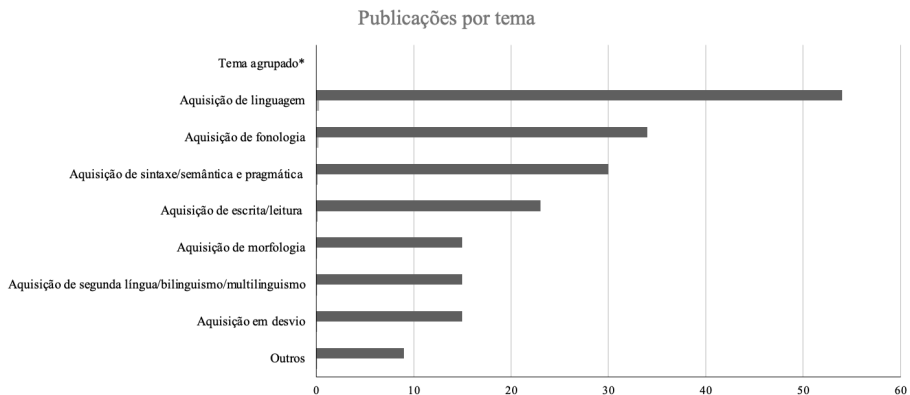
Após agrupamento de temas conforme critério explicitado na metodologia, observa-se a distribuição apresentada na tabela 3 e no gráfico 3.

Tabela 3 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. número de publicações

Temas agrupados	Publicações	%
Aquisição de linguagem	54	27,7%
Aquisição de fonologia	34	17,4%
Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática	30	15,4%
Aquisição de escrita/leitura	23	11,8%
Aquisição em desvio	15	7,7%
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo	15	7,7%
Aquisição de morfologia	15	7,7%
Outros	9	4,6%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

Gráfico 3 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. Número de publicações



Fonte: elaboração própria.

Conforme esperado, por ser o tema mais amplo e transversal, a maior parte dos trabalhos se concentra em 54 publicações sob o tema Aquisição de linguagem, sem um enfoque sob um fenômeno linguístico ou contexto específico de aquisição (27.7% do total), seguido de 34 publicações de Aquisição de fonologia, (totalizando 17.4% do total), e, em terceiro lugar, estão 30 estudos em aquisição de sintaxe/semântica e pragmática, somando 15.4% do total. Lembramos que desses últimos, 16 são estudos sobre aquisição de fenômenos puramente sintáticos, 12 de fenômenos sintático-semânticos e 2 semântico-pragmáticos. As publicações classificadas sob o tema predominante de Aquisição de morfologia são apenas 15 artigos e representam 7.7% do total. Na seção 4, discutiremos aspectos mais específicos desses trabalhos.

Quando cruzadas as variáveis Revista e Tema, observamos a seguinte distribuição disposta na tabela 4. As cores das células indicam quais temas são mais publicados em quais revistas, sendo que as maiores porcentagens estão em células de cor verde e as menores, em células de cor vermelha. Observamos que, dentre os trabalhos levantados na revista Alfa, a maior parte é da temática Aquisição de Fonologia (50%); já nos Cadernos de Estudos Linguísticos, a maioria é de publicações em Aquisição de Linguagem em geral (48,2%), enquanto nas revistas Delta e Linguística concentram-se trabalhos de Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática (45,5% e 47%, respectivamente). Por sua vez, na revista Letras, concentram-se trabalhos de Aquisição de escrita/leitura (83,3%); nas revistas Letrônica e Veredas, a distribuição de temas é mais

equilibrada. Ademais, observa-se que as revistas que mais publicaram trabalhos em Aquisição de morfologia foram a Revista Veredas (22,2%), a Revista Linguística (13,3%) e a Revista Alfa (12,5%). Todavia, nota-se que, em nenhuma das revistas investigadas, este tema aparece entre os mais publicados.

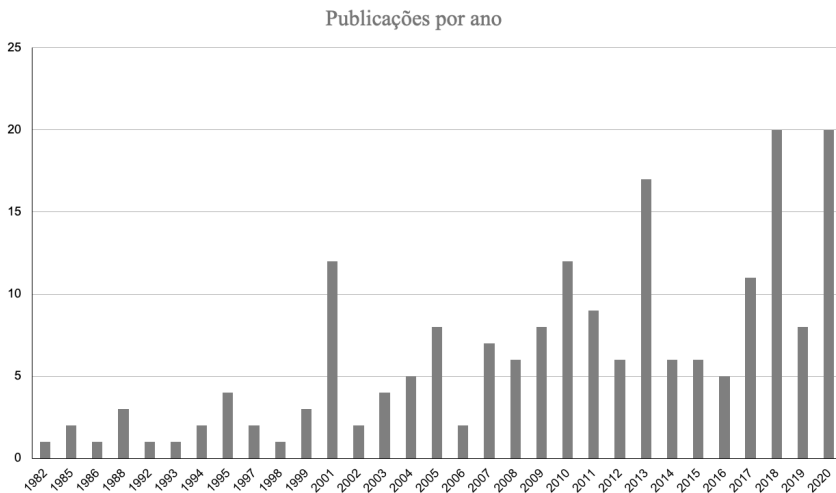
Tabela 4 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. Revista

Tema agrupado	ALF	CEL	DEL	LHOJ	LTRO	LING	REL	LET	VER
Aquisição de escrita/leitura	12,5%	17,2%	0,0%	6,4%	15,6%	0,0%	23,1%	83,3%	0,0%
Aquisição de fonologia	50,0%	6,9%	18,2%	15,9%	18,8%	20,0%	15,4%	16,7%	22,2%
Aquisição de linguagem	0,0%	48,2%	9,1%	44,5%	15,6%	13,3%	23,1%	0,0%	5,6%
Aquisição de morfologia	12,5%	3,5%	0,0%	6,3%	9,4%	13,3%	0,0%	0,0%	22,2%
Aquisição de seg. ling/biling/multi	0,0%	0,0%	0,0%	4,8%	18,8%	0,0%	15,4%	0,0%	22,2%
Aquisição de sintaxe/sem. e pragm.	0,0%	13,8%	45,5%	12,7%	6,3%	46,7%	15,4%	0,0%	11,1%
Aquisição em desvio	0,0%	10,4%	0,0%	9,5%	6,3%	0,0%	7,7%	0,0%	16,7%
Outros	25,0%	0,0%	27,3%	0,0%	9,4%	6,7%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaboração própria.

Sobre a variável ano, inicialmente, observou-se a distribuição das publicações em cada um dos anos dentro do recorte temporal escolhido (1980-2020).

Gráfico 4 - Análise descritiva bivariada: Ano vs. Número de publicações



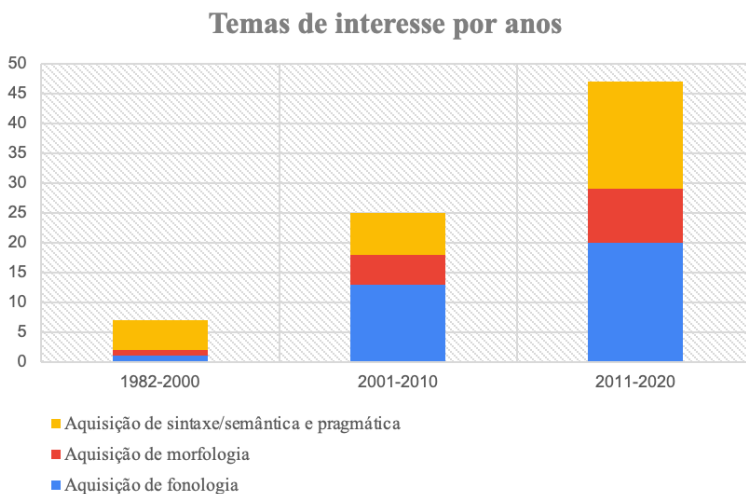
Fonte: elaboração própria.

O artigo mais antigo encontrado tem data de 1982 (39 anos atrás). O gráfico também mostra alguns picos, com o segundo deles ocorrendo em 2005, quando que houve a edição de número intitulado “25 anos do projeto de aquisição de linguagem: uma homenagem a Cláudia Lemos”¹⁶, na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, da UNICAMP. A partir de então, houve manutenção e crescimento gradual de publicações de artigos no decorrer do tempo, de modo que o período de maior proliferação de trabalhos publicados foi entre 2018 e 2020, quando se publicaram 40 artigos ao todo. Também houve, em 2020, a publicação de um número temático em *Aquisição de Linguagem na Revista Veredas*, a que se deve o alto número de publicações (20). O aumento das publicações, com o avançar dos anos, pode se dar tanto pelo aumento das publicações em revistas *on-line* de modo geral quanto pelo aumento do interesse nos estudos em aquisição de linguagem e na sua consequente divulgação científica. Nota-se que 108 publicações, equivalente a aproximadamente 55% do total dos trabalhos levantados (mais da metade), concentram-se entre os anos de 2011 e 2020, a década mais recente investigada. Esse achado, circunscrito ao recorte metodológico adotado, pode indicar crescente interesse pela área geral dos estudos de aquisição de linguagem. Também deve-se observar esse achado junto a um crescente aumento da produção científica em revistas de linguística em geral, mas esse fator não está no escopo dessa investigação.

Quando cruzamos as principais variáveis de interesse do artigo no quesito tema, a saber, aquelas que correspondem a níveis de análise linguística, Aquisição de fonologia, Aquisição de morfologia e Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática, observamos que nas três décadas em que foram levantados os trabalhos, houve um aumento das publicações em todas as áreas na última década. Os trabalhos de Aquisição de morfologia, sempre em menor quantidade, apresentam um crescimento tímido, mas gradativo. O gráfico 5 ilustra esse crescimento do tema Aquisição de morfologia nas barras das duas últimas décadas. Na próxima subseção, aprofundamo-nos nestas publicações.

¹⁶ Cláudia Lemos foi criadora e desenvolvedora do grupo de estudos sobre aquisição de linguagem na Universidade de Campinas, que contribuiu em suma importância para criação de diversos estudos envolvendo e derivando o tema de aquisição de linguagem do português brasileiro.

Gráfico 5 - Análise descritiva bivariada: Ano agrupado vs. publicações por temas de interesse



Fonte: elaboração própria.

4 Estudos sobre Aquisição de morfologia

Após a classificação de 15 artigos na categoria geral Aquisição de morfologia, procedeu-se à categorização entre estudos de que tratam de aspectos de morfologia derivacional e morfologia flexional. Como já mencionado acima, iniciamos o estudo com a pré-concepção de que estudos sobre a aquisição de morfologia derivacional são em menor quantidade, quando comparada à flexional. Na tabela 5, temos o resultado desta subclassificação.

Tabela 5- Distribuição de artigos em morfologia flexional e derivacional

Morfologia	Publicações	%
Derivacional	3	20%
Flexional	12	80%
Total	15	100%

Fonte: elaboração própria.

Dos 15 trabalhos levantados em aquisição de morfologia, 12 tratam de aquisição de morfologia flexional e 3 tratam de aquisição de morfologia derivacional. Com os números explícitos, vemos o percentual de representação sobre as publicações, em que também se pode embasar a resposta para questão inicial que originou este trabalho: 80% dos trabalhos são sobre morfologia flexional, o que representa uma menor representatividade dos estudos que enfocam a descrição e a análise de fenômenos da morfologia derivacional no corpus de análise do presente artigo.

Dentre os trabalhos em aquisição de morfologia flexional, a maioria deles aborda aspectos da flexão do sistema verbal. É o caso de Yavas e Campos (1988)¹⁷, que é um estudo comparativo da aquisição de morfologia verbal no português brasileiro como L1 e como L2. São analisados dois estudos de caso longitudinais: um de uma criança com idade em torno de dois anos, durante, aproximadamente, um ano de gravações sistemáticas e observações; o outro, de um adulto de 22 anos falante nativo de japonês, o qual não recebeu instruções formais e aprendeu português por imersão e que teve sete entrevistas gravadas. Os resultados do estudo, que devem ser relativizados, dada a sua falta de sistematicidade e à natureza de estudo de caso, apontam que a aquisição de morfologia verbal segue cursos semelhantes nos dois cenários: uso inicial da segunda/terceira pessoa como referência a qualquer pessoa do discurso; estabelecimento do presente do indicativo seguido do pretérito perfeito no tempo verbal. Por outro lado, a principal diferença é o uso do imperativo na L1 em seu estágio inicial e ausência na L2.

Já Lorandi (2010), que aborda a (super)regularização ou supergeneralização para o estudo do processo de aquisição do subsistema morfológico da língua em uma perspectiva da Teoria da Antifidelidade Transderivacional, parte da Teoria da Otimalidade. Apesar de considerar as inovações lexicais, em termos de verbos e de nomes, verificadas em formas como “vassourar” (aos 3:11) ou “remedieiro” (aos 5:10)” (p. 83), o principal enfoque do trabalho está nos “erros” morfológicos flexionais exemplificados por “formas verbais regularizadas, tais como “trazi” (B. 3:1), ou com trocas de sufixos flexionais, como em “mexei”, “suji” (A.C. 2:11) ou “usia” (H. 3:4)” (LORANDI, 2010, p. 83).

Por sua vez, Santos e Scarpa (2003) descrevem a emergência de formas verbais flexionadas na fala infantil pelo estudo de duas crianças (1

¹⁷ Republicado em 2014.

a 3 anos) e discutem em que medida as formas iniciais, ou precoces, são o resultado de aplicação de análises e de regras morfológicas de fato ou se são somente fragmentos incorporados a partir da fala do interlocutor. As autoras sugerem que é a partir de 1;10 (até por volta de 2;09) que ocorre análise interna da palavra, pois se verificam fenômenos como a regularização, a combinação com formas verbais auxiliares e a aplicação de morfologia nominal em formas verbais. É a partir desse período que há possível uma delimitação de fronteiras internas da palavra para a atribuição de acento lexical; na produção precoce, o acento lexical se confunde com o acento frasal.

Nessa mesma linha, Goulart e Matzenauer (2018) investigam a aquisição de morfologia verbal, mais especificamente a produção de verbos irregulares e a observação de regularizações, em oito crianças com 6 a 9 anos de idade, por meio de tarefa de produção eliciada. Este recorte se justificou porque os estudos sobre regularização indicam que o fenômeno ocorre até por volta de 5 anos. Os resultados, analisados sob a ótica da teoria da Morfologia e Fonologia Lexical da Teoria Gerativa, apontam que as crianças nesta faixa etária ainda produzem regularizações para certos verbos irregulares, tais como *perder*, *medir*, *pedir* e *satisfazer* e, em especial, nas formas do subjuntivo. Os resultados apontam, ainda, que as formas irregulares dos verbos com mais alta frequência na língua são adquiridas mais cedo e que há uma interação importante entre a variável letramento e essa aquisição nesta faixa etária.

Molina, Marcilese e Name (2018) investigam a aquisição de flexão verbal de terceira pessoa do plural por crianças adquirindo o português brasileiro (PB), tendo em conta a variação morfofonológica da categoria de número (singular x plural). Os dados de produção são obtidos pelo estudo naturalístico longitudinal de Molina (2018) e, para os dados de compreensão, foi desenvolvido um experimento de identificação de imagens aplicado em 32 crianças, com 16 na faixa de 6 anos e 16 na faixa de 10 anos. Os resultados de produção mostram que as crianças de classe média residentes em região urbana apresentam maior variação na marcação de número do que os adultos, mas que a marcação redundante ainda prevalece sobre a marcação não redundante. Nas crianças de classe baixa e residentes em área rural, predominou a marcação não redundante. O estudo experimental revelou que a flexão variável de plural não influencia na compreensão de plural necessária na tarefa realizada,

sendo preservado o mapeamento das noções de numerosidade (singular como “um elemento” e plural como “mais de um elemento”).

Ainda no âmbito do estudo do verbo, dois trabalhos debruçam-se sobre a aquisição do aspecto no sistema verbal. Araujo (2018) investiga a aquisição das categorias de aspecto gramatical e lexical nas formas verbais, por meio de estudo naturalístico longitudinal de duas crianças, na faixa etária de 1;11 a 2;10. Seus resultados apontam que o traço de finitude está associado à morfologia de perfectivo e que os sujeitos apresentam maior produtividade no uso da morfologia de perfectivo em comparação à morfologia de progressivo e privilegiam eventos télicos, sobretudo os de culminação. Por essas razões, a autora afirma que esses dados corroboram a hipótese da primazia do aspecto lexical sob o aspecto gramatical: o aspecto é adquirido primeiramente, se comparado à categoria de Tempo nos verbos.

Com tema afim, Silva, Martins e Rodrigues (2020) investigam a interação entre tempo e aspecto na aquisição de categorias verbais a partir de estudo de caso com dados longitudinais de uma criança entre 1;11 a 3;8 de idade, tendo como pano de fundo também a hipótese da primazia do aspecto e a classificação aspectual de Rothstein (2008). Levantaram-se as marcas morfológicas em verbos que configuram eventos prolongáveis temporalmente e eventos de mudança de estado. Os resultados apontam que a morfologia de progressivo estava associada à categoria de *minimal events are extended* e a de pretérito perfeito estava associada à de *event of change*¹⁸. Assim, confirmou-se, também, a hipótese da primazia do aspecto na produção de flexão verbal.

No âmbito dos estudos sobre a flexão nominal, mais especificamente sobre a flexão de gênero, os trabalhos de Figueira (2001, 2005)¹⁹ tratam da produção de formas divergentes ou inovações da fala infantil (“erros”) na produção das marcas de gênero em substantivos

¹⁸ Tradução: “eventos mínimos são estendidos” e “evento de mudança”. De acordo com as autoras, Rothstein (2008) assume que as quatro classes verbais clássicas (Atividade, Estado, Accomplishment e Achievement) podem ser caracterizadas “por duas propriedades aspectuais básicas: se são ou não inerentemente prolongadas temporalmente (traço *minimal events are extended*) e se exprimem ou não eventos de mudança de estado (traço *event of change*)” (SILVA; MARTINS; RODRIGUES, 2020, p. 114.)

¹⁹ Data da publicação original destes artigos; republicados em 2011 e 2013. Figueira (2005) cita diversos trabalhos anteriores que tratam da aquisição de morfologia por meio do estudo das formas divergentes, e que não foram selecionados no escopo metodológico deste levantamento. Consideramos, no entanto, que é importante registrar alguns deles: FIGUEIRA (1999; 2003). Salientamos que os trabalhos da autora apresentam relevante contribuição para a investigação da aquisição morfológica e lexical no português brasileiro.

e nas concordâncias nominais sob a perspectiva interacionista e da enunciação. Essas marcas inesperadas de gênero geram expressões com efeito anedótico produzidas pelas crianças. Segundo a autora, a investigação dessas marcas aponta tanto para a construção do sistema gramatical, em especial no que tange à relação entre categorial gramatical e expressão de sexo no sistema morfológico, quanto para a constituição da criança como falante. Os dados morfológicos elencados constituem trocas produzidas no gênero de substantivos e adjetivos com vistas a: 1. regularizar formas que escapam ao padrão geral da língua (a- para feminino e o- para masculino); alguns exemplos são *a tapa, o amoto, (ela é) pobra, pai careco*; 2. conformar formas de gênero ao sexo do falante (motivo pelo qual a autora chama de marcação de gênero-sexo), de modo que alguns exemplos são *reporta (porque reporta é mulher), não é galo, é galinha (referindo-se a galo na cabeça de uma menina), bom dia é para homem, bom dia é para mulher*.

Por sua vez, Name (2001)²⁰ tem como objeto a aquisição de gênero gramatical como mecanismo dependente do sistema sintático de concordância em uma perspectiva minimalista da Teoria Gerativa. Partindo da hipótese de que a criança faz uso da informação sobre o gênero expresso no determinante para identificar o traço de gênero do nome, a autora levanta uma série de estudos experimentais na literatura sobre produção e percepção, que levam às seguintes conclusões: a. a criança distingue itens funcionais a partir de 10 meses de idade; b. há possibilidade de identificação do determinante a partir de 10 meses e meio de idade, c. há mapeamento entre itens funcionais e categorias funcionais a partir de 13 meses. Name (2001), ainda, conclui afirmando a necessidade de estudos sobre a identificação da categoria Determinante e de gênero.

No que se refere ainda ao sistema nominal, mas na flexão de número, Reis (2020) investiga a aquisição de morfologia de flexão de número no sintagma nominal e no verbo, por meio de um estudo experimental de tarefa de produção eliciada com 75 sujeitos entre 3 e 5 anos, aplicado em ambiente escolar. A autora investigou a possibilidade de interação das variáveis saliência fônica do nome e escolaridade para a aquisição destas categorias. As crianças produziram mais concordância não redundante de modo geral e produziram mais concordâncias não redundantes que os adultos. A variáveis extralinguísticas não se

²⁰ Republicado em 2013.

mostraram relevantes e houve mais concordância não redundante em nomes com saliência fônica.

Azalim, Marcilese e Armelin (2020) também investigam a produção da concordância nominal variável de número durante a aquisição de português brasileiro, tendo como variável de interesse o papel da saliência fônica (padrão de acentuação e número de sílabas). O estudo se baseia em dados naturalísticos longitudinais de sujeitos entre 3 e 6 anos de idade e dados experimentais de uma tarefa de produção eliciada por imagens de 20 crianças com 6 anos de idade. Os resultados nos dois tipos de estudo apontam que as duas formas de saliência fônica não se mostraram estatisticamente relevantes para prever a alternância das regras redundante e não redundante na produção da concordância.

Passemos, agora, aos três artigos classificados sob a categoria Morfologia Derivacional, sobre os quais nos estenderemos um pouco mais. Apesar de enfocarem também alguns testes de flexão, Lorandi *et al.* (2012) apresentam maior enfoque na morfologia derivacional na perspectiva dos estudos sobre Consciência Linguística. Este estudo parte de Lorandi (2011) para realizar uma análise qualitativa sobre dados coletados durante aplicação de testes de consciência morfológica com aparato teórico do modelo de Redescrição Representacional de Karmiloff-Smith (1992) para o estudo do desenvolvimento cognitivo. Este modelo sugere que os níveis de representação mental se dividem um nível implícito (procedimental) e em três níveis explícitos, em que, a cada nível, a informação se torna mais acessível à consciência, ou seja, explícita. À luz dessa proposta, três testes, denominados Testes de Morfologia, foram aplicados em ambiente escolar em crianças de 3;5 a 10;11 anos e solicitavam, basicamente, a escolha entre formas derivativas e flexionadas a partir de palavras inventadas (pseudopalavras) ou palavras existentes no português com possíveis formas morfológicas variantes (por regularização ou troca de sufixos). O uso de pseudopalavras objetivava identificar se a criança teria internalizado a regra morfológica; se sim, ela saberia reproduzi-la em palavras inventadas. Percebeu-se, pelos resultados, que crianças da mesma série escolar têm desempenhos diferentes e que a questão da idade não necessariamente implica que se tenha o mesmo conhecimento morfológico/fonológico adquirido. Há, no final, uma interessante discussão teórica, pois, segundo o modelo de Redescrição Representacional, o desenvolvimento com relação a qualquer microdomínio da consciência linguística independe de idade, pois fatores

individuais são preponderantes. Fica inacabada a investigação detalhada de quais seriam esses fatores.

Por sua vez, Borges, Mazzafero e Matzenauer (2018) investigam o processamento morfológico em pseudopalavras em 16 crianças monolíngues falantes de português brasileiro não-alfabetizadas e em processo de alfabetização entre 4 e 7 anos de idade. As crianças foram divididas em dois grupos (Grupo 1 – não alfabetizadas e Grupo 2 – em processo de alfabetização) e em quatro faixas etárias: FE1 (4 anos), FE2 (5 anos), FE3 (6 anos); FE4 (7 anos). Em uma dimensão teórica, o artigo também aborda a consciência morfológica na aquisição de linguagem, definida como a sensibilidade e a habilidade de lidar com as unidades morfológicas da língua. Para tal, aplicou-se uma tarefa de reconhecimento de pseudovocábulo (*tarefa de interpretação de pseudopalavras*) com os sufixos agentivos *-eiro*, *-ista* e *-or* e os prefixos *des-* e *re-*. As pseudopalavras investigadas foram *bonecador*, *frutador*, *camisador*, *pipador*; *quadrista*, *arvorista*, *jardinista*, *moranguista*; *desfeliz*, *desbonito*, *deslegal*, *desbondoso*; *relatir*, *reamar*, *rechorar*, *redormir*.

Para compor a tarefa, uma pequena história, a ser contada por fantoches, foi criada para cada afixo. Ao final de cada uma, solicitou-se às crianças que informassem: 1) o significado de cada pseudopalavra; 2) o que essas palavras tinham em comum (qual “pedacinho” comum); 3) a posição que os afixos ocupavam nas palavras (prefixo/início ou sufixo/fim). Interpretados frente aos três graus da consciência morfológica, a saber: a. reconhecimento da diferença entre palavra primitiva e derivada; b. reconhecimento da posição do afixo na palavra; c. segmentação da palavra em morfemas, os resultados gerais mostram que:

i. a maioria dos falantes foi capaz de reconhecer o significado das pseudopalavras em todas as faixas etárias, não havendo diferenças marcantes entre elas;

ii. os Grupos 1 (não alfabetizado) e 2 (em alfabetização) não apresentaram dificuldades em localizar a posição dos sufixos, sendo que o segundo grupo tem sempre melhor desempenho em geral, mas o Grupo 1 apresentou dificuldade em apontar a posição dos prefixos nas pseudopalavras. Segundo as autoras, “também essa diferença entre os dois grupos indica a maior complexidade que os prefixos mostram ao serem comparados aos sufixos” (BORGES; MAZZAFERO; MATZENAUER, 2018, p. 592);

iii. no Grupo 1, a maioria dos falantes não foi capaz de segmentar as palavras, mas, no Grupo 2, as crianças desempenharam essa tarefa satisfatoriamente tanto para prefixos quanto para sufixos.

A análise geral também indica que a consciência da derivação sufixal parece ser adquirida mais precocemente do que a da derivação prefixal no processo de aquisição da morfologia do PB. Um exemplo ilustrativo é o de uma criança de 4 anos que ao ser questionada se a palavra *deslegal* era o mesmo que *legal*, responde afirmativamente: “a presença do prefixo parecia passar despercebida pela criança. A palavra *deslegal* foi tomada como uma variante da palavra *legal*.” (p. 590). Em relação à descrição mais refinada, os resultados da tarefa sugerem diferentes níveis de complexidade ou marcação afixal: o sufixo *-or* é apontado como menos marcado do que o sufixo *-ista* na formação de nomes agentivos e o sufixo *des-* é menos marcado do que *re-* na formação de nomes. A relação não é discutida ou esclarecida devidamente, mas essa conclusão parece estabelecer uma relação entre o grau de facilidade de reconhecimento e a complexidade e/ou marcação do afixo: quanto mais facilmente reconhecido, menos complexo e/ou marcado.

Assine e Bassani (2020) descrevem a emergência dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* (como em *amaciar*, *enfraquecer* e *desligar*, respectivamente) em formações morfologicamente transparentes e semanticamente composicionais na produção de três crianças monolíngues falantes de português brasileiro, na faixa etária de 3 a 5;6 anos. O foco da investigação se deu sobre a produção de formas possivelmente analisáveis a partir da comparação da ocorrência de formas não-prefixadas (ex. *ligar*) e prefixadas com raiz comum (ex. *desligar*) em um mesmo indivíduo. Para tal, um dos objetivos iniciais deste artigo era o de investigar se a criança, para cada forma composicional prefixada, produz a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está de fato analisando a palavra em partes constituintes e não a produzindo como um bloco, equiparável a uma forma morfologicamente simples. Além disso, o trabalho também realizou comparação das formas emergentes na produção infantil com a frequência recebida pelo *input* e a produção de formas inovadoras como indicativos, ou pistas, de aquisição de uma regra morfológica prefixal. Os resultados do estudo sugerem que a emergência de formas analisáveis tende a aumentar na produção infantil com o avanço da idade. Isto é, a produção de formas morfossemanticamente mais complexas aumenta devido a um prévio mapeamento dos significados prefixais. Segundo as autoras, isso fica evidente quando o prefixo *deS-* passa a ser produzido em formas inovadoras ou criações lexicais, em que é claro seu significado composicional analisável e não há ocorrência da mesma forma na fala

adulta, ou seja, se descarta a produção infantil como mera repetição do *input*. Essas formas inovadoras são *disjuntar* e *descartelar*. Os resultados também apontam que o prefixo *deS-* é o mais analisável. Ainda sobre as formas analisáveis presentes na produção infantil, a maior parte delas está entre os dados *pouco frequentes* no *input*; isso significa que alta frequência e analisabilidade não são aspectos dependentes. Como agenda futura, as autoras consideram a aplicação de um experimento, com base nas formas prefixadas encontradas, a fim de corroborar ou de refutar os resultados sobre quais dados de fato são analisados pelas crianças.

Finalmente, tanto em aquisição de morfologia flexional quanto em morfologia derivacional, há estudos publicados que não foram encontrados pelo recorte metodológico estabelecido, pois este levantamento não inclui publicações de outras revistas, livros, anais de eventos, teses e dissertações, trabalhos de conclusão de curso e manuscritos. No entanto, é inegável que, apesar de limitado, este artigo contribui para que o leitor possa chegar a outros estudos em aquisição de morfologia a partir das referências aqui elencadas. Isto posto, destacamos abaixo alguns trabalhos importantes, não sem reconhecer que essa é uma escolha subjetiva e que outros igualmente importantes poderiam ser citados.

Em uma perspectiva histórica, destacamos os primeiros estudos desenvolvidos e orientados por Eleonor Scliar-Cabral sobre o domínio de regras morfofonêmicas (ver Scliar-Cabral (2013) e referências ali inseridas) e, mais recentemente, citamos duas dissertações que enfocam, respectivamente, a aquisição de morfologia derivacional e a aquisição de morfologia flexional verbal. Lima (2006) investiga a aquisição de morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro por crianças de 2 a 7 anos de idade pela observação da frequência dos processos de formação de palavras e dos afixos derivacionais. Por sua vez, Wuerges (2019) investiga a aquisição da morfologia flexional verbal em cinco crianças entre 1;6 e 4 anos falantes monolíngues de português brasileiro. O trabalho enfoca o fenômeno da regularização e a ocorrência de formas variáveis sob a perspectiva da abordagem do modelo gerativista para aquisição de linguagem denominado *Rules and Competition* de Yang (2002).

5 Considerações finais: um balanço dos estudos em Aquisição de morfologia e uma agenda de pesquisa

Com base em tudo o que foi apresentado no presente artigo, concluímos que, quantitativamente, há menos estudos de fenômenos morfológicos durante a aquisição de língua materna do que estudos de

aquisição de aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos no corpus selecionado.

Como vimos na seção anterior, a publicação da maior parte dos artigos em morfologia se concentra entre os anos 2011-2020, enquanto os trabalhos em aquisição de morfologia derivacional datam de 2012, 2018 e 2020, sendo os dois últimos muito recentes. Apesar de pequeno, esse número pode indicar um interesse recente da publicação neste subtema, ainda que, de modo geral, este interesse menos aos pesquisadores.

No âmbito da morfologia, o maior interesse das pesquisas sobre o português brasileiro reside na aquisição de categorias da flexão. Destes trabalhos publicados, a maioria investiga a aquisição do sistema verbal, especialmente o fenômeno da (super)regularização e a existência de formas morfológicas variantes durante a aquisição de regras morfofonológicas. Esse parece também ser o cenário dos estudos internacionais, em especial, os que investigam a aquisição de língua inglesa (cf. LIGNOS; YANG, 2016; MARCUS *et al.*, 1992; PINKER; PRINCE, 1992; PINKER; ULLMAN, 2002). Em seguida, desperta interesse a aquisição do sistema morfológico nominal, com a investigação da concordância variável de número, com controle da ocorrência de concordância redundante e não-redundante, seguido pela aquisição da categoria de gênero, com especial interesse na variação promovida pelas trocas morfêmicas realizadas pelas crianças. Dentre os estudos em aquisição de morfologia derivacional, muito pouco representativos, são escassos os trabalhos que fazem uma investigação de morfologia derivacional frente a questões de pesquisa definidas em um modelo de gramática específico. De fato, são mais presentes os estudos de levantamento de ocorrências de afixos e da investigação da consciência morfológica infantil. De modo geral, em outras línguas também os estudos sobre a aquisição da morfologia derivacional são desprivilegiados em comparação à morfologia flexional (CLARK, 2001).

A partir do que se observou aqui, pode-se concluir que uma agenda de pesquisa de estudos sobre a aquisição de linguagem das categorias da morfologia derivacional frente a modelos de língua específicos é premente. Deve-se adicionar que a aquisição da morfologia derivacional caminha paralelamente com a aquisição lexical. Segundo Ravid (2019), tanto o desenvolvimento da aquisição de morfologia flexional quanto derivacional se entrelaçam ao crescimento lexical, mas a aquisição da morfologia derivacional é altamente dependente do desenvolvimento de um léxico amplo e coerente no indivíduo. E esse desenvolvimento lexical depende também de fatores da exposição ao *input*.

Uma agenda de pesquisa para o estudo da aquisição de morfologia do português brasileiro, e do léxico por consequência, necessita, de

maneira imediata, minimamente de estudos sobre a aquisição e sobre o desenvolvimento da compreensão e da produção nos falantes de língua materna no que se refere aos seguintes subtemas de pesquisa, dentre outras possibilidades:

- (1) aquisição e desenvolvimento de uma tipologia de raízes na constituição do léxico inicial e do léxico adulto, seja essa tipologia de forma (propriedades formais), seja de conteúdo (propriedades semânticas);
- (2) desenvolvimento da morfologia simples para a morfologia complexa (mapeamento da evolução da presença de afixos e regras) e sua relação com o desenvolvimento fonológico;
- (3) aquisição e desenvolvimento de palavras e de expressões complexas em si, tais como palavras prefixadas, sufixadas e compostos, tendo essas formações semântica composicional ou não-composicional;
- (4) aquisição e desenvolvimento de tipologia verbal, seja no que se refere a seu aspecto gramatical e lexical, seja sua estrutura de argumentos;
- (5) aquisição e desenvolvimento de tipologia nominal, seja no que se refere a sua semântica, seja em categorias gramaticais;
- (6) aquisição e desenvolvimento de morfologia avaliativa, sejam diminutivos, aumentativos, sejam outros tipos de morfemas modificadores (VILLALVA, 1994);
- (7) aquisição e desenvolvimento do sistema preposicional, sejam preposições lexicais, sejam funcionais;
- (8) aquisição e desenvolvimento de morfologia comparativa e de grau;
- (9) aquisição de regras morfofonológicas, que resultam em alomorfias condicionadas gramatical, fonológica ou lexicalmente;
- (10) investigação da relevância do input para os desenvolvimentos morfológico e lexical.

Por fim, a investigação de tais questões empíricas só se faz relevante e justificável, na medida em que figura por trás um modelo de língua para a Morfologia e para o Léxico. Este modelo pode ser testado, ou seja, testa-se aquilo que a teoria prediz que sabemos sobre a morfologia e o léxico da língua a partir da investigação do que a criança sabe, ou, de outro modo, o modelo de língua pode lançar luz sobre os dados concretos morfológicos da produção ou compreensão infantil: explica-se a natureza do fazer da criança, diferenciado ou igual ao fazer do adulto, a partir daquilo que se pressupõe que ela sabe ou até onde se espera que ela irá chegar.

Declaração de autoria

Indaiá Bassani: Conceptualização; Coleta e Curadoria de dados; Escrita – original; Escrita – análise e edição; Metodologia; Análise formal; Recursos.

Fernanda Soares: Conceptualização; Coleta de dados; Metodologia; Escrita – análise e edição; Recursos.

Referências

ARAÚJO, T. A aquisição da morfologia verbal no PB e a categoria de aspecto. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 89-105, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a22620>

ASSINE, J. S.; BASSANI, I. S. A emergência de prefixos na aquisição de português brasileiro: formas analisáveis e a relação com o input. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n.1, p. 136-165, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30626>.

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; ARMELIN, P. R. G. Concordância nominal variável e saliência fônica na produção infantil: dados naturalísticos e experimentais. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 192-221, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>.

BORGES, V. P.; MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Processamento dos afixos do PB: o reconhecimento de morfemas por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 582-594, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26422>.

CLARK, E. Morphology in Language Acquisition. In: SPENCER; A.; ZWICKY, A. M. (orgs.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 374-389.

CORREA, L. M. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 339-383, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>.

FERRARI NETO, J. Passos em direção a uma teoria da aquisição da morfologia. In: TAVEIRA DA CRUZ, R. (org.). *As interfaces da gramática*. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 215-239.

FIGUEIRA, R.A. A Aquisição dos verbos prefixados por des-. *PaLavra*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 190-211, 1999.

FIGUEIRA, R.A. L'Acquisition du paradigme verbal du portugais. Les Multiples directions des fautes. *CALAP*, Paris, v. 20, p. 45-64, 2003.

FIGUEIRA, R.A. A aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros. In: ALBANO, E. et al. (orgs.). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 479-503.

FIGUEIRA, R. A. A criança na língua. Erros de gênero como marcas de subjetivação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 29-48, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v47i1/2.8637268>.

FIGUEIRA, R. A. Marcas insólitas na aquisição de gênero gramatical: a propriedade reflexiva da linguagem na fala da criança. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 313-320, 2013.

GOULART, T. P. D.; MATZENAUER, C. L. B. A conjugação de verbos irregulares por crianças falantes nativas de português brasileiro: um estudo sob o viés da fonologia e morfologia lexical. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 62, n. 1, p. 173-193, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1804-8>.

KARMILOFF-SMITH, A. *Beyond Modularity: a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge: MIT, 1992.

LAMPRECHT, R. R. Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisas em Aquisição da Linguagem na PUCRS. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n.2, p. 11-22, 2003.

LEMLE, M.; SCHER, A. P.; SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. A morfologia distribuída no Brasil: duas décadas de existência. *Revista de*

Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 141-182, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.141-182>

LIGNOS, C.; YANG, C. Morphology and language acquisition. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (eds.). *The Cambridge handbook of morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 765–791.

LIMA, P. A. N. *Morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro na fala de crianças de dois a sete anos de idade*. 2006. 91f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LORANDI, A. A consciência linguística e o modelo de Redescritção Representacional: como explicar a discrepância entre os processos de consciência em diferentes microdomínios?. In: FERREIRA GONÇALVES, G; BRUM DE PAULA, M. R.; KESKE-SOARES, M. (orgs.). *Estudos em Aquisição Fonológica*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária PREC-UFPel, 2011. p. 205-217.

LORANDI, A. Formas morfológicas variantes na aquisição da morfologia: evidências da sensibilidade da criança à gramática da língua. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 81-96, 2010.

LORANDI, A.; MENEZES, J. T.; SILVA, I. L.; SILVA, L. B.; MARQUES, D. M. Consciência linguística: diferentes olhares. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 21-44, 2013.

MARCUS, G. F.; PINKER, S.; ULLMAN, M.; HOLLANDER, M.; ROSEN, T. J.; XU, F. Overregularization in language acquisition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Ann Arbor, n. 57, p. 1 - 182, 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/1166115>.

MOLINA, D. *Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB*. 2018. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

MOLINA, D.; MARCILESE, M.; NAME, C. Aquisição da linguagem e variação linguística em diálogo: investigando a produção e a compreensão da flexão verbal de terceira pessoa do plural no PB. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 35-54, 2018. DOI:

<http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a21334>.

NAME, M. C. L. Categorias funcionais e aquisição de gênero: o que dados da produção e da percepção da linguagem podem informar? *Letras De Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 297-303, 2013.

PINKER, S.; PRINCE, A. Regular and irregular morphology and the psychological status of rules of grammar. In: SUTTON, L. A.; JOHNSON, C.; SHIELDS, R. (eds.). *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Grammar of Event Structure* (1991). New York: Linguistic Society of America, 1992. p. 230–251.

PINKER, S.; ULLMAN, M. T. The past and future of the past tense. *Trends in Cognitive Sciences*, Cambridge, n. 6, p. 456 - 463, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(02\)01990-3](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(02)01990-3).

RAVID, D. First-Language Acquisition of Morphology. In: ARONOFF, M. (Ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 1-38. Disponível em: <https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore9780199384655-e-603>. Acesso: 27 mai. 2021.

REIS, M. M. Competição de gramáticas na aquisição da flexão de número pelas crianças brasileiras: Um estudo experimental sobre a produção infantil. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24 n. 1, p. 166-191, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30635>.

ROTHSTEIN, S. *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

SANTOS, R. S.; SCARPA, E. M. A aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 249-260, 2003.

SANTOS, R. S. *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. 2001. 316 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SCHER, A.; BASSANI, I.; ARMELIN, P. A ideia por trás do Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM) e os trabalhos do III CBM publicados neste volume. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34 n. 2, p. 475-482, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445097677029277296>

SCLIAR-CABRAL, L. Evolução das pesquisas em aquisição da linguagem oral monolíngüe no Brasil. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008. p.115-127.

SILVA, M. C. S; MARTINS, A. L.; RODRIGUES, N. P. S. Aquisição de aspecto semântico no português do Brasil: as realizações morfológicas em verbos prolongáveis temporalmente e de mudança de estado. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 113-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30556>.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas*. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCT, 1994.

WUERGES, T. E. *A aquisição da morfologia verbal por crianças falantes de português brasileiro e o uso de formas variantes*. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

YANG, C. *Knowledge and Learning in Natural Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

YAVAS, F; CAMPOS, J. Aquisição da morfologia verbal do português como L1 e L2. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 81-95, 2014.